MONUMENTA MISSIONARIA AFRICANA

ÁFRICA OCIDENTAL

(1651-1655)

COLIGIDA E ANOTADA PELO
PADRE ANTÓNIO BRÁSIO
C. S. Sp.

VOL. XI

AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR

LISBOA / MCMLXXI

Sala 6
Gab. –
Est. 18
Tab.
Nº 14

18
14

MONUMENTA
MISSIONARIA AFRICANA

MONUMENTA MISSIONARIA AFRICANA

ÁFRICA OCIDENTAL

(1651-1655)

COLIGIDA E ANOTADA PELO
PADRE ANTÓNIO BRÁSIO
C. S. Sp.

VOL. XI

AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR

LISBOA / MCMLXXI

INTRODUÇÃO

A investigação por nós realizada para a confecção deste volume, como aliás dos restantes da colecção, foi o mais vasta e profunda possível. Todavia nem todos os documentos, por motivos válidos e absolutamente alheios à nossa vontade e intenções, puderam ser reproduzidos, já porque o seu interesse histórico é de desigual e por vezes somenos importância, já porque muitos deles não estão datados e não quisemos aventurar-nos a dar-lhes datas hipotéticas ou erradas, já porque não podemos avolumar excessivamente esta obra, e até porque queremos deixar a outros investigadores o gosto especial de encontrarem e publicarem algo de novo.

Sobre a acção dos Padres Capuchinhos em Angola e Congo é inexaurível e vastíssima a documentação. Não podemos dar-nos ao luxo de a publicarmos toda e nem as nossas buscas tiveram em vista tal escopo. Mas para o período abrangido por este volume vamos suprir, da maneira que nos parece mais válida, tal publicação e prestar aos estudiosos o que julgamos ser ainda um serviço apreciável: deixar aqui a relação dos documentos que deitámos de lado, com as respectivas cotas arquivísticas. Assim, ou pessoalmente, ou por meio de microfilmes, poderão haver à mão o material que aqui não encontrarão. Este material encontra-se no Arquivo da Propaganda Fide, Praça de Espanha — ROMA.

SRCG — vol. 249

fls. 329-330v. e 349-350 — Breve sucesso das coisas sucedidas na missão do Benim. s/d.

fls. 331-331v. e 349 — Descrição do reinado de Benim. s/d.

fl. 333 — Objectos pedidos à Propaganda pelo padre Carlos de Cremona, missionário do Congo. s/d.

fls. 335-344 — Relação dos Ritos gentílicos, cerimónias diabólicas e superstições destes infelicíssimos Reinos de Congo, dedicada aos Eminentíssimos Senhores da Sagrada Congregação da fide propaganda, pelo padre Boaventura de Corella. s/d.

SRCG — vol. 250

fls. 1-3 — Mapa do Congo. s/d.

fls. 7-11 — Representação de Frei Crisóstomo de Génova, Prefeito da Missão de Angola. s/d.

fls. 20-21 — Relação da conversão da Rainha Ginga. s/d.

fls. 24-25v. — Observações do Procurador Geral dos Capuchinhos sobre o decreto da Propaganda acerca das missões do Congo. s/d.

fls. 26-29 — Acerca da escravatura no Congo. s/d.

fls. 30-32 — Lista de Capuchinhos a enviar para o Congo. s/d.

fl. 33 — Missionários Capuchinhos que estão no Congo. s/d.

fls. 37-37v. — Missionários destinados à missão do Congo. s/d.

fls. 38-39 — Recomendações feitas ao Prefeito do Congo. s/d.

fls. 40-41 — Ricordi per la missione del Congo. s/d.

fls. 42-42v. — Pontos a tocar na resposta do Papa ao rei do Congo. s/d.

fls. 47-48v. — Faculdades concedidas ao Prefeito e missionários do Congo. s/d.

fls. 50-50v. e 54-54v. — Ampliação das mesmas faculdades. s/d.

fls. 52-52v. — Coisas a examinar a respeito da missão do Congo. s/d.

fls. 58-71v. — Sítio, grandeza e partes da missão do Congo. s/d.

fls. 72-74 — O que devia escrever-se ao Rei do Congo. s/d.

fls. 80-115v. — Relação sobre o Congo: estado temporal, religioso, impedimentos à fé, necessidades e remédios para a missão do Congo. s/d.

fls. 147-148 — Sucessos passados e estado actual da missão do Congo. s/d.

fls. 151-151v. e 153v. — Carta do padre Serafim de Cortona à Propaganda sobre a missão do Congo. s/d.

fls. 156-156v. — Descrição geográfica do Congo. s/d.

fls. 158-158v. — Carta de frei António Maria ao Secretário da Propaganda. s/d.

fls. 162 — Carta do padre Serafim de Cortona à Propaganda sobre a rainha Jinga. s/d.

fls. 164-164v. — Carta sobre a missão do Congo. s/d.

fls. 168-168v. — Carta do padre Serafim de Cortona sobre o Congo. s/d.

fls. 176-176v. — Carta do mesmo padre à Propaganda sobre o Congo. s/d.

fls. 178-183v. e 185-186v. — Relatório do padre Jacinto de Vetralla sobre o Congo. s/d. (14-11-1654).

fls. 187-189v. — Breve e compendiosa relatione della missione di Congo e Regni conuicini. s/d.

fls. 190-191v. — Breve relatione dello stato delle missioni di Congo e Ginga et altri Regni conuicini. s/d.

fls. 193-194v. — Exposição do padre Vetralla à Propaganda sobre o Congo. s/d.

fls. 195-196v. — Exposição do mesmo padre à Propaganda. s/d.

fls. 197-206v. — Alcuni apuntamenti notabili circa la Missione di Congo apuntati da me F. Giacinto da Vetralla Cappucino et Prefetto di detta Missione.

Publicamos dois retratos de Paulo Dias de Novais. O primeiro do Museu Uffizi *de Florença, que devemos ao sr. doutor Federigo Melis, professor da Universidade da mesma cidade. Este retrato fora já publicado em Portugal na* História da Expansão Portuguesa no Mundo, *no vol. III, em 1940 e nos* Arquivos de Angola, *2.ª Série, vol. V, em 1948. O segundo, um quadro a óleo pertencente ao sr. Visconde de Asseca, que teve a gentileza de no-lo deixar fotografar em sua Casa e que os* Arquivos de Angola *citados tinham igualmente publicado no mesmo vol. V de 1948.*

Sabemos da existência de mais dois quadros, propriedade da Sociedade de Geografia de Lisboa, e que deixamos para outra oportunidade.

Como é natural, a documentação desta época provém sobretudo do Arquivo da Propaganda Fide, em Roma, e do Arquivo Histórico Ultramarino, de Lisboa, tesoiro inesgotável da acção de Portugal além dos Mares.

São mais umas tantas pedras desenterradas e aparelhadas para o edifício grandioso da acção missionária portuguesa na

África Ocidental, tecida de heroísmos e de fracassos, como toda a obra humano-divina, mas na qual os mesmos fracassos têm por vezes rasgos de heroísmo, feitos de sangue e de vidas imoladas, segundo critérios humanos... em vão.

Oxalá os restantes volumes que temos no nosso programa possam vir à luz do dia com o ritmo desejado, já que a vida humana é fugaz e a empresa ainda não está prestes a terminar. Pela nossa parte tudo faremos para cumprir a missão delineada. Mas faremos apenas o que está nas nossas possibilidades pessoais. Esta palavra de esclarecimento devemo-la a tantos estudiosos que esperam ansiosos como os hebreus pelo maná, só nos penalizando não termos junto do Alto o poder suplicante de Moisés.

À Agência Geral do Ultramar, na pessoa do seu digníssimo Agente, sr. Dr. Francisco da Cunha Leão, os nossos vivos agradecimentos.

Lisboa, 25 de Janeiro de 1972.

PADRE ANTÓNIO BRÁSIO
C. S. Sp.

SIGLAS E ABREVIATURAS

SIGLAS E ABREVIATURAS

AA	Arquivos de Angola — Luanda
ADB	Arquivo Distrital de Braga
AGS.....	Arquivo Geral de Simancas — Espanha
AHU	Arquivo Histórico Ultramarino — Lisboa
AOMC	Analecta Ordinis Minorum Capuccinorum
APF	Arquivo da Propaganda Fide — Roma
ARSI	Arquivo Romano da Companhia de Jesus
ATT	Arquivo da Torre do Tombo — Lisboa
AV	Arquivo do Vaticano — Roma
BAL	Biblioteca da Ajuda — Lisboa
BNL.....	Biblioteca Nacional — Lisboa
BNP	Biblioteca Nacional — Paris
BV	Biblioteca do Vaticano — Roma
CP.....	*Colecção Pombalina* (BNL)
SRCG	*Scritture Riferite nelle Congregazioni Generali.* (APF).
F. G.	Fundo Geral
Lus.	*Lusitania*
Cx.	Caixa
Vid.	Vide
/ /	Indica abertura de parágrafo.
/... .../	Indica falta de texto.

ÍNDICE

Págs.

1 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Ângelo de Valença ao Cardeal-Prefeito da Propaganda. Sevilha, 3 de Janeiro de 1651 3

2 — AV — *Epistolae ad Principes*, 57: Carta do Papa Inocêncio X ao Rei do Congo D. Garcia II. Roma, 14 de Janeiro de 1651 6

3 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei João Francisco de Roma ao Cardeal-Prefeito da Propaganda. Sevilha, 5 de Fevereiro de 1651 8

4 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei Ângelo de Valença ao Prefeito da Propaganda Fide. Cádis, 6 de Fevereiro de 1651 13

5 — ATT — *Ministério do Reino*, 533: Carta de el-Rei D. João IV ao Provincial de Santo António. Lisboa, 11 de Fevereiro de 1651 15

6 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Núncio Apostólico em Madrid ao Prefeito da Propaganda. Madrid, 25 de Fevereiro de 1651 16

7 — AA: Posse aos Padres da Ordem Terceira do Convento de S. José em Luanda. Luanda, 28 de Fevereiro de 1651. 18

8 — ATT — *Chancelaria de D. João IV*, 23: Carta Régia aos Moradores de Angola. Lisboa, 14 de Março de 1651. 20

9 — AA: Auto de posse aos Religiosos Terceiros. Luanda, 28 de Março de 1651 22

10 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Boaventura de Sorrento ao Secretário da Propaganda Fide. Génova, 8 de Abril de 1651 25

Págs.

11 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei Boaventura de Sorrento ao Prefeito da Propaganda Fide. Génova, 12 de Abril de 1651 30

12 — *Collection des Procès-Verbaux*, III: Carta da Assembleia do Clero Francês a Sua Santidade Inocêncio X. Paris, 12 de Abril de 1651 33

13 — APF — *SRCG*, 249: Decreto da Congregação da Propaganda contra Frei João Francisco Romano. Roma, 24 de Abril de 1651 37

14 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 2 de Maio de 1651 38

15 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 25 de Maio de 1651 40

16 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Serafim de Cortona aos Cardeais da Propaganda Fide. Luanda, 5 de Junho de 1651 41

17 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Núncio Apostólico em Madrid ao Cardeal-Prefeito da Propaganda. Madrid, 10 de Junho de 1651 45

18 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre João Francisco de Roma aos Cardeais da Propaganda Fide. Pinda, 4 de Julho de 1651 46

19 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 12 de Julho de 1651 51

20 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Requerimento dos Capuchinhos Italianos. [Lisboa, 13 de Julho de 1651] 53

21 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Jacinto de Vetralla ao Secretário da Propaganda Fide. Lisboa, 14 de Julho de 1651 56

22 — BAL — 51-IX-6: Carta dos moradores de Massangano a el-Rei D. João IV. Massangano, 18 de Julho de 1651. 59

23 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 27 de Julho de 1651 61

24 — BNL — *CP*, 738: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 9 de Agosto de 1651 66

25 — AHU — *S. Tomé*, Cx. 1: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 12 de Agosto de 1651 68

Págs.

26 — APF — *SRCG*, 250: Carta da Rainha Ana Jinga à Propaganda Fide. Matamba, 15 de Agosto de 1651 70

27 — AHU — Cód. 92: Capuchinhos Franceses para S. Tomé. Lisboa, 18 de Agosto de 1651 72

28 — AHU — Cód. 14: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 5 de Setembro de 1651 74

29 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 19 de Setembro de 1651 77

30 — APF — *SRCG*, 249: Provisão de el-Rei de Portugal aos Capuchinhos Italianos. Lisboa, 20 de Setembro de 1651 78

31 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Carta de D. João IV ao Rei do Congo. Lisboa, 22 de Setembro de 1651 81

32 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Carta Régia ao Governador de Angola. Lisboa, 22 de Setembro de 1651 82

33 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Carta de Ratificação e Confirmação das Capitulações com o Rei do Congo. [Lisboa, 22 de Setembro de 1651] 84

34 — AHU — Cód. 92: Provisão a Frei Boaventura de Sorrento. Lisboa, 25 de Setembro de 1651 88

35 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei Jacinto de Vetralla ao Prefeito da Propaganda Fide. Lisboa, 27 de Setembro de 1651 90

36 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Carta do Cabido do Congo a el-Rei D. João IV. Congo, 13 de Outubro de 1651 92

37 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Carta do Cabido do Congo ao Papa. S. Salvador, 13 de Outubro de 1651 94

38 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Certidão do Cabido do Congo. Congo, 13 de Outubro de 1651 98

39 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Certidão do Padre António do Couto. Congo, 14 de Outubro de 1651 100

40 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Carta do Padre António do Couto a el-Rei de Portugal. Congo, 14 de Outubro de 1651. 102

41 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei Jacinto de Vetralla ao Secretário da Propaganda Fide. Madeira, 20 de Outubro de 1651 106

42 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Governador de Angola ao Padre João Francisco Romano. Luanda, 15 de Novembro de 1651 110

Págs.

43 — ARQUIVO DE MONTUGHI — *Raggvagli del Congo:* Carta do Padre Serafim de Cortona ao Provincial da Toscana. Luanda, 22 de Novembro de 1651 111

44 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei João Francisco de Roma aos Cardeais da Propaganda Fide. Congo, 4 de Dezembro de 1651 120

45 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Januário de Nola aos Cardeais da Propaganda Fide. S. Salvador, 5 de Dezembro de 1651 125

46 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei Boaventura de Sorrento aos Cardeais da Propaganda Fide. Marselha, 6 de Dezembro de 1651 127

47 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Boaventura de Sorrento ao Procurador-Geral dos Capuchinhos. Alicante, 28 de Dezembro de 1651 133

48 — APF — *SRCG*, 249: Missão no Reino de Macoco. 1651-1652. 136

49 — APF — *SRCG*, 249: Carta de D. Garcia II ao Papa. [S. Salvador], 1652 (?) 138

50 — BAL — 50-V-37: Decreto sobre as Missões das Conquistas. Lisboa, 23 de Janeiro de 1652 141

51 — AHU — Cód. 14: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 27 de Janeiro de 1652 143

52 — AHU — Cód. 14: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 21 de Fevereiro de 1652 144

53 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Boaventura de Sorrento ao Secretário da Propaganda Fide. Cádis, 1 de Março de 1652 147

54 — AHU — *S. Tomé:* Termo de pacificação do Cabido de S. Tomé. 4 de Março de 1652 150

55 — AHU — *S. Tomé:* Carta do Deão da Sé de Lisboa a el-Rei. Lisboa, 11 de Março de 1652 152

56 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre António de Teruel aos Cardeais da Propaganda Fide. Bamba, 31 de Março de 1652 154

57 — APF — *SRCG*, 249: Juramento de Simão Lopes d'Orta e capitão José Soares. Luanda, 6 de Abril de 1652. 159

Págs.

58 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Boaventura de Sorrento ao Prefeito da Propaganda Fide. Sevilha, 15 de Abril de 1652 160

59 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei Boaventura de Sorrento ao Agente do Rei do Congo em Roma. Sevilha, 15 de Abril de 1652 163

60 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Boaventura de Sorreqto ao Secretário da Propaganda. Sevilha, 15 de Abril de 1652 170

61 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre João Francisco de Roma, aos Cardeais da Propaganda. Luanda, 24 de Abril de 1652 176

62 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Jacinto de Vetralla ao Secretário da Propaganda. Luanda, 5 de Maio de 1652. 178

63 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Boaventura de Sorrento ao Secretário da Propaganda. Sevilha, 7 de Maio de 1652 181

64 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Boaventura de Sorrento a Monsenhor Lanúvio Agente do Congo. Sevilha, 7 de Maio de 1652 185

65 — ARQUIVO DE MONTUGHI — *Raggvagli del Congo:* Carta do Padre Serafim de Cortona ao Provincial da Toscana. Angola, 15 de Maio de 1652 189

66 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Jacinto de Vetralla ao Secretário da Propaganda. Luanda, 30 de Maio de 1652 195

67 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei Boaventura de Sorrento ao Secretário da Propaganda Fide. Sevilha, 3 de Junho de 1652 197

68 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Serafim de Cortona aos Cardeais da Propaganda. Angola, 10 de Junho de 1652 199

69 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei Serafim de Cortona aos Cardeais da Propaganda Fide. 1652 206

70 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Boaventura de Sorrento ao Prefeito da Propaganda Fide. Sevilha, 8 de Julho de 1652 208

Págs.

71 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Boaventura de Sorrento ao Prefeito da Propaganda Fide. Sevilha, 13 de Agosto de 1652 211

72 — AOMC-XIII: Carta do Padre Jacinto de Vetralla ao Padre Procurador-Geral. S. Salvador, 20 de Agosto de 1652. 216

73 — BNP — *Fonds Espagnol*, 324: Carta de D. Garcia Afonso II dirigida a seus vassalos. 1652 227

74 — AHU — Cód. 15: Consulta do Conselho Ultramarino acerca de Bispo para Angola. Lisboa, 21 de Agosto de 1652. 231

75 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Jacinto de Vetralla ao Secretário da Propaganda. S. Salvador, 4 de Setembro de 1652 233

76 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Juan Bernardo Falcón ao Secretário da Propaganda. Mondaneto, 14 de Setembro de 1652 236

77 — AHU — Cód. 45: Consulta do Conselho Ultramarino sobre os Missionários Estrangeiros. Lisboa, 22 de Outubro de 1652 239

78 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Rei de Oere ao Papa. Oere, 20 de Novembro de 1652 242

79 — AHU — Cód. 15: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 14 de Dezembro de 1652 245

80 — BNP — *Section Française*, Ms. 21690: Relação de uma viagem a Angola (1652) 249

81 — APF — *SRCG*, 250: Provisão de D. Garcia Afonso II sobre o Padre Jorge de Geel. S. Salvador, 2 de Março de 1653 264

82 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre António de Génova ao Secretário da Propaganda Fide. Génova, 8 de Março de 1653 268

83 — APF — *SRCG*, 249: Padres Capuchinhos para o Reino do Congo. (1653) 270

84 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Carta da Câmara de Luanda a el-Rei. Luanda, 30 de Março de 1653 273

85 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 31 de Março de 1653 277

Págs.

86 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Certidão do Padre Manuel de Mariz Reitor do Colégio de Luanda. Luanda, 2 de Abril de 1653 280

87 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Certidão do Padre Filipe Franco sobre a eleição do Governador. Luanda, 3 de Abril de 1653 282

88 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Certidão do Vigário Geral de Angola sobre a eleição do Governador. Luanda, 5 de Abril de 1653 284

89 — AHU — *Angola*, Cx. 5: Carta do Rei do Dongo a D. João IV. Corte do Dongo, 8 de Abril de 1653 286

90 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Carta de Bento Teixeira de Saldanha a el-Rei de Portugal. S. Paulo, 10 de Abril de 1653. 288

91 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Carta da Câmara de Luanda a el-Rei. S. Paulo, 10 de Abril de 1653 290

92 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Carta dos Moradores de Massangano a el-Rei de Portugal. [Massangano], 5 de Maio de 1653 292

93 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre João Francisco Romano ao Procurador-Geral da Ordem. Massangano, 5 de Maio de 1653 294

94 — BULLARIUM CAPUCINORUM VII: Decreto da Propaganda Fide. [Roma], 6 de Maio de 1653 297

95 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Carta do Clero de Luanda a el-Rei. S. Paulo, 7 de Maio de 1653 298

96 — AHU — *Angola*, Cx. 3: Carta do Vigário Geral de Angola a el-Rei D. João IV. S. Paulo, 10 de Maio de 1653. 300

97 — ARQUIVO DE MONTUGHI — *Raggvagli del Congo:* Carta do Padre Serafim de Cortona ao Procurador Geral da Ordem. Angola, 12 de Maio de 1653 .. . 305

98 — ARQUIVO DE MONTUGHI — *Ibidem*: Carta do Padre Serafim de Cortona ao Provincial da Toscana. Angola, 12 de Maio de 1653 311

99 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Carta do Deão da Sé do Congo a el-Rei. S. Paulo, 14 de Maio de 1653 313

100 — ARQUIVO DA CÂMARA DE LUANDA: Aniversário da Restauração de Angola. [Luanda], 7 de Junho de 1653 316

Págs

101 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 18 de Agosto de 1653 317

102 — ARQUIVO DE MONTUGHI — *Ibidem:* Carta do Padre Serafim de Cortona ao Padre Provincial da Toscana. Angola, 4 de Setembro de 1653 320

103 — AHU — Cód. 15: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 6 de Setembro de 1653 322

104 — AHU — Cód. 15: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 10 de Setembro de 1653 324

105 — ADB — *Cartas*, 4: Carta Régia ao Cabido Bracarense. Lisboa, 11 de Setembro de 1653 326

106 — AHU — Cód. 275: Carta Régia ao Governador de Angola. Lisboa, 16 de Setembro de 1653 328

107 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 16 de Setembro de 1653. 330

108 — ADB — *Cartas*, 4: Carta Régia ao Cabido Bracarense. Lisboa, 9 de Outubro de 1653 332

109 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Jerónimo de Montesarchio aos Cardeais da Propaganda Fide. Sundi, 13 de Outubro de 1653 334

110 — ARQUIVO DE MONTUGHI — *Raggvagli del Congo:* Breve Pontifício a Fr. Serafim de Cortona. Roma, 15 de Outubro de 1653 337

111 — AV — *Epistolae ad Principes*, 59: Carta do Papa Inocêncio X ao Rei do Congo D. Garcia II. Roma, 22 de Novembro de 1653 339

112 — APF — *SRCG*, 249: Carta da Propaganda Fide ao Núncio em Madrid. [Roma], 1653 342

113 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Boaventura de Sorrento ao Papa Inocêncio X. 1653 345

114 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 27 de Janeiro de 1654 346

115 — AHU — Cód. 275: Carta Régia ao Governador de S. Tomé. Lisboa, 23 de Fevereiro de 1654 348

116 — AHU — Cód. 275: Carta Régia ao Cabido de S. Tomé. Lisboa, 23 de Fevereiro de 1654 350

Págs.

117 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Frei António Romano ao Secretário da Propaganda Fide. Madrid, 1 de Março de 1654 352

118 — AHU — Cód. 275: Carta Régia ao Governador Geral de Angola. Lisboa, 17 de Abril de 1654 354

119 — AHU — Cód. 15: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 22 de Abril de 1654. 355

120 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei António Caetano Romano à Propaganda Fide. Madrid, 23 de Abril de 1654 . . 357

121 — APF — *SRCG*, 249: Resposta do Conselho de Estado de Espanha sobre a Missão dos Capuchinhos no Congo. [Madrid], Abril de 1654 360

122 — MONTUGHI — *Raggvagli del Congo:* Carta do Padre Serafim de Cortona ao Provincial da Toscana. Angola, 2 de Maio de 1654 363

123 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Filipe de Yjar ao Núncio Apostólico em Madrid. Sevilha, 2 de Junho de 1654. 365

124 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre António de Gaeta Romano ao Núncio Apostólico em Madrid. Sevilha, 9 de Junho de 1654 372

125 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei António Caetano Romano ao Prefeito da Propaganda Fide. Cádis, 24 de Junho de 1654 374

126 — AHU — Cód. 15: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 27 de Junho de 1654 377

127 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre António Caetano Romano ao Secretário da Propaganda Fide. Cádis, 28 de Junho de 1654 381

128 — AHU — *Angola*, Cx. 5: Informação sobre o Rei do Dongo. [Lisboa], Junho de 1654 383

129 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre António Gaetano Romano aos Cardeais da Propaganda Fide. Cádis, 2 de Julho de 1654 386

130 — AGS — *Estado*, 3026: Carta do Embaixador em Roma a el-Rei de Espanha. Roma, 24 de Julho de 1654 388

131 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Filipe de Yjar ao Prefeito da Propaganda. Madrid, 25 de Julho de 1654 . 390

Págs.

132 — AHU — Cód. 275: Carta de el-Rei de Portugal ao Governador Geral de Angola. Lisboa, 17 de Agosto de 1654. . . 397

133 — APF — *Acta*, 23: Decreto da Propaganda Fide. [Roma], 24 de Agosto de 1654 399

134 — AHU — Cód. 15: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 8 de Setembro de 1654 400

135 — APF — *SRCG*, 250: Carta do Rei do Congo à Câmara de Luanda. Congo, 14 de Novembro de 1654. . . . 402

136 — AHU — *Angola*, Cx. 5: Carta de D. Garcia II Rei do Congo a seu Compadre João da Costa. Congo, 15 de Novembro de 1654 407

137 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei António de Sarravezza aos Cardeais da Propaganda Fide. Angola, 27 de Novembro de 1654. 409

138 — AHU — *Angola*, Cx. 5: Carta de D. Garcia II Rei do Congo a seu Compadre João da Costa. Congo, 15 de Janeiro de 1655 411

139 — TERUEL: Carta de D. Garcia II Rei do Congo à Câmara Municipal de Luanda. Corte de Congo, 15 de Janeiro de 1655 413

140 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei António Romano à Propaganda Fide. Angola, 25 de Janeiro de 1655 . . . 414

141 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei João Francisco de Roma à Propaganda Fide. 1 de Fevereiro de 1655 . . . 423

142 — APF — *SRCG*, 250: Memorial de Frei João Francisco Romano à Propaganda Fide. 1 de Fevereiro de 1655. 429

143 — APF — *SRCG*, 249: Carta de Frei António Romano ao Secretário da Propaganda. Angola, 2 de Fevereiro de 1655 432

144 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Jacinto de Vetralla ao Prefeito da Propaganda Fide. Luanda, 8 de Fevereiro de 1655 440

145 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Serafim de Cortona à Propaganda Fide. Angola, 10 de Fevereiro de 1655. 444

146 — MONTUGHI — *Raggvagli del Congo:* Carta do Padre Serafim de Cortona a um seu irmão sacerdote. Angola, 10 de Fevereiro de 1655 451

Págs.

147 — ARSI — Cód. 85: Carta do Padre Manuel de Matos ao Padre Diogo de Alfaia. Luanda, 15 de Fevereiro de 1655 456

148 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre Jacinto de Vetralla à Propaganda Fide. Luanda, 19 de Fevereiro de 1655. 473

149 — ATT — *Chancelaria de D. João IV*, 26: Decreto sobre a escravatura no Brasil. Lisboa, 3 de Abril de 1655 . . . 477

150 — AHU — Cód. 15: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 19 de Abril de 1655 479

151 — AHU — Cód. 15: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 19 de Abril de 1655 481

152 — ATT — *Chancelaria de D. João IV*, 23: Alvará a Frei Mateus de S. Francisco. Lisboa, 16 de Maio de 1655 . . . 482

153 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre João Francisco de Roma à Propaganda Fide. 1 de Junho de 1655 484

154 — APF — *Acta*, 24: Fundação das Missões de Oere e Benim. [Roma], 15 de Junho de 1655 486

155 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 21 de Junho de 1655 488

156 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 21 de Junho de 1655 490

157 — AHU — Cód. 15: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 21 de Junho de 1655 492

158 — APF — *Lettere*, 30: Carta do Prefeito da Propaganda Fide ao Rei de Oere. Roma, 26 de Junho de 1655 494

159 — APF — *Lettere*, 30: Carta da Propaganda Fide ao Rei do Benim. Roma, 26 de Junho de 1655 495

160 — AHU — Cód. 275: Carta Régia ao Governador de Angola. Lisboa, 6 de Julho de 1655 496

161 — AHU — Cód. 15: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 13 de Julho de 1655 497

162 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 17 de Julho de 1655 503

163 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Os Terceiros Franciscanos e a escravatura. Luanda, 20 de Julho de 1655 505

Págs.

164 — AHU — *Angola*, Cx. 5: Carta do Capitão de Cambambe ao Governador Geral de Angola. Luanda, 23 de Agosto de 1655 507

165 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Consulta do Conselho Ultramarino. Lisboa, 4 de Setembro de 1655 509

166 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Carta do Governador Geral de Angola a el-Rei D. João IV. Luanda, 17 de Setembro de 1655. 514

167 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Carta do Governador Geral de Angola a el-Rei D. João IV. Luanda, 17 de Setembro de 1655. 520

168 — AHU — *Angola*, Cx. 4: Carta da Rainha D. Ana Jinga ao Governador Geral de Angola. Matamba, 13 de Dezembro de 1655 524

169 — APF — *SRCG*, 249: Carta do Padre João Francisco de Roma à Propaganda Fide. Lisboa, 20 de Dezembro de 1655. 529

170 — APF — *SRCG*, 249: Justificação de Fr. João Francisco Romano enviada à Propaganda Fide. (1655) . . . 533

ÍNDICE DAS GRAVURAS

LUANDA — Assinaturas do Documento n.º 38 ..... 224/225

Assinaturas do Documento n.º 91 ..... 224/225

Assinaturas do Documento n.º 92 ..... 240/241

Assinaturas do Documento n.º 95 ..... 240/241

Salvador Correia de Sá 352/353

Salvador Correia de Sá 352/353

O Gentio de Angola 464/465

LUANDA — Igreja e Colégio dos Jesuitas 464/465

MONUMENTA MISSIONARIA AFRICANA

ÁFRICA OCIDENTAL
(1651-1655)

1

CARTA DO PADRE ÂNGELO DE VALENÇA AO CARDEAL-PREFEITO DA PROPAGANDA

(3-1-1651)

SUMÁRIO — *Comunica que partirá para o Benim com a missão, apesar das ordens da Propaganda e do seu Padre Geral dadas em contrário.*

Eminentissimo Señor

Muy por extenso he ido siempre dando razon a V. Eminencia (especialmente estos tres ultimos meses) de quanto he obrado en beneficio de entrambas Missiones de Congo y Benin y la asistencia grande y amparo que hemos tenido todos los Missionarios con Monseñor Ill.^{mo} Nuncio de España (especialmente yo) para conseguir de Su Magestad y Ministros quantos despachos [h]an sido necessarios. //

Tambiẽ he largamente escrito el buen estado en que teniamos nuestra embarcacion y motibos justos que teniamos para proseguir la empressa sin perder tan buena ocasion, no embar-[gante] las malas nuebas que [h]auiã venido del Congo; jun[to] con la suspencion y desconsuelo que nos [h]auiã causado las cartas que nos embió nuestro P.^{e} General, al P.^{e} Vize Preffecto del Congo y a mi, no [h]auiendo yo recibido ninguna de la Sacra Congregacion, que me dé semejante orden, de que me detenga en España [h]asta otro auiso; y como el que nuestro P.^{e} General daba a dicho P.^{e} Vize Preffecto era muy diferente del que le embiaua la Sacra Congregacion, ett^{a}.

No dudo yo que en llegando estas cartas a V. Eminencia y las que ha escrito el P.^{e} Vize Preffecto Juã Francisco en la misma conformidad, no solo tendrá por bien la Sacra Congre-

gacion prosigamos la empressa, sino que sentiria grandemente perdiessemos tan buena ocasion. Contodo quisiera mucho aguardar respuesta de V. Eminencia antes de partirnos; pero es imposible por las razones que tengo, ya escritas, passandose a toda prissa el tiempo de nuestra embarcacion, para poder nauegar tan largo viaje y llegar a buena sazon a aquellos Reynos, y haziendo indizible gasto los dos nauios que nos [h]an de lleuar, como ya en otras tengo representado. Y assi por assegurar mas mi conciencia y las de mis Compañeros, he comunicado con personas muy doctas y temerosas de Dios me aconsejen lo que debo hazer, y me [h]an assegurado todos; no solo que puedo, sino que debo, poner en execucion los Decretos que tengo de la Sacra Congregacion, sin reparar en lo que nuestro P.e General me escriue; siendo ya ordinario los Generales y Prouinciales de las Religiones hazer semejantes obstaculos por no desacomodar las Prouincias (1) y que ha querido Dios con estas detenciones y obstaculos que se [h]an offrecido, prouar la constancia y valor de los Missionarios y que esta será la intenciõ de la Sacra Congregacion.

Con esto, Eminentissimo Señor, tengo ya escrito al Sr. Nuncio pidiendole su santa bendicion de parte de Su Santidad y a V. Eminencia tambien la pido, y no dudo que si a los Padres Missionarios del Congo la dará con gusto, aprobando su santa resolucion, no menos a mi y a mis Compañeros, [h]auiendo mayores motibos para ello, no [h]auiendose offrecido en nuestra Mission los estoruos que en la otra, para que dexe de executarse. Con estas

---

(1) O autor da carta falta gravemente à verdade e à justiça para com seus Superiores legítimos. Sabia, perfeitamente, que o seu Geral apenas se fizera eco da ordem recebida da Propaganda Fide, que se limitara a comunicar-lha. Frei Ângelo de Valença não se revela na sua correspondência um religioso-modelo no capítulo obediência. Daí, possìvelmente, o fracasso de tantas das suas generosas diligências... Cfr. documentos de 26 de Julho e 31 de Agosto de 1650.

bendiciones que espero recibir de V. Eminencia y de essa Sacra Congregacion, nos prometemos los Missionarios muy buen viaje y felicissimos progressos en nuestras Missiones. //

Para 14 deste, que será sabado, dia del Santissimo Nombre de Jesus, está determinado hazer la funccion de nuestra embarcacion, a la qual asistirá el Sr. Arçobispo y lo mas lucido desta insigne ciudad. Dios nos dexe ver dia tan deseado y a V. Eminencia nos guarde felicissimos años, para consuelo nuestro y bien de su Santa Iglesia. //

Seuilla y Enero a 3 de 1651.

De V. Eminencia

Humilde hijo y Subdito que sus pies besa.

Fr. Angel de Valencia, Capuchino.

Eminentissimo Sr. Cardenal Caponi
Presidente de la Sacra Congregacion de Propaganda Fide.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 137-137v. e 154.

2

CARTA DO PAPA INOCÊNCIO X AO REI DO CONGO D. GARCIA II

(14-1-1651)

SUMÁRIO — *Recomenda os novos missionários e nomeia o novo Agente do Rei do Congo junto da Cúria pontifícia — Manda-lhe as indulgências do Jubileu ao Rei do Congo.*

Innocentius Papa X.

Charissimo in Christo filio nostro Garziae, regi Congi, etc., salutem et apostolicam benedictionem. //

Majestatem (1) tuam, Congique regnum non tam longe sejungit a nobis tanta terrarum mariumque distantia, ut non arctius uniat cum ardens Christi charitas, tum eximia pietas et religionis verae studium, quo singulariter excellens paternam voluntatem nostram jampridem tibi devinxisti. Porro autem novum hoc observantiae in hanc sanctam sedem testimonium, quod litterarum serie, et expositione dilecti filii Bonaventurae de Sorrento, capucini, nuper detulisti, perlibenti animo accepimus, teque charissimum in Christo filium nostrum in ejus persona benevolenter amplexi sumus.

Quia vero pios ac fructuosos labores, quos in vinea ista Domini dilecti filii ex ordine capucinorum strenue impendunt, tanti merito facis, nos tibi et populis istis rem gratam et salutarem praestare cupientes, alios ex eodem instituto probatae virtutis ac zeli operarios, sub Hyacintho a Vetralla praefecto,

---

(1) Cavazzi: Celsitudinem.

isthuc delegandos in praesens esse duximus, nova subinde spiritualis boni ac profectus adjumenta hujusmodi pro re ac tempore suffecturi: sicut eadem benevolentia impulsi officia cuncta, apud quos opus fuit, interponere curavimus, ut isthuc optata pace ac tranquilitate, tuque subditique tui, auxiliante Deo, perfrui possitis.

Praeterea cum fr. Bonaventura, nomine tuo postulaverit, ut agentem constituere vellemus, qui tuis Congique negotiis in hac curia promovendis sedulo incumbat, id muneris magistro Hieronymo Lanovio, probitate, religione et amplis officiorum administrationibus claro viro, demandavimus.

Demum expeditos sanctissimi jubilaei thesauros benigne largiti sumus, quemadmodum ex diplomate cernes, quod cum his litteris idem dilectus filius Bonaventura tibi reddet (1); ipsi autem ex quo cuncta particularius cognoscere poteris, plenam fidem habere velit majestas tua, cui sane ac regiae domui totique Congi regno, apostolicam benedictionem omni paterni cordis affectu largimur.

Datum Romae, apud Sanctam Mariam Majorem, sub annulo piscatoris, die XIV januarii MDCLI, pontificatus nostri anno septimo.

F. Pistoriensis.

AV — *Epistolae ad Principes*, vol. 57, fls. 46-47v. — MICHAEL A TUGIO — *Bullarium Capucinorum*, Romae, 1752, VII, p. 198. — A. M. Cavazzi, *Istorica Descrizione*, Bolonha, 1687, pp. 549-550; Nápoles, 1690, p. 450.

(1) Documento que desconhecemos.

3

CARTA DE FREI JOÃO FRANCISCO DE ROMA AO CARDEAL-PREFEITO DA PROPAGANDA

(5-2-1651)

SUMMÁRIO — *Comunica a partida para o Congo, apesar da ordem formal em contrário recebida da Propaganda — Interpreta as intenções de Roma, que julga baseadas apenas no perigo físico a que se expunha e em informações menos realistas.*

Em.mo e Rev.mo Signore e Padrone mio Osseruandissimo.

Con altre due mie significai à S. Eminenza come non uenendo altro ordine in contrario, haueria proseguito auanti il uiaggio per il Congo, per la buona commodità che me s'offeriua d'imbarcatione, con tutto il necessario, come anco perche si haueua hauuto nuoua da Portoghesi, che erano uenuti da quelle parti, come i Religiosi nostri erano molto ben uisti non solo nel Congo, ma anco in Angola, e che quel Gouernatore haueua fatto loro fabricare un Conuento nella medesima Città di S. Pauolo di Loanda, con che ci si dimostraua anco digià quietata ogni lite suscitata da Portoghesi contro di quel Rè e contro de' Religiosi.

Con la presente humilissimamente inchinandomele deuo notificarle come non essendo comparso ordine ueruno dimani, piacendo al Signore, partiremo dà questo porto di Cadix per il Congo, e con la riceuuta di questa puotrà certificarsi S. Emimenza della nostra partita, perche la lascio à persona che gli la inuij quando già si uada in alto mare. Ben sà S. Eminenza l'instanzia che le feci costi in Roma di potermene restare nella quiete e riposo spirituale della mia Religione, uedendomi già stracco de si lunghi uiaggi, e per tanto se non me ne sono ritornato, conforme alla licenza datami da S. Eminenza, ma prose-

guisco il uiaggio intrapreso del Congo, con espormi di nuouo à tanti trauagli e patimenti sperimentati, si può assicurare che ciò è proceduto per lo stimolo grande che hò sentito in conscienzia di non andare hauendo si buona occasione per le mani.

E se bene S. Eminenza hà ordinato che non si uada sino à nuouo auuiso, in questo caso, sapendo per una parte il gran zelo che S. Eminenza e tutti cotesti Eminentissimi Signori tengono della salute di quelle pouere anime, e dall'altra uedendo che se si perde questa occasione della presente imbarcatione, quale si è procurata con tanto trauaglio per lo spatio di due anni, si renderia difficultatissimo trouarne altra simile con molto tempo, ne essendo possibile l'aspettar più, mi è parso poter interpretare la loro pia e santa intentione, ciò è che potendo noi andare che andiamo. E tanto più quanto che mi consta per cosa certa, che il Padre Buonauentura de Sorrento, che ultimamente è uenuto dal Congo, et i due Padri che inuiai costi à S. Eminenza, hanno rapresentato il passo per questa parte per andar' al Congo, molto più difficultoso di quello si sia in realtà; per il che non mi sono marauigliato che l'ordine di S. Eminenza sia uenuto in tal forma stante la informatione hauuta da detti Religiosi, che se fossero state l'Eminenze loro altrimenti informate, e conforme qui sperimentiamo, non ci haueriano impedito il uiaggio, anzi innanimatici all'impresa per il desiderio grande che tengono della propagatione della santa Fede Cattolica.

Aggiunto à tutto questo, che la prima uolta che si andò al Congo, andamo con molto maggior rischio che hora, poiche allora ui stauano gl'Olandesi, nemici capitalissimi di Santa Chiesa, e correua uoce uniuersale che il Regno tutto staua peruertito, che il Rè era un tiranno, per essersi usurpato il Regno con dar la morte al suo proprio fratello, e che in arriuando noi ci haueriano fatti in pezzi, et altre cose simili, e con tutto ciò la felice memoria di Vrbano VIII, con grandissimo suo gusto, ci dispacciò per quella uolta; e stando noi qui in Spagna, aspettando la imbarcatione, passando egli à miglior uita, il presente Sommo

Pontefice, e cotesta Sacra Congregatione confermò con pieno consentimento quanto Papa Vrbano VIII haueua ordinato. //

Se dunque all'hora, non ostante il pericolo à che ci esponeuamo gustarono l'Eminenze loro, che proseguissimo il nostro uiaggio, non uedo come adesso non habbiano di approuare questa nostra risolutione, stante che la Missione già stà fondata con tanto beneficio di quelle anime, e che i Religiosi hanno già entrato due uolte felicemente, che il Rè è si gran Cattolico, e si deuoto della nostra Religione. Si colà ui stanno i Portoghesi, questi per esser Cattolici e deuoti dell' habito del P. S. Francesco, non uccideranno i Religiosi, come si haueria potuto sospettare che fossero per fare gl'Olandesi; onde si per queste come per altre ragioni, che per non tediare S. Eminenza tralascio, proseguisco il uiaggio, supponendo per cosa certa tale esser la intentione dell'Eminenze loro; e benche sia possibile il non poter entrare, è anco possibile il poter hauer ingresso; e quanto à questo habbiamo l'esperienza della protettione particolare, che la Maestà Diuina hà hauuto de' Missionarij, che essendo andati già per due uolte con tal contingenza, gl'hà fatti sempre entrare felicissimamente; e mi pareria che Iddio mi hauesse da castigare se hauendomi fatto uedere con i proprij occhi la sua mirabile protettione, che hà sempre tenuto di noi, hora per alcune difficultà, inuentate, come si può supporre, per opera del Demonio, io mi ritirassi indietro dall'impresa, con tanto danno di quelle pouere anime (1).

---

(1) A argumentação do zeloso missionário seria procedente se não laborasse no erro fundamental de que a ordem de suster a viagem se baseava no perigo que a missão corria. As razões da Propaganda eram bem diferentes e posteriormente, embora tardiamente, as saberá...

Ainda acerca da proibição do embarque, escrevia o Núncio ao Cardeal Capponi:

Se bene quando mi giunse la lettera di V.E. de' 19 di dicembre [1650] circa il rinouar l'ordine al Padre F. Gio. Francesco di Roma, et à gli altri

Confido, Eminentissimo Signore, nella somma Bontà Diuina, che non hauendo noi hauuto altro scopo in prender tal resolutione, che la di lei gloria, e la salute di quelle genti, ne hauendo conosciuto esser punto aliena dal principal intento di cotesta Sacra Congregatione, concederà à tutti noi si prospero e felice successo, che potremo con le nuoue del nostro ingresso in quelle parti, apportar' allegrezza spirituale all'Eminenze loro, per il frutto grande che si può sperare sia per cauare la Maestà Diuina à beneficio di quelli popoli abandonati, e posti nelle tenebre de' peccati e dell'idolatria. Supplico per tanto S. Eminenza e tutti cotesti Signori Eminentissimi ad hauer per bene quanto con retto ed ottimo fine si è operato, et insiemi darci la loro santa benedittione, quale prostrati in terra humilissimamente gli la

---

Padri della Missione del Congo di non proseguire in nessun modo il lor uiaggio, per rispetti noti à cotesta Sacra Congregatione, si poteua uerisimilmente credere, che di già fussero partiti, stante che il detto Prefetto Giouanni Francesco mi haueua scritto di trouarsi imbarcato in Cadix, tuttauia per ogni caso, che da uento contrario, ò da altro accidente fussero stati necessitati à trattenersi ò à ritornare indietro, io non lasciai, come scrissi all'E.V., d'inuiar l'ordine sudetto con la lettera di Lei diretta al medesimo Padre; ma hora dal mio corrispondente, à cui incaricai con ogni premura di ricapitarle subito, mi uien significato sotto li 5 del corrente di non l'hauer potuto eseguire, essendo che i detti Padri haueuano fatto uela alli 12 di Febraro. Ond'io sono à rappresentare il tutto riuerentemente à V.E. e con rassegnarle la mia deuotissima seruitù humilissimamente me l'inchino. //

Madrid, 16 Marzo 1651.

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 144.

O Núncio guarda-se bem de falar da sua carta de 13 de Dezembro de 1650, em que toma sobre si a responsabilidade da partida dos missionários, mesmo contra as ordens formais da Propaganda...

richiediamo con augurar loro dal Cielo il compimento d'ogni uera felicità. //

Seuiglia, 5 di Febraro 1651.

Di S. Eminenza.

Humilissimo e Deuotissimo Seruo nel Signor

Fra Gio. Francesco de Roma //
V. Prefetto del Congo

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 139-139v. e 150-150v.

4

CARTA DE FREI ÂNGELO DE VALENÇA AO PREFEITO DA PROPAGANDA FIDE

(6-2-1651)

SUMÁRIO — *Comunica as boas disposições do Padre Geral para com a missão do Benim e a partida dos navios do porto de Cádis.*

†

Eminentissimo Señor

Deseo esta halle a V. Em.ª con entera salud. Por auer en otras que tengo escrito, dado muy extensa razon a V. Em.ª del buen estado de nuestras Missiones del Congo y Benin, solo en esta hago saber a V. Em.ª como antes de partirnos de Seuilla recibi vna carta de nuestro Padre General muy cumplida, en la qual da muestras de estar mejor informado y contento de que prosigamos nuestra empressa, offreciendo me para este effeto, con muchas veras, su ayuda y asistencia, con la de nuestro Padre Procurador de Corte, y hechandome cumplidas bendiciones de Dios nuestro Señor, de nuestro Padre S. Francisco y la suya. Con que nos prometemos tanbien la de V. Em.ª y de essa Sacra Congregacion, y felicissimos progressos en nuestras Missiones. //

Sabado, a 14 del passado, dia del dulcissimo Nombre de Jesus, salimos entrambas de Seuilla y oy nos hallamos en este puerto y bahia de Cadiz, dentro de dos nauios fuertes y nuebos, cada mission en el suyo, que se [h]an hecho y sacado del astillero para este intento; y nos haremos a la vela, siendo Dios seruido, maña[na], o essotro; lo demas dirá de palabra a V. Em.ª nuestro

Padre Procurador de Corte, que no me alargo mas por no cansar a V. Em.ª //

En llegando al Reyno de Benin, con el fauor diuino, daré auiso V. Em.ª de la manera que auremos sido recibidos, con todo lo demás que fuere necessario. Asta oy no he recibido otra de V. Em.ª que la fecha del mes de Julio, año 1649. Yo no he dexado de escriuir a V. Em.ª en todas las ocasiones que ha sido necessario. Lo que en otras tengo suplicado a V. Em.ª bueluo a suplicar de nuebo, y que encomiende muy de veras a nuestro Señor los buenos sucessos de nuestras Missiones, hechandonos su santa y paternal bendicion, que todos los Missionarios, especialmente yo, como muy hijos y subditos de V. Em.ª, tendremos cuydado de suplicar al Señor prospere y guarde felicissimos años la persona de V. Em.ª para consuelo nuestro, y bien de su Santa Iglesia. //

Del nauio llamado nuestra Señora del Populo y S. Antonio de Padua, en esta bahia de Cadiz, a 6 de Febrero de 1651.

De V. Eminencia

Humilde hijo y Subdito q.s.p.b.

Fr. Angel de Valencia, Capuchino

A nuestro Padre Procurador de Corte doy auiso de los Missionarios que oy quedã en la Mission del Benin, con otras cosas que importa para que lo haga saber a V. Eminencia.

Eminentissimo Sr. Cardenal Caponi, Precidente en la Sacra Congregacion de Propaganda Fide.

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 138-138v.

5

CARTA DE EL-REI D. JOÃO IV AO PROVINCIAL DE SANTO ANTÓNIO

(11-2-1651)

SUMÁRIO — *Manda inquirir dos Religiosos da Província que desejariam ir missionar, em Angola, para evitar missionários estrangeiros.*

O motivo com que a Congregação de Propaganda Fide manda religiosos estrangeiros á minha conquista e particularmente a Angola, hé o dizer que não há naquellas partes missionarios bastantes para pregar o santo euangelho á gentilidade daquelle Reyno, que recebe com grande deuação nossa santa fee catholica. E porque sou obrigado a procurar que haja muitos, por ser este o fim que os senhores Reys meus proginetores tiuerão para os descobrimentos e conquistas de ultramar, e por ser este o titulo com que as possuo e me forão concedidas pella santa see apostolica, e juntamente dezejo euitar a hida de estrangeiros áquelas partes, pellos danos que disso se seguem a meu seruiço, uos encomendo muito procureis entender dos religiosos subditos, se quererão hir seruir a Deus e a my nestas missões de Angola; e querendo o fazer lhe mandareis fundar caza e dar o necessario para seu sustento, e me auizareis do que se assentar nesta matéria, que uos hey por muito encomendada.

Escrita em Lisboa, a 11 de Fevereiro de 1651.

[Rey]

ATT — *Ministério do Reino*, Cód. 533, fl. 238.

6

CARTA DO NÚNCIO APOSTÓLICO EM MADRID AO PREFEITO DA PROPAGANDA

(25-2-1651)

SUMÁRIO — *Comunica o embarque dos missionários do Congo e do Benim no porto de Cádis e que mandou ao Vice-Prefeito do Congo ordem para suster a partida para a mesma missão.*

Emin.mo e Reu.mo Signor Padrone Colendissimo

Con i dispacci della Segretaria di Stato di N. S., in data de' 17, 24 e 31 di Decembre, e de' 7 e 14 di Gennaro, mi giunse domenica passata, per uia d'Alicante, la benignissima di V. E. de' 19 di Decembre, in cui mi comanda di rinouar gli ordini al Padre F. Giouanni Francesco di Roma, et à gli altri Padri Missionarij al Congo, di non partir per quella Missione, et il lunedì hebbi poi lettere delli 8 del corrente, del medesimo Padre Giouanni Francesco, con l'inclusa per V. E., e dal Prefeto Angelo di Valenza, significandomi che di già si trouano imbarcati co' lor compagni in Cadiz, sopra due vascelli, per andar di conserua sin doue lo permetteua il uiaggio, per portarsi l'uno al Congo, e l'altro al Benin. //

Tuttauia, per ogni caso, che dal uento contrario, ó da altro accidente fossero stati costretti à non partire, ó à ritornarsene in quel porto, io non lasciai martedì con la staffetta d'Andaluzia, d'incaminare al detto Padre F. Giouanni Francesco la lettera dell' E. V., e di rappresentargli pienamente con una mia, il senso della Sacra Congregatione e l'ordine preciso di non partire in modo alcuno, incaricando al mio Corrispondente in Cadiz di ricapitularle con ogni diligenza, mentre i detti Padri si trouassero

per ancora colà, e me le rimandi in caso che sian partiti. Subito ch' io ne riceua la risposta, darò all' E. V. riuerente ragguaglio di ciò, che sarà seguito, e resto intanto facendole profondissimo inchino.

Madrid, 25 febraro 1651.

Di V. E.

[*Autógrafo*]: Humilissimo Deuotissimo et Obl.^{mo} Seruitore

Giulio, Arciu^{o} di Tarso

Eminentissimo Sr. Cardinale Capponi / nella Sacra Congregatione de Propaganda Fide.

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 140.

7

POSSE AOS PADRES DA ORDEM TERCEIRA DO CONVENTO DE S. JOSÉ EM LUANDA

(28-2-1651)

SUMÁRIO — *Tendo sido esbulhados pelos holandeses da posse de seus bens, pedem a Salvador Correia lhes restitua o seu Convento.*

Propoem a V. S.ª o Prezidente e mais Religiozos da Terceira Ordem de Saõ Francisco, moradores em o Convento de Saõ Jozé, sito em esta Cidade de Saõ Paulo da Assumpçaõ, que pela invazaõ do inimigo em esta sobredita Cidade forão lançados fora do seu Convento, e exbulhados da posse que nelle tinhaõ, e de todos os chaons que estavaõ demarcados com marcos de pedra do dito Convento, por serem dados a elles supplicantes em sesmaria perpetua por Doação que se fez em tempo do Governador e Capitaõ Geral destes Reinos, Manoel Cerveira Pereira.

E porque Sua Magestade (que Deos guarde) os mandou a este Reino para povoarem o dito Convento e quer que se lhes dê a posse com tudo aquilo que d'antes possuiaõ, como se colige de huma carta que foi servido escrever a V. S. em favor destes Religiozos, feita em Lisboa a quinze de Abril de mil seiscentos e quarenta e nove, a qual entregou a V. S. o Padre Fr. Lucio de Saõ Francisco, prezidente que entaõ era do sobredito Convento.

Pedem a V. S. como restaurador que hé destes Reinos e veio a elles para dar a cada hum dos moradores os bens de raiz que pacificamente possuiaõ antes da entrada do inimigo, mande ao Ouvidor Geral meta de posse a elles supplicantes de tudo aquillo que constar hé do sobredito Convento, conforme a Doaçaõ

que se lhes fez na data (supra) do dito Convento, em o tempo do nomeado Governador e Capitaõ Geral, e na forma que diz a dita instituição de seu Convento pacificamente possuiraõ.

E. R. M.

O Ouvidor Geral meta de posse aos Reverẽdos Padres da Ordem Terceira no seu Convento de Saõ Jozé, em todas as mais terras, e propriedades de que estaõ de posse pacificamente, conforme as Ordenaçoens do Reino.

Saõ Paulo da Assumpçaõ, vinte oito de Fevereiro de mil seis centos cincoenta e hum.

Saa.

AA — vol. I, doc. n.º 1.

8

CARTA RÉGIA AOS MORADORES DE ANGOLA

(14-3-1651)

SUMÁRIO — *É dada moratória de dois anos aos habitantes de Angola para pagarem suas dívidas contraídas antes da ocupação holandesa.*

Ev ElRey faço saber aos que esta minha prouizaõ virem, que os offiçiaes da Camara da Cidade de Saõ Paulo da Asumpçaõ do Reyno de Angolla, em seu nome e dos mais moradores do mesmo Reyno, me reprezentaraõ as muitas perdas e infurtunios que padeceraõ no tempo que os olandezes o ocuparaõ, andando pellos mattos com suas familias, e gastando na recuperaçaõ delle tudo o que pusuhiaõ, por cuya cauza lhes naõ seria posiuel pagar a seus acredores, as diuydas que lhe staõ deuendo antes da dita recuperaçaõ, sem lhes dar de espera sinco annos para dentro delles se poderem valler de suas fazendas e do comerçio dellas sem muito dano seu e poderem com isso pagar a seus acredores, e que em entretanto naõ fossem enxecutados, nem demandados.

E tendo respeito ao que fica referido, hey por bem de lhes fazer merçê comcederlhes, que por tempo de dous annos que comessaraõ do dia que esta se aprezentar em Angola, naõ possaõ ser enxecutados por diuidas que deuaõ a particulares de qualquer quantia e qualidade que sejaõ, contrahidas antes da entrada dos olandezes naquelle Reyno; com declaraçaõ que durante os ditos dous annos poderaõ seus acredores fazer suas diuidas correntes pella via que lhes pareçer, e tirar suas sentenças pera efeito de a dilaçaõ preyudicar a suas preferençias.

Pello que mando ao Gouernador do dito Reyno de Angola, e a todos os mais menistros da justiça e fazenda delle cumpraõ

e guardem, e façaõ inteiramente comprir e guardar esta minha prouizaõ, como nella se comthem, sem duuida algũa, a qual valerá como carta, sem embargo da ordenação do Livro 2.º titulo 40 em contrario. Esta passou por trez vias, huã só hauerá efeito, constando ter pago o nouo dereito se o deuer.

Pascoal de Azeuedo a fez em Lisboa, a quatorze de março de seis centos e sincoenta e hum; o Secretario Marcos Roiz Tinoco a fez escreuer /.

ATT — *Chancelaria de D. João IV*, liv. 23, fl. 9.

NOTA — Esta concessão foi renovada, a pedido dos oficiais da Câmara de Luanda, por mais dois anos, por provisão de 23-4-1654. — *Ib.* fl. 73.

9

AUTO DE POSSE AOS RELIGIOSOS TERCEIROS

(28-3-1651)

SUMÁRIO — *O Ouvidor-Geral de Angola dá posse aos Religiosos da Ordem Terceira dos chãos que lhes tinham sido doados.*

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil seis centos cincoenta e hum annos, aos vinte e oito dias do mez de Março do dito anno, nesta Cidade de Saõ Paulo da Assumpçaõ, Reino de Angola, no Convento dos Religiozos de Saõ Francisco, aonde eu Tabeliaõ fui com o Licenceado Estevaõ Netto Sardinha, Ouvidor Geral deste Reino, com o Medidor do Conselho Thomé de Aguiar de Sá, e o Capitaõ Antonio Vaz da Costa, adjunto ao dito Medidor, e sendo lá apareceraõ perante o dito Ouvidor os ditos Religiozos, sendo Prezidente o Reverendo Padre Fr. Pedro, e por elles foi apresentado ao dito Ouvidor a Petiçaõ e Despacho atrás e mais Autos, Doaçoens e Posses juntos, requerendo ao dito Ouvidor que na conformidade da data junta os metesse de posse de toda a terra e chaons que declara a dita data; o que visto pelo dito Ouvidor mandou aos ditos Medidores que na conformidade da dita data medissem aos ditos Religiozos, e demarcassem os chaons; começaraõ do muro do Convento em direito da Capella Mor, que hé o sitio donde estava antigamente a Ermida de Saõ Jozé, e foraõ medindo cento e vinte braças ao longo do caminho que vai para a Lagoa, que fica do Convento para a parte de Soeste, e aonde acabaraõ as ditas cento e vinte braças, e meteo hum marco ao longo do dito caminho, de pedra, com suas testimunhas, e outro sim mediraõ do dito sitio da Capella para a parte do Sul, outro marco de pedra com tres testimunhas e fica partindo com chaons do Conselho; e outro sim mediraõ da dita Capella cem braças

para a banda de Leste, que hé para onde antigamente se queria fazer posso, e para a banda do Norte, que fica para a Cidade, medirañ cento e vinte braças, que acabarañ donde se meteo huma columna de pedra redonda, com suas testimunhas; e os ditos marcos ficañ sendo os cantos da dita demarcaçañ, e de huns e outros ficañ a coadro; e nas ditas confrontaçoens houve o dito Ouvidor Geral por toda a posse aos ditos Padres, na conformidade da dita posse real, e actual que tomava, a qual tomou o dito Padre Prezidente, e de tudo mandou o dito Ouvidor fazer este Auto, em que assinou com o dito Padre, sendo testimunhas o Capitañ Balthazar Dias, e o Capitañ Manoel Soares Lobo, e os ditos Medidores, e eu Antonio Alvares Correa, Tabeliañ, o escrevi.

Fr. Pedro de Sañ Jozé, Presidente
Estevañ Netto Sardinha
Antonio Vaz da Costa
Manoel Soares Lobo
Balthazar Dias
Thomé de Aguiar

CERTIDAÑ

Certifico eu o Padre Anastacio Vaz da Costa, morador nesta Cidade de Sañ Paulo da Assumpçañ, Reino de Angola, que reconheço ser a letra do Auto de Posse atraz, de Antonio Alvares Correa, Tabeliañ que foi do Publico e Judicial e Notas nesta dita Cidade, e outro sim reconheço os mais ao pé delle, do Ouvidor Geral Estevañ Netto Sardinha que o foi neste Reino, e assim mais o de Antonio Vaz da Costa, o que juro *in verbo sacerdotis*, e por me ser pedida a prezente a passo.

Sañ Paulo da Assumpçañ doze de [Junho de 1690].

[Anastacio Vaz da Costa.]

RECONHECIMENTO

Reconheço os signaes, e letra postas atraz [a]o pé do Auto da Posse serem feitas pelo Ouvidor Estevaõ Neto Sardinha e o Capitaõ Antonio Vaz da Costa e Thomé de Aguiar, e o Capitaõ Balthazar Dias, o que juro aos Santos Evangelhos, pelos os ver fazer e se for necessario jurarei em Juizo.

S. Paulo da Assumpçaõ, doze de Junho de mil seiscentos e noventa annos.

Gaspar dos Reis Pereira.

CERTIDAÕ

Certifico eu o Padre Sebastiaõ Pimenta Rapozo, morador nesta Cidade de Saõ Paulo da Assumpçaõ que eu reconheço os sinaes atraz, assim os do Auto da Posse como os das mais testimunhas ao pé delle, serem das pessoas nelle contheudas, e declaradas, por as ter visto escrever, o que juro *in verbo sacerdotis.*

Saõ Paulo da Assumpçaõ, doze de Junho de mil seiscentos e noventa.

Sebastiaõ Pimenta Rapozo.

CERTIDÃO

Certifico eu o P.e André Pimenta Rapozo, morador nesta Cidade de S. Paulo da Assumpçaõ, que eu reconheço os quatro signaes de Balthazar Dias, Antonio Vaz da Costa, Estevaõ Netto, e Thomé de Aguiar atraz, do Auto de Posse, ao pé, serem dos ditos, por os ter visto escrever, o que juro *in verbo sacerdotis.*

S. Paulo da Assumpçaõ, 12 de Junho de 1690 annos.

André Pimenta Rapozo.

AA — vol. I, doc. n.º 1.

10

CARTA DO PADRE BOAVENTURA DE SORRENTO AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA FIDE

(8-4-1651)

SUMÁRIO — *Notícias de Espanha acerca das missões do Congo e Benim — Resolve não partir para Lisboa sem novo aviso — Revelações acerca da obra do Padre Vetralla* Doctrina Christiana, *estampada pela tipografia da Propaganda Fide.*

Ill.^{mo} et Reu.^{mo} Sr. in Christo Osseruando.

Vengo cõ la presente à dare la bona Pascha e felicissime feste à V. S. Ill.^{ma} et le dò auiso, come dopò lungh' aspettare, la naue douea partire per martedi, ò mercoledi in Albis al più, et già stauamo preparati ad imbarcare lunedi; ma questa matina, hauẽdo riceuuto lettera da Lisbona, sono necessitato darn'auiso alla Sacra Congregtione per mezzo di V. S. Illustrissima.

Mi scriue il P. Cerillo da Meria (1), Presidente dell'Ospitio di Capuccini franzesi di Lisbona. Haec formalia uerba sotto il primo di febraro passato: Riceui la lettera di V. P. cõ il Decreto della Sacra Cõgregatione, ma li Padri Frãcesco Maria da Scio et P. Marcello da Paliano un mese prima erano partiti per il Congo. Venga V. P. ma porti da Roma lettere di fauore de

---

(1) Parece tratar-se de Frei Cyrille de Mayenne, fundador do Hospício. Cfr. P. Hildebrand [van Hooglede], *Les Capucins au Portugal*, em *Études Franciscaines*, 1938 (L), e Francisco Leite de Faria, em *Os Barbadinhos Franceses e a Restauração Pernambucana*, em *Brasília*, Coimbra, vol. IX (1954). A leitura «Meria» é a única diplomàticamente possível. A caligrafia do P. Sorrento é a de um verdadeiro iletrado...

Prelati grandi, d'eminentissimi Cardinali et altri Signori potenti al Rè, perche senza queste li Missionarij di Congo e del Brasile, oue stanno alcuni missionarij franzesi, quali cõ esserno, cõfederati cõ la Corona di Portugallo, anco patiscono trauagli.

Giouedi Santo (2) arriuorno quà in Genoua due Missionarij di quelli di Spagna, ciò è il P. Felicissimo da Duay (3) et il P. Cassiano da Gãte (4), framenghi, quali affermano ch'il P. Giouanni Francesco all'ottauua dell'Epifania ò circa, parti da Siuiglia con solenne processione, concorso della Città, facendo l'Arciuescouo il sermone, et grãdissima festa: e con 17 ò 18 missionarij, gl'altri nõ uolendo interpretare, hanno uoluto obedire alli Decreti della Sacra Congregatione et se ne sono ritornati alle loro Prouincie; et di più dicono, ch'il P. Angelo da Valenza, è già partito per il Benin con un'altra naue. //

Tutto ciò m'hà dato che pensare et ripensare, attesoche noi nõ portamo lettere de fauore, ne de Prelati, ne di Cardinali dirette al Rè di Portugallo, ne d'altro Signore, si nõ una sola. Di più quãtûque si presupponeua la partita del P. Giouanni Francesco et che perciò fù fatta risolutione mandare il Prefetto, nõ si presupponeua che l'imbarco fosse fatto cõ tanta pompa et tãto bandito; et sà V. S. Ill.ma ch'al Emolo dispiace più l'allegrezza del riuale, che qualsiuoglia altra cosa; che risolutione habbia fatto la Corona di Portugallo, quando hauerà saputo tutto ciò, lo sà Dio; et

---

(2) Dia 6 de Abril.

(3) No século Germain Guiart ou Wiart, nascido cerca de 1593-1595, de Germain e Anne Ducrocq. Recebeu o hábito em Lovaina em 8-10-1634 e em Gand as ordens menores (2-4-1638), o subdiaconado (18-9-1638), o diaconado e o sacerdócio em Bruxelas (2 de Junho e 22 de Setembro de 1640). Cfr. P. Hildebrand [van Hoogled], *Le Martyr Georges de Geel*, Anvers, 1940, p. 104, n. 2.

(4) Cassiano de Gand, no século Marc van de Casteele, nasceu cerca de 1618-1619, filho de Melchior e Anne Fransman. Professou em Lovaina (27-12-1639) e recebeu o diaconado e o presbiterado em Bruxelas (21-5-1644 e 23-12-1645). Cfr. P. Hildebrand, *ob. cit.*, p. 104, n. 1.

io me ne posso imaginare qualche parte, e nõ sò si l'andare noi adesso habbia da essere più tosto motiuo d'irritamẽto, che d'ottenere quelche se desidera; onde hauendo fatto ricorso al P. Guardiano di questo conuẽto, uomo di gran gioditio et esperienza, per essere stato cõpagno di Generale e del P. Negri, acciò cõ il suo conseglio mi mostrasse la uoluntà di Dio, m'hà risposto ch'il suo parere era, che stando noi sù le porte di Roma, e doue cõ poco più ò poco meno di tẽpo, nõ mancano imbarchi e naue, ch'al spesso partino per Lisbona, lasciassemo partire questa naue, et scriuessemo alla Sacra Congregatione per sapere il suo gusto e beneplacito, et andaranno cõ più quiete de cõscienza d'ogni cosa che soccederà; perche andando il Prefetto mandado dalla Sacra Congregatione, ogn'incõtro che le potrà essere fatto, sarà disgusto dell'Eminentissimi Cardinali. //

Questo conseglio m'hà parso ben fondato, et però mi sono risoluto non partire cõ questa naue, m'aspettare la risposta di questa che screuo à V. S. Ill.ma et all'hora farò tutto quello che V. E. Ill.ma à nome della Sacra Congregatione mi risponderà et ordinarà; et perche per la breuità del tẽpo e per trouars' impedito il P. Prefetto, nõ li hò potuto communicare questa determinatione, benche l'habbia mõstrata la lettera uenuta da Lisbona, e detto, che uolea pensare a imbarcare cõ questa naue.

Tutto questo ch'hò scritto sin'adesso, è cosa publica; mi dà però occasione di douere aggiongere un'altra difficultà ch'in questo negotio mi si rappresenta, et è che la *Dottrina Christiana* stãpata dal P. Giacinto in 4 lingue, di Congo, Portughese, Latin' et Italiana, era già stampata da un Patre Giesuita in Lisbona, et da un'altro dell'istessa Cõpagnia tranlatata in lingua de Congo, dalla quale lui ad literã l'hà copiata, perche mai è stato a Portuhallo, n'à Congo del suo et hà posto il Latino et l'Italiano cõ l'ordine delle colonne; hoc stante, per quelche m'hà parso uedere nelli libri ch'hò letto in simil' occasione, pongono prima l'autore del libro originale, et dopò l'autore della nou'aggiunsione. Il P. Giacinto hà leuat' affatto dal frontespitio il nome dell'autore,

e dimõstra lui essere l'autore assoluto, come V. S. Ill.ma può leggere. //

Di più quando lui presentò all'Eminentissimo Cardinal Capponi et al Maestro del Sacro Palazzo la *Dottrina* scritta da lui io li dissi che presẽtasse l'originale stãpato; lui rispose che non era necessario; et io soggiunsi, che si non poneua l'autore, non saria stata passata à Lisbona, ne à Congo; all'hora disse che lo uolea ponere, e cõ questo io nõ hò dett'altro; quando è stata finita la *Dottrina*, hò uisto ch'il Cardoso, ch' è l'autore dell' opera principale de transferirla in lingua di Congo (5), lo nomina dentro alla prefatione, et come di passaggio, assistẽte imprimit (?) P. Cardoso; quando ciò m'accorsi era stato determinato che lui uenisse, perche si me n'accorgieua prima, nõ haueria proposto la sua uenuta; e questa fù la causa, ch'io andaua fuggendo, e V. S. Ill.ma nõ sapeua quelch'io hauesse; di più dissi à lui che nõ renonziasse la Guardiania, et ch'aspettasse à uenire cõ la noua missione; perche sò che ciò nõ potrà passare in secreto, essendo diuolgata la prima, diranno che uolemo leuare la memoria de portughesi da Congo, et introdurre l'italiana; ò che ci usurpamo le fatiche altrui; à questo s'aggiunge quelch'accennai in Roma à V. S. Ill.ma, che li Missionarij uenuti da Spagna, nõ uno ò due, ma tutti quelli, ch'adesso sono uenuti, danno relatione tale (nõ della uita ò costumi) ma del suo gouerno, della missione che condusse à Spagna, che la metà haueria bastato à ritrarne il P. Generale et P. Procuratore (6) dal nominarlo per Prefetto

---

(5) Apesar da sua animosidade contra o Padre Vetralla — muitas vezes manifestada na documentação — os dados fornecidos pelo Padre Sorrento quanto ao trabalho literário do seu confrade, *Doctrina Christiana*, são realmente de muito interesse. A *Dovtrina Christaã* dos Padres Marcos Jorge e Mateus Cardoso (Lisboa, 1624) foi aproveitada pelo Capuchinho italiano com uma liberdade hoje inadmissível em escritores de consciência recta...

(6) Fora eleito em meados de 1650 o R. P. Marco Antonio de Carpenedolo.

quando hauessero saputo, et affermano che quando l'istessi Missionarij che lui gouernò in quel tempo, haueuanno tal auiso, tentaranno de uenirsene tutti, e che ne ãco un fratello carnale potria suffrire il suo gouerno; et in questi due mesi, ò 3, n'hò esprimẽtato qualche cosa, benche poca, et ciò nõ hò stimolo di scriuere, perche il nõ hauere uno talento di gouerno, nõ disminuisce la bontà essentiale, et me teneria per traditore di quelli Padri Missionarij, quali stanno in speranza mia che l'habbia da procurare un Prefetto che habbia da gouernare, cõ quella carità paterna, che si cõuiene in paesi tanto lontani et aspri per mantenere la missione, nel che cõsiste tutto il mio interesse, perche nõ desidero, ne bram'altro, et di ciò ne chiamo Dio in testimonio.

Prego V. S. Ill.ma à communicare all'Eminentissimo Cardinal Capponi, e li faccia humil reuerenza da mia parte, e se degni auisarme subito, si uole che partemo tutti 4, perche semo due cõ due laici, ò parta io con un cõpagno, ò uà (?) come li piace; io non parto senza nuou'auiso. Di nuouo le nò aguro la bona Pascha e con humilissima reuerenza li baccio le sacrate mani. //

Di Genoua, li 8 d'Aprile 1651.

Di V. S. Ill.ma e Reu.ma

Affss.mo et humilissimo Seruo nel Signor

F. Bonauentura da Sorrẽto //
Missionario Capuccino del Congo.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 155-155v. e 164-164v.

11

CARTA DE FREI BOAVENTURA DE SORRENTO AO PREFEITO DA PROPAGANDA FIDE

(12-4-1651)

SUMÁRIO — *Anuncia a sua breve partida para o Congo, dando notícias dali recebidas — Infeliz escolha de Prefeito para a missão do Congo e remédio que propõe.*

Eminentissimo e Reuerendissimo Signore

Hauendo riceuuto alcune lettere da Congo, m'hà parso darn' auiso à V. Eminenza, prima che parta d'Jtalia, che sarà questa sera, ò domani, e benche saria stato di parere non partire senza nuouo auiso e senza risposta d'un' altra mia, scritta al Padre Procuratore e Monsignor Secretario, con tutto ciò uolendo il P. Prefetto partire, partirò io ancora, e starò attendendo in Lisbona la risposta di quella et di questa, della quale prego V. Eminenza à fauorirme quanto più presto si potrà, perche stà nauilio che resta qui in Genoua per uenire appresso frà 15 ò 16 giorni.

Mi scriue il P. Seraphino da Cortona, qual stà in Angola, che mi stanno aspettando cõ gran desiderio, che sia morto un missionario, per nome il P. Gabriele da Valenza, e che perciò hanno lasciato una casa delle 6 che stauano quando io partij da Congo, per la paucità di missionarij, et ch' il P. Bonauentura d'Alessano, Prefetto di Congo, è stato male per morire, et per misericordia di Dio è sanato, e questa è fatta alli 2 d'ottobre. //

Il P. Geronimo da Montesarchio mi scriue da Sundi, una delle Prouincie di Congo la più grande e più distante de San Saluatore, nella quale staua io, sotto li 22 di Marzo del 1650, e dandomi auiso del frutto fatto, dice che hauea fatto alcuni

matrimonij e battezzato in 4 mesi lui solamente tredeci mil' anime, per ilche sono rimasto capace dell'insidie ch'orde il Demonio cõtro la salute di quell'anime, cõ l'impedimenti che procura alli missionarij. Però essendo stato destinato à Roma cõ carrica de procurare dall'altra parte il bene spirituale di tutto quel Regno, e per l'istesso fine m'esposi à pericoli dell'istessa morte, quando partj, et in Roma hò faticato e fatto il possibile per lor aiuto, adesso in nome di tutte l'anime di quel Regno, prostrato alli piedi di V. Eminenza in spirito, no potendo di presenza, cõ le lagrim' agl' occhi grido miserere nostri fili Dauid; la supplico cõ le braccia aperte, che per lo sangue sparso de Christo Signor nostro, habbia cõpassione dell'anime de poueri negri: hominẽ nõ habent, Eminentissimo e Pietosissimo Signore, non solo nõ hanno pastore ne persona che li pasca, ma l'istessa Missione nõ hà guida secura.

Il Padre Generale, il Padre Procuratore et ancor' io, qual cõcorsi almeno cõ il cõsenso alla nomina del P. Giacinto de Vetralla per Prefetto, sono rimasti ingannati, come suol' accadere nell' elettion' humane, nelle quali sperandosi gran bene dal gouerno d'una persona, dopò l'elettione s'esprimẽta il contrario, solo Dio in ciò nõ può ingannarsi: io in questi due mesi n'hò esprimẽtato qualche cosa bastante à farme pentire del mio errore, ma il P. Angelo da Ronciglione, qual stà à Frascati, il P. Felice da Piacenza, il P. Felicissimo da Duay, et il P. Cassiano da Gante, quali tutti sono uenuti da Spagna, et hanno esprimẽtato il suo gouerno per quel tẽpo che cõdusse quella Missione et testificano cõ sentimẽto senza nissuna passione, stando essi già fore della Missione, e di camino per le loro Prouincie, che quanto al gouerno sarà causa della destruttione della Missione, perche ne anco li missionarij della sua Prouincia lo poteuano soffrire, e che senza dubio, quelli che sono andati in Congo, nel sentire che lui l'habbia da gouernare, tentaranno de uenirsene; et il P. Prefetto uecchio me disse à bocca, e dopoi me lo scrisse per carta (?) che per amor de Dio, menasse Prefetto che tenesse

li frati cõ pace et quiete, nõ gouernasse cõ imperio e dominio; li patimẽti, la fame et l'altri disaggi sono assai più che lingu' humana poss'esplicare, si nõ ui stà la carità paterna ch'alleui e mantengui li suoi figli, come potranno perseuerare?

Si nõ credeno à me, si pensano che sia mia passione, credano à tanti serui di Dio, più di me zelosi dell'honor di Dio, e della salute dell'anime; s'informino; il Regno di Congo stà lontano, e partito da Lisbona, ci uole molto per rimedio; et perche hò già esprimetato la pietà e zelo ch'abbruggia nel petto de V. Eminenza e sono certo che uorrà dar aiuto, li propongo, cõ ogni humiltà, quel che mi pare fattible. //

Il Prefetto nuouo è stato fatto per la speranza dell'autorità extr'ordinaria, e per douer mandar quello ch'iui stà al Mococo. Adesso sono cessate ambe due queste cause, perche l'autorità nõ s'hà potuto dare, e per la nou'infermità aggionta all'età graue, nõ può quello andare al Mococo, resti l'istesso Prefetto di prima, et morendo nomini uno che l'inspirarà il Signore Dio, e s'auisi in Roma; questo bastaria per adesso, e dopoi, si s'apre il passo, e uerranno altri missionarij, si prouederà cõforme meglio si giudicarà. Questo me pareria basteuole per adesso, senza fare altra mutatione. //

Mi perdoni S. Eminenza si sono molesto, le bacio le sacrate uesti, cõ humilissime reuerenze, restando à pregare il Signore che li cõceda molt'anni uita, et il colmo delle gratie diuine //.

Genoua, li 12 d'Aprile 1651.

Dell' Eminenza Sua.

Humilissimo seru' e figliuol' in Christo.

Fr. Bonauentura da Sorrẽto //
Cupuccino e missionario del Congo.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 157-157v.

12

CARTA DA ASSEMBLEIA DO CLERO FRANCÊS A SUA SANTIDADE INOCÊNCIO X

(12-4-1651)

SUMÁRIO — *Mostra a viuvez das Igrejas portuguesas e suplica que se dê remédio pronto, provendo as Dioceses de Prelados nomeados pelo Rei de Portugal. D. João IV*

†

Beatissime Pater

Sollicitudo omnium Ecclesiarum, quae maximo charitatis ardore tuam Sanctitatem occupat, haud dubie non patitur liberum esse hilaremque animum tuum, cum ad Lusitanicarum lacrymas ac gemitus convertitur, quas a decem annis vere viduas ac desolatas esse non ignoras. //

Earum questus nobis insonuere, Beatissime Pater, nostroque universi Gallicani Cleri concilio, per Oratores Serenissimi Portugalliae Regis Joannis IV delatum est, quantum Respublica Christiana Religioque iis in partibus detrimentum patiatur. Non potuimus certe earum dolori non suffragari, nostrasque voces earum vocibus non accomodare, quibus aures tuae fortius pulsentur; tandemque a tua Sanctitate votorum suorum summam obtineant. //

Novitque equidem Beatitudo tua, quam alta insita sit rebus omnibus suae naturae defectus ac damna identidem reparandi virtus & cupido, eandemque Ecclesiae suae vim indidit, & propensionem Christus Dominus, qui ab Episcopis morti corruptionique obnoxiis eam regi instituit; ne ergo diutius ejus vacuitatem, quam toto desideriorum suorum impetu exoptat resarcire, apud Lusitaniam sustineas, Sanctissime Pater, neque tantam illius populi multitudinem sine Pastoribus vagam & errantem patiaris. //

Non ignorat universus orbis Sanctitatem tuam, ad haec usque tempora nominatos a Lusitaniae Rege Episcopos suo calculo confirmare noluisse, ne Catholici Regis jura infirmare videretur, maluisseque communis parentis amore fungentem, librante veluti aequitatis manu, utrumque sustinere, quam aliquid moliri quod alterutrum offenderet. Verum quid inter haec peccavit Lusitanus orbis, ut dum mutuis odiis disidiisque Reges de suo contendunt Imperio, Religionis, quae, destructo Episcopatu pereat necesse est, auxiliis officiisque destituatur? Quid miseri populi peccaverunt, ut summi totius Ecclesiae capitis priventur communione, quae praecipue in constituendis ordinandisque ab ipso Episcopis singularum Ecclesiarum verae & Catholicae communionis fontibus, sita est? Quid miser Portugalliae Clerus peccavit, qui sine Praesidibus & Pontificibus jacet exanimis trunco simillimus? Voluisti, ut nobis relatum est, Sanctissime Pater, eam Ecclesiae moestitiam proprio motu levare ac solari, selectosque a teipso Antistites ordinare; verum ut nihil augustus sanctiusque suae Coronae adhaerere existimat Portugaliiae Rex, quam jus Summos Sacerdotes tuae Sanctitati praesentandi; ne tantisper etiam illud imminutum pati se posse, per suos Legatos nostro Conventui significavit. //

Abstrahat Beatitudo tua, Sanctissime Pater, a mortalium Regum ambitione Ecclesiarum Lusitanicarum jura, & si aliquem laedere vereatur, inserat haec, si ita videatur, suis diplomatis verba, *sine detrimento*, aut ut aiunt, *sine praejudicio partium*. Imitare sanctissimae memoriae Gregorium XIII, decessorem tuum, qui cum Henrico III, Galliarum Regi Poloniam egresso Stephanum Battorium Poloni suffecissent saepiusque Pontificem per Legatos suos fatigasset Rex Christianissimus, rogassetque ne Stephani Oratores admitteret, respondit Sedem Apostolicam utpote terrenarum rerum cupidine vacuam ejusmodi dissidiis non nisi ad pacem interesse, intereaque eum Regem agnoscere qui rerum summa potiatur, ne scilicet aliquod Ecclesiae damnum eveniat, quod a te, Beatissime Pater, utriusque juris supra omnes

mortales peritissimo, inter particularium Ecclesiarum patronos usurpari solitum esse non ignoratur. //

Ipsis igitur Lusitanis Episcopatum a decem annis quasi exulantem postlimino restituas, reddasque populis defensores, orphanis parentes, viduis sponsos, Christianae plebi rectores; neque diutius patiaris Catholicos homines totius orbis scandalo confirmationis ordinationisque Sacramentis quae solis Episcopis competunt, vacuos esse, vix in Regno pene immenso si adjectas ei Provincias intuearis, infirmorum atque ad ultimam luctam destinatum a Christo oleum reperiri, praedicationem denique Evangelii exulem esse; prospiciat sagacissima aeque ac Christianissima carnique inimicissima prudentia tua ne tandem Ecclesia Lusitanica, quae Romanae omnium aliarum Matri & Magistrae conjunctissima est & obedientissima, communionis necessitudinem abrumpat, aut suis viribus destituta omnino intereat. //

Ad eius gentis celeberrima emporea construunt ab omnibus orbis universi partibus populi variis ac peregrinis religionibus imbuti, videat tua Sanctitas ne si Lusitanos Episcopis verae religionis interpretibus diutius destitutos invenerint, alios tandem ceremoniae, alii cultus, alia sacerdotia, alia religio inuheantur. / /

Providebis sine dubio tantis periculis, Sanctissime Pater, lachrymisque Lusitanicae simul ac Gallicanae Ecclesiae tandem solus dabis quod a plenario totius orbis concilio, si ad tantum negotium terminandum cogeretur, negari omnino non posse nemo est qui non fateatur. Hoc ergo enixe petimus a te, Sanctissime Pater, quem toto saeculo florentem & incolumen ad Ecclesiae bonum exoptamus. //

Datum Parisiis pridie Idus Aprilis anno Domini M.DC.LI.

Sanctitati Tuae,

Obsequentissimi & devotissimi filii & servi, Archiepiscopi, Episcopi, & alii Ecclesiastici viri in generalibus Cleri Gallicani Comitiis congregati.

GEORGIUS D'AUBUSSON, *Archiepiscopus Ebrodunensis, Praeses.*

De mandato Illustrissimorum & Reverendissimorum Archiepiscoporum, Episcoporum, totiusque Coetus Ecclesiastici in Comitiis generalibus Cleri Galliae congregati.

M. Tubeuf, *a Secretis.*

COLLECTION DES PROCÈS-VERBAUX DES ASSEMBLÉES-GÉNÉRALES DU CLERGÉ DE FRANCE, Paris, M.DCC.LXIX, Tom. III, págs. 90-91 de *Pieces Justificatives*, doc. XXXVI.

NOTA — Sobre a Assembleia em que foi resolvido escrever a presente carta ao Papa (22 de Março, 3 e 12 de Abril de 1650), cfr. *Ib.*, págs. 686-690.

13

DECRETO DA CONGREGAÇÃO DA PROPAGANDA CONTRA FREI JOÃO FRANCISCO ROMANO

(24-4-1651)

SUMÁRIO — *Tendo partido para o Congo contra o mandato da Propaganda, ordena esta ao Padre Prefeito que reenvie logo para a Itália como desobediente o Padre João Francisco Romano.*

DECRETUM SACRAE CONGREGATIONIS GENERALIS DE PROPAGANDA FIDE HABITAE DIE 24 APRILIS 1651

Referente Eminentissimo D. Cardinali Estensi, litteras D. Nuntij Apostolici Hispaniarum, scribentis quod P. Joannes Franciscus a Roma, Cappuccinus, et Vice Praefectus Missionis Congi, non obstantibus mandatis Sacrae Congregationis de non petendo suam Missionem, iam iter sit aggressus, et quod probabiliter ad locum uetitum peruenerit. //

Eminentissimi Patres, malo animo ferentes inobedientiam f. Joannis Francisci supradicti, iterum stando, decretis alias contra ipsum factis, dixerunt esse scribendum f. Hyacintho a Vetralla, eiusdem Missionis Praefecto, ut statim dictum f. Joannem Franciscum, uti officio, et missione priuatum, a Regno Congi. eijciat, ac in Jtaliam remittat, retinendo secum socios dicti fratris, sibi bene uisos, in beneficium Missionis.

APF — *SRCG*, vol. 250, fl. 214.

14

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(2-5-1651)

SUMÁRIO — *Medidas de segurança a respeito de uma nau inglesa que iria carregada de escravos para o Brasil e daqui viria com açúcar.*

†

Senhor

Pello Decreto incluso manda V. Magestade, que na conformidade do Capitulo de huã consulta do Conselho da Fazenda, que ueo e torna cõ elle (e cujo pareçer V. Magestade foi seruido de aprouar) se proçeda, e se execute o que nelle se aponta.

No dito Capitulo se conthem em sustançia, que no Reino de Angola se acha huã nao ingreza, que a elle foi com liçença de V. Magestade, para carregar de escrauos, e os leuar ao Brazil; e da Capitania do Rio de Ianeiro uir com carga de açucar para este Reino; e porque os fretes, e a mesma nao, importaraõ mais de 60V cruzados, e se ficar em Angola, ou no Brazil (donde hé çerto que estará socrestada, conforme a ordem geral) e se se effectuarem as pazes com Inglaterra, se hade pedir da fazenda de V. Magestade a mesma quantia, e neste estado será mais proueitoso que a nao faça sua viagem, de Angola ao Rio de Ianeiro, e daly uenha com carga de açucares, tripulada a gente delle, por outras embarcaçoẽs, uindo nella gente portugueza com poucos ingrezes, e o Capitaõ e os inuentarios de tudo, para sua melhor rezaõ, e conta, que hé o que V. Magestade aproua, e manda se execute.

E hauendosse uisto, e conferido o que V. Magestade manda, para se tratar da execuçaõ, e para ser em forma, e tempo conue-

niente, pareçeo dizer a V. Magestade, que como tambem naõ vaõ agora nauios para Angola, e os primeiros deuerem ser os que leuarem o Gouernador Rodrigo de Miranda, a elle (quando for) se deuem dar todas as ordens do que será justo fazer; e que o perigo que na consulta do Conselho da Fazenda se considera, na uinda da nao do Rio de Ianeiro, a este Reino, se considera tambem na hida de Angola ao Rio de Ianeiro; não hindo nella gente portugueza tripulada em quantidade, que os jngrezes naõ possaõ nauegar para outras partes; pelo que deue V. Magestade permittir e mandar que Rodrigo de Miranda, nos nauios e com gente de mar e guerra, que leuar, tripule a nao ingreza, e reparta a sua pelos nauios portuguezes, em forma que tudo se segure, e uenha a este Reino, como V. Magestade quer, e se aponta pelo Conselho da Fazenda, por em outra forma se arriscar tudo, e naõ se poder executar a rezoluçaõ de V. Magestade. //

Em Lisboa, a 2 de Mayo de 651.

[*Noutra letra*]: E que a tudo o que se fizer assista o Capitaõ Jngres e seus officiaes, para escuzar desconfianças neste tempo e hauer boa conta e rezaõ de tudo, como será hauendosse feito cõ sua aprouaçaõ.

aa) O Conde de Odemyra / Francisco de Uascõcellos da Cunha / Joaõ Delgado Figueira / Phelippe de Moura / Diogo Lobo Pereira.

[*Despacho ao alto e à margem*]: Nesta conformidade se execute uisto estar taõ perto a iornada de Rodrigo de Miranda.

Lisboa, 28 de Julho de 651.

(Rubrica de el-Rei)

AHU — *Angola*, cx. 3.

15

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(25-5-1651)

SUMÁRIO — *Pede-se o fornecimento de ornamentos e objectos sagrados à Sé Catedral de Luanda.*

†

Senhor

Por a Cidade de Loanda, do Reino de Angolla, hauer sido conquistada pelos Olandezes, com rigor de armas, e falta de fee e palaura, na segunda ostilidade que fizeraõ, e estar em seu poder alguũs annos, de força hauiaõ de pereçer (demais do gasto ordinario do tempo) os ornamentos e cousas sagradas da see da mesma Cidade; e porque agora se enuia a ella nouo Gouernador, julgou o Conselho por conueniente, lembrar a V. Magestade que será grande seruiço de nosso Senhor e seu, mandar que de sua capella real, ou por outra via, se trate de enuiar a Angolla nesta occasiaõ alguũs ornamentos, na quantidade que se possa fazer. E pode succeder que também pela Mesa da Consciencia e Ordens, se haja feito a V. Magestade esta mesma Lembrança.

Em Lisboa a 25 de Mayo de 651.

[*Despacho*] Vejase o que se deue mandar a Angola para se prouer pello Conselho da Fazenda. Alcantara 7 de junho de 1651. /

aa) O Conde de Odemjra / Fr.co de Uascõçellos da Cunha / Ioaõ Delgado Figueira / Phelippe de Moura / Diogo Lobo Pereira.

AHU — *Angola*, cx. 3. — Cód. 14, fl. 296.

16

CARTA DO PADRE SERAFIM DE CORTONA AOS CARDEAIS DA PROPAGANDA FIDE

(5-6-1651)

SUMÁRIO — *Falecimento do Prefeito Boaventura de Alessano — Dificuldades com os Jesuitas de Luanda — Pede o traslado dos privilégios da Propaganda e indulgências para as confrarias de homens e de mulheres.*

Eminentissimi Signori

Dò parte alle Signorie loro Eminentissime come nostro Signore è restato seruito di leuare da questa all'altra uita il Padre Frà Bonauentura d'Alessano, Prefetto di questa Missione del Regno di Congo, con uniuersale sentimento di tutti noi altri, per la perdita di un tanto Padre: onde bene possiamo dire: Pupilli facti sumus absque Patre; anzi con maggior sentimento per hauer perso tal Padre, spechio et esempio d'ogni uirtù, la cui uita, più admirabile che imitabile, era a noi altri un infocato stimulo per infiamarci nel seruitio di Dio e nel zelo della salute dell'anime. Non tenghiamo altra consolatione, saluo che considerare il diuino beneplacito, la cui infallibile prouidenza il tutto aggiustatamente dispone. //

Successe la morte alli 2 d'Aprile deste presente anno 1651. Con lettera scritta di sua mano, nominò per suo successore il P. Ianuario da Nola, predicatore, Padre di gran meriti, con uniuersale sodisfattione di tutti gl'altri Missionarij. La causa di darli io parte della morte del detto Padre Prefetto, è per ritrouarmi in questa città di S. Paulo, communemente chiamata Angola, et hauere occasione di una naue che parte per Lisbona, et il P. Ianuario si troua[re] lontano di qua circa trecento miglia.

Con questa occasione dò parte all'Eminenze loro come in questa città si ritrouano quatro Padri della Compagnia, tenendoui un Collegio e dui in Congo, et uno di essi con titolo di Commissario del Santo Offitio dell'Inquisitione. Questi oltre il procurare di screditarci in publico et in priuato, non cessano d'inquietarci con mostrare di uoler procedere contro di noi, per seruirci all'occorenze de priuilegij concessi dal Sommo Pontefice al nostro P. Prefetto e da lui conferiti anco à noi altri. //

Per tanto à nome di tutti i Missionarij, domando alle Signorie loro Eminentissime una dichiaratione che detti Commissarij ne qualsiuoglia altro, senza espressa licenza dall'Eminenze loro non ci possa molestare ne inquietare, ne pigliar cause contro di noi; ma hauendo qualche cosa in contrario, deuino dar parte à cotesto Sacro Tribunale. Confidati nella diuina gratia che non siano per hauere cosa in contrario, come per gratia del Signore non l'hanno hauuta fino adesso, tenendo per certo che si uergogneranno comparire costà à Roma con falsità. La causa di tutto ciò è l'esser noi totalmente alieni d'ogni interesse, che i medesimi gentili ci ammirano; e loro non attendere ad altro che ad accumulare robba e denari; onde uedendosi abborriti si sfogano contro di noi (1). Del tutto sia ringratiato il Signore. Quelli che hanno obligatione di promouere la fede son quelli che l'impediscano.

In oltre domando un traslato autentico impresso per ciascun Missionario, de priuilegij: e questo perche hauendoci il nostro P. Prefetto concesso à tutti la sua autorità, ritrouandosi lontano dugento *(sic)* e trecento miglia da ciascuna Missione doue stanno i Missionarij, passano molte uolte otto e dieci mesi e più senza

---

(1) O Frade Capuchinho exalta o total desprendimento material dos seus Confrades para o contrastar com o apego demasiado dos Jesuitas. Exagera nos dois sentidos. A suspeição política contra os Capuchinhos era ainda natural da parte dos portugueses e portanto dos Padres da Companhia, devido à posição por eles tomada contra Portugal.

poterne inuiare ne riceuer lettere, occorrono in detto tempo molti casi ne quali seruendosi delle dette facoltà alcuni Religiosi, o Chierici che stanno in queste parti, ci uanno calunniando fino ne pulpiti, conche ci obligano à mostrare le dette facoltà, et essendo scritte di mano ancorche firmate e sigillate dal P. Prefetto, se ne ridono come cosa di burla: conche obligandoci à giusta difesa, è di grande scandalo à questi gentili, e di notabile pregiuditio alla reputatione e credito in che deue stare un Ministro Apostolico con questi gentili, uedendo tanta contrarietà frà di noi altri, insegnando uno il contrario dell'altro. //

Domando in oltre se ci possiamo seruire di detti priuilegij in tutti quei luoghi doue si estende la iurisditione del Vescouo di Congo e d'Angola, e questo per hauer mi la Regina Singa scritto alli giorni passati una lettera, nella quale mi diceua se io uoleuo andare à battezzare la sua gente. Questa Regina è christiana ancorche barbara crudelissima. Sarebbe de gran seruitio di Dio l'assistere quattro, o almeno dui Missionarij con ella, per leuare almeno il barbaro costume che tiene, con tutta la sua gente, di ammazare tutti i figliuoli che nascano, sotterrandoli uiui, o sponendoli ad esser mangiati dalle fiere. Cosa che à sentirla horret aures, e pare si tocca con mano. Dipoi uà alla guerra ogn'anno e tutti i figliuoli che pigliano gli tengano per suoi. Non tien luogo determinato, ma uiue come uccello di rapina. Adesso si è confederata con i Portughesi e tratta fare la sua stanza in Matanba.

Di più hauendo il nostro Padre Prefetto, fin dal principio di questa Missione, instituita una Congregatione di huomini e donne in Sogno, et io per ordine suo in questa Città, nella quale si raddunano i fratelli e sorelle un giorno della settimana, à sentire una prattica spirituale, e gl'huomini à fare la disciplina, con alcune regole che non contengono altro che una breue instruttione et esortatione à uiuere christianamente, senza obligatione ueruna, ne anche di peccato ueniale, esperimentando ogni giorno il gran profitto che con tale esercitio si fà, domandiamo alcuna indulgenzia

per poter concedere à detti congregati dui o tre uolte l'anno, per inanimarli à proseguire un tale esercitio.

Per fine supplico le Signorie loro Eminentissime à uoler pietosamente condescendere alle nostre domande, non essendo ordinate ad altro fine che al seruitio di Dio, e salute dell'anime. Hanno à considerare che stiamo in queste infelicissime parti priui d'ogni humana consolatione, ridotti à uiuere come animali, senza uedere ne pane, ne uino, ne altra commodità, passando la uita con legumi e frutti, morendo non una ma mille uolte il giorno, et il tutto ci si rende suaue uedendolo incaminato al seruitio di Dio et al profitto dell'anime. Vedendoci poi molestati nelle persone, et impediti nell'offitio, ci si rende molto graue et aspero il suffrirlo, particolarmente da persone che ne uogliono trauagliare, ne possono sopportare che altri trauaglino.

Ah Eminentissimi Signori, non siano scarsi in aprire la mano à concedere la loro autorità à chi non la desidera ne la domanda per altro che per gloria di Dio e salute dell'anime! Osseruando tanto rigore nelle persone nostre à costa della propria uita più presto che seruirci di libertà ueruna. Non tenghiamo altro refugio che ricorrere sotto la protettione di cotesto Sacro Tribunale, dal quale immediatamente dipendiamo, et al quale humilissimamente inclinati li supplichiamo l'assistenza dello Spirito Santo, per deliberare il tutto conforme alla regola infallibile del diuino uolere, quale preghiamo si degni conseruare le Signorie loro Eminentissime con perpetua felicità. //

Di San Paulo, li 5 Giugno 1651.

Humilissimo Seruo nel Signore

Fra Serafino da Cortona //

Predicatore Capuccino

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 158-158v.

17

CARTA DO NÚNCIO APOSTÓLICO EM MADRID AO CARDEAL-PREFEITO DA PROPAGANDA

(10-6-1651)

SUMÁRIO — *Chegada das missões do Congo e do Benim à Grã-Canária — Trabalhos apostólicos dos missionários.*

Emin.mo e Reu.mo Sr. Padrone Colendissimo.

Con lettera di 26 di febraro peruenutami questa settimana, mi significa il Padre F. Angelo di Valenza, ch'egli e gli altri Padri delle due Missioni del Congo e del Benin erano giunti con buona salute all'Jsola della Gran Canaria. //

Con altra del primo d'Aprile mi auuisa il Padre Giouanni Francesco da Roma, che di colà stauano in procinto di far uela in proseguimento del lor uiaggio, dopo essersi iui trattenuti circa un mese, aspettando che le naui si prouedessero di molte cose necessarie; ma che in detto tempo non erano stati otiosi, essendosi di continuo impiegati in prediche e confessioni con gran profitto e consolatione di quei popoli. //

Di tutto ciò sono à dare riuerente ragguaglio à V. Eminenza et à cotesta Sacra Congregatione, in conformità dell'obligo che stimo d'hauerne e sodisfacendo giuntamente à quello che hò di rassegnare all' E. V. in tutte le occasioni il mio deuotissimo ossequio, humilissimamente me l'inchino. //

Di Madrid, X di Giugno 1651.

Di V. Eminenza

[*Autógrafo*]: Humil.mo Deuot.mo et Obl.mo Seruitore.

Giulio, Arciuo di Tarso.

Emin.mo Sr. Cardinal Capponi.

Nella Sacra Congregatione de Propaganda Fide.

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 159.

18

CARTA DO PADRE JOÃO FRANCISCO DE ROMA AOS CARDEAIS DA PROPAGANDA FIDE

(4-7-1651)

SUMÁRIO — *Relata os acontecimentos e peripécias mais notáveis da viagem até ao Congo — Comunica o falecimento do Prefeito da Missão e nomeação do substituto.*

Eminentissimi e Reuerendissimi Signori

Auanti di partir da Spagna per il Regno del Congo, scrissi all'Eminenze loro la risolutione che haueuo pigliato di proseguire il uiaggio non ostante l'ordine datomi di ritornar' à Italia con i Padri Missionarij, poiche supponeuo per cosa certissima che se l'Eminenze loro si fossero trouate in Spagna, et hauessero uisto e saputo quanto da noi si uedeua e sapeua, non ci haueriano impedito il uiaggio, anzi inanimatici grandemente all'impresa. Hora douendole dar parte del nostro felicissimo uiaggio, con ogni humil riuerenza deuo significar all' Eminenze loro come à 13 di febraro del presente anno ci partimo dal porto di Cadix con uento molto fauoreuole, insieme con il nauilio che portaua l'altra Missione del Benin, et in termine de 7 giorni arriuamo all'isola della Gran Canaria. //

Quiui fu seruita la Maestà Diuina, con occasione che il nostro Capitano fu constretto à detenersi quasi tutta la Quaresima in prouedersi del uastimento necessario per si lunga nauigatione, di cauar molto frutto spirituale, non solamente in quella Città, ma anco in tutta l'Isola, poiche essendosi alcune prediche nella Catedrale ad instanza de quei Signori Canonici, con grandissimo concorso di popolo, si ridusse si gran numero

di persone à penitenza et à far confessioni generali, che mattina e sera stauamo sempre occupati in ascoltarle nella chiesa di Padri Osseruanti, nel conuento de' quali fummo riceuuti e trattati con molto affetto et amore; e diuulgatasi la nostra uenuta per l'Isola, non ui restò terra ne castillo non mi facesse instanzia à inuiar loro almeno due de' Padri Missionarij, per loro consolatione spirituale; onde predicando e confessando, fu si abondante la gratia, con che si degnò S. D. Maestà concorrere à quest'opera, che causò ammiratione ad ogn'uno. Questo principio si fausto d'essersi degnata la Maestà Diuina seruirsi di noi in opera si santa, ci consolò notabilissimamente con animarci molto più all'impresa abracciata.

Essendo già spedito il nostro Capitano, il Lunedì Santo facemmo uela uerso il Congo con prosperissimo uento, però senza la compagnia dell'altro nauilio, quale si trattene alla Gran Canaria solamente tre giorni, e poi se n'andò à suo uiaggio; e seguitando con tal uento il nostro camino, arriuati alla linea equinosciale incominciammo à sentir l'influssi di essa, quali sono caldeci di eccessiui con pioggie continue, e calme; ma Dio nostro Signore fu seruito che in pochi giorni ci liberammo da somigliante trauaglio, dandoci uento à proposito per trapassarla; et arriuati all'altezza de 30 gradi in circa, uerso il tropico del Capricornio, con tenerci dalla parte del Brasil (essendo necessario far questo cammino per trouar' i uenti à proposito per il Congo, poiche andar costeggiando l'Affrica non riesce, per le molte calme che s'isperimentano, e pigliar poca altezza de' gradi da questa banda della linea ne anco, perche i uenti non sono stabili); per esser iui inuerno in questi tempi non mancò di assalirci una terribile borrasca nella Domenica della Pentecoste uerso sera, che durò due giorni e due notti continue, che per esser fauoreuole non ci disturbò il cammino, anzi ci fece correre con molta uelocità uerso il Congo. //

In questa occasione uenne à conoscere che più non haueua uisto la gran diffrenza che ui è tra le borrasche di questo gran

mare Oceano, dà quelle del Mediterraneo; poiche l'onde di questo eccedono l'altezza dell'onde dell'altro, come una gran montagna un picciol collo; e quando la naue si ritroua si nell' alto, come nel profondo di esse, causa tal orrore e spauento quale si può imaginare.

Cessata la borrasca e calmato alquanto il uento, seguitando il nostro uiaggio felicemente, uenimmo in poco tempo à discuoprir terra dell'Affrica in 17 gradi à 13 del passato, giorno del nostro glorioso Santo Antonio di Padoua, con straordinaria consolatione di tutti. Però auanti di riceuer tal consolatione fummo assaliti da un timor grandissimo, per il pericolo eminente in che ci uedemmo; et fu che essendo il tempo assai caliginoso, in modo che non poteua discuoprirsi terra di lontano, e tanto più essendo terra bassa in quella parte, andando la naue con uento in poppa, e con le uele tutte spiegate, ueniua direttamente à dar in un basso cuoperto, che stà distante da terra ferma sei o sette leghe, dal quale supponendo il piloto esser ancora molto lontano, non andaua con quella auuertenza che conueniua. Ma la Maestà Diuina, hauendo pietà di noi, si compiacque di liberarci da tanto pericolo nel giorno del Santo glorioso, al quale mattina e sera ci racomandauamo di tutto cuore, poiche inspirò (come possiammo supporre) un marinaro à salire sopra la gabbia dell'arbore, per uedere si discuopriua terra; e uedendo che à dirimpetto della prora rompeuano l'onde con molta forza, alzandosi straordinariamente, conobbi iui esser alcun basso; per il che à gran uere manifestando il pericolo, à pena il piloto hebbe tempo à far deuiar la naue per altra parte, essendo che andaua con gran uelocità à ferir in quello, e staua distante poco più di un tiro di moschetto. //

Liberati della morte per la Bontà Diuina, et intercessione del Santo, nauigando con maggior circonspettione, uenimmo à hora di Vespro à ueder terra ferma, si come hò detto di sopra, onde si per il pericolo, dal quale ci uedemmo liberi, come per la consolatione di uederci hormai al fine di si lunga nauigatione,

non cessauammo di dar gratie à S. D. Maestà, alla Beatissima Vergine, et al glorioso Santo Antonio, che in tal giorno si compiacque ottenerci dal Cielo si gran fauore.

Dà altro pericolo, niente inferiore al passato, si degnò la Maestà Diuina liberarci per sua Bontà infinita. E fu che nauigando per la costa di Angola uerso il Congo, discuoprimmo un nauilio olandese, che à dirittura se ne ueniua contro di noi, quale conoscendosi chiaramente esser corsaro, fece il nostro Capitano preparar subito la gente all'arme; ma succedendo la notte, in modo che non si poteua più uedere per onde andaua, de repente ce lo uedemmo sopra che armata mano ueniua uerso di noi; e stando già uicino ci assaltò con gran furore, gridando che si amainassi e giuntamente sparando artigliaria e moschetti; et ancorche molti fossero i tiri, fu seruito nostro Signor, che ne il nauilio ne la gente patisse danno alcuno. //

Nel medesimo tempo, respondendogli i nostri con l'artigliaria e moschetti, fauorendo la Maestà Diuina la nostra battaglia, furono di tanto nocumento al nauilio et alla gente nemica, che senza altra replica uoltarono la prora per altra parte, foggendo à più potere; ne il nostro Capitano uolse seguitarli, per esser notte oscura, contentandosi di quello che la Maestà Diuina si era degnata operare in nostro fauore.

Finalmente nauigando con prospero uento uerso il Contado di Sogno, à 29 del presente, giorno delli gloriosissimi Apostoli S. Pietro e S. Paulo, arriuammo felicissimamente, con il fauor di Dio, e con perfettissima salute, dando fondo al porto de Pinda, che per altro nome si dice il Capo del Padron. Discesi in terra habbiamo inteso con indicibile consolatione nostra, come tutto il Regno stà in pace, essendo morto il Conte passato di Sogno, che faceua guerra al suo Rè; è successo in suo luogo altro, obediente al medesimo Rè, e deuotissimo nostro, et i Portoghesi assai quietati; per il che siammo entrati con la maggior facilità e felicità che si potesse giamai desiderare; onde riconoscendo l'inganno del nemico infernale in procurar di disturbare la nostra

Missione in Spagna, con tanti mezzi, facendo parer impossibile la entrata, etc., non cessammo di dar gratia à S. D. Maestà, che si fosse degnata fauorire la nostra buona intentione in proseguir auanti il uiaggio.

Il nostro P. Prefetto Buonauentura de Alessano già tre mesi sono passò à meglior uita, et hà lasciato in suo luogo il P. Gianuario da Nola, della Prouincia di Napoli, Padre di molto spirito, e molto dotto, che in sua Prouincia fu Diffinitore, e Lettore di Teologia; pertanto si supplica per la conferma, se però pare espediente all' Eminenze loro; alle quali per fine humilissimamente inchinandomele, le auguro dal Cielo il compimento d'ogno uera felicità. //

Pinda, 4 di Luglio 1651.

Delle Eminenze Vostre

Humilissimo e Deuotissimo Seruo nel Signor.

Fra Gio. Francesco da Roma.

Sacra Congregatione de Propaganda Fide.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 165-165v e 178-179.

19

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(12-7-1651)

SUMÁRIO — *Pede ajuda de custo conveniente o Deão da Sé do Congo, para passar a Angola com seus criados — Dá-se-lhes viagem gratuita nos navios do Estado.*

†

Senhor

O Doctor Ioaõ Leitaõ de Aguiar, fes petiçaõ a V. Magestade neste Conselho, em que diz, que V. Magestade lhe fes merçê da dignidade de Deaõ da See do Saluador dos Reinos de Congo, e Angola, (como consta da Carta que offereçeo) e porque anda nesta Corte há mais de tres annos, em requerimentos, em que gastou muito, e o que lhe restaua no Rio de Janeiro (donde hé natural) perdeo no anno passado, nos nauios da frota, que tomaraõ os Ingrezes do Parlamento, deixando o muito impossebilitado para se aprestar do neçessario, e poder passar com a desçençia que conuem, uisto estar de partida para o dito Reino, a seruir a dita dignidade, em que espera fazer muitos seruiços a Deus, e a V. Magestade naquella Christandade.

Pede a V. Magestade que hauendo respeito a tudo o que allega, e á dilaçaõ da jornada, lhe faça merçê mandar que se lhe dê de ajuda de custo o que pareçer conueniête para sua pessoa, e dous pagens, e os mantimentos neçessarios, com que possa passar comodamente./.

Com a petiçaõ referida prezentou o dito Joaõ Leitaõ a carta que nella acuza (1), porque consta fazer lhe V. Magestade

---

(1) Carta de 17-5-1650. — ATT — *Chancelaria da Ordem de Cristo*, liv. 31, fl. 251.

merçê da dignidade de Deaõ da See de Congo, do Reino de Angola./.

Ao Conselho pareçeo que por naõ hauer exemplo do que pede Ioaõ Leitaõ de Aguiar, e V. Magestade ter mandado que se lhe naõ consultem ajudas de custo, saluo com expresso mandado seu; a merçê que será justo que V. Magestade lhe faça por ser Saçerdote, e pobre, deue ser mandar que a elle, e aos criados que leuar em nauio de V. Magestade se lhes dê raçaõ ordinaria, e isto pela via a que tocca. //

Em Lisboa a 12 de Iulho de 651./

aa) O Conde de Odemjra // Fr.co de Uascõçellos da Cunha // Joaõ Delgado Figueira // Phelippe de Moura // Diogo Lobo Pereira.

Foi uoto o Conde de Odemira, Presidente.

[*Despacho à margem*]: Assi se auisa ao Conselho da Fazenda. Alcantara 18 de julho de 651./

(Rubrica de el-Rei)

AHU — *Angola*, cx. 3. — Cód. 278, fl. 395.

20

REQUERIMENTO DOS CAPUCHINHOS ITALIANOS

(13-7-1651)

SUMÁRIO — *Pedem a D. João IV que passe um decreto em virtude do qual tenham livre passagem por Lisboa os missionários mandados ao Congo pela Propaganda Fide, donde iriam em direitura apresentar-se ao Governador de Angola.*

†

Senhor

Frey Jaçintho de Vetralla, Capuchinho Italiano, nouamente eleito, e distinado da Sagrada Congregaçaõ de propaganda fide, para Prefeito da Missaõ de Congo, e frey Boaventura de Sorrento, Capuchinho, da mesma ordem, que no anno passado, sendo mandado a V. Magestade da parte do Rey de Congo, e Salvador Correa de Saa, e de todos os Missionarios, que morauaõ naquele Reino, fallou, e apresentou a V. Magestade dous memoriaes, e sem esperar re[s]posta se foi a Roma, para chegar ao Capitulo geral, agora fazem a saber a V. Magestade, como a Sagrada Congregaçaõ, sendo distintamente do mesmo frey Boaventura informada, do estado daquela Missaõ, com apresentar o traslado das Capitulaçoẽs de pazes, feitas entre o Gouernador de Angolla, e o Rey de Congo; por respeito dos interesses dessa Coroa a mesma Sagrada Congregaçaõ naõ somente sospendeo, e impedio a consagraçaõ de hum nouo Bispo, que com titulo *in partibus* se procuraua metes[s]e por entretanto, ao gouerno da Jgreja de Congo, p[e]lo caminho de Castella, naõ obstante o breue despachado já muito tempo dantes à petiçaõ do Cardeal Albernochi (1), que entaõ tinha lugar de Embaixador de Espanha, e

(1) Gil Carrillo Albornoz.

tambem ás instançias feitas por o nouo Embaixador, por ordem do seu Rey. //

Demais logo foraõ despachadas Cartas, assy da Sagrada Congregaçaõ, como dos Superiores da Religião, para fazer tornar em Itália algũs Religiosos Missionarios Italianos, que dous annos antes, estando Angolla pelos olandezes, eraõ mandados a Congo por Seuilha, e ainda estauaõ em Castella, com vontade de os fazer despoes passar por esse Porto de Lisboa; mas porque quando chegaraõ as Cartas, com as orde[n]s estaua prestes todo o neçessario para embarcaçaõ, foraõ por lá. Comtudo para que ao diante nunca mais os Missionarios de Congo hajaõ de passar, nem ter algũa dependençia de Castella, mas sómente da desta Coroa, conformandose com as capitulaçoẽs feitas do Gouernador de Angolla, em ordem á passagem dos ditos Missionarios, e muito mais na Carta que V. Magestade por sua conheçida piedade escreueo ao P.e Nuno da Cunha em Roma, offereçendo e conçedendo, por sua benignidade, a passagem aos Missionarios, com algũas condiçoẽs, por este porto: por isto em huã Congregaçaõ particular de tres Cardeaes, conuem a saber, Capon (2), Este (3), e Pallotto (4), muy amigos de V. Magestade, aos quaes de toda a Congregaçaõ era remettido o despacho para a Missaõ de Congo, foi decretado, e elegido por Prefeito o dito frey Jaçintho de Vetralla, e mandado passar por Lisboa, para que beijando a maõ de V. Magestade reçeba suas orde[n]s, que for seruido darlhe; e tambem mãdaõ o dito frey Boauentura de Sorrento, para que tomando a re[s]posta dos dous memoriaẽs, que apresentou a V. Magestade da parte do Rey de Congo, dos Missionarios que ficauaõ em Congo, todos juntos, com outros dous Irmaõs seus Companheiros, supplicando humildemente,

---

(2) Aloysi Capponi, florentino.
(3) Raynaldo d'Este, criado por Urbano VIII, em 16-12-1641.
(4) João Baptista Pallotti, criado por Urbano VIII, em 19-11-1629.

Pedem que V. Magestade seja seruido darlhes liure passagem, e mandar passar hũ Decreto, de como hé seruido, e há por bem que todos os Missionarios Capuchinhos, mandados da dita Congregaçaõ de propaganda fide, naõ sendo Castelhanos, possaõ liuremente uir a este Porto de Lisboa para hirem dali em direitura a Angolla, para daly passar[em] a Congo, presentandose neste Reino a V. Magestade, e no de Angolla a seu Gouernador, por ser çerto de quantos e quaes saõ os Missionarios que passaõ ao dito Reino de Congo, a tratar do acreçentamento da fee Catholica; asegurando a V. Magestade, que procuraraõ com a Sagrada Congregaçaõ, que assy das condiçoẽs, e qualidades dos Missionarios, que o despacharaõ para o diante, como de outro seu negoçio, lhe seja dada toda a satisfaçaõ (5) possiuel; cooperando tambem que todos os Missionarios, que de prezente se achaõ no Reino de Congo, alem do seruiço de Deus, seja procurada com todos aqueles Pouos, e fidalgos, huã imperturbauel correspondençia, e amisade com esta Coroa, e de toda a numerosa Religiaõ dos Capuchinhos, por agradeçimento de sua grande piedade, e se rogará a Deus p[e]la filiçe prosperidade de V. Magestade, e de toda a Real Caza.

E.R.M.

[Fra Jaçintho da Vetralla]

[Fra Boauentura da Sorrento]

AHU — *Angola*, cx. 3.

---

(5) No original: assatisfação.

21

CARTA DO PADRE JACINTO DE VETRALLA AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA FIDE

(14-7-1651)

SUMÁRIO — *Despojado pela pirataria inglesa, pede cópia dos documentos perdidos — Boas disposições da Corte portuguesa para com os missionários da Propaganda — Largada de seis navios para Angola com o novo Governador.*

Illustrissimo e Reuerendissimo Signore

Ancorche io tema di diuenirli (nell'interrompere con replicate e renouate istanze, li molti e graui suoi negotij) troppo molesto et importuno, contutto ciò, stimando minor errore il darli occasione d'accusar il mio souerchio ardire, che il tralasciare l'essecutione del mio debito e proprio ministerio, non deuo astenermi dal farli per una parte noto il luogo oue mi ritrouo, acciò uolendosi compiacere d'essercitare quell'autorità che sopra di me tiene, sappia doue indrizzare i suoi commandamenti; et in qual stato mi ritroui, acciò col suo fauore e solita clemenza me ne possa solleuare. //

Il luogo oue mi ritrouo è la città e porto di Lisbona, oue con il diuino agiuto, doppo una lunga et noiosa nauigatione di 55 giorni, giunsi alli 20 del passato; ma con non poca afflittione, per essermi conuenuto accostarmi à questa Corte qual' auuocato senza scritture; poiche essendo stata pigliata la naue, sopra di cui ueniuamo, da 5 naui inglese, uenni à far perdita della mia taschetta in cui, assieme col mio Quadragesimale et altre cose, più importanti, conseruauo tutte le lettere e scritture che erano in riguardo della Missione e proprio ministerio. //

Siche se dalla benigna protettione di V. S. Ill.^{ma} con rinouate copie, non ne uengo soccorso, potrò disporre la materia, ma

difficilissimamente dar l'ultima perfettione al negotio, che deuo qui trattare. Di già habbiamo dato col P. Bonauentura principio, con informare li ministri, quali tutti habbiamo trouati ben' affetti e molto procliui a darci sodisfattione; e finalmente hoggi per apũto habbiamo hauuto ingresso da S. Maestà, quale s'è compiaciuta darci benignissima audienza, et sò s'è mostrato tutto pietà; siche nõ possiamo senon sperarne buon esito, mentre si scorge che tanto da ministri, quanto dal medesimo Rè, si danno segni di allegrezza, che i Missionarij delle Conquiste di questo Regno faccino ricorso à questo posto, essendo spediti da cotesta S. Congregatione. //

Pertanto, con ogni possibile affetto di deuotione, la supplico à non uoler sdegnare il compatirmi, con somministrarmi con le bramate copie, che dal M. R. P. Procuratore li saranno per mia parte ricercate, il necessario aiuto, acciò possa, mediate quelle, conseguire il fine delli pij intenti per li quali son stato destinato in queste parti; tanto più, che per mezzo settembre ui sarà commodità di 6 naui, che uanno in dirittura per il Congo, conducendo il nouo Gouernator d'Angola (1), et altre due, che andaranno di conserua per l'Isola di S. Thomè, che stà sotto la linea; et io, se fosse possibile, nõ mi uorrei perdere si bella occasione.

Circa l'altro negotio che m'insinuò V. S. Ill.ma, son stato consigliato à nõ parlare per hora, perche nõ intorbidasse le menti de' ministri, ma all'occurrenze nõ mancarò d'esplorarne il lor beneplacito, e riportarne si sarà possibile il consenso; ma per quãto scorgo e mi uene significato, sarà molto difficoltoso; con tutto ciò io mi sforzarò di corrispondere alli pij desiderij di giouare all'anime di V. S. Ill.ma, à cui per fine augurando, come desidero e prego il colmo d'ogni uera felicità, bacio cõ profonda reuerenza le sacre uesti. //

Di Lisbona, li 14 di Luglio 1651.

---

(1) Rodrigo de Miranda Henriques, nomeado por carta de 27-2-1651, chegou a Luanda em 2-3-1652.

Di V. S. Ill.ma e Reuerendissima, à cui deuo aggiungere, che di già in questa Corte son state fatte istanze per il Vescouado del Congo, à fauore del Verusio da S. E.ma di Roma, ma non stimo che sia per hauerne effetto.

Deuotissimo Seruo in Christo

F. Giacinto da Vetralla, Capuccino Indigno
Prefetto della Missione del Congo

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 166-166v.

22

CARTA DOS MORADORES DE MASSANGANO A EL-REI D. JOÃO IV

(18-7-1651)

SUMÁRIO — *Pedem licença para fazerem um Recolhimento aos Capuchinhos para educação de seus filhos.*

†

Senhor.

Hé tam exemplar, e tam vtil a dotrina dos Padres Capuchinos missionários de Roma, que a este e ao Reyno de Congo vieraõ, que nos exçita a piedade christã, a primeyro pedirmos a V. Magestade a consolaçaõ spiritual que o premio dos trabalhos sofridos, com a prouaçam e deuida fidelidade, em o tempo de nossas calamidades, porque como cremos firmemente que estes nos sobreuieraõ por nossos pecados, queremos ver, se por mêo de tam deuotos rogadores, podemos conseruar a V. Magestade este seu Reyno; aonde temos nossos domiçilios, e viuendas. //

Na cidade de Sam Paulo de Asumpçaõ estaõ em hũ Recolhimento, que o Gouernador Saluador Correa de Sá e Benauides lhe fabricou, dous destes Religiosos, dos de Congo. Agora pedimos, os moradores da Villa da Victoria Prezidio de Masangano, permiçaõ para asistirem com nosco tres ou quatro desta Ordem, aos quais queremos fazer hũ pobre Recolhimento, (porquanto por estas partes naõ consentem se lhe fabriquem conuentos, substentando os de nossas esmollas em ordem à criaçaõ virtuoza de nossos filhos, e familias, e doctrina de nossos escrauos, que affirmamos a V. Magestade que como entre nós há muitos, naõ podemos por nosas pessoas, instruillos nos exerçiçios catholicos,

a que somos obrigados, para legitimamente os podermos pesuhir e pereçem suas almas do bem que estes Religiosos lhes podem adquirir. //

V. Magestade seja seruido, asy por seruiço de Deos, como por fauorecer a estes seus fidilissimos vassallos, conçedernos a merçê que pedimos, consignandonos esta permiçaõ direitamente a esta villa, e prezidio, e ficaremos certos de que se lembra V. Magestade inda que tam distantes, dos que soubemos derramar com alegre constancia o sangue, em o conheçimento de termos a V. Magestade por nosso Rej e senhor, cuja vida nos guarde Deos con todas as feliçidades que sabemos, e podemos dezejar.

Villa da Victoria, Prezidio de Massangano, 18 de Julho de 1651.

aa) O P.e Bertolameo dAraujo / Pedro Barejros / O Conego Philippe de Lima / João Pilarte / Antonio de Almeida / Domingos Borges / Domingos...(?)... / O P.e Joaõ Mendes Coutto / Thomaz Roiz da Silua / M. Francisco Coelho de Azeuedo / Antonio de Figueiredo Rocha / A. de Mattos / Antonio d'Oliueira de Cadornega / O P.e André Fernandez Maqua / O Uigairo Francisco da Cunha / Joaõ Dias Botelho / Manuel Gomes Mouzinho / Vicente Pirez Delgado / Pedro Pegoado / Esteuaõ Pereira / M. Jorge da Silua / M. Joaõ Rabello / Manuel Soares Taco / Antonio Alfaia Ferreira / Francisco Lopes Moutta / Gaspar Roïz / Affonso de Matos / Simão de Mattos da Sera / Fulgensio Rojz / Nicolau de Oliueira / M.el Uieira / Antonio Lopes / A. M.el Tauares / Francisco de Moura Pereira / Gregorio de Souza / Dioguo Nunes / Manuel Nunes da Costa / Manuel da Costa / Antonio Nunes da Costa / Pedro de Souza Gancizo / Jozeph dAraujo / Lojs Eannes / Philippe de Carualho / Jeronimo Lopes Teixeira.

BAL — Cód. 51-IX-6, fl. 226.

23

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(27-7-1651)

SUMÁRIO — *Capitulações de paz com o Reino do Congo e petição de Fr. Boaventura de Sorrento, missionário capuchinho.*

†

Senhor

Por Decreto rubricado da Real maõ de V. Magestade de 13 do prezente, manda V. Magestade remeter a este Conselho, huã petiçaõ de Frey Boauentura de Sorrento, Capuchinho Italiano, e que com a carta de ElRey de Congo e capitulações que com elle fez Saluador Correa de Saa, se consulte a V. Magestade o que parecer; e sendo tudo visto, e considerado com a atençaõ que o negocio pede.

Pareceo ao Conselho, que os Capitulos das pazes, se deuem confirmar com a moderaçaõ e reforma de alguũs artigos, dos quaẽs vay copia com a consulta.

Ao segundo, que se admitaõ os Capuchinhos á pregaçaõ do santo Euangelho no Reino de Congo, cõ declaraçaõ, que sua viagem para elle, seja por este Reino de Portugal, em direitura ao de Angolla, e que os Missionarios, naõ seraõ Castelhanos, nem naturaẽs de Reinos e estados sogeitos a Castella, nem filhos das Prouincias delles. E esta escolha será facil pela sua Religiaõ ser taõ numeroza como frey Boauentura confessa no fim de hum papel junto a esta consulta, que offereçeo.

Ao terceiro, que sendo possiuel, seja o numero çerto do socorro que os Portuguezes pedirem a ElRey de Congo, e que dê todo o que puder conforme à nossa necessidade, e estado de seu Reino.

Ao 4.º Pareçe que pelo respeito deuido ao mesmo Rey, quando naõ seja filho seu o que haja de assistir em Angolla, naõ hade ser hũ só dos Gouernadores de seu Reino, mas dous, ou tres.

Ao sexto na forma contratada, regulandose pelo estado d'Angolla, e reçeo que ouuer de inimigos.

Ao setimo, que se obserue, com declaraçaõ, que conçinta quaẽs quer nauios que leuarem nosso passaporte.

Ao 9.º, que se obserue, mas com toda a moderaçaõ e brandura possiuel, por que naõ haja escandalo, nem mostra de cobiça, que nos uay muito mais na boa pax, e amizade de futuro, que na satisfaçaõ de perdas e dannos passados.

Os mais Capitulos, ainda que a materia de pazes hé toda do Conselho d'Estado, entende o Conselho que se poderaõ guardar, na forma em que estaõ.

E em particular se deue encomendar ao gouernador Rodrigo de Miranda, que agora uay, mande informaçaõ do que há sobre a Ilha de que a carta d'ElRey de Congo trata, e da importançia della, para o que leuará copia da ditta Carta.

E que outrosỹ conuem muito, por bons meyos, hir tirando daquellas partes os filhos que os olandezes aly deixaraõ, e os mistiços delles, e ter amizade e pax com os negros, athé pôr aquelle Reino em tal deffensa, que possamos com as armas conseguir o que agora conuem por pontos brandos, para ter a guerra preta (1) com fidelidade e çerteza.

E quanto á petiçaõ de Frej Boauentura, naõ se duuida, que esta materia da pregaçaõ do Santo Euangelho, sempre V. Magestade á imitaçaõ dos senhores Reis, seus predecessores, a deue fauoreçer, com o mesmo calor e zello, com que elles o fizeraõ; mas porque muitas vezes, debaixo de muy sanctos pretextos, se podem enuoluer couzas que naõ estejaõ bem a o Estado deste Reino; parece ao Conselho que V. Magestade deue remeter

---

(1) Gente de guerra indígena, encorporada nas tropas portuguesas.

este Religioso, (como lhe pede) a algum Ministro de tanta experiençia, e astuçia, que ouuido elle, pois hé pessoa que já andou naquellas partes de Angolla e Congo, e vassallo d'ElRey de Castella, lhe penetre sua tençaõ, e intentos, e do que delle coligir, faça relaçaõ a V. Magestade, que será seruido concederlhe tudo o que for justificado ao fim da pregaçaõ do Euangelho; e no mais, mandallo satisfazer cõ boas rasoẽs, sabendosse primeiro do D.^{or} Pero Fernandez Monteiro, se acerca de sua pessoa tem alguã duuida a elle tornar a Congo, visto ser exceituado por seu nascimento, na rezoluçaõ que V. Magestade foy seruido tomar nesta materia, em que tambem pareçe que conuirá ascentar com o seu Prelado, numero çerto dos Religiosos que lá haõ de passar.

Em Lisboa a 27 de Julho de 651.

aa) O Conde de Odmjra // Joaõ Delgado Figueira // Phelippe de Moura // Diogo Lobo Pereira //

[*Despacho à margem*]: Como pareçe, quanto ás qualidades dos missionarios que se deuem admitir e porque sou informado que foraõ muitos por Seuilha e deuiaõ tomar Pinda ou outro porto del Rey de Congo, se lhe pedirá comprimento do que nesta parte se capitulou nas pases, escreuendosse assim ao gouernador e que procure que os que para laa saõ partidos ou forem ao diante, se tornem em todo o caso a embarcar.

Quanto ao 3.º artigo das pases saibasse a resaõ que ouue para o gouernador negar socorro contra o Conde de Sonho e naõ sendo muito iustificada se conceda contra elle asim como contra os maes uassalos rebeldes de elRey. //

O 4.º artigo se tire de todo. No 7.º, asim como se capitulou. No 8.º hey por bem seiaõ incluidos na pas os tres fidalgos que tomaraõ armas contra os de Masangano. No 9.º se diga que elRey será obrigado a restituir os danos de que foe causa, mas naõ os outros, phicando aos portug[u]eses damnificados o direito de pidir cada um suas perdas, a quem e pellos meios que lhe pareçer. No 10.º se guarde o que se usaua antes

da restauraçaõ de Angola. No 11.º procurese por boa amisade que elRey de Congo conçeda sitio para mandar fundar uma fortaleza na boca do rio Zayre. O 12.º se tire de todo. O 13.º se guarde tee ás palauras *e naõ querendo ou faltando se lhe romperá a guerra.* O 14.º se tire de todo e tudo o que de antes era de elRey se lhe resstitua, particularmente a Jlha iunto a Loanda, em que se criaõ caracoes, dinheiro daquella gente. //

No maes como pareçe, e se encomende muito ao gouernador a facil expediçaõ dos despachos delRey que chegarem a Loanda; e porque elRey de Congo naõ hé uassalo desta coroa, senaõ irmaõ em armas dos reys della, e naõ hé iusto capitular com elle conforme ao poder, senaõ á resaõ e iustiça, e poderá ser que a tenha elRey em muitas uexasoẽs que recebeo de meos gouernadores e uassalos, restrinjo a capitulaçaõ das pases, na forma referida nella se faça a confirmaçaõ. //

Sou informado que os clerigos de Congo tem duuidas, com os missionarios apostolicos em danno de suas missoẽs e deseruiço de Deus N. Senhor; encomendesse muito particularmente ao gouernador os commponha nestas duuidas, de maneira que cessem de todo e que os missionarios possaõ liuremente fazer sua obrigaçaõ. Lisboa, a 15 de Setembro de 651. //

(Rubrica de el-Rei)

AHU — *Angola*, cx. 3. — Cód. 14, fls. 327v-328v.

NOTA — A consulta de 27 de Julho foi provocada pelo documento que segue:

Senhor

O Padre frei Boaventura de Sorrento, Capuchinho, que foi mandado a V. Magestade [da parte] do Rey do Congo por (2) a confirmação das capitulações das pazes que fez cõ o Gouernador de Angola, Saluador Correa,

---

(2) Leia-se: para.

de Saa, não podendo cõ escripto decrarar (3) cõ breuidade as cousas de Reyno de negros, sem ajuda das palabras. Podem supplica a V. Magestade a fazerlhe mercê de remittir este negocio a algua pessoa pratica nas cousas de stado, por (1) que a possa (4) emformar ao melhor modo que se poderá, por (1) relatar tudo a V. Magetade e a Conselho sem enfado, e com mais facilidade de V. Magestade, que Deus goarde e cõceda largos annos de prosperidade.

[*Despacho*]:

Vejasse no conselho ultramarino huma carta que a elle mandey remeter auerá dous annos, de ElRey de Congo. E com a capitulação que com elle fez Saluador Correa de Sá se me consulte o que parecer.

Em Alcantara, a 13 de Julho de 1651.

Rei.

AHU — *Angola*, cx. 3.

Tratando do problema dos Capuchinhos, fez o Conselho Ultramarino a seguinte consulta, em referência à de 27 de Julho:

Senhor

Na forma da rezoluçaõ que V. Magestade foi seruido tomar na consulta incluza da data de 27 de Julho passado, sobre a capitulaçaõ da pas com ElRey de Congo, e asistençia em seu Reyno, e no de Angola dos Capuchinhos Jtalianos, se fes a carta e prouizaõ que se imuiaõ a V. Magestade para as asinar sendo seruido, e porque o ultimo ponto da dita consulta, sobre a deligençia que pareçeo se deuia fazer com Frey Boauentura, uem por deçidir, e elle fas instançia pella rezoluçaõ para se poder embarcar,

Pareçeo tornar a imuiar a V. Magestade a mesma consulta e iuntamente a carta original delRey de Congo, para V. Magestade mandar considerar, se será rezaõ mandarlhe responder a ella como a Rey Jrmaõ em Armas que hé de V. Magestade. Em Lisboa, a 19 de Setembro de 651.

aa) O Conde de Odemyra / Francisco de Uascõcellos da Cunha / Diogo Lobo Pereira.

[*Despacho à margem*]: Pellas copias dos despachos que seraõ com esta consulta entenderá o Conselho a forma em que os mandei expedir. O aluará de licença para os missionarios naõ assinado, e se deixe passar Fr. Boauentura. Lisboa, a 22 de Setembro de 651.

(Rubrica de el-Rei)

AHU — *Angola*, cx. 3. — Cód. 14, fl. 341.

---

(3) No texto: decrar.

(4) No texto: poda.

24

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(9-8-1651)

SUMÁRIO — *Parecer acerca do comércio de escravos de Angola e particularmente do comércio de negros para as Indias de Castela, devendo proteger-se os engenhos do estado do Brasil.*

Satisfazendo ao que V. Magestade manda, pareçe ao Conselho que V. Magestade naõ deue conceder geralmente a licença de que Rodrigo de Miranda trata, nem ainda na forma da prouisaõ inclusa, pera que os nauios possaõ partir de Cacheu ao Cabo Verde e isto por duas resoẽs.

A primeira, a saca de negros pera Jndias inposebelita e incarese o prouimento dos negros pera o Brasil (enquanto naõ tiuer os bastantes) e a abun[dan]cia delles naõ hé tanta em Angolla que naõ deixase a nao de Gaspar Dias de hir a Jndias, por falta de tantos negros como hauia mister, e ainda que se diga que lhe faltou hũ pataxo que leuaua pera comerciar pello Rio, foi esta resaõ corada, e a outra mais forsosa.

A segunda, por ser certo que isto hé mais negociaçaõ particular que geral, e assy parece que estas licenças as dê V. Magestade nesta cidade, com um donatiuo pera a guerra, e naquelles portos da mesma maneira; com este respeito, que os nauios de dusentas tonelladas dê dous mil cruzados e os dahy pera baixo seis centos mil reis, os de quatrocentas tonelladas e dahy pera sima quatro mil cruzados.

E quando se diga que os retornos de Jndias uem com deficuldade nestes Reynos, sempre V. Magestade quando naõ uenhaõ fica logrando o donatiuo, que se deu de antemaõ, a majoria dos direitos, que saõ sete mil reis por cada escrauo, quatro mil reis

mais que os que se nauegaõ pera as comquistas destes Reynos, de que se pagaõ somente tres.

E naõ hé isto nouo, senaõ cousa que muitas uezes ofereceraõ mercadores ao Conde de Odemira, Presidente, como elle o referio, e se lembra de que dauaõ grandes quantias por estas licenças, e entende as verá V. Magestade facilmente introduzidas, sendo seruido de admetir o uso dellas.

E no que toca ao comercio com castelhanos, pareçe que os nauios que uierem em dereitura de Jndias ao Porto de Angolla, seyaõ premetidos, porque sempre trazem patacas pera a saca e pagaõ grandes direitos della, mas naõ os que forem de Hespanha a buscar negros sem tocarem primeiro Jndias, porque pera a compra delles naõ leua[õ] patacas senão fazendas, com que de nicissidade abarataraõ as que forem deste Reyno e tambem tem o risco de hirem de parte mais suspeitosa, alem de que se se admitirem hũs e outros nauios uiraõ a faltar os escrauos necessarios pera os engenhos do Brasil.

E sobretudo pareçe que sempre se hade euitar quanto for posiuel o comercio de Castella em dereitura pera aquellas partes, por Angolla ser praça taõ nessessaria pera nosa comceruaçaõ dos comercios e fazendas do estado do Brasil, como desejada de Castelhanos, pera contenuarem as suas minas nas Jndias e do trato ordinario naquelle porto, se lhe for premetido poder resultar tal amizade com algũs nossos cobiçosos mais que leaẽs, que naõ possa V. Magestade euitar o perigo que daqui pode resultar, a que se naõ deue expor aquella Praça por nenhũ interesse. E com o referido emtende o Conselho se satisfaz ao que V. Magestade mandou se lhe disese. //

Lisboa a 9 de Agosto de 651.

O Conde / Vasconcellos / Figueira / Moura / Pereira.

BNL — *CP*, Cód. 738, fls. 436-436v.

25

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(12-8-1651)

SUMÁRIO — *Que se conceda aos Capuchinhos, por serem de muito exemplo, irem por esta vez missionar na ilha de S. Tomé, apesar de serem franceses e da lei geral do reino.*

Senhor

Por decreto publicado da real maõ de V. Magestade de 8 do prezente, manda V. Magestade que se ueja e consulte logo neste Conselho (naõ hauendo ordem em contrario) huma petiçaõ dos padres capuchinhos francezes, na qual dizem que elles e seus companheiros seruem a Deos e a V. Magestade nas missoẽs de Guiné, Brazil e Ilha de Saõ Thomé, nas quaes faleceraõ já nove Relegiosos, na continuaçaõ do exercio da saluaçaõ das almas e administraçaõ dos sacramentos, e que ganhando os olandezes a dita Ilha, aonde estauaõ continuando no mesmo exercicio e onde já moraraõ por duas vezes, mataraõ a hum dos ditos Religiosos, e levaraõ os demais prezos a Pernambuco, aonde ainda estaõ (1), e porque na mesma Ilha e outras adjacentes ha grande necessidade de assistirem nella os ditos Religiosos para consolaçaõ de seus moradores.

Pedem a V. Magestade lhes faça mercê conçeder licença para que possaõ mandar á dita Ilha alguns Religiosos em companhia do gouernador Christouaõ de Barros Rego, no que

---

(1) Referência a Frei Colombino de Nantes, Frei Bernardo de Mayenne, Frei Angélico de Nantes, Frei Samuel de Campbon, Frei Miguel de Fresnay, Frei Cirilo de Ancenis, Frei Epifânio de Alençon e Frei Paulo de Clisson. Cfr. Francisco Leite de Faria, in *Os Barbadinhos Franceses e a Restauração Pernambucana*, em *Brasilia*, vol. IX (1954), p. 9 da Separata, que publica também o presente documento, p. 82.

V. Magestade fará grande seruiço a Deos e ás almas, que por meo dos ditos Religiosos se saluarem, rogaraõ a Deos pella saude de V. Magestade e pello augmento de sua real coroa.

Ao Conselho pareceo dizer a V. Magestade que a ordem que há em contrario deste requerimento hé geral para ás conquistas destes Reinos, naõ hirem nem residirem nellas estrangeiros, e que na tal ordem se tem dispensado nos tempos passados e proximos por muitas uezes, com os Carmelitas descalços na India e com os Religiosos Theatinos e com estes mesmos Capuchinhos para Angola e Pernambuco, posto que em numero de poucos e por aquella uez.

E tambem parece que por estes Religiosos serem de muy bom exemplo e de muita vertude e que professaõ grande pobresa sem adquirir cousa alguma, e a Ilha de Saõ Thomé taõ doentia e arriscada que naõ há Religiosos nem sacerdotes naturaes (2) que queiraõ hir fazer o que estes Religiosos offerecem com bom e uirtuoso animo, lhe deue V. Magestade conceder licença por esta ues, para que quatro Religiosos possaõ passar áquella missaõ de Saõ Thomé em companhia do gouernador. E despois, conforme ao que resultar de seus procedimentos, se uerá entaõ se conuem ampliarlhe a dita licença para mayor numero de Relegiosos e tambem para as Ilhas adjacentes.

Em Lisboa, a 12 de Agosto de 651.

aa) O Conde de Odemyra / Francisco de Vasconcellos da Cunha / João Delgado Figueira / Diogo Lobo Pereira.

Foi uoto Dom Phelipe de Moura.

[*A margem, ao princípio e ao alto*]: Como parece. Lisboa, a 14 de Agosto de 651.

[*Rubrica de D. João IV*].

AHU — *S. Tomé*, doc. 280; Códice 278, fl. 400.

---

(2) Por oposição a estrangeiros, portanto nacionais.

26

CARTA DA RAINHA ANA JINGA À PROPAGANDA FIDE

(15-8-1651)

SUMÁRIO — *Agradece terem-lhe enviado o Padre Frei António Romano e pede se lhe mandem outros missionários Capuchinhos para a evangelização do seu povo.*

O santo zello que as Vossas Eminencias tinha[m] da saude (1) de minha alma e da minha gente, em mandarnos o Padre Sacerdote Capucho Frey Antonio Romano, a pregarnos o Santo Euangelho de noso Senhor Jessu Christo, uerdadeiro Deus, me aperta de soıte, que lhes rendo as grassas que deuo, e confesso ser muito obrigada ás Senhorias Vossas por este fauor; porque agora temos conhesimento do uerdadeiro Deus que antes naõ auiamos, por isso ficauamos enganados na nossa idolatria, em poder do demonio: a piedade de Deus he grande pera com nós, que naõ meresendo a sua diuina mizerecordia por nossos graues pecados, contudo isso Elle nos está oferensendo por medio da uinda do P.e Capucho, que agora uiuo com pás nalma e quietasaõ do corpo; nosso Senhor Jessu Christo seja seruido que nós outros comrespondamos á grassa que nos está fazendo, pera que naõ meresamos castigo mayor por os nosos pecados. Se as Senhorias Vossas mandaraõ outros Religiosos Capuchos, os reçeberemos com boa vontade que no noso Reino hay muita

---

(1) Palavra decalcada sobre o italiano *salute*, salvação. O documento foi inspirado pelo Padre Romano e o seu conhecimento da língua portuguesa não deveria ser superior ao da própria Jinga.

gente pera tomar o Santo Bautismo. Deus consede ás Vossas [Eminencias] muitos annos de uida pera bem de nosas almas. //

Do nosso Reyno de Mantanba 15 de Agosto 1651.

Anna

R.ª Jinga D. Anna

†

APF — *SRCG*, vol. 250, fl. 293. — Original.

NOTA — Esta carta da Jinga foi lida em Conselho na congregação cardinalícia de 2 de Dezembro de 1659. Vem transcrita, em latim, nas *Acta*, vol. 28, fls. 243-243v.

O texto português está também, em tradução italiana, em *SRCG*, vol. 250, fl. 295v.

27

CAPUCHINHOS FRANCESES PARA S. TOMÉ

(18-8-1651)

SUMÁRIO — *El-Rei dá licença,* per modum actus, *a quatro Capuchinhos franceses, para irem missionar na ilha de S. Tomé, acompanhando o novo Governador.*

Ev ElRey faço saber aos que esta minha Prouisaõ virem, que por os Religiosos Capuchinhos Françezes, residentes nesta Cidade, me pedirem liçença para poderem enuiar a algũs dos mesmos Religiosos á Jlha de Samthomé, para seruirem nella a Deus nosso Senhor e a mỹ, na conuersaõ das almas daquelle gentio; respeitando ás razoẽs que me alegaraõ, e a serem Religiosos de vida exemplar, e de muita virtude, e que professaõ pobresa; hey por bem e me praz, conçederlhes licença para que por esta ves, possaõ mandar á dita Ilha, em companhia do gouernador Christouaõ de Barros Rego, quatro dos ditos Religiosos, para nella fazerem suas missoẽs em fauor daquella Christandade, e isto sem embargo das leis e ordẽs que há para que naõ possaõ hir estrangeiros ás Conquistas (1), em que por esta ves sou seruido dispensar. //

Pello que mando ao dito gouernador Christouaõ de Barros, e aos mais ministros a que tocar, deixem embarcar liuremente para a dita Ilha aos ditos quatro Religiosos e cumpram e guardem esta Prouisaõ inteiramente como nella se conthem, sem duuida alguã; e vallerá como Carta, sem embargo da ordenaçaõ do liuro 2.º, titulo 40, em contrario. //

---

(1) As razões que ditaram estas leis e ordens não se aplicavam aos franceses, que favoreciam a política nacional contra Castela.

Manoel de Oliueira a fes em Lisboa, a desoito de Agosto de seis çentos sincoenta e hum. O Secretario Marcos Roiz Tinoco a fes escreuer. //

Rey.

AHU — Cód. 92, fl. 169v.

NOTA — O governador Barros Rego pedia ajuda de custo para se embarcar para S. Tomé, que lhe foi dada por carta régia de 13 de Março de 1651 (AHU — Cód. 278, fl. 366v). Os missionários escolhidos foram: Frei Miguel Ângelo de Saint-Malo, Frei Felisberto de Guérande, Frei Felipe de Carhaix e um outro cujo nome se ignora. Cfr. F. Leite de Faria, in *Os Barbadinhos Franceses*, Coimbra, 1954, p. 51 da Separata de «Brasília» (vol. IX).

28

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(5-9-1651)

SUMÁRIO — *Falta de mantimento ao clero — Queixas severas contra o Governo — O estado da cleresia — Residência a tomar ao Governador quando for substituído — Advertência à Mesa da Consciência e Ordens.*

Por Decreto rubricado da real mão de V. Magestade, da data de 8 de Agosto passado, manda V. Magestade que neste Conselho se ueja o papel que com elle ueo incluso, e que com o segredo e cautella que conuem, se diga a V. Magestade o que pareçer sobre a matteria de que trata.

No papel referido se conthem, que por hauer desaseis annos que se não acode com o mantimento aos ecclesiasticos da Ilha de Sam Thomé, por mais instançias que sobre isso se tem feito, ao gouernador Lourenço Pirez de Tauora, que tambem serue de Prouedor da fazenda; estaõ todos pereçendo á fome, por o dito gouernador ter consumido em sy, não só todos os reditos da fazenda de V. Magestade, dos ditos desaseis annos, mas ainda consumido, e abrasado todo aquelle pouo, e que leuado de mao animo, que sempre teue, e tem á cleresia da dita Ilha, e do desejo de ter mando no Cabbido, aonde não há mais que noue saçerdotes, em que entrão seis Capitulares, se acomulou (1) com tres de sua fação, e com o poder de seu cargo, moueo aos tres Capitulares, a saber, o Arçediago Antonio da Silua Pinheiro, o qual lhe está muito obrigado, por lhe hauer de prezente a dignidade por V. Magestade, e o Conego Pero de Aguiar

(1) Uniu-se, conjurou-se.

Biscainho, e o Conego Rodrigo Lopes, que tambem de prezente lhe ouue a conesia, e juntamente obrigados de dadiuas e peitas, exbulharão aos outros tres, lançando os de seus beneficios, sem culpas nenhuãs, prendendo ao Conego Pero de Mattos, saçerdote muito honrado, e virtuoso, na masmorra da fortaleza, com asás afronta da justiça secular, que pello dito gouernador lhe foi mandado, e que ainda que o Vigairo geral pôs pena de excomunhaõ aos delinquentes sequases do dito gouernador, por culpas que tinha suas, se recolhessem presos a suas casas, lhe não obedeçerão, e os declarou, e assy declarados fizeraõ Cabido, e elegerão nouo Vigairo geral, sem o outro ser disposto (2), e ao nouo Capitular, por nome Marcos Pinhalosa, mandou o dito gouernador pôr em sua casa huã companhia de soldados, só a fim de o destruir, e molestar, não alembrando a desestrada morte que naquella Ilha sucedeo do Deão Francisco Pinheiro de Abreu, da qual o dito gouernador tambem se liurou, e o Vigairo geral por se não ar[r]iscar a outra tal, fica metido nos matos, arriscado ás calamidades da dita Ilha; //

Que este hé o estado em que fica o clero della, e que V. Magestade acuda com Vigairo geral a estes poderes, e ás desçençoẽs (3) daquelle Cabbido, mandandolhe huã pessoa que o gouerne, e não o fazendo V. Magestade assy, o que Deus não permita, se pode reçear muita perda nas almas dos fieis, e que em proua desta verdade se dá por testes a todos os homẽs portugueses, e françeses, que uierão no nauio que hora chegou da dita Ilha.

Ao Conselho pareçeo diser a V. Magestade, que em reposta de huã consulta que em dez (4) de Junho de 648 se fes a V. Magestade sobre queixas deste mesmo gouernador, rezoluer V. Magestade que tudo se guardasse pera sua residençia (5), e que com

---

(2) Leia-se: deposto.
(3) Leia-se: dissenções, desavenças.
(4) No original: des.
(5) Inquérito ou processo aos actos do seu governo.

ocasião do que depois escreuerão em abono, e fauor de seus proçedimentos, a Camara e Cabbido de Sam Thomé (que agora se queixa) se fes a V. Magestade por este Conselho, em 28 de Junho passado, a consulta que originalmente se enuia a V. Magestade com esta, com cujo pareçer V. Magestade se conformou.

E que por a materia destas nouas queixas ser de consideração, e a copia da carta referida, que V. Magestade com decreto seu, mandou remeter a este Conselho, não estar assinada por ninguẽ, podendo ser de pessoa desafeiçoada, ou sospeita. Pareçeo que o mais que agora se pode fazer (uisto e referido, e encontros que há nas informaçoẽs) será mandar V. Magestade encomendar muito particularmente ao gouernador que vay suçeder a Lourenço Pirez, e que está de partida, que em segredo tome todas as notiçias neçessarias de seus proçedimentos com o Cabbido, e informe a V. Magestade muy particularmente, para em sua residençia se tratar de tudo, e que entretanto deue V. Magestade tambem mandar á Mesa da Consçiençia (a que toca) que faça a informação que o papel aponta, em ordem a pello que constar delle se uer o que conforme aos sagrados Canones se pode fazer no prouimento do Vigairo geral, pera se proçeder conuenientemente. //

Lisboa, 5 de Setembro de 651. //

O Conde / Vasconcelos / Figueira / Pereira

[*À margem*]: Como parece e o Conselho faça logo a diligencia com o gouernador que uay, e eu mando á Mesa da Consiencia aduertir o que o Conselho aponta.

Lisboa, 24 de Setembro de 651. //

Rey.

AHU — Cód. 14, fls. 339-339v.

29

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(19-9-1651)

SUMÁRIO — *Capitulações com o Rei do Congo — Licença a Frei Boaventura de Sorrento para embarcar para o Congo — Carta do Rei do Congo e resposta a dar-lhe.*

Senhor

Na forma da rezoluçaõ que V. Magestade foi seruido tomar na consulta incluza, da data de 27 de Julho passado, sobre a capitulaçaõ da pas com ElRey de Congo, e asistençia em seu Reyno e no de Angola dos capuchinhos Jtalianos, se fes a carta e prouizaõ que se imuiaõ a V. Magestade para as asinar sendo seruido, e porque o ultimo ponto da dita consulta, sobre a deligencia que pareçeo se deuia fazer com Frey Boauentura, uem por deçidir, e elle fas instançia polla rezoluçaõ, para se poder embarcar.

Pareçeo tornar a imuiar a V. Magestade a mesma consulta e iuntamente a carta original delRey de Congo, para V. Magestade mandar considerar, se será rezaõ mandarlhe responder a ella como a Rey Jrmaõ em Armas que hé de V. Magestade. //

Em Lisboa a 19 de setembro de 651.

aa) O Conde de Odemjra / Francisco de Uascõçellos da Cunha / Diogo Lobo Pereira.

[*A margem: despacho*]: Pellas copias dos despachos que seraõ com esta consulta entenderá o conselho a forma em que os mandei expidir; o aluará de licença para os missionarios não assinado, e se deixe passar Fr. Boauentura. Lisboa, a 22 de Setembro de 651.

[*Rubrica de el-Rei*].

AHU — *Angola*, cx. 3.

30

PROVISÃO DE EL-REI DE PORTUGAL AOS CAPUCHINHOS ITALIANOS

(20-9-1651)

SUMÁRIO — *Derroga a lei geral, dando licença aos Capuchinhos das províncias de Itália, contanto que não súbditos de Castela e que embarcassem em Lisboa, para missionarem no reino do Congo.*

Eu ElRey, faço saber aos que esta minha prouizaõ uirem, que por ser imformado do fruto que no Reino de Congo fazem os Religiozos Capuchinhos das Prouincias de Italia, que há algũs annos rezidem nelle, e por me reprezentarẽ que dezeiam de continuar com aquella Missaõ, em siruisso de nosso Senhor e meo, e particularmente por satisfazerem a intercessaõ de ElRey Dom Garcia, Rey do mesmo Reino, meo Irmaõ, que mo mandou pedir com encarecimento. Hey por bem e me pras de conceder licença aos ditos Religiozos Capuchinhos para que possam ser admitidos e residir em todo o Reino de Congo, e continuarẽ e fazerẽ nelle suas missões liuremente e sem impedimento algũ, sem embargo de serẽ estrangeiros, e das prohibiçoẽs e leys passadas pera os tais estrangeiros, naõ poderẽ hir ás Comquistas destes meos Reinos (nas quais leys e prohibiçoẽs sou seruido despenssar por esta ues) e isto com tal declaraçaõ [que] seraõ obrigados a se uir embarcar no porto desta minha Corte e cidade de Lisboa, pera delle passarẽ a Angolla, e de outro porto o naõ poderaõ fazer. //

E que por a mesma uia seya a cummunicaçaõ que ouuerẽ de ter em Roma e com seos Superiores, e que nenhũ dos Religiozos que ouuerẽ de ir seya castilhano, nẽ natural dos Reinos ou Estados sogeitos a Castella, nẽ filhos das Prouincias dos mesmos Estados e Reinos, porque com esta comdiçaõ e declaraçaõ lhe concedo a dita licença. //

Pello que mando ao meu Gouernador do Reino de Angolla que hora hé e ao diante for, e a todos os ministros da justiça e g[u]erra que nelle residem, que cada hũ na parte que lhe tocar, cumpram e g[u]ardẽ esta prouizaõ muito imteiramente como nella se contẽ, e fauoreçam em todo e aiudem aos ditos Religiozos, porque assy o quero e mando, e que valha como carta, sem embargo da ordenasaõ do Livro 2.º titulo 40, em contrario; e pagará o nouo direito se o deuer. //

Antonio Ferraõ a fes em Lisboa, a vinte de Setembro de seis centos e sincoenta e hũ. O Secretario Marcos Rodrig[u]es Tinoco a fes escreuer. //

Rey.

O Conde de Odemira. //

Prouizaõ por que Vossa Magestade há por bem de conceder licença aos Religiozos Capuchinhos da prouincia *(sic)* de Italia, para que possam ser admittidos e residir em todo o Reino de Comgo e continuarem e fazerẽ nelle suas Missoẽs liuremente, sem impedimento algum, sem embargo de serem estrangeiros, e que se embarquẽ no porto desta cidade os que se ouuerẽ de imuniar ao dito Reino, e que nenhũ seia vassalo da Coroa de Castella, como nesta se declara, que ualerá como carta. Pera Vossa Magestade ver. //

Por resulluçaõ de Sua Magestade, quinze de Setembro de seiscentos e sincoenta e hũ, em consulta do Conselho Vltramarinho *(sic)*, [de] vinte e sete de Julho do mesmo anno. Naõ deue direitos nouos. Lisboa, vinte e sinco de Setembro de seis centos e cincoenta e hũ. Henrique Correa da Sylua. Registada nos Libros do Conselho Ultramarinho e a folhas cento e setenta e duas.

Marcos Rodrig[u]es Tinoco / Afonsso Furtado de Mendonça / Deam de Lisboa. //

Pagou nada. Lisboa, vinte e sinco de Setembro de seis centos e sincoenta e hũ annos.

[*Em outra letra*]: Joaõ Pinto. A qual Prouizaõ de sua magestade, eu Manoel Aluares da Palma, presbjtero, publico notario apostolico dos approuados, morador nesta cidade de Lisboa, fis tresladar bem e fielmente da propria, a que me reporto, que tornou a leuar o Padre Frej Jacinto de Betrala, relegiozo Capuchino, e de como a recebeo assinou. Em fee de que, este treslado sobescreui e cor[r]oborej de meo publico sinal. Em Lisboa aos uinte e sete de setembro de mil seiscentos e sincoenta e hum annos.

Concertada comigo
Notario Apostolico *(Sinal do Notário)*

Manoel Aluarez da Palma

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 185-185v. — Tradução literal italiana, a fls. 169, feita sobre o traslado notarial supra. — AHU — Cód. 92, fls. 172-172v

31

CARTA DE D. JOÃO IV AO REI DO CONGO

(22-9-1651)

SUMÁRIO — *Referência à ratificação da paz firmada com Salvador Correia de Sá e boa correspondência de Portugal com o Congo.*

Muito Nobre e Poderoso Rey de Congo, etc. Pello que uos dirá frey Boaventura de Sorrento, Capuchinho barbado, uosso Embaxador, e pella copia da aprouaçaõ e rataficaçaõ que fiz dos acordos de paz que ahy çelebrastes, com Saluador Correa de Saa Gouernador do Reino de Angola, entendereis a boa vontade, com que me despuz a dar satisfaçaõ a tudo o que da uossa parte se me reprezentou, esperando achar em uossa amizade, a constançia e lealdade que deueis a meu animo, e que uossos antepassados deuiaõ aos de meus progenitores, porque a naõ ser assy, bem sabeis os danos, que do contrario se podem seguir a uosso Reyno e vassallos, cuja boa correspondençia mando encomendar muito particularmente a meus Gouuernadores e ministros.

Muito Nobre e Poderoso Rey de Congo, que como jrmaõ muito amo, e preso. Nosso Senhor haja sempre uossa pessoa e real estado em sua santa guarda.

Escrita em Lisboa a 22 de Setembro 651 /.

EL Rey.

AHU — *Angola*, cx. 3. — Cópia. — ATT — Ms. 170 (Livraria), fl. 374. — Tradução italiana em APF. — *SRCG*, 249, fl. 170.

32

CARTA RÉGIA AO GOVERNADOR DE ANGOLA

(22-9-1651)

SUMÁRIO — *Paz com o Rei do Congo — Auxílio ao Rei contra o Conde de Sonho — Fortaleza a construir na foz do Zaire.*

Rodrigo de Miranda Henriques. Eu El Rey uos enuio muito saudar. Pella carta patente que será em companhia desta, entendereis a forma em que aprouey e ratafiquei a paz que Saluador Correa de Saá uosso anteçessor çelebrou com El Rey de Congo, meu jrmaõ em armas, de que aqui se deu huã copia a frei Boaventura de Sorrento, que me enuiou por Embaxador sobre esta materia, para que por ella, e pella re[s]posta da minha carta que fiz a El Rey, lhe seya presente quanto mais obra comigo a razaõ e o fauor que dezejo fazerlhe, que o poder e a conueniençia de meus Reynos. //

Ordenareis que na conformidade da minha carta passe El Rey outra carta patente de ratificaçaõ e confirmaçaõ assinada por elle, e por seus prinçipaẽs, e publicada ella em Congo, fareis publicar a minha carta na Çidade de Loanda, e mais lugares de Angola em que conuier, com trombetas e salua na forma costumada, e ao original que se uos dá com esta carta fareis entregar a El Rey, deixando o traslado no gouerno daquelle Reyno, e outro na Camara da Çidade de Loanda. /

Duas couzas uaõ nesta confirmaçaõ menos rezolutas do que conuinha, huã hé se se há de dar ou naõ a El Rey fauor contra o Conde de Sonho; e porque naõ tenho notiçia da razaõ que ouue para se lhe negar contra este vassallo, conçedendosse lhe contra os mais, vos informareis della, e sendo justa e tal que uos pareça se deue capitular naquella forma, o fareis, e quando

naõ conçedereis a El Rey o mesmo fauor contra este vassallo, que contra os mais. //

A 2.ª hé a fortaleza que dezejo fazer na boca do Rio Saire; obrigousse El Rey a conçederma, mas eu dezejo antes que ma conçeda por sua vontade, que por sua obrigaçaõ. Encomendouos que assy o procureis, apontando logo o lugar em que a fortaleza se há de fazer, e o distrito que há de ter, e de tudo se fará escretura em forma conueniente, de que me auisareis. //

Escrita em Lisboa, a 22 de Setembro de 1651.

AHU — *Angola*, cx. 3. Cópia.

Nota — Em carta régia para o Governador de Angola, da mesma data, é tratado o problema das dificuldades existentes entre os clérigos e os missionários do Congo.

Rodrigo de Miranda Henriquez. Eu El Rey uos enuio muito saudar. Fuy informado que os Clerigos de Congo tem duuida com os missionarios apostolicos, em dano de suas Missoẽs, e desseruiço de Deus Nosso Senhor. Encomendouos muito particularmente, que logo que chegardes a Angola tomeis notiçia desta materia, e procureis compor estas duuidas de maneira que çessem de todo, e que os missionarios possaõ liuremente fazer sua obrigaçaõ na forma de seu jnstituto, e do jntento com que passaõ a essas partes. Entre as cousas que me mandou pedir ElRey de Congo, foi huã dellas ordenasse a meus gouernadores dessem breue e façil expediçaõ aos auisos e despachos que por Loanda remetesse a este Reyno; tereis grande cuidado de o fazerdes assy. Escrita em Lisboa, a 22 de Setembro de 1651.

AHU — *Angola*, cx. 3. Cópia.

33

CARTA DE RATIFICAÇÃO E CONFIRMAÇÃO DAS CAPITULAÇÕES COM O REI DO CONGO

(22-9-1651)

SUMÁRIO — *D. João IV ratifica as capitulações de paz firmadas por Salvador Correia de Sá com o Rei do Congo Garcia II.*

Dom Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarues daquem, e dalem, mar em Africa, senhor de Guiné, e da Conquista, nauegaçaõ e comerçio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India etc., faço saber aos que esta minha carta de ratificaçaõ, e confirmaçaõ virem, que Saluador Correa de Saá, do meu Conselho de guerra, e do Vltramarino, Gouernador e capitam geral do Reino de Angola, fez em meu nome cõ el Rey de Congo, meu jrmaõ em Armas, huns acordos, e capitulaçaõ de paz, de que o traslado de verbo ad verbum hé o seguinte.

1

Que o Rey de Congo não permita que a Rayna Ginga, nem Castelhanos, nem Olandezes, morem ou passem por o Reyno, e uendo o logo auise.

2

Que a comonicação dos P.^{es} Capuchinhos que morão em Congo, com Roma, seja por Portugal, e Angola.

3

Que quando os Portuguezes pedirem ajuda ao Rey de Congo por fazer guerra a seus jnimigos, seja obrigado a darlha.

4

Que o Rey de Congo mande hum seu filho, ou dos mayores fidalgos, a morar em Angola.

5

Que em Angola more hum embaxador ordinario do Rey de Congo.

6

Promete o dito senhor Gouernador dar ajuda ao Rey de Congo quando algum vassallo se lhe leuantar, mas naõ contra o Conde de Sonho.

7

Naõ consinta o Rey de Congo, que em seus portos uenha nauio algum de inimigos de Portugal, particularmente de Castelhanos, e Olandezez, sem seu passaporte.

8

Que nas Capitulaçoẽs das pazes naõ sejam incluidos os tres fidalgos que foraõ peleijar em companhia dos Olandezes, contra os Portuguezes de Masangano.

9

Seja obrigado o Rey de Congo satisfazer a todos os danos [que] os Portuguezes tem padeçido despois de a chegada dos Olandezes no porto de Angola, assj na fazenda, como nos escrauos fogidos, e mortos, e por isto deposite mil quinhentas cargas de panos da terra, por satisfaçaõ do dito dano.

10

Que os mercadores Portuguezes que negocião dentro do Reyno de Congo naõ tenhaõ de pagar passagem de Rios na maneira que pagaõ todos os demais.

11

Seja obrigado o Rey do Congo a dar hum lugar na boca do Rio Zaire para fundar huã fortaleza, de baxo do mando dos Portuguezes, para que naõ entre nauio jnimigo.

12

Que o Rey de Congo dê á Coroa de Portugal, os montes nos quaes se diz que se achaõ as minas de ouro, e prata.

13

O Rey de Congo e seus principaẽs, com o Capitaõ Geral Duque de Bamba, jurão com toda a solemnidade de comprir as ditas condiçoẽs de paz, e naõ querendo, ou faltando da promessa, será espulso do Reyno, fazendo meter de propria authoridade, e poder com o fauor das armas do Reyno nosso senhor, hũa pessoa que sará da mesma casta e queira receber o Reyno, com declaração que este Rey feito cõ o fauor das nossas armas naõ poderá tornar a renouar condiçoẽs de paz, nem tomar posse do Reyno senão com fazerse tributario ao Rey de Portugal.

14

Que o Rey de Congo se deixa de todo o direito que em algũ tempo teue nas terras que ficaõ do Rio Dande para as partes de Sul, e ficará rezeruado, para o que S. Magestade que Deus

guarde quizer ordenar de nouo, por quanto foraõ ganhadas com suas armas, estando elle declarado inimigo nosso.

15

Se concede a suspensão das armas por dous meses, começando do dia no qual os embaxadores do Rey de Congo riçeberem as condiçoẽs para effeituar quanto está dito.

AHU — *Angola*, cx. 3.

NOTA — O documento é da letra do padre Fr. Boaventura de Sorrento; as pazes foram celebradas entre Fevereiro e Maio de 1649, visto os embaixadores do Rei do Congo terem chegado a Luanda a 19 de Fevereiro e já estarem feitas quando em Maio chegaram as cartas de D. João IV, a que se refere o documento de 28-7-1649.

34

PROVISÃO A FREI BOAVENTURA DE SORRENTO

(25-9-1651)

SUMÁRIO — *Apesar de napolitano e súbdito de Castela, D. João IV autoriza Frei Boaventura de Sorrento a embarcar para o Congo.*

Ev ElRej faço saber aos que esta minha prouisaõ virẽ que por outra de liçença e permissaõ, que em vinte do prezente mandej passar aos Religiosos capuchinhos da Prouincia de Italia, (para pelo Reino de Angolla passarẽ ao de Congo, e nelle continuarem fazendo officio de missionarios Apostolicos em beneficio daquella Christandade, sem embargo de serẽ estrangeiros), se declarar (entre outras cousas) que á dita missaõ naõ poderaõ hir Religiosos Castelhanos, nẽ naturaes de Reinos ou Estados sojeitos a Castella, nẽ filhos das prouinçias dos mesmos Estados e Reinos, e nesta Corte se achar frej Boauentura de Sorrento, Religioso da mesma ordem, Capuchinho da Prouincia de Napoles e natural do mesmo Reino, subdito e vassallo delRej de Castella, no qual direitamente cahia a dita Prohibiçaõ, comtudo por ser enuiado a mỹ por ElRej de Congo meu Irmaõ, sobre o tratado de paz e noua aliança e amisade que entre nós se trata, e me trouxe da parte do mesmo Rej algũs papeis e volta a elle cõ re[s]posta, hej por bem e me praz de dispensar cõ elle, para que sem embargo do contheudo na prouisaõ referida nesta, e de ser estrangeiro, possa passar a Angola em companhia dos mais Religiosos da Prouincia de Italia, e daquelle Reino ao de Congo, e continuar em suas missoẽs como os mais o haõ de fazer, dispensando em tudo que hé necessario para esta prouisaõ surtir seu deuido effeito e se executar pontualmente sem duuida alguã. //

Pollo que mando ao Gouernador do Reino de Angola e a todos os ministros da justiça e guerra delle e ás mais pessoas a que tocar, cumpraõ e guardẽ esta prouisaõ sem duuida alguã, a qual valerá como carta, sem embargo da ordenaçaõ do liuro 2.º, tittolo 40, em contrario. E pagará o nouo direito se o deuer. //

Paschoal de Azeuedo a fez em Lisboa, a vinte cinco de setembro de 651. O Secretario Marcos Roiz Tinoco a fiz escreuer. //

Rej.

AHU — Cód. 92 *(Livro I de Provisões de Angola)*, fl. 173v.

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 171. Tradução italiana, com a data de 25-10-1651.

NOTA — Dias depois a provisão régia era revogada nestes termos:

Posto que S. Magestade, que Deus guarde, tinha dado liçença a frei Boaventura de Sorrẽto, e a seu companheiro, Capuchinhos barbados italianos, para passarem a Angola, ouue iustas causas para S. Magestade reuogar esta licença a estes dous Religiosos, ficando em seu uigor a que se concedeo aos mais daquella ordem. Mandamo S. Magestade auisar a V. S. para que seia presente ao Conselho Ultramarino esta resolução sua. Deus guarde a V. S. muitos annos. //

Do Paço, 4 de outubro 651.

Sr. Conde de Odemira.

a) P. Vieira da Silua.

AHU — *Angola*, cx. 3.

Frei Boaventura de Sorrento regressou a Itália à custa do governo português, segundo o documento seguinte:

O Conselho da Fazenda faça prouer a Frey Boauentura de Sorrento, missionario appostolico de Congo, que passa a Italia, trinta cruzados, de que lhe faço mercê por ajuda de custo. Em Lisboa, a 6 de nouembro de 1651.

ATT — *Ministério do Reino* (Conselho da Fazenda), liv. 163, fl. 143.

35

CARTA DE FREI JACINTO DE VETRALLA AO PREFEITO DA PROPAGANDA FIDE

(27-9-1651)

SUMÁRIO — *Despacho satisfatório dos missionários pelo Rei de Portugal — Insta pela sua substituição como Prefeito da Missão.*

Eminentissimo Signore

Quanta sia la pietà di questo Rè, e la benignità di suoi Ministri, dal qui annesso dispaccio non solo per noi, che quiui presenti ci ritrouiamo, ma etiamdio per altri futuri da spedirsi; et d'all' altro, che li dourà mandare il P. Bonauentura da Sorrento, in perfetta sodisfattione delle pretensioni del Rè di Congo, con tanta honoreuolezza di lui, benissimo si potrà conoscere, ancorche nõ tanto quanto da chi da uicino e di presenza tratta con una tanta Maestà; che se bene s'escludono tutti i vassalli di Castiglia, si lascia con tutto ciò aperta la porta à tutte l'altre Prouincie d'Italia, per una parte seguendo li uestigij del Rè di Castiglia, che nega il transito alli medesimi uassalli che nõ siano naturali di Castiglia, ma d'altri Regni d'Italia; e per l'altra abondando in pietà, concedendolo à quelli che nõ sono del suo uassallaggio. //

Ma perche quanto piacere io sento il ueder adempite le mie uiue speranze col conseguito passaggio, altretanto disgusto mi reca il douer andare auanti al destinato Regno di Congo per essercitare in quelle Missioni la carica di Prefetto, quale solo inchinai ad accettare, per poter con maggior autorità portare il negotio in questa Corte; hora hauendo conseguito il fine della mia uenuta in Lisbona, e desiderando essercitare il ministerio

di Missionario in quel Regno, più tosto come suddito, che col peso di Superiore, come per corrispondere al gusto di questi Signori del Consiglio di S. Maestà, per la fra doi giorni sarò per inuiarmi col nuouo Gouernatore d'Angola, pigliarò sicurità di supplicarla, con tutti l'altri Eminentissimi di cotesta Sacra Congregatione, à uolersi compiacere di restar seruita di sgrauarmi e liberarmi d'un tal peso alle mie doboli forze insopportabile, con destinar un'altro nuouo Prefetto per Superiore di quelle Missioni, e destinar cõ esso altri nuoui Missionarij, per uoler S. Maestà che siano fatti ritornare tutti i vassalli de regni sogetti à Castiglia, che andorno cõ l'ultimi Missionarij da Spagna, che sono al numero di 6.

E qui facendoli con humilissimo inchino reuerenza, li bacio le sacre vesti, cõ augurarli e pregarli dal Signore ogni uera felicità. //

Di Lisbona, li 27 di settembre 1651.

Di V. Eminenza

Deuotissimo Seruo in Christo

F. Giacinto da Vetralla
Capuccino Indegno e Prefetto della Missione del Congo.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 184-184v.

36

CARTA DO CABIDO DO CONGO A EL-REI D. JOÃO IV

(13-10-1651)

SUMÁRIO — *Havia apenas cinco Capitulares no Congo, tendo morrido os restantes — Pedem conserto de pazes com o Congo — Enviam o treslado da carta escrita ao Papa acerca dos Capuchinhos — Pedem o pagamento de oito anos de prebendas atrasadas.*

†

Serenissimo Rej e Senhor

Depois da felice aclamação de vossa Real magestade e de nos uir a notissia, que foi para nós de grande alegria (1); logo o olandes ocupou a praça da Loanda, ficando nós inposibillitados para faser o que era nossa obrigaçaõ. E pos se a terra em tanta perturbaçaõ por causa das guerras, e mortes de saserdotes que auia neste Reino, que nos foi forçado acudir a alguãs partes, por causa do olandes naõ meter algũmas maldades como custuma. De modo que dos Capitulares naõ ficamos mais de seis *(sic)*, que os outros saõ mortos. //

Agora uisto querer sua magestade ElRej de Congo mandar seus Embaxadores a V. magestade, nos aiuntamos para faser o que temos de obrigaçaõ, leuando v. magestade em conta nossas faltas: os Embaxadores uaõ, será para nós e para este Reino

---

(1) D. João IV foi acclamado e jurado Rei de Portugal na matriz de Luanda em 26 de Abril de 1641, recebida a carta de D. João IV de 19 de Dezembro de 1640.

grande mercê auer hũ bom conserto de pases, que guerra será muita desauentura e pereserá isto de huã ues. //

Sobre estes Religiosos capuchinhos, que uierão por uia de Castella, escreuemos ao sumo pontifice, o treslado da carta que uaj a v. magestade, por elle se uerá o que há nestas materias.

Pedimos a v. magestade de mercê nos queira mandar pagar oito annos que se nos estaõ deuendo de nossas prebendas; hũ antes da prassa tomada, sete que a occupou o olandes; que os tres de sua Restauraçaõ nos escreueo o gouernador Saluador Correa pagaria, que para os oito naõ tinha ordem. //

Emtanto ficamos rogando a nosso Senhor pella vida e saude de v. magestade, a qual lhe queira dar por muj largos e felices annos, para emparo de seus uassallos e defençaõ de Portugal. Ettc.ª //

Congo 13 de outubro de 1651. //

Os Capitulares, Cabido Sede vacante destes Bispados de Congo e Angolla. Beia a maõ de v. magestade. A carta para sua Santidade mandamos aberta a v. magestade para que a lea e despois de lida a mande fechar. E fasernos mercê mandalla emuiar a sua Santidade e auernos re[s]posta.

†

aa) O Chantre Joaõ Machado
O Conego V.te Aluares O Conego Esteuaõ Castanho/
O Conego Simaõ de Medeiros

†

O Conego Miguel de Crasto /

AHU — *Angola*, cx. 3. — Original.

37

CARTA DO CABIDO DO CONGO AO PAPA

(13-10-1651)

SUMÁRIO — *Antiga evangelização do Congo — Queixas contra os Capuchinhos — Pedido de altar privilegiado em benefício das confrarias das Almas e do Santíssimo Sacramento.*

Beatissimo Padre

No tempo en que os cerenissimos Reis de Portugal descobriraõ este Reino, que auerá sento e cetenta annos, logo mandaraõ missionarios apostolicos a faser esta Christandade, isso a petiçaõ dos mesmos Reis de Congo, e logo pouco tempo despois, se criou huã See Catedral nesta Corte de Congo (1), aonde asiste o Rej, com sinco dignidades, e noue Conegos; isto tudo a petiçaõ dos cerenissimos Reys de Portugal, como confederados, e protetores deste Reino, fasendo muitas despezas, e gastos, asim en sustentar dignidades, e Conegos, como na fabrica da Seé, e Capelaeis dotrineiros, que há neste Reino; dando a todos seus salarios, muj suficientes, para se poderem sustentar, asim ornamentos, como o mais para o culto diuino, e aos perllados sua renda, con que passaõ larga mente; mandando Religiozos de todas as ordens, de sam Francisco, de sam Domingos, de santo Agustinho (2), e de nossa Senhora do Carmo, prinçipalmente da sagrada Companhia de Iesvs, que sempre aqui asistiraõ, e asistem oie con sua doutrina, como custumaõ, con muita pontualidade, e grande exemplo de virtude. //

---

(1) Por bula de 20 de Maio de 1596. Vide. *Monumenta*, III, 533.

(2) Não consta que os Agostinhos tenham missionado em Angola e Congo.

Mas como os sucessos do mundo sam tam uarios, premitio Deus per seus iuisos, ou por nos castigar, que estes portos fossem tomados pello olandes, e se perdecem os comersios, e naõ podecem uir nauios a estes portos; os Sacerdotes que auia hũs morreraõ de suas doenças, outros por causa das guerras do olandes, de modo que naõ ficamos mais que sinco *(sic)* Capitulares, e sinco Capelaens nas Cappellas, dotrineiros, con dous Relegiozos da Companhia de Iesvs, que nos aiudauaõ en tudo o que era necessario, para o culto diuino; metidos nós nesta affliçaõ, e perturbaçaõ, e o olandes espalhado per toda a terra, con sua maldade, como custuma: aportaraõ no porto de Pinda, que hé perto desta Corte, quatorze Religiozos de S. Francisco, Capuchinhos, e nos escreueraõ, e iuntamente a elRej, em que nos diziaõ uinhaõ por misionarios apostolicos, mandados por S. Santidade para este Reino; foi grande o contentamento que ouue, asim da parte del Rej, como da nossa, e do pouuo, e logo deu ordem elRej a mandallos buscar, como mandou. //

Chegaraõ e foraõ mui bem recebidos de todos en geral, mostroulhes elRej huã Igreia de N. Senhora em que estiuessẽ, e mandoulhes concertar todo o neçessario, conforme os ditos Religiozos lhe dixeraõ; preguntandolhes de que porto sairaõ, deçeraõ que de hum porto de Genoua, e como o Cappitam do nauio era genoues, pareceo ser asim; mas como neste mundo tudo sam enganos, asin o foi este, porque o tempo descubrio tudo, e a tençã con que uinhaõ o mostrou bem no que diseraõ e determinauaõ fazer, porque sairaõ de Cadis, e uinhaõ, como o depois se soube, per mãdado delRey Fellipe, a que este Reino se confederace con Castella, e lhe deçem o porto de Pinda para seu comersio, e ce tiraçe da amizade, e liança, que tinha cõ El Rey de Portugal. E foi tanto asin, que se quizeraõ meter en nossa iuridiçaõ, como se meteraõ, mandando Religiozos ás Cappellas, onde auia Cappelais, e dotrineiros, e se punhaõ a cazar e bauptizar e fazer oficio de Curas, sem liçença, mais que a que per si tomauaõ //.

E acodindo o Cabido, a isso diziaõ traziaõ de s. Santidade

poder para escũmugarem, a qualquer que lhes enpedisse o que faziaõ, querendo neste Reino meter custumes nouos, como era comer cordura *(sic)* de animais, sestas feiras, e sabados, e Coresma, e os Sabados menudos. E como os mais delles eraõ Castelhanos, Valencianos, e Sardenhos, paressia lhes mal o que se proibia no Reino de Portugal brauamente, que hé per onde aqui nos gouernamos, e quererem tirar algũs dias de jeium que hé aqui custume, posto pellos perllados, & ouue fama que este Reino tinha dado a iurdiçaõ a Castella. E foi tãto, que en alguãs partes deste Reino ouue grandes controuercias na Cleresia, e naõ querẽrẽ obedecer os mandados do Cabido Sede Vacante, pella uós que soaua de Castella, mas tudo o tempo aclarou, e se soube a uerdade, con a restauraçaõ da praça da Loanda, con huã grossa armada que a elle uejo, por mandado do cerenissimo Rey Dom Joaõ de Portugal. //

Agora de nouo uieraõ outros Religiozos, cõ a mesma perte[n]çaõ, e con outras couzas mais fundas, como hé descubrir minas; nesta materia S. Magestade el Rey de Congo sabe o que ade fazer; o que estimmamos hé que chegue esta á maõ de V. Santidade, e termos re[s]posta sua para sabermos como nos auemos de uer cõ estes Religiozos, que como obedientes á santa Madre Igreia, e subditos ao Vigairo de Christo, que hé V. Santidade, Summo pontifiçe na terra, en tudo quizeramos acertar, e mais entre tanta gentilidade, onde há tanta necessidade de bom exemplo, onde se tem cõ sumido tantos Sacerdotes, tantos Religiozos, tantos homẽs doutos, en que todos gastaraõ as uidas, e sepultaraõ os ossos, só por conceruar esta Christandade, en que tantas despezas tem feito os Serenissimos Reis de Portugal, e os cerenissimos Reis de Congo, que con tãto animo receberaõ os Sacerdotes, que uem a este Reino, gastando muita parte das suas rẽdas en os sustentar. E pareçe couza fea, uirem Religiozos con capa de V. Santidade, e quererem tirar, e dar iurdiçoins, e Reinos só por suas pertençoins, ou pello que elles sabem. //

Beatissimo Padre, há nesta Santa Seé do Saluador de Congo

entre outras duas Confrarias, hũa hé das almas, ás segudas feiras, outra do Sanctissimo ás quĩtas feiras, que se festejaõ, con suas missas cantadas solene mente, todas as somanas do anno. V. Santidade nos conceda no altar possa tirar hũa alma do purgatorio. Outro si nos cõceda V. Santidade e no dia do Saluador, que hé Orago desta Cidade, e en sua Outaua iubileo. E nas quintas feiras do anno, não auendo officio de noue liçoins, que posamos rezar do Sanctissimo, como festa Duplex. Pedindo a V. Santidade huã e muitas ueses, nos queira responder a esta para consolaçaõ nossa, e desta Christandade, e do Rey destes Reinos. E ueja esta Christandade, no meio da qual estamos metidos. E posto que longe dessa Curia Romana onde V. Santidade asiste, aqui nos alcancem graças, e indulgencias, como se estiuessemos muito perto, deitando V. Santidade a bençaõ do Saluador do mũdo e a de S. Pedro, e S. Paullo, e a de V. Santidade con suas indulgencias, que nos cubra a nós e a esta Christandade, e ao Reino de Congo, e Rei delle, e a esta gentilidade lhe dê N. Senhor uerdadeiro conhessimento de sua santa fee, e a o Reino de Portugal e ao Rey delle, pois hé a fonte donde saiem os rios caudalozos, que regaõ todas as coatro partes do Mundo, con a palaura do Euangelho, que tanta gentilidade tem trazido, e tras cada dia ao gremio da Jgreia, que hũa couza hé uello, e outra o dizello, como nós uemos, andamos con nossos pés e tratamos con os coraçoiñs. E nosso Senhor nos dê graça para que en tudo acertemos en siruillo. //

Entanto pedimos a nosso Senhor dê a V. Santidade vida, e saude, pera emparo da Igreia Catholica, e defençaõ de sua santa feé, ettc.ª //

Congo, Cidade do S. Saluador, aos 13 dias do mes de Otubro de 1651. //

O Cabido Sede uacante destes Bispados de Congo, e Angolla, con toda a obidiencia, e humildade beja o pé de V. Santidade, ettc.ª

AHU — *Angola*, cx. 3 — Cópia.

38

CERTIDÃO DO CABIDO DO CONGO

(13-10-1651)

SUMÁRIO — *Certifica o Cabido o depoimento de Frei João Francisco Romano perante o Rei do Congo, o Cabido e o Padre Couto.*

Certeficamos nós o Cabido sede vacante destes Bispados do Congo e Angolla que sua magestade o senhor Rej Dom Garcia de Congo nos mandou chamar hũ dia aos seus passos e estando prezente o R.^{do} P.^{e} Antonio do Couto da Companhia de Jesus Reitor deste Colegio de Congo e o P.^{e} Fr. Joaõ Francisco de Roma Capuchinho e outros Religiosos seus, e nós. Preguntou sua magestade ao dito Religioso Frei Joaõ Francisco, que tinha uindo de Roma por Castella, porque naõ uiera por Portugal, fasendolhe sua magestade esta pregunta em publico, afim de mostrar que naõ tinha trato e comunicaçaõ com outro principe secular que encontre, ou faça sospeitoza a sua verdadeira e leal Irmandade, e uniaõ com ElRej de Portugal Dom Joaõ o 4.º que Deos guarde. //

E respondeo o dito Religioso que ainda que uinha por Castella que vinha por Embaxador de Sua Santidade, e o ter uindo de Roma por Castella foi porque lá achou a outra ues que dalá vejo e partio para este Reino embarcaçaõ, e com esta confiança de a achar a segunda ues tornara lá; e que ainda que intentasse de ir de Castella a Portugal a buscalla, auia impedimento por causa da peste que ouue em Cadis onde estaua, prohibindosse emtrada em Portugal aos que della uinhaõ; e para tornar para Itallia, e dahi embarcarsse para Portugal era grande dificuldade e trabalho. //

E por passar asim na uerdade e a pregunta que fes sua magestade e nos ser pedida esta sertidaõ a passamos asinada com os nossos sanais. //

Em Cabido, Congo, 13 de Outubro de 1651. Ettc.ª

†

aa) O Chantre Joaõ Machado

O Conego Simaõ de Medeiros

O Conego V.te Aluares / O Conego Esteuaõ Castanho

†

O Conego Miguel de Crasto

AHU — *Angola*, cx. 3. — Original.

39

CERTIDÃO DO PADRE ANTÓNIO DO COUTO

(14-10-1651)

SUMÁRIO — *Certifica como tendo el-Rei do Congo perguntado em público a Frei João Francisco Romano os motivos por que viera de Castela sem passar por Portugal, este os declarou.*

†

Certifico eu o P.e Antonio do Couto (1) da Companhia de Jesu, e Rector deste Collegio de Congo da Cidade do Saluador, que hum dia me mandou chamar Sua Magestade ElRey de Congo a os seus passos, e estando presentes o Reuerendo Cabido desta santa Sé, o Reuerendo P.e Frey Joaõ Francisco Capucho, e outros Religiosos seus, e eu, perguntara sua Magestade a o ditto Religioso Frey Joaõ Francisco, que tinha uindo de Roma por Castella, por que naõ uiera por Portugal, fazendolhe sua Magestade esta pergunta em publico, a fim de mostrar que não tinha trato, e communicaçaõ com outro Princepe secular que encontre, ou faça sospeitosa a sua uerdadeira, e leal Irmandade, e uniaõ com El Rey de Portugal D. Joaõ 4.º que Deos guarde; e respondeu o ditto Religioso, que ainda que vinha por Castella, que uinha por Embaixador de sua Santidade e o ter uindo de Roma por Castella, foy por que lá achou a outra uez que de lá

---

(1) O Padre António do Couto, natural de Angola, entrou na Companhia de Jesus a 31-10-1631. Trabalhou no colégio de S. Salvador cerca de vinte anos e publicou em Lisboa, em 1642, o livro de catequese *Gentio de Angola*, obra póstuma do Padre Francisco Pacconio, S. I., por ele acomodada à capacidade intelectual dos instruendos. Faleceu em Angola a 10-7-1666. Publicámos duas cartas suas in *Monumenta*, X, p. 228 e 366.

partio para este Reyno embarcaçaõ, e com esta confiança de a achar a segunda vez, tornara lá; e que ainda que intentasse ir de Castella a Portugal a buscalla, auia impedimento por cauza da peste que ouue em Cadis onde estaua, prohibindose entrada em Portugal a os que de lá uinhaõ; e para tornar para Italia, e dahy embarcarse para Portugal, era grande difficuldade, e trabalho. //

E por passar assi na verdade a pergunta que fez sua Magestade, e ser pedida esta certidaõ, a passei assinada com o meu sinal. //

Congo 14 de Outubro de 1651.

Antonio do Couto

AHU — *Angola*, cx. 3. — Autógrafo.

40

CARTA DO PADRE ANTÓNIO DO COUTO A EL-REI DE PORTUGAL

(14-10-1651)

SUMÁRIO — *Novos sentimentos do Rei do Congo para com Portugal — Maquinações politicas dos Capuchinhos estrangeiros contra Portugal — Necessidade de missionários Portugueses de quaisquer Religiões — Papel desempenhado pelos Cónegos Simão de Medeiros e Miguel de Castro.*

†

Senhor

Já tenho escrito a V. Magestade por quatro vias, e outras tantas ElRey de Congo, todas em re[s]posta das que V. Magestade escreueo a o ditto Rey, e a mim: foraõ diuiddidas a saber, duas uias de ElRey, e duas minhas dirigidas a o Gouernador Saluador Correa, e as outras da mesma maneira ao Collegio da Loanda, para serem enuiadas a V. Magestade. Constame que foraõ dadas na Loanda, mas naõ sey se esta cautela foy bastante para que se naõ consumissem. //

Nas minhas daua conta a V. Magestade, como me ordenou, da minha missaõ que me mandou V. Magestade fizesse a esta Corte de Congo, trazendo a o ditto Rey a carta de V. Magestade e tratasse com elle certos pontos que conduziaõ á paz, e quietaçaõ do seu Reyno, e á renouaçaõ da antiga amizade que tiueraõ os Serenissimos Reys de Portugal com os de Congo. Tornei a escreuer outra por huã uia dirigida a o P.e Joaõ de Payua, Religioso da Companhia, na qual pedia a V. Magestade quisesse

por meyos suaues, e com todo fauor compor estas couzas de Congo, por que hia enxergando no Rey hum total desengano sobre errados conselhos que em tempo do Holandes, quando occupaua a praça da Loanda e o peor hé que ainda depois da restauraçaõ della lhe deraõ pessoas das quais senaõ espereauaõ boñs, e saõs conselhos dos quais se podesse seguir paz, e concordia entre Princepes, e naõ perturbaçaõ, e desuniaõ. //

Agora nesta occasião com maior affecto repito a mesma petiçaõ, quando iá o Rey trata de ueras a Irmandade, e amizade de V. Magestade, e não de outro Princepe contrario, como V. Magestade colligirá pola ida de seus Embaixadores, e carta que escreue. E como a experiencia lhe mostrou que o que lhe dice da parte de V. Magestade era o que lhe conuinha, naõ podia deixar de cõmunicar commigo agora suas couzas para o encaminhar como iulgasse ser seruiço de Deos, e de V. Magestade.

Naõ duuido que quando V. Magestade fosse sabedor dos Frades Capuchos de uarias nações, que uieraõ a este Congo neste anno por Castella, em huã nao que depois de os lançar no porto de Pinda, apportou a o de Loanda, iulgasse V. Magestade e com muito fundamento auer trato, e comunicaçaõ entre Castella e Congo com traças, e ardis contrarios á amizade, e boã correspondencia que V. Magestade merece a ElRey de Congo com huã sincera, e uerdadeira amizade: mas Deos sabe atalhar maos intentos, e muito mais quando com titulo de Missionarios Apostolicos os machinaõ, e traçaõ: e assi taõ longe está ElRey de Congo de viuer hoje enganado com elles, que antes se tem desenganado, e deseja iá Portugueses que nunca o enganaraõ: porem para que persista nesta determinaçaõ, e desejo, hé necessario que tenha exemplo no Gouernador que for da Loanda: V. Magestade certo que conuem para quietaçaõ deste Reyno, da Loanda, e mais praças de V. Magestade, uenhaõ outros Missionarios, e sejaõ Portugueses; e para que naõ se iulgue em mim que fallo com affeiçaõ á minha Religiaõ da Companhia, digo que sejaõ de qualquer outra, com tanto que sejaõ Portugueses: e se ouuer

quem informe a V. Magestade o contrario, podese temer que tenha o humor de Castella.

Torno a repetir huã e muitas vezes o que tenho iá escritto a V. Magestade, que para que se conserue a praça da Loanda, e o Reyno de Angola, e viuaõ contentes os vassalos de V. Magestade que nelle tem, assi Portugueses como os Sobas, e naturaes, seja seruido mandar sempre Gouernadores, e Ministros desenteressados, que naõ ponhaõ diante mais que o seruiço de Deos, a dilataçaõ da fé, e seruiço de V. Magestade, e nem por isso deixaraõ de tirar de Angola muito proueito temporal com boa, e sã consciencia: naõ particularizo mais isto porque o meu estado o naõ requere.

Os Conigos Simaõ de Medeiros, e Miguel de Crasto tem ajudado muito a ElRey com seus boñs conselhos, e desenganos, para que o ditto Rey chegasse a conhecer o quanto lhe conuinha a vniaõ com V. Magestade, como outros Reys tiueraõ com os de Portugal: efficacia tem seus conselhos para com o Rey, porque ainda que saõ os Conigos Portugueses, contudo saõ naturaes deste Reyno; hum delles hé seu confessor do Rey, e ambos muito priuados. As honras, e mercês que V. Magestade lhes fizer, saõ merecedores dellas, huã das quais, e cõmuã a todos os Conigos que nesta Sé residem, será, sendo V. Magestade seruido, mandar ordem a o Gouernador, e feitor da fazenda de V. Magestade na Loanda, para que lhes paguem as ordinarias que uencerаõ nos sette annos em que esteue a Cidade em poder do Holandes, e em hum anno antes disso. E ainda que a sospeita que ouue naquelles sette annos, de ter tomado este Cabido a uoz de Castella podiaõ allegar algũs para que V. Magestade lhes naõ faça esta mercê, contudo no tempo presente tem mostrado outra couza, principalmente em negarem sua assistencia a hum acto publico, e solemne que se fez há poucos dias, para ElRey de Congo receber hũs Breues de Indulgencias, e outras couzas de deuaçaõ, e hũa coroa dourada, que lhe trouxe de sua Santidade hum dos Frades que uieraõ por Castella, porque ainda que cha-

mado o ditto Cabido a os passos do Rey, lhe encõmendou o ditto Rey esta assistencia, se escuzou della, dando por razaõ que como vinha o Frade por Castella, naõ queria assistindo a o acto confirmar a sospeita sobredita. //

Tambem eu fuy chamado para o mesmo, e me escuzei, que como uiera a esta Corte enuiado por V. Magestade para estranhar a o Rey o ter mandado este Frade a negocios a Roma, sem interuençaõ da parte de V. Magestade. E como ElRey de Congo fazia estas diligencias naõ mais que por ser o presente de Sua Santidade, approuou, e lhe contentaraõ as razoẽs que allegamos, dizendo porem todos nós que uenerauamos, e respeitauamos as couzas de sua Santidade como Sumo Pastor, e eraõ dignas de serem festejadas, mas as razoẽs dittas nos desculpauaõ. //

Guarde Deos a V. Magestade para amparo de seus vassalos, felicidade de seus Reynos gouernando os em paz, quietaçaõ, e iustiça por largos annos. //

Congo 14 de Outubro de 1651.

De V. Magestade menor Capellaõ

Antonio do Couto //

AHU — *Angola*, cx. 3. — Autógrafo.

41

CARTA DE FREI JACINTO DE VETRALLA AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA FIDE

(20-10-1651)

SUMÁRIO — *Exalta a piedade do Rei de Portugal em dar os despachos aos Capuchinhos para o Congo — Razões pelas quais não foi permitida a partida a Frei Boaventura de Sorrento.*

Illustrissimo e Reuerendissimo Signor

Benche doppo hauer conseguiti i necessarij dispacci per il nostro passaggio e d'altri futuri Missionarij da spedirsi da tutte le Prouincie d'Italia, che non siano del vassallaggio del Rè di Castiglia (1), con duplicate lettere e copie de medesimi dispacci, prima di partire da Lisbona, per diuerse uie non tralasciassi di dargline l'auiso, con tutto ciò, sapendo il gusto che sentono nel riceuere altre più fresche noue del uiaggio delli spediti da loro Missionarij, uedendomi in pochi giorni giunto alla deliciosissima Isola di Madera, hò giudicato debito di uenirli con questa à significare, nõ solo il mio stato generale è con buona salute, ma etiamdio la molta carità e reuerenza di questi habitanti uerso del nostro habito e professione, quale è tale, che supera l'amoreuolezza non solo d'Italia, ma di qualunque altra parte d'Europa; siche, se i Missionarij Capuccini uenanno in questi Regni di Portugallo senza alcun assegnamento di denari, con

(1) A condição era sòmente esta, e a conjuntura política bem a justificava. Por outro lado a isenção política dos Capuchinhos súbditos de Casteia não pode dizer-se que fosse perfeita.

il solo amor di Dio, in qualunque porto, ò città capitaranno, si potranno senza alcuna difficoltà proueder di tutto il necessario, oltre il matolotaggio, che dal Rè li sarà fatto dare, come è stato fatto liberalmente à noi (come in altre mie l'insinuai). //

Siche solo per li porti d'Italia i futuri Missionarij hauranno bisogno di qualche remessa, ò raccommandatione per il uiaggio sino à Lisbona, che oue iui si uedranno giunti, nõ li mancarà cosa ueruna, ricercandola per amor di Dio, ò facendo ricorso alli Ministri Regij; et in questa Isola particolarmente habbiamo più difficoltà di renontiare che di cercare l'elemosine, particolarmente di vino, zuccaro et altri dolci di uarie sorti de quali l'Isola è dotada in abondanza, e molti anco c'essibisco denari, quali uedẽdoci (per non hauerne bisogno) ricusare, restano tuttauia più bramosi di fare del bene à noi, e di uedere altri per l'auuenire uestiti di quest'habito.

Il P. Bonauentura da Sorrento, benche meco s'imbarcasse in Lisbona, non però potè passar più auanti, ma il giorno seguente, per ordine di S. Maestà, fu fatto disbarcare, con ordine che se ne restasse in terra e si preparasse di tornassene in Italia, uerso la propria Prouincia, oltre l'hauerli fatto rassegnare e restituire i dispacci spediti in riguardo della sua ambasciata à fauore del Rè di Congo; e tal effetto non ad altro si deue attribuire, che alla souerchia importunità et inquietudine dello stesso Padre, quale non contentandosi del honesto, ne restando appagato d'hauer esperimentata la gran pietà del Rè, in condescendere benignamente à tutte le petitioni e pretensioni del Rè di Congo, et d'hauer dichiarato che la lege commune conditionatamente posta nel dispaccio per li vassalli di Castiglia, non si douesse intendere per il P. Bonauentura sudetto, e però per ordine suo li fosse stato fatto un special passaporto, sottoscritto di sua mano, hauendo seco condotti doi laici del Regno di Napoli, quali son stati di nõ poco ostacolo al dispaccio, e sorrettiuamente s'en era fatti assegnare dal M. R. P. Procuratore nostro, con darli ad intendere che il Rè solo escludeua i Castigiani naturali

e nõ li vassalli d'Italia, e che per questi n'haueua la promessa, che per tale egli interpretaua, ciò che in questa Corte s'interpreta per uirtual negatiua; per far forza di conseguire il passaggio anco per li detti doi laici, tornò immediatamente à presentare noua supplica al Rè, e far replicati ricorsi à diuersi Ministri, non ostante che cosi da frati nostri dell 'hospitio, come da altri officiali ben'affetti, ne uenisse dissuaso, per timore che nõ l'intrauenisse ciò che poi l'è intrauenuto, et anco peggio, cioè che hà fatto ne uenisse cõ esso lui impedito pur io, et serrato à fatto ogni passaggio à tutti i Capuccini; e però nõ d'altro haurà occasione di lamentarsi, che di se stesso, e della propria imprudenza et incontentabilità, con la quale non tralasciando con le moltiplicate e replicate istanze d'annoiare il Rè e suoi Ministri, che perciò che si sarebbe conseguito in spatio di 20 giorni al più, s'è tardato à cõseguire in 4 mesi; alla fine, stancata la gran pietà di si clemẽte Rè, e resoli indegno de passati fauori, è stata quella forzosamente indotta à reuocare ciòche per gratia singolare l'haueua già concesso. Hò stimato giusto dargline auiso, acciò informata del uero, sia all'occorenza attribuita la colpa à chi se deue.

Il Breue Pontificio restò in mano del Padre, ne me lo uolse consegnare, con tutto che con humili preghiere gli lo ricercassi, quando ritornò al nauilio per pigliare alcune cose sue, acciò io nõ douessi esser poi giũto in Congo, ammesso à quella Preffettura; circa la quale, si come nell'altre mie la pregai, cosi replicando e raddopiando cõ questa le preghiere, torno à supplicarla si uoglia compiacere adoprarsi in far destinare un' altro nuouo Prefetto, senza alcun rispetto della mia persona, perche con maggior gusto e cõsolatione mi uedrò semplice Missionario sotto il gouerno altrui, che Superiore e Prefetto per commandare ad altri, quale officio có più quiete e sodisfattione, haurei potuto essercitare nella propria Prouincia. //

E qui chiedendoli perdono della molesta mia prolissità, fò fine di scriuere ma non mai di riuerirla e pregarli dal Signore

il colmo d'ogni uera felicità, con baciarli deuotissimo le sacre vesti. //

Di Madera, li 20 di ottobre 1651.

Di V. S. Ill.ma e Reu.ma

Deuotissimo Seruo in Christo

F. Giacinto da Vetralla //
Prefetto delle Missioni di Congo //
e Capuccino Indegno.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 182-182v e 189.

NOTA — O Padre Sorrento escrevia ao Secretário da Propaganda, em 4 de Outubro de 1651:

La prossima imbarcatione nõ mi dà tẽpo de scriuere à lungo à V. S. Ill.ma, perche il dispaccio è stato dato tardi; mando aperta la lettera dell'Eminentissimo Cardinale. La sottometto al gioditio e uoluntà de V. S. Ill.ma, cõforme alle mutationi ch'alle uolte sogliono accadere; spero che la naue si trattenerà qualche giorno nell'Jsola di Madera, e hauerò occasione de scriuere più à lungo e distintamente à V. S. Ill.ma. Per adesso gli bacio reueretemente le mani, e prego Dio benedetto che l'assista cõ la sua diuina gratia, e cõserui sana per beneficio dell'anime. Di Lisbona, li 4 ottobre 1651.

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 180.

42

CARTA DO GOVERNADOR DE ANGOLA AO PADRE JOÃO FRANCISCO ROMANO

(15-11-1651)

SUMÁRIO — *Diz compreender os motivos de a missão não ter ido por Lisboa — Para evitar alterações populares espera que para o futuro os missionários passem por Portugal — Agradece os objectos de piedade recebidos.*

Mucho me dió la carta de V. P., y con atencion leí el relatorio de su viaje, y causas del camino de la Mission, y no ay en mi duda alguna de que las acciones de V. Padres son diregidas solamente al seruicio de Dios, y bien de las almas. Pero el Pueblo que juzga lo exterior de las aparencias, tubo algunas alteraciones, y verdaderamente que todos desean que la comunicacion de V. Padres sea por puerta de Portugal, para que se aprobechen de tanta gloria como es reduzirse por medio nuestro tanto paganismo a la Fee Catholica; resta que V. P. tenga mucha salud y todos los Compañeros, como Dios será seruido concederles: recebi los regalos de deuocion que V. P. me auia ymbiado, y hice dellos la deuida estimacion. V. P. me encomiende a Dios que le dé &.ª

Sant Pablo dela Assumpcion, 15 de Nouiembre 1651.

Saluador Correa de Saa
y Binauides.

R. P.e F. Joaõ Francisco de Roma.

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 183. — Original.

43

CARTA DO PADRE SERAFIM DE CORTONA AO PROVINCIAL DA TOSCANA

(22-11-1651)

SUMÁRIO — *Relação do seu apostolado — Conflitos com os Padres Jesuitas A rainha Jinga pede religiosos missionários.*

Molto Reuerendo Padre Osseruandissimo. Salute.

Perche le lettere che di quà si scriuono hanno a passare tanti mari soggetti a diuersi infortunij di tempeste e di corsari, per sicurezza che almeno una arriui sicura al porto, è necessario duplicarle e triplicarle (1). Per questo vengo adesso la terza volta a dar parte a V.P.M.R. (2) del felice passaggio all'altra vita del P. Bonauentura d'Alessano, Prefetto di questa nostra Missione di Congo. Il sentimento di tutti noi altri fù tanto grande, che non lo posso bastantemente spiegare, perche ciascuno conosceua che perdeua il Padre e che restaua orfano, rinouandoci ogni giorno il sentimento l'esperimentarle coll'effetto. Bisogna però conformarsi col diuino Volere, regola infalibile d'ogni successo. Succedette la sua morte alli 2 d'Aprile dell' anno 1651. Nominò per suo successore il P. Gianuario da Nola, Predicatore, soggetto di gran meriti. Fù particolare proui-

---

(1) A segunda carta escrita ao Provincial (referenciada a p. 74) não se encontra no Arquivo provincial da Toscana, talvez perdida em viagem (p. 109).

(2) A primeira carta, de 20 de Março de 1648, vem registada no Códice de Montughi, p. 73-93. Vid. vol. X, p. 87.

denza diuina il leuarlo il Signore per l'altra vita, perche se fosse stato viuo oggi, non hauerebbe potuto soffrire di vedere le miserie in che si trouano i poueri Missionarij.

Dò parte a V.P.M.R., come circa il fine del mese di Giugno arriuò quà la naue, nella quale ueniuano 18 Religiosi nostri, i quali s'imbarcarono nel porto di Cadice, e sbarcarono in Pinda. Non si può rappresentare il tumulto che causò tal uenuta in questa Città fra questi Portoghesi, dicendo publicamente che erano traditori, e che veniuano per machinare alcuno tradimento contro il Rè di Portogallo, spargendo voce che portauanno arme, poluere e due pezzi d'artiglieria, con altri infiniti spropositi. I principali autori e fautori di tutte queste cose, sono quattro Padri... (3)... che si trouano in questa Città d'Angola (4), e due che stano in Congo, che sono i maggiori nemici che tenghiamo, perche i secolari conuinti della uerità, ci sono molto affezionati; ma quelli non cessano di persequitarci, sciogliendo le lingue contro di noi senz' alcun rispetto nè di Dio nè del mondo: il chiamarci traditori, non è niente. Adesso finalmente si è fatto un processo contro questi Padri che sono venuti, fondato sopra una lettera scritta da un laico di detta Religione che stà in Congo, la quale contiene i seguenti capitoli: //

Primo, che erano sospettosi, per venire dal porto di Spagna. 2º che passando a vista di questa Città colla naue, non volsero sbarcare in questo porto. 3º che leuauano Corona e Scettro per il Rè di Congo, con titolo d'Imperatore. 4º che portauano lettere del Rè di Spagna per il Rè di Congo, per il Conte di Sogno e Duca di Bamba. 5º che portauano presenti al Rè di Congo da parte di Spagna, per affezionarlo a quella Corona. Hauendo sopra di ciò esaminato testimonij, non hanno trouato cosa veruna contro di noi; perche nè leuauano presenti, nè lettere, nè cosa

---

(3) Espaço ponteado no texto. Referência velada aos Jesuitas.
(4) Luanda.

veruna del Rè di Spagna; e se portauano Corona, per il Rè di Congo, non era con titolo d'Imperatore. //

Da questo potrà V.P.M.R. argomentare la passione di questi tali; la causa di questo non è altro, se non che essi stanno quà come fattori per tener conto di tanta entrata che vi tengono, e non attendono, se non a negoziare come mercanti, e mangiare e bere; del resto non si pigliano altro pensiero: e vedendo che noi altri attendiamo con tanto zelo al seruizio di Dio, e che non cerchiamo altro che la salute dell'anime, onde i secolari ci stimano et onorano; questa è la causa di tanta inuidia e passione; perche la nostra vita è per loro una continua riprensione. Scriuo queste cose a V.P.M.R., acciò informata di quanto passa, trattandosi d'inuiare altri Missionarij quà per questo Regno di Congo e Regni vicini, procuri incamminarli per via del Rè di Portogallo, perche altrimente è accendere fuoco, o farci viuere in una continua guerra. Vengono quà i Religiosi con pensiero d'attendere al seruizio di Dio e salute dell'anime; e si trouano in mezzo di mille questioni. //

Di più le faccio sapere, come il Rè di Congo stà hoggi mal cristiano, come il primo dì, che quà arriuammo, osseruando le medesime Idolatrie, le medesime superstizioni di prima. In quanto al Battesimo, lo riceuono volentieri, ma del resto non si fà altro, o poco; e questo perche non vi è l'aiuto del braccio secolare, e non hanno timor veruno di castigo. Oltre che il Rè stà molto differente con noi adesso di quello che staua prima; e questo per il mal'uffizio fatto da Padri sopradetti. Non dirò altro, se non che questi Padri hanno detto in mia presenza, che vogliono fare in maniera di metterci in disperazione, e farci abbandonare la Missione. Sia per amor di Dio; Nostro Signore li paghi.

Quà vi è la Regina Zinga, che domanda Religiosi. I Signori Portoghesi, che abitano in Massangano similmente ne domandano, et hanno scritto al Rè D. Giouanni, facendogli istanza e[domandogli] licenza per tenere tre Religiosi nostri in quel Presidio.

Confesso a V.P.M.R. che meglio impiegati saranno i nostri Frati quà che in Congo: perche vi è per questo Regno d'Angola infinità di Neri, parte gentili e parte battezzati; e per istare soggetti alla Corona di Portogallo, con la diligenza e trauaglio de' nostri Missionarij e coll'aiuto del braccio secolare, quel non mancherebbe, si potrebbe fare in un anno più profitto, che non si è fatto nel Regno di Congo in tanti. Questo che dico, Padre Molto Reuerendo, lo dico per isperienza e non per immaginazione; perche più profitto si è fatto quà con esser io solo, che non hanno fatto in Congo tanti altri. Ardisco dir questo, perche V.P.M.R. sà molto bene, che questa non è opera delle mie mani, essendo soggetto tanto debole, et insufficiente, ma della grazia del Signore. *Non ego solus, sed gratia Dei mecum.*

Alli giorni passati riceuei una lettera di Congo dal Padre Prefetto, nella quale mi diceua che io procurassi esplorare le volontà di questi Signori Portoghesi, se ci volesseno riceuere, in euento che si fosse risoluto di lasciare la Missione del Regno di Congo, e venirsene con tutti i Missionarij; perche il Rè, in cambio di mostrarsi grato di tanti benefizj da noi riceuuti, e da' Padri che hora sono venuti, si era quasi dal tutto appartato da noi altri. Gli risposi, che quando si fosse risoluto di venire, sarebbe stato riceuuto come un Angelo del Cielo. Hora sono già passati due mesi che non tengo nuoua veruna.

De gli altri Padri Missionarij, che stanno in diuerse Prouincie, di alcuni sono già due anni che non tengo nuoua veruna, di altri 18 mesi, e d'altri sono otto mesi. È già un mese che quà arriuò il P. Antonio Maria da Monte Prandone, con un laico della Prouincia d'Aragona, i quali tornano per causa d'infermità, alle loro Prouincie. Da questi hò inteso come due de' nostri Padri vennuti nuouamente, erano morti, uno in Congo, chiamato il P. Gregorio da Orestano, in Sardegna, e l'altro in Pinda, detto il P. Andrea d'Ancaiano, della Prouincia dell'Umbria: gli altri sono stati tutti in termine di morte: questo è il tributo che tutti quelli che vengono quà hanno da pagare. Del numero delle persone che

si sono battezzate già non se ne tiene più conto. Il P. Girolamo da Monte Sarchio, che stà nella Prouincia di Sundi, mi scrisse già, che haueua battezzato trentasei milla anime: da questo si puole argomentare quello haueranno fatto gli altri. Il non riferirle minutamente quanto è successo fino ad hora, è perche tenendo ordine il P. Antonio Maria sudetto di venire a Roma, potrà molto meglio con voce viua rappresentarlo a V.P.M.R.

Quello che in particolare m'occorre è che V.P.M.R. si ammirò che io le dia parte di queste cose, non essendo io Superiore della Missione: perche questo procede dallo stare il P. Prefetto tanto lontano e senza comodità di potere inuiare lettere, e dal ritrouarmi io in questa Città, che è porto di mare, e a me tocca stare a fronte di questi Religiosi, e sentire tanto da vicino tutti questi disgusti. Quello che mi consola, è sapere che mai si fece opera di gran seruizio di Dio che non vi fossero contradizioni; e il vedere il profitto particolare che si è fatto in questa Città, nella quale, quando vi arriuai, erano tali e tanti gli abusi cattiui, che solo il nome riteneuano di cristiani (5). Oggi tengo istituito due Congregazioni, una di huomini, tutti principali, e l'altra delle donne. Ogni seconda feria faccio una pratica spirituale, dopo la quale si fà la disciplina; le donne però la fanno nelle proprie case, con alcune regole, nelle quali vi stanno altri esercizj spirituali, da farsi ogni giorno, come sentir Messa, recitare il Rosario o la Corona, far mezz'hora d'orazione mentale, l'esame di coscienza, e recitare cinque volte il Pater e l'Aue Maria, confessarsi almeno ogni mese, e tutte le feste principali dell'anno. //

Hora queste Congregazioni sono state la pietra dello scandalo per questi Religiosi; e ritrouandosi quà uno de' suddetti Padri con titolo di Commissario del Santo Offizio, hà fatto caso d'Inquisizione d'ahuer fatte le sopradette Congregazioni; e cosi hà

---

(5) Força de expressão, evidentemente, ao menos na generalidade afirmada.

esaminato testimonij, e fatto dar giuramenti, con altre dimostrazioni. Io gli auuertij le censure fulminate da Clemente Ottauo, et ultimamente da Urbano Ottauo, contro di chi presume molestare i Missionarij Apostolici; e domandandomi esso che gli mostrassi, con che autorità lo faceuo, gli risposi, che se me lo domandaua come giudice non glie lo voleuo mostrare, per non esser mio Superiore, nè tenere autorità alcuna sopra di me; ma se per cortesia, che l'hauerei fatto: e cosi gli feci vedere i Priuilegij generali concessi da diuersi Sommi Pontefici alla nostra Religione e à suoi Missionarij, come di Giouanni Vigesimo Secondo, che dice: *faciendi quidquid ad augmentum Diuini Nominis, et ampliationem Catholicae Fidei pro loco et tempore viderint expedire:* e Adriano Sexto: *Concessis Fratribus Minoribus omnimodam in utroque foro Papae authoritatem tantam quantam iudicauerint expedire pro conuersione* &c. E Paolo Terzo: *Religiosis Mendicantibus, qui de licentia suorum Superiorum proficiscuntur ad terras infidelium, ad quamcumque Mundi partem, ut vadant tamquam Legati a latere et Commissarij eius.* //

Non ostante tutto ciò, non volse restar sodisfatto, ma volle proseguire la causa; adesso starò a vedere il successo. Io sono risoluto prima perdere la vita, che lasciare le dette Congregazioni, delle quali Nostro Signore si è seruito di mezzo per fare grandissimo profitto in queste anime. Queste non sono Compagnie, nè Confraternità, ma pie Congregazioni, à denominatione *piorum operum, quae in illis fiunt.* Dò parte di questo a V.P.M.R., acciò occorendole in questo darmi, o ottenere dalla Sagra Congregazione una dichiarazione che nessuno possa procedere contro di noi, alcun' ordine opportuno, lo faccia; questo però sempre saluo che non voglio lasciare di farle. Di nuouo replico quello che in un'altra mia le domandai a nome di tutti i Missionarij, cioè, che V.P.M.R. domandasse alla Sagra Congregazione una dichiarazione che nessuno possa procedere contro di noi, ma occorendo alcuna cosa, diano parte alla medesima Congregazione; e questo per liberarsi da queste e simili calunnie. //

Padre mio, non bastano i trauagli e le calunnie, che quà si passano, sostentando la vita più come gli animali, che con cibi umani, e trattando con gente, *quibus cum benefeceris deteriores fiunt*, che ancora bisogna star soggetti a tante calunnie e persecuzioni. Sia per amor di Dio: *Non est discipulus super Magistrum.* Sò che a rimirare queste cose tanto da lontano, pareranno formiche; ma a chi stà vicino sembrano monti inaccessibili. È vero che in quanto allo spirito queste stesse cose sono materia di gran consolazione; questo peso del corpo però molte volte ci aggraua, in modo, che se non fosse la particolar assistenza diuina, bisognerebbe dare colle ginocchia in terra. Ma grazie al Signore, fin' adesso tutti i Missionarij sono stati sempre saldi come scogli in mezzo al mare di tante miserie e calamità passate, e con tanto feruore e zelo dell'onor di Dio, e salute dell'anime, che ben può la Religione gloriarsi di tener tali figli; e se si potessero rappresentare in carta i patimenti de' poueri Missionarij, i pericoli manifesti di perder la vita, abbruciando e distruggendo case d'idoli e statue, fino ad esser bastonati e feriti, e strascinati, et altre cose simili, come pienamente potrà intendere a bocca dal P. Antonio Maria, per hauere in se medesimo sperimentato parte delle sopradette cose, e molte altre, che per breuità tralascio. //

Il giorno di S. Pietro fecero tre anni, che io mi ritrouauo preso in un' isola grande del fiume Zaire, con molte guardie, che dì e notte mi guardauano, con mille insulti; et essendo già radunato tutto il popolo per darmi la sentenza di morte, tre volte vennero i ministri della giustizia per leuarmi alla piazza, doue staua il Principe col popolo; e dicendo loro, che auuertissero, che se mi leuauano per forza, subito restauano scomunicati, e che sarebbe vennuto loro alcun graue castigo, fù tanto il timore che concepirono, che non vi fù chi ardisse di mettermi le mani addosso: et in questo si leuò in piedi un vecchio, il qual disse, che io era inuiato dal Santo Padre di Roma, e che ero gran Sacerdote, e che se mi dauano la morte, non sarebbe piouuto mai più in quella

terra; e che il Rè di Congo gli hauerebbe mosso guerra; con che mi lasciarono stare; tenendomi però preso, con intento di farmi morire di fame. Ma Nostro Signore restò seruito darmi occasione, colla quale scappai fuggendo in una canoa, che sono le barche con che nauigano per i fiumi. Non meritauo io ottenere tal grazia di spargere il sangue per amor del Signore, e morire per la Fede, che questa era la causa di volermi dar morte, l'essere andato là a battezzare e predicare. Con tutto ciò a dispetto del demonio, battezzai in dodici giorni mille ottocento quaranta sei persone; il luogo si chiama il Principato di Boma, suddito del Rè di Congo, ma ribellato.

Sono già passati due anni che partìj dal Contado di Sogno, e venni quà ad Angola per ordine del P. Prefetto passato, doue anco quà non è mancato in che esercitarsi: piaccia al Signore, che tutto sia incamminato a sua maggior gloria, e profitto di questa miserabil gente. Mio compagno è F. Francesco da Licodia, laico, che fù compagno del P. Generale passato, Calatagirone (6). Dal sopradetto potrà argomentare V.P.M.R. quello haueranno passato gli altri, che sempre sono stati fra barbari: e la necessità che habbiamo d'esser raccomandati al Signore nelli suoi sacrificij, e sante orazioni, come anco di tutta la Religione, acciò Nostro Signore ci assista con la sua grazia, e ci dia fortezza e costanza in tanti trauagli e pericoli; di che a nome di tutti la supplico umilissimamente. Altro particolare non mi occorre, se non riuerirla umilissimamente, e offerirmele prontissimo per seruirla in qualsiuoglia occorrenza, di nuouo

---

(6) O Padre Inocêncio de Caltagirone (Marcinnò), nasceu em 1589 na província de Siracusa e entrou nos Capuchinhos em 1607. Depois de exercer vários cargos na Ordem foi eleito Geral dela no Capítulo de 1644, visitando todas as províncias europeias da sua Religião. Acabado o generalato em 1650, recolheu ao convento da sua província de origem, falecendo com fama de santidade em 16 de Novembro de 1655. O processo de beatificação foi introduzido na Congregação dos Ritos. Vid. *Lexicon Capuccinum*, Romae, 1951, col. 820. Sucedeu-lhe Fortunato de Cadore (Giera).

raccomandandomi alle sue sante orazioni. Nostro Signore la conserui come io le desidero. //

Di Angola, della Città di S. Paolo, li 22 nouembre 1651.

Di V.P.M.R.

Umilissimo Seruo nel Signore

F. Serafino da Cortona //
Predicatore Capuccino

ARQUIVO DE MONTUGHI (Florença) — *Raggvagli del Congo*, pp. 109-117.

44

CARTA DE FREI JOÃO FRANCISCO DE ROMA AOS CARDEAIS DA PROPAGANDA FIDE

(4-12-1651)

SUMÁRIO — *Mudança radical nas disposições do Rei do Congo para com os Padres Capuchinhos — Rede de calúnias levantadas contra os missionários — Sua resistência às contrariedades.*

Eminentissimi e Reuerendissimi Signori

Con altra mia significai all'Eminenze loro come con il fauor di Dio erauamo arriuati à saluamento, qui nel Regno del Congo, con felicissimo e breuissimo uiaggio, godendo tutti perfetta salute; e come senza incontro ò disturbo di alcuno, erauamo disbarcati in Sogno, con grandissimo contento et allegrezza, non solamente nostra, ma anco di tutto il popolo di quel Contado. Hora, con la occasione che me si è representata di scriuer la presente, facendo loro humilissima riuerenza, deuo notificarle quel tanto N. Signore si è compiaciuto disporre di noi, doppo esser disbarcati nel sudetto Contado.

Essendosi incamminati buona parte de' Religiosi, et io con esso loro, con le robbe della Missione, uerso la Città di S. Saluatore, oue resiede il Rè, che stà distante dà Sogno cento cinquanta miglia, remanendo gl'altri colà, per essersi infermati grauemente, conforme accade ad ogn'uno che uiene in queste parti, arriuammo alla detta Città con gran trauaglio, in termine quasi d'un mese, infermi e molto mal conditionati, per i grandi patimenti che si sperimentano in simile uiaggio. Non mancai, benche aggrauato dal male, di complire con mia obligatione con il Rè, presentandogli in publica piazza, alla presenza de' molti Signori principali,

che erano uenuti à S. Saluatore per tall'effetto, e di numero grandissimo di popolo, il Breue di Sua Santità, con l'altre Indulgenze e la Corona Regia, benedetta dal medesimo Sommo Pontefice, quale stimò in supremo grado, ordinando che si facesse grandissima festa per tutta la Città per tre mesi continui, per il giubilo et allegrezza grande che riceuè, uedendosi in tal modo fauorito da Sua Santità. Ma perche in questa uita le consolationi uanno sempre mescolate con la amarezza delle afflissioni, permise la Maestà Diuina per giusto suo giudicio, che tutta questa allegrezza uenisse à terminare in una crudel persecutione contro di noi, et in un ingrato riconoscimento, doppo hauersi trauagliato tanto per bene di queste anime, e per honor e gloria di questo Rè.

Correua uoce, ò fosse fomentata da maleuoli, come si può supporre, ò ueramente uera, che il Rè non era di quella bontà di uita, come quando me inuiò à Roma à Sua Santità; et perche la uoce era publica, giudicò bene il P. V. Prefetto, con altri Padri Missionarij, che prima di dargli il Breue di S. Santità, la Corona, con l'altre Indulgenze, se gli parlasse secretamente, notificandogli la uoce, che correua; e che douendo riceuer da Sua Santità fauor si segnalato, mostrasse qualche segno di emmenda, e che procurasse di uiuere si christianamente come lo desideraua e presuponeua il Sommo Pontefice e la Sacra Congregatione de Propaganda Fide, et ordinasse leggi e statuti, non solo per il buono gouerno del suo Regno, ma molto più per la reforma de' costumi de' popoli. Si eseguì il tutto con quella carità e dolcezza di parole che fù possibile, senza interuento di uerun' altro che del P. V. Prefetto e me, e di un Religioso che seruiua per interprete, sapendo molto bene la lingua. //

Ma perche questa natione è di questa qualità che ambisce grandemente esser tenuta per buona e uirtuosa, ancorche non lo sia, ne può suffrire che altri sappino le loro iniquità, il Rè in luogo di riceuer in buona parte quanto se gli diceua, si esasperò grandemente contro di noi, benche nell'esteriore non lo dimostrasse, temendo che non se gli desse quanto gli inuiaua

Sua Santità, e cominciò ad intrar' in sospetto che noi non lo uedessimo uolentieri nella Sedia di questo Regno, e che procurassimo di dargli la morte, e collocar' altro per parte del Sommo Pontefice nel Seggio Reale, che andassimo diffamandolo appresso di tutti i più principali, e di tutto il popolo, à fine di mouer gl'animi loro contro di lui, et altre cose simili, le quali ancorche per all'hora le dissimulasse, doppo hauer riceuuto quanto desideraua, all'hora uomitò il ueleno che teneua nel cuore.

Nel medesimo tempo alcuni inuidiosi e ministri del Demonio, che non poteuano suffrire l'honor che si faceua à questo Rè dalla nostra Religione, diedero ad intendere al Rè et al popolo, come le robbe che noi portauammo non era cose appartenenti alla sacrestia, ma arme e munitioni di guerra; e che in Sogno si era uisto disbarcare cento e cinquanta casse lunghe, piene de' spingarde e molti barili di poluere; e che haueuamo nascosti il tutto in un bosco; che doppo noi si aspettaua in breue una grande armata, e che noi ci uoleuamo far Signori del Regno; che quanto portauamo per parte di Sua Santità era tutto inganno, hauendo noi intentione di trattenerlo con somiglianti donationi per poter far meglio il fatto nostro, et altre cose simili, che non li haueriano dette i fanciulli; et in tal modo le dipinsero per uere al Rè et al popolo, che l'indussero, in arriuando le nostre robbe alla Città, di farle tutte portare alla sua casa et aprir le casse per uedere se era uero quanto gli era stato detto, non ostante che fosse assicurato da noi che il tutto era falsità espressa e maleuolenza de nostri emoli. //

Per il che hauendo di già il Rè per l'auuiso caritatiuo datogli conceputo mal' affetto contro di noi, aggiuntoui poi le falsità e chimere che gli furono poste nella testa si mutò di tal sorte, che nell' esteriore mostraua non poterci ueder più nel suo Regno, e d'hauer perduto affatto la deuotione uerso la nostra Religione, non uenendo più alla nostra chiesa e conuento, come prima faceua, ne dandoci più udienza senon con grandissima difficultà, ne uolendo acconsentire che i Padri Missionarij, che erano uenuti

potessero andare per il Regno à fondar diuerse Missioni, e finalmente dando in ogni cosa segni tali, come in effetto l'hauessimo tradito, e fosse uero quanto si diceua contro di noi. E se bene con il dileguarsi le nuuole delle falsità, et con il discuoprirsi la luce della uerità si è indotto, però con molta difficultà, à lasciar andar' i Padri Missionarij alle missioni, ne pare che tenga più tanta mala opinione di noi, nondimeno molti lontani ci uedremo da quel primo affetto, con che fummo riceuuti la prima uolta, permettendolo cosi la Maestà Diuina, per suo giusto giudicio, per far proua de' suoi serui nella fornace de' somiglianti persecutioni, inuentate per opera del Demonio, che non può suffrire il bene spirituale che in queste pouere anime si procura.

Eminentissimi Signori, se il timore et amor di Dio non ci tenesse fermi, stabili in queste parti, tutti ce ne ritornariamo alle nostre Prouincie, poiche oltre al patir si grande che si fà per il mancamento del sostento necessario, e per l'infirmità graui che si patiscono, essendo il clima si differente dal nostro, in modo che tutti ci siamo infermati grauemente, e tre sono passati à meglior uita, degl'ultimi che siamo uenuti; è si grande la ingratitudine di questa gente, che ben possiamo dire esser del numero de' quei de' quali il glorioso Santo Ignatio martire dice, *quibus cum benefeceris peiores fiunt.* Lascio da parte gl'affronti e mali trattamenti che si riceuono alla giornata dà grandi e dà plebei del Regno, e la poca mutatione che si uede negl'inuechiati ne' uitij e peccati, cose tutte da far rafreddare qualsiuoglia feruoroso spirito nella conuersione dell'anime. //

Una cosa di consola, che quando non facessimo altro che giustificar la causa di Dio, stando in queste parti, non saria picciol sacrificio, che fariamo delle nostre persone alla Maestà Diuina. N. Signor si compiaccia per sua Bontà, di consolarci in tante nostre afflittioni, con darci forze da poter suffrire questo et altro per suo amore, e di rimirar per la sua causa, non permettendo che il nemico infernale tanto preuaglia contro di noi, con danno uniuersale di queste pouere anime, essendo che si è presentito,

che alcuni nostri emoli, che sempre ci sono stati contrarij in questa nostra Missione, procurano far uenir altri della loro Religione e natione, e cacciar noi de qui. Facciasi la uolontà dell'Altissimo, che à tutto stiamo pronti, e disposti; e se de qui saremo discacciati, in altre parti saremo riceuuti con il fauor di Dio. E qui finisco humilissimamente inchinandomele con augurarle dal Cielo il compimento d'ogni uera felicità .//

Congo, S. Saluatore, 4 di decembre 1651.

Dell'Eminenze Vostre Reuerendissime

Humilissimo e Deuotissimo Seruo nel Signor.

Fra Gio. Francesco de Roma, Capuccino.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 192-192v e 207-208.

NOTA — Este documento prova à evidência com quanta precipitação e superficialidade os primeiros missionários Capuchinhos haviam avaliado os povos do Congo e também com quanta falta de veracidade objectiva tinham informado a Santa Sé (a Propaganda Fide e o próprio Papa) das qualidades e disposições das autoridades gentílicas e das populações. Daí começar a ouvir-se o coro do *mea culpa* dos responsáveis, já desiludidos. Era fatal...

45

CARTA DO PADRE JANUÁRIO DE NOLA AOS CARDEAIS DA PROPAGANDA FIDE

(5-12-1651)

SUMÁRIO — *Agradece os auxilios dados à Missão e alude à mudança de sentimentos e atitudes do Rei do Congo para com os missionários.*

Eminentissimi e Reuerendissimi Signori

Colle ginocchia a terra, prostrato a' piedi dell'Eminenze Vostre Reuerendissime, rendo gratie infinite, del paterno affetto e singolar beneuolenza con effetti cotanto ridondanti di beneficij e prerogatiue straordinarie dimostrato à questo Rè e Regno, et alla nostra apostolica Missione, minima et obedientissima figliuola di cotesta Sagra et amorosa Madre, dalla cui materna sollicitudine uiene fauorita et auualorata e con priuilegij necessarij e con buon numero de nuoui operarij vangelici, sotto la guida, per il uiaggio, del P. F. Giouanni Francesco Romano, qui andoui cõ salute, quãtunque per l'ineuitabile tributo d'infermità, 3 di loro cõ santa dispositione siano passati à miglior uita.

Ma come si è proprietà dell'ingratitudine colla moltitudine de fauori far diuenire pegiore il sugetto in cui si ritroua, tanto è auuenuto per occulti ma giustissimi giuditij diuini in questo Regno, particolarmente al Capo di esso, delche hauendo data piena contezza al nostro Padre Procuratore, dal quale saranno abastanza informate l'Eminenze Vostre, e colla magior humiltà et efficacia che posso, in nome di tutta la Missione, supplicandole di fauoreuole spaccio à quei rimedij che si propongono; all' Eminenze Vostre Reuerendissime fo diuotissimo e profondis-

simo inchino, bramandoglie dal Cielo il colmo d'ogni uera essaltatione. //

S. Saluatore, Città Regia del Congo, 5 Decembre 1651.

Dell'Eminenze Vostre Reuerendissime

Seruo e figliuolo nel Signore obedientissimo et humilissimo

F. Gianuario da Nola, Capuccino indegno.

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 193.

46

CARTA DE FREI BOAVENTURA DE SORRENTO AOS CARDEAIS DA PROPAGANDA FIDE

(6-12-1651)

SUMÁRIO — *Explica a seu modo os motivos pelos quais não embarcou em Lisboa para o Congo, endereçando três súplicas à Propaganda.*

Eminentissimi e Reuerendissimi Signori
e Padroni Osseruandissimi.

Frà Bonauẽtura da Sorrento, Missionario Capuccino, che nell'anno passato fù in Roma, mandato dal rè di Congo, e dalli Missionarij di quel Regno, prostrato alli piedi di tutta cotesta Sacra Congregatione, con ogni possibil humiltà e reuerenza li ricorda, che li Missionarij Capuccini che nell'anno 1645 entrorno nel Regno di Congo, e ui piantorno la Missione cõ grandissimo frutto e morte d'alcuni d'essi, per li gran patimẽti e trauagli, et anco li secõdi ch'arriuorno nel 1648, cõ li quali si dilatò per il Regno, e si fondorno 6 case in 6 Prouincie, trouandosi in quei deserti afflitti, più dalle difficultà che l'impediscono il desiderato fine della salute dell'anime, che dalli patimenti esterni e corporali, senz'aiuto humano e senza poter cõ lettere communicar cõ Jtalia ne Europa, unitamente cõ quel Rè, qual desidera la dilatatione della fede, spedirno il detto P. F. Bonauentura per aiuto e soccorso, à cotesta Santa Sede, e per poter perseuerare nell'incominciata coltura.

Già Sua Santità, come Padre e Pastore, e cotesta Sacra Congregatione, come pietosa Madre, ascoltò uolentieri le necessità di suoi figliuoli, et intenerita dal sentire il miserabil stato

di quell'anime, determinò e procurò efficacissimi mezzi per dar loro opportuno rimedio, ma la Missione che si trouaua mandata per Spagna e le differenze del Rè di Portugallo cõ il Rè di Spagna in materia del passo, impedirno l'effetti, che si pretendeuano, e solamente fù spedito il detto F. Bonauentura, con quelle risposte che si poterno dare, et il P. Giacinto da Vetralla, per assecurarse in Lisbona s'il Rè di Portugallo uoleua dar il passo libero, e far pace con il Rè di Congo, al qual per hauer riceuuto li Missionarij uenuti dalli parti di Spagna, fù fatta guerra cõ nõ poco danno (1).

Li sudetti Religiosi sono stati 4 mesi in Lisbona; e perche li Ministri di quella Corte e quasi tutti li vassalli, sono auersi, e nõ gustano de Religiosi forastieri, di qualsesia natione, e nõ possono soffrire che uadano alle loro cõquiste e Regni nelli quali li portughesi hanno introdotto la fede, com'è quello di Congo, hanno mõstrato concedere il passo alli missionarij futuri, purche s'imbarchino in Lisbona, e nõ siano vassalli di Spagna (sapendo che la Sacra Congregatione, come Madre uniuersale, senza risguardare che siano negri fauorisce il Regno di Congo, et hà determinato in tutti li modi aiutar quell'anime cõ ministri euãgelici, e che [il] Rè di Spagna hà dato più uolte il passo), e nõ lo cõcedendo sariano passati per altre parti. //

Ma dall'altra parte hanno mandato ordine al Gouernatore (com' hà saputo il detto F. Bonauentura per cosa certa) che potendo mandi fora li Missionarij, sotto colore che sono passati per Spagna, et altri che sono vassalli dell'istesso Rè di Spagna, e quando si uolessero eseguire, un solo ne restaria.

Al Rè di Congo hà mõstrato nell'apparenza di cõcederle quãto hà dimandato, e s'hà riserbato di far una fortezza nel fiume Zairi, cõ la quale uiene à serrar il Regno di Congo dall'

---

(1) Nunca Portugal declarou guerra ao Rei do Congo pelos motivos alegados pelo autor da carta. E ele bem o sabia...

una e dall'altra parte, che nõ può hauer commercio cõ alcuno, ne possano entrare più Missionarij; chi nõ hà prattica del paese giudicarà ch'habbia fatto gran cosa; et in effetto nõ è altro ch'un occasione di nõ uoler pace ma guerra, e di uoler sogettar quel Regno nel modo che lo teneua prima d'entrarui, l'Olandesi, et ciò si può uedere chiaramente dal tenore del passaporto, nel quale il Rè di Congo e li Missionarij dimandano il passo, e lui cõcede licenza di stare, residere e cõtinuare le Missioni. //

Con queste naui che sono andate adesso hà mandato il Rè di Portugallo un Arcidiacono da Lisbona alla chiesa di Congo. Nella risposta che fà al Rè di Congo, nõ li dà altro che di uoi. Hà mõstrato nelle speditioni di dimandar la fortezza cõ bone parole, e dopò hà mandato secretamente un famoso ingegniero ò architetto; et in quella Città nõ ui è altro che fondar la sudetta fortezza, e farsi all'improuiso. //

Al detto F. Bonauẽtura haueua cõsignato la risposta, e capitulationi per il Rè di Congo, concessoli prouisione particolare (come si può ueder dalla copia) acciò nõ ostante ch'era vassallo di Spagna, potesse imbarcarse in quelle naui, dando lo necessario; e quando staua per far uela, lo fece disbarcare e uolse ch'andasse solo il P. Giacinto con un frate Portughese, et il detto Fr. Bonauẽtura restò à terra senza poter scriuere al Rè di Congo, ne alli Missionarij, per dar cõto di quãto haueua fatto, et spogliato nõ sollo d'alcuni libretti ch'haueua ad uso suo, ma dall'istesso Quadragesimale, qual per trouarse di basso della naue, nõ fù possibile pigliarse. //

La causa certa di tal nouità e mutatione nõ si sà per adesso, si saperà dall'effetti che soccederanno in Congo, quando arriuaranno quelle naui: probabilmente si può giudicare che l'essere stato il detto F. Bonauentura in Roma à portar lettere del Rè di Congo al Papa e ad altri, l'hauer dimandato l'agente per il Regno di Congo, e l'autorità per quella Chiesa e Christianità, senza dirlo al Rè di Portugallo quando passò, l'habbia fatto grandando; e questo si caua da un lamẽto che fecero alcuni

Ministri cõ il Superiore dell'Ospitio de Capuccini francezi, al quale dissero che li Missionarij del Congo haueuano posto in punto il Rè di Congo, introducendolo à scriuere al Papa, à Cardinali, hauer Agente in Roma, e risposte cõ titolo di Maestà, come si fosse un Rè bianco. //

Et il Vescouo eletto ò nominato per Angola riprese il detto F. Bonauẽtura da Sorrento, ch'era uenuto in Roma à dimandar l'autorità, hauendo cõ ciò fatto ingiuria al Rè di Portugallo, qual dalli Pontefici passati haue autorità di mandar missionarij alle sue cõquiste, e li cõcedono tutte le facultà necessarie all' amministratione di Sacramẽti; andando à dimandarla in Roma, è un negare ch'il Rè habbia detta autorità, e per cõsequẽza che nõ sia Rè; haec formalia uerba disse quel Padre, e F. Bonauentura si scusò che nõ lo sapeua, e usci dalle sue dispute al meglio che potè (2).

Jl Rè di Congo e suoi cõseglieri, non sono come gl'altri del Regno, hanno gioditio, e l'esperienza dell'anni passati li farà aprir gl'occhi, à nõ si sogettar di nuouo, ne permetteranno mai che si faccia la fortezza; e quando ciò si nominaua per il Regno, stando là il detto F. Bonauẽtura, tutti bolliuano di sdegno, e si hà mandato e scritto il Rè di Congo al Rè di Portugallo, è stato per otturar la bocca delli cõtrarij, quali cercando occasione di persequitarlo e farli guerra, andauano dicendo ch'il Rè di Congo era fatto scismatico, heretico, fatto tutto olandese, e nemico de Portuguesi, scordato delli beneficij riceuuti; et hauendo

---

(2) A razão verdadeiramente determinante do desembarque e retenção do Padre Boaventura de Sorrento ninguém melhor do que ele a sabia de ciência certa. Inventa, no entanto, motivos inverossímeis para varrer a sua testada junto da Propaganda Fide, já convenientemente informada pelo Prefeito da Missão, Padre Jacinto de Vetralla, em carta de 20 de Outubro do mesmo ano. A má fé do Padre Sorrento e os intúitos políticos da sua missão, aqui revelados mais uma vez, provam com quanto acerto político procedeu D. João IV, cassando-lhe o passaporte e reenviando-o para a Itália.

riceuuto li missionarij uenuti da Spagna, diceuano ch'era fatto Castigliano (titolo appresso di loro peggior d'olãdese). //

Il Rè di Congo hà datto alla Corona di Portugallo questo tributo di gratitudine per li beneficij riceuuti, e monstrato di uoler pace cõ Portughesi, e cõ tutti quelli che lo lasciano nella libertà in che Dio l'hà posto; e però offerendosi à fare il possibile da sua parte, esclude il far detta fortezza, e tre altre cose pregioditiali alla libertà del Regno; e uolendo pur tentar tal fortezza, si conoscerà la causa della guerra, e lui sarà scusato appresso Dio e li vassalli, per hauer fatto quel ch'hà potuto, e benche li potranno fare qualche danno cõ l'arme de foco, nõ per questo cõsequiranno l'intento, cõfidando nell'aiuto di Dio benedetto.

Vedendo dũque il F. Bonauẽtura che le cose del Rè di Congo passauano in tal modo, e che lui era stato impedito senza poter scriuere, ne dar conto di quel ch'haueua negotiato in Lisbona et in Roma, se risolse uenir in Jtalia, e s'imbarcò in una tartana frãzese, per nõ hauer altra commodità di presente, cõ intentione di fermarse in qualsiuoglia terra, che pigliasse dopò Lisbona, per poter scriuere liberamente, et in Roma et in Congo, e procurare che quando fussero necessitati li missionarij Spagnoli e vassalli di Spagna partirse da Congo per giodizio di Dio, e per dominio de Portughesi, hauessero commodità di naue, e nõ fossero costretti ire à Lisbona, perche sariano tenuti per traditori, come passati per altri parti, e saria gran uergogna e uituperio della Religione e Cõgregatione. Ma Dio hà uoluto che la barca nõ habbia toccato altra terra che uicino Marseglia, di doue hà scritto questa lettera, per auisare le Eminenze loro di quãto è occorso, e li supplica di 3 cose.

Prima à non mandare altri Missionarij nuoui senz'hauer prima auiso da Congo, come passino le cose, e si se fà la pace, non ostante che il Padre Giacinto da Vetralla scriua che mandino, perche lui nõ sà le cose di Cõgo e la uolũtà di quel Rè, nõ facendosi pace, ne sà quel ch'hà saputo Frà Bonauẽtura in Lisbona dopò partite le naui, e si causaria grã cõfusione.

2.° Posto il caso che li Missionarij vassalli di Spagna, quali sono 16, siano necessitati partirsi da Congo, domanda sapere la uolũtà della Sacra Cõgregatione, si è che ritornino in Europa et Italia, ò pur che uadino (potendo) ad altra parte sogetta à Spagna, almeno quelli che uorranno, et diano le licenze necessarie.

3.° Pare al detto F. Bonauẽtura de Sorrento, che trouandosi occasione al proposito, non solamente scriuere ma ire in persona à Congo, per portare la risposta de Sua Sãtità, e altre lettere à quel Rè, et informare li Missionarij del tutto, et poi far quello che faranno gl'altri vassalli di Spagna; cõ tutto ciò si butta nelle mani dell'Emineze loro, e desidera sapere il gosto e voluntà della Sacra Congregatione, che uolse fare della sua persona; si uole che uada à Congo procurarà d'andare; si uole che ritorni in Jtalia, ritornarà; si uole mandarlo ad altra parte, andarà à dar la uita per la santa fede cõ la sua benedittione, qual cõ le ginocchia à terra riceue, et aspettarà risposta ad Alicãte ò à Genoua; per fine dimandando perdono del tedio, bacia all'Eminenze loro reuerentemente la ueste à uno per uno, restando à pregar Iddio per l'esaltatione di Santa Chiesa, e cõpimento di loro desiderij. //

Da Marseglia, li 6 di Decẽbre 1651.

Dell'Eminẽze Loro Reuerendissime

Humilissimo figliuol e seruo nel Signor

F. Bonauẽtura da Sorrẽto //
Missionario Capuccino nel Regno di Congo

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 194-195v.

47

CARTA DO PADRE BOAVENTURA DE SORRENTO AO PROCURADOR-GERAL DOS CAPUCHINHOS

(28-12-1651)

SUMÁRIO — *Pretende partir para o Congo a levar ao Rei a resposta da sua embaixada — Partida de Marselha para Alicante — Deseja ser encorporado na provincia da Andaluzia.*

M. Reuerendo Padre nel Signor Osseruandissimo

All'arriuo di questa mia, haverà riceuuto l'altra scritta di Marseglia, dando conto alla P.V.M.R., alla Sacra Congregatione e à Monsignor Secretario, di quãto era negotiato in Lisbona; della partenza del Padre Giacinto per Angola, et impedimẽti miei per li quali sono partito uerso Jtalia; ma pigliando la barca terra in Marseglia e porgendosi occasione d'un nauilio che ueniua ad Alicante, mi sono imbarcato in esso; le lettere tentai mandarle per la posta, ma uoleua essere pagata; le diedi ad una barca genouese; spero che saranno gionse, e per questo non replico altro di nuouo. //

Quel che m'occorre scriuere adesso per una naue ch'hà d'andare à Genoua, ch'alli 22 di Decẽbre sono arriuato ad Alicãte, e per mia bona fortuna nel medesimo luogo hò trouato il P. Prouinciale di Valenza et il P. Guardiano, ch'è diffinitore e fù Custode del Capitolo Generale, chiamato il P. F. Francesco da Castellon; cõ essi loro mi sono cõsegliato; hò mõstrato le resposte che uanno al Rè di Congo, del Papa, del Cardinal Esté, de Monsignor Lanuuio, Agente, e del P. Generale, e li ordini et instruttioni de V.P.M.R., cõ l'obedienza; hò raccõtato quãto è occorso in

Lisbona, e mõstrato le prouisioni del Rè di Portugallo e quel che dimanda il Rè di Congo, e tutto quello che m'hà parso necessario per informatione; e dopò mi sono rimesso al lor parere e giodizio, d'andar ò uenire in Jtalia. //

Li sudetti Padri m'hanno risposto, che per ire semplicemente alla Missione, ò per portare la risposta alli Miisionarij, nõ saria necessario tanto fastidio, bastaria quel ch'hò fatto, e me ne potria ritornare in Prouincia; ma per le cose del Rè di Congo, acciò non pensi ch'io l'hò burlato e che la Religione, il Papa e Prelati à quali hà scritto, habbiano fatto poco cõto di lui, ma sappia quanto l'habbia stimato la Sede Apostolica, la Religione e altri Prelati, come uederà dalle risposte e conosca quanto hò trauagliato in Portugallo dal conto delle scriture, e sia auisato del tutto, e resti affettionato alla Chiesa et alla Religione, conuiene et è forzoso ch'io faccia ogni diligenza trouar' imbarco per Congo, e potendo ire, ò almeno scriuere e mandare le risposte per commodità secura; e per far ciò hanno giudicato bene, ch'io mi trasferischi nella Prouincia d'Andalucia, doue stanno li porti che correspondeno cõ quelli paesi, e communicando cõ quel P. Prouinciale quãto passa, per zelo della Religione e della Chiesa, l'aiutarà à fare la debita diligenza (1).

Cosi penso di fare, e quãto prima partirò per mare, ò per terra, cõ il nostro compagno F. Geronimo da Santo Prisco, e questo P. Guardiano mi farà carità di mandarme le risposte che uerranno da Roma; nõ mi partirò dal conseglio di quelli Padri, ne mi ponerò à negotiare con secolari di qualsisia conditione, si nõ quanto faranno essi. V.P.M.R. stia secura ne s'affligga

---

(1) Não tendo podido embarcar em Lisboa, pela sua falta de prudência, o Padre Prefeito Jacinto de Vetralla suplicou-lhe que lhe passasse os documentos para os entregar ao Rei do Congo, o que ele recusou obstinadamente. A teimosia, em que persistia, de partir para o Congo contra as graves leis do Rei de Portugal, dá bem a medida do carácter do fugoso missionário.

per qualche cosa scrittali dal P. Giacinto ò dali Padri Frãzesi dell'Ospitio, perche cõ il tempo Dio benedetto farà conoscere la uerità.

Una sol cosa replico delle scritte, che V.P.M.R. non mandi frati per Lisbona sin'à tãto ch'habbia certezza da Congo, e lettere delli primi e secondi missionarij, che le cose stiano bene accomodate; perche il trattato di tal passo si presupponeua che douesse essere causa della pace del Rè di Portugallo con il Rè di Congo, e per questo s'è fatta ogni diligenza in questa parte, et datto ogni sodisfattione possibile, per euitare quel che se diceua in Congo, che li missionarij erano causa della guerra e danni del Regno; ma mentre ciò nõ ostante, pensano far peggio, nõ deueno per là passare, stando grandissimi pericoli d'olandesi, sospetti, et incommodi, oltre la uolũtà del Rè di Congo, che nõ l'hauerà à caro; ne io dico che per adesso s'habbiano à mandare per Spagna, ma solamente s'aspetti auiso, e sicurtà delli missionarij che stanno al Congo, e hanno l'esperienza, ne si fida de quãto scriueno altri, che non ui sono stati, e frà tãto bastano quelli che sono andati; ne occorrendomi altro per adesso, bacio à V.P.M.R. le sacrate mani, e cõ il nostro cõpagno li facciamo humil reuerenza. //

D'Alicante, li 28 di Decẽbre 1651.

Di V.P.M.R.

humilissimo seruo e figliuol in Christo.

F. Bonauẽtura da Sorrẽto //
P. Capuccino e Missionario del Congo.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 197-197v.

48

MISSÃO NO REINO DE MACOCO

(1651-1652)

SUMÁRIO — *Tendo o rei de Macoco pedido sacerdotes para ser baptizado, sugere-se que o Padre Boaventura de Alessano vá fundar aquela missão logo que chegue o novo Prefeito ao Congo.*

Eminentissimi Signori

Frà Bonauentura de Sorrento, Missionario Capuccino nel Regno di Congo, cõ ogni humiltà rappresenta à questa S. Congretatione com'il Rè di Mococo, gentile e contiguo al Congo, hà domandato sacerdoti, per mezzo dell'istesso Rè di Congo, perche si uole battezzare, lui cõ suoi vassalli; il cui fratello per desiderio del Battesimo, è uenuto sin' à Congo; e benche li regni confinino insieme, tramezzando solamente un fiume, le città però delli Rè sono distanti una dall'altra ben 600 miglia e più, di lingua differente; si giudica conueniente raccommandare questo negotio al Rè di Congo, acciò cõ il suo agiuto, si possa andare in detto Regno, e ne mandi breue e patente particolare al P. Bonauẽtura d'Alessano, che'adesso è Prefetto della Missione in Congo (1), acciò arriuato ch'iui sarà il nuouo Prefetto constituito dalla S. Congregatione (2). Lui procuri di passare al Mococo coll'istess'autorità di Prefetto, e cõ l'istesse facultà

---

(1) Falecera em 2 de Abril de 1651, segundo carta do Padre Serafim de Cortona, de 5 de Junho do mesmo ano, aos Cardeais da Propaganda Fide.

(2) Partiu de Lisboa em meados de Outubro de 1651 o Padre Jacinto de Vetralla.

concesse al Prefetto di Congo, menando seco due ò 3 cõpagni per adesso, e uiuendo lui, sia immediatamente sogetto à questa S. Congregatione, independente d'ogn'altro superiore de missioni; ma che dopò la sua morte, sia prouista dal Prefetto di Congo di Superiore e de Missionarij, et à lui stia sogetta e subordinata com'à Prefetto Generale: et quando si trouasse morto il detto P. Alessano, ò che per la debolezza della uecchiaia, nõ potesse andare, il Prefetto di Congo mandi un sogetto che giudicarà habile, cõ titolo di Vice Prefetto, communicandole le facultà necessarie, e del tutto se dia auiso à questa S. Congregatione.

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 198.

NOTA — Não tem data o documento, mas cremos poder datá-lo de fins de 1651 ou começos de 1652.

49

CARTA DE D. GARCIA II AO PAPA

(1652?)

SUMÁRIO — *Advoga a criação de Bispo privativo para o Congo, separado do reino de Angola — Que não seja português mas de qualquer outra nação.*

Beatissimo Padre

Don Garzia Affonso 2º di questo nome, per la gratia di Dio Rè di Congo, non potendo in persona propria, inginocchiato per mezzo del suo Ambasciatore, alli piedi di Vostra Beatitudine, baciandoli per mille uolte cõ humil obedienza le ricorda che da sua parte hà fatto quanto hà potuto per difesa et aumento della Fede Catholica nel suo Regno e nelli contigui, e per desiderio di fare cose maggiori hà mandato più uolte Ambasciatori pregando e supplicando V. B. ad inuiarli Vescoui, promettendo di più darli mille docati annui, che l'entrano per le Decime, di sostentarlo cõ l'entrate proprie, e senza che sia effettuato cos' alcuna, intende che cõ li Vescoui concessi ò da cõcedersi in breue alla Corona di Portugallo, s'habbia da cõsacrar il Vescouo nominato per Angola.

Per tanto notifica à V. B. e à cotesta Santa Sede, Madre e Giudice di tutti li Christiani senz' eccettuatione di persone, che la Corona di Portugallo nõ tiene giurisdittione alcuna nel Regno di Congo, essendo che Angola e Congo sono due Regni cõtigui ma distinti, e la giurisdittione di cõquista ch'hanno li Portughesi nel Regno d'Angola per hauerlo leuato à forza d'armi alla Regina Singa gentile, nõ l'hanno nel Regno di Congo, che spontaneamente riceui la fede, senza uiolenza, sẽpre hà perseuerato

in essa, e mai è stato tributario d'alcuno: la giurisdittione ecclesiastica, benche sia stata unita in un sol Vescouo, qual s'è chiamato Vescouo di Congo, tenendo la sua Chiesa Catedal cõ Canonici nella Città reale di Congo, che per altro nome si chiama San Saluatore, iui hà fatto la sua residenza, di doue hà gouernato il Regno di Congo, e Regno d'Angola; et benche li Portughesi impedissero il Vescouo passato, che nõ residesce nella sua Catredale, e l'habbiano tolto il titolo di Congo, intitolandolo Vescouo d'Angola, cõ tutto ciò la Catredal di Congo in atto si troua nel possesso della giurisdittione sua antica; stante che quãtũque il Vescouo sia morto in Massãgano, terra del Regno d'Angola, dou'era fuggito cõ li Portughesi, quando l'Olandesi occuporno il porto di São Paolo di Loanda. //

Cõ tutto ciò il Vicario Capitolare fù fatto dalli Canonici nella Catredale di Congo, e nell'istessa è stato dall'anno 1643 ò 44, che morì il Vescouo (1), et stà in atto gouernando il Clero di Congo et Angola, è da tutti riceuuto e conosciuto per Superiore, et hanno riceuuto li sotto Vicarij mãdati da lui à Massãgano et à Loanda, doue dopò partiti l'Olãdesi (2) andò il Signor Arcidiacono della Catredal di Congo per Vicario, stante dũque tal giurisdittione et attual possessione.

Il Rè di Congo cõ humil deuotione e reuerenza, espone e dice che si V. Santità resta seruita, che il Clero e Chiese, di questi due Regni Congo et Angola, habbianno à perseuerare uniti in un medesimo Vescouo, com'è stato per il passato, sia anco seruita V. Beatitudine ordinare ch'il Vescouo resieda nella sua Catredal di Congo, in compagnia delli Canonici: e non sia Portughese di natione, perche hauendo la gente di Congo grandissima antipatia cõ li Portuguhesi, per il dominio et imperio ch'hanno procurato e procurano hauere nel Regno di Congo, il Vescouo nõ

---

(1) D. Francisco do Soveral faleceu em 4-1-1642.

(2) Os holandeses foram expulsos de Luanda em 15-8-1648.

saria tanto rispettato, obedito, e stimato, quanto essendo d'altra natione; e si legge nelle historie delli Vescoui passati, che sono stati di diuerse nationi (3) e due della Casa real di Congo (4).

Quando poi V. Santità restasse seruita uoler diuidere la giurisdictione ecclesiastica di questi due Regni, cioè Congo et Angola, e per consolar la Corona de Portugallo, consacrar il Vescouo Portughes cõ titolo de Vescouo d'Angola, sia anco seruita V. Beatitudine ordinare che uada á fare la residenza nel Regno d'Angola, lasciando il Regno di Congo cõ il suo puorto de San Paolo di Loanda (per essere sito, e giurisdittione di Congo) acciò V. Beatitudine li proueda de Prelato e Pastore, protestando ch'il soggettare la Christianità di Congo á Vescouo Portughese è l'istesso che distrurggerla, ne si deue timere di mandare per altra strada, perche no mancano fiumi e porti da poter disbarcare (5).

Di nuouo bacia á V. Beatitudine li santissimi piedi, e prega a nõ abandonar li poueri negri abandonati e dispreggiati da tutti. Quã Deus.

No verso: Al Santissimo e Beatissimo Padre Jnnocentio X.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 213-213v.

---

(3) Houve dois ou três bispos de S. Tomé que foram de nação espanhola e governaram como tais a cristandade do Congo, antes da criação da diocese em 1596. Depois da criação da diocese os bispos foram todos portugueses.

(4) Não possuimos documentos que nos habilitem a asseverar ter havido dois Bispos da Casa real do Congo. Apenas se conhece D. Henrique, que não foi prelado da ainda inexistente diocese do Congo, mas Bispo titular de Útica.

(5) Fazendo parte dos papéis da embaixada de 1648, o «espírito» anti-português e de inspiração espanhola é manifesto, como manifesta é a dedada de Frei Ângelo de Valência.

Este pensamento encontra-se expresso repetidas vezes nas cartas de Frei Ângelo de Valência e mesmo de Frei Boaventura de Sorrento.

50

DECRETO SOBRE AS MISSÕES DAS CONQUISTAS

(23-1-1652)

SUMÁRIO — *Em virtude do estado financeiro do Reino, el-Rei taxa os Bispados vagos, por vinte anos, para sustento das missões.*

Tendo respeito ás razoẽs que o Bispo meu Capellaõ Mor, do meu Conselho de Estado me reprezenta no papel que será incluso neste decreto, sobre o meyo de que se poderá tirar dinheiro para hirem ás conquistas Missionarios a pregar o sancto Euangelho, e uisto o estado em que se acha minha fazenda, e a obrigaçaõ, importançia, e qualidade desta materia. Hey por bem nomear çinco mil crusados de pensão aos Bispados vagos do Reyno por tempo de vinte anos, para despenderem nas Missoẽs pelo modo apontado naquelle papel, a saber, mil cruzados no Arçebispado de Braga, quinhentos mil reis no Arçebispado de Euora, quinhentos mil reis no Bispado de Coimbra, duzentos mil reis no Bispado de Leiria, no Bispado de Lamego duzentos mil reis e duzentos mil reis no Bispado de Viseu. //

E o dinheiro uirá a poder do Thezoureiro da Capella, e o Bispo meu Capellaõ Mor, e os que lhe suççederem no posto, teraõ o cuidado de o cobrar, e de o despender nas Missoẽs, procurando, e escolhendo sujeitos quais conuem para ellas, e dispondo tudo o neçessario para se fazer melhor nesta parte o seruiço de Deus Nosso Senhor, de que muito particularmente o encarrego, e a seus suççessores; nesta conformidade mando escreuer a sua Santidade para a seu tempo se expedirem as bullas, e auizar os conselhos da Fazenda e Vltramarino desta resoluçaõ minha. //

E porque conuem prouer de remedio emquanto naõ vem bulas de Roma para se acudir a neçessidade taõ preçisa, mando

encomendar á iunta dos tres estados remeta a dita quantia de çinco mil cruzados em cada hum anno ao dito Thezoureiro da Capella, do dinheiro, que vier a seu poder proçedido dos rendimentos dos Bispados, de que me ualho por emprestimo, e sendo neçessarios mais despachos para mayor firmesa desta rezoluçaõ minha, o Capellaõ Mor terá cuidado de os pedir na Secretaria do Estado, onde dei ordem para se lhe passarem.

Em Lisboa a 23 de Janeiro de 1652.

BAL — Cód. 50-V-37, fl. 307, n.º 107.

Em portaria do Conselho da Fazenda, de 27-1-1652, se determina que não continue por conta da real Fazenda a despesa dos Missionários das Conquistas, em virtude das providências tomadas por este Decreto.

51

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(27-1-1652)

SUMÁRIO — *Agradece a el-Rei ter ordenado que durante vinte anos se dessem cinco mil cruzados anuais das rendas de alguns arcebispados e bispados do reino, para as despesas dos Religiosos Missionários das Conquistas Ultramarinas.*

Manda V. Magestade avizar a este Conselho, por Decreto rubricado de Sua Real mão, de 23 do prezente, da rezolução que foi seruido tomar, de se hauerem de dar cada anno, por temtpo de vinte, çinco mil ++ os [cruzados] das rendas de algũs Arçebispados e Bispados do Reino, para gastos e despesas dos Religiozos Missionários que se hão de enuiar ás Conquistas, e hé tão grande a mercê e fauor que o Conselho reçebeo de V. Magestade com este auiso, e tão digna da christandade e piedade de V. Magestade a dita rezolução, que prostrados a seus pees, lhe rendemos as graças por ella, esperando com confiança, que por acção tão catholica (posto que muito da obrigação dos Senhores Reis Portugueses, pois com ella possuem o que tem fora de seus Reinos) se moua nosso Senhor a fauoreçer as cousas dos mesmos Reinos e suas Conquistas, e melhorar muito os successos dellas. Assi será elle seruido de o fazer. //

Em Lisboa, a 27 de Janeiro de 652. //

O Conde / Vasconcellos / Moura / Figueira / Pereira

Agradeço muito ao Conselho o que conthem esta consulta. Saluaterra, 7 de Feuereiro de 652. //

Rey.

AHU — Cód. 14, fl. 368v.

52

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(21-2-1652)

SUMÁRIO — *Constando que os Holandeses iam povoar o Cabo de Boa Esperança, manda-se proceder ao descobrimento havia anos iniciado — Acção do piloto Gaspar Pereira dos Reis e do cosmógrafo João Teixeira. — Junta de cosmógrafos.*

Manda V. Magestade, por Decreto rubricado de sua real maõ, de 24 do passado, que há poucos dias se reçebeo neste Conselho, que nelle se veja huã copia de capitulo de carta de Antonio Raposo, escrita em Absterdam *(sic)*, em que auisa de os Olandeses quererem hir pouoar o Cabo de Boa Esperança, e pareçendo que há que representar a V. Magestade se faça logo.

Na carta refere Antonio Raposo (entre outras cousas de que já se teue auiso por Hieronymo Nunes da Costa, e se tem consultado a V. Magestade) que na monçaõ de Janeiro passado, em companhia de outras embarcaçoẽs para a Jndia partira hũ pataxo cõ oitenta pessoas, ao Cabo de Boa Esperança, para aly fazerem huã fortaleza e pouoaçaõ, para refresco das suas naos.

E por neste Conselho hauer notiçia que nos annos passados se hauia consultado a V. Magestade este descobrimento, com ocaziaõ das notiçias que do Cabo de Boa Esperança ser ilha, e ter entradas e sahidas de huã e outra paıte, e rios caudelosos que desaguaõ na enseada que está por detrás do Cabo, deu neste Conselho Domingos de Magalhães, que esteue nelle, se mandou trazer a este Conselho a consulta delle (1), e se uio que V. Magestade rezolueo entaõ, que o descobrimento se cometesse ao mesmo Domingos de Magalhães, com promessa de mercês; e disse V. Magestade que assy o mandaua auisar ao Conselho da Fazenda, que por entender a materia differentemente, pella informaçaõ

(1) Cfr. documento de 5 de Setembro de 1648, vol. X, p. 223.

que deraõ os Cosmografos a quem se comunicou, deixou de passar a diante a dita rezoluçaõ, e Domingos de Magalhaẽs foi para Angolla, e enuiando o daly ao mesmo descobrimento Saluador Correa de Saa (2), falleçeo sem fazer cousa alguã. //

E por o Conde Prezidente referir que sobre esta mesma materia se tinha feito deligencia e planta pello Conselho da Fazenda, se buscou e achou tudo, e se enuia a V. Magestade. E vem a ser huã consulta deste Conselho, da datta de 5 de Setembro de 648, com a planta do Cabo, [...] e outra do Conselho da Fazenda, mais larga pellas informaçoẽs em que se fundou, com outra planta mais clara, e que se entende melhor.

E sendo agora visto e considerado tudo, pareçe ao Conselho que uisto acharse de prezente neste Reino Gaspar Pereira dos Reis (3), grande pilloto, e que deu ao Cosmografo João Teixeira (4), as notiçias que elle rellata na sua informaçaõ, conuirá (e hé assy neçessario) que V. Magestade mande que o dito Gaspar Pereira, e os Cosmografos, se ajuntem, e que considerem, se se deue alterar com este auiso de Antonio Raposo, o que está assentado, e quando se rezolua, entaõ proporá este Conselho a V. Magestade pessoas que bem possaõ e saibaõ seruir a V. Magestade.

---

(2) Cfr. documento de 9 de Julho de 1650, vol. X, p. 554.

Sobre o piloto Domingos de Magalhães Lima nada nos diz Sousa Viterbo. Tendo sido enviado pelo governador de Angola ao Cabo de Boa Esperança, faleceu em Benguela, em 1650, após dois meses de viagem tormentosa, talvez em Maio.

(3) Nem Sousa Viterbo nos seus preciosos «Trabalhos Nauticos dos Portuguezes» (Lisboa, 1900), nem A. Fontoura da Costa na sua «Bibliografia Náutica Portuguesa até 1700» (Lisboa, 1940), nem J. Frazão de Vasconcelos no seu trabalho «Pilotos das Navegações Portuguesas dos séculos XVI e XVII» (Lisboa, 1952), dizem nada do «grande pilloto» G. P. dos Reis. Fontoura da Costa escreveu: «Nada conseguimos saber a seu respeito» (p. 109). F. de Vasconcelos diz que foi pai do cosmógrafo e piloto goês André Pereira dos Reis, autor da «Demonstração do Cabo da Boa Esperança...» que pertence actualmente a W. E. Engelbrecht, de Roterdão (p. 104).

(4) João Teixeira Albernaz, neto do cartógrafo João Teixeira.

O Conde Presidente, conformandose com o que vota o Conselho, acresçenta que quando se naõ resolua que daqui se vá fazer o dito descobrimento, ou que de Angolla se mande apurar com breuidade o que isto hé, se ordene ao V. Rey da Jndia enuie a este descobrimento, com promessa de mercês, alguã pessoa pratica, e com ella os dous Cafres que Domingos de Magalhães leuou á Jndia, da mesma sua terra, bem vestidos, e contentes, porque podem ser de muito effeito, e que isto se faça no pataxo que o Capitaõ de Moçambique tem obrigaçaõ de mandar pella Costa, a saber se há Portugueses nella que recolher, de naos perdidas, o que se naõ fas e hé obrigaçaõ, e cousa muy conueniente, porque naõ só se ganhaõ os homẽs perdidos de naufragios, mas sabendose que hade hir este pataxo, teraõ juntas muitas fazendas que o mar lança, e terá V. Magestade notiçias das nouidades que ouuer, sem despesa alguã de sua fazenda, por isto ser obrigaçaõ a que o Capitaõ de Moçambique falta há annos, como tambem ao fogo que em çertos tempos deue mandar fazer em huã ilha daquellas paragẽs, como constou neste Conselho de huã carta que o Doutor Pedro Fernandez Monteiro teue, na qual se desia que a falta do fogo foi causa da perda das naos, e que para mais çerta informaçaõ deste ponto, cõuirá que V. Magestade mande preguntar pello que nisto há ao Doutor Pedro Fernandez Monteiro. //

Em Lisboa, a 21 de Feuereiro de 652.

E com este pareçer do Conde Presidente, se conforma todo o Conselho, pelas razoẽs delle. //

O Conde / Vasconcellos / Moura / Figueira / Pereira.

Com o papel de Gaspar Pereira dos Reis, cõ que se conformaraõ os Pillotos, que será com esta consulta, se torna a ver a materia della e se me consulte o que pareçer. Alcantara, a 23 de Abril de 652.

Rey.

AHU — Cód. 14 fls. 377-377v

53

CARTA DO PADRE BOAVENTURA DE SORRENTO AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA FIDE

(1-3-1652)

SUMÁRIO — *Comunica a sua chegada a Cádis — Persevera na ideia de ir ao Congo — Pede à Propaganda nomei bispo para o Congo antes que vá um português, estando já nomeado um para Angola.*

Da Marseglia, nel Decẽbre passato scrissi alla Sacra Congregatione e à V. S. Ill.ma, referendo quanto era trattado in Lisbona; mandai le copie delli dispacci dati da quel Rè, e dell'impedimẽto dato à me in farme disbarcare, l'andata del Prefetto e della resolutione che mi pareua necessaria di ritornar in Ispagna, e tentar ogni mezzo per ire, ò scriuere cõ securtà al Congo; dimandaua di ciò humil rassegnatione, la benedittione e beneplacito alla Sacra Congregatione, e aspettaua la risposta in Alicãte; dopò me cõferij in questo porto di Cadiz, per nõ perder tempo, e mẽtre ueniua la risposta ch'il Padre Guardiano d'Alicãte promise mandarme subito, io mi saria informato. //

Alla fine di Febraro sono arriuato in Cadiz per li mal tẽpi e infermità de piedi, et hò trouato che si stà apparechiando una naue per il Congo, d'un Capitano molto deuoto et amoreuole, e dice di uoler partir quando parteno li galeoni per l'India, che sarà uerso la fine di Maggio e principio di Giugno, et altri saranno più tardi, in tãto che Dio hà prouisto più di quello ch'io poteva imaginarme; hò scritto al nostro P. Procuratore dando conto del uiaggio; hò rapresentato la necessità ch'hò d'andare al Congo per l'obligo che mi fù posto sopra; hò dato raggione d'alcune difficultà che m'hà parso fattibili; hò dimandato un cõpagno sacerdote cõ altri bisogni; acciò cõferendo il tutto cõ V. S. Ill.ma dis-

pongano quel che Dio gli dittarà; nõ replico in questa per nõ attediare V. S. Ill.ma. //

Quel che mi par necessario ricordarle è questo: che la Christianità del Congo è necessario prouiderla de Vescouo, e già la Sacra Congregatione l'hà nominato, e uoleua mandare, et per nõ perturbar la pace cõ il Portughese nõ è andato. Adesso s'io sapesse di certo l'esecutione del effetto, come sò certo l'ordine mandato dal Rè di Portugallo per far la fortezza al fiume Zairi, senz'aspettar' altro scriueria che lo mandassero, perche saria mezzo mio farlo sbarcare doue nõ fossero portughesi, sapendo di certo, che si ciò il Gouernatore hà uoluto tẽtare, che nõ si potrà trattare più di pace, e staranno sẽpre in guerra, e nõ uorrà il Rè di Congo riceuere Vescouo ne Missionarij per la strada de suoi nemici, bastandole li termini usati di uoler la pace. Ma perche potria essere ch'il Gouernatore restituisca le terre e desoblighi il Rè di Cõgo dalle condittioni poste dal Gouernatore passato, senza tentar la fortezza, et all'hora potria star cõ essi pace; et io lo tẽgo per impossibile. //

Però mẽtre io stò in Spagna starò sù l'auiso, e delle naui che uengono à questi porti, e di quelle che uengono à Lisbona secreto modo, e hauendo qualche certezza ne darò auiso; acciò possa fauorire, perche essendo stato fauorito dal Imbasciador di Spagna, l'istesso lo può raccommandare, e sarà facile l'imbarco, ilche nõ saria cosi, mutãdosi Imbasciator. Di più mi par necessarijssimo mandar algun Vescouo dentro Congo, prima ch'arriui il tẽpo che la Sede Apostolica cõceda li Vescoui a Portugallo, perche stà nominato uno per Angola (hauendo tirato la residenza de Congo e posta in Angola) ch' è cõtrarijssimo alli missionarij e al Rè di Congo, per essere statista, e scritto sopra l'autorità del Rè(1). V. S. Ill.ma procuri quãto può questo negotio, e se

---

(1) Fr. Cristóvão de Lisboa, da província da Piedade e depois da de Santo António. Foi custódio da província do Maranhão. Nasceu em Lisboa e foi irmão do chantre de Évora Manuel Severim de Faria. Fale-

solleciti prima anco che mora il Rè di Congo, tãto buon' affetto alla dilatatione della fede.

Mi perdoni V. S. Ill.ma s'io l'affligo cõ souerchi pensieri e sollecitudini; nõ ne posso far dimeno, ne me ritragono li patimẽti di corpo, e d'anima, sapendo che l'anime nõ si possono saluare ne aiutare senza grandissimi stenti; Christo fù il primo nõ solo cõ li patimẽti corporali, ma d'esser chiamato indemoniato, seduttor de popoli, e sã Paolo per infamiã et bonã famã, ut seductores et ueraces, cupio anathema esse, &.a; una sol cosa mi dispiace, nõ hauer la loquela, efficacia e modo da poter dichiarare e manifestare la necessità e stato di quell'anime, come uorria, per sodisfare all'obligo che mi pose il Rè di Congo, di tutta quella Christianità, mẽtre posso, si nõ m'è leuata questa carriga della mia cõscienza; sẽpre scriuerò, notificarò, rapresentarò, per nõ hauer à dar cõto d'anime al tribunal de Dio; se le mie imperfettioni e poco talento sono state e sono cause de fastedire V. S. Ill.ma le dimando perdono; e per fine pregandole dal Cielo il colmo della uera felicità, e cõpimento de suoi desiderij, le bacio le sacrate mani cõ humil reuerenza, e nella prima Congregatione mi fau[o]risca riuerir da mia parte l'Eminentissimi Cardinali. //

Da Spagna e dal porto de Cadiz, il primo di marzo 1652.

Di V. S. Ill.ma e Reu.ma

Humilissimo seruo in Christo

F. Bonauẽtura de Sorrẽto //
Missionario Capuccino del Congo

Monsignor Secretario.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 209-209v.

---

ceu em Lisboa em 14 de Abril de 1652. Escreveu entre outras obras: *Manifesto da injustiça, cegueira, declinação presente, e futura ruina de Castella*, etc. Lisboa, por Paulo Craesbeeck. 1647, 4.º.

54

TERMO DE PACIFICAÇÃO DO CABIDO DE S. TOMÉ

(4-3-1652)

SUMÁRIO — *Resolve-se terminar as dissenções existentes no Cabido de S. Tomé e prosseguir no serviço divino em paz e harmonia.*

Aos dous dias do mes de Março de mil e seis senttos e sincoenta e dous, na fortaleza de San Sebastião desta Ilha de San Thomee, prezentte o Senhor Gouernador Christouão de Barros Rego, e bem assim os Reuerendos Capitulares, Cabido Sede Vaccantte deste Bispado, a saber, o Reuerendo Mestre Scholla Antonio Tauares, e os Reuerendos Conegos Marcos de Pinhaloza, Pero de Mattos, Pero de Aguiar Biscainho, André Vaqueiro de Çepta, Rodrigo Lopes e o Padre Jeronimo Rodrigues, que ora serue o cargo de Vigairo Geral, para efeito de ficarem concordados em paz e amizade. E por auer alcanssado o ditto Senhor Gouernador os animos e o bom zello dos dittos Reuerendos Capitulares, que todos como vassalos de Sua Magestade, a quem se tinha feitto prezentte, sobre as disçenssoens e discordias que o jnimigo da pas auia posto entre elles, de que o ditto Senhor como Rey e Senhor Catholico muito estranhou, e encomendou por seu Regimento ao ditto Senhor Gouernador, que depois de tomar posse deste seu gouerno, com effeito tratasse de compor em amizade aos dittos Capitulares, por assim conuir á utilidade da Jgreja de Deos nosso Senhor, consolação deste pouo, por serem poucos os Saçerdotes, e conuir que todos como Irmãos uiuão em boa conformidade (1) de pas e quietação, e sempre poderem acudir á administrassão dos Sacramenttos, remedio e bem spiritual para a saluação dos fieis christãos e seruisso de Sua Magestade. //

(1) No original: confirmidade.

Pello que conuinha que de oje pera todo sempre, por nenhum modo se tratasse mais das couzas que se continhão nos auttos e prottestos que se auião prossessados contra os Reuerendos Conegos Marcos de Pinhaloza, André Vaqueiro de Çeptta, e que todos se queimasse[m] e não ouueçe mais notiçia delles, para que assim todos ficassem quiettos e esquessidos dos aggrauos passados, e como uerdadeiros ministros da Jgreja de Deos nosso Senhor viuessem em pas e conformidade na sancta Seé desta çidade, pera que com esse bom zello com o fauor diuino podessem comprir com suas obrigaçoens, como fizerão sempre neste Bispado, com tanttos trabalhos e jmfirmidades. E para sempre do sobreditto constar e de commum consentimento, mandarão os dittos Reuerendos Cappitulares fazer este assento por uias e que se lanssasse no liuro dos acordos do Reuerendo Cabido, porquantto elles, assim como aquj se conthem prometião de em todo e por todo cumprirem e guardar[em] por deum ett. ordines, e de não innouarem mais huns contra outros couza alguã, assim que de todo sobreditto se daria huã uia ao Senhor Gouernador, pera que faça prezentte á Sua Real Magestade como ficão todos em pas e comformidade (2), comprindo com as suas obrigaçoens, como conuem ao seruisso de Deus nosso Senhor. //

E pera o assim comprirem assinarão aquj, em San Thomé, a quattro de marsso de mil e seis senttos e dous annos. E eu Manoel Soares da Cunha, escriuão do Ecclesiastico, a fis escreuer e sobescreuj; digo e eu Manoel Soares da Cunha, escriuão do audictorio Ecclesiastico a fis escreuer e sobescreuj.

aa) O Mestreschola / Marcos de Pinhaloza / O C. Pedro de Mattos / Pº de Aguiar Biscainho / O Vigº geral Hieronymo Roïz / O C. André Uaqueiro de Cepta / O C. Rodrigo Lopes

652.

AHU — *S. Tomé*, doc. n.º 303.

---

(2) No original: comfermidade.

55

CARTA DO DEÃO DA SÉ DE LISBOA A EL-REI

(11-3-1652)

SUMÁRIO — *Como representante do Cabido metropolita de S. Tomé, protesta contra a decisão tomada pelo Cabido santomense, coagido pelo Governador, de readmitir os Cónegos incriminados.*

Senhor

O Vigairo Geral da Jlha de Santhomé, e o Mestre Escola, prezidente daquelle Cabido, remeteraõ a este, como Metropollitano, hũs auttos e papeis, pellos quais se mostra, que estando susppenços do Cabido daquella dita Ilha, os Conegos Pero de Mattos, André Baqueiro, e Marcos de Pinhaloza, e afugentados, por crimes de simonias, e irregularidades e escomunhoẽz em direito, o nouo Gouernador que hora V. Magestade foi seruido mandar á dita Jlha, dizendo leuar ordem de V. Magestade, chamou o Cabido a sua caza, e tratou de repor nelle, pro bono pacis, os Conegos açima referidos. //

E sendolhe pello dito Cabido reprezentado, as culpas que contra elles hauia, nem serem admitidos ao dito Cabido, sem primeiro se liurarem dellas, e resseberem a absoluiçaõ. Comtudo o Gouernador instou com alguã uiolençia, em forma que o Cabido naõ se attreuendo a rezestirlhe, lhe entregou as culpas dos dittos Coneguos, e os admitiu na Sé, e o dito Gouernador logo queimou as ditas culpas.

E porque, Senhor, naõ se duuida que a tençaõ de V. Magestade, se hé que deu a dita hordẽ, deuia ser, ordenando se fizesse comforme os Sagrados Canones, e Concilio Tridentino, o que naõ teue luguar pello modo com que se fez, nem os ditos Coneguos

dellinquentes estaõ tutta consçiençia, nem podem, sem escandallo, estar na dita Sé, e huzar de suas hordẽs, e sacreffiiçios, paresseu a este Cabido, reprezentar a V. Magestade o referido, e o remedio que isto pode ter; que será, tornar a reformar de nouo as deuassas que hauia contra os ditos Coneguos, e darlhes pella uia ordinaria liuramento se o tiuerem, abssoluendo os das sensuras, para que deste modo, fiquem capazes de serem admitidos ao Gremio da Igreja, e o Gouernador, se tiuer emcorrido em alguã, pello modo com que se houue na materia; pello que sendo V. Magestade seruido, se seruirá mandar escreuer ao dito Gouernador, que por nenhũ modo empessa aos Ministros Eccleziasticos a quem toca, o refazersse esta dilligençia, sem intrometersse na sua Jurdiçaõ, para que tudo se faça como comuem, e dispoziçaõ dos Sagrados Canones, e Conçilio Tridentino.

a) André Furtado de Mendonça
Deão de Lx.ª

Vejase e consultese no Conselho Ultramarino.

Lisboa, 11 de Março de 652.

(Rubrica de el-Rei)

AHU — *S. Tomé*, doc. n.º 304.

NOTA — O documento não está datado. Damos-lhe a data do despacho régio.

56

CARTA DO PADRE ANTÓNIO DE TERUEL AOS CARDEAIS DA PROPAGANDA FIDE

(31-3-1652)

SUMÁRIO — *Expõe a sua opinião de teólogo sobre a necessidade de os Capuchinhos pedirem licença para administrar Sacramentos Paroquiais, quer aos Capelães, quer ao Vigário-Geral, quer ao Bispo.*

Eminentissimos Señores

Jh̃s. Con la confiança de hijo y subdito de VV. Eminencias, escribo esta suplicando humilmente me perdonen VV. Eminencias si me alargo, por la grauedad de la materia. Y para que VV. Eminencias me puedan conoçer, tomé el habito de Capuchinos de mi P. S. Francisco en la Prouincia de Valencia, de 16 años de edad, en el del Señor de 1621. En la qual fuí algun tiempo Letor de Teologia y Guardian; actualmente quando me vino la obediẽcia para esta mission del Congo, el año 47, llegué con los demás Padres missionarios a S. Saluador, Corte del Rey del Congo, donde nos dixeron el P.e Prefeto y algunos Padres missionarios que estauan de primeiro, que se auian valido de los Priuilegios de los Sumos Pontifices con potestad ampla, por temor que si se pidiera licencia al Vicario General desta catredal y sede vacante, para administrar Sacramentos parroquiales, no la diera e por esso no la pidierõ; y se nos dió á entender que conuenia proseguir en essa forma por la necesidad muy graue y casi extrema de estas almas de Congo. //

Pero reparamos en ello el P.e Fr. Gabriel de Valencia, predicador (goze de Dios), a los quales dos nos enbió el P.e Prefeto al Ducado de Bata, porque estudiamos el caso de proposito. Y passó desta manera, que el Capellan de aquella Retoria o

Ducado nos dixo que le haziamos mala obra en bautizar en ella sin tomar limosna competente del Bautismo, si no la querian dar, que era casi nada, y á uezes nada, porque es la gente miserable, y saben poco de caridad, y con esso no acudirian a el, y padeceria mucho, porque lo principal de su sustento consiste en esto de los Bautismos; y aun añadió mas, que con que autoridad bautizauamos? Y que no lo auia de permitir. //

Por estas y otras razones que passaron, determinamos mi P.e Compañero y yo, que uno de los dos se presentasse al P.e Prefeto en S. Saluador, para que esto se ajustasse con el Vicario General, y se viniesse a concordia, porque auia rompimẽto entre los Canonigos y nuestros Religiosos, por causa destas cosas de la jurisdicion, hasta llegar á dezir al P.e Prefeto, que porque no nos ibamos a otra tierra de infieles? Quiso pues mi compañero que yo fuesse alla, como fui, y propuse al P.e Prefeto y a los Padres que alli estauan, quanto conuenia el ajustarnos con el Vicario General y Canonigos, alcançando su licencia para administrar Sacramentos parroquiales, como la mandaua el Sumo Pontifice y VV. Eminencias en las facultades con expressas palabras, diziendo: Administrandi omnia Sacramenta, &c., et quoad Sacramenta Parrochialia, &c., y que yo me offrecia a tratar este ajustamiento a gusto de todos; y que esto era obligacion nuestra, porque aquellos priuilegios grandes, concedidos de los Sumos Pontifices, assi para administrar Sacramentos parroquiales, como otros semejantes, sin licencia de los Obispos, Ordinarios, o Parrocos, estan reuocados en el foro exterior, y no podemos valernos dellos, donde estan los sobreditos Prelados, o Curas, prouandolo con raçones y Autores, y la comun praxis de los Missionarios: añadiendo se á esto que no era justo proceder de otra manera, siendo con daño de tercero, digo de los Capellanes, como los mismos Capellanes y aun seglares nos dezian, ni suelen concederse los Priuilegios con prejuizio de terceira persona (como dizen muchos Textos y Dotores) si el Principe no lo expressa y declara, aunque sea motu proprio.

Pero dato, sed non cesso, que no estuuiessen reuocados los Priuilegios, la ultima y expressa voluntad del Sumo Pontifice y de VV. Eminencias, es que no administremos los Sacramentos parroquiales, sin licencia de los Ordinarios, o Parrocos, como consta de las facultades que nos conceden; pues porque no hemos de obedecer? No basta responder, que es muy graue o casi extrema la necessidad de las pobres almas deste Reyno; porque si bien lo es en orden a la necessidad de obreros o ministros, mas no de que se les administrẽ los Sacramentos parroquiales sin pedir licencia a quien mandan en las facultades los Prelados Superiores. Ni basta responder que no darian la licencia; porque a mi no me toca sino obrar conforme la voluntad de mis Superiores, y con esto cumplo, y con auisar que no me la quieren dar; que entonces toca a Su Santidad proueer sobre esso, y apretarles a los Ordinarios para que se ajusten, o ordenarme que vaya a otra parte, como juzgare mas conueniente: quantimás que pidiendose la licencia con humildad y ajustandonos en todo lo pussible con ellos, si dieran la licencia; y el pedirla es la comun praxis, y tambien el mandarlo a todos los missionarios que la pidan, como consta de todas las facultades que son de un mismo tenor. Y peor es tener pleitos con los Eclesiasticos, lo qual sentirian mucho VV. Eminencias. //

Demás desto podia seguirse escandalo de los seglares, viendo pleitos entre Eclesiasticos y Religiosos, y no pequeño daño para la conuersion de las almas, para lo qual ayuda la union y paz con ellos; y esto es conforme a la intencion de nuestro P.e Serafico S. Francisco, que desearon siempre y nos encargan la paz con los Eclesiasticos; y el Serafico Padre aun no queria que sus frayles predicassen en algun Obispado contra voluntad del Obispo, como nos lo manda en la Regla. Ultimamente, que con esto nos escusamos de escrupulos; y no es raçon que auiendo dexado nuestras Prouincias, y las comodidades del convento para seruir a Dios por buscar el mayor prouecho nuestro, con el mayor seruicio de Dios, en lugar de tener paz tengamos pleitos, y viua-

mos inquietos en el espiritu, trabajando siempre en deponer la consciencia en cosas tan graues.

Estas y otras raçones propuse al Padre Prefeto y a otros dos Padres que estauan cõ el en S. Saluador de Congo, uno de los quales es el que agora es Prefeto por muerte del otro: y como la respuesta no euacuaua lo solido dellas, y por ser cosa de tanto peso, después de conferido el negocio, nos resoluimos, el P. Fr. Gabriel y yo a escribir al P.e Prefeto, que no pensauamos administrar Sacramentos parroquiales sin licencia del Capellan en su Capellania o Retoria, y del Obispo o Vicario General del Obispado en su Diocesi. Y como el P.e Prefeto (mouido de su buen zelo es cierto) no gustaua ni queria, antes nos vedaua que mostrassemos nas facultades y que pidiessemos licencia al Capellan, le suplicamos nos pusiesse en donde no se administrassen Sacramentos parroquiales (lo qual pudiera hazer, porque en dos casas no se administrauan, que son Loanda o Angola y S. Saluador) para obuiar toda a nota de diuision entre los Missionarios, ya que no queria pidiessemos licencia a los Parocos. No lo quiso hazer, ni tan poco el Padre que ha quedado en su lugar por muerte del sobredicho Prefeto, sobre muchas instancias hechas en este particular, deseando el Padre mi companẽro (quando viuia) y yo entonces y después que no se diesse la menor nota del mundo. //

Y viendome apretado por una parte del estimulo de la conciencia, por otra del deseo y cuidado de que no aya nota de diuision entre nosotros para con los seglares, y juntamente viendo que no administro Sacramentos parroquiales, y por lo mismo no salgo a mission por las libatas o lugares, porque sin administrarlos no se puede salir, que no se haze nada, e parece que forçosamente se ha de seguir mucha nota, sin hallar remedio en el Prelado, por mas vezes que se lo he representado, deseo de perseuerar en la mission; me resolui a estribirle que con algun pretexto o ocasion me enbiasse a Europa, que en otra mission podia seruir a Dios, placiendo a su diuina magestad seruirse de mí, y saldriay o desta apretura, y no se siguirian inconuenientes.

Pero ni esto lo quiere hazer con absoluta determinacion. He le suplicado me escusasse el escribir a Roma, que veniendo orden de Superiores Mayores, yo con toda humildad reuerenciaré quanto será dispuesto. Y V. E., con cabalissima seguridad lo executará.

Viendo pues todos los caminos cerrados de consuelo por acá, he juzgado por muy necessario y obligatorio dar auiso a VV. Eminencias, como Superiores neustros, suplicandoles tengan por bien y se siruan de enbiarme la obediencia. Y si estando ahi les parecera á VV. Eminenciais enbiarme á otra mission, será para mi de grande consuelo. //

Aqui solo me parece dezir que el P.e Prefeto muerto (como tambien el que agora está en su lugar) era persona santissima, su zelo de ambos bueno y deseosissimos del bien de las almas; si bien en el dictamen no nos ajustamos, aunque de su rectissima intencion nadie duda. //

Perdonen VV. Eminencias mi prolixidad, que demás de pedirlo la grauedad de la materia, juntamente el deseo de quietud de espiritu y sosiego de conciencia, y de que no aya ni se sigan notas y inconuenientes, me ha obligado. Confiado del paternal affecto de VV. Eminencias cesso, rogando al Señor les dé muchos años de vida en toda felicidad para la eterna. //

De Bamba de Congo, y Março 31, de 1652.

De VV. Eminencias

Humildissimo y afficionadissimo hijo y sieruo q.s.m.b.

Fr. Antonio de Teruel //
indigno Capuchino

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 210-210v. e 221.

57

JURAMENTO DE SIMÃO LOPES D'ORTA E CAPITÃO JOSÉ SOARES

(6-4-1652)

SUMÁRIO — *Depõem perante o Comissário do Santo Ofício acerca do procedimento de Frei Serafim de Cortona.*

Eu Simaõ Lopes dOrta affirmo em juramento, como fui chamado do Padre Manoel de Maris, da Companhia de Jesu, como Commissario do Santo Offiçio, e me foi dado juramento sobre a Congregasaõ, se se tangia o sino á noite chamando á Congregasaõ, em feé do que passei este de minha letra e sinal, em S. Paullo dAsumpsaõ, 6 de Abril de 1652 annos.

Simaõ Lopes dOrta

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 230.

Certifico eu o Cappitam Joseph Soares, e afirmo com iuramento, como hé uerdade que eu fui chamado do P.e Manoel de Maris, da Companhia de Jhesus, o qual como Comissario do Sancto Offiçio me deo em juramento dos Sanctos Euangelhos sobre duas couzas a saber. Se o P.e Frey Serafim de Cortona, Pregador Capuchinho, e Missionario Apostolico neste Reino de Angola, auia dito huã menhã de Domingo duas Missas, e segundo se auia instituido a Congregaçaõ, e se dizia a culpa em publico. Em fé de que fis esta de minha letra e sinal na uerdade. S. P. d'Assumpçaõ Reino de Angola, 6 de Abril de 1652.

Joseph Soares

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 231.

58

CARTA DO PADRE BOAVENTURA DE SORRENTO AO PREFEITO DA PROPAGANDA FIDE

(15-4-1652)

SUMÁRIO — *Advoga o envio de bispo privativo para o Congo, independentemente da apresentação do Rei de Portugal — Divagações históricas acerca da polltica portuguesa em Angola.*

Eminentissimo e Reuerendissimo Signore

Da Marseglia scrissi à V. Eminenza raguagliandola di quanto era occorso in Portugallo, e come m'incaminaua per Spagna, per passar al Congo, pregandola à manifestarme la sua uoluntà, ancora non hauuto risposta, e la stò aspettando con grandissimo desiderio, per eseguire li suoi commandamenti. À Monsignor Secretario e Monsignor Lanuuio hò scritto à lũgo le necessità e le buone cõgionture che stanno in Roma, in Spagna, in Congo, per prouedere quella Christianità di Pastore, cosa tãto desiderata dal Sommo Pontefice che Dio guardi, dalla Sacra Congregatione e da tutti, e si trattenne per aspettare la risolutione, che daua il Rè di Portugallo al Rè di Congo, per la pace, che si trattaua; e la risposta è stata di pace, ma cõ signoreggiar il Regno, e mandato à far altra fortezza nel fiume Zairi, e impedito chi l'hà uoluto difendere. Onde per monstrar à V. Eminenza che si sono usati grãdissimi termini di cortesia cõ il Rè di Portugallo, e che nõ hà giurisdittione alcuna nel Regno di Congo, ne tẽporale ne spirituale, darò una capacità, qual nessuno che nõ sia informato, e habbia uisto cõ gl'occhi può sapere.

Questi termini Congo et Angola sono confusi tra di loro, la uerità è che Cõgo è l'istesso che Napoli, ciò è, sin come

questo nome cõprenne il Regno e la Città principale di Napoli, l'istesso è nel Congo; si piglia per il Regno e per la Città Reale, capo dell'altre, nella quale staua il Vescouo anticamente, quando fù introdotta dalli Portuguesi ꝑa Christianità, et essendo nel lido del mare 270 miglia un porto naturale, fù concesso dal Rè di Congo alli Portughesi da poter iui fabricrae per commodità delle mercãtie, e fondorno una Città, chiamata Loãda, (1) habitata dalli Portughesi, e sogetta alla Catredal di Congo. //

Con il tempo li detti habitatori Portughesi, si sono andati dilatando, et hanno leuato una Prouincia alla Regina Singa, gentile, il cui nome è Angola, e quãtũque nõ stiano molti Portughesi, perche quella Regina nõ manca di farli guerra, hanno però tanto dilatato, publicato et ãpliato questo nome de Angola, che cõ esso hanno battizato Loanda, Congo; tutto chiamano Angola, et dal nome uogliono che correspondano l'effetti, e che il Regno di Cõgo e Città di Loanda uada sotto la giurisdittione e dominio de Angola; non hauendolo cõquistato, uogliono che corra per loro cõquista.

Per la medesima causa hanno leuato il Vescouo d'Angola, e cõ tal titolo parme che il nuouo Rè di Portugallo habbia nominato il Vescouo. Dũque l'istessi Portughesi nõ hanno raggione di lamẽtarsi che si proueda il Regno di Congo, hauendo essi la lor città d'Angola, e sẽpre che la Sede Apostolica uorrà cõcedere li Vescoui, potranno hauer quel che dimandano del Vescouo per Angola; perche uogliono cõfondere li termini, e nascondere un Regno uastissimo sotto d'Angola; il Rè di Congo darà l'entrata al suo Vescouo, et il Rè di Portugallo à quello d'Angola. Sarà informata meglio à bocca dal Signor Secretario, nõ dic' altro in questa materia; è morto frà Franscesco de Pãplona missio-

(1) Luanda foi fundada em 1575, sem que o Rei do Congo tivesse a mínima interferência no assunto.

nario, e della morte sua dicono molte cose bone; io nõ le scriuo adesso perche me ne uoglio informare bene, e douendo ne dare auiso à V. Eminenza, alla quale cõ humil reuerẽza bacio le sacrate uesti, e le resto pregando il colmo delle felicità. //

De Seuiglia, Città di Spagna, li 15 d'Aprile 1652.

Dell'Eminenza Vostra

Huimilissimo Seruo e figliuol in Christo

F. Bonauẽtura de Sorrẽto //
Missionario Capuccino nel Regno di Congo

Eninentissimo Prefetto.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 211-211v.

NOTA — Esta carta documenta claramente o espírito missionário de seu autor e com que conhecimento e objectividade informava a Propaganda Fide. Apresenta-se como pessoa «bem informada» de conhecimento «ocular», mas o seu arrazoado é uma mescla de ignorância histórica e de má fé. Como é com documentos que se faz a história e se conhecem os homens, este documento autógrafo, sob este aspecto, é precioso.

59

CARTA DE FREI BOAVENTURA DE SORRENTO AO AGENTE DO REI DO CONGO EM ROMA

(15-4-1652)

SUMÁRIO — *Advoga, com argumentos especiosos, a nomeação e envio de bispo próprio para o reino do Congo.*

Illustrissimo e Reuerendissimo Signor
e Padron Oseruandissimo

Con un' altra mia scritta da Marseglia, el Decẽbre passato, diedi auiso à V. S. Ill.ma dell'impedimento hauuto in Portugallo, e come io mi risolui ritornare alli porti di Spagna per cõplir cõ l'obligo che hò de passar al Congo, ò per il meno inuiar cõ sicurtà le risposte che mi sono state cõsignate, e benche nõ n'habbia riceuuto ancora risposta, spero che l'hauerà riceuuta. Però per nõ fastedirla nõ replico l'istesso. Ma bensi buttandome in spirito alli piedi di V. S. Ill.ma, cõ la maggior efficacia che posso la prego per l'amor di Dio, della Beata Vergine, e de San Pietro, glorioso Principe dell'Apostoli, se digni leggere questa lettera, e dopò fare quel tanto che lo Spitiro Santo li dittarà cõ sua Beatitudine.

Si mai nel mundo fù Regno, ò Prouincia, ò Christianità, ch'hauesse necessità de Vescouo e Pastore, il Regno di Congo exccede più di quello che si possa cõ lingua ò cõ penna explicare; cõfesso essere indicibile, per la grandeza del paese e multitudine d'ordiche e spine d'abusi che la tengono soffocata, per l'oppositioni chel i uengono fatte dalli Demonij e dalli homini pieni d'interessi humani, quali per cattiuar li corpi e poterli cõ libertà uenderli per schiaui, come animali, impedeno li Ministri Euãgelici e la salute dell'anime, per la speranza della dilatatione, stando

disposti altri Regni uicini de gẽtili, ch'un altro Rè, nõ si sà si sarà tãto deuoto cattholico, per dar aiuto e uigore alli Missionarij, quali soli senza Prelato, stanno cõ disgusto delli Preti, e nõ possono far il frutto che fariano; hauerà il Vescouo più forza, più efficacia per rapresẽtare lo stato di quell' anime à cotesta Santa Sede, et alla fine quel Regno è un cadauero, stà aspettando l'anima riceuere la uita, il molto l'essere spirituale, e stà raccommandato da Dio alla carità e zelo de V. S. Ill.ma, et io com' un sollecitatore, fò quel che posso.

Adesso sono tante bone cõgionture per dar rimedio à si estrema necessità, che mi par' impossibile potersi trouare in altro tẽpo unite, e che l'impedimento hauuto in Portugallo l'habbia permesso Iddio per giouamẽto di quell' anime. In Roma il Sommo Pontefice affettuosissimo hà riceuuto due uolte lettere e imbasciatori dal Rè di Congo, e sẽpre sono stati spediti cõ grandissima cortesia, e sò bene ch' hà grandissimo desiderio d'aiutar il Regno di Congo.

L'Eminentissimi della Sacra Congregatione il simile; Monsignor Secretario stà anelando per prouedor quella Chiesa, e mi domandò come si poteua inuiar il Vescouo. V. Signoria Illustrissima è di quel ualore e stima che sà tutta la Corte Romana e l'istesso Pontefice lo scriue al Rè di Congo. //

Il Vescouo già nominato et eletto dalla Sacra Congregatione, ch'era un Prete Napolitano, mi pare che sia persona apostolica, e che uada per amor de Dio, e per dar la uita per salute dell' anime, ch' è quello che più importa in quelli paesi, che nõ hauendo amor di Dio, ma desiderio d'honore e commodità, nõ sono per quelli parti.

Rè di Spagna stà apparechiato à dar tutto l'aiuto necessario per l'imbarco, del che sono stato certificato da questi Padri Spagnoli, quali si sono offerti aiutarlo à sostẽtar mentre s'hauerà de imbarcare.

Occasione de naui per quella uolta, che cõ tãta difficultà è stata stenta dalli missionarij passati, adesso parme che Dio l'habbia

apparechiata. Per tale effetto stanno 3, uno frà due mesi, l'altra 4, e l'altra 6.

Il Rè di Congo ch'adesso uiue, n'hà dimandato nõ solamente uno, ma due e tre Vescoui; e perche lui raccoglie il Dicimo che si paga nel Regno, hà pensiero delli Preti, Religiosi, Chiese e Vescouo, e promette senza l'altre cose, ch'entrano al Vescouo, di dar le mille docatti d'entrata certa (del denaro della terra, che corresponde à mille docatti) il che nõ è poco in quelli paesi di poca spesa; li canonici, con quello che li dà il Rè e cõ altri procaui d'anniuersarij, limosine e amministratione de sacramẽti, hanno cinquecẽto, e 6 doci per uno l'anno, e stanno come tãti Prelati; e questo è certo, nõ sono inuẽtioni mie; e si tutto ciò minutamente nõ scrisse il Rè di Congo, fù per la sospettione delle lettere, che si timeua, douendo passare per mezzo à suoi nemici; 2.º hauendome dato lettera de credenza firmata de sua mano, cõ il suo sigillo reale, presupponeua che si douesse dar credito à quãto de sua parte proponeua.

La causa per la quale nõ si negociò tal prouista, e speditione, quando io fuì in Roma, fù (come sà V. S. Ill.ma) ch'hauendo dato segni il Rè di Portugallo di far pace cõ il Rè di Congo, per nõ perturbarla, si mandò à ueder l'esito, e si era uero, trattare de proueder quella Christianità cõ suo cõsenso, et euitare al possibile qualsesia disgusto; ma mentre l'effetti hanno mõstrato che la Corona de Portugallo uuol pace cõ il Rè e Regno di Congo, ma senza la debita giustitia hà dato ad intendere, à chi nõ tiene prattica del paese, che uuol pace, cõ mandar à far noua fortezza per signoregiar il Regno, et impedire chi hà procurato defendere la uerità (1); questa nõ è pace, ma guerra, e Dio aiutarà il Rè

---

(1) Mesmo que o Rei do Congo não estivesse obrigado a isso pelas condições de paz portuguesa — o que o Padre Sorrento não desmente — com que direito pretende o missionário ingerir-se em negócios puramente políticos? Além de que falta conscientemente à verdade, pois sabia que o responsável único de não ter embarcado para o Congo em Lisboa, era ele

di Congo, perche hà grandissima fede in Dio, e li termini ch' hà usato in scriuere e mandar per la pace, nõ è stato per altro fine, che per desiderio del bene spirituale del suo Regno. Del resto il Rè di Portugallo nõ hà giurisdition'alguna in Congo, nõ nel tẽporale, essendo Regno libero, nõ cõquistato dalli Portughesi, solo ui hanno introdotto la fede, e per tal' causa nõ ne segue giurisdittione alcuna (2).

Nel spirituale hanno dato licenza li Pontefici passati di poter mãdar iui sacerdoti e nominar il Vescouo, che fù dalli Portughesi introdotto, e all'hora li dauano l'entrata; non hanno leuato l'autorità alli soccessori di poter proueder essi sẽpre che fosse necessario, e li priuilegij parlano propriamente delle cõquiste di Portugallo, e delle terre sogette al suo dominio, e nõ de Cõgo, ch' è Regno per se.

Di più deue sapere V. S. Ill.^{ma} che questo nome Congo, è nome del Regno e nome della Città reale, capo di tutto il Regno, che per altro nome si chiama San Saluatore (3); in questa stà la Chiesa Catredal e staua nel principio il Vescouo, e si chiamaua il Vescouo di Congo. Nel sito del mare di questo Regno staua un porto naturale, uicino al quale fù concesso alli Portughesi antiqui dal Rè di Congo, di poterui fabricare, e ui fondorno una Città chiamata Loanda, sogetta nel spirituale al Vescouo di Congo; dà questa Città di Loanda sono andati dilatandosi li

---

próprio e mais ninguém e justamente por se meter em assuntos que nada de apostólico tinham.

(2) Frei Boaventura de Sorrento ignora, ou finge ignorar, a história das relações do Congo com Portugal, durante todo o século XVI, tanto religiosas como políticas. Todos os seus raciocínios são baseados em princípios falsos. De resto trata-se de política pura na qual, por força e dignidade da sua missão apostólica, devia evitar imiscuir-se.

(3) É nomenclatura inventada pelos Capuchinhos. Ambasse no século XV, S. Salvador no século XVI, o topónimo Congo apenas designa o território nos séculos posteriores.

Portughesi, e per la parte del Cõgo à poco à poco, e per l'altra parte delli gentili cõquistorno una prouincia chiamata Angola, leuandola à la Regina Singa, che però l'intitolano Regno de Angola, nel quale nõ hanno li Portughesi Città particolare di residenza, perche quella Regina li fà guerra; ma stanno e fanno residenza in Loanda, puorto de Cõgo (4).

Con tutto ciò li Portughesi hanno talmente cõfuso li termini, e publicato e dilatato questo nome Angola, per tutto il mondo, che nõ si nomina Loanda, ne Congo, tutto fanno ire sotto nome di Angola, il cui Gouernatore s'intitola delli Regni d'Angola. Tutte le naui uanno al porto di Loanda, e dicono ad Angola; e sin come tutti li porti e terre di quella costa s'inserrano sotto questo nome di Angola, cosi sotto la giurisdittione ch' hanno ad Angola, come lor cõquista, ui uogliono mettere anco il Regno di Congo, et hauendo à vergogna star sogetti nel spirituale alla Catredale di Congo, hanno ridotto il Vescouo nella Città di Loanda, doue fanno capo li Portughesi; iui staua quel che morse, et intitolandolo Vescouo d'Angola, hanno procurato leuar affatto il nome di Congo, e nominando adesso il nuouo Rè, il Vescouo s'intitola Vescouo di Angola (5).

Sopposta questa capacità e distintione, qual defenderò ad poenã talionis, sẽpre che sarà necessario, e quãte persone parlano senza hauer uisto cõ gl'occhi, parlano per quel che n'hanno publicato l'istessi Portughesi, che però nõ uogliono che uadano

(4) O local em que foi fundada a cidade de S. Paulo de Luanda não era território do potentado do Congo, mas apenas a ilha de Luanda, depois doada ao Rei de Portugal em recompensa do auxílio militar decisivo que lhe prestou contra os jagas invasores. O missionário Capuchinho ignora, ou finge ignorar estes factos fundamentais.

(5) Continua o missionário Capuchinho a expandir as suas fantasias de historiador com pasmosa fecundidade, congeminadas na Andaluzia, terra fecunda em patranhas. E com base em testemunhos desta força se procedia em Roma...

e la Città de Loanda doue habitaua il Vescouo (6), e sẽpre che la altre nationi à sapere la uerità; dico si questi hanno il loro Angola, Sede Apostolica uuole dar li Vescoui, essi possono hauere il Vescouo d'Angola, ch'è lor cõquista, nõ mi pare ch'il Papa li faccia aggrauo prouedendo la Chiesa di Congo, nõ hauendo il Rè di Portugallo (come sẽto) dimandato Vescouo per Congo, ma per Angola, ne l'hà da dare entrata. Questa cõfusione de termini, de Angola e Cõgo, io nõ scoprij in Roma, perche procurandosi la pace, nõ mi parue bene disgustare alguno. Adesso l'hò scritto à V. S. Ill.ma, acciò sia informata, e possa defendere il Regno di Congo, alla di Lei protettione raccommandato, et occorrendo che si faccia il Vescouo d'Angola, nominato dal Rè di Portugallo, sia mandato alla residenza d'Angola, e nõ in Loanda ne in Congo, doue mai andarà Vescouo si se uuol stare alla volũtà delli Portughesi (7).

Per entrare senza disturbio saranno necessarie due cose. Una la farò io incaminare per la parte doue hà da disbarcare, lasciarò instruttione alle naui future, e potria essere che Dio disponesse e ch'io aspettasse e fosse cõ l'istesso Vescouo, e che scriua à Congo cõ la prima naue che partirà, stò apparechiato à quãto mi sarà mõstrato dalla Bontà diuina. La seconda cosa, s'hà d'auertire in Roma, spedirlo de fatto, e cõ pressa, senza publicare che uada à Congo, bastando dire che lo mandano nelle parti dell'Jndia, e si lo potesse fare il Pontefice cõ V. S. Ill.ma e monsignor Secretario saria meglio, perche facendosi il cõtrario e dando tempo all'amici della Corona di Portugallo, si può dubitare di qualch' impedimẽto; ma Dio defenderà.

---

(6) As palavras em itálico estão canceladas no original.

(7) Para Frei Boaventura de Sorrento os termos canónicos da bula de fundação da diocese são letra morta, apesar de suficientemente claros. Cfr. *Monumenta*, III, 533. A mudança da *residência* (não da sede canónica da Diocese) do Prelado para Luanda, foi motivada por fortes razões, inteiramente diferentes das que apresenta o fugoso missionário.

Jnuio l'allegato Memoriale diretto al Papa nelle mani di V. S. Ill.ma, acciò giudicãdo darlo, lo dia, si nõ lo ritenga, come meglio sarà stimato; e per amor de Dio mi risponda un uerso, e le sia à cuore questo negocio; cõfido grandemente nel suo fauore, Dio li cõceda mill'anni di uita, et il cõpimẽto de suoi desiderij. //

Da Spagna, e dalla Città de Seuiglia, li 15 d'Aprile 1652.

Di V. S. Ill.ma e Reu.ma

Humilissimo seruo e figliuol in Christo

F. Bonauẽtura de Sorrẽto //

Missionario Capuccino che fù mãdato dal Ré di Congo in Roma. Imbasciator del Rè di Cõgo.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 212-212v. e 219.

60

CARTA DO PADRE BOAVENTURA DE SORRENTO AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA

(15-4-1652)

SUMÁRIO — *Sugestões acerca da nomeação de Bispos para o Congo e da partida do Bispo nomeado pela Propaganda Fide — Ideias peregrinas sobre a iurisdição eclesiástica no Congo.*

Illustrissimo e Rev.mo Signor e Padrone Osseruandissimo.

Con ogni possibil rispetto e reuerenza scriuo questa lettera a V. S. Jllustrissima e quantũque habbia scritto questa quadragesima quasi l'istessa materia, cõ tutto ciò l'ordine che mi diedi V. S. Jllustrissima quando mi licenciai in Roma, che douesse scriuere tutto quello che fosse accaduto di consideratione, unito con la necessità della Christianità di Cõgo, non permetteno ch'io mi lasci passar in diligenza dalli mercanti tẽporali, e si questi da paesi lontani nõ li basta scriuere per una uia ma per molte l'istessa cosa, molto più deuo ciò far'io per seruitio di Dio. e salute dell'anime; però prego da hauer patienza a leggere V. S. Illustrissima quel che scriuo ne le sia scõmodo.

Per altre lettere scritte da Marseglia, d'Alicãte e da Cadiz, hò notificato à V. S. Jllustrissima l'impedimẽto hauuto in Lisbona, e della resolutione da me pigliata de uenir in Spagna, e tentar di passare alla Missione, e cõplir quel tãto che m'è stato imposto, ó almeno scriuere cõ sicurtà, e dar cõta à chi deuo, l'impedimẽti, cõtradictioni, e per mentre l'obedienza nõ mõstra cosa in cõtrario, nõ replico l'istesso per nõ fastedire, e stò desiderosissimo della resposta, e cõfido in Dio gouernatore dell' uniuerso, che l'acque delli trauagli serueranno per disponere il negotio dell'anime à riceuere il fuoco celeste delle gratie diuine cõtro gioditio humano. //

Cõ le [...] questioni fù fondata e stabilita la primitiua Chiesa, et in diuerse parti del mondo stà patendo tante e tãte delle difficcoltà quãte giornalmente V. S. Jllustrissima pratticò; però nõ mi maraueglio che nel Regno di Congo, tanto distante dalla Sede Apostolica, pieno d'innumerabili stregoni e superstitioni, situato in mezzo della gentilità, e posseduto dal Demonio per tanto tempo, la Christianità patisca cõtradictioni, e para che cõ diuerse arti e stratageme, tutto l'inferno le faccia guerra e procuri destruirla.

Quelche che mi dà speranza et animo grande è che di più dell'aiuto diuino, il Regno e Christianità di Congo tiene dalla parte sua persone potẽtissime, qual'inspirate dal Spirito Santo la defendeno, proteggono et aiutano. Per prima di tutti stà il Summo Pontefice Innocenzo X, che Dio guardi per molti anni, desidera aiutar il Regno di Congo, e cõcederle tutto quello che può; io sò quelche disse quando pigliai l'ultima beneditione per partire, e che scriue al Rè di Cõgo nella resposta della lettera, mõstrandosi uero Padre e Pastore.

Eminentissimi de cotesta Sacra Congregatione quanta diligenza habbiano usato in suo aiuto, e cõ quanto amore habbiano procurato e tentato tutti li mezzi possibili, ne sono testimonio de uista, e lo posso predicare à tutt'il mondo.

Dall'ardente zelo e brama de V. S. Jllustrissima per aiutar la Christianità di Congo ne sono informato à pieno, e mi dispiace nõ essere arriuato per raccõtare al Rè, l'affetto che le tiene, e procurar che le dia le debite gratie, e parmi adesso esser presente nel conuẽto nostro di Frascati, quando mi dimandò come si poteua inuiare à Congo il Vescouo già nominato. Monsignor Lanuuio s'è offerto a far nell'occasione l'officio impostoli da S. Santità con ogni possibil efficaccia.

La Maestà Cattolica di Rè di Spagna, sò ch' hà cõcesso il passo per il Vescouo, e par quanto sò da questi nostri Padri spagnoli, uolentieri darà ogni possibil aiuto. Jl Vescouo Napolitano eletto, per quanto intesi da V. S. Jllustrissima e dal Prete

suo familiare, che fù in Roma l'anno sãto, nõ hà accettato il Vescouado per desiderio d'honore ò di maggior entrata e cõmodità, perche quando ciò fosse, li consigliaria ad eleger se d'essere più presto semplice sacerdote in Napoli, che Vescouo in Congo; ma solo per amor de Dio, per esercitar più perfettamẽte l'officio di missionario, che per molti anni hà fatto, e per desiderio di dar la uita per salute dell'anime per le quali uolentieri s'espone ad ogni genero di patimẽti, et hauendo questa dispositione et spirito apostolico, credo che se contentarà dell'entrata del Paese, ch'è più de mille scudi l'anno, cõ li quali può in quelle parti passarla più cõmodamẽte, data paritate, che con due milia in Jtalia, per la poca spesa.

Jl Rè di Congo e li suoi principali e tutti stanno anelando nõ solo per uno, ma per due e trè Vescoui, e per essi hà mandato e scritto tante lettere à cotesta Sãta Sede, promettento dar l'entrata sudetta e più di quello che si può imaginare.

L'occasione di vascelli parmi che sia dispositione diuina, che si nell'anni passati non staua vascello ch'andasse à quella uolta, adesso ne stanno molti apparechiandosi soccessiuamente per douer andar à carricar schiaui.

Presupposto dũque tante bone voluntà, protectioni, affetti e dispositioni, parme che la Christianità di Congo possa dire le parole del Eunuco à san Filippo: *ecce aqua, quis prohibet me baptizari*? Che impedimẽto stà che nõ se proueda à tãta necessità d'anime, assediate e circõdate da tãti nemici? Credo che non sia per altro che per rispetto delli Signori Portuguesi, quali si dicono hauer giurisdictione nel Regno di Congo, ne uogliono che uadano missionarij ne Vescouo, seno per mezzo loro e della lor natione.

A questo mi dia licenza V. S. Jllustrissima rispondere quelche l'esperienza m'à insegnato, che la Sacra Congregatione m'hà edificato cõ tãti termini d'humanità che hà usato cõ la Corona di Portugallo in nõ prouedere il Vescouato di Congo sin'adesso, nõ potuto far più di quello ch'hà fatto. Anco il Rè di Congo

hà usato termini di cortesia scriuendo e inuiando ad assicurarlo di pace e bona cõrespondenza da sua parte, lasciando del resto la libertà del Regno e progresso della fede; anco li missionarij hanno fatto da lor parte, promettẽdo et in effetto han procurato la pace, e per essa mori il miglior missionario; con tutto ciò tutti questi termini non solo nõ sono stati sufficienti à mitigar l'odio ch'hanno li Portuguesi cõ il Rè di Congo, ma parmi che sia fatto peggio, pauonegiandosi che sia stato fatto per obligo e per forza com' hanno monstrato gl'effetti della nuoua fortezza.

Però non mi par più tempo de cortesie, de termini, ne de ceremonie, ma di uenir all'immediato rimedio e prouision del Vescouo fatto *in partibus*, per gouernar la Chiesa di Congo, ò nominarlo Vescouo di Batta, ò di Bãba, ò Sogno; come li pare, ne per questo si fà aggrauio alcuno alla Corona di Portugallo, non hauendo ius ne giurisdictione in cõtrario. Non nel tẽporale, essendo certissimo, cõfirmato da Portuguesi degni di fede, che la Corona di Portugallo nõ tiene giurisdictione alcuna, solo il desiderio naturale che hanno li Rè di cõquistare e sogettare quãto possono.

Ne anco nel spirituale, per due raggioni; prima che li Pontefici, quali cõcessero licenza alli Rè di Portugallo di poter prouedere le loro cõquiste de Sacerdoti e nominar li Vescoui, nõ hanno hauuto mai intentione di leuar talmente l'autorità alli Soccessori, che nõ possano immediatamente prouedere dette cõquiste sẽpre che li parerà espediente e necessario; 2.º il Regno del Congo nõ entra in questi priuilegij, perche li Portughesi non l'hanno conquistato cõ armi, ne cõ altro modo, ma solamẽte ui hanno introdotto la fede e negotiato cõ essi; e cõsequentemente nõ entra con le cõquiste, essendo Regno per se, e libero.

Giurisdictione nel Vescouado di Congo haueuano prima li Portughesi, quando il Vescouo resideua nella Catredal di San Saluatore, si per hauerlo essi introdotto, si anco perche li dauano l'entrata: però di questa giurisdictione si sono priuati l'istessi Portughesi, quali habitando nel Porto de Angola, haueanno à uergogna star sogetti alla Catredal de Congo, hanno trasferito

il Vescouado in Angola, chiamandolo Vescouo de Angola, e lasciato abandonato tutto il Regno di Congo, essendo impossibile potersi gouernar tãto lontano, stando 270 miglia di distanza d'Angola à San Saluatore, et altre 300 da San Saluatore à Sundi, e altri cõfini del Regno (1).

Dunque si la Corona di Portugallo non da entrata al Vescouo che uà à Cõgo, ne s'occupa il suo Vescouado d'Angola, ch'essi s'hanno cõstituito (2), e sẽpre che parerà alla Sede Apostolica cõcedere li Vescoui può auere il Vescouo cõforme alla nomina da lui fatta, che aggrauio li fà la Sede Apostolica in prouedere di Vescouo il Regno e Chiesa di Congo? Hà da lasciar in abandono tanta grand' infinità d'anime per una imaginaria e pretensa raggione, per nõ usar altri termini, com'in effetto l'hà mõstrato in mandar un Prete per Decano della Chiesa di Congo, qual hò uisto io, l'hò parlato, e sono stato dall'istesso certificado in tanto che si possono ponere la mente in pace, che si uogliono ire cõ rispetto alli Portughesi, mai Vescouo uederà la Chiesa di Congo, in qual si uoglia modo, che socceda; ma ben si può timere che si potranno habbiano da tirare anco il nome di Catredal; e questo perche hò fatto esperienza che quãtũque il capo sia di buona uoluntà, gouernano li ministri e vassali quelle parti lontane.

Però può la Sacra Congregatione pigliar l'ultima determinatione e V. S. Jllustrissima cũplir il suo desiderio di ueder prouista quella Chiesa del Pastore da lei proposto, e uolendo, due cose mi pareno necessarijssime per cõsequir il fine, ciò è, speditione e secretezza; spedirlo quanto più presto si può, e prima che socceda qualche morte, e si faccia mutatione, et si perda tutta la diligenza

(1) A sede canónica do bispado, após a mudança para Luanda da residência episcopal, continuou em S. Salvador. Os motivos da mudança são muito outros daqueles que o frade italiano afirma.

(2) A vacância do bispado era devida ao facto de a Santa Sé não confirmar bispo apresentado pela Coroa portuguesa.

fatta in tãto tempo, et inbiarlo raccõmandato alla corona di Spagna, ch'il tutto si superarà. Secretezza per euitar ogni pericolo d'impedimẽto, bastarà nominar il titolo del Vescouado, ò Arciuescouado *in partibus infideliũ*, et inuiarlo in Spagna sotto titolo di passar all'Jndia, e quãto meno si può nominar Cõgo meglio sarà; e quãtũque nell'altra ch'io scrissi da Cadiz, diceua d'aspettare noua dal Congo, era perche s'aspettauano di giorno in giorno li galeoni dall'Jndia; secondo è morto f. Francisco da Pãplona, ch'hà cõdotto la missione à Congo, e all'Jndia può morir qualche persona, e lo rispetto delli Portughesi in qualsiuoglia modo che sia, nõ si può aspettare rimedio per mezzo loro.

Quãto all'instructione per entrare il Vescouo io l'accommodarò, e potria essere che per qualch'occasione io nõ parta cõ questa prima naue, et aspetti risposta; però prego à farme respondere subito, prouederme d'un cõpagno, e disponere di me à suo gosto, mi perdoni V. S. Jllustrissima. Signor le bacio le uesti, e termino per nõ uoltare, mille reuerẽze. //

De Seuilla li 15 d'Aprile 1652.

Di V. S. Jllustrissima e Rev.ma

F. Bonauẽtura de Sorrẽto //
missionario Capuchino del Congo.

Signor Secrettario,

APF — *SRCG*-vol. 249, fls. 214-214v e 217.

NOTA — Este documento é sumamente revelador da mentalidade e parcialidade dos missionários estrangeiros desta tormentosa época. O autor revela-se de uma perfeita ignorância dos problemas agudos existentes entre a Propaganda e a Coroa Portuguesa e as soluções simplistas que sugere, estão tão arredias das realidades históricas e jurídicas, que, como era de esperar, não tiveram a mínima audiência em Roma. Eram sugestões da política castelhana e conguesa, estreitamente mancomunadas contra a presença portuguesa no Congo.

61

CARTA DO PADRE JOÃO FRANCISCO DE ROMA AOS CARDEAIS DA PROPAGANDA

(24-4-1652)

SUMÁRIO — *Explica os motivos que o levaram a proseguir viagem para Luanda — Defende-se do seu procedimento, aprovado por homens sensatos — Excelente recepção em Angola.*

Eminentissimi e Reuerendissimi Signori

Arriuò li giorni passati in questo porto di S. Pauolo di Loanda, nel Regno d'Angola, il P. Giacinto da Vetralla, Capuccino, destinato dall 'Eminenze Vostre per Prefetto di questa Missione di Congo, qual mi significò il sentimento che haueuano tenuto che io di Spagna hauessi proseguito con i compagni il uiaggio para questo Regno, stante che questa Piazza stà hora per i Portoghesi, e che non doueuo dar questo disgusto à quella Corona. //

Eminentissimi Signori, in questo non posso dir' altro, se non prostrato in terra humilmente ad chieder loro perdono di questo mio error'inuoluntario; e Testor Deum che io non hebbi altro fine, che la gloria di S. D. Maestà e la salute di queste pouere anime; e presuponei sempre di incontrarmi molto più nell'intentione dell'Eminenze loro, proseguendo il uiaggio, per il zelo ardentissimo che hanno della salute dell'anime, che ritornar' in dietro; e particolarmente constandomi per certa scienza, che l'informatione che costi in Roma era stata data sopra questo negotio all' Eminenze loro, era molto alterata, hauendosi in Spagna relatione in gran parte contraria. Non mi uolsi in ciò regolar de mio proprio parere, ma consultai il caso non solo con i Padri Missionarij, ma anco con persone dotate di molta dottrina, si della nostra Religione, come de altre, che all'hora stauano

in Seuiglia, e tutti conuennero che non potendosi hauer à tempo la risposta de costì, stante la diuersità di quello che corriua in Spagna, da quello che si era representato costì in Roma, più acertatamente si ueniua à far la uoluntà dell'Eminenze Vostre proseguendo il uiaggio, che no; essendo che in somiglianti casi *magis attendenda est mens legislatoris quam uerba.* La Maestà Diuina hauendo uisto nostra buona intentione prosperò il uiaggio di tal maniera, che non sò se altro più felice si poteua fare, si come con altra mia le significai. //

Arriuati disbarcammo con somma allegrezza di tutti, e senza con minimo disturbo; se poi de lì à quelche tempo suscitò per opera del demonio alcun sospetto, in persone straordinariamente appassionate, il tutto in un subito si quietò, et ogni cosa [...] in honor' e gloria della Religione e della Missione, onde li auanti ci posero si grande affetto questi Signori Portoghesi, che altro non hanno desiderato, ne desiderano, che hauerci appresso di loro. E dall'inclusa, che inuio all'Eminenze loro del Signor Saluator Correa, all'hora Gouernatore Generale di questa Piazza, al quale scrissi notificandogli le cause che mi haueuano constretto uenir per parte di Castiglia, si podrà uedere come restò di tutto molto capace, e che non ui è stato cosa ueruna di consideratione. //

E qui finisco humilissimamente, inchinandomi all'Eminenze Vostre con bagiar loro le sacre uesti, et augurar loro dalla Maestà Diuina il colmo d'ogni uera felicità. //

S. Pauolo di Loanda, 24 di Aprile 1652.

Delle Eminenze Vostre Reuerendissime

Humilissimo e Deuotissimo Seruo nel Signore

Fr. Gio. Francesco de Roma //
Capuccino

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 215-216.

62

CARTA DO PADRE JACINTO DE VETRALLA AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA

(5-5-1652)

SUMÁRIO — *Excelente viagem para Luanda — Defende Frei João Francisco Romano das sinistras acusações contra ele escritas pelos Confrades — Excelente acolhimento feito pelas Autoridades portuguesas aos missionários capuchinhos.*

Illustrissimo e Reu.mo Signore

Seruirà questa solo per darli auiso dal mio arriuo in questo Porto dAngola, quale è stato felicissimo, benche per la scarsezza de uenti et copie delle calme, e per esser state necessitate arriuare sino all'altura di 34 gradi e 6 minute ci sono scorti per il uiaggio da Lisbona sino quà cinque mesi et 6 giorni, perche nel resto l'habbiamo passata senza patire le solite trauersie, tempeste et infortunij, che sono solite a passarsi in somiglianti nauigationi, et io in particolare per tutto questo corso hò goduto perfectissima salute; nella quale dipoi essendo in terra hò patita si graue opressione per una graue infermità sopragiũtami, che in pochi giorni m'haueua ridotto all'ultimi confini della morte; se bene piacque a N. S. che disponendo io il passaggio per l'altra uita con armarmi del S.mo Viatico, il medesimo giorno farmi grazia d'un tal meglioramento, che ne restò stupito il medico, et io restai in buona parte allegerito dalle tre diuerse e graui infirmità, che m'affliggeuano. Piaccia a S. D. Maestà che risulti in suo seruitio.

La qui annessa inclusa è del P. Giouanni Francesco Romano, già Vice Prefetto dell'ultimi Missionarij che uennero di Spagna, quale con mio singolar gusto al primo arriuo incontrai quiui in questo hospitio ben uisto e trattato da questi Signori Por-

tughesi; che essendo stato chiamato et destinato a fondare una nuoua casa in un' altra Città e Presidio de medesimi Signori detta Massãcham [Massangano], per l'affettione che li portauano non lo uoleuano lasciar andare, ma li faceuano forza che se ne uolesse restar quiui cõ loro. //

Siche quanto a quella Missione ò Missionarij non ui trouo alcuna difficoltà, come la trouo e pratico in me stesso, quanto alla propria persona, per ragione d'alcuni ordini fatti et autenticati col proprio sigillo e sottoscrittione dal medesimo P. Procurator dell'ordine, con dichiaratione che erano conformi alla mente della Sacra Congregatione, dichiaratali dall'Eminentissimo Signor Cardinal Capponi, quali poi essendo stati inuiati quà dal P. Bonauentura da Sorrento, con l'aggiunta de suoi proprij commenti et sinistre interpretationi, quali effetti habbiano cominciato a cagionare nell'animi de Missionarij, se ben da una parte stimarei conueneuole darne a V. S. Illustrissima distinta relatione, per farne consapeuole tutta la Sacra Congregatione, nulladimeno non essendosi sin ad hora riportata alcuna risposta e resolutione da frati che col nuouo sustituto Prefetto, per la morte del P. Alessano, di felice memoria (1), morano in S. Saluatore di Congo; ne potendosi distintamente scorgere doue siano per andare aferire e terminare le già seminate e nate difficoltà e controuersie, oltre il trouarmi ancor si fiacco, che a pena posso ualermi del braccio per regolar la penna, pigliarò solo occasione d'accenarli che oue restarà facoltà alli Superiori della Religione, con una semplici dichiaratione dell'intentione della Sacra Congregatione di formar ordini onde i Missionarij possino cauar alcun atacco ò pretesto in pregiudicio del uigore e senso de Breui Pontificij, Obedienze e Decreti di cotesta Sacra Congregatione, reuocandosi questi in dubio, uiuerà sempre inquieta la Missione et i Missionarij restaranno fra le perplessità. Ne passando per

(1) Faleceu em S. Salvador do Congo, em 2 de Abril de 1651.

hora più oltre, farò fine di scriuere, ma non mai di riuerirla, et honorarla et augurarli tutte quelle felicità che li desidero e prego dal Signore, mentre offerẽdomi prontissimo all'essecutione de suoi minimi cenni, li bacio reuerẽte le sacre vesti.

S. Paolo di Loanda, Città e Porto d'Angola, li 5 di Maggio 1652.

Di V. S. Illustrissima

Deuotissimo et Obed.^{mo} Seruo in Xpõ

F. Giacinto da Vetralla //
Preffetto de Missionarij Capucini in Congo

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 223-223v.

63

CARTA DO PADRE BOAVENTURA DE SORRENTO AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA

(7-5-1652)

SUMÁRIO — *A questão do Bispo para o Congo — Que a ser nomeado Bispo para Angola apresentado pelo Rei de Portugal, fosse residir no Congo, sede da Diocese. — Malevolência e malsinações contra os Portugueses.*

Jllustrissimo e Rss.^{mo} Signor e Padrone Osseruandissimo

Non molti giorni sono scrissi à V. S. Jllustrissima in materia del Vescouo di Congo, che dalla Sacra Congregatione era stato nominato *in partibus*, cõ determinatione di mandarsi alla Chiesa di Congo, parendome che stando le cose ben disposte in Roma per inuiare, in Spagna per aiutar à passare, et in Congo di riceuerlo e darle l'entrata necessaria, nõ si douesse mirar più alli Portughesi, nõ hauendo raggione legitima d'impedire, nõ hauendo giurisdictione ne di vassalaggio ne di cõquista, per essere Regno libero, independente d'ogni altro, e hà ricebito la fede de sua uolũtà spõtaneamente e nõ à forza d'arme; e quãto al Vescouado nõ si leuaua quelch' essi dimandano del Vescouo d'Angola, essendo ch'il Regno di Congo et il Regno di Angola sono due Regni distinti, in Angola hanno li Portughesi giurisdictione de cõquista, per hauerlo à forza d'armi leuato alla Regina Singa gentile. In Congo nõ hanno ius alcuno, et ingiustamente pretengono includere Congo sotto il nome e giurisdictione d'Angola e tenerlo per sua cõquista, il che nõ è uero, e sẽpre che di ciò uogliono testimonij, ne stanno mille.

Dopo hauer scritto del sudetto tenor à V. S. Jllustrissima e uenir auiso ch'il Sommo Pontefice habbia cõcesso li Vescoui

alla Corona di Portugallo, e per cõsequenza credo che sarà cõsacrato il Vescouo nominato per Angola, del quale io nel partir da Roma parlai à Monsignor Lanuuio, e lasciai un ricordo, ch'auertisse à far reserbar al Pontifice proueder Congo. Adesso l'hò scritto e mãdato alcune scritture, acciò in nome del Rè li presẽta à chi deue: e nõ ne mãdo à V. S. Jllustrissima copia per nõ imbarazzarla, sapendo il poco tiempo che li concedono li continui negotij; il contenuto e l'essẽtiale è questo.

La giurisdictione ecclesiastica de questi due Regni, di Congo et Angola, è stata sẽpre in un solo Vescouo, qual s'è chiamato Vescouo di Congo, e nella Città reale di Congo, ò per altro nome San Saluatore, stà la Catredale, et hà fatto residenza il Vescouo, e dali hà gouernato tutto il Regno et il Clero di Angola; e benche li portughesi impedirno il Vescouo passato, che nõ residesse nella sua Catredal (1), e l'hanno tolto il nome di Congo, intitolandola Vescouo d'Angola (2), con tutto ciò il possesso stà in atto per la parte di Congo. Perche quãtũque il Vescouo morisse in Massãgano, terra del Regno d'Angola, dou'era fuggito cõ li Portughesi per causa dell'Olandesi, ch'haueuano occupato san Paolo di Loanda, con tutto ciò il Vicario Capitolare fù fatto nella Catredale di Congo dalli Canonici ch'iui stanno; e nella stessa Catredal è stato dall'anno 1643 ò 44, che morì il Vescouo (3)

---

(1) A razão que levou o Bispo a deixar a residência de S. Salvador, sede canónica da diocese até 1940, não honra nada o Reino do Congo nem os seus Reis. A razão aduzida por Frei Boaventura é fruto da sua ardente imaginação e manifesta malevolência contra os Portugueses, imprópria do seu hábito e da sua missão.

(2) Mesmo depois da mudança da residência episcopal de S. Salvador para Luanda, não desapareceu o nome da sede canónica da diocese, ficando a apelidar-se nos documentos oficiais *Diocese de Congo e Angola* e posteriormente de *Angola e Congo*. O autor do documento certamente que não o ignorava. Mas a objectividade histórica não lhe importava grandemente.

(3) D. Francisco do Soveral faleceu em Massangano, no dia 4 de Janeiro de 1642.

e stà in atto gouernando il Clero del Regno d'Angola e di Congo, e cõ autorità sua fù l'altro Vicario à Massãgano, e dopò partiti l'Olandesi da San Paolo di Loanda mandò l'Arcidiacono di Congo per Vicario di quella Chiesa, stante dũque quest'antica possessione e attuale.

Jl Rè di Congo dice che si Sua Sãtità resta seruita ch'il Clero e Chiesa di questi due Regni habbiano da perseuerare uniti in uno Vescouo, com' è stato per lo passato, sia anco seruita ordinare ch'il Vescouo resieda nella sua Catredale di Congo, doue stanno li Canonici, e s'intitoli Vescouo di Congo; perche in Angola nõ stanno Canonici, ne Catredal mai Chiesa Parroquiale et anco che nõ sia di natione Portughes, per il dominio et imperio ch'in effetto si uede che uogliono tenere nel Congo, le tiene la gẽte una antipatia grandissima, e par cõsequẽza nõ saria cosi respettato, obedito et honorato, come si sarà d'altra natione; chi legge l'historie delli Vescoui passati, sono stati di diuerse nationi, e due della casa reale di Congo (4).

Quando poi Sua Santità restasse seruita per cõdescendere alla Corona di Portugallo, diuidere la giurisdictione ecclesiastica di questi due Regni di Congo et Angola, e mandar a consacrar il Vescouo Portugues cõ titolo di Vescouo d'Angola, sia anco seruita ordinare che uada à far la residẽza nel Regno d'Angola, lasciando il Regno di Congo (cõ il suo Porto di San Paolo di

---

(4) Os Bispos do Congo e Angola foram todos portugueses de nascimento. A informação do Padre Boaventura é, mais uma vez, intencionalmente falsa. Naturalmente advogava que se nomeasse um Bispo de nacionalidade italiana ou melhor, já que a Itália era polìticamente inexistente, do reino espanhol de Nápoles. Para conseguir esse desiderato convinha-lhe denegrir os Portugueses, dando crédito absoluto às informações recebidas do Rei do Congo. Verifica-se que certas atitudes recentemente manifestadas são atitudes velhas de três séculos. Houve apenas um Bispo natural do Congo, D. Henrique, mas não foi Prelado da diocese, criada só em 1596. Mais uma fantasia, portanto.

Loanda, per essere sito e giurisdictione di Congo) (5), ch'il proueda Sua Santità di Vescouo cõforme giudicarà necessario per la salute dell'anime, e gloria di Dio, ne pensi di soggetear la Chiesa di Congo à Portughesi, che ciò saria un destruggerla per la contrarietà cõcepita, e più sarà aumẽtata per la fortezza ch' hà fatto (à quest' 'hora) ò pensa di fare.

Jnfinite raggioni si putriano [dare] per prouare ciò, ma questa è la sostanza di tutto. La raccomando à V. S. Jllustrissima à osseruar la giustitia che si deue e Dio la pagarà di premio eterno. La prego à riuerir l'Eminentissimi da mia parte, com' ãco fò à V. S. Jllustrissima, aspettando qualche cenno della lor volũtà, da che partì da Genoua, nõ hò hauuto auiso alguno da V. S. Jllustrissima ne dal P. Procuratore. Le bacio le sacrate mani, com'anco fà il P. Ignatio de Granata, Guardiano e Custode di questo Conuẽto de Seuiglia e Deffinitore di questa Prouintia d'Andalucia, qual m'aiuta e fauorisce molto, e desidera aiutar la Missione, in quãto la Sacra Congregatione comandarà. //

Di Seuiglia, li 7 di Maggio 1652.

Di V. S. Jllustrissima e Reuerendissima

Seru' e figliuol in Xpõ

F. Bonauẽtura de Sorrẽto //
Predicator Capucino e missionario del Cõgo

Monsignor Secretario de la Cõgregatione de Propagãda Fide.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 224-224v.

---

(5) Outra fantasia. Luanda nunca pertenceu ao Reino do Congo. Pertenceu-lhe, sim, a Ilha de Luanda, doada aliás espontâneamente a Portugal no século XVI pelo Rei do Congo *pro tempore*.

64

CARTA DO PADRE BOAVENTURA DE SORRENTO A MONSENHOR LANÚVIO AGENTE DO CONGO

(7-5-1652)

SUMÁRIO — *Nomeação de Bispo próprio para o Congo — O Bispo nomeado para Angola inimigo dos missionários — Documentos enviados ao Embaixador do Congo em Roma.*

Jllustrissimo e Reuerendissimo Signor
e Patron Osseruandissimo.

Con humil reuerenza bacio le mani di V. S. Jllustrissima, e perche il profitto e salute dell'anime di Congo è stata da Dio per mezzo del Sommo Pontefice raccõmandata alla Protectione e diligenza di V. S. Jllustrissima, nõ posso mancar di notificarle quanto mi cõsta di certezza della uoluntà del Rè di Congo, e necessità del Regno, nõ essendo ancora arriuato acciò potesse seruire lui stesso, come farà à suo tẽpo.

Li giorni passati ricordandomi della necessità del Vescouo, della buona dispositione di Roma e di Spagna per aiutar a introdurlo, et certificato della uoluntà delli Portughesi, di nõ accõsentir che uada Vescouo in Congo, scrissi una mia à V. S. Jllustrissima cõ un Memoriale al Pontefice, e un'altra lettera à Monsignor Secretario, acciòche procurassero inuiar Vescouo, assicurandoli ch'essendo in Spagna, nõ saria difficultoso passar al Congo, andando il negotio cõ la secretezza possibile, e per le difficultà di Portugallo, inuiai un scritto prouando che la Corona di Portugallo nõ hà giurisdictione in Congo, ne è sua cõquista, e nõ dimanda il Vescouo per Congo, ma per Angola; spero che li uerrà.

Dopò la quale è uenuto auiso che Sua Santità haueua cõcesso li Vescoui alla Corona di Portugallo, e per cõsequenza saria

cõsacrato e mandato il Vescouo d'Angola, sotto del cui titolo pretengono che uada il Regno di Congo; e perche sò per esperienza che questo Vescouo eletto per Angola è un gran statista per la Corona de Portugallo e nemicissimo delli missionarij Capuchini, nel suo cõuento tenne incarcerati alcuni missionarij che stauano à Capo Verde, hà stãpato che li Pontefici in atto nõ possono reuocar quelch'hanno cõcesso li Antecessori al Rè di Portugallo, e riprese me, perche era stato in Roma à dimandar autorità per la Misione, dicendo che la doueua dimandar al suo Rè, e facendo il cõtrario, è dire che nõ è Rè di Portugallo; e si per questo, come per co[n]starme della antipatia e cõtrarietà che hanno li negri cõ li Portughesi, saria una destructione di quella Chistianità, e per rimediare quanto posso dal canto mio, inuio à V. S. Jllustrissima le qui allegate scritture (1).

Vn Memoriale per Nostro Signore, seruirà per information à V. S. Jllustrissima e per la Congregatione, e parẽdole lungo, lo mandi à far più breue, come le piace, et in questo se può protestare cõ efficacia, perche si causa grandissimo danno, e quando nõ dessero credito à me, sospendano la consecratione sino che sia auisato il Rè di Congo, la cui uoluntà si può conoscere dalle Conditioni che di propria mano firmate e sigillate, inuiò quando si trattò la pace cõ li Portughesi, e perche l'ordini si fanno, per li disordini delle dette petitioni monstrano li disordini che stauano, e le cõserui.

---

(1) Referência a Frei Cristóvão de Lisboa, franciscano da província da Piedade e depois da de Santo António. Foi guardião do convento de Santo António de Lisboa e 1.º custódio da província do Maranhão. Foi-lhe oferecida a mitra de Angola, mas não foi confirmado. Entre as suas obras figuram o *Manifesto da injustiça, cegueira e declinação presente e futura de Castella*, Lisboa, 1747 e a famosa *História dos Animais e Árvores do Maranhão*, descoberta pelo dr. Manuel Múrias e publicada em 1967 pelo Centro de Estudos Históricos Ultramarinos e Arquivo Histórico Ultramarino. Frei Cristóvão faleceu em Lisboa a 14 de Abril de 1652, tendo já falecido, portanto, quando o frade italiano o malsinava.

Mando anco la copia del passaporto dato alli missionarij, dubitando che non sia stata riceuuta l'altra copia, acciò se cõsidere bene l'usurpata giurisdictione che uole esercitare cõ il Rè di Congo, tutte le uolte ch'hà da passare un missionario per Lisbona, e si possa auertire à quelche si fà cõ pregioditio del prossimo.

Scriuo anco à Madrid che cõ questa sia inuiata à V. S. Jllustrissima una Relatione del Cõgo, stãpata in Spagna del Cronista di Sua Magestade nella quale, uenendo, osseruarà V. S. Jllustrissima nell'Jntroductione, l'origine del Regno di Congo, Christianità, Rè, Vescoui, e quãto hanno scritto diuersi autori in breue repilogato nel fol. 38, la petitione e lettera del Rè di Congo per li Vescoui; nel fine del fol. 48 la distintione del Regno de Angola da quel di Congo. Nel fol. 45 la speditione che diede la Maestà del Rè Catholico per la Missione ultima, tutta pietosa, senz'atto di Dominio, ne d'autorità, come fà quell'altro di Portugallo, e leggerà moltr'altre cose per il Regno di Congo (2).

Per non hauer hauuto sin'à questo tempo alcuna risposta di Roma, e per approssimarse il tẽpo, che la naue uuol partire, scriuo cõ quest'ordinario à Monsegnor Nuntio, acciò mi cõsegli che deuo fare, e me dia la sua benedictione in nome de S. Santità, perche uorria impiegar mia uita in seruitio di Dio, ma cõ gusto de Superiori e de cotesta Sacra Congregatione, e mẽtre nõ hò auiso alguno, stò cõ timore di cõscienza. Mandino alcuna risolutione per amor di Dio.

Supplico V. S. Jllustrissima a mo[n]strar il suo uolere, e far conoscere in Spagna, in Jtalia et in Congo gl'effetti della sua protectione, assicurandome che de qual passo sarà la protectione

(2) Referência à obra do cronista espanhol D. Joseph Pellicer de Tovar, *Mission Evangelica al Reyno de Congo*, Madrid, 1649. A afirmação de que o Rei de Espanha declinara o seu domínio político sobre o Congo e até a sua interferência como padroeiro, mesmo depois da independência de Portugal, em 1640, é uma das muitas afirmações gratuitas de Frei Boaventura de Sorrento.

diuina, e dell Apostolo Sã Petro cõ la persona e casa de V. S. Jllustrissima, cõcedendole l'esaltation che desidera, cõ molt'anni di uita e perfetta salute, bacio reuerentemente le mani, e l'istesso faccio in mio nome all'Eminentissimi. //

Di Seuiglia, li 7 Maggio 1652.

Di V. S. Jllustrissima e Reuerendissima

Humilissimo Seruo nel Signor

F. Bonauẽtura de Sorrẽto //
Capuccino e missionario del Congo

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 225-225v.

65

CARTA DO PADRE SERAFIM DE CORTONA AO PROVINCIAL DA TOSCANA

(15-5-1652)

SUMÁRIO — *Relata as peripécias do seu apostolado no Congo e em Angola — Método empregado contra o paganismo.*

Molto Reuerendo Padre Osseruandissimo. Salute.

Essendo arriuato quà in questo porto e città di S. Paolo, detta Angola, il P. Giacinto da Vetralla, con un compagno, mi dette nuoua, come V. P. M. R., mossa dalla sua solita carità e cortesia, mi mandaua un abito, con molte cose di deuozione, le quali si bene Nostro Signore non hà permesso che arriuino quà, perche essendo presa la naue da gl'Inglesi, si perse ogni cosa; con tutto ciò le ne resto obbligatissimo, e la ringrazzio col medesimo affetto, come se l'hauessi riceuute. Hò sentito veramente la perdita, particolarmente delle corone di Camaldoli, tanto stimate da questi Portoghesi; bisogna però conformarsi con la volontà del Signore. //

Io vanno già per tre anni che stò quà in Angola, doue vi sono circa tre mila Portoghesi (1), con trauaglio continuo di predicare, e sempre alla medesima gente, e con poca comodità di libri. Ogni Missionario per questo esercizio continuo, hà procurato sfuggire, non essendo stato possibile poter ottenere un compagno. Ad ogni festa domandano la predica; e non si puol dire di nò: et oltre questo tengo due Congregazioni, una di huomini

(1) In Angola, isto é, em Luanda. Para a época era já notável a população branca da capital da Província.

e l'altra di donne; et ogni lunedì bisogna fare un sermone. Non parlo delle confessioni, visite d'infermi, casi di coscienza et altri negozj et occupazioni, che per forza bisogna star soggetto per benefizio de' prossimi. Mi sento già tanto indebolito, che mi pare non potrò durare lungo tempo. Il clima è totalmente opposto al nostro di costà d'Italia; vengono le Quaresime ne' maggiori e più estremi caldi, l'alimento del corpo è cosa miserabile; le fatiche sono continue et irrimesse: onde non si può durare lungo tempo. //

Per l'infermità hauute in questa città, mi sono cauato sangue da 40 volte, e ne cauano più d'una libra per volta: costà parerà impossibile o incredibile; e pure è verità Padre mio, e quà non curano con altro le infermità, se non con cauar sangue due volte al giorno. Posso dire senza vergogna, *plus omnibus laboraui, non ego solus, sed gratia Dei mecum.* De gli altri Missionarij che l'anno passato arriuarono quà nel Regno di Congo, io non hò veduto nessuno, nè il P. Bernardo da Conigliano, nè il P. Girolamo da Lucca, nè il P. Francisco Maria Volterra: mi scrissero una lettera quando arriuarono; del resto non hò saputo altro. Il P. Bernardo stà nel Ducato di Sundi, lontano di quà più di 400 miglia. Il P. Girolamo tengo auuiso che staua in Congo in S. Saluatore; il P. Francesco Maria in Mocato; et il P. Lodouico da Pistoia stà nel Ducato di Bamba. Solo è passato di quà il P. Giouanni Francesco Romano, che và a fondare una missione a Massangano, e stà quà aspettando due compagni.

In quanto alla Missione di Congo, le cose paiono più presto un poco raffreddate, che altro. Il rè indotto da alcuni ministri diabolici, entrò in diffidenza co' nostri Frati: onde i poueri Missionarij hanno passato grandissime miserie. Hora mi scriuono che sia ritornato come prima, conuinto della verità. La conclusione, Padre mio, è che sono cristiani solo di nome; riceuono volentieri il Battesimo, ma trattandosi di leuarli dalle loro idolatrie e superstizioni, è cosa difficultosissima. E questa fù la causa del disgustarsi il Rè; perche i nostri Padri sapendo la lin-

gua Mussiconga, hanno scoperto tutte le superstizioni, idolatrie, stregonerie ed altre cose diaboliche che fanno, et hauendone fatto un libretto, andarono dal Rè, e glie le lessero tutte in sua presenza, inculcandogli che era obbligato a fare ogni diligenza per ispiantarle dal suo Regno, se voleua esser chiamato Rè Cristiano. //

Quando il Rè sentì tali cose, restò come una statua, e non potendo negarle, rispose freddamente, che hauerebbe procurato il remedio. Ma partitosi da' Frati, non fece cosa veruna, anzi si cominciò a mostrare tanto contrario, che ci hà fatto per molti mesi mangiare il pane delle lagrime. Il tutto è stato sopportato da noi con grandissimo gusto interiore, vedendo che per amor di Dio e della sua Santa Fede, si patiuano quei trauagli. Molti de' Missionarij venuti nuouamente, ritrouandosi in questi frangenti, trattauano di ritornare. Ah Padre mio, quà si vuole grande spirito et una carità ardentissima; perche costoro sono l'istessa ingratitudine, e si puol dire, *quibus cum benefeceris, deteriores fiunt.* //

Adesso, che si è aperto cammino per questo Regno d'Angola, e già si fonda una Missione in Massangano, potranno i Missionarij dilartarsi per questo Regno, doue non passeranno tante miserie, perche sarà più facile poterli soccorrere delle cose necessarie, e perche questi neri sono soggetti a Portoghesi, sarà più facile il ridurli. L'esperienza dimostra, Padre mio, che se non si unisce la potesta temporale con la spirituale, non si può far profitto, particolarmente in questa gente tanto seruile, e tanto miserabile. Venendo Religiosi, si fonderà una Missione in Embacca, onde si terrà communicazione col Rè di Dongo, el quale è cristiano, e colla Regina Zinga; ma questa è tanto barbara, che è cosa incredibile, si bene si mostra affezionata a noi altri, e già mi hà scritto due lettere; et una volta mi mandò a dire, che io le battezzassi un Ambasciatore che ella haueua mandato quà. Non lo volsi fare, perche douendo ritornare trà gentili, sarebbe anche ritornato alle sue gentilità. //

Nella guerra che questa Regina fece con Mani Vando, che è un Marchese di Congo, fece prigioni due Missionarij che stauano

in quella Prouincia, et erano li Padri Bonauentura da Correglia, e Francesco de Veas, a' quali non solo non fece alcun male, ma li trattò molto bene, et offerse molti schiaui, quali i nostri Padri non volsero accettare; e disse loro, che se lei fosse stata più vicina alla sua terra, gli hauerebbe voluti tenere in sua compagnia; ma per esser tanto lontana gli lasciò partire con molta cortesia. //

I Missionarij che si hanno da impiegare in questo Regno, hanno a trauagliare doppiamente in apprendere questa lingua, quale chiamano abunda, per esser differente dalla mussiconga; e cosi sarà migliore siano di questi che vengono nuouamente, per non tirare di Congo quelli che sanno già bene la lingua. Io prima di venir quà mi ero applicato alla lingua di Congo, e già stauo bastantemente istrutto; ma nel venir quà, bisognò lasciarla et apprendere la portoghese per predicare a questa gente.//

I nostri Padri già sono trascurati in iscriuere, si il numero de' battezzati, come molti casi particolari che occorrono; et io stò quà tanto lontano, che passano ordinariamente sei e otto mesi senza hauerne nuoua. Ad alcuni de' nostri è occorso essere stati bastonati per abbruciare idoli, altri strascinati, et uno fù ferito nella testa. I grandi trauagli fanno passar la voglia di scriuere. Se il P. Bernardo vorrà essere un poco diligente nello scriuere, non gli mancherà materia, perche stà in parte doue sono occorsi e occorrono molti casi. //

Gli elefanti e le tigri quasi ogni giorno entrano nell'orto di Sundi, e quel serpente di tanta grandezza chiamato bomma, l'hanno trouato più volte alla porta delle loro pouere case. Il P. Antonio Maria da Monte Prandone, radunando il popolo e facendogli animo, un giorno ne fece ammazzare uno di straordinaria grandezza. Quà vi sono molte cose che sarebbono stimate assai in coteste parti: ma la distanza non dà luogo a poterle inuiare. Di costà hò riceuuto una sola lettera del P. Giuseppe Maria da Cortona, il quale mi dà nuoua della quantità de' Religiosi morti nella Prouincia; di che hò tenuto particolar sentimento. //

In Cortona ancora mi dice esser morta molta gente, e mi dà nuoua della salute della signora Margherita e del signor Bernardino Venuti, ancorche mi dispiacesse fino all'anima la morte del signor Michel Angelo suo fratello. Quà de' Missionarij che vennero in compagnia del P. Bernardo, già ne sono morti tre, i migliori predicaori che vi fossero; et hebbi nuoua come in Sogno un altro staua molto male. Il P. Francesco Maria da Volterra staua assai indisposto: onde il pouerino si è perso d'animo e trattaua di ritornare costà; sarà però molto difficoltoso ottener licenza: se fosse stato predicatore l'hauerei preso in mia compagnia; ma per esser solo sacerdote, non ne hò fatta istanza. //

Padre mio, se bene quà non c'è l'occasione cosi prossima di spargere il sangue, non manca però modo di morire cento e mille volte il giorno, douendo trattare con gente che pare che manchino di quello che Iddio hà concesso a gl'istessi animali. Nostro Signore ci dia pazienza, e ci assista colla sua diuina grazia, acciò il tutto sia incamminato a sua maggior gloria, e profitto dell' anime, pregando la P. V. M. R. et in Lei tutti i Religiosi della Prouincia, a tenermi raccomandato nelli loro sacrifizj e sante orazionj, facendo io il simile per tutti loro, in particolar per Lei, acciò Nostro Signore la conserui come io desidero. //

Per la venuta di questi Padri non è comparso quà altro che una semplice lettera del P. Giuseppe Maria da Cortona, tutto il resto si è perduto. Per fine le faccio umilissima riuerenza, salutando tutti gli altri Religiosi. Con occasione della visita mi farà grazia salutare il signor Bernardino, la signora Margherita e le nostre Sorelle, acciò preghino Iddio per me. Di nuouo la riuerisco e prego dal Signore ogni bene //.

Angola, li 15 Maggio 1652.

Umilissimo Seruo nel Signore

F. Serafino da Cortona //
Capuccino Indegno

Dopo hauer scritta la lettera, comparue quà il P. Girolamo da Lucca, infermo d'idropisia, e doppo esser stato quà circa un mese, oggi passò all'altra vita, con ottima disposizione, e armato de' Santissimi Sagramenti; mi disse che scriuessi come lui domandaua perdono a tutti i Religiosi della Prouincia, e si raccomandaua alli loro orazioni. Gli sono state state *(sic)* fatte onorate essequie, essendoui interuenuti Monsignor Vicario Generale, due Padri Giesuiti, cinque Padri di S. Francesco, e otto sacerdoti preti, con grandissimo popolo. Adesso tocca a me il fargli compagnia. Nostro Signore conserui la P. V. M. R. come io desidero.

ARQUIVO DE MONTUGHI (Florença) — *Raggvagli del Congo*, p. 117-122.

66

CARTA DO PADRE JACINTO DE VETRALLA AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA

(30-5-1652)

SUMÁRIO — *Solicita a sua substituição como Prefeito e pede licença para ir catequizar a Rainha Jinga — Vai partir para o Congo — Desejo dos Portugueses e dos Missionários de estabelecer-se a sede da Missão dos Capuchinhos em Luanda.*

Illustrissimo Signore

Doppo essermi conuenuto per la fattami contradictione, stare alcuni giorni sospeso per attendere la resolutione, cosi del sostituto Prefetto, come d'altri Missionarij, alla fine, cosi dall' uno come dall'altri son stati non solo repudiati i dubij, ma uengo caldamente pregato a uoler sbassare il colo per abracciar et essercitare la carica di Prefetto; ma perche io desiderarei di uedermene sgrauato, benche per nõ porre in nuoua gelosia i Signori Portughesi, nõ giudichi bene di tirarmene indietro per ricusarla e fuggirla, con tutto ciò mi son deliberato, cõ ogni sommissione e rassegnatione, di farne nuoua istanza all'Eminentissimo Signor Cardinal Prefetto, e nella persona di lui à tutta Sacra Congregatione, che uogliansi compiacere di spedire per il gouerno di queste Missioni un'altro nuouo Prefetto per l'istessa uia di Portugallo, e cõ li dispacci di quella Maestà; et à me dar permissione e licẽza di poter passare con un cõpagno ò doi in terre de gentili, per esserme fatta istãza in particolare, cõ duplicate lettere dalla Regina Cinga, che sin hora, cõ le continue guerre ha essercitate tãte crudeltà cõtra nõ sol la lege di Dio, ma della stessa natura. //

Jo manifesto e communico il mio desiderio, ma nõ resta per questo che io nõ sia in tutto e per tutto subordinato e rassegnato ad ogni qualunque deliberatione di cotesta Sacra Congregatione. Jo fra pochi giorni partirò per S. Saluadore, oue resiede il Rè, facendomene egli particolar istãza, come anco fanno li Missionarij della terra in dentro; ma questi Signori si sono mo[n]strati molto renitenti in cõcedermi licenza di partir di questa Città, perche uorrebono e pretendono ch'il Superiore habbi da fare in essa la sua residenza, il che ãco i Missionarij l'habbiano (?), per la necessità che hanno di questa piazza, per souuenire tutte le Missioni delle cose necessarie; tuttauia io nõ uoglio fare alcuna mutatione e nouità senza prima hauerne il cõtẽto da Roma. Se si resolueranno dispedire il nuouo Prefetto, li potranno cõcedere questa licenza et insieme sarebbe necessario concederli autorità di poter communicare le faccoltà ad alcũ sacerdote secolare, che fosse giudicato de uita probata che quiui ne sariano doi ò tre che sariano profitteuoli, hauẽdo la lingua natiua, et sariano di grãde agiuto alli Missionarij. E cõ questo cõ domãdarli perdono del tedio nella prolissità, li bacio reuerente le sacre vesti. //

Loanda, li 30 di Maggio 1652.

Di V. S. Illustrissima

Deuotissimo in Christo Seruo

F. Giacinto da Vetralla //
Prefetto Indegno.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 226-226v.

67

CARTA DE FREI BOAVENTURA DE SORRENTO AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA FIDE

(3-6-1652)

SUMÁRIO — *Desapontamento pela falta de resposta às suas cartas — Deseja ser instruido dos passos que deve dar e está pronto a voltar à sua Província ou a ir dar conta pessoalmente ao Rei do Congo da missão diplomática de que o incumbira.*

Ill.mo e Reu.mo Sr. e Padrone Osseruandissimo

Con non poco disgusto mio, hò cõ diuerse lettere scritto, e rappresẽtato quãto è occorso in questo uiaggio, e delli rimedij che se potriano dare alla Christianità di Congo; sapendo le cõtinue occupationi de V. S. Ill.ma nõ hò potuto far dimeno, perche à nuoui intoppi, ui sono necessarie nou'instruttioni; ne altro desidero, che conoscere il gusto, e uoluntà de V. S. Ill.ma per regolar cõ ella tutte le mie attioni; che però nõ hauẽdo hauuto auiso, ne risposta sua, ne del P. Procuratore, nõ sò che mi fare; uorria mettere à pericolo la uita, et esponerme à tutti li patimẽti dell'istess'inferno, ma cõ il beneplacito e cõsẽso de Superiori. La tardãza dõde uenga nõ lo sò, si sono perdute le lettere ò le risposte, ò che li ministri del Demonio siano stati di tant'efficacia, et habbiano fatta tal'impressione nella mente de Superiori le loro persuasioni, che come discolo m'habbiano abãdonato. //

Illustrissimo Signore, à me nõ rimorde la cõscienza, se nõ d'hauer procurato di cõplir cõ l'officio impostome, per quãto m'è stato possibile, e uolẽtieri daria cõto ad aures, di qualchier cosa mõstruosa nell'esterior, e à prima facce; cõ tutto ciò sottopongo mia uita, e uoluntà à tutte le penitenze che mi uorranno dare, e le prometto riceuerle cõ humil ringratiamẽto; solo mi

cõsoli cõ determinar ch'hò da fare; si uogliono l'Eminentissimi ch'io mãdi le risposte, e me ne ritiri alla mia Prouincia, molto uolentieri; si uogliono ch'io uada à cõsegnar de mano propria informando il Rè di Congo della diligenza usata da V. S. Ill.ma e Cõgregatione, prontissimo stò, solo mi pesa l'aspettare inresoluto senza conoscere la uoluntà di Dio. Però mando il nostro cõpagno al P. Procuratore e che leui questa à V. S. Ill.ma et essendo indegno di risposta, mi risponda lui; e del tutto ringratio la Maestà de Dio, e V. S. Ill.ma, alla quale bacio le sacrate mani cõ humil reuerenza, et il simile fò à tutti l'Eminentissimi de cotesta Sacra Congregatione. //

De Seuiglia, li 3 di Giugno 1652.

Di V. S. Illustrissima

Humilissimo Seruo nel Signor

F. Bonauẽtura de Sorrẽto //
Capuccino e Missionario di Congo

Sr. Secretario Della Sacra Cõgregatione de Propaganda Fide.

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 227.

68

CARTA DO PADRE SERAFIM DE CORTONA AOS CARDEAIS DA PROPAGANDA

(10-6-1652)

SUMÁRIO — *Queixas contra o novo Prefeito — Acusações graves contra os Capuchinhos — Instituição de congregações de piedade — Queixas contra os Jesuitas — Importância de Luanda para as missões do reino do Congo.*

Illustrissimi et Eminentissimi Signori

Dò parte alle Signorie loro Eminentissime come alli 16 marzo di questo presente anno 1652 arriuò in questa Città e Porto d' Angola (1), il P. Jacinto da Vetralla, il quale hauendo intesa la morte del P. Bonauentura d'Alessano, già Prefetto di questa Missione, subito si dichiarò per Prefetto di essa, senza manifestare l'ordine che teneua dalle Eminenze loro, di non esser Prefetto fino a tanto che detto P. Bonauentura non fosse partito per la Missione e Regno di Mococo; ò non tenesse effetto detta missione, perche in euento che non tenesse effetto restasse suddito; occultando dico detto ordine con altri che portaua, si dichiarò assolutamente per Prefetto, cosa che non hà lasciato di causarci particolare sentimento e ammiratione, uedendo uenir quà un Superiore senza pure tenere una minima satisfattione di tale mutatione, non si trouando colpa per la quale questa Missione meritasse tale mortificatione, uedendosi priuare del suo Superiore Religioso di tanta uirtù e santità. Anzi le Signorie loro Eminentissime mi daranno licenza di dire che la Missione

(1) Luanda.

di Congo fino adesso hà potuto seruire per spechio et esemplare all'altre Missioni, et i Religiosi si sono portati in maniera che l'Eminenze loro ben si possono gloriare di hauere inuiato tali suggetti. Il uederci adesso leuare il Superiore senza saper la causa è stata per noi cosa molto strana.

Perche sebene nostro Signore restò seruito di leuare da questa uita il P. Bonauentura d'Alessano, già Prefetto e fondatore di questa Missione, in suo tempo hà fatto particolari progressi: deuono però ricordarsi le Signorie loro Eminentissime del Decreto dato à detto Padre di poter nominare in uita un successore, il quale doppo la sua morte gouernasse la Missione con titolo di Vice Prefetto, mentre se ne daua parte à Roma, e uenisse la risposta; et hauendo detto Padre nominato il P. Januario da Nola, con gusto di tutti i Missionarij, per esser suggetto di grande uirtù e santità e di gran dottrina, e tale Eminentissimi Signori, che sebene puole esser che à questa Missione uenghino particolari suggetti, non credo ne uerrà un'altro simile à detto Padre Januario, essendo uno spechio di santità e dottrina; e quello che più importa, già con otto anni d'esperienza. //

Hora uedendo comparire quà questo P. Jacinto, inferiore di meriti e senza esperienza ueruna, non hà lasciato di causarci grandissimo sentimento, e oltre ciò dubbio che habbi a gouernare, perche tenendo ordine il P. Jacinto di non gouernare fino à tener effetto la Missione di Mococo, già detta Missione non tiene effetto: et il P. Januario essendo eletto per gouernare, fino ad altro auiso di Roma, pare che detto Padre Januario douesse seguitare di esser Superiore fino ad altro auiso.

Eminentissimi Signori, non si scriue questo per negare ò porre in dubbio che l'Eminenze loro non possino disporre assolutamente e fare Superiore chi più li piace; ne anco perche tra di noi ui sia ambitione di gouernare, desiderando ciascuno di esser subdito et obbedire: che per ciò essendosi questo P. Jacinto publicato Prefetto della Missione, il P. Januario immediatamente gli renuntiò il gouerno nelle mani, offerendosi a seruirlo con

ogni humiltà, insieme con tutti gl'altri; ma per rappresentare le conuenienze che ui sono più per una parte che per l'altra, e per il buon gouerno della Missione, donde procede il progresso e frutto di quest'anime e per euitare ogni dubbio e confusione. //

Quello che si domanda all'Eminenze loro è che già che hanno resoluto mutar gouerno, restino anche seruite mandare ordine che quei Missionarij che non uogliano più stare alla Missione, ò che non possano, possino ritornare alla loro Prouincie (2). Il decreto che fù fatto quando si dispacciò la prima uolta questa Missione, di poter il Prefetto nominare, succedendo la sua morte, un altro in suo luogo, fù buono e santo, perche molti suggetti che costà paiono buoni, quà in pratica non riescono e non si possono accomodare a tal rigore et asprezza di uita; et è necessario, Eminentissim Signori, che il Superiore sia il primo a andare auanti con l'esempio, acciò gl'altri piglino animo per seguitarlo, se uogliano che la Missione facci progresso, come hà fatto fino adesso, che i Superiori sono stati esempio di ogni uirtù, e per questo importa che sia suggetto esperimentato e non persona nuoua.

In oltre dò parte alle Signorie loro Eminentissime, come quà si trouano alcuni Padri Gesuiti; uno stà in Congo e quattro in questa Città, per causa che tengono quà grandissime entrate, particolarmente da mille dugento schiaui da communione, senza i figliuoli, tutti occupati in loro seruitio: questi Padri morti da zelo (credo io) non cessano di molestarci con gran pregiuditio del seruitio di Dio e profitto dell'anime, che è quello che ci causa sentimento: essendo che in quanto alle persone nostre per la molestia che ci danno lo stimiamo per gran uentura.

Primieramente l'anno passato 1651, quando arriuorno in

---

(2) Apesar das palavras de submissão ao novo Prefeito, elas não traduziam a realidade da situação. É manifesta a revolta, embrulhada, muito embora, em termos de falsa obediência. A legalidade do Padre Jacinto de Vetrala é indiscutível.

Congo quei diciotto Missionarij, che uennero per uia di Spagna, uno di questi Religiosi della Compagnia di Gesù, senza hauer uisto ne parlato con i nostri Padri, scrisse una lettera a suoi compagni che assistono in questa Città, nella quale diceua, come i nostri Padri portauano corona e scettro per il Rè di Congo con titolo d'Imperatore; secondo che portauano lettere e donationi del Rè di Spagna per il Rè di Congo, per il Conte di Sogno, e per il Duca di Bamba, per affettionarli a Spagna; terzo che portauano quattro pezzi d'artiglieria; quarto che portauano molte casse piene di arme; quinto che uno di essi ueniua per nuntio Visitatore Apostolico, per uia di Spagna. In fine allegandoli per traditori e sospettosi della Corona di Portogallo. //

Subito diuulgorno per questa Città tutte le sopradette cose, cansando un grandissimo solleuamento, di modo che non mancò chi ci chiamasse publicamente traditori; e finalmente sopra questa lettera si fece un processo contro i detti Religiosi, quale hanno inuiato al Rè di Portogallo. Da questo uedino l'Eminenze loro se questi sono Religiosi che attendino al seruitio di Dio e salute dell'anime. Iddio che è difensore della uerità hà manifestato tutte le sopradette cose esser falsissime; di modo che i secolari si sono irritati contro i medesimi Gesuiti, quando hanno conosciuto il loro mal animo contro di noi. //

Secondariamente dò parte come hauendo instituito quà una Congregatione di huomini, che è il mezzo più efficace per far profitto in questa gente, come habbiamo esperimentato, non essendone confraternità, ne compagnia, ne ordine, ma pia Congregatione a denominatione *piorum operum quae in illa fiunt.* Solo contiene alcune regole di ben uiuere, che deuono guardare quelli della Congregatione, senza obligatione però ne pure di colpa ueniale, e di pure con licenza *in scriptis* del ordinario. Le regole sono le seguenti. //

Prima, di raddunarsi ogni lunedi sera a sentire una pratica spirituale, e a fare la disciplina; 2, di confessarsi tutte le feste principali del anno; 3, di fare ogni giorno mez'hora di oratione

mentale; 4, sentir messa ogni giorno; 5, recitare il Rosario ò Corona della Madonna; 6, fare ogni sera l'esame di conscientia e atto di contritione, e recitare cinque uolte il Pater e Aue Maria. //

Hora essendoui quà uno di questi Padri Gesuiti con titolo di Commissario del'Inquisitione, hà fatto esso d'inquisitione di hauer io instituita detta Congregatione; hà fatto processo, esaminato testimonij screditandomi con queste demostrationi. Io, Eminentissimi Signori, sò che non hò fatto errore nessuno e pretendo hauer fatto bene, e stò apparechiato per sostentare con la dottrina e con la uita quanto hò fatto; fondato in tanti priuilegij conceduti da diuersi Sommi Pontefici alla mia Religione, e non essendo *nec contra fidem, nec bonos mores*, anzi opera di grandissimo seruitio di Dio e profitto dell'anime; in confermatione di che ne hò instituita un'altra di Donne, solo mutando il raddunarsi à fare disciplina, facendola ciascuna in sua casa. //

Per tanto ricorro à loro piedi e domando quel fauore che all'Eminenze loro parerà giusto per l'aggrauio che mi uien fatto: perche intendo che questo Padre sia incorso nelle censure fulminate da Sommi Pontefici contro quelli che molestano i Missionarij e impediscono l'esercitare l'uffitio loro. Si per non essere questo caso d'Inquisitione, ma opera di pietà; si per non essere giudice competente e hauer fatto dare giuramenti, et hauermi aggrauato senza ragione. Mando qui congiunte la fede di dui testimonij che sono stati esaminati sopra ciò. Questo Padre Gesuita, che è Commissario, si chiama il P. Emanuel de Marice.

Terzo dò parte come il Vicario generale di questa Città e Regno, uedendo di non poter ridurre questa gente a sentir messa i giorni di festa, particolarmente le donne, hauendo tentato per ciò molti mezzi, et io stesso per lo spatio di un anno hauer esagerato questo abuso nelle prediche, uedendo il detto Vicario non ui essere emendatione ui messe pena di scomunica. Il che fatto i Padri Gesuiti cominciorno a publicare che detta scomunica non era ualida, e affermando per l'altra parte il Vicario et i Sacer-

doti che era ualida, si causò una notabile confusione in questo populo; onde a petitione del Vicario generale e del gouernatore di questo Regno, per conseruare il credito in che si deuono tenere le censure ecclesiastiche, sustentai in publica disputa che detta scomunica essendo già publicata si doueua stimare e che ligaua, senza intromettermi se il Vicario douesse farlo ò no. //

Da questo procedette che parendo a tre Padri Gesuiti di esser restati confusi, per sfogare la collera che teneuano con me, fecero caso d'inquisitione di hauer io instituita la Congregatione.

Quarto dò parte come l'anno 1651 detto Padre Emanuel de Marice publicò come era morto il Sommo Pontefice Innocentio, e come ui era scisma nella Chiesa, perche Francia haueua fato un Papa e Spagna un'altro, cosa che in queste parti, doue la christianità stà attaccata col filo, non lasciò di dare notabile scandalo, particolarmente essendo una mera falsità, parlando con pochissimo respetto sempre delle cose della chiesa Romana.

Quinto, se io predico la penitenza, il rigore della diuina giustitia, il giuditio seuero e le pene dell'Inferno, questi Padri predicano il contrario; il che oltre lo scandalo che danno in questo, è di notabile pregiuditio alla gente, in modo che pochissime persone si troua che uoglino andare à sentire le loro prediche per questa causa. Sono già dui anni e otto mesi che stò in questa Città di S. Paolo, detta Angola, senza che nessuno de' Missionarij habbi uolsuto uenire quà per mio compagno, se non un laico, e questo per liberarsi da tanti aggrauij che bisogna sopportare da questi Padri; la Missione senza questa Città non si puole sostentare, perche non ui è altra parte donde si possino prouedere i Missionarij delle cose necessarie, come farina per hostie, uino per la messa, cera et altre cose per seruitio della chiesa. //

Hora uedino le Signorie loro Eminentissime se li pare giusto dare alcun remedio à questo; particolarmente domandiamo un decreto che nessun possa molestarci ne far cause contro di noi, ma hauendo alcuna cosa in contrario ne diano parte alle Eminenze loro, e questo per liberarci dalle calumnie e zeli indiscreti

di questi Padri, e perche speriamo che non siano per hauer richiamo alcuno contro di noi, come fino adesso, per gratia del Signore, non l'hanno hauuto.

Supplicando per fine le Signorie loro Eminentissime à scusare la mia libertà nello scriuere et à compatire alla mia oppressione. Conche facendoli profondissima reuerenza li bacio le sacre mani, e li prego dal Signore ogni felicità. Il modo di mandare quà le lettere è per uia di Lisbona, doue tre ò quatro uolte l'anno ci è naui che uengono à questo Porto e Città. //

Di Angola, li 10 di Giugno 1652.

Delle Signorie loro Eminentissime

Humilissimo seruo nel Signore

Fra Serafino da Cortona //
Predicatore Capucino

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 228-228v. e 233-233v.

69

CARTA DE FREI SERAFIM DE CORTONA AOS CARDEAIS DA PROPAGANDA FIDE

(1652)

SUMÁRIO — *Funda em Luanda uma Congregação de leigos, género Ordem Terceira, para os cristãos se reafirmarem na fé e bons costumes — O Padre Manuel de Mariz, comissário do Santo Ofício proibe esta Confraternidade — Pede que a Propaganda faça um decreto que isente os Capuchinhos da alçada do dito Commisário, que lhes seja dada satisfação pelo agravo recebido e uma declaração acerca das censuras pontifícias.*

Signori

Frà Serafino da Cortona, Predicatore Capuccino e Missionario nel Regno di Congo. Rappresenta alle Signorie Loro Eminentissime come hauendo fondato una Missione nel Regno e Città d'Angola, per ordine del R. Padre Bonauentura d'Alessano già Prefetto della Missione di Congo, doue si troua di presente Superiore, et hauendo ritrouato in detta Città molti Portughesi, i quali per essere stati sette anni per questi deserti senza sentire la parola di Dio (1) erano quasi diuentati come gentili; e parendoli necessario per poterli più facilmente ammaestrare nelle cose spettanti alla loro salute d'instituire una Congregatione, la quale non è ordine, nè compagnia, nè confraternità, ma pia Congregatione: solo contiene alcune Regole, o documenti spettanti al ben uiuere, senza obligatione nè anco di colpa ueniale, solo di manifestare i defetti commessi circa detti documenti, come

(1) Referência ao tempo do condomínio holandês de 1641-1648.

hò ueduto praticare costà in Italia in molte Congregationi e tutto ciò con licentia in scriptis del Ordinario. //

E perche si ritroua qua un Padre della Compagnia chiamato il P. Emanuel de Marice con titolo di Commissario del Santo Uffitio, il quale hauendo prima tentato con uarij mezzi di impedirli e distarbarli detta Congregatione, per ultimo hà fatto di ciò caso d'Inquisitione, e fatto dare giuramenti et esaminato sopra ciò testimonij procurando impedirli il seruitio di Dio, e screditarlo appresso il popolo.

Per tanto supplica le Signorie Loro Eminentissime a nome di tutti i Missionarij di questo Regno di Congo, e d'Angola, a uoler spedire un decreto che nessuno, sotto qual si uoglia pretesto possa procedere, nè far cause contro di loro; ma occorrendo alcuna cosa ne diano parte alle Signorie Loro Eminentissime, dalle quali siamo qua inuiati, e dipendiamo come figli dal Padre, e questo per liberarsi dalle calunnie e persecutioni che alcuni sotto buon zelo li fanno, sperando che non siano mai per hauer richiamo ueruno di loro come (gratie al Signore) non l'hanno hauuto fino adesso.

Secondo supplica e domanda giusta satisfattione del ingiusto aggrauio riceuuto da questo Religioso.

Terzo supplica e domanda una dichiaratione se questo Religioso sia incorso nelle censure fulminate da diuersi Sommi Pontefici, contro quelli che impediscono i Missionarij acciò non possino liberamente esercitare il loro uffitio.

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 423.

NOTA — O documento não está datado, mas consideramo-lo de 1652, ano em que o Jesuita Manuel de Mariz procedeu contra o Padre Serafim de Cortona, aliás debalde.

70

CARTA DO PADRE BOAVENTURA DE SORRENTO AO PREFEITO DA PROPAGANDA FIDE

(8-7-1652)

SUMÁRIO — *Agradece ser desligado da missão do Congo — Explicações da sua conduta enquanto se deteve em Lisboa.*

Eminentissimo e Reuerendissimo Signore
e Padrone Osseruandissimo

Hoggi 8 di Luglio, hò riceuuto la lettera di V. Eminenza delli 28 di marzo, nella quale mi significa l'ordine della Sacra Cõgregatione ch'io debbia ritornare in mia Prouincia, mi è stata sõmamente cara, nõ hauendo dopò partito da Jtalia ricebito altra lettera, ne della Sacra Congregatione ne del P. Procuratore, questa è la prima, e prontamente obedirò à V. Eminenza, e subito all'istess' hora ch' hò riceuuto l'ordine, hò scritto al porto di Cadiz si sataua algun vascello che partisse per Jtalia, et anco ad alcuni Capuccini italiani si sono spediti per accõpagnarme; cõ essi (mentre per nõ poter più soffrir la tardanza di non hauer lettera di Roma, me risolsi mandar il cõpagno per conoscere e sapere la uoluntà della Sacra Congregatione) e la risolution stà fatta; l'esecutione di ponerme in uiaggio stà nelle mani di Dio e per la prima cõmodità d'imbarco, che sarà almeno nõ mancarà l'occasione delle galere di Genoua, che hanno da partir per Jtalia; ne m'andarò trattenendo, perche altro io non desideraua che assentarme da si grauoso peso, ne ardiua appartarmene de proprio parere, parendome cercar più il cõmodo proprio, che la salute dell'anime alla mia procura raccõmandate; e mille uolte che m'è uenuto pensiero de retirarme alla quiete

della cella, mi sõueniua il conto che m'haueria dimandato Dio, e l'accusa che m'haueria dato il Rè di Congo, escusãdo se stesso, che per nõ hauer de chi fidarse haueua raccõmandata à me la Christianità del suo Regno di Congo. //

Adesso V. Eminenza mi hà dato modo di rispondere e scusarme cõ Dio, cõ il Rè di Congo e cõ li missionarij; gli ne rendo infinite gratie, e pregarò per la salute de V. Eminenza e per l'esaltatione di sua persona.

Quanto poi, che la mia uenuta in Spagna di Marseglia, senz' arriuar in Roma, habbia causato sentimẽto à V. Eminenza et all'altri Signori Eminentissimi della Sacra Congregatione, mi ne dispiace e gli ne dimando perdono, e se mi dà licenza V. Eminenza di dire pur il mio motiuo, lo dirò con ogni rispetto e riuerenza. Io l'attione nõ l'hò fatta come semplice missionario, perche in tal caso non solamente saria uolato da Lisbona alla mia Prouincia, ma ne tãpoco saria partito da Roma mentre non andauano le prouisioni dimandate dalli missionarij di Congo; ma l'hò fatto come persona mandata dal Rè di Congo, nel modo che mi ricebi e diede udienza il sommo Pontefice, e per esequire quanto dal detto Rè m'era stato imposto, ilche nõ mi daua tempo di uenir in Roma, nõ cõpatẽdosi le speditioni delle Corti cõ le nauigationi di questi mari, essendo l'occasioni instãtanee, ch'in un punto si perde ò si troua quelche per anni nõ si può hauere. //

Si nõ gustauano l'Eminentissimi ch'io trattasse le cose del Rè di Congo in Lisbona, mi lo poteuano significare in Roma, che mi saria remasto più che uolentieri, stimando il gusto loro com'il gusto di Dio; ma mẽtre Sua Santità mi rimanda cõ la risposta al Rè di Congo e nell'instruttioni date dal P. Procurator in nome della Sacra Congregatione esplica ch'in Lisbona il P. Giacinto [da Vetralla] tratti le cose della missione, et il P. Bonauentura quelle della sua cõmissione, ne altra cõmissione haueua che dal Rè di Congo per all'hora, questa hò procurato adempire, e saria andato uolentieri à dar il conto e nõ potendose ire in persona, hò trattato darlo secura e prestamente cõ lettera, ilche

nõ si poteua fare senz'arriuare di persona in Spagna; e perche l'andata al Congo patiua difficultà per non saperse ancora l'esito di quelli missionarij passati, già staua risoluto e determinato nõ andare senza nuou'ordine e dichiaratione della Sacra Congrestione; *si quid in hoc peccaui, ignoranter feci.* //

Per fine prostrato alli piedi di V. Eminenza e di tutti l'Eminentissimi, bacio humilmente le sacrate uesti, pregando Jddio che li cõceda il colmo di tutti li beni. //

Da Seuiglia, li 8 di Luglio 1652.

Di V. Eminenza Reuerendissima

Humilissimo seruo nel Signor

F. Bonauẽtura da Sorrẽto //
P. Capuccino

L'Eminentissimo Card. Panfilio.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 238-238v.

NOTA — Em carta sem data, mas de 1652, o Secretário da Propaganda escreve ao Padre Sorrento o texto seguinte:

Già che V.R. dopo d'hauer incontrate à Portogallo le difficoltà che accenna per la sua andata al Congo si era ridotta à Marsiglia, poteua molto bene trasferirsi quà per dar miglior conto de' successi, senza commettersi ad altro uiaggio di proprio suo capriccio: onde per questo et altri rispetti hanno giudicato espediente questi Eminentissimi miei Signori della Sacra Congregatione de Propaganda Fide, di ordinarle che subito riceuuta la presente ella si risolua di tornarsene alla sua Prouincia, essendo di già stato detto al P. Procuratore Generale che le ne scriua ancor lui con la medesima forma e comandamento. Tanto dunque esseguirà prontamente V.R. e le prego la diuina assistenza.

APF — *Lettere*, vol. 29, fls. 21-21v.

71

CARTA DO PADRE BOAVENTURA DE SORRENTO AO PREFEITO DA PROPAGANDA FIDE

(13-8-1652)

SUMÁRIO — *Missão de que fora encarregado junto do Rei do Congo — Judeus em Luanda — Meios empregados para chegar ao Congo — Pilhagem das cartas pelos Turcos — Resolve ir ao Congo.*

Eminentissimo e Reuerendissimo Signore
e Padrone Osseruandissimo

Con humil reuerenza bacio le uesti de V. Eminenza e di tutti l'Eminentissimi Signori della Sacra Congregatione, alla uoluntà de' quali, desiderando cõformar la mia propria, cõ tutta la puntualità, hò fatto la diligenza ch'hò potuto nelle cose ambigue, e nuoui accidenti, e per uenir alla capacità della resolucion pigliata, deuo accennar prima il motiuo e progresso del mio uiaggio.

Ritrouandose il Rè di Congo circondato de nemici, ne potendo mandar persona propria al Sõmo Pontefice, dimandò al P. Prefetto della missione delli Capuccini un missionario; e perche desideraua il detto Padre informar d'altre necessità li Superiori e la Sacra Cõgregatione, cõcedio al Rè di Congo il P. Bonauẽtura de Sardegna; e perche se prima di partire, fuì mandato io f. Bonauẽtura de Sorrẽto, et in nome del detto Rè, nell'anno 1650, presẽtai le lettere à Sua Santità; e dopò otto mesi fuì spedito cõ un Breue Apostolico per risposta, nel qual se cõteneuano gl' altre speditioni; e nel baciar l'ultima uolta il piede à S. B., mi dimandò per doue passauamo, perche le differenze trà Portughesi e Spagnoli haueriano causato impedimẽto, io le risposi.

Beatissimo Padre, faremo quelche se podrà, tentaremo tutti li mezzi e uie possibili, e quando nõ se potrà più ritornaremo à dietro; ben fatte, disce S. Santità, siate benedetti; e partij cõ il P. Giacinto de Vetralla, promettendo la Sacra Cõgregatione di mandar appresso alcune speditioni della missione.

E per esserno li nemici del Rè di Congo vassalli della Corona di Portugallo, ch'habitano in quelli porti di Loanda et Angola, la maggior parte de quali sono Giudei fugiti da Lisbona, e uiuon cõ seminar zizanie frà li ueri Portughesi, et li negri, perche procurano mouerli guerra, cõ la quale captiuano li poueri negri e li uendeno, com'haueuano fatto poco prima cattiuandone 4000. Il Rè di Congo hà scritto al Rè di Portugallo, lamẽtandosi dell' aggrauij che tale gẽte li fà, et ordinò à me, che cõ la prattica et esperienza ch'haueua della terra, informasse della uerità e procurasse accõmodar le cose al miglior modo che si poteua, dandome le scriture necessarie per tal'effetto.

Al passar per Lisbona à Roma consignai la lettera, diedi alcuna information, e subito mi parti per negotiare, e pigliar al ritorno la risposta; e nel partir di Roma procurai per mezzo del P. Procurator di corte, che la Sacra Congregatione incarricasse al P. Giacinto de Vetralla il negotio della missione, quãto al passo, per poter negociar io quanto m'haueua imposto il Rè di Cõgo; e cosi nell'instruttioni date dall'istesso Padre ordinaua che trattase le cose della mia cõmissione, et il P. Giacinto della missione; cosi si cõpli, per 4 mesi che si stesse in Lisbona; il fine del negotio fù che fingendo darme il passo e far pace cõ il Rè di Congo, m'impedirno l'andata al Congo, e mandarno à far nuoua fortezza per serrar il Rè di Cõgo. //

Per ilche mi sẽtij obligato à tentar ogni mezzo per auisar il Rè di Cõgo, e quando nõ se hauesse potuto ir in persona, assicurar le lettere al possibile; e per ciò fare fingij di ir in Jtalia, e dalla prima terra che toccò la barca, che fù Marseglia, uenni alli porti di Spagna, dãdo auiso à cotesta Sacra Congrega-

tione dell'impedimẽto hauuto in Lisboa e della resolutione fatta (1).

Arriuato in Seuiglia, e trouata la più bona, cõmoda e secura cõmodità di naue, che mai se sia hauuta, ne sia per hauersi, giudicando miracolo de Dio, hò scritto molte lettere, e nelle prime, circa la fine di febraro del present'anno, daua raggione della causa che mi moueua à partir per Congo, nõ per la missione, ma per le cose del Rè, et admiratione che l'haueria causato, tenendosi burlato e diluso da persone Religiose, per defesa de quali si trouaua in tãti trauagli; e si nõ se fosse negotiato nõ saria tãto necessaria l'andata, ma dopò fatto, nõ si poteua mãcare; cõ l'istesse lettere rispondeua all'oppositioni che V. Eminenza m'haueria potuto fare circa delli Portughesi, ciò è, ch'io saria andato secretamente e s'hauesse potuto rimediare e stare cõ la pace bene, si nõ me saria ritornato cõ l'istesso nauilio, et altre raggioni che mi dataua l'esperanza del paese, remettẽdome, cõ tutto ciò, alla volũtà della Sacra Cõgregatione.

Dopò hò scritto altre in materia del Vescouo di Congo et Angola, declarando la volũtà del Rè di Congo, et essendosi trattenuta la naue più di quello ch'io pensaua e mi diceuano, determinai nõ partir senz'auiso della Sacra Cõgregatione ò de Cõgo, che le cose fossero negotiate; e però mandai il nostro cõpagno per sollicitar la risposta; e stando cosi sospeso, alli 8 di Luglio m'arriuò ordine della Sacra Cõgregatione e senz' andar in Roma e presupponendo che già hauesse riceuuto le lettere scritte da Spagna e che l'ordine fosse la risposta, accettai cõ sõmo gusto la lor determinatione e risposi che cõ la prima occasione mi saria partito per Jtalia, ringratiandola cõ uer'affetto e si era uenuto à Spagna nõ haueua ciò fatto com' à semplice

---

(1) Impedido pelo Rei de Portugal, por justos motivos, de embarcar em Lisboa para o Congo, o Padre podia perfeitamente enviar a sua comissão ao Rei do Congo pelo Padre Jacinto de Vetralla. Não o quis fazer e a esta luz tem de ser considerado quanto nesta carta diz.

missionario, ma come persona del Rè di Cõgo, in uirtù del Breue Apostolico che leuo, e della volũtà del Pontefice, ne la Sacra Congregatione mi haueua mõstrata cosa in cõtrario, dãdome licenza ch'io trattase le cose della cõmissione, e cõ che mi pareua difficil à credere che la Sacra Cõgregatione si fosse ricordata di tutto il sopradetto, e m'hauesse mandato tal'ordine, io mi risolsi alla cieca obedire, e nõ farci altro, si nõ imbarcare cõ le galere di Genoua, ch'alla fine di questo mese d'Agosto partiranno.

Stando in questa resolutione mi sono arriuati due auisi, uno che la saetia (2) che portaua le lettere in Roma fù pigliata da Turchi, senza poter scappar pur un marinaro; l'altro che la naue che cõdusse li missionarij partiti da Spagna al Congo, già stà all'Jndi, hauendo felicemente fatto il suo uiaggio e disbarcato li missionarij; li quali auisi di nuouo m'hanno posto in ambiguità, perche da una parte haueua uoluto obedire all'ordine de V. Eminenza e partirme per Jtalia; dall'altra auerto che nõ hauendo riceuuto le lettere di Spagna dall'informatione della necessità dell'andata, cõ l'altre circostãze accenate di sopra, mi co[n]sta della volũtà del Pontefice e delli Eminentissimi, che nõ è di disgustar ne causar admiratione al Rè di Cõgo; nõ sapeua dell'occasione presẽte e dell'entrata securamente dell'altri missionarij; di più nõ dicendome nell'ordine che douesse fare del Breue ponteficio, si mandarlo ò ritornarlo, ma sẽplicemente dire che me n'andasse in mia Prouincia, hò giudicato che m'habbiano considerato come sẽplice missionario, senza ricordarse delli negotij del Rè di Cõgo (3).

Però desiderando incõtrarme cõ la volũtà della Sacra Congregatione, sono ricorso à mõsignor Montani, qual è uenuto à portar la berretta al Cardinal Pimmintelli, Arciuescouo di Seui-

---

(2) Espécie de navio ligeiro, brigantim.

(3) A sofisticação da ordem formal, tanto do cardeal Prefeito como do Secretário da Propaganda, é perfeita, acobertada ainda por cima com a matreirice da mais rendida obediência ... de palavras.

glia, e cõmunicato quãto hò scritto à V. Eminenza; è stato di parere ch'io parta per Congo e nõ perda quest'occasione; e giudicãdo la volũtà di Dio partirò per Cõgo e seguitarò l'officio impostome: cõ che le bacio de nuouo le sacre vesti cõ humilissime reuerẽze. //

De Seuiglia, li 13 d'Agosto 1652.

Di V. Eminenza Reuerendissima

Seruo in Xpõ obedientissimo

F. Bonauẽtura de Sorrẽto //
Missionario Capuccino

E.^{mo} Card. Panfilio.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 239-239v.

72

CARTA DO PADRE JACINTO DE VETRALLA AO PADRE PROCURADOR-GERAL

(20-8-1652)

SUMÁRIO — *Recepção triunfal do Prefeito apostólico no Congo — Excelentes disposições do Rei e do Reino para a evangelização.*

Molto Reuerendo Padre Osseruandissimo

Doppo essermi trattenuto per causa della pericolosissima infermità in Loanda, Città e Porto d'Angola, da tre mesi in circa, mi posi in uiaggio à questa uolta di Congo, e Città di S. Saluatore, Regia residenza et Metropoli di tutto questo Regno, oue con il diuin'aiuto, doppo hauer' consumato un mese di uiaggio, per esser' (1) per il camino (per uoler' andar' à piedi) ricaduto di nuouo grauemente infermo, cosi mal' conditionato, come pur' anco tuttauia mi ritrouo, giunsi e fuì tanto ben' uisto e con tali honori raccolto dal Rè, che non sò che cosa potesse far' di più ad un uescouo. Poiche non contento al primo auiso che egli riceuè della mia uenuta et arriuo in Loanda, prima che riceuesse lettere mie scritteli subito per la prima occasione, di preuenirmi con una benignissima sua, in cui frà l'altre cose diceua, che poneua se stesso e tutto il suo Regno nelle braccia e disposition' mia, e l'istesso hauer' fatto e replicato in due altre scrittemi in risposta delle mie, intendendo che io passata la festa di S. Antonio ero per incaminarmi uerso questa Città, mandò commandamento à tutti i Fidalghi, Baroni e Gouernatori delle Terre, per doue

---

(1) BV — hauer.

doueuo passare, che m'aprissero e nettassero tutto il camino dalli gran' paglieti folti che fanno l'adito difficultosissimo et asprissimo à passagieri, e che tutti mi uenissero ad incontrare per offerirmi schiaui (2) e rinfreschi, il che era esseguito puntualmente, intanto non pareuano più strade di Congo mà Romane, et io non poteuo liberarmi da corteggi, ne poteuo fuggirli, perche teneuano (3) le spie et uno auuisaua l'altro; ne (4) contento di ciò, spedì un' Ambasciatore à posta al Signor Duca di Bamba suo genero, che mi facesse ogni possibil' honore, il perche da questo fù subito spedito un' altro Ambasciatore sino all'ultimi confini del Regno per Loanda, acciò, iui riceuendomi m'accompagnasse per tutto il viaggio sino alla sua presenza, e lo facesse subito per un messo à posta auisato, che io ero per uiaggio, per potermi uscire incontro tre giornate; e perche questo fù alquanto trascurato, per essersi trattenuto più del douere in conuersatione d'amici in una terra, e fù da me all'improuiso preuenuto in detta terra, senza che potesse dar' l'auiso al Signor Duca, come egli pretendeua alcuni giorni prima, mà solo doi giorni, non hauendomi potuto far' trattenere, come egli si sforzaua, perche non uoleuo che il Signor Duca facesse tanto eccesso (5) con spesa de pouerelli, à quali spetta dar' da mangiare alli corteggi de Signori quando escono in camino. //

Non hauendo potuto adempire il suo intento, per la breuità del tempo, senon per una giornata, minacciò al fidalgo ambasciatore di farli stacar la testa dal busto; ne potendosi placare, il buon fidalgo per mettersi in sicuro, temendo che subito partito

---

(2) É interessante a oferta espontânea de *escravos* ao Padre Prefeito, indicativo de que o espírito do Rei não era adverso à prática da escravatura quando realizada por ele mesmo.

(3) BV — aueuano.

(4) BV — no.

(5) BV — tanti accessi.

io non effettuasse infallibilmente la minaccia, di notte si pose in fuga per trasportarsi al altra giurisdittione. //

Grandi furno l'ossequij fattimi, à mia gran' confusione, da questo Signor Duca, non solo nell'essermi uenuto à incontrare con grandissima comitiua delli più nobili, e con suoni et instrumenti bellici, come generale di tutto il Regno, mà anco in uolermi uenir' ad accompagnare à piedi, alche non hauendo io uoluto per alcun' modo acconsentire, mà hauendolo doppo molti contrasti, e compimenti, fatto montar' in rete, et io sotto pretesto d'insistere et assister' alli neri, che leuauano le cariche per seruitio di diuerse Missioni, restatomene indietro, con animo (6) d'entrar di notte, come feci, per fuggir' altr' occasioni d'honori; non potè riuscirmi il disegno, perche benche giungesse ad un' hora e mezza di notte, pure mi uiddi di nouo uenir' incontro il medesimo Signor Duca, con deliberation' di uolermi accompagnare sin' all'hospitio, oue dimorano doi de nostri Missionarij, che restauo ancora molto longe, e con difficoltà ne lo potei distogliere; alla fine uolle uenire in propria persona uisitarmi alla capanna, oue giaceuo infermo, e con le proprie mani portarmi e presentarmi dell'oua, oltre altri regali mandatimi per me e per la gente che conduceuo meco. //

Mà se grandi furno gl'honori di questo Duca, non furno inferiori, mà di gran' lunga (7) maggiori, quelli che di poi con altretanta per la mia indignità, [e] confusione, quanta per la sua abondante pietà et benignità, edificatione, riceuei dalla Maestà di questo Rè, poiche saputo che io già ero giunto in Bamba (senza saper' che io iui mi ritrouauo infermo) spedì subito il suo figliolo Prencipe, perche mi uenisse ad incontrare con altri molti fidalghi, sino ad un fiume distante sei giornate da questa Città; mà da frati persuaso et pregato à non uoler' far' caminar' tanto il figliolo,

---

(6) BV — con ordine.
(7) BV — longe.

si contentò per tal' istanza, moderar' l'ordine à tre giornate; e perche io non passassi senza accorgersene, per assicurarsi si si fece far' in campagna aperta una piccola capanna, oue li conuenne dimorare e dormire per sei giorni continui, per essermi io trattenuto in Bamba, per rispetto dell' infermità contratta. //

Giunto al sudetto Prencipe all'improuiso, prima che n'hauesse riceuuto del mio uenir' altro securo auiso, non si puol' descriuere qual'fosse l'allegrezza del giouane in uscirmi incontro, e quale poi la mestitia in uedermi dal male si abandonato e destituto. Subito mi fece apparecchiar' da ristorare, e di poi tutti unitamente ci ponessimo à seguitare il uiaggio; e perche io ero costretto, per rispetto della febre, che grauemente mi molestaua, andar' in rete, feci ogni sforzo, con persuasioni e preghiere far' entrar' in rete pur' il detto Prencipe, mà non fù mai possibile poterne (8) conseguire l'intento, perche diceua hauerne hauuta dal Rè Padre assoluta prohibitione di montar' in rete uenendo in mia compagnia, mà che andasse sempre à piedi; et egli non uoleua trasgredire punto l'ordini del Rè suo Padre, perche era sicuro che oltre la seuera reprensione, n'harebbe (9) riportato più seuero castigo. //

Quando poi fossimo da circa una lega longe dalla Città, uenne ordine che mi facessero iui trattenere, perche S. Maestà uoleua riceuermi con tutta la comitiua de fidalghi, e con solennità; ne fù possibile il poterli contradire, perche diceuano e rispondeuano, tanto li Baroni quanto il figlio: Padre, habbiate patienza, è necessario adempir' l'ordini Regij, perche altrimente sua Maestà ci farebbe incontinente tagliar' il collo. Quiui ci fù mandato da rinfrescare, ilche fatto c'inuiassimo uerso la Regia Città, oue auanti una Chiesa, in mezzo d'una gran' Piazza, assisteua il Rè riccamente uestito, et coronato con la Corona mandatali da Roma, nel cui intorno era una gran' corona de più nobili

(8) BV — potermi.
(9) BV — si haurebbe.

fidalghi di questa Città et Regno, et una moltitudine gran di soldati armati d'archi e di frezze *(sic)*, si che non restaua spatio di poter' passare. //

Nel uedermi il Rè comparire corse (10) ad abbracciarmi con le braccia aperte, et à me giunto, si prostrò di ginocchia in terra, ilche facendo pur'io (benche si fiacco mi ritrouassi, chel'hebbi à cascar sopra) tre uolte ci abbracciassimo insieme, ilche fatto li diedi, per mezzo d'un' interprete, quale fù il Sacerdote suo Capellano, per cui s'hà licenza di darli l'habito, quelli saluti che mi parsero (11) conuene li, e cosi parlando di passo in passo se n'entrassimo nella Chiesa dedicata all'Apostolo S. Giacomo, oue doppo fatta una breue oratione, fù cantato il *Te Deum laudamus.* //

Voleua il Rè di poi accompagnarmi sino al Monasterio, ne saria stato possibile distornarlo da questa sua uoluntà, si io non pigliauo pretesto dell'infermità e fiacchezza, in cui mi trouauo, con pregarlo che si uolesse compiacere di concedermi quest' alleuiamento, e conforto di darmi commodità di poter'giunger' di prescia (12) al Conuento, ilche non poteua essere andando in sua compagnia, per non potermi sostentare più in piedi, e non ritirandosi egli, quanto più hauesse dimorato, tanto più hauerei patito. Restò seruito condescendere cosi al bisogno come alle preghiere, et io non mi uolsi separar' giamai da lui sinche egli non fù entrato in sua morada, et mi diede licenza d'andarmene al Conuento. //

La medesima sera, passata un'hora e mezza di notte, si uolle degnare di uenirmi à uisitare in cella (13), ilche hà fatto di poi per sua molta pietà tre altre uolte, pur' di notte incognito, e due altre uolte di giorno con tutta la comitiua della sua Corte,

---

(10) BV — corre.
(11) BV — pareua.
(12) BV — pressa.
(13) BV — letto.

compatendomi (14) che io non potessi per la mia gran' fiacchezza andar' da lui, e quasi ogni giorno con diuersi regali manda ad esplorar' come mi sento. Siche io li (15) confesso ingenuamente che oue per una parte m'edifico in scorger' tanta pietà, deuotione et reuerenza uerso una persona Religiosa, per uenir da Roma spedita dalla S. Congregatione, col consenso et bene placito del Sommo Pontefice, molto più per l'altra mi confondo per conoscermi indegno di tante dimostrationi d'honori et assai inferiore di poter' corrisponder' alla carica, in riguardo di cui son' honorato. E se non fosse che confido onninamente in Dio, che per mezzo de miei Superiori mi chiamò ad un tal grado, del tutto mi perderei d'animo, e per la propria uiltà mi ci uedrei soppresso. La qual' uiltà, oltre il naturale mi s'accresce anco di più, per uedermi sprouisto di cose di deuotione proportionate à tali personaggi, e conforme anco al mio proprio stato, che se bene mi furno dalla S. Congregatione per elemosina dimandatali in una mia deuotissima supplica, per tal' rispetto fatte assegnare una proportionata quantità di medaglie, corone, reliquiarijni et figure stampate di carta (16), con tutto ciò essendomi conuenuto e per conformarmi all'ordini et dichiarationi fatte dalla Paternità Vostra Molto Reuerenda, di mente della S. Congregatione, di diuiderla e compartirla (17) frà tutti l'altri Padri Missionarij, che al mio arriuo erano 30, poco mi rimase respettiue à quelle che mi sarebbe necessario per tanta diuersità di persone et personaggi, che pretendono d'hauer' qualche recognitione da me, come persona uenuta da Roma, destinata da cotesta S. Sede, per gouerno di questa Missione, et quel poco che mi restò mi conuenne farne in buona et maggior' parte la distributione nella Città di Loanda in Angola, oue essendomi stato necessario, per

---

(14) BV — comparendomi.
(15) BV — lo.
(16) BV — costo.
(17) BV — diuidirli e compatirli.

ragion' dell'infermità mortale iui contrata, trattenermi iui per spatio di sopra tre mesi, quotidianamente ero molestato da diuerse et moltiplicate richieste di quei Signori Portughesi che iui morano al numero di circa 2000; et io per la carità che esperimentauo nelle continue elemosine, non me ne poteuo liberare. Et al sicuro che se da cotesti Signori (18), si potesse sapere et esperimentare con quanta brama aspirano questi habitatori alle deuotioni di Roma, e con quanta reuerenza et deuotione le riceuino, douendo uenir qualche Missionario lo caricariano di deuotioni; basta dire che dimandole non le dimandano con titolo di medaglie ò corone, mà solo di reliquie, dicendo: Padre, una reliquia per amor di Dio, di quelle di Roma, intendendo medaglia, santino ò corona.

Quanta sia la pietà di questo Rè, oltre quello che fù posto nella sua relatione dal P. Giouanni Francesco (19), ben' lo mostra di presente, che essendoui quiui in questa Città Reale quattro Chiese fatte fabricare à proprie spese dall' antenati Regi di Portugallo, e digià per la poca cura degl' antepassati Regi cadute e destrute, egli con molta spesa (20) e fatiga, costandoli molto il far' fare la calce e condur' quiui, hà pigliato per assunto di farle tutte ristorare e risarcire da fondamenti; e benche il giorno di S. Giacomo Apostolo, ò à caso, ò per malitia, che ancora non si puol' del tutto discoprire, se l'attacasse il fuoco alle sue case, e gli ne restassero le migliori, oue egli dormia, mangiaua, daua audienza e teneua le cose più di pregio riseruate, tutte afatto incenerite; egli però non procura (21) sin'hora di rifarle, benche potesse in breuisimo tempo, et interrogatolo io perche uolesse habitare cosi costretto e star' frà quelle ruine, concui uenisse à

---

(18) Referência aos Cardeais da Propaganda Fide.

(19) Trata-se do livro *Breve Relatione del Svccesso della Missione de Fratri Minori Capuccini...al Regno del Congo*, Roma, 1648.

(20) BV — spese.

(21) BV — procurò.

rammentarsi della perdita già fatta, egli da uero cattolico, prontamente mi rispose, si deuono Padre, prima procurare e tirar' auanti le cose di Dio, e poi procurar' le cose del mondo e le commodità del corpo. Io non uoglio far' mettere le mani per risarcir' le ruine fatte nella Casa mia, sinche non uedo prima compitta l'opera incominciata di restaurar' le ruine delle Chiese, quali per accelerare egl' istesso in persona, da numerosa gente accompagnato, ui ua ad assistere per sollecitare li maestri et lauoranti, per natura in se stessi pigrissimi e lentissimi, e con la sua diligenza hauendone fatta finire una dedicata à S. Michele, alli 14 di questo di (22) licenza del Vicario mi la fece benedire, uolendo egli in persona, con tutta la sua Corte, e principali fidalghi della Città, assistere à quella cerimonia; quale compita, fece egli stesso un sermone molto efficace al popolo, et alli 17 del medesimo, fatta conuocar' di nuouo la meglior'gente della Città, et huomini e donne, ui ritornò per farci celebrar' da me la prima Messa, con farla cantar' al nostro uso Capuccino, e di poi accompagnar' da un sermoncino breue, quale si fece interpretare dal quel nostro nouitio (23), che hauessimo licenza di uestire, che oltre il linguaggio del paese, per esser' naturale di qui, intende anco la lingua portughese, inche io feci il sermone, che cosi è costume di fare, perche il popolo con il Rè uenghi ad intender' ciò che dice il predicatore, sinche habbia appressa la lor' lingua. //

E non contento di questo, fece immediatamente celebrare un' altra Messa da un altro Sacerdote Canonico, pur' cantata, mà in musica in canto figurato, non hauendo uoluto permettere che altri ui dicessero prima di me, la prima Messa, per la reue-

---

(22) BV — con.

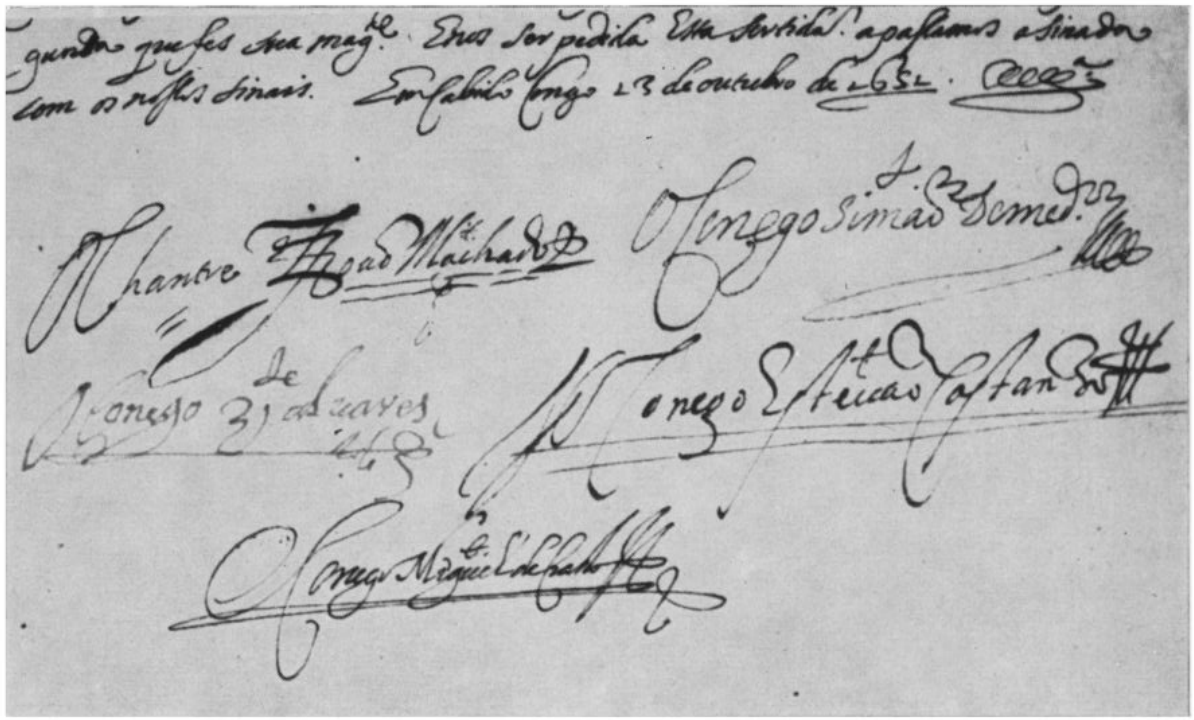
(23) Frei Manuel Roboredo, filho de Tomás Roboredo, gentilhomem português, e de D. Eva, parenta do rei D. Garcia, fora ordenado em Luanda pelo bispo D. Francisco do Soveral e colocado em S. Salvador, como capelão e confessor do Rei. Professou nos Capuchinhos em 15-8-1653, com o nome de Frei Francisco de S. Salvador.

renza che mi porta, come persona uenutali e destinatali (24) da Roma. Anzi che per maggior' demostratione del desiderio che tiene radicato nel suo cuore di uedere dilatata non solo, mà ben' radicata la fede Cattolica, in tutte le parti del suo Regno, molte e le più delle quali restano gentili, et altre sono cristiane in apparenza del solo nome, e del Battesimo; uedendo che da cotesta Sede non hà potuto, per mezzo et opera de Frati, spediti per sua parte à Roma, riportare una Lettera Pontificia ò Breue, in cui li si desse e uenisse assegnata una formula direttoria al buon' gouerno del suo Regno, à cui egli appoggiato potesse pigliar motiuo di formar' editti, con tassa di pene rigorose contro li stregoni e sansatori, che fanno irreparabili danni à questa pouera gente, et altri abusi, e per se stesso, senza esserne stimolato con ordini ò esortationi dal Sommo Pontefice, non s'assicura di farlo, perche essendo di questa pecca toccati molti de principali, e tenendo questi gran' seguito in tutto quanto il Regno, teme di non esser' causa di qualche gran' tumulto ò solleuamento, senza apportarne la reuerenza che si deue al Papa, chiamato da tutti il Santo Padre, con ingenocchiarsi in terra nel nominarlo (25); per farne di nuouo l'ultimata proua, haueua risoluto di spedire quanto prima il 2.º genito suo figlio à cotesta Santa Sede, per rinouarne più efficaci suppliche, mà per l'incendio delle case, essendoseli frà l'altre molte cose, abbrugiati et inceneriti sopra 200 [denti] d'elefante ò d'auorio bellissimi, fatti scegliere per tutto il Regno, per mandarli à presentare à Roma, e Portugallo, del che più s'è afflitto che di tutte l'altre perdite; et però dubita che sia stato ciò per malitia et inuidia, perche non potesse effettuare il suo buon' intento per tal perdita, sinche habbi tornato à ris-

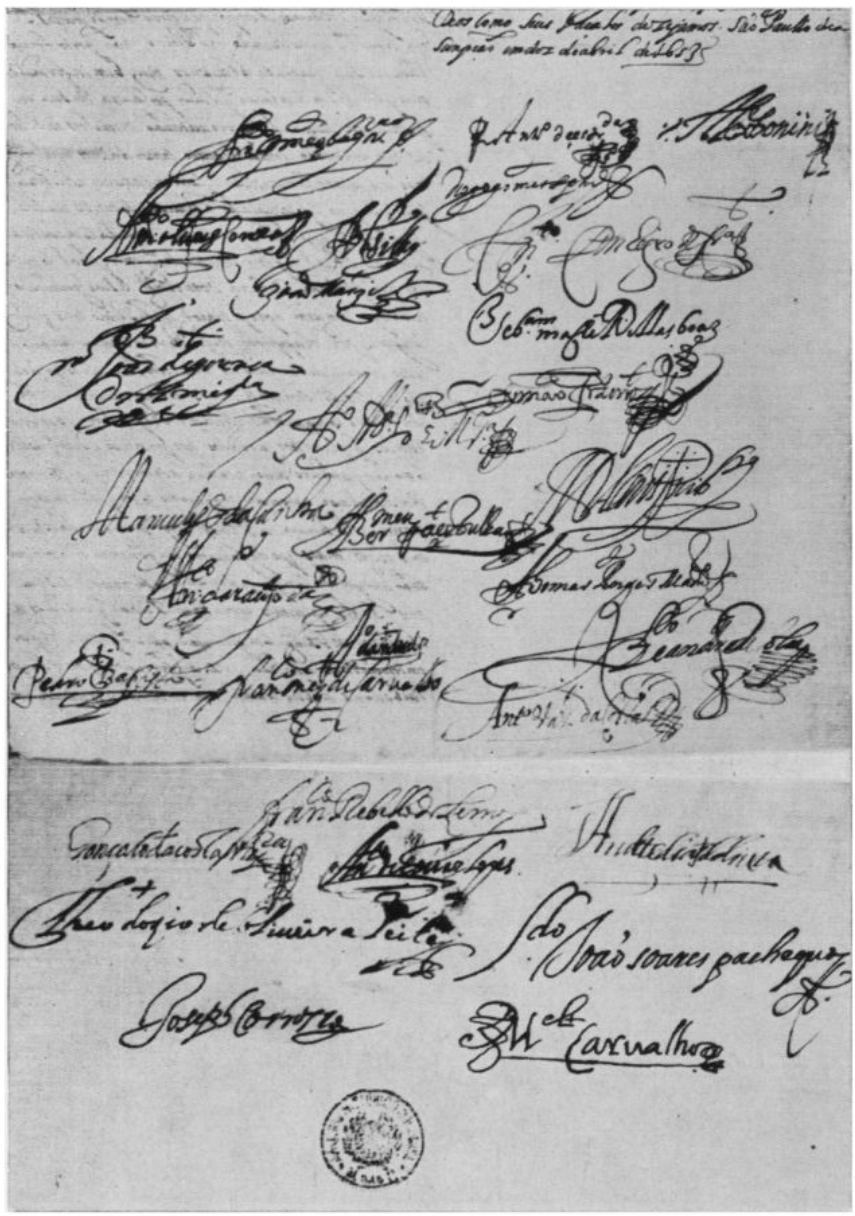
---

(24) BV — donatali.

(25) Como rei do Congo, se verdadeiramente tinha consciência de o ser, não precisava de Carta ou Breve pontifícios para executar o que pretendia, como lei de estado. Mas o que ele desejava, no fundo das coisas, era a suzerania política da Santa Sé...



Assinaturas do documento n.º 38



Assinaturas do documento n.º 91

torarla con procurarne altri somiglianti, è costretto à differire il suo disegno; et al certo (26) che poco capace si rende, che mandando egli à dimandare, ò facendo ricorso à cotesta Santa Sede per cose pertinenti al ben' uiuere de suoi uassalli, e beneficio della fede e della Chiesa, non ne possi riportare li bramati e supplicati effecti, et alcune uolte entra in tanta smania, che si dichiara che egli stà quasi in procinto in propria persona di trasferirsi à Roma, per trattar' di presenza l'interessi spirituali del suo Regno, et è tal il desiderio, che ne mostra sino à formarne giuramenti, che se non preuedesse, che da Signori Portughesi li sarabbe negato l'imbarco et il passaggio, dubitarei non poco che un giorno all' improuiso fosse per porlo in essecutione, non curando de perderci la uita.

Egli si mostra deuotissimo dell'Indulgenze sacre, e con il suo esempio sprona gl'altri à uenirle à guadagnare; et per l'Indulgenza della Portiuncula, uenendoli riferito da noi come si costuma da popoli nel gran' concorso d'Assisi d'entrar' et uscire, e dà lì stato portato il costume in altre molte parti, egli subito lo uolle effettuare e si trattenne più d'un' hora et mezza in questo santo esercitio, nel che fù imitato da altri molti de suoi principali fidalghi. //

Ne lascia passar' Indulgenza che non si sforzi d'andarla à guadagnare, et essendo stata portata un' Indulgenza per questa nostra Chiesa, dedicata à N. Signora della Uittoria, per il giorno della Assonta et tutta l'Ottaua, con un' altro Breue per Altar' Priuilegiato nell'altar maggiore, per tutti i lunedì dell'anno, egli li uolle in suo potere e li conserua, come gran tesoro appresso di se, ne li uole allontanare da se, se non per mandarli a publicare nelli primi Vesperi della festa dell'Assonta. //

Hauendo hauuto un traslado della lettera che hà fatta fare il Rè per indrizzare à tutte le Prouincie del suo Regno, con l'occa-

---

(26) BV — alcuno.

sione del Giubileo, in confermatione della sua molta pietà, ho risoluto d'inuiarcene una copia acciò, parendoli, possa leggerla a da quella penetrar' i suoi intenti.

[*Segue a carta, aqui publicada sob o n.º* .....]

Qui termina il Rè la sua lettera, et per terminar' pur' io la mia, conchiuderò con augurarli ogni uera felicità, conforme li desidero e prego, e con baciarli riuerentemente le sacre mani. //

Di S. Saluatore, li 20 di Agosto 1652.

Di V. P. M. Reu.

Deuotissimo figlio in Xpõ.

F. Giacinto da Vetralla
Prefetto delle Missioni di Congo.

AOMC — 1897 (XIII), p. 89-96, trasladada da B.V., *Miscellanea* n.º 7498, Parte I, fls. 124 e sgs. — BNP-*Fonds Espagnol*, n.º 324, fls. 141-147, que aqui se reproduz com as variantes mais salientes da primeira fonte.

73

CARTA DE D. GARCIA AFONSO II DIRIGIDA A SEUS VASSALOS

(1652)

SUMÁRIO — *Comunica-lhes a concessão do Jubileu ao reino do Congo e exorta-os a ganhar frutuosamente as suas graças espirituais.*

D. Garçia, Rè di Congo, Rè d'Angola, di Matamba, Cunde, Lulla, Sonsso, Signor di tutti l'Abundi, e d'altri molti Regni e signorie ad essi unite et sottoposte, oltre quello che resta di là dal Rio Zaire, Duca de Sundi, di Bamba, di Batta, Marchese di Pango, Pemba e Chioua, Conteıdi Sogno e di Vando, à tutte le mie Prouincie, Città e Luoghi, e principalmente à tutti i Duchi, Marchesi, Conti, Colunti, Gouernatori e Fidalghi, et à tutti gl' altri che si trouano al presente e si trouaranno per l'auuenire in qualsiuoglia tempo, sotto la mia giurisdittione et obedienza, desidero salute e tutta la prosperità nel nostro Signor Giesù Christo.

Fidelissimi vassalli miei, et molti amati figli. Quanto grandi son' stati i benefitij che sempre Iddio hà fatti à questo Regno, particolarmente doppo che ci si manifestò la luce del Santo Vangelo, e la uerità della Fede Catolica Romana, et quanti li fauori che li Padri Santi, cioè li Sommi Pontefici di Roma, Vicarij di Giesù Christo in terra, per euidenti segni, e demostratione della gran' premura che tengono della conuersione e reduttione di tutto questo Regno alla uera Fede et al grembo della Santa Chiesa Romana, assai ben' da ciascuno si può argomentare, et conoscere da quelli che in 8 anni del Pontificato del regnante Pontefice Innocenzo X (1) habbiamo riceuuti. //

---

(1) Inocêncio X subiu ao trono papal em 15-9-1644. Havendo oito anos que reinava, quando da feitura do documento, foi este escrito em 1652, data que lhe damos.

Poiche non restando appagato d'hauer inuiati à queste remotissime parti tre uolte Religiosi Capuccini, tanto stimati in tutta la Chiesa di Dio, perche con il loro ottimo essempio et celeste dottrina c'allontanassero et allontanassero dal camino dell'inferno, e ci riducessero al dritto e securo sentiero del Cielo, e per mezzo d'alcuni di quelli hauer' inuiato alcun' Indulgenze particolari, per profitto di tutta questa Città; et alla mia propria persona, per maggior' decoro di tutto il mio vassallaggio, una Corona Reale, con hauerla uoluta benedire con le sue proprie mani. //

Hora per più euidente demostratione, uolendo e desiderando de liberar' (quanto è per se) tutte l'anime di questo Regno dalle pene del Puigatorio, e coronarle della corona della beata gloria, con le maggiori uiscere di pietà, che dà fedeli possa desiderarsi, aprendo il tesoro di S. Chiesa (con l'occasion' della uenuta d'un nuouo Prefetto, spedito da Roma da quella Santa Sede, per gouerno di tutte queste Missioni) hà uoluto inuiarci un'amplissimo et plenarijssimo Giubileo, mediante il quale, purificando noi l'anime nostre con una pura confessione et deuota Communione, necessarie per poter' far' acquisto di qualsiuoglia Indulgenza, ci ueniamo à liberar' non solo dal fuoco dell'Inferno, mà etiandio dall'altro del Purgatorio, per restarci perdonata la pena temporale, che in quello douriamo pagare in corrispondenza delle nostre non ben'purgate colpe, e cosi constituirci capaci d'andar' immediatamente (in tal' stato moriendo) à goder la gloria e beatitudine del Paradiso (2).

Et acciò che niuno che habbi uolontà di guadagnarlo resti escluso dall'acquisto di si gran' tesoro, non sò ci fà liberi dal peso di qualunque digiuno et elemosina, che (come dicono)

---

(2) Este passo e a sequência do documento mostram à evidência que o texto não foi redigido por D. Garcia II, mas pelos Capuchinhos. À luz deste facto tem de ser aquilatado o seu conteúdo e valor histórico.

ordinariamente uanno annessi à qualsiuoglia Giubileo, mà per dar' maggior' commodità, sicurezza et confidanza alli peccatori penitenti di ben' purgare e limpiar' l'anime loro con confessioni anco di tutta la mal' passata uita, l'estende et proroga allo spatio di 4 continuati mesi, da incominciarsi dal giorno dalla sua publicatione, et concede ampla facoltà alli confessori di poterli assoluere da qualsiuoglia peccato, scommunica, et altre censure ecclesiastiche, etiandio dalle reseruate à S. Santità, e nella Bolla della Cena, e solo c'astringe à uisitar' quelle chiese ò chiesa, cappelle ò cappella, altari ò altare che uerranno deputati et assegnati dal Vicario Capitulare di questa Cathedrale, per quante uolte egli determinarà ò dispenzarà, delegandoseli piena auttorità di poter' à suo libero arbitrio dispensare come giudicarà espediente per profitto dell'anime.

Per tanto restando solo che noi ci disponiamo per guadagnare cosi gran' tesoro, io u'essorto, fidelissimi vassalli, con quant' affetto posso, che ricordandoui che non habbiamo senon una sol'anima, e che i diletti e piaceri di questo mondo sono breui, et momentanei, e la pena che per quelli se n'acquista è eterna, non uogliate traslaciar' di far' penitenza della uostra mala uita passata, et concependo dentro di uoi stessi un'uero dolore e pentimento de commessi peccati, et un' fermo proposito di mai più uoler' tornar' à commetterli, procurate con la maggior diligenza che poteti d'accusarui di tutti alli piedi del confessore, perche tutti ui restino scancelati e perdonati.

Se mai per alcun' tempo, hora più particolarmente in questa occasione, è tempo di dimostrarsi ueri cattolici, soggetti alla Romana Chiesa, con lasciar' e sbandire da se li concubinati, le superstitioni, le fatticierie, li tubanda vanda, l'engange engombo, gl'idoli e tutti l'altri uitij et peccati, e porsi in buon' stato et in gratia di Dio.

Io ui prego per le piaghe di Christo, che cosi ui risoluiate di fare, perche con tal' occasione mi togliate il motiuo et l'incentiuo di preualermi della spada della mia Regia potestà, in formar

leggi penali, che se una uolta mi fate ariuar' à questo termine, non più mi uedrete pregare, ne essortar' come padre amoroso, mà seuerissimamente punire, et castigare come giudice rigoroso; perche conoscendomi obligato per legge diuina, cosi à castigar' li cattiui, come à premiar' li buoni, non potendo più resistere alli continuati stimoli, et punture della conscienza, per sottrar' me stesso da seueri castighi che Dio riserba et minaccia per l'altra uita alli Regi, et altri potentati pigri in essercitar' la giustitia contro de uitiosi, io digià stò apparecchiato d'essecutarla prima sopra li medesimi rei, che come rebelli à Dio, essercitano opere e frequentano riti, direttamente opposti alli commandamenti della sua legge et contrarij à quello che ensegna la Santa Chiesa Romana, nella cui Fede et obedienza io stò apparecchiato à morir' mille uolte, se mille uite hauessi, con il diuin'aiuto.

Fate reflessione come carissimi figli, con molta diligenza, à queste mie parole, che come uostro Rè e legitimo Signor, desideroso d'ogni uostro bene, cosi temporale come spirituale ui scriuo, et attendete alli pij intenti del Sommo Pontefice, che è nostro Santo Padre, perche uiuendo et morendo nella Santa e Cattolica Fede, con l'acquisto delli pretiosissimi et inestimabili tesori del Santo Giubileo, rimaniati liberi, non solo dalli castighi temporali, che Iddio suol' permettere nella presente uita, per li peccati de popoli, e dalle pene eterne, che riserua doppo morte, per chi muore in peccato mortale, nell'Inferno, mà etiandio dalle pene del Purgatorio, tanto formidabili all'anime giuste; possiate direttamente andar' à goder' in compagnia di tutti li Beati, e principalmente della Beatissima Vergine N. Signora, in quella eterna gloria, oue Iddio Trino et Uno uiue et regna per tutti i Secoli de secoli. Amen.

BNP — *Fonds Espagnol*, n.º 324, fls. 145-147, que aqui se publica. — AOMC-1897 (XIII) p. 94-96.

74

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO ACERCA DE BISPO PARA ANGOLA

(21-8-1652)

SUMÁRIO — *Proposta de sacerdotes para prelados do Bispado de Angola, que estava vago desde D. Francisco do Soveral.*

NOMEAÇÃO PARA O BISPADO DE ANGOLA

Para o Bispado de Angola, que está vago e que conuirá ao seruiço de Deos e de V. Magestade que esteja prouido, por se as couzas de Roma derem lugar a se trattar da expediçaõ das bullas, se propoem a V. Magestade (como tem mandado se faça por este Conselho) as pessoas seguintes.

O Doutor Diogo Lobo Pereira propoem a frej Gaspar Nogueira, Religioso da ordem da Santissima Trindade, que foy Ministro do Conuento de Santarem e de prezente o hé do desta Cidade e Reuedor do Santo Officio, de boa idade, letras e uertude. E a frej Antonio Botado da ordem de Santo Agostinho, Diffinidor mais antigo, grande letrado, Reuedor do Santo Officio e examinador das Igrejas das ordens militares, nobre e vertuozo e de muito bons procedimentos.

Dom Phelipe de Moura propoem a frej Gaspar Nogueira e a frej Antonio Botado já nomeados e a frej Matheus de S. Francisco, Religioso da ordem 3.ª, que tem seruido bem a ordem e a V. Magestade, e se diz que o tẽ V. Magestade nomeado para Bispo de S. Thomee. E diz mais que não trata do Bispo Elleito de Cabouerde, que está bem casado com sua Igreja e que a naõ trocará por outra (1).

(1) Não nos foi possível averiguar com resultado quem fosse este Bispo eleito.

Francisco de Vasconcellos de Cunha propoem a frej Hieronimo da Encarnaçaõ, Religioso da ordem 3.ª de saõ Francisco e que nella foj Prouincial e seruio os cargos authorisados della cõ muita satisfaçaõ e bom exemplo, e hé irmaõ do Doutor Esteuaõ Leitaõ de Meirelles, com que se faz mais benemerito; ao Bispo Elleito de Cabouerde e a frej Gaspar Nogueira, já nomeados.

O Conde de Odemira, Presidente, conciderando quanto conuem ao seruiço de Deos e de V. Magestade prouer neste Bispado pessoa de merecimentos, vertudes e letras, e que esteja em idade de passar o mar e assistir às obrigaçoẽs que traz (1) consigo, nomea ao Bispo Elleito de Cabouerde, a frej Matheus de saõ Francisco, de quem já se tratou para Meliapor, e se diz que está prouido em S. Thomé, e a frej Gaspar Nogueira, todos já nomeados. Ao Bispo de Cabouerde por suas letras e uertude, frej Matheus por seus seruiços e ter sido catiuo, e a frej Gaspar Nogueira por suas letras e bom gouerno, e pela muita satisfaçaõ que se tem de seus procedimentos no Santo Officio, conciderando que em qualquer promoçaõ dos dous bispos nomeados hé sogeito muito digno de V. Magestade se seruir delle pelo seruiço que fará a Deos e a V. Magestade.

Em Lisboa a 21 de Agosto de 652.

O Conde de Odemira / Vasconcellos / Moura / Pereira.

AHU — Cód. 15, fls. 111v-112.

---

(1) No original: tras.

75

CARTA DO PADRE JACINTO DE VETRALLA AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA

(4-9-1652)

SUMÁRIO — *Recepção do Rei do Congo ao Prefeito — Apresentação do Breve Ponttifício do Jubileu — Desgosto do Rei e desejo de ir pessoalmente a Roma — Incêndio da residência real.*

Illustrissimo e Reuerendissimo Signore

Doppo essermi trattenuto per raggion della graue infermità contratta sopra tre mesi, nella Città e Porto di Loanda, m'inuiai à questa uolta di S. Saluadore, oue fà del continuo la sua residenza il Rè di Congo, nel cui uiaggio quali siano state l'accoglienze e buoni trattamenti fattemi in tutte le libate (1) e banze, nelle quali capitauo da fidalghi, gouernatori e titolari di quelle per ordine del Rè, e quali gl'applausi che m'apparechiò e fece egli in propria persona il medesimo Rè, e con quanta deuotione e reuerenza mi riceuette come persona che ueniuo spedito e destinato da cotesta Santa Sede, se io gli li uolessi raccõtare sarei al sicuro troppo diffuso e molesto à V. S. Illustrissima, che però hò stimato più espediẽte darne più distinto ragguaglio al medesimo P. Procurator del'ordine.

Gli presentai il Breue del Giubileo, con una copia del Breue Ponteficio, per nõ hauermi il P. Bonauentura da Sorrento uoluto consignare l'originale, ne altre lettere e scritture pertinẽti cosi al Rè come alla Missione. Et nel riceuer il sudetto Breue nõ si puol descriuere che sentimẽto di diuotione et allegrezza ne

(1) No original: labate.

mostrasse; ma in ueder poi che nõ li ueniua concessa la ricercata gratia d'una lettera direttoria al buon gouerno del suo Regno, perche appoggiato ad essa potesse liberamente formar editti e tassar pene all'abusi radicati, et riti introdotti nel suo Regno, opposti direttamente alli diuini Commãdamẽti, et alla santa fede Cattolica Romana, contro le quali nõ s'arrischia da se stesso per proprio moto direttamente opporsi cõ fondar particolar lege, perche teme nõ si uenisse à solleuar tutto il Regno, ma con l'appoggio massiccio dell'intentione espressali del Sommo Pontefice nõ temeria punto d'esseguir il suo pietoso intento per rendersi il pontificio nome in queste parti, per la molta reuerẽza che li portano, à tutti formidabile, in sẽtirsi, dico, negata la bramata gratia, entrò in tãta smania, che di già hà risoluto di spedire il proprio figlio 2.º genito, per far proua se puol per mezzo d'una persona del suo sangue cõseguire ciò che per mezzo de frati nõ se li concesse; anzi che tanta premura ne dimostra che stà quasi in procinto di trasferirsi egli in persona à Roma, sino à cõfermar nõ una ma più uolte cõ giuramento la sua deliberatione, quale io non dubitarei che fosse per effettuarla un giorno all'improuiso, se nõ preuedesse le difficoltà che ritrouarebbe nel cõseguire il passaggio da Signori Portughesi; ma inquãto al figlio deliberatamente uuol mandarlo; et se nõ fosse stato un infortunio che il giorno di S. Giacomo se l'abbruggiò la miglior parte della sua habitatione, oue andaua congregando alcune cose da mandar à Roma per regalo, particolarmente da 200 dẽti d'elefanti bellissimi, stimo che di già si trouarebbe fuor del Regno, incaminato à cotesta uolta; e ueramente che tãto in questo quanto in altre cose spettanti al culto diuino, et all'utilità di questa Chiesa, nõ hauerne potuto riportar il suo pietoso intento pochissimo capace se ne mostra. //

Io mi trattengo in questa Città pronto sempre cõ l'ardente uolontà all'esecutione di qualche ordine di V. S. Illustrissima, di cui la prego uolersi cõpiacere fauorirmi, come anco conseruarmi in sua gratia, mente per fine augurãdoli

come li desidero e prego ogni uera felicità, li bacio reuerẽte le sacre vesti. //

Di S. Saluadore, li 4 di settembre 1652.

Di V. S. Illustrissima e Reuerendissima

Deuotissimo Seruo in Xpõ

F. Giacinto da Vetralla //
Capuccino Indegno et Prefetto delle Missioni di Congo

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 240-240v.

76

CARTA DE JUAN BERNARDO FALCÓN AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA

(14-9-1652)

SUMÁRIO — *Informações pessoais sobre o Congo, Angola, Luanda e as relações dos Portugueses com o Reino do Congo.*

Il P. Fr. Buonaventura de Sorrento, Capuchino, vno delli dodeci Missionarij che l'ano del 1642, in compagnia del P. Perfetto Fr. Buona Ventura de Allessano, portai in vna mia naue, de Seuilla al Congo, mi scrisse di quella Città alli 23 de Luglio passato, che conuenia al seruitio de Iddio, scriuessi a V. S. quello ch'io sappeua, cerca de Angola, Loanda et il Congo, e della inimicitia, e mala volontà, che li negri di quel Regno, hanno con li Portuguesi, e questi con loro, como cosi pratico ch'io sono di quelle parti, per esserci stato in diuerse volte, molto tempo, tanto in Angola, como nel detto Regno di Congo; acciò faccia fede alla Santa Congregacione della verità. //

E cosi, doppo d'hauer bacciato le mani a V. S., dico, che nel Regno di Congo, è cosa certissima, non hanno li Portuguesi giurisditione alcuna; se non d'hauer introduto in quello la nostra santa fede, nelli tempi passati; e che Angola è Regno apparte, il quale fu delli antepassati della Regina Xinga, gentile; alli quali li Portuguesi ce lo conchistorno e pressero. //

Loanda è vna Isola, longa tre leghe, lontana vn miglio poco più ò meno della Città de S. Paulo, poblatione de Portuguesi, doue reside il Gouernator, la qual Isola è del Rè di Congo, il quale tiene in quella vn gouernator negro, che la gouernaua per lui, e riceuea la sua rendita, ch'è il zimbo che tirano li negri del mare; moneta che passa in Congo; è ben uero che dopoi

che li Portuguesi hanno tornato à ricuperare la detta Città de S. Paulo di mano delli Olandesi, si sono fatti patroni della detta Isola, e la tengono per loro al pressente (1); e cerca dell'odio et inimistà che sempre fra di loro hanno hau[u]to, s'è acresciuto assai al pressente, per causa che, dicono li Portuguesi, che quando gl'Olandesi pressero la Città di S. S. Paulo, egli fecero sei ò sette anni continua guerra per scarcciarli di quelle parti; il Rè di Congo [hà] maltratato molti Portuguesi ch'allora viueuano nel suo Regno, e che li prese il loro hauere, scacciandoli fuora. //

---

(1) Em 1622 António Dinis, em relação enviada a el-Rei de Portugal, escrevia acerca da Ilha de Luanda:

«...passou elRej de Congo D. Aluaro huã prouizaõ em que diz que em recompensaõ de tamanho beneficio como de Sua Magestade avia recebido em o restituir a seu Reino, tanto á custa de sua fazenda, lhe daua de pensaõ e trebuto em sua vida e na de seus erdejros que Reis fosem daquelle Rejno, os quintos do zinbo que na sua jlha de Loanda se pesquasse em cada ano. Esta prouizaõ está registada no Liuro grande da feitoria de Sua Magestade em Angola, e foi grande negligençia dos feitores e officiais naõ porem em arrecadaçaõ tamanha diuuida, que ho hé do tempo delRej Dom Sebastiaõ que está em glória, e se se comesou ha cobrar, naõ achej reçeita que se fizese do tal reçebimento». Dinis propunha que se fizesse pagar o atrasado, ou que se pusesse a alternativa de «largar a jlha pelo que a Sua Magestade está deuendo», o que seria de grande utilidade, assim para defender a cidade de Luanda, como pelo arrendamento da pescaria do zimbo e pastos da Ilha. Cfr. *Monumenta*, VII, p. 70.

Por sua vez o licenciado Domingos de Abreu de Brito escrevia a el-Rei de Portugal em fins do século XVI: «A qual Ilha de Loanda em direito & riguor de justiça hé de V. Magestade, pois está dentro das comarcas & Regiaõ do dito Reyno dAnguolla», pois «nunca se soube que el Rey de Conguo tinha fora de seus Reynos & comarcas cousa alguã por pequena que fosse»; os próprios «negros auisados que cahiaõ em desgraça com seu Rey zombauaõ delles por naõ auer hum que descobrisse & declarasse o modo por onde el Rey posuhia a tal Ilha» e que afirmavam «as doaçoĩs antiguas dos primeiros Reys que soçederaõ, que as marcas & comarcas se deuedião e apartauão pello dito Rio Bengo». Cfr. *Monumenta*, IV, p. 538, 542-543.

A questão é, portanto, mais complexa, mesmo só do ponto de vista histórico, do que o supõe Bernardo Falcón...

É ben uero, che dipoi della ricuperatione di detta Città di S. Paulo, e che loro butorno fuora gl'Olandesi stanto io in quella Città, mi ritrouai pressente, quando venero gl'Imbasciatori del Congo a dar satisfacione alli Portuguesi de danni che loro pretendeuano hauer hau[u]to, e li pagorno gran numero de panni del Congo, e loro pretendeuano più quantità; e se non che li moueriano la guerra; questo ch'io scriuo, è la pura verità, e non mi muoue cosa alcuna à farlo, se non il seruitio d'Iddio (2); il quale guardi a V. S., e prosperi la Santa Congregtione con quel augmento e prosperità ch'io le desidero, e la cristianità hà di bisogno. //

Mondaneto, à catordeci di septembre del 1652.

Seruitor de V. S.

Juan Bernardo Falcon

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 242-242v.

(2) Parece difícil ver em que pode ser útil ao «serviço de Deus» a informação enviada à Propaganda por Falcón e a sua isenção, visto ter sido pedida pelo Padre Boaventura de Sorrento, que certamente a inspirou nas linhas gerais, se não nos pormenores...

77

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO SOBRE MISSIONÁRIOS ESTRANGEIROS

(22-10-1652)

SUMÁRIO — *Resposta negativa a Frei Leonardo de Nardò para passar à missão do Congo — Duro requisitório contra os Religiosos portugueses, por não irem missionar, e contra os Capuchinhos por se imiscuirem gravemente na política anti-portuguesa.*

Manda V. Magestade por Decreto rubricado por sua real maõ da datta de 10 do prezente, que se veja e consulte neste Conselho huã petiçaõ de Frey Leonardo (1), Religioso Leigo, Capucho Italiano, na qual dis que elle passou a este Reino, com obediençia de seus Superiores, para passar à missaõ de Congo, com liçença de V. Magestade, para dar a vida por Christo e pella feé, no seruiço daquella missaõ. Pede a V. Magestade lhe faça mercê por amor de Deus, mandar que se lhe dê passagẽ para o ditto Reino.

Da petiçaõ referida se deu vista ao Doutor Thomé Pinheiro da Veiga, Procurador da Coroa, o qual respondeo o seguinte.

Esta vista devia V. Magestade mandar que se desse aos Prouinciaes e guardioẽs de Sam Francisco e Companhia, naturaes e estantes neste Porto, onde este Padre Jtaliano de Napoles, e leigo, se vem embarcar, com pretexto de hir pregar a Congo e Manicongo, sendo idiota (2), com zello que dis, de ir padeçer

(1) Frei Leonardo de Nardò, ou de Otranto ou de Benevente. Chegou a Lisboa em 20 de Junho de 1651. Por ser súbdito de Espanha não pôde embarcar, bem como o Padre Boaventura de Sorrento, partindo para a Itália. Mas partiu novamente, na quarta expedição apostólica, que largou de Cádis em 11 de Julho de 1654, chegando a Luanda em 11 de Novembro de 1654, donde foi remetido para o Sonho.

(2) Iletrado, ignorante.

por nossa santa feé, e digaõ o que lhes pareçe, e que razaõ se pode dar ao descredito dos Religiosos de Portugal, e em que ficaõ em Roma, diante do Santo Padre, Congregaçaõ e Cardeaes, de ser neçessario vir o frade leigo, com faculdade de seus Supperiores, supprir o seu pouco zello, e honra de Deus, e virlhes fazer tal injuria, e oprobrio, sem elles virẽ clamar, sobre esta ignominia, a este Conselho, os nossos Religiosos, e elles diraõ o que vay fazer o frade leigo ou pode fazer em Congo, onde há tanta gente sem padecer. //

Eu naõ sey se saõ estes frades Jtalianos barbados, companheiros dos outros, que aqui fauoreçemos para Angolla, e se leuantaraõ como Bispos, e traidores por Castella (3), sobre que depois V. Magestade mandou fazer diligencia, sobre quem os assistio, e se ouuera comunicaçaõ de sua tençaõ; sey que saõ napolitanos, do dominio, e Reino de Castella, e estrãgeiros, e que hé injuria dos Religiosos de Portugal, que naõ tem mais desculpa que diser, que estes Padres saõ barbados, e que elles naõ e que aos que a naõ tem (4) os desprezaõ.

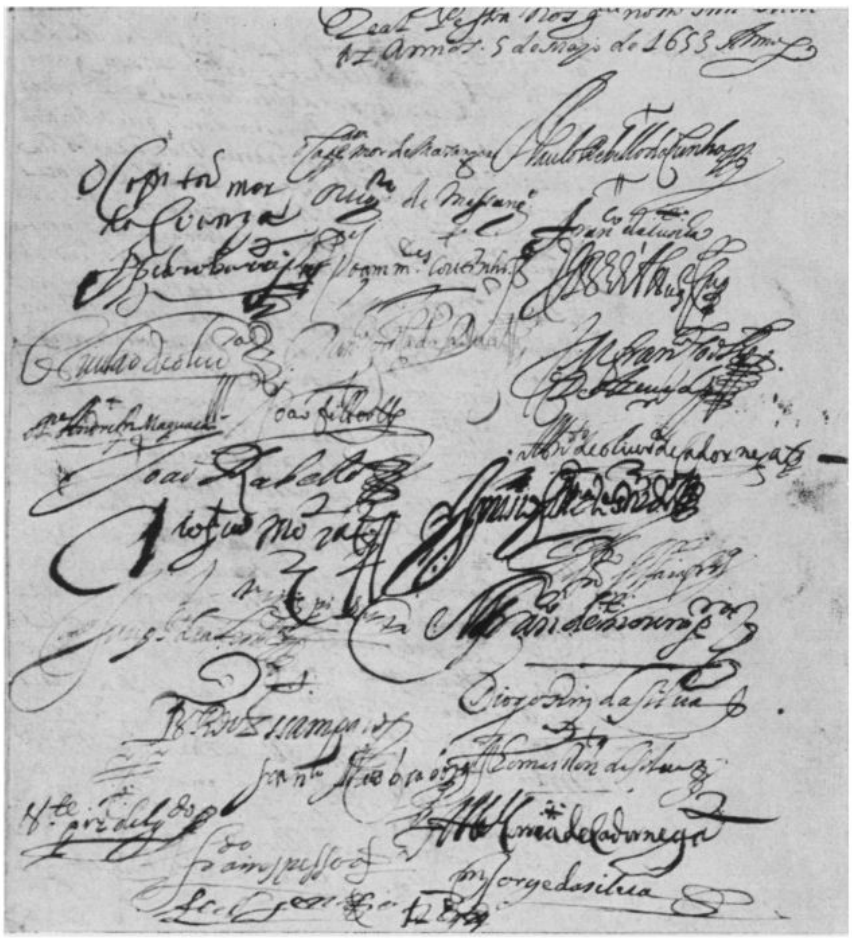
O Padre Leigo mande o Conselho que vá estar á portaria do seu mosteiro, horta, e cosinha, seruindo a Deus, e seus Reli-

---

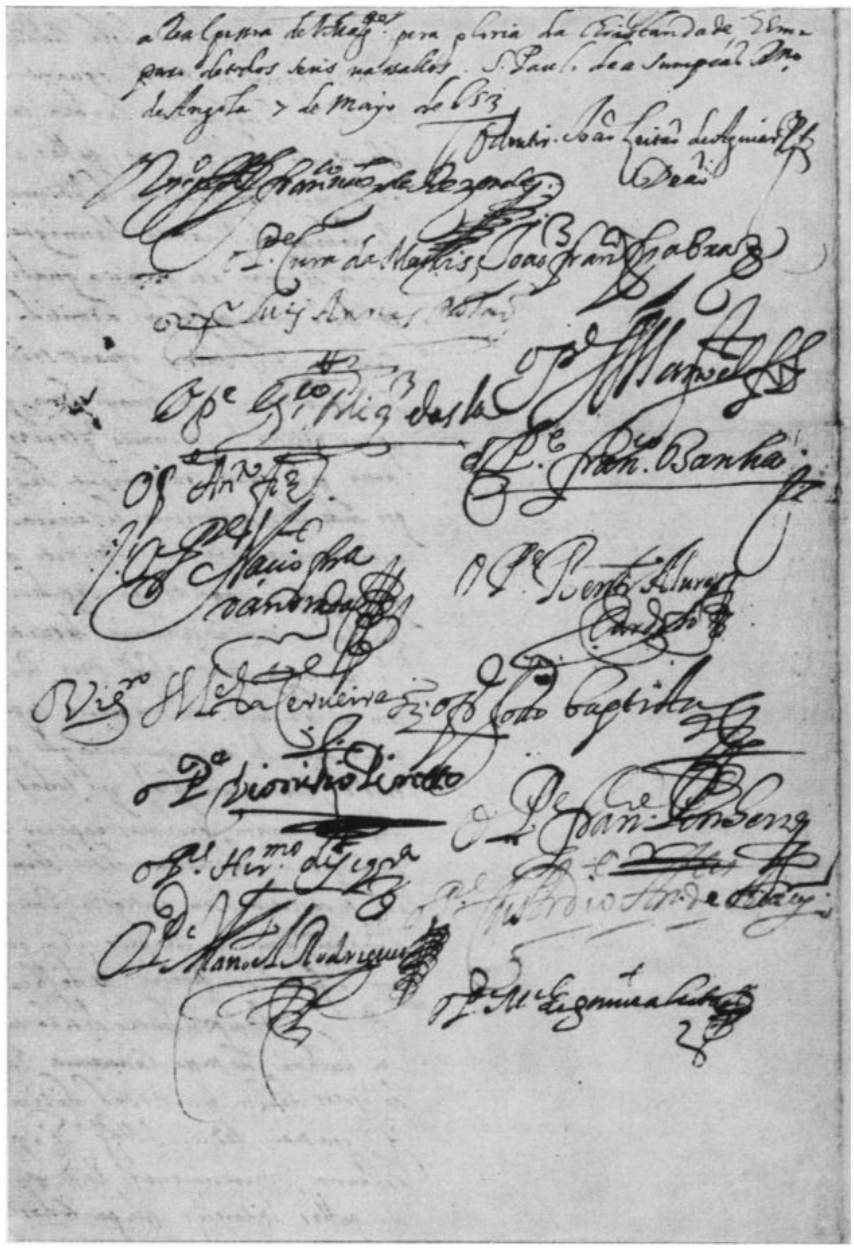
(3) Pinheiro da Veiga já dera, em 16 de Maio do mesmo ano, e sobre Frei Fabião de Nantes, também capuchinho, que missionara na Guiné, S. Tomé e Pernambuco, consulta do mesmo tom, agastado com o procedimento que usavam estes religiosos no ultramar.

«Que a experiencia mostrou nos frades barbados que foraõ a Angolla, debaixo da capa de virtude e conuersaõ, leuando oculta a mitra e leuantamento; o mesmo em Goa com Dom Matheus, canarim, com mitra, e outro frade Dominico em Cranganor, com que o Conde de Aueiras e Linhares tiueraõ que entender e elles com o Arçebispo, e que o mesmo suçedeo em Japão com os Capuchos, posto que santos, das Phillipinas, o que hé infaliuel suçeder todas as vezes que os hospedes estrangeiros se começaõ de leuantar com poderes e jurisdiçoẽs, cargo ou mando, com que se perde tudo». *Ibid.*, fls. 39v.-40.

(4) Subentendida: a barba.



Assinaturas do documento n.º 92



Assinaturas do documento n.º 95

giosos no seu mosteiro, e que naõ queira andar liure, vaga mundo, e e vadio, como outros que naõ sofrem estar sem liberdade, e se deixe destas nouidades, asás serue a Deus, e padeçe na sua caza, e todo o passaro naõ sofre a gayola, e quer antes padeçer pello monte, liure de sugeiçaõ.

Jsto hé pregar no deserto, saõ cousas fataes, e piedades impias, vaõ em lugar deste Padre mea dusia de Portugueses, que tragaõ como os que foraõ ao Maranhaõ, e Angolla, com que meter agora as irmaãs freiras, e os dous e des mil cruzados despolio do outro, e os peculios com que vem muitos.

Naõ vejo liçença, nem se vay por Bispo, se por Colector, ou que quer em Congo. Jsto se offereçe, e as multiplicadas prohibiçoẽs de estrangeiros.

O Conselho se conforma com o pareçer do Proucrador da Coroa, e dis que V. Magestade deue ser seruido mandar remeter a sua resposta (que a petiçaõ de Frey Leonardo vay inclusa) ao Bispo Capellaõ Mor, para que com a sustançia della, lembre aos Prouinciaes das Religioẽs, o quanto conuem trabalharem com muito cuidado por prouer as Conquistas dos sogeitos que pareçerem mais benemeritos a Deus nosso Senhor, e ao credito das mesmas Religiões. //

Lisboa, 22 de Outubro de 652.

O Conde / Pinto / Vasconcellos / Moura / Figueira / Pereira.

AHU — Códice 45, fls. 75v.-76.

78

CARTA DO REI DE OERE AO PAPA

(20-11-1652)

SUMÁRIO — *Situação religiosa de Oere por falta de sacerdotes — Pede uma missão de padres Capuchinhos por via do Rei de Portugal.*

Muyto Santissimo Pay & Vigario de Iesu Christo em a terra, é tenido noticia do zelo feruorosissimo que arde em o peyto de Vossa Santidade per a propagacion da santa fé em estas partes que per não aber sido regadas com a sangue de Iesu Christo nem apostol[os] nem santos, caresse do lume da fé, & pera o remedio disso Vossa Santidade abia despachado hua missão de frades que se dizen Capochinos, pera o Reyno de Benin gentio meo vezinho. O qual não á sabido lograr dito bem, antes deyto[u] ditos frades de seu Reyno, nẽ tanpoco les deu noticia de mim nẽ de meu Reyno. Eu creo ben Santissimo Pay que Vossa Santidade inbiaba ditos Religiosos pera mim, segun as noticias que auian dado que o Rey de Benin era christaõ & dessejaua ministros euangelicos: eu só esso e meu Reyno está en a mesma Costa e tocante ao de Benin. Somente se destingua em chamarse e lo meu Oery. & ficco tan necessitado de ministros desinteressados pera propagar a fé en meu Reyno, que quasi se á perdido del todo por no aber venido aqui ninguen Sacerdote, mas á de sete annos & los que venian diantes era alguno cada anno, memtras ficaba aqui vn patacho que venia de Santo Thomé & logo se tornaba, & eu quedaba admirado porqué naõ an venido en tanto tempo; me an dito que não tenen Bispo en Santo Thomé & auer pocos Sacerdotes que quasi padessen o mesmo que eu; dexo pensar a Vossa Santidade los que van preuaricando da fé; eu serbo de pregador de lo que sé amoestando a meus vassallos

esperen em a misericordia de Dios que en breue nos á de remediar; entendo será por meyo de Vossa Santidade, suplicandole por a sangue de nosso Senhor Iesu Christo seja seruido remediarme en enbiarme hua missaõ de frades Capochinos, que por ser desinteressados (como é entendido) seran muy buenos pera mim & meu Reyno. Eu como f[i]el christaõ ageollado aos pés de Vossa Santidade bejandolos & como fazen os demais Reys christaõs doy a Vossa Santidade la obediencia de mim & de meu Reyno, no somente a Vossa Santidade mas á todos que despois seran canonicamente eleitos em a dignidade. //

Suplicando de nobo a Vossa Santidade seja seruido enbiarme con toda a breuidade possibel ditos frades, & pera que permanesca muyto tempo fazer Prefeito se pode ser a o probincial dos ditos frades de Portugal, pera que seja obrigado todos os annos inbiar algums Religiosos com os nauios que de Lisboa van a Santo Thomé & dalli en meu Reyno pera o resgate, eu ayudaré com todo meu possibel & bons interpretes pera reduzir á fé o Ré de Benin meu vezinho & otros, suprico a Vossa Santidade seja seruido de inbiarme alguas reliquias pera mim & meu Reyno.

Al Rey Dom Ioaõ de Portugal meu Primo escreuo me fassa merced de ayudar & dar fauor a ditos frades pera enbarcation & o auiamento necessario (1). Creo o fará por ser acostumados os portuguezes a fazerme merced e por aber prantado a fé en meu Reyno & casado o Rey Don Domingos meu antecessor com hua dama de Portugal (2) os tenho muyto amor como yrmãos. //

---

(1) O documento não foi escrito pelo Rei mas pelos Capuchinhos, como é evidente, numa redacção mesclada de português. espanhol e italiano. Não sabemos que consequências eficientes teve a súplica do Rei de Oere (Owerri).

(2) Vid. *Monumenta*, V, p. 590.

Nosso Senhor goarde a Vossa Santidade como dessejo & tenho meester. //

De Oery Cidade de Santo Agostinho a 20 de Nobembre 1652. //

O Re de Oery.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 349v.-350. — Cópia.

NOTA — O documento, sem data nem autor, em que está transcrita esta carta, continua:

«Sabe que o Re de Portugal a recibido vna via desta carta, debe por algunos respetos aber esperado a remitirla, sy es que no la a remitida y se a perdido. Tambien a dado vn decreto pera que todos los Religiosos como no sean Castellanos ny vassallos delRey de Espana pueden ir a qualquiera de todas sus Conquistas y les dará enbarcation.

Tambien a dado orden a los Padres Capuchinos françeses de la Prouincia de Bretaña para que vayan a Cabo Verde, Rios de Cacheo, y Sierra Liona y a hecho escriuir al P.e Prouincial de aquella prouincia y a su enbaxador que tiene en Paris para solicitarlo offressiendo no solamente la enbarcation mas aun todo lo que abran de menester de ornamentos y otras cosas para la Mission, y para que con mas breuedad esten despachados no quiere que vayan los Religiosos a sus Consejos sino solamente a Don (...(3)...) de Meneses, Arçobispo electo de Lisboa, teniendo a su cargo prouer dichos Religiosos missionarios de todo lo necessario tocante a la Mission.» — *Ibidem*, fl. 350.

---

(3) Referência, a D. Sebastião César de Meneses, que fora também Bispo eleito do Porto.

79

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(14-12-1652)

SUMÁRIO — *Legitimidade da guerra e da escravatura ou injustiça das mesmas — Que as guerras do sertão, mesmo justas, não desguarnecessem a defesa de Luanda. — Envio de forças militares suficientes.*

Viosse neste Conselho huã carta de Bento Teixeira de Saldanha, Ouuidor e Prouedor da Fazenda Real no Reino de Angolla, escrita a V. Magestade em Julho proximo passado, a qual vay junta (1). A sustançia della se rezolue em persuadir a V. Magestade que deue mandar fazer guerra naquelle Reino a ElRey de Congo, á Rainha Ginga, e á Prouincia de Quisama, e a causa que para isto dá, hé que faltaõ os escrauos, vnico cabedal daquella Conquista, os que os hauia antigamente por resgate nas feiras, ou por se cattiuarem na guerra. As feiras dis que estaõ hoje impedidas, prinçipalmente por aquelles tres inimigos, que perseguem os pouos vassallos de V. Magestade, por terem comerçio com nosco, o qual çessará totalmente se V. Magestade naõ defender com suas armas aos vassallos, e amigos, e castigar os inimigos, e que esta guerra se naõ pode fazer sem liçença de V. Magestade, por estar prohibida por seu mandado.

Pareçeo ao Conselho representar a V. Magestade, prostrado a seus reaes pees, com a sumissaõ diuida, que se estes inimigos estaõ perdoados, como confessa o Prouedor na sua carta, dos agrauos e guerra que nos tinhaõ feito atégora, vnindose com os olandeses, e fazendo no la em sua companhia, para romper de

---

(1) O documento indicado não se encontra efectivamente junto da Consulta no AHU.

nouo com elles, e reuogar a prohibiçaõ de V. Magestade, deuem preçeder graues cauzas, e muito justificadas; e duuida o Conselho de que o sejaõ estas que aponta o Prouedor, porque muitas vezes tomaõ os gouernadores onestos pretextos para fazer guerra aos gentios, sem na realidade hauer outra cauza mais que a cobiça de cattiuallos, e vendellos, atropelando as leis da naturesa, cousa muy estranhada dos Sumos Pontifiçes, e dos Senhores Reys deste Reino. //

A huã prouincia ou pouoaçaõ de gentios se pode fazer a guerra justamente, quando prohibem a pregaçaõ do Sagrado Evangelho, mas naõ por recuzar o resgate de escrauos, que antes se deue procurar por meyos paçificos e justificados (2). E se disser alguem que a guerra hé em castigo do que tem feito contra nós, e em fauor de nossos inimigos, se responde, que essa era bastante cauza, se naõ estiueraõ já perdoados, pella real clemençia de V. Magestade; assy que sem nouas culpas se naõ deue romper com elles, mas em cazo que as cometaõ, perseguindo ou danificando os vassallos de V. Magestade, Portugueses ou gentios, ou impedindo o comerçio que os souas quizerem ter com nosco, ou fauoreçendo nossos inimigos, sendo estas cauzas verdadeiras, e naõ affectadas, pode V. Magestade dar licença ao gouernador que assistir naquella praça, para que lhes faça guerra, sempre com grande consideraçaõ e cautela, medindo suas forças, e naõ se empenhando nunca no çertaõ, de maneira que deixe enfraqueçida aquella praça, e exposta a huã inuazaõ dos inimigos, quando hé taõ notorio o ser muito dezejada de Castelhanos e Olandeses, e de grandissima importançia para a conseruaçaõ do Estado do Brazil, e rendimento das alfandegas e direitos, assy nas Conquistas como no Reino, razaõ porque já este Conselho, por outra consulta do mes passado, que fes a V. Magestade,

(2) O ideário do documento acerca da guerra justa está dentro da melhor tradição jurídica internacional da época e vem da escola dominicana de Salamanca.

com ocaziaõ de huã carta do gouernador, e vay tambem junta, lembrou a V. Magestade quaõ preçisa neçessidade hauia de se mandar prouer aquelle Reino de toda a jnfantaria e muniçoẽs que fosse possiuel, cõ muita breuidade, e V. Magestade por rezoluçaõ de sette deste, na mesma consulta, foi seruido responder que assy o mandaua ordenar ao Conselho da Fazenda; e de nouo torna o Conselho a lembrar, e pedir a V. Magestade, com todo encareçimento, que com consideraçaõ ao estado das couzas, vá o mayor numero de soldados que poder ser, para que hauendo o gouernador de fazer guerra ao Gentio, possa deixar a praça bem prezidiada e prouida para qualquer succesSo, e no mesmo tempo, pôr no çertaõ tal poder, que naõ fique duuidosa a uitoria e castigo dos que o mereçerem, porque quando hé limitado, perdese a reputaçaõ, e arriscasse a facçaõ. e ainda a praça e o prezidio que nella fica, e toda a despesa que se fizer com ella, hé bem empregada, pellas grandes consequençias que tem o conseruarse na Monarchia de V. Magestade. //

E porque esta materia hé taõ graue, e toca directamente ao Conselho de Estado, e o Conde Prezidente dis que nelle viraõ sempre as semelhantes, se deue V. Magestade seruir de a mandar propor nelle para com mayor açerto se deliberar o que mais conuier a seu real seruiço.

No fim da carta fas o dito Ouuidor e Prouedor mençaõ dos quintos, e dis que se naõ pagaõ há muitos annos, dos despojos da guerra, como dantes se fazia, no que pareçe ao Conselho, que quando haja guerra justa, os deue cobrar, porque sempre saõ da fazenda real, e nunca tocaõ aos generaes, senaõ quando expressamente os Prinçepes lhe fazẽ mercê delles, e se estes lhes tocaõ da guerra crua, mais justamente saõ seus os hauidos por conçertos, como se vio há poucos tempos na Bahia, çeparandose, para se seguirem as ordẽs de V. Magestade, e dando as quatro partes com igualdade aos soldados çitiadores, razaõ porque V. Magestade deue mandar cobrar os que se lhe deuerem, ou pedir por elles alguã quantidade a quem pareçer, com as noti-

çias que disso tomar o Procurador da Fazenda, para socorro de praça taõ importante, que a naõ ser taõ preçisa a neçessidade de acodir ao Reino, tudo o que se tirasse delle, era muy justamente empregado em Angolla, donde a fee está taõ dillatada, e se conheçer que hé o neruo e sustançia do comerçio do Reino. V. Magestade mandará o que mais conuier a seu real seruiço.//

Lisboa, 14 de Dezembro de 652. //

O Conde / Saa / Pinto / Vasconcellos / Moura / Figueira / Pereira.

/*Despacho à margem*/: Quanto á guerra, como parece. Pellos quintos se encomende o negocio ao Procurador de minha Fazenda, e de nouo torne a encomendar ao Conselho da Fazenda o socorro de Angola. Lisboa, a 17 de março de 653. //

Rey.

AHU — Cód. 15, fls. 32v-33v.

80

RELAÇÃO DE UMA VIAGEM A ANGOLA

(1652)

SUMÁRIO — *Barthélemy d'Espinchal de Massiac conta o que viu na sua viagem de oito anos passados em Angola, com rara objectividade e penetração crítica.*

Le 24 mars 1667 [...(1)...] deux (2) gentilhommes natifs d'une petite ville du [...(3)...]. Je le priay de m'entretenir de ses voyages d'Affrique et d'Amérique. Il me comta qu'il estoit parti de Lisbonne l'an 1651 le 28 Septembre, et qu'il estoit arrivé à Angole (4), port de mer de Loanda, et à présent apelé St. Pol de l'Assomption (5), le 2 mars de l'année 1652; une isle (6) qui a cinq lieues de long et fort estroite fait ce port, qui est à 8 degrés (7) 40 minutes du costé du Sud à la coste d'Affrique. La ville, qui est la principalle que les Portugais aint en ces cartiers, est dans une assieste (8) rabouterise et asses malsaine; il y a un fort qui

---

NB — A sigla BS indica o *Bulletin des Séances* da Academia Real das Ciências de Além-Mar da Bélgica, n.º 4 de 1960, que publicou o documento integral.

(1) BS: 1661. Seguem-se algumas palavras canceladas e ilegíveis.
(2) BS: un.
(3) Algumas palavras canceladas e ilegíveis.
(4) Assim se lê no original, por Angola.
(5) Assim chamada após a sua reconquista, por Salvador Correia de Sá, em 15 de Agosto de 1648.
(6) BS: jettée.
(7) BS: lignes.
(8) BS: affreuse.

commande la ville, et là ultre un lac qu'on appelle des éléfants, où est la seule eau douce qu'il y a six lieues à la ronde. //

La coste de mer que les Portugais ont peuplée s'estant de la rivière Dande jusques à celle de Coenza (9); le Dande fait la séparation des terres du Royaume de Congo avec celles des Portugais, et la rivière [193v.] Coanza les sépare de la province Quiçama. Laquelle province n'a jamais esté conquestée. Ils ont encor une aultre rivière appelée Bengo, et ont des terres qui sont le long de ceste rivière qui sont fort bien cultivées, dont les Portugais tirent leurs denrées; tout ce pais ne produit point de bled, faulte de quoy, ils se servent du Cassaue, qui se fait d'une racine appellée Mandioca; il y a une espèce de ceste racine qui estant mangée seche est un poison; ils ont de quattre sortes de millet; les fruits sont touts differants de ceux de l'Europe. La pluspart sont dous et odoriférants, le meilleur est appellé ananas, qui surpasse touts les aultres fruits en beaulté, en odeur et en goust. Les cocos (10) y vienent aussi admirablement, et l'on y mange de tout fruit toute l'année.

La Coanza est navigable jusques à soissante lieues, elle ne porte que de petits vaisseaux, et c'est le long de ceste rivière que les Portugais ont situé leurs habitations et leurs demeures; celle qui est à l'embouch[u]re s'appelle Corimba (11), il y a apprés Tombon, Muchima, Massangano (12). Celleci est la principale apprés Lhoanda; les Portugais s'y réfugieront, les Hollandois s'estant rendus mestres de Lhoanda, ils firent la guerre de ce poste et empescherent que les Hollandois ne se fissent mestres du pays, dont ils furent entierement chassés par Salvador Correa de Saa, apprés sept ans de pocession (13).

(9) Grafia que reproduz a pronúncia portuguesa, mas defeituosa.

(10) BS: coins, por coings.

(11) BS: Covimba.

(12) Massangana no original.

(13) Luanda caiu em poder dos holandeses em 25/26 de Agosto de 1641 e foi restaurada na soberania portuguesa em 15 de Agosto de 1648.

Il y a ensuite Cambambe (14), où sont quantité de [194] mines de fer et de cuivre. Embaca (15) est la plus avançée dans le pais et est esloignée d'environ 100 lieues. Ces petites villes servent à favoriser le commeice et à tenir les noirs en creinte. On en transporte aussi des vivres à Lhoanda par la Coanza. Ceste rivière contient des chevaux marins, des crocodilles et des poissons femmes, qu'on appelle pesche mulher (16).

Les chevaux marins sont monstrueux par leur grandeur; ils ont quattre pieds, une grande queue (!), et n'ont point de poil; ils ont la bouche comme une porte et ressemblent plus nos chevaux à leurs hennissements qu'à touste aultre chose; ils se mettent quelques fois en collere, et s'ils rencontrent allors quelque canot, ils le mettent en pieces à coups de pied et à coup de dents, qu'ils ont extremement grandes et fortes.

Les croquedilles sont fort dangereux en ce pais là, et tuent bien souvent des gens qui vont chercher de l'eau à la rivière, lesquels ils renversent d'abort d'un coup de queue, qu'ils ont extrêmement longue; ils ont diverses rangées de dents et se mettent ordinerrement au soleil, couchés sur le sable.

Le poisson femme est un monstre qui n'a guere (17) de ressemblance à le sexe; il a deux pieds fort courts, et une marque de tétons, et n'est point dengereux; ses costes ont la vertu d'arester le sang (18).

[194v.] Les plus puissants Roys de ce pais là sont le Roy de Congo, la Reyne Ginga, le Roy de Cassangue et le Roy de Dongo. Le Roy de Congo est le mieux reglé et le plus politique (19); il a

(14) No original: Combambe.

(15) No original: Emboca. Ambaca.

(16) Peixe mulher. É o *Ngulu-a-maza* dos naturais do Congo, que em quicongo e literalmente quer dizer "porco de água" e cientificamente é conhecido por *Manatus senegalensis*.

(17) No original: guerre.

(18) Esta crença é atestada pelos escritores antigos e modernos.

(19) No sentido de esperto, sagaz. Referência a D. Garcia Afonso II (1641-1661).

soubs sa domination des Ducs, des Comtes et Marquis; il a en sa cour un Collège de Jésuistes; ses peuples se battent formés en rang, ceux du premier rang sont armés de grandes rondaches à l'espreuve des fleches, et d'un coutelas, ceux qui suivent n'ont que des fleches e des azeguyes (20); ils ont aussi depuis peu quelques armes à feu. Apprès qu'ils sont rompeus, ils ne se ralient plus et n'ont recours qu'à leur fuitte. Ils sont plus corpulants que les aultres noirs, mais ils ne sont pas si vigoureux; ils ne portent point des cheveux, se faisant raser teste et barbe. Leur monoye est de certains coquilages de limassons qu'on pesche à la mer le long de ceste coste, nommés Zimbo, particulièrement dans l'isle qui est devant la ville de Lhoanda (21); il n'y a que les femmes qui les pechent et non les hommes (22), à cause que les Tubarones, qui sont en ce pais des poissons dangereux, ne font point de mal aux femmes et mangent les hommes (!). //

Les noirs du Congo ne se soucient pas de treuver leurs femmes pucelles, au contraire, ils les estiment moins si elles le sont; ils sont fort superbes et ne font pas cas des aultres noirs; ils sont fort bigots et professent quelque apparance de la religion chrestiene. Leur royaume [195] s'estant de la rivière Dande jusques au Zaire (23).

Le Roy Macoco est de l'aultre costé, qui est fort puissant. Par son ordre, ses gouverneurs de provinces mettent bientost gran nombre de gents sur pied, et pour en sçavoir la quantité nécessaire, ils se gouvernent par des mesures de millet dont ils en donnent un grain à chaque soldat; ses mesures sont defferantes selon l'importance des guerres, et n'y ayant plus de

---

(20) Leia-se: azegayes.

(21) Cfr. E. Dartevelle, *Les «N'zimbu» Monnaie du Royaume de Congo* e Elias Alexandre da Silva Corrêa, *Historia de Angola*, Lisboa, 1937, vol. I, p. 135-137.

(22) Pura lenda.

(23) No original: Saira.

millet dans la mesure, ils renvoient le reste des soldats dans leurs pais.

La Reyne Ginga a esté aultres fois plus puissante qu'à présent, touttes les terres que les Portugais possèdent, celles du Roy de Dongo, et beaucoup de celles des Sovas (qui sont des potentats soubs la protection des Portugais) estoint aultres fois des estats de ceste Reyne et comme les Portugais les ont toutjours soutenus, elle a esté toutjours leur enemie, favorisant au contrere les Hollandois comme ses aliés. Elle fut baptisée dans la ville de Lhoanda par l'Evesque de ceste ville (24), du temps que le Portugal estoit joint au Royaume de Castille (25), ce qu'elle fit par politique, espérant par là que les Portugais lui restitueraient les terres données au Roy de Dongo et à aultres Sovas qui avoint esté ses subjeets. Mais [195v.] l'ayant désabusée, elle fit la guerre aux Portugais, perdit une bataille, et en gaigna une aultre. C'estoit une princesse fort guerriere et aymant grandement ses plesirs, pour lesquels elle avoit toujours quantité de jeunes noirs, les mieux faits qu'ellle pouvoit treuver; elle les faisoit ordinerement habiller en femme et elle s'habilloit en homme (26).

Une de ses fantesies estoit de vouloir qu'ils couchassent avec des jeunes noires sans qu'ils s'en prévallassent en aucune manière, disant qu'elle vouloit qu'ils luy feussent fidelles dans

(24) Tendo 40 anos de idade foi baptizada em 1622 na catedral de Luanda. Mas como o Bispo ainda estava em Portugal em meados de Novembro deste ano, duvidamos que tenha sido o Prelado o ministro do baptismo. Cavazzi nada diz a propósito deste problema.

(25) De 1580 até 1-12-1640.

(26) «Environnée jour & nuit d'un grand nombre d'Officiers de guerre, sous prétexte des ordres qu'elle avoit à leur donner, elle s'en servoit pour contenter sa passion; mais c'étoit avec un secret impenetrable, de sorte que les autres femmes, même celles de sa Cour, ne pouvoient pas lui reprocher qu'elle faisoit des Loix, & qu'elle ne les observait pas». — J. B. Labat, *Relation Historique de l'Ethiopie Occidentale*, Paris, M.DCC.XXXII., IV, p. 53.

le péril et dans l'occasion mesme (27); elle faisoit coupper la teste à ceux qui ne l'estoint point, et pour le sçavoir elle se servoit d'un brevage appellé Utro, qu'elle faisoit prendre à touts, apprés quoy il falloit qu'ils sautassent un baton eslevé à un certain point et celluy qui ne pouvait pas le sauter estoit condamné; si par hasart c'estoit un de ceux qu'elle aymoit le plus, par dépit elle faisoit coupper la teste à touts les aultres, comme aussi à toutes ces jeunes noires, de manière qu'apparement peu de femmes ont eu de galants plus fidelles. //

Elle avoit toutjours un camp volant qui ne faisoit que piller. Les femmes qui accompagnoint son armée, qui estoint en très grand nombre, touts les officiers en ayant quattre ou cinq pour leur service ou pour leurs plesirs, avoint ordre d'estouffer leurs enfants en [196] naissant (28). La mieux aymée, qu'on appelle Engana Mouaitoumené, qui veut dire la grande metresse, porte l'arc de son amant se tenant toutjours auprès de luy aux marchés et non au combat. La Reyne consantoit qu'on mangeat de la cher humaine, et elle mesme aymoit fort les mammelles des pucelles (29).

---

(27) «Elle sçût allier la volupté avec la cruauté, & ses malheureux amans en faisoient souvent la triste experience; car ceux qui paroisseoient être le plus avant dans ses bonnes graces, & la servir le plus à son gré, étoient souvent surpris que son amour se changeoit en une haine mortelle, & qu'elle les sacrifioit à ses défiances; car malgré ses desordres, elle vouloit paroître chaste, & faisoit égorger à ses pieds, autant de femmes qu'on lui en présentoit, dont la grossesse accusoit l'incontinence». Labat, *Ob. cit.*, p. 53-54.

(28) «Autant d'enfants qu'elle pouvoit découvrir être nés dans son Camp, c'étoient autant de victimes qu'elle sacrifioit à sa fureur. Elle leur arrachoit elle-même le coeur & le devoroit tout chaud & encore palpitant. Quelquefois elle n'attendoit pas qu'ils fussent nés. Elle faisoit ouvrir le ventre des femmes grosses, & faisoit jetter ces petites créatures à ses chiens après avoir succé leur sang, ou bien elle les faisoit rôtir & en regaloit ses gens». Labat, *Ob. cit.*, p. 61.

(29) Apesar destas provas de hedionda antropafagia, ainda há quem a admire e considere uma heroína, justamente neste período da sua vida. Mesmo padres...

Les plus braves de son armée se piquoint de faire secher à la fumée les tripes de ceux qu'ils avoint mangés, et allants au combat en faisoint beaucoup de tours à l'antour d'eux comme d'une escharpe, et en faisoint passer un bout autour du col, qu'ils maschoint en présance de leurs enemis.

Leurs armes sont des azagaias, des arcs et des petites haches, qu'ils portent pendues au col, dont le manche n'a pas plus d'un pan; pour des armes deffensives ils n'en ont point, car ils vont touts neuds; ils ont des instruments de guerre qui les animent fort. Quand un homme de qualitté combat, un noir le suit toutjours touchant d'un instrument au son duquel il chante les exploits de ses ayeuls.

Un de leurs plus fiers ornements de guerre est une queue de cheval sur l'espaule; ils affectent de montrer dans le combat un visage riant ou tout à fait affreux, se faisant pour cest effect diverses [196v.] marques de diverses peintures au visage qui les rendent effroyables.

La Reyne Ginga faisoit porter partout où elle alloit les os de son père et de ses ayeuls dans une caisse d'argent; quand elle recevoit des embassadeurs, elle se tenoit sur un trosne fort eslevé, ne se laissant voir qu'à travers des vitres, mais lorsqu'elle en vouloit favoriser quelqun elle ouvroit la porte de la chasse. Ceste Reyne mourut enfin bonne chrestiene l'an 1663, ayant esté convertie par des Capuchins italiens. Sa soeur a été eslevée parmi les Portugais qui la prindrent en guerre (30). Elle regne aujourduy et Mr. de Massiac qui m'a comté tout ceci, a esté fort particullièrement cogneu d'elle. Et quand elle partit de Lhoanda (31) pour aller voir sa soeur (32), elle prend conged de luy avec beau-

(30) A princesa Cambo, irmã de Ginga, tomada pelos Portugueses na batalha de Massangano, em 1647, foi baptizada com o nome de Bárbara da Silva, depois de educada em Luanda. Cfr. Labat, *Ob. cit.*, IV, p. 82 e 42.

(31) No original: Lhaonda.

(32) D. Bárbara da Silva foi entregue a sua irmã em 1656.

coup de caresses; elle est aujourduy bonne amie des Portugais et bonne chrestiene, de manière quelle a supprimé de son estat touttes les façons d'agir gentiliques (33).

Le Roy de Cassango (34) se gouverne de la façon de la feu Reyne Ginga, ayant toutjours un camp volant qui ne fait que ravager. La Reyne Ginga d'à presant et luy ne se font point la [197] guerre et demeurent chacun dans leurs limites.

Le Roy de Dongo tient sa cour dans un lieu extrememant fort, environné de rochers quasi inaccessibles, qui font un circuit d'environ quinse lieues, dont le dedans est fort bien cultivé, abondant en sources, fruits, et touttes choses necessaires, de façon qu'il n'y a peutestre point au monde une forteresse pareille (35).

Generalemant les noirs sont enclins à la guerre, et ne marchent jamais qu'ils ne sont armés de leurs arcs et flesches. Les vancus se réfugient en des cavernes, sur des rochers inaccessibles ou sur des isles flottantes. L'avantage que les Portugais ont seur eux est par l'usage de la poudre, dont le bruit les espouvante extrememant; neatnmoins si les Portugais n'avoint avec eux d'aultres noirs, ils ne sceauroint les sobmettre.

Touttes leurs festes consistent en dances, qui sont fort peu modestes, et s'en servent à la mort comme à la naissance de leurs parants; ils dansent aussi en combattant, et ont beaucoup de divers instruments fort armonieux; ils composent naturellement des airs sans musique.

Quand ils travaillent (36) ou qu'ils marchent chargés, on leur touche d'ordinere quelque instrument, [197v.] au son duquel ils travaillent mieux et se lassent moins; ils travaillent toutte la sepmene, et les festes et dimanches ils dansent jour et nuit pour

---

(33) D. Bárbara da Silva foi rainha de Matamba de Dezembro de 1633 a 1666, falecendo em 24 de Março.

(34) Leia-se: Cassange.

(35) Pungo-Andongo ou Pedras Negras.

(36) No original: travaillant.

se delasser; ils sont fort endurcis au travail et souffrent fort la faim.

Les femmes à la mort de leurs maris s'enferment huit jours durant dans une chambre obscure, durant lequel temps ne parlent point; et touts leurs parants et amis vons danser devant leur porte; appres quoy touts les amis du deffunt et de la vefve montent à sa chambre (37) pour la consoller l'un appres l'aultre, et le meilleur moyen dont ils se servent pour cella, est de coucher avec elle, treuuant (38) que ceste façon d'agir vaut mieux en pareil accidant que touste la rectorique du monde. Ceste feste s'appelle També, que l'on solemnise huit jours tant de nuit, que de jour, à laquelle touts les galants de la vebve n'ont garde de manquer, nont plus que touts les aultres galands avec leurs metresses, qui n'oseroint leur refuser rien pendant cette solemnité, de façon que pour un de mort on travaille à faire bien des vivants.

Si le deffunt estoit Roy, ou Sova (39), ou personne riche, on y fait grande despance, particullierement en vin, qu'on achepte [à] quel prix que ce soit, car le També n'est pas teneu pour bien solemnisé si on ne s'y anivre. On enterre avec les grands seigneurs des noirs et des noires en vie, pour le servir en l'aultre [198.] monde; pour cest effect les tombeaux sont fort vastes, et l'on en treuve bien souvent qui de bonne amitié s'y mettent volontierement (40).

Il y a en ce pais diverses especes d'animaux comme sont lions, tigres, éléfants, abadas, empacassas, zevras, empalancas, macocos (41), gulonges, serfs, chevreuls, etc.

---

(37) Como as cubatas são *térreas*, não se vê como se possa *subir* ao quarto da viúva.

(38) BS: Avouons.

(39) No original: Sauva.

(40) Cfr. Labat, *Ob. cit.*, I, p. 387 relata como as concubinas do Rei eram enterradas vivas com ele.

(41) «Há outro animal nestes reinos a que chamão *macoco*, o qual he do tamanho de hum grande jumento e da mesma cor com unha fendida, o qual se tem pela *gram-besta*, em razão da experiência que se tem feito de

Les lions tuent beaucoup de noirs. Il y en a quelques uns parmi eux qui se piquent de les sçavoir enchanter avec des parolles et en sifflant. Les lions font la guerre à touts les aultres animaux, ex[c]epté les éléphants, sur lesquels ils n'osent pas [l]'entreprandre. Les seuls abadas osent faire la guerre aux éléfants, mais ils ne font point de mal aux hommes s'ils ne sont blessés, auxquels cas ils sont fort dangereux.

La queüe (42) des éléfants est fort estimée parmi les noirs, à cause de certain poil gros et noir qu'ils y ont, dont les noirs se servent pour mettre autour du col (43); il y a des noirs si hardis que voyant l'éléfant couché les approchent tout doucement par der[r]iere, et d'un coup de sabre leur coupent la queüe, et avant que l'éléfant se soit levé ou to[u]rné, ils se sont cachés en quelque endroit qu'il faut avoir remarqué auparavant.

Ce gentilhomme m'a [198v] asseuré que les éléfants s'ensevelissoint les uns les aultres, faisant une grande fosse qu'ils couvroint de branches, appres y avoir mis l'éléphant mort, que plusieurs aultres portoint (44) avec leurs trompes. Il comta aussi qu'un éléphant buvant un jour dans une riviere, un croquedille se prit à sa trompe et que l'éléphant s'estant senti blessé le tira tout d'un coup hors de l'eau, et l'ayant escrasé soubs ses pieds, le pandit à un arbre comme pour en faire exemple (45).

---

suas unhas, principalmente dos que são mortos na lua de Março, que então têm mais virtude». — António de Oliveira de Cadornega, *História Geral das Guerras Angolanas*, Lisboa, 1942, III, p. 344.

(42) BS: guerre.

(43) «La queüe de l'élephant est petite, et garnie de certaines grosses soies, qui sont fort recherchées des Nègres; de sorte que deux de ces queuës font le prix d'un esclave, c'est-à-dire, qu'elles valent près de cent écus». Cfr. Labat, *Ob. cit.*, I, p. 154-155.

(44) BS: pousoint.

(45) Cfr. Labat, *Ob. cit.*, p. 156, conta como um elefante esmagou um crocodilo nas margens do Cuanza, servindo-se da tromba.

Les noirs tachent à prandre les éléfants de diverse façon; ils font une foce fort profonde dans les endroits où ils ont acoustumé de passer, laquelle ils recouvrent le plus proprement qu'ils peuvent, de façon que quelques fois les éléphants y trebuchent, comme font les loups en France.

Ils ont encore une aultre chasse avec des gros et grands fillets, d'un quart de lieue de circonvallation dont les dehors sont gardés par des mores (46) armés, et dans laquelle circonvallation on met encor d'aultres mores (46) armés pour chasser et espouvanter les bestes que se treuvent dans le buisson enclos. C'est de ceste façon que l'on prand ordinerement les lions, mais c'est de ceste façon que les lions prenent aussi bien souvent des chasseurs.

[199] Le tigre (47), le plus cruel de touts les animaux, n'attaque jamais qu'en trahison, et ordinerement la nuit, se cachants en embuscade le jour sur les chemins et le soir comme les noirs se retirent du travail et vont en file, il n'attaque jamais que le dernier, et s'il y a quelque chien ordinerement il ne s'en prant qu'à luy; il combat avec le lion quand il le sant près de ses tanières, qui ont diverses sorties, de façon qu'estant poursuivi du lion, il se jette dans le trou, où le lion s'amuse grattant des pieds, comme un chien de terre devant la cave d'un lapin, dans lequel temps le tigre sortant par une aultre issue, attaque le lion par derriere, qui a la teste dans la tanière; mais si par hasard le lion se desgage, le tigre saulte dans un aultre trou, et de ceste façon sans estre blessé, souvant il lasse, blesse et vient à bout du lion.

Les abades (48) que nous appellons rinocerols, se battent contre l'éléfant; ils ont une corne fort grosse sur le front.

L'empacassa est un taureau sauvage fort furieux et fort dangereux estant animé; ses cornes sont moindres que celles des

---

(46) BS: noirs.

(47) Onde existe o leão não há tigres, como sucede em África. Deve tratar-se de leopardos, panteras ou onças.

(48) Leia-se: abadas.

boeufs; ils vont ordinerement en troupes, ils fuient touts, et un seul tient ferme.

Empalanca est un animal qui a le corps comme un grand serf, mais il a deux cornes noires tornés en vis.

Zevra a la façon d'une mule. Sa peau est fort belle, bariolée de blanc et de noir.

Macoco est un animal semblable à un asne.

[199v.] Il y a diverses espèces de couloeuvres. Ceux de la plus grande sont appellés boya ou coloeuvre de serfs, parce qu'il les avalle touts entiers sans que le bois l'ambarasse, parce qu'il serre si fort tout ce qu'il entortille qu'il rompt et plie les os de touts les animaux; il se cache ordinerement le long des chemins pour ce lancer sur ce qui passe.

Il y a une aultre espèce de couloeuvre qui crache aux yeux de ceux qui l'attaque ou qui le chassent et les rand d'abort aveugles, mais il y a beaucoup de remèdes pour recouvrer la veue perdue de ceste façon.

Ce gentilhomme me comtoit qu'il y a aussi de petits animaux comme des furets, du nom desquels il ne se souvenoit pas, qui attaquent le lion et l'éléphant comme les autres animaux, et peu en eschappent, tant parce qu'ils vont toutjours en trouppe, que parce qu'ils sont fort vigoureux; ils s'en prenent aussi aux hommes qui ne sçauroint s'en guarantir qu'en se jettant sur des arbres, mais lorsque ces petits animaux en ont le temps, ils font garde au pied de l'arbre jusques à ce que le sommeil ou la faim abat celluy qu'est dessus; comme ils sont en grand nombre, ils font grand bruit, et on les entend ordinerement venir d'asses loing pour avoir le temps de se retirer.

A travers touts ces vilains animaux on voit en ce pais quantité de bonnes civettes.

Pour les singes il y en a de touttes façons. Ils [200] sont ordinerement le long des rivieres, et dans les terres les mieux cultivées, quand ils vont à la picorée ils posent des santinelles sur les arbres qui sont sur les routes, et quand ils ne font pas bonne

sentinelle ils les battent fort bien. Ce gentilhomme dit que bien souvent de grands singes avoint forcé de jeunes negres qu'ils avoint treuvé dans les bois.

Pour les oyseaux il y en a de fort differants de ceux d'Europe. On y voit entre aultres grande quantité d'autruches, de canards fort grands qui ont une creste comme un coq, des perdrix fort differantes des nostres. Les peroquets y sont cendrés et ont la queue touste rouge. Il y a des pélicans en certeins endroits, mais fort rares.

Ils ont en ce pais des plantes et des racines d'une grande vertu, de sorte que ce gentilhomme me comtoit avoir veu guérir de furieuses blessures en fort peu de temps; ils se servent aussi pour beaucoup de receptes des menstrues des femmes. Lorsque les femmes sont en cest état, elles se font un tour blanc avec un pinceau à lantour des yeux, pour estre cognues et qu'on ne leur demande rien en ce temps là.

Les noirs et les noires se frottent de temps en temps tout le corps d'une paste rouge faitte du bois de tacoula et de quicongo, et apprès ils se lavent d'huile de palmier. Ce traittement passe pour une chose fort saine parmi eux, comme aussi de se mouiller souvant [200v.] le dos dans de l'eau tiede, l'inflammation en ceste partie, estant en ce pais, un mal fort comun et fort dangereux, et pour cest effect se servent de lavements de quicongo (49), et de certeins charpis mouillés dans une composition d'eau rose, de seruse, de jus de limon aigre et de claire d'oeuf (50), et c'est un remède fort nécessaire et fort pratiqué de touts ceux qui voiagent sur ces mers.

Les noirs se vengent souvent de ceux qui les font cocus par les jus de certaines herbes, dont adrettement ils frottent leurs femmes, et lequel, quoy qu'il ne face pas de mal aux femmes,

---

(49) A *tacula* é o *Ptecorocarpus tinctorius*, Welw., e o *quicongo* é a designação angolana do *Tarchonanthus camphoratus*, Lin.

(50) Tradução de *clara de ovo*.

ne laisse pas de faire mourir les galants qui en approchent de trop près.

Ils ont aussi une certeine racine de laquelle tant qu'un homme en a dans la bouche, il est toutjours en estat d'entrer en lice avec Vénus. Ce gentilhomme avoit porté de ceste racine que je vouleus voir par curiositté, mais soit qu'il y eut trop long temps qu'elle estoit cullie ou que la différance des climats eut changé ses qualités, je treuvay qu'elle n'avoit pas en Portugal la mesme vertu qu'on disoit qu'elle avoit à Angole (4).

Ils se servent aussi d'une aultre certeine herbe pour rapetisser les mains ou telle aultre partie du corps qu'ils veulent, de façon que Mr. de Massiac m'asseura avoir souvant perdu des esclaves qui estoint sortis de la chesne par ce moien.

[201] Les Portugais ont encor dans la mesme Coste une place nommée Bengala (51), d'où ils tirent beaucoup de noirs, de l'hivoire, et du zimbo; ils ont souvant vouleu avancer leurs conquestes dans le pais, mais les noirs s'y sont toutjours fort valeuresement opposés, de mesme que les provinces de Quisama, qui n'ont jamais vouleu se soubmettre aux Hollandois ny aux Portugais.

Les noirs qui ont l'habitude avec les Portugais professent en apparence la religion Catholique; les aultres son idolatres. Mr. de Massiac me dit avoir veu une grosse statue bien membrue, faitte d'un certein bois qu'ils appellent bois de fer, à cause de sa durté, à laquelle les femmes qui n'avoint point d'enfants faisoint des veux fort solemnels pour en avoir.

Ils sont fort superstitieux, et quasi dans chaque famille, ils ont parmi eux une prohibition de quelque viande particulliere: les uns s'abstienent par exemple de manger du boeuf, les aultres du serf, les aultres de la volaille, etc., et n'ont point d'aultre raison de ces abstinances, qu'un usage particullier dans chaque famille apprins par tradition de père en fils; ceste sorte d'absti-

---

(51) Leia-se: Benguela.

nance s'appelle parmi eux Quigilo, et leur imagination est si fort préocupée de ce devoir, que lorsqu'ils y contrevienent il leur prent une lèpre qui les fait mourir à petit feu, ce que Monsieur de Massiac asseure avoir veu fort souvent.

[201v.] On remarque en ce pais que dans l'espace de 24 heures touts les vants y soufflent peu ou prou chacun à son tour; le vent qui vient de la mer est frais et salutere, celluy qui vient de la terre au contrere.

Ce gentilhomme me comta qu'il estoit parti d'Angola le 28 de Janvier 1660 pour aller en Amérique, et qu'il estoit arrivé dans deux mois à la rivière de Plate (52), dans la province de Buenos Aires, située dans le 35.me de gré du costé du Sud, et distante d'Angola de deux mille deux cents lieues (53).

.....

BNP — Manuscrits, *Section Française*, ms. 21.690, fls. 193-200v, Publicado por P. Salmon em *Problèmes d'Afrique Centrale*, n.º XXVII. Bruxelas, 1955, p. 31 e sgs. e em *Bulletin des Séances* de Académie Royale des Sciences d'Outre-Mer, Bruxelas, 1960, fasc. 4, p. 589-602.

(52) Leia-se: Plata.

(53) O texto que se segue refere-se à América.

81

PROVISÃO DE D. GARCIA AFONSO II SOBRE O PADRE JORGE DE GEEL

(2-3-1653)

SUMÁRIO — *Estabelece penas rigorosas para quem perseguir ou contrariar a acção apostólica dos missionários — Estes recebem a faculdade de destruir os ídolos e perseguir os sacerdotes dos falsos ritos.*

Don Gratia secondo, per gratia di Dio Re di Congo etc. A tutte le mie Prouincie, città e luoghi, principalmente a tutti i Duchi, Marchesi, Conti, Fidalghi, Gouernatori et a tutti gl' altri uniuersalmente, che di presente stanno e staranno per l'auuenire in qualsiuoglia tempo, sotto la mia giurisditione et obedienza, desidero salute e prosperità in Giesu Christo, Signor nostro.

Fideli vassalli miei et amati figliuoli. Quando io già me persuadeuo che i Padri Capuccini, Missionarij apostolici, i quali son già noue anni che furono mandati a questo mio Regno dal Santo Padre, Vescouo di Roma, per ridurlo del tutto alla Santa Fé Cattolica Romana, fossero conosciuti, amati e riueriti in tutto il Regno, ò per hauerli uisti, ò per la loro fama, e che fossero ben riceuuti e carezzati in qualsiuoglia parte oue arriuassero, come sono amati e uenerati da me e da tutti i principali Fidalghi di questa mia Corte e da tutta la gente populare et in tutte le Città principali delli Ducati, Marchesati e Contadi, mi è uenuto a notitia, che con tutto ciò in alcune terre e popolationi piccole d'alcuna gente più gentile che christiana, in cambio d'essere riceuuti come Angeli del Cielo, sono stati assai maltrattati, con agrauij, ingiurie e peggiori trattamenti. Et adesso, con grandissimo sentimento del mio cuore et estremo condoglio, sono

informato che uno di detti Padri, passando per una terra e uolendo disturbare una radunanza di popolo, che assisteua ad alcuni riti e cerimonie gentilesche et idolatraua, e uolendo rompere et abbrugiare le statue et altri instrumenti, con che si faceuano dette ceremonie, gl'andorno adosso con bastonate, sassate, calci, ortoni, di tal maniera che di lì a pochi giorni morí con estremi dolori, causati dal sangue pesto che gli restò nel petto e nelle membra.

E perche non uoglio che il successo uada auanti e che cresca il mal esempio, faccio sapere à tutti sopradetti, che uedranno questa mia lettera e prouisione, che se di qui auanti si trouarà alcuno che tenga ardire di disturbare qualsiuoglia di detti Religiosi dall'essercitare liberamente il suo officio e ministerio d'insegnare la dottrina, battezzare, distrugger jdoli, in qualsiuoglia parte che siano, perseguitare gli engombi, id est falsi sacerdoti e fattuchieri, estirpare tutti i riti e ceremonie gentilesche e diaboliche e tutti i vitij et abusi contrarij alla S. Fede Cattolica, ò uero negarli le cose necessarie, ò uero ingiuriarli e maltrattarli, arriuandomi ciò à notitia, farò castigare rigorosamente quelli che in ciò saranno colpeuoli; e se saranno molti in una terra, sarà abbruggiata e destruta, senza remissione ueruna, oltre gl'altri rigorosissimi castighi, con i quali farò castigare i Gouernatori e Principali, i quali non haueranno impedito gl'insulti fatti da loro sudditi; sicome hò fatto con il Gouernatore e con l'ingannatore e falso sacerdote del rito gentilescho, che fecero morire il Padre Giorgio, quali stanno tuttauia presi ne' ferri.

E se bene i Religiosi non sono uenuti à questo Regno per buscare argento nè oro, nè per altro interesse temporale di cosa di questo mondo, ma solo à patire per amor di Dio et a dare la propria uita per difesa e propagatione della Santa Fede Cattolica, non si pigliano pena ò fastidio di somiglianti soccessi, anzi con gusto et allegria dell'anima, ad esempio et imitatione degl' Apostoli e d'altri santi Martiri, gli patiscono, sopportano e desi-

derano. E perciò non uogliono leuare ne essere accompagnati da molta gente, che li poterebbe aiutare e difendere, come potrebbonno far molto bene, non mancando chi gli dia gente di qualità e schiaui, per accompagnarli.

Con tutto ciò, essendo io Rè catholico e tenuto in questa stima e reputatione, con tutto il mio Regno; et perche Sua Santità mi raccomanda molto i detti Religiosi Missionarij, come suo obediente figlio, come padre di tutti i miei vassalli, non posso nè deuo sopportare che l'insolenza d'alcuni pochi pregiudichi et infami gl'altri e si oscuri il buon nome che teniamo de cattolici. Per la qual cosa uoglio e comando, in tutte le parti doue arriua la mia giuridistione, che da tutti in generale e da ciascuno in particolare, siano honorati, riueriti e stimati, come faccio io e fanno tutti i Principi, Duchi, Marchesi e Conti, e li lascino liberamente predicare, battezzare e fare tutti gl'altri esercitij appartenenti al loro ministerio apostolico; e sopra tutto non si troui nessuno che gl'impedisca distruggere gli'idoli, nelle parti doue si trouano, e di perseguitare i falsi sacerdoti ingannatori, fattuchieri e tirare ogn'altro abuso, contrario alla Santa Fede che professiamo. Perche tutti quelli ch'archidiranno fare altrimente, saranno castigati con ogni rigore, come la raggione lo dimanda.

E perche non si troui chi possa allegare ignoranza di questo mio comandamento, mi è parso bene mandare non solo à tutti i Duchi, Marchesi e Conti questa mia lettera e prouisione, ma ancora dare à ciascuno di detti Religiosi Missionarij una di questo medesimo tenore, perche arriuando in qualsiuoglia terra, la faccino leggere dall' jnterprete, che ciascuno de' Padri leua seco. //

Oltre di ciò, comando à i Fidalghi e Gouernatori, che procurino non solo riceuerli benignamente e trattarli bene, ma gli faccino portare tutte le cose loro, che si per il Santo Sacrificio della Messa, come per loro uso leuano. //

Data in questa mia Corte, Città di S. Saluatore, nel mese di marzo 1653.

Don Garzia Secondo, Rè di Congo.

[*De outra mão*]: 2 Martij 1653.

APF — *SRCG*, vol. 250, fls. 227-228v., repetida a fls. 229-230. Publicada pelo R. P. Ildebrand van Hooglede em *Le Martyr Georges de Geel*, Anvers, 1940, p. 393-96, segundo o texto de Montughi (Florença), com diferenças de pormenor, e em *Analecta Ordinis Minorum Capuccinorum*, Romae, 1896 (XII), p. 349-350, texto transcrito *ex Annalibus Missionum Capuccinorum Lombardiae*, Parte II, vol. 2º.

82

CARTA DO PADRE ANTÓNIO DE GÉNOVA AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA FIDE

(8-3-1653)

SUMÁRIO — *Chegada de missionários do Congo a Génova — Proposta de novos missionários para substituirem os antigos em caso de necessidade — O Padre Taggia deseja voltar ao Congo.*

Ill.mo Signor e Patrone mio Osseruandissimo

Con naue genoese, comparsa in questo porto da Lisbona cotesta settimana, sono venuti dui Padri Capuccini missionarij dal Congo, per le littere de quali (essendo ancora essi in quarentena) dirette à cotesto nostro Padre Guardiano, hò intesa la morte del Padre Francesco Maria da Scio, Predicatore, seguita con tanta edificatione vniuersale di tutta la Città d'Angola (1); et insieme hò veduta la lettera che scriue il Padre Giacinto da Vetralla, Prefetto, del suo arriuo nel spatio di sinque mesi e giorni; parimente scriuano alla Sacra Congregatione et al Padre Procuratore Generale, mentre vogliano mandare altri missionarij, il modo che si può tenere; e perche essendo io in Roma lasciai vn poco di nota à V. S. Ill.ma d'alcuni Padri, che si sarebbero potuto mandare, si per la morte di alcuno, come per esser diuenuti altri inhabili alla missione, mi è parso bene di riformarla et mandarle la seguente, che contiene tutti Padri di spirito e di prudenza e carità, pregandola seruirsene occorrendo l'occasione.

Hò inteso che la Sacra Congregatione non si vuole seruire più del Padre Bonauentura di Taggia, onde occorrendo il bisogno

(1) Lege: Luanda.

di proponere alcuno altro, V. S. Ill.ma me ne faci auisato, che sarò sempre pronto à suoi comandi, quali stimerò sempre fauori. Mi farà gratia auisarmi se vogliano mandare missionarij nel Regno della China, come m'è stato scritto. Si scriue anco quanto Frate Giouanni Battista di Voltri, che sarebbe buono, si come V. S. Ill.ma vederà dalla sua che li mando. Con che li facio humile riuerenza. //

Da Genoua, 8 marzo 1653.

Di V. S. Illustrissima

Aff.mo e Deuotiss.o Seruo nel Signore.

Fr. Antonio da Genoua //
Sacerdote Capuccino

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 252.

NOTA — Em carta de 9-11-1652 escrevia o mesmo Padre ao Secretário-Geral da Propaganda, anunciando-lhe a chegada a Génova naquele mesmo dia, com três galiões do Senado da cidade, vindo de Espanha, do Padre Boaventura de Sorrento, tendo passado todos os passageiros ao Lazareto para a quarentena do costume:

«V.S.Ill.ma faci mandare l'bedienza al P. Bonauentura di Taggia, perche ne sentirebbe gusto, acciò potesse andare in Lisbona con quelli Frati, che vogliano mandare al Congo, auanti che li Spagnoli mettino l'assedio a Portogallo, se è vero che habbino preso Barsellona, che poi si sarà che fare. Dicono che la Regina habbi scritto al Padre sudetto Bonauentura di Taggia che vadi da Lei, et il Rè hà fatto ogni diligenza di mandar via li Francesi Capuccini in Lisbona. Che li serui a V.S.Ill.ma per auuiso. Jntenderà poi a bocca altre cose da detto Padre Bonauentura e suo Compagno, e del frutto che farno alla nuoua Granada li nostri Capuccini, e come erano venuti a domandare Frati in Spagna, e della morte di Fr. Francesco di Pantalone (!) e delli miracoli fatti nella sua morte».

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 243.

83

PADRES CAPUCHINHOS PARA O REINO DO CONGO

(1653)

SUMÁRIO — *Listas de missionários Capuchinhos postos à disposição da Propaganda Fide para a missão do Congo.*

Nota de' Padri Capuccini distinati al Regno del Congo nel 1653.

Il Padre Frà Antonio da Gaeta, Superiore, Padre della Prouincia di Napoli.

Il Padre Frà Antonio da Sarauezza, Padre della Prouincia di Toscana.

Il Padre Frà Ruffino dal Borgo di S. Sepolcro, Sacerdote della Prouincia di Toscana.

Il Padre Frà Clemente da Maenza, Sacerdote della Prouincia di Roma.

Il Padre Frà Bonauentura da Madaloni, Sacerdote della Prouincia di Napoli.

Il Padre Frà Ambrogio da Amelia, Padre Vicario della Prouincia di Vmbria.

Il Padre Frà Filippo da Siena, Padre della Prouincia di Toscana.

Il Padre Frà Bernardino da Siena, Padre della Prouincia di Roma.

Il Padre Frà Antonio da Montecuccoli, Sacerdote della Prouincia di Bologna.

Il Padre Frà Michele da Budrio, della Prouincia di Bologna.

Il Padre Frà Alessandro da Nouara, della Prouincia di Milano.

Il Padre Frà Carlo da Cremona, della Prouincia di Milano.
Frà Leonardo da Nardò, Laico, della Prouincia di Lecce.
Frà Ignatio da Valsasna, Laico, della Prouincia di Milano.

Notta de Soggetti Capuccini per le Missioni del Congo, et Regni conuicini.

Predicatori

Padri	Alessandro da Nouara	Prouincia di Milano	poco sano
	Ambrogio d'Amelia	Prouincia dell'Vmbria	à Roma
	Giouanni Battista da S. Seuerino	Prouincia della Marca	à Roma
	Antonio da Gaeta	Prouincia di Napoli	à Roma
	Antonio da Serauezza	Prouincia di Toscana	à Genoua
	Angelo da Roncilione	Prouincia di Roma	non uà
	Francesco Maria da Vintemilia	Prouincia di Genoua	à Genoua
	Modesto Romano	Prouincia di Roma	non uà

Sacerdoti

Padri	Giouanni Antonio da Monte Cuculo	Prouincia di Bologna	à Genoua
	Giouanni Francesco dalla Fabrica di Garfagnana	Prouincia di Bologna	à Genoua
	Carlo da Cremona	Prouincia di Milano	à Roma
	Clemente da Maenza	Prouincia di Roma	à Roma
	Bernardino da Siena		à Roma
	Filippo da Siena		à Genoua

Laici

Ignatio da Valsagna	Prouincia di Milano	à Genoua
Leonardo da Nardò	Prouincia d'Otranto, che è ritornato adesso da Portugallo	à Roma

Tutti questi sono approuati da i loro Superiori, de quali però si potrà far la scielta di quel numero, che di presente si stimarà douer mandare, ò dieci, ò dodeci.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 276 e 277.

NOTA — Não estão datadas as duas listas de missionários, mas supomo-las serem as mesmas a que se refere o Padre António de Génova, na sua carta de 8 de Março de 1653, ao Secretário da Propaganda.

84

CARTA DA CÂMARA DE LUANDA A EL-REI

(30-3-1653)

SUMÁRIO — *Relata o sucedido por morte do governador Miranda Henriques, e como o Capitão-mór, usurpando o privilégio da Câmara e amotinando os soldados, se fez governador.*

Senhor

Falleçeo o gouernador Rodriguo de Miranda Henrriques em 13 de Feuereiro de huã febre que lhe sobre veyo aos achaques com que entrou neste Reino, de que iá os offiçiais da Camara do anno passado tinhaõ dado conta a V. Magestade. Por sua morte quizemos com a nobreza fazer elleiçaõ de peçoa ou peçoas, que lhe suçedeçem no guouerno politico, por hauer sasenta annos que a Camara desta Cidade tem esta posse de que sempre vzou, por falleçimento, & auzençia de sinco Guouernadores, sendo a primeira no anno de 1593, por auzencia de Dom Francisco de Almeida, e a vltima no anno de 646, por falleçimento de Francisco de Sotto Mayor, e por ser asim estillo em todas as praças vltramarinas quando faltaõ vias (1) de V. Magestade, como por vezes tem aconteçido no Rio de Ianeiro e Cabo Verde, e taõbem por pareçer rezaõ que quando falta guouernador prouido por V. Magestade, e naõ há vias nem forma do modo com que se deue fazer a dita elleiçaõ, a faça a Camara com a nobreza, porque seia a peçoa ou peçoas que nos ande guouernar de satisfaçaõ dos Pouos, que hé sempre o que mais conuem ao seruiço de V. Magestade. //

---

(1) Cartas patentes.

Porem no mesmo dia e noite em que falleçeo, e se enterrou o dito Guouernador, Rodriguo de Miranda, se amutinou a jnfantaria de maneira que entendemos que perdeçe V. Magestade esta praça com as mesmas armas que V. Magestade tem nella pera sua conseruaçaõ, acclamando por Guouernador ao Cappitam mor, intrudusindo o com estas acclamaçoens no guouerno e dando morras á becca (2), sercando as cazas do Dezembargador, Ouuidor geral deste Reino, ministro de inteira satisfaçaõ, e procedimento, com grande escandallo de peçoas zellosas, e benemeritas da respublica. //

E querendo nós tratar no dia seguinte da quietaçaõ della nos ajuntamos em caza do dito Ouuidor geral para com elle tratarmos o modo com que se deuia fazer a dita elleiçaõ, e euitar as deshordens e pirigo eminente que nos ameasaua a infantaria amutinada, nos chegou hum recado do dito Cappitam Mor pera que nos ajuntaçemos no Collegio da Companhia. & logo o dito Cappitam Mor, veyo acompanhado de todos os officiais de guerra e infantaria solta pollas ruas, e nos leuou ao dito Collegio, aonde depois de varias razoens diçeraõ o dito Cappitam mor e mais offiçiais de guerra, que suposto que nam hauia vias de V. Magestade, nem Regimento ou ordem particular pera se fazer a dita elleiçaõ, que á Camara lhe nam tocaua fazella, porque a elle Cappitam mor lhe competia o ser guouernador. E que de outra sorte se naõ hauia de aquietar o mutim, antes se perderia o Reino de V. Magestade. //

& vendo nós a resuluçaõ dos offiçiais de guerra e da infantaria, e o risco em que punhamos os vasallos de V. Magestade, moradores neste Reino, & o damno mayor que se pudia seguir, antepuzemos estas rezoens do seruiço de V. Magestade e da qvietaçaõ da respublica a todas as particulares, e ao direito e posse em que esta Camara está, de que a força do mutim nos

(2) Representando a beca a função de quem a usa, dar morras à beca equivale a dá-las aos funcionários judiciais.

priuou, e pello euitar asinamos hum auto que o Cappitam mor tomou, em que asi o declaramos, ficando por este modo intruzo no guouerno e vzurpada a jurisdiçam da Camara. Esperamos que V. Magestade nos remedee esta força, conceruando a Camara na posse em que sempre esteue, e acudindonos como Rey e pai de seus vassallos, com o remedio conuiniente, que nos sirua de exemplo a outro successo futuro. E postrados aos reaes pees de V. Magestade, pedimos humildemente em nome deste pouo, nos mande V. Magestade Juane Mendes de Vasconçellos por Guouernador, porque só elle com a experiençia que tem deste Reino o poderá restituir a seu antiguo estado. E quando aia razaõ do seruiço de V. Magestade pera se nos naõ conçeder esta merçê (3), deuenos V. Magestade mandar hum guouernador christaõ que trate da conceruaçaõ do Reino & do seruiço de V. Magestade, porque estes pobres vassallos, reliquias dos muitos que com tanta constançia, & vallor, depois da fazenda perderam as vidas no seruiço de V. Magestade, tenhaõ algum aliuio dos trabalhos paçados, e sobre estes e outros particulares temos procurador nessa Corte pera o reprezentar a V. Magestade, e V. Magestade por sua grandeza nos deue mandar defferir com toda a breuidade. Guoarde Deus a catholica peçoa de V. Magestade.

Esta hé, Senhor, a carta que a Camara desta Cidade tinha feito pera asinar e enuiar a V. Magestade, sobre o succeço nella refferido. E porque o Cappitam mor guouernador intruzo, com o poder do cargo reduzio a mayor parte dos offiçiais da mesma Camara, a que escreueçem a V. Magestade a seu fauor, e eu Joam Suzarte de Andrada, fidalgo da Caza de V. Magestade, Cappitam mor e guouernador que foi deste Reino, e yuiz

(3) Por falecimento de Miranda Henriques, em 12-2-1653, sucedeu-lhe, de facto, Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha e não o homem pedido pela Câmara. Porém o sucessor regularmente nomeado foi Luís Martins de Sousa Chichorro, por patente régia de 29 de Agosto de 1653.

que sou este anno, & Viçente Pegado como Cappitam mor que foi e vreador mais velho que sou, e como vasallos de mayor authoridade deste Reino, e como a quem tanto tem custado sua conquista e deffença, nos corre obrigaçaõ de reprezentarmos a V. Magestade a verdade, pera que melhor informado della se sirua V. Magestade mandar acudir a este Reino com a breuidade que a neçesidade delle o pede, nos pareçeo enuiarmos a V. Magestade esta mesma carta e significar a V. Magestade que a que nesta occaziaõ escreuẽ os officiais da Camara hé contra toda a verdade, e contra o que o pouo quer e muito contra o seruiço de V. Magestade, e que hũs asinaraõ mouidos de promessas & outros de ameassos, respeitos que a nós nos nam obrigaõ a asinalla (4). A catholica e real peçoa de V. Magestade guoarde Deus muitos annos, para amparo de seus Reinos e vasallos. //

S. Paullo dAsumpçaõ 30 de Março 1653.

aa) Joaõ Suzarte de Andrada — Visente Pegado

AHU — *Angola*, cx. 4. — Original.

(4) Cf. o documento de 10 de Abril de 1653, n.º 90.

85

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(31-3-1653)

SUMÁRIO — *Recusa do Rei do Congo de guardar as capitulações de paz — Guerra aos sobas rebelados — Socorro eficiente a Angola.*

†

Senhor

Rodrigo de Miranda Henriques, gouernador do Reyno de Angola, escreue a V. Magestade em carta de 24 de Setembro do ano passado, que depois de chegar a elle, fes auizo a V. Magestade do estado em que achou aquelle gouerno, e do que alcansou do animo delRey de Congo, e dos souas vassallos de V. Magestade, e pouca comrespondencia daquelle Rey, asy nas pazes com elle capituladas, como no mais que se offereçia, e como os mais do gentio daquelle Reyno, estaua leuantado, sem querer premitir os comerçios antigos, nem dar passagem liure para que os haja; e que se isto se naõ castigasse, com huã guerra, ueriaõ todos a perder o respeito, de maneira que a negoçeaçaõ daquelles moradores se acabara de todo; que lhe pareçeo tornar a representar a V. Magestade o referido, e como El Rey de Congo se naõ acomoda a dar comprimento ao com elle capitulado, nem responde em forma ao que se lhe escreue sobre esta materia, e que neçessita muito de ser castigado com armas, para estar sugeito; como tam bem algũs souas vassallos de V. Magestade, a quem por inobedientes detremina dar guerra, porque se os mais naõ tirarem exemplo de castigo, sem duuida faraõ o mesmo, e ElRey de Congo, cõ mais ouzadia se declarará de todo.

Ao Conselho pareçeo dizer a V. Magestade que por consultas deste Conselho, de 22 de Nouembro e 14 de Dezembro passados, se reprezentou a V. Magestade a grande importançia de que será estar o Reyno de Angola socorrido de gente, a que V. Magestade em re[s]posta dellas mandou auizar que ao Conselho da Fazenda ordenaua que asy se fizesse; e sendo isto antes de se saber que o gouernador tinha principiado a guerra que agora auiza detreminaua dar aos souas dezobedientes, entendendo que hera seruiço de V. Magestade e credito de suas armas naõ se desimular tanto, deue V. Magestade ser seruido de mandar que Angola seia socorrida com effeito e breuidade, porquãto estando aquelle Reyno sem forças, está exposto a qualquer acometimento de enemigos, naturaes e estrangeiros, e destes muito mais, quando fique com pouco poder, por se hauer mandado fazer guerra aos naturaes pella terra dentro. V. Magestade o mandará considerar e rezoluer como for seruido, que estas lembranças, posto que saõ duplicadas, tem a desculpa de serem feitas com o zello e por obrigaçaõ de offiçio. //

Em Lisboa, a 31 de Março de 653.

O Conde Prezidente acresenta que, conforme o que escreue o Gouernador, ou seia pella conueniencia que elles tem em se fazer guerra, ou porque verdadeiramente o estado em que El-Rey está e os uaçalos conuirá, deue V. Magestade mandar com efeito gente e moniçons, considerandose a muita que mor[r]reo em Angola, e quaõ pouco frequentado está aquelle comercio, sendo Angola a couza mais importante por muitas rezons apontadas a V. Magestade, que tem esta Coroa, pois desta conquista depende tanto o Brazil, e pede a V. Magestade que como materia tanto d'estado, mande que estas consultas se ueiaõ no Conselho d'estado.

aa) O Conde de Odemyra / Joseph Pinto Pereira / Francisco de Uascõcellos da Cunha / Diogo Lobo Pereira.

[*Despacho ao alto, à margem*]: Rodrigo de Miranda deuia declarar o em que elRey de Congo faltou á capitulaçaõ das pases, e o em que faltaraõ os souas á obediençia que me deuem; escreuase lhe que o auise com spçialidade e que se uá muito attento em faser guerra ao gentio, porque costumaõ ser maiores os dannos que as utilidades que della se recebem, e se me consulte uma carta de queixa delRey de Congo, que mandei remeter ao Conselho; e sobre o socorro para Angola mando faser recado ao conselho da fazenda. Alcantara, a 12 de Mayo 653.

(Rubrica de el-Rei)

AHU — *Angola*, cx. 4. — Cód. 15. fl. 42.

86

CERTIDÃO DO PADRE MANUEL DE MARIZ REITOR DO COLÉGIO DE LUANDA

(2-4-1653)

SUMÁRIO — *Certifico como se procedeu à eleição do Capitão-mór para governador de Angola, na igreja dos Jesuitas.*

†

Certefico eu o P.e Manoel de Maris da Companhia de Iesv, Reytor do Collegio de Loanda, que hé uerdade que na Igreja do dito Collegio se fes eleiçam do nouo Gouernador, e nella assisti com o P.e Felippe Franco da mesma Companhia, com o Vigairo Geral, Sargento mor, Ouuidor geral, Camara, e Capitam da cidade, e depois de uarias rezoens que de parte a parte se propuseram para a eleiçam se faser com toda a pas, como se conseguio, ultimamente disse o Ouuidor geral, falando com o Cappitam mor Bertholameu de Vasconcelos, se era sua mercê o que se seguia, e lhe pertencia o gouerno; e disendo elle que sim, e que o aceitaua, e disendo o mesmo Ouuidor geral se tomaua tambem o gouerno politico da Camara, ao que elle respondeo, que elle desistia delle, e lá se ouuesse sua mercê com a Camara, e só tomaua o das armas, se ainda neste naõ tinha direito, que elle naõ queria nada; e tornando o mesmo Ouuidor geral que tomasse ambos, ao que disse que tomaua, e que de tudo auisaria a sua Magestade, no que consintirão todos, e se fes logo na mesma Igreia termo, no qual se uaõ alguãs palauras torcidas, e ditas ao modo e feiçam do Ouuidor geral, e foi porque quando se escreueo, e se lẽo, se naõ aduertio por estarem todos deuirtidos, e aluo-

raçados com a eleiçam do nouo gouernador; e isto hé o que ui, entendi e alcancei, e o que passa na uerdade e o afirmo in uerbo Sacerdotis. //

Feita neste collegio por mim e assinada, hoie 2 de Abril de 653.

Manoel de Maris

AHU — *Angola*, cx. 4. — Original.

87

CERTIDÃO DO PADRE FILIPE FRANCO SOBRE A ELEIÇÃO DO GOVERNADOR

(3-4-1653)

SUMÁRIO — *Relata como se fez a eleição do Capitão-mór para governador de Angola, na igreja do Colégio de Luanda.*

†

Digo eu o p.e Felippe Franco da Companhia de Jesv, que depois da morte do Gouernador Rodrigo de Miranda Enriques, se aiuntaraõ na jgreya do Collegio da Companhia da cidade da Loanda, o Capitam Mor Bartolameu de Vasconcellos, que hoie hé goueruador o p.e Reytor do mesmo Collegio, o R.do Vigario geral, o Ouuidor geral e Camara, o Sargento Mór e Capitains de i[n]ffantaria, para todos declararem a quem competia o gouerno por morte do Gouernador; depois de varias altercaçoens disse o dito Capitam Mór, em vox alta perante todos, que elle renunciaua, e çedia de todo o direito que podia ter para o gouerno e que naõ queria mais que gouernar as armas, como Capitam Mór que era por sua Magestade, que elles lhe naõ podiaõ tirar e que a Camara gouernasse o politico; a que a Camara respondeo que sim: e altercandosse que cousa era o gouerno politico, para se naõ encontrar com o das armas, se naõ concordou em nada; o que uendo o Ouuidor geral, disse: //

Senhor Capitam Mór, visto que o regimento naõ dispoem nada neste caso, e naõ auer vias de sua Magestade, dis V. M. que lhe compete o gouerno, e assim o açeita? Respondeo o Capitam Mór que sim e que daria conta a sua Magestade, e assim o açeitaraõ logo todos os presentes, e o acompanharaõ a sua casa,

exceptos dous, com universal aplauso, paz, sossego e quietaçaõ, que era o que se deseiaua, e com a mesma gouerna hoie, e com açeitaçaõ e contentamento de todo o Reino, que todo se hia perdendo e destroindo, como me contavaõ muitas pessoas desemteressadas e fide dignas, assim da cidade, como da Conquista, e hoie se espera que tudo melhore, como iá se melhoraõ muitas cousas, que saõ em grande seruiço de Deos, e d'Elrei, e utilidade do Reino; e a fis esta e a firmei de meu sinal.

Loanda, 3 d'Abril de 1653.

+

Felippe Franco./

—.

AHU — *Angola*, cx. 4. — Original.

88

CERTIDÃO DO VIGÁRIO GERAL DE ANGOLA SOBRE A ELEIÇÃO DO GOVERNADOR

(5-4-1653)

SUMÁRIO — *Relata como se realizou a eleição do Capitão-mór como Governador de Angola, na igreja dos Jesuitas em Luanda.*

†

Certifico eu o licenciado Francisco de Rezende, Arçediago da See de Congo, e vigairo geral neste Reino de Angola, como em o outro dia despois de se enterrar o Gouernador Rodrigo de Miranda Enriques, se me mandou hũ recado por hũ ajudante da prassa, da parte do capittam mor Bertolameo de Uasconsellos, e do ouuidor geral, e camara, e os padres Reitor do Collegio da Companhia e o P.e Felipe Franco e os capittais da prassa, sargento mor, e feitor de sua Magestade, que estauaõ juntos em o ditto Collegio, para que quisesse acharme com elles, adonde fui e achei juntos os nomeados assima; e auendo chegado se me propos, que queriaõ elleger gouernador, e que se duuidaua se auia de ser por elleissaõ, por naõ auer uias; e tratandosse de que o ouuidor geral ficasse com o gouerno pollitico, e o capitam mor com as armas, ouue muitas duuidas, sobre o que tocaua a hũ e outro gouerno, e por se atalhar a confusaõ que se podia seguir desta resolussaõ, pellos mais ou quasi todos, tirado o ouuidor geral, que era notorio auer aquerido uotos para o ellegerem por goueruador, o que naõ conuinha, pela infantaria estar escandalisada da uniaõ que o ditto tinha com os contratadores, e naõ lhes fazer dar as suas ressois, e remates, como era justo; e porque sobre a materia ouue uarias resolussois, e naõ se tomaua asento

algũ, vltimamente o ouuidor geral disse ao capitam mor se era sua mercê a quem lhe pertensia o gouerno, o qual respondeo que si; e o ouuidor geral lhe disse que tomasse tambem o pollitico, ao que respondeo o capitam mor que elle naõ queria nada delle, que sua mercê se ouuesse com elle, e a camara; tornou a diser o ouuidor geral que os tomasse ambos; e o capitam mor lhe disse que os asseitaua e daria conta a sua Magestade, protestando que se conuiesse ao seruisso de sua Magestade o naõ ser gouernador que elle desestia de todo o direitto que podia ter, e que o naõ queria ser.

A todos os presentes paresseo bom asseitasse o ditto capitam mor e logo o aclamamos por nosso gouernador. Desta resolussaõ se fes hũ termo pello Ouuidor geral, o qual sentido de naõ auer saido por gouernador, exagerou nelle o caso, dando a entender auer auido alguã forsa, no que se naõ reparou, sem embargo de que o assinamos, com o aluorosso do nouo gouernador e porque tudo o que nesta digo passa na uerdade, o juro in uerbo sacerdotis.

Em San Paulo dAsumpsaõ, 5 de abril de 1653.

a) O Vig.º G.l Fran.co Uãz de Rezende //

AHU — *Angola*, cx. 4. — Original.

89

CARTA DO REI DE DONGO A D. JOÃO IV

(8-4-1653)

SUMÁRIO — *Queixas de D. Filipe Rei do Dongo contra António Teixeira de Mendonça e seus herdeiros — Pede auxílio contra a Jinga.*

Muito alto, & poderoso Rey &, Sennhor Meu

Com a chegada a este Reino do gouernador Francisco de Sotto Mayor recebi huã que V. Magestade serenissima me fez merçê mandar escreuer em dezembro de 1644, e por duplicadas vias daquelle tempo a esta parte, tenho reprezentado a V. Magestade a grandissima estimaçaõ que della fiz pellos grandes fauores & mercês que V. Magestade me faz nella. E porque as viagens para esse Reino saõ taõ incertas me pareçeo tornalo a fazer de nouo por esta, &, reprezentar a V. Magestade como a meu Rey e Sennhor o mizerauel estado em que fico posto, que soo oie pesuho de Rey o tittulo sem outra couza mais, sendo couza de taõ grande danno hauerme vzurpado Antonio Teixeira de Mendonça que oie hé deffunto, por ser poderoso neste Reino, os meus souas & vassalos pera se ualler delles em suas culturas, que passa o seu numero de mais de dez mil peçoas, sem nunca mas querer restituhir, por mais diligencias que sobre este negoceo se fizeraõ de minha parte. //

Da grandeza e piedade de V. Magestade espero, mande acudir a este vasallo tão oprimido com ordenar ao gouernador deste Reino me faça loguo restituhir minha gente assim a que estiuer em poder dos herdeiros de Antonio Teixeira como de outra qualquer peçoa, pois merece meu zello a V. Magestade todo o fauor, pella lealdade com que sempre accudi com meus vasallos

ao seruiço de V. Magestade, fazendo o com grande asistençia no tempo que o olandes occupou este Reino, em cuia guerra me mataraõ meu filho primo genito, & porque sou molestado com a gente que cada dia se pede pera leuar as cargas de particulares ao pumbo (1), pesso a V. Magestade me queira fazer merçê mandar passar hum preuilegio para que seia izento de semelhantes encargos, pois não saõ do seruiço de V. Magestade, encomendando ao gouernador que V. Magestade mandar pera este Reino me fauoreça com suas armas nas occazioẽs que lhe pedir fauor contra a Ginga, que me vem desenquietar em minha terra. A Catholica & Real peçoa de V. Magestade guarde Deus muitos annos pera amparo de seus Reinos & vassalos. //

Corte de Dongo, 8 de Abril de 1653.

a) P.E.I.R.D.O

[*Despacho à margem*]*:* Vejase e consultesse no conselho ultramarino. Em Lisboa a 18 de Agosto 653.

[*Rubrica de D. João IV*]

AHU — *Angola*, cx. 5.

(1) Feira sertaneja.

90

CARTA DE BENTO TEIXEIRA DE SALDANHA A EL-REI DE PORTUGAL

(10-4-1653)

SUMÁRIO — *Anuncia o envio de uma relação acerca do sucedido após a morte do governador Miranda Henriques — Apreciação valorativa dos habitantes do reino de Angola.*

†

Senhor

Porque o estado em que o Reino fica pedia mais largo discursso, me pareçeo representalo a V. Magestade na relaçaõ inclusa, pella qual faço presente a V. Magestade os motins que fez o cappitam mor para se introduzir gouernador pella morte de Rodrigo de Miranda, o estado em que fica a justiça, e eu por ser menistro della, os particulares que se me offereçerão sobre a fazenda real, e a conseruaçaõ do Reino, a que V. Magestade deue mandar acodir com toda a breuidade.

O comum dos moradores deste Pouo hé gente de muito má casta, pedem justiça a V. Magestade, mas não querem justiça, não se queixaõ do que os gouernadores obrão, queixãosse do que os gouernadores lhes naõ deixão obrar a elles; não clamão as culpas dos gouernadores, clamão aos gouernadores porque lhes não dissimulaõ suas culpas, seia embora o gouernador ladrão, e deixe os furtar a elles, que todos estaraõ contentes: o negocio está em que se todos os gouernadores que quá tem vindo tratão de seos interesses, e não tratão delles, como hé razão, mas atropellão a Deos, a justiça, e o seruiço de V. Magestade; e porque a ambição hé de qualidade que querem comer tudo, queixaõsse os moradores porque os não deixão comer

tambem, e tudo cay sobre os miseraueis souas, e por ventura que as miserias que se tem padeçido fosse[m] castigo da justiça diuina, pella pouca que se fas neste Reino.

Acuda V. Magestade com o remedio, que consiste em mandar gouernador christaõ, e castigo para estes delinquentes, cabeças do motim, porque será perniçioso exemplo entender a infantaria que pode eleger, ou depor gouernador, e seguemsse os inconuenientes que se deixão considerar no seruiço de V. Magestade, e eu como menistro de justiça exprimento, e a execuçaõ desta se não pode conseguir nas partes vltramarinas sem aiuda do braço de gouernador, como iá tenho significado a V. Magestade, para amparo de seos vassallos. //

S. Paulo, 10 de Abril 1653.

+

Bento Teixeira de Saldanha

AHU — *Angola*, cx. 4. — Original.

91

CARTA DA CÂMARA DE LUANDA A EL-REI

(10-4-1653)

SUMÁRIO — *Pede a confirmação de Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha, capitão-mor, como governador de Angola.*

†

Senhor

Naõ hé nouo em os vassallos pedirem mercês a seus Reis e quando mais opprimidos lhes hé emtão mais permitido; da que da prezente pedimos a V. Magestade depende nossa comçeruaçaõ e remedio de nossos filhos, que hé a confirmaçaõ do gouerno ao Cappitam mor Bertholameu de Uasconcellos, que oye serue por morte do Gouernador Rodrigo de Miranda Henrriquez, em cuio tempo, que foraõ honze mezes, se hia totalmente arruinando este Reino, não por inclinaçaõ natural sua, que desta estauamos muy bem informados, mas pela falta de acordo que tinha por cauza de sua infermidade, da qual se aproueitauão ministros insolentes e inuentauão traças (1) de pouco temor de Deos & de V. Magestade; mas hoie uemos comuertida en contentamento a tristeza geral do pouo e principiado o remedio de tantos males, seguindo o Cappitaõ mor & executando com pontualidade o real Regimento de uossa Magestade, em o quoal com catholica piedade ordena Vosa Magestade a seus Gouernadores tudo o que comuem á perpetuaçaõ deste Reino, mas ficaõ longe (2). //

---

(1) Planos, ardis, manhas.

(2) No original: longue.

Senhor: o Cappitaõ mor Bertholameu de Uasconcellos hé muy desintereçado ministro, hé zellozo do seruiço de V. Magestade, tem uinte annos de experiençia deste Reino e suas Conquistas, ajudounos a padeçer os infurtunios que por nossos peccados nos permitio Deos; doeçe como companheiro de uer acabar a terra em que passou o melhor da idade e proçede no gouerno como quem dezeja mereçer pelo seruiço de V. Magestade. Vaj extinguindo os custumes e uzos maos que de gouerno em gouerno se comtinuauão antigamente, com perjudicial comseruaçaõ, e se dezeiamos, Senhor, e pidimos com a humildade que deuemos á clemençia de V. Magestade comfirmação para o que temos, hé por emtendermos que huã uez desterrados exemplos perturbadores do bem comum, não tornarão a reuiuer em os futuros sucessores. //

V. Magestade ponha os olhos neste seu Reino, e em seus vaçallos que o habitamos e pouoamos e os que nesta vamos assinados somos os que temos seruido os cargos desta Republica & os que como pessoas de maiores familias dezeiamos o remedio pera ellas, que pende da real mão de V. Magestade. Cuja real pessoa nos guarde Deos como seus vaçalos dezejamos. //

Saõ Paullo de Asumpção, em dez de abril de 1653.

(Seguem-se as assinaturas em fotogravura)

AHU — *Angola*, cx. 4.

NOTA — Sobre o valor deste documento cf. a carta da Câmara de Luanda, de 30 de Março de 1653, doc. n.º 84.

92

CARTA DOS MORADORES DE MASSANGANO A EL-REI DE PORTUGAL

(5-5-1653)

SUMÁRIO — *Pedem a confirmação do Capitão-mór Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha como governador de Angola.*

†

Senhor

A V. Magestade hé que deuẽ de recorer os vaçalos opremidos e nam podemos de outra maneira senaõ por carta os que abitamos tam longe da uista de V. Magestade, os moradores deste prezidio de Masangano, nos primeiros annos da restauraçaõ gozamos de alguã felicidade paresemdonos que se continuaria na suceçaõ dos gouernadores; nos pronosticavamos recuperaçaõ do descansso perdido em os tempos de nosaz mizerias. Mas subsedeunos ao contrario, porque na duraçaõ do gouerno de Rodrigo de Miranda difunto, pela ocaziaõ de sua infirmidade naõ só a nós os moradores, se nos atalhaua o comercio, se tinha pouqua atençaõ aos meresimentos dos benemeritos, maz ainda os souaz desta Comquista, em que comsiste a comseruaçaõ deste Reino de V. Magestade, amdauaõ tam alterados e auexados, que a naõ acudir Deuz com a noua eileiçaõ do Capitaõ Mor Bertolameu de Vazconcellos, aueria huã ruina por todo este sertaõ. //

Maz oje vemos o governo tam ajustado com as nesesidades do Reino e tam prouido do futuro, tam dezapegado do interesse, atemdendo somente ao real seruiço de V. Magestade, que nos obriga, como vaçalos leaiz e como aquelles que depemdemos e nosos filhoz e fazemdaz da ordem e dezposiçoiz asertadaz dos

gouernadorez, a pedir a V. Magestade como remuneraçaõ de seruiços, a comfirmaçaõ do Capitaõ Mor Bertolameu de Vazconcellos, pelo tempo que a V. Magestade lhe parecer comuiniente. Porque de asim nolo comseder V. Magestade, se nos seguirá e a este Reino alcansarmoz ezperançaz de tornar a reuiuer este comercio e tornarsse a distribuir igoalmentte por todos os lucros dele. //

V. Magestade fará o que for seruido, atemdendo ao zelo de nossa pettiçaõ, que toda se emcaminha a abraçarmonos com o seruiço de V. Magestade, como sempre fizemos. Cuja real pessoa nos guarde nosso Senhor muitoz annos. //

5 de Mayo de 1653 annos.

(Seguem-se as assinaturas em fotogravura)

AHU — *Angola*, cx. 4. — Original.

93

CARTA DO PADRE JOÃO FRANCISCO ROMANO AO PROCURADOR-GERAL DA ORDEM

(5-5-1653)

SUMÁRIO — *Missionários falecidos — Fundação da missão de Massangano a pedido dos Portugueses — Pede a demissão do cargo de superior para voltar ao seu convento de origem.*

†

Molto Reuerendo Padre mio Osseruandissimo

Già due anni sono, che fù seruita la Maestà Diuina, che arriuassimo felicemente in Congo, conforme da altre mie scritte à V.P.M.R. hauerà possuto sapere; non passò molto tempo che i Religiosi doppo esser disbarcati, incominciamo ad infermarsi, onde 4 de essi in termine di un anno passarono à miglior uita; e questi furono il P. Andrea d'Ancaiano, predicatore della Prouincia di S. Francesco, il P. Gregorio de Oristano, et il P. Angelo Maria de Bolastona, predicatori della Prouincia di Sardegna, et il P. Geronimo da Lucca, della Prouincia di Toscana, predicatore; oltre à questi morì li mesi passati il P. Giorgio da Jela, predicatore della Prouincia di Fiandra, martirizzato da gentili con bastoni, per hauer posto fuoco ad una casa de Idoli nel Ducato di Batta; e sebene non morì nell'istesso atto, ma de lì à 15 giorni, morì nondimeno per il medesimo effetto, onde il P. Prefetto trattaua di formarne processo e mandarlo à V.P.M.R.//

È morto parimente il P. Gioseppe de Nfornabech, sacerdote della Prouincia di Castiglia; et auanti tutti questi, quando noi arriuammo, morì in Loanda il P. Francesco Maria de Scio, predicatore della Prouincia di Genoua, quale non uenne con noi,

ma in un altro nauilio, insieme con il P. Marcello da Paliano, sacerdote della Prouincia di Roma, quali furono à disbarcar più à basso di Loanda, uerso il Capo di Buona Speranza, saccheggiati dagl'Olandesi. Hò replicato la morte de sudetti Padri à V.P.M.R., perche non sò se l'altre mie gli sono capitate.

Doppo esser stato alcun tempo in Congo, nella Città di S. Saluatore, fecero instanza questi Signori Portoghesi di Massangano (1), presidio molto grande dentro le parti degl'Abundi, che uolesse il P. Prefetto mandar loro alcun Religioso predicatore, essendo molto deuoti dell'habito del P. S. Francesco; il P. Prefetto me destinò per fondar questa Missione, quale già si hà fondato con il fauore di Dio, e con molto profitto di quest'anime, et è già passato un anno; e perche per li grandi e trauagliosi uiaggi che hò fatto in uenir da Congo à Roma mandato dal Rè, e poi ritornar in queste parti, mi ritrouo molto destituto di forze, in modo che non posso più portar il peso della Missione, hauendo trauagliato in essa più di tredici anni, et il P. Prefetto non uuol condescendere à darmi l'obedienza per poterme ritornar alla Religione, benche con grandissima instanza gli l'habbia dimandata, supplicandolo à preueder di altro Superiore in questa Missione, hò pensato ricorrere à V.P.M.R., e supplicarla *genibus flexis* ad ottenermi questa gratia dalla Sacra Congregatione.//

Quando io partìj da Roma con il carico della Vice Prefettura de' Missionarij che furono dispacciati nel 48 per Congo, supplicai l'Eminentissimo Signor Cardinal Capponi, che mi fauorisse di un Decreto per potermene ritornare senza dependenza del P. Prefetto, poi che se ritornauo in queste parti era solamente per far l'obedienza e per condurre i Religiosi Missionarij; ma il mio intento era di non restar qui, ma di tornarmene alla mia Religione, hauendo bastantemente trauagliato in questa materia de' Missioni; esso Eminentissimo non uolse condescendere alla

(1) No original: Massango.

mia dimanda, ma mi disse che arriuato che fosse in queste parti, quando il P. Prefetto nõ hauesse uolsuto concedermi l'obedienza, gli scriuessi, che me l'haueria mandata; poco mancò, riceuendo tal risposta, che non renuntiassi l'ufficio impostomi, e che trattassero di mandar altro Superiore, ma mi astenni per stimolo di conscienza, che mi posero i Religiosi, e singolarmente il M.R.P. Simpliciano da Milano, all'hora Procuratore Generale. //

Mi ritrouo dunque nel laccio preuisto, ma la molta pietà di V.P.M.R. mi dà speranza che me ne liberarà; per tanto torno di nuouo à supplicarla con ogni affetto possibile à farmi questa gratia, acciò possa una uolta ritirarmi nella quiete della mia Religione, et esser fuori da questo continuo esercitio di Marta; e qui finisco humilissimamente inchinandomele, con bagiarle de sacre mani et augurarle dal Cielo il compimento d'ogni uera felicità. //

Massangano, nel Regno di Angola, 5 di Maggio 1653.

Di V.P.M.R.

Humilissimo e Deuotissimo figlio e seruo nel Signor.

Fra Gio. Francesco de Roma //
Predicatore Capuccino

P.S. La ragione che dà il P. Prefetto in non uoler conceder l'obedienza di poter ritornar, è perche non uuole aprir questa porta.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 256-256v.

94

DECRETO DA PROPAGANDA FIDE

(6-5-1653)

SUMÁRIO — *Declara uma vez mais que as faculdades especiais concedidas aos missionários Capuchinhos no reino do Congo, só poderiam exercer-se a cinco lèguas do limite das paróquias.*

DECRETUM CONGREGATIONIS

In congregatione generali de Propaganda Fide, habita die 6 maii 1653. Referente eminentissimo domino cardinali Palloto litteras fratris Antonii de Rervell (1), capucini missionarii, scribentis ejus collegas non observare dispositionem privilegiorum circa licentiam petendam ab ordinariis locorum pro exercitio facultatum et administrationis sacramentorum:

Sacra congregatio respondit jam decrevisse in regno Congi non posse munia missionis exerceri ad quinque leucas intra jurisdictionem parochorum dicti regni, absque eorum expressa licentia, secus vero in locis extra districtum dictarum quinque leucarum, in quibus auctoritate ejusdem Sacrae Congregationis et Sanctae Sedis Apostolicae quilibet missionarius cum obedientia Praefecti poterit dicta munia libere exercere, etc.

MICHAEL A TUGIO — *Bullarium Capucinorum*, VII, p. 199.

NOTA — Parece evidente que a Prefeitura do Congo nunca teve limites territoriais definidos e que a jurisdição do Bispo da diocese e a da Propaganda flutuava segundo o estabelecimento ou desaparecimento do regime paroquial. Em todo o caso o regime paroquial era da jurisdição episcopal e o regime de missão da jurisdição da Propaganda Fide. Os Capuchinhos parece terem tido dificuldade em entender esta disposição do direito, pelo que Roma renova a doutrina já anteriormente decretada.

---

(1) Leia-se: Tervel. = Teruel.

95

CARTA DO CLERO DE LUANDA A EL-REI

(7-5-1653)

SUMÁRIO — *Solicita instantemente a confirmação de Bartolomeu da Cunha, Capitão-mór, como governador de Angola — Suas qualidades de homem de governo, que a fundamentam.*

†

Senhor

Pella proffiçaõ de nosso habito, e pella obrigaçaõ de leais uassallos, mouidos do zello do seruiço de Deus, e de V. Magestade, todos os Ecclesiasticos desta Cidade, humildemente prostrados reprezentamos a V. Magestade o quanto será de importançia á conseruaçaõ deste Reyno, e ao bem comum de seus moradores, o esbeleçimento deste gouerno, pello annos que V. Magestade for seruido, em o Capitam Mor Bertholameu de Vasconçellos da Cunha: que pella morte de Rodrigo de Miranda Henriques con geral aplauzo, e consentimento de todos, assi por sua qualidade, como por lhe competir por resaõ de seu posto, foi admitido: mostrando no cuidado com que gouerna estes Reinos, o quanto sobre importante foi açertada sua eleiçaõ; e se o maior dano que dos Gouernos resulta hé a pouca noticia e experiencia que tem os gouernadores, que uem de nouo, pello pouco conhecimento das terras, e suas particularidades, por onde ordinariamente dezaçertaõ sempre; sendo principalmente este gouerno o que mais neçessita destas notiçias, que só por experiencia de largo tempo se podem acquirir: tendo as pois tam fundadas com a asistencia de tantos annos, assi desta praça, como se suas Conquistas o Capitam Mor Bertolameu de Vas-

conçellos, unitamente tem as resoluçois de seu ualor, capacidade e prudençia, e o que [hé] mais que tudo, a singularidade de sua pouca ambiçaõ, e desentereçe, bem se uereficaõ que de todas estas exçelençias que em seu subgeito concorrem, podemos esperar no seruiço de Deus e de V. Magestade, na desposiçaõ das couzas deste Reino grandes uentagens, pera que assi se restitua a seu antigo ser, e melhoria: perpetuada na continuaçaõ dos que uierem despois, sem que a uariedade os confunda, nem a falta das noticias os difficulte.

Jndependentes de todo o respeito, ou motiuo humano, leuados dos ditames de nossa conciençia e affecto christaõ, zelosamente desejozos do bem uniuersal, dizemos puramente a uerdade, ho gouernador que mais serue a V. Magestade hé o que só lucra no cargo empenhos de honrra, e mereçimentos, e não quem meramente os açeita e procura pellos intereçes que por todos os modos resultaõ; nós satisfazemos ao empenho de nossa obrigaçaõ, V. Magestade sempre ordenará o que for mais acertado. //

Guarde Deus a real pessoa de V. Magestade pera gloria da Christandade, e emparo de todos seus uassallos. //

S. Paulo da Asumpçaõ, Reino de Angola, 7 de Mayo de 653.

(Seguem-se as assinaturas em fotogravura)

AHU — *Angola*, cx. 4.

96

CARTA DO VIGÁRIO GERAL DE ANGOLA A EL-REI D. JOÃO IV

(10-5-1653)

SUMÁRIO — *Dá conta da eleição de Bartolomeu de Vasconcelos — O que o reino padeceu durante o Governo de Rodrigo de Miranda Henriques — Chegada de Frei Boaventura de Sorrento e sua partida para o Sonho — Tributo lançado pelo governador Salvador Correia de Sá.*

†

Senõr

Em o galiaõ da Jndia que foj desta prassa auizej á V. Magestade o estado em que hauia chegado a ella o gouernador Rodrigo de Miranda, incapaz de a poder gouernar pella infirmidade que lhe deu em o mar, e de como se ficaua gouernando por hun sobrinho seu chamado Henrrique Henrriquez, mosso e cobisozo e pouco temente a Deus.

Logo que chegou, que foj em ocaziaõ que se arrendou o contrato, tomou parte em elle, com que aos soldados se acudia mal e lhes faltauaõ com as ressois, aproueitandosse dos mantimentos para fazer negoçio com os homens de mar em fora, obrigando aos soldados a tomar milho grosso, que os mizaraueis não podião beneffeçiar para o poder comer, não sendo menos culpado em este particular o prouedor da Fazenda de V. Magestade, Bento Teixeira de Saldanha, que hé publico tem sua nesga (1) em o contrato, e se acazo os soldados se lhe hiaõ aqueixar os

(1) retalho, pequena parte.

trataua tão dezabridamente que em esta ocazião da morte de Rodrigo de Miranda, por hauerem alcançado que o ditto Prouedor andaua soleçitando vottos para ser gouernador, o tomarão tão mal que a o auerem elegido sem duuida suscedera huã grande desgraça em este Rejno.

O ditto Henrrique Henrriquez prouia ou por milhor dizer uendia os cargos que em o Reino [h]auia a quem mais daua, atrauessaua (2) as fazendas todas e as mandaua aos Souas, obrigando os a que só o seu fizessem, com portarias em nome do gouernador e com pennas de que a outros não comprassem, com que os moradores não tinhão lugar de despachar seus pombeiros, que hé o com que se remedeão os que uiuem em este Reino.

Trazia pellos Souas quatro ou sinquo homens brancos com comissois inuentadas por Satanás, tiranizando os Souas, tirando pessas (3) que os dezauenturados não podião e muitas uezes danão (4) molheres e filhos per se liurarem de semelhantes molestias, como se lhe fazião senão contrebuião; infim Senhor isto estaua de sorte que a não acudir a deuina Magestade a atalhar tanto mal, com a morte do gouernador Rodrigo de Miranda, que faleçeo em doze de feuerejro, o Rejno pereçia em breue tempo, e o ditto Henrrique Henrriquez o conheçia asim e dizia que a elle se lhe daua pouco (5), e que indosse elle com dinheiro que pereçesse tudo, e que a elle se lhe não hauia de pedir conta nem tinha que dar rezidençia (6); em este anno que o tio gouernou leua o ditto Henrrique Henrriquez setenta para oitenta mil cruzados conffessados per elle, sem hauer trazido mais que seu corpo gentil, de onde infirirá V. Magestade ser serto o que em esta

---

(2) traspassava, comprava por junto para vender mais caro.
(3) escravos.
(4) pervertem.
(5) Isto é: não se importava com isso.
(6) Isto é: conta dos seus actos.

digo e *in verbo sacerdotis* juro que não digo tudo o que pudera dizer do que tem obrado.

Em este anno que gouernou Rodrigo de Miranda uierão a este porto tres naos de castelhanos, huã de Canarias, outra de Olanda e outra de Cadiz, contra a ordem de V. Magestade se reçeberão (não uindo de Jndias) por hauer dado cada huã de peitta (7) outto ou dez mil cruzados, não dando á dessima de V. Magestade o terso do que deuião, apiadandosse pello muito que hauia largado, isto repartia entre Henrrique Henrriquez e o Prouedor, não consentindo ao Feitor de V. Magestade requerimento algũ, como me consta os quiz fazer neste vltimo, per auerẽ em Bojnos Ajres (8) de baxo de boa fee tomadonos hũ nauio e ao outt[r]o prezo o cappitam e serem estes nauios estrangeiros de grande damno, pois não trazem senão os fruitos que de nosso Reino podem uir.

Enterrado o gouernador Rodrigo de Miranda ao outro dia se juntou a Camara, Ouuidor Geral, Cappitam Mor e os mais Cappitais da prassa e P.^{e} Reitor da Comppanhia e outro Pregador e eu em o Collejo da Comppanhia, para se tratar de eleger quem ouuesse de gouernar o Reino, e pellos mais e quazi todos (tirado o Ouuidor Geral que pretendia ser gouernador) foy acordado deversse [eleger] ao Cappitam Mor Bertholameu de Vasconçellos emquanto V. Magestade não ordenaua outra couza, por ser Cappitam Mor por V. Magestade, segunda pessoa em este Rejno, e hauer sido Gouernador em tempo que o olandez ocupaua esta prassa, por morte do Gouernador Francisco de Soutto Major e per sua calidade e ter conheçimento das couzas do Reino para as remedear, como logo fez em tirar as comissois ou ladroejras, que andando pellos Souas e dando liberdade á Camara para exerçitar o que lhe toca, que pellos mais gouernadores ordinariamente se lhe impidia, com o que de prezente fica o Reino muj

---

(7) suborno.

(8) Buenos Aires.

quieto e poderá ser to[r]ne em si de quam acabado e destruido estaua e não seria de pouco bem para elle o confirmar V. Magestade a eleição feitta em o ditto Bertholameu de Vasconçelos pellas rezois dittas e por ser pessoa muj dizenteressada, que hé o que nos gouernadores se requere.

Eu tenho seruido a V. Magestade, como consta de meus papeis; em o tempo que o olandez ocupou esta prassa, era jdo a Congo per ordem do Gouernador Pero Sezar a tratar com elRej de Congo couzas do seruisso de V. Magestade, adonde foy forssa ficar seruindo a prebenda de Arçidiago daquella Sée, padeçendo muitos trabalhos por conseruar a jurisdição, e direito de V. Magestade; com a restauração desta prassa me tirou de lá quazi por forssa contra a vontade de elRej de Congo o Gouernador Saluador Correa de Sáa; estou aqui [h]á quazi quatro annos e mejo seruindo o cargo de Vigairo Geral, sou de jdade de setenta annos, quizera hir a descansar; o Cabido me nega licença, V. Magestade se sirua de ma conseder em remuneração do que o tenho seruido.

Em huã nao castelhana que vejo de Cadiz a este porto uejo hũ Relegiozo Capucho Napulitano chamado Frej Boa Ventura, o qual estando embarcado em esse Reino para uir em Comppanhia de Rodrigo de Miranda, per ordem de V. Magestade se lhe impidio a uinda, e se tirou do nauio, segundo o auizo que tiue do Bispo eleitto Frej Xpõuã de Lisboa (9) e foy disto aduertençia ao Gouernador Rodrigo de Miranda Henrriquez para que o restituisse e não deixasse passar a Congo thé se dar auizo a V. Magestade; em o tempo que o ditto Gouernador estaua muj mal se foj daquj sem que ninguem o soubesse, dandolhe embarcação hũ castelhano morador em esta cidade para se passar a Sonho; o Ouuidor Geral não fez em isto diligençia alguã; auizo

---

(9) Referência a Frei Boaventura de Sorrento. Frei Cristóvão de Lisboa não foi confirmado pela Santa Sé, ficando a diocese vaga durante 29 annos (1642-1671).

a V. Magestade para que saiba como se comprem suas ordens e mande o que for seruido.

O Gouernador Saluador Correa de Sáa poz hũ trebutto em esta terra muj honerozo, que foj em cada pessa tres mil reis per tempo limitado de quinze mezes, pella necessidade que hauia em aquelle tempo; pagarão os moradores este trebutto dous annos e mejo; dipois se tratou de o tirarem e se fez huã junta dos moradores e ecleziasticos, e mercantis homens de mar em fora, e se achou que se hauia de deixar thé se satisfazerẽ huns sessenta mil cruzados, que deuia a Fazenda de V. Magestade; temsse tirado mais de sem mil cruzados dipois disto e sem embar[g]o do que se tem pedido o tirem, o não querem fazer, porque se aproueitão disto Prouedor da Fazenda e Feitor, que deuendosse pagar em panos, dinheiro da terra, obrigão a pagar em pessas, estas as metem em sy e pagão com panos, com que uem a interessar (10) sento por sento, de maneira que hũ anno per outro rende este trato trinta mil cruzados pouco mais ou menos e elles os pagão aos soldados por sessenta mil cruzados; deste dobro se aproueitão os que digo e fora bem que se fizerão bens a V. Magestade.

Em os direitos reais e dizimos [h]aj quazi com que se sustentar a prassa, os moradores se offereçem a satisfazer o que faltar. Siruasse V. Magestade de aleuiar este Reino em lhe tirar este tributto.//

Guarde Nosso Senhor a Real Pessoa de V. Magestade.//

S. Paulo dAsumpçaõ 10 de Majo de 1653.

O Vig.º G.al Francisco Uãz de Rezende.

AHU — *Angola*-cx. 3. — Autógrafo.

---

(10) ganhar, auferir.

97

CARTA DO PADRE SERAFIM DE CORTONA AO PROCURADOR GERAL DA ORDEM

(12-5-1653)

SUMÁRIO — *Relação do seu apostolado e suas peripécias mais importantes.*

Molto Reuerendo Padre nel Signore Osseruandissimo.

Salute.

Parte da questo porto e città d'Angola (1) una carauella, quale và dirittamente a Lisbona, occasione che rare volte occorre; per ciò non hò volsuto mancare scriuere la presente a V.P.M.R. Con due altre lettere, una incamminata per l'Indie Occidentali di Spagna e l'altra per via del Brasile, hò dato parte a V.P.M.R. della morte de i Religiosi che sono passati all'altra vita, e d'alcune altre cose che sono occorse. Adesso l'accennerò breuemente. //

L'anno 1652 in Congo passò a miglior vita il P. Gregorio da Orestano, sardo, predicatore. Quà in Angola morirono in termine d'un mese il P. Girolamo da Lucca et il P. Angelo, sardo, predicatore; in Massangano passò al Signore il P. Antonio da Lisbona, sacerdote; nel marchesato di Pemba, prouincia di Congo, morì il P. Giuseppe da Pernambucco, predicatore e gran seruo di Dio; l'ultimo che terminò gloriosamente la carriera, fù il P. Giorgio da Giella, fiammingo, predicatore, della Prouincia di Roma, quale morì (come piamente crediamo) martire, a forza di bastonate e di pietre, per hauer abbruciato una casa d'idoli, doue attualmente stauano facendo sacrificio, come largamente

(1) Referência a Luanda.

largamente *(sic)* la tenni già auuisata. Successe il caso nel ducato di Batta, prouincia molto dilatata del Regno di Congo, in una libatta o terra chiamata Ulolo, la Vigilia dell'Immacolata Concezione; e tutto ciò hò saputo per la confessione d'uno di quelli che l'ammazzarono, quale essendo stato preso dal Rè di Congo, lo vendette per schiauo ad uno di questi Portoghesi, il quale me lo mandò qui all'Ospizio, acciò l'assoluessi della censura, et in presenza di tre o quattro persone raccontò il caso sopradetto.

Già l'auuisai come questo presente anno 1653, nel mese di Febbraio, arriuò a questo porto una naue di Spagna, nella quale venne il P. Bonauentura da Sorrento (questa è la seconda venuta) con un laico detto F. Egidio d'Anuersa, della prouincia d'Andaluzia, e fù necessario buscare un'imbarcazione, e mandarlo subito a Pinda, per la gelosia in che entrarono questi Signori Portoghesi, vedendo [arriuare] detto Padre per via di Spagna.

Questo medesimo anno nel mese di Gennaio comparuero quà tante locuste e caualette, che per otto giorni continui ricopriuano l'aria, et oscurauano il sole, di maniera che staua la gente spauentata, pensando che hauerebbe distrutto le sementi et i frutti. Vennero questi Signori a pregarmi ch'io volesse andare sino al fiume chiamato Bengo, alla riua del quale si semina, per esorcizzare questa peste di animali: perche altrimente sospettauano morirsi di fame. Andai a detto fiume, che stà lontano di quà quattro leghe, e Nostro Signore fù seruito di concorrere per mezzo dell'esorcismo, che tutti i sopradetti animali s'estirpassero: alcuni morirono subito, altri si buttauano nel fiume et altri volarono in certi monti alla volta di Congo, doue habiamo inteso che hanno destrutto ogni cosa. Nel medesimo tempo vedendo io tanta quantità di neri, che dimorano nel riua di quel fiume, per coltiuare le terre, molti de' quali non erano battezzati, e tutti gli altri viueuano in malo stato, senza esser congiunti in matrimonio, feci in breue tempo una capanna di frasche, e vi feci accomodare un altare e mi messi a confessare quella pouera gente, e battezzare, et in quattordici giorni battezzai 125 persone,

e celebrai 306 sposalizj, confessando molt'altra gente, discorrendo per la riua del fiume. //

Io teneua intenzione di trattenermi là assai più tempo; ma in questo furono tante le lettere et i messagieri che questi Signori mi mandarono, acciò io ritornassi alla città, che fù forza condescendere. La causa era perche è paese infermissimo, et era il peggior tempo dell'anno, doue quanti vi vanno pagano il tributo d'ammalarsi. In questo medesimo tempo, hauendo io scoperto che in un'altra parte chiamata il Seguelo, vi staua un nero, il quale si chiamaua Maniquitome, che è il medesimo che dio della sementa: questi sono huomini diabolici, i quali si fanno adorare come dei, dando ad intendere a questa gente, che loro sono quelli che fanno piouere e fanno venir l'acqua quando è tempo di seminare: e come che quà ci è tanto sterilità d'acqua, che stà sei mesi senza piouere una goccia, e ne gli altri sei mesi molte volte non pioue, con che vengono a passare gran necessità, perche non possono seminare, nè raccogliere, e per questo gli temono tanto, che tutti li presentano, tutti gli offeriscono le primizie di tutto quello che raccolgono. //

Prima di seminare, quest'homo diabolico assegna il giorno che hanno a buttare in terra il seme, e prima di farlo gli portano il seme, acciò lo benedica. Quando hanno a raccogliere, non lo posson fare, se prima non dà loro licenza; e gli portano a benedire certi coltellacci, con che tagliano la messe, di maniera che tengono questa gente in tanto timore e in tanta soggezione, che non si può dir più. Hor volendo tirare questo diauolo dalla terra, procurai con arte di farlo entrare in una casa principale della città, perche non vi fù nessuno che mi volesse dar aiuto in tal opera, per timore che hanno, e di poi andai dal Gouernatore, acciò mi desse sei soldati, con ordine che facessero quanto loro ordinauo, il che fece con grandissima prontezza, offerendosi egli in persona, per esser nostro figlio spirituale e diuotissimo; e cosi andai a quella casa e feci prendere il detto nero e metterlo in una carcere con ferri a' piedi. //

Quando questo demonio si vedde preso, comminciò a minacciarmi, che le tigri m'haueuano a mangiare, i fiumi s'hauerano a seccare le piante, e gli alberi, ogni cosa s'haueua a perdere, e che non haueua a piouere una goccia d'acqua. I neri concepirono tanto spauento di queste minacce, che sono stati sin' adesso con timore, aspettando l'esecuzione. Ma per grazia di Dio le trigri non m'hanno mangiato e i fiumi non si sono secchi, e la pioggia, che è quello che più temeuano, è tardata un poco, ma è venuta al fine; con che hanno potuto seminare. Il detto nero, per esser battezzato, e per non esser quà Tribunale dell' Inquisizione, lo feci imbarcare in una naue del Gouernatore, e mandarlo al Brasile all'Inquisizione. Queste cose a scriuerle, compariscono molto facili, ma alla pratica fanno sudar sangue, esser tra cristiani e non trouar aiuto per cose tali. Un altro nero hò scoperto, il quale è gonga, iddio della salute e dell'infermità; et hauendo fatto moltissime diligenze per farlo pigliare, è stato auuisato, e se ne stà fuggitiuo per i boschi, senza poterlo hauere nelle mani; è tanto il rispetto e timore che questa gente tiene di noi altri per questi e per molti altri casi occorsi in questi quattro anni che stò quà, che si è diuolgata la fama de' Cappuccini per moltissime Prouincie.

Questo medesimo anno nel mese d'Aprile, è successo al P. Bernardino Ungaro, un altro caso. Stando questo Padre nel ducato di Bamba, et essendo andato in missione nel marchesato di Bumbi, hebbe notizia che in una libatta stauano due ganga-zombi. Il P. subito si messe in viaggio per farli pigliare, ma sendo auuisati, scapparono; et andato alle case doue stauano trouò una quantità grande d'idoli, di statue piccole, ossa di morti, teste d'animali, et altre sporcizie, che essi adorano; e raccoltele tutte, le fece portare a Bumbi, con intento d'abbruciarle la domenica prossima, alla presenza del popolo. //

Quando i detti ganga-zombi hebbero notizia ch'il Padre gli haueua leuati i suoi idoli, fecero intendere al marchese, che se non li faceua restituire, che hauerebbono fatto seccare ogni

cosa, e non sarebbe piouuto, e lui senza dubbio sarebbe morto. Intimorito il marchese da queste minacce, andò a pregare il P. Bernardino con grande umiltà, che volesse restituire i detti idoli, e che volesse hauer compassione di lui, e della sua gente, perche hauendo le locuste distrutto la prima sementa, se adesso non pioueua, tutti sarebbono morti di fame. //

Allora il Padre gli fece una solennissima correzione, e gli disse, che assolutamente li voleua bruciare, e che teneua fede in Dio, che per loro confusione hauerebbe mandato bastante pioggia per seminare. E cosi la domenica, fatto radunare tutto il popolo, fece una predica, riprendendoli della poca fede: e poi disse, che chi era cristiano venisse a mettere i piedi sopra quegl' idoli; il che tutti (2) fecero, se bene al principio con timore. Di poi, fatto un gran fuoco, gli fece abbruciare; e dopo due [giorni?] essendo la gente tutta ritirata, restò Nostro Signore seruito d'approuare quell'opera santa, con mandare una pioggia tanto grande, che per quattr'hore continue pareuano aperte le cataratte del cielo; con che restò il poplo tutto contento, Iddio glorificato, e tutti confermati nella Fede. //

Questi demonij sono quelli che ci danno tanto da fare, e che tengono questa gente ingannata, e non vi è remedio da poterli estirpare, perche non vi è l'aiuto necessario: ed è tanto il timore che ne tengono, che non si arrischiano a molestarli, nè a toccarli; con tutto ciò non si lascia di trauagliare e fare ogni sforzo per estirparli, siccome fanno anch'essi con noi altri, non tenendo altri nemici, nè altri contrarij. Confidiamo però nel Signore che hà da fauorire la sua opera e restar confusi, e distrutti gli auuersarij.

Molti di questi casi sono occorsi, et occorrono ogni giorno, et altri ancora; ma i Padri Missionarij non li notano, nè scriuono, e per stare tanto occupati, e per non ne far caso, o per non hauere occasione di scriuer quà. Di alcuni Missionarij sono stato quasi

---

(2) No texto: tutto.

due anni senz'hauerne nuoua, solo hauendo saputo da altri, che erano viui. Tre giorni sono scrissi una lettera al P. Girolamo da Monte Sarchio, quale stà nel ducato di Sundi, prouincia grandissima di Congo, pregandolo a darmi nuoua di lui; perche è più d'un'anno che non hò saputo se è viuo o morto. Questo Religioso è un grandissimo Missionario, ed hà trauagliato indefessamente, e gli sono occorse molte cose di considerazione: l'hò pregato a metterle in scritto: se lo farà, non mancherò mandarle costà a Roma. Oltre di ciò mando qui congiunta una copia della lettera, ch'il Rè di Congo hà scritto a tutti i suoi vassalli, con occasione della morte del P. Giorgio, Fiammingo. //

Altro per adesso non m'occorre, se non riuerirla con ogni affetto e pregarla a ricordarsi di me, e di tutta la Missione nelle sue sante orazioni, e sacrificij, facendo l'istesso con quelle di tutta la Religione, mentre io faccio l'istesso alle nostre. Nostro Signore la conserui, e le conceda ogni felicità. //

Angola, li 12 di Maggio 1653.

Vmilissimo et affettuosissimo Seruo nel Signore

F. Serafino da Cortona //
Predicatore Capuccino Indegno

ARQUIVO DE MONTUGHI (Florença) — *RAGGVAGLI / del / / CONGO / cioè / Viaggi fatti da' Missionarij Apostolici / Cappuccini della Prõua di Toscana &c.' / Regni del Congo, Angola, Matamba, &c. / spediti dalla Sagra Congr.ᵉ de Propaganda / Fide: E di quanto vi operarono a benef.ᵒ / dell'Anime; con molte altre belle, e curiose / particolarità di que' Paesi, meriteuoli d' / esser sapute*, p. 123-128.

98

CARTA DO PADRE SERAFIM DE CORTONA AO PROVINCIAL DA TOSCANA

(12-5-1653)

SUMÁRIO — *Vida de intenso apostolado em Luanda — Notícias dos missionários Capuchinhos da Província da Toscana.*

Molto Reuerendo Padre Prouinciale. Salute.

La pace del Signore sia con V.P.M.R. e con tutti gli altri Religiosi della Prouincia. Questa lettera annessa, che scriuo al P. Procuratore, la mando aperta, acciò V.P.M.R. la possa legere e participarne anco gli altri Religiosi. Lo scusarmi di non hauer tempo à scriuere in particolare à Lei, come douerei, le porrà parere facilmente ceremonia scusata. Con tutto ciò, Padre mio, è verità, già è mezza notte, che ancora stò scriuendo. La notte, che è concessa per riposare, in quattro anni che stò quà, la metà di essa sempre è bisognato trauagliare. I negozij, fastidij, e trauagli d'una Città intiera, caricano sopra di me, oltre il continuo predicare, e confessare: onde stò notabilmente stracco. Disobligato ch'io sia di alcune prediche che deuo fare del Corpus Domini, di S. Antonio et altre, faccio pensiero uscir fuora in campagna a battezzare, confessare, e maritare questi poueri neri, che stanno per questi deserti. Io arrisico manifestamente la vita: faccia il Signore la sua Santa Volontà; la morte per me sarà riposo di tanti, e si continui trauagli. //

Non tengo che aggiungere altro alla lettera, se non che i Religiosi della nostra Prouincia sono viui. Tre giorni sono riceuei una lettera del Padre Lodouico da Pistoia, quale è stato quasi sempre mal disposto: onde vorrebbe tornare costà, ma il

P. Prefetto non vuol sentire parlare di questo. Del P. Bernardo da Cutigliano, e del P. Francisco Maria da Volterra, solamente sò che sono viui; ma è più di un anno, che non tengo altra nuoua di loro; stando il primo lontano di quà più di trecento miglia, e il P. Francisco Maria più di seicento. //

Altro non m'occorre, se non riuerirla con ogni affetto, insieme con tutti gli altri Religiosi della Prouincia. Solo la prego a tenermi raccomandato nelle sue sante orationi, et in quelle di tutti gli altri. Io non hò riceuuto cosa veruna dalla Prouincia, nè pur una lettera: solo mi è capitata una del P. Giuseppe Maria da Cortona, nella quale mi diceua, come il R. P. Tommaso da Fiorenza (se per ventura non è Lei) mi haueua mandato un abito, con alcune deuozioni, quali si perderono, per essere stata presa la naue, onde veniuano, da gl'Inglesi. Già scrissi e ringraziaj il P. Tommaso, come prego Lei à farlo à mio nome, se per caso non fosse arriuata la lettera. Nostro Signore la conserui. //

Angola, li 12 Maggio 1653.

Vmilissimo e Affettuosissimo Seruo nel Signore

F. Serafino da Cortona //
Capucino Indegno

ARQUIVO DE MONTUGHI (Florença) — *Raggvagli del Congo*, p. 131-132.

99

CARTA DO DEÃO DA SÉ DO CONGO A EL-REI

(14-5-1653)

SUMÁRIO — *O Cabido do Congo e seus procedimentos — Mudança da catedral para Luanda — Eleição do Capitão-Mór para Governador de Angola e suas qualidades de governo.*

†

Senhor

Por uia do Brazil foi Deus seruido trazerme a estes Reinos, para na see delles seruir a dignidade de Deaõ, de que V. Magestade me fês mercê (1). E como a residençia hé em Congo, alem das difficuldades, asperezas, e doenças do caminho, ueio impossibilitada a ida porque o corpo do cabido consta de tres mulatos naturaes de Congo (2), e parentes do Rej, os quais alem de uiuerem desaforadamente, e á lei da natureza, foraõ treidores a V. Magestade e a estes Reinos no tempo do olandês, como consta de cartas que escrueraõ, principalmente dous Conegos jrmãos, que hũ delles hé conffessor delRej de Congo. Estes estaõ exercitando jurdiçaõ que naõ tem. E toda resulta nesta praça donde está o gouerno, e gente branca (3), naõ auendo en Congo ninguem mais que negros: pello que debalde está lá huã Cathedral que de boa rezaõ deue de estar donde faça demonstraçaõ e authoridade da jgreia, e bispo; que hé o fim para que foraõ instituidas as Cathedraes, e cabidos.

---

(1) Por carta de 17 de Maio de 1650. Cf. ATT-*Chancelaria da Ordem de Cristo*, liv. 31, fl. 251.

(2) Miguel de Castro e Simão de Medeiros, irmãos, e Estêvão Castanho. Cf. os nossos estudos *Para a História do Cabido de Angola e Congo*, Lisboa, 1943 e *A Promoção Sacerdotal do Africano*, em *Portugal em África*, n.º 109, 1962.

(3) No original: brança.

As mais das dignidades (4), e algûs Conegos brancos estamos nesta Cidade sem fazermos nossa obrigaçaõ na residençia, poisa inda quando tiueramos seguridade, naõ era justo que nos fossemos subgeitar, e estara o querer destes tres homens, sendo os dous delles magnifestos treidores, e mais naõ sendo possiuel excluilos lá os mais e dalos por inhabeis, porque facilmente nos mataraõ, ainda quando sonhem nosso intento, quanto mais querendo o executar.

V. Magestade como grão mestre (5) e gouernador da ordem de Christo, de cuja administraçaõ hé este Bispado, deue mandar uer este negoçio na Mesa da Conciençia (6), e para proua de minha uerdade e de que aqui hé taõ publico como çerto o que digo de treidores e de seu uiuer e proçedimentos, o general Saluador Correa sabe mui bem estas couzas, e teue en sua mão as cartas. E a elle me remetto nesta matheria, e então V. Magestade mandará resoluer o que pareça mais conueniente, e acertado, que na opiniaõ de todos a mudança da Seé para esta praça era o mais essençial. E já que esta tenha alguã difficuldade, a naõ deue ter, o tirarsse a jurdiçaõ a este Cabido, pois está inhabilitado para a ter, nem os mais que lá forem o poderemos conseguir excluindo os, pellas sobreditas cauzas.

Nesta praça, com a morte do gouernador Rodrigo de Miranda suçedeu no gouerno o Capitam Mór Bertholameu de Vasconcellos da Cunha. E demais do direito que tinha, assi por seu posto como por sua qualidade e talento, foi necessario ficar elle gouernando: porque com sua eleiçaõ e aceitaçaõ, se atalhou alguã ruina a que daua cauza o ouuidor geral, com andar poucos dias antes da morte do gouernador, paleando uotos, e comprando os com o prouimento dos muitos cargos que deixaua nos que uotassem, e lhe acquirissem uotos para ser gouernador.

(4) Isto é: a maior parte das dignidades.

(5) Os reis de Portugal nunca foram «grão-mestres» da Ordem de Cristo, mas administradores e perpétuos governadores apostólicos.

(6) À margem: Da parte que tocaua á mesa da co/n/sciencia e ordeẽs, se lhe remeteo copia.

E com este fim queria se fizesse eleiçaõ (7) por uotos, dando hũ rol dos que auiaõ de uotar, que eraõ os seus: por pareçer cousa sem preposito, e se conheçer a tenção, ficou frustrado seu intento. E com esta raiua tem feito muitos dezatinos que continua. E esta hé a uerdade neste particular, que V. Magestade sempre achará ser serta por todos os dezentereçados e Religiosos.

O Cappitam Mór gouernador eleito en tudo mostra seu cuidado e zello de açertar, e porque alem de sua capacidade e prudençia concorre nelle a experiençia e noticia destes Reinos, e suas Conquistas, pella asistençia de muitos annos, tem emmendado e preuenido muitas cauzas (8) importantes, que outros gouernadores naõ executaraõ por falta destas noticias, e conhecimento que neste gouerno principalmente hé muito essencial, hé pareçer de todos que se V. Magestade fora seruido prorogarlhe o tempo de gouerno, mereçera este fidalgo en seus acertos esta grande merçê, e ficaraõ as couzas ordenadas de maneira que sem embaraço seruissem despois de guiar aos mais que uiessem gouernar estes Reinos; isto dizem todos, Senhor, e eu acrescento a estas suas partes (9), a excelençia de seu dezenteresse, e pouca ambição, que hé huã exçeiçaõ singular que no mundo raras uezes se acha. //

V. Magestade com seu catholico zello deue ordenar o que for mais conueniente ao bem destes Reinos e suas Conquistas. Guarde Deus a real pessoa de V. Magestade pera gloria da Christandade, e amparo de seus vassallos. //

S. Paulo dAsumpçaõ, Reino de Angola, 14 de majo de 653.

O Doutor Ioaõ Leitão de Aguiar
Deaõ.

AHU — *Angola*, cx. 4 — Original.

(7) No original: aleiçaõ.
(8) Leia-se: couzas.
(9) Qualidades, dotes.

100

ANIVERSÁRIO DA RESTAURAÇÃO DE ANGOLA

(7-6-1653)

SUMÁRIO — *A vereação do Senado de Luanda acorda e assenta que a festa de nossa Senhora da Assunção seja feita pela Câmara, com procissão solene, por ser aniversário da restauração de Angola.*

Aos sette dias do mes de junho de mil seis senttos e sincoenta e tres annos nesta cidade de Sampaulo dAsumpção Reino de Angolla, nas casas da Camara della, estando em vereaçaõ os officiaes da ditta Camara, tratarão do ben comum e de despacharen papeis e petisois e outrosin acordarão e asentarão que a festa da nosa Senhora dAsumpção seria obrigada a Camara a fasella, porquanto era nosa protetora, e a prosisão será feita con toda a solenidade possivil, por se aver restaurado este Reino em seu santo dia, e o general Salvador Correa de Saa e Benavides e a Camara desta Cidade a fazeren e instituiren da dita restauração a esta parte, e a dita prosisão sairá do Convento de S. Joshé e virá á matris, en memoria da merse que nos fes en seu dia nos restaurar, e todos os cidadois serão obrigados acompanhar a dita prosisão, e de tudo mandarão faser este termo de vereação e asento que todos asinarão. Eu Bento Baptista de Perada escrivão da Camara que hescrevi.

aa) Zuzarte / Pegado / Cunha / Medeiros / Soveral / (*outra assinatura ilegivel*).

ARQUIVO DA CÂMARA DE LUANDA — *Registo de Vereações*, liv. 1.º (1649-1667), fl. 77v. — *Boletim Oficial de Angola*, Agosto de 1918, p. 209-210.

101

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(18-8-1653)

SUMÁRIO — *O Conselho remete a el-Rei a carta do Deão da Sé do Congo, na qual trata de assuntos eclesiásticos e da eleição do Governador de Angola — Cartas sobre a eleição do Governador.*

†

Senhor

Da Secretaria de Estado se remetteo a este Conselho a carta incluza do Doutor Joaõ Leitaõ de Aguiar, Dayaõ da See de Congo (1), sem mais ordem de V. Magestade, que o sinal que se vê no canto da primeira lauda, e o sobescritto que vay dentro. E porque (como V. Magestade será seruido mandar uer della) dá o Dayaõ conta particular a V. Magestade de sua chegada a aquelle Reino, e do estado em que achou as cousas do Cabido e sua jurisdiçaõ taõ mal administrada que cauza muitos escrupulos, e por pessoas de que se pode sospeitar inconfidencia, e a primeira por ecclesiastica, e prouimentos de sogeitos clerigos, tocca e pertençe á Meza da Consciencia, como elle mesmo diz. //

E a outra ao Doutor Pero Fernandez Monteiro, se torna e enuiar a V. Magestade a mesma carta originalmente (2), para

---

(1) Estando a Sé vacante recebeu a dignidade de Deão, por carta régia de 17-5-1650. Cf. ATT-*Chancelaria da Ordem de Cristo*, liv. 31, fl. 251.

(2) Este documento não se encontra no AHU.

mandar remetter os pontos referidos adonde toccaõ, ou ordenar o de que mais for seruido.

E porque tambem o dito Dayaõ escreue muito em fauor da elleiçaõ que em Angola se fez de Gouernador, na pessoa de Bertholameu de Vasconselos, cujos procidimentos, limpeza, qualidade, e valor, abona muito, e reproua os sobornos e vottos que o Ouuidor daquelle Reino andou preuenindo para sy antes da morte do Gouernador Rodrigo de Miranda Henriquez, que puderaõ dar cauza a hum roim successo, pois a gente de guerra e do presidio (que hé a que deffende os Reinos) entendendo assy, assistio a quem a gouerna e lhe faz melhor companhia.//

Pareceo ao Conselho e por obrigaçaõ propria sua pedir a V. Magestade, mande ver e considerar o que o ditto Dayaõ escreue e pelas proprias palauras com que o diz. E isto por emquanto se faz e enuia a V. Magestade huã consulta larga que se fica fazendo de todo o succedido, a qual se naõ tem feito athé agora porque cada dia se vaõ recebendo cartas de particulares, e de todas se hade colher e aueriguar a uerdade o melhor que possa ser. //

E acrescenta o Conselho que todas as cartas que se tem recebido dos superiores das Religioẽs, do Clero, e Vigairo geral, dos moradores das Cidades de Loanda e Maçangano, e dos Capitaẽs de Infantaria (3), saõ em fauor da elleiçaõ que se fez em Bertholameu de Vasconsellos, e abonaõ seu valor e modo de proçeder, e que só tres pessoas, que aspi-

(3) Apesar de quase toda a correspondência ser a favor da eleição e confirmação régia da mesma, el-Rei não a confirmou. Um facto grave era talvez desconhecido dos que se encontravam longe de Luanda, e em todo o caso ocultado a el-Rei pela facção pró Capitão-mór: o motim da soldadesca contra «a beca», de certo provocado por quem a comandava, pois ninguém o reprimiu.

rauaõ ao mesmo Gouerno, (em que entra o Ouuidor geral) se mostraõ descontentes da elleiçaõ, e escreuẽ contra ella. //

Em Lisboa, a 18 de Agosto de 653.

a) O Conde de Odemjra *a)* Diogo Lobo Pereira.

Foi uoto. Saluador Correa de Saa

[*Despacho à margem*]: Á Mesa da Conciencia mando remeter o que lhe toca, e sobre as cousas d'Angola espero a Consulta. Lisboa, 27 d'Agosto de 653.

[*Rubrica de el-Rei*]

AHU — *Angola*, cx. 4 — Cód. 15, fl. 60.

102

CARTA DO PADRE SERAFIM DE CORTONA AO PADRE PROVINCIAL DA TOSCANA

(4-9-1653)

SUMÁRIO — *Comunica o envio de uma Relação dos Ritos e Cerimónias gentílicas do Congo — Notícias do falecimento de alguns missionários Capuchinhos.*

Molto Reuerendo Padre nel Signore Osseruandissimo.
Salute.

La pace del Signore sia con V.P.M.R., e con tutti gli altri Religiosi della Prouincia. Partendo da questo porto d'Angola (1) una naue per l'Indie Occidentali, non hò voluto perdere questa occasione di riuerirla, insieme con gli altri Padri e Religiosi della Prouincia; e perche con questa opportunità mando al Procuratore Generale una Relazione di quanto è successo quest'anno presente 1653, di che hò potuto hauer notizia, passando gli anni interi senza poter hauere nuoua di alcuni Compagni, si per la distanza, come per non vi esser commercio, nè communicazione. //

Viene anco qui congiunta una Relazione di tutti i Riti, e Cerimonie superstiziose, che fin'adesso habbiamo potuto scoprire nel Regno di Congo, nelle quali hò speso non poco trauaglio; e perche la scarsezza del tempo non mi hà permesso farne più d'una copia, per le continue occupazioni, le rimetto si la lettera del P. Procuratore, come la detta Relazione aperta, acciò parendole bene copiare si l'una come l'altra, e comunicarle a gli altri Religiosi, lo possa fare, e con la medesima occasione salutarli tutti da mia parte, e raccomandarmi alle loro orazioni, acciò Nostro Signore m'assista con la sua diuina grazia.

---

(1) Luanda, donde é escrita a presente carta.

Io mi ritrouo in grandissima afflizione, perche essendo stato già tre anni solo in questa Città, et hauendo patiti infiniti trauagli, e persecuzioni, di che solo Iddio ne puol'essere testimonio, Nostro Signore nel fine di essi mi volle consolare, venendo a star quà in mia compagnia il P. Gianuario da Nola, soggetto di tante lettere, e santità; ma la consolazione è durata poco; perche non hauendo ancora finito undeci mesi dopo il suo arriuo, passò da questa all'altra vita con gran fama di santità, hauendomi lasciato un altra volta solo in un mare di tristezza e di trauagli. Del tutto sia ringraziato il Signore, che dispone tutte le cose con altissima Prouidenza, alla cui Diuina Volontà in tutto e per tutto io mi conformo. //

Nel tempo che stauo scriuendo questa, riceuei lettere di Congo, colla nuoua della morte del P. Francisco de Veias della Prouincia di Castiglia, predicatore feruentissimo, e gran religioso, nel quale hà fatto questa Missione una gran perdita: di sorte che in un mese sono morti due de' migliori soggetti. Iddio sà quello che fà, la volontà del quale hà da esser regola del nostro volere. I Religiosi della Prouincia, che quà stanno, il P. Bernardo da Cutigliano intendo che sia partito da Matari, doue è stato alcun tempo, et hora si troua in Sundi: il P. Francesco Maria da Volterra stà in Mucato; il P. Lodouico da Pistoia staua in Bamba; intendo che partì già per Congo. Sono molti mesi che da essi non hò riceuuto lettere. Altro particolare non tengo che aggiungere, se non riuerirla di nuouo, e farle istanza del soccorro delle sue sante orazioni, e sacrificij. //

Angola, 4 Settembre 1653.

Affettuosissimo Fratello, e Seruo nel Signore

F. Serafino da Cortona //
Capucino Indegno.

ARQUIVO DE MONTUGHI (Florença) — *Raggvagli del Congo*, p. 138-140.

103

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(6-9-1653)

SUMÁRIO — *Manda acudir com missionários à Ilha de S. Tomé, a pedido do Governador local, ainda que Capuchinos franceses.*

Viraõse neste Conselho duas cartas de Christouaõ de Barros Rego, gouernador da Jlha de Saõ Thomé, de 5 de Feuereiro e de 28 de Mayo passados, nas quais, entre outras couzas, diz a V. Magestade que despois que chegou áquella Jlha fallecerаõ dous Clerigos e dous Capuchos dos que leuou em sua companhia, e outro, que hé o padre Frey Miguel, padeceo tantas enfermidades por discurso de noue mezes, que apenas podia dizer Missa, e crecerаõ de maneira que se rezolueo a se embarcar para este Reino, o que lhe conçedeo com grande dor e sentimento seu, pello fructo que de sua doutrina e assistençia podia rezultar áquelle pouo, que tanto necessita de quem o ensine, e lhe acuda com o remedio spiritual, que por naõ hauer aly sacerdotes, ficaõ sem confissaõ infinitas almas, a que V. Magestade como Rey taõ Catolico deue mandar acodir e remedear taõ grande falta, com lhes enuiar alguns saçerdotes. //

E que o sogeito que lhes ouuer de assistir seja muito exemplar, dezentereçado e zelozo do seruiço de Deos, para que trate de emmendar os que tiuerem disso necessidade, e de acodir ao fim a que V. Magestade o enuia, porque sem estes requezitos, seruirá sua hida de mayor dano. E que tambem caresse aquella terra de quem ensine latim e alguã arte mais aos filhos della, para que possaõ com isso suprir em alguãs faltas.

Ao Conselho pareceo dar logo conta a V. Magestade do que escreueo o gouernador de Saõ Thomé, sobre o ponto principal e mais da obrigaçaõ de V. Magestade, que hé a propagaçaõ

da fee nas Conquistas, e saluaçaõ dos vassallos que V. Magestade nella tem, e pedir a V. Magestade com todo o encarecimento, se sirua por donde toca, que hé a Meza da Consciencia, e com a comunicaçaõ do Bispo Capellaõ Mor, mandar prouer a Saõ Thomé de Clerigos bastantes, dignidades e micionarios; e ainda de quem possa ensinar gramatica, como pede o gouernador. E que no cazo de naõ hauer bastantes menistros do Euangelho portuguezes, premita V. Magestade que uaõ Capuchinhos françezes, que saõ muy proueitozos e de uida exemplar, com tanto que se embarquem nesta Cidade, com liçença e premissaõ de V. Magestade. //

Lisboa, 6 de Setembro de 653. //

O Conde / Saa / Vasconcellos / Pereira.

AHU — Cód. 15, fl. 65.

104

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(10-9-1653)

SUMÁRIO — *Pagamento das ordinárias ao Clero de S. Tomé — Que o Conselho da Fazenda procure fazer o contrato de S. Tomé.*

Christouão de Barros Rego, Gouernador da Ilha de São Thomé escreue a V. Magestade, em carta de 5 de Feuereiro passado, que do que rezultou das fazendas que achou naquella Ilha, de alguũs almoxarifes que não derão boas contas, satisfes aos Conegos parte do que se lhes deuia de seus ordenados; e que tendo lhes offereçido dous quarteis (1) em açucar e ametade em dinheiro, depois de preçederem varias replicas, dizendo que sempre se lhes pagara seus ordenados em dinheiro, e não em açucar, mas que isto fora quando aquella Ilha estaua contratada, e que agora, pois V. Magestade cobraua os disimos (2) em açucar, os deuião elles tambem cobrar na mesma espeçie; e que folgaria elle Gouernador saber a forma em que se hade hir satisfazendo áquelles Clerigos suas ordinarias, porque a dinheiro o tem por impossiuel, e se lhes hade acodir tambem com os atrazados, ou com o que forem vençendo de prezente.

Ao Conselho pareçe que V. Magestade deue ser seruido de mandar que pello Conselho da fazenda se procure contratar

---

(1) O quartel era a quarta parte, aqui da ordinária, e também os períodos em que estava dividido o pagamento.

(2) O dízimo era a décima parte e é também conhecido por «décima». Era a contribuição que se pagava à Igreja e consistia na décima parte dos frutos colhidos. Quem recebia os dízimos era o governo, mas para serem empregados no sustento do culto divino e seus ministros.

Sam Thomé, fazendo se por isto todas as diligençias possiueis, porquanto de se effectuar rezulta o remedio de tudo, o que o Gouernador reprezenta de necessidades e pagamentos retardados ao Clero e mais ministros seculares. //

Em Lisboa, a 10 de Setembro de 653. //

O Conde / Vasconcellos / Pereira

[*À margem*]: Assj se ordena ao Conselho da fazenda.
Lisboa, 13 de Setembro de 653. //

Rej.

AHU — Cód. 15, fls. 65v.-66.

105

CARTA RÉGIA AO CABIDO BRACARENSE

(11-9-1653)

SUMÁRIO — *Ordena que sejam enviados ao tesoureiro-mor dos Três Estados, os dois mil cruzados destinados à despesa com os missionários religiosos enviados às Conquistas.*

†

Deaõ, Dignidades, Conegos, Cabbido da Cidade de Braga sé uagante (1). Eu ElRey uos enuio muito saudar. Per cartas de 5 de feuereiro e 2 de setembro do anno passado de 652 e per outra de 29 de janeiro deste presente (2), uos encarreguey o muito que conuinha a meu seruiço enuiardes a esta corte os mil ++.os [cruzados] que em cada hũ dos ditos dous annos coube a esse Arcebispado na repartiçaõ dos cinco mil ++.os da quarta parte das pensoẽs dos Bispados uagos, que costumo repartir por as pessoas particulares que se prouem, pera despenderem com os Religiosos Missionaryos que foraõ os ditos dous annos, e haõ de ir nos seguintes ás Conquistas deste Reino pregar o santo euangelho e propagar nellas a fé, a qual contia se auia de separar do mais dinheiro com que esse Cabbido concorre pera a deffensa do mesmo Reino e uir na mesma forma a entregar ao thesoureiro mor dos tres estados, pera se naõ tirar do Assento, como se auia feito o primeiro anno. //

---

(1) A sé estava vaga por falecimento de D. Sebastião de Matos Noronha em 1641, e só terá partor em 1670 com D. Veríssimo Lencastre.

(2) Infelizmente nenhum destes documentos se encontra arquivado, devendo, talvez, considerar-se perdidos. Vid. documento de 23-1-1652.

E porque tratandosse agora de mandar Missionaryos pera o Maranhaõ e outras Conquistas na frota que parte pera os estados do Brazil, e na embarcaçaõ que uay pera as partes da India, fuy informado que ategora naõ tinha uindo desse Arcebispado dinheiro algũ desta calidade e separaçaõ dos dous annos que saõ corrydos, naõ posso deyxar de estranhar a remissaõ (3), sendo este negocio de tanta importancia pello seruiço que nelle se faz a Deus. //

E portanto vos encomendo e encarrego muito que logo que esta receberdes façaẽs remeter com summa breuidade os dous mil ++.os que importaõ os ditos dous annos uencidos, ao thesoureiro mor dos tres estados, seguindo em tudo as ordens que pellas cartas refferidas se enuiaraõ a esse Cabbido, pera que nestas embarcaçoẽs que partiraõ até 15 de outubro, se possaõ mandar os Missionaryos, e de assy o executardes me auerey por bem seruido. //

Escripta em Lisboa a 11 de Setembro de 653.

a) Rey . . . .

a) Sebastiaõ Cesar de Meneses.

Para o Cabbido de Braga.

+

[*Endereço*]: Por ElRey

Ao Deaõ Dignidades Conegos Cabbido da Cidade de Braga Primás Sé Vagante.

ADB — *Cartas*, tom. 4, doc. n.º 146.

---

(3) Descuido.

106

CARTA RÉGIA AO GOVERNADOR DE ANGOLA

(16-9-1653)

SUMÁRIO — *Condições em que era lícito ao Governador fazer guerra ao gentio de Angola, sem atropelar as leis da consciência.*

Luis Martinz de Sousa Chichorro, &.ª. O Ouuidor geral do Reino de Angolla (que hides gouernar) me deu conta particular da cauza de que proçede hauer de prezente nelle taõ poucos escrauos, sendo o vnico cabedal de seus moradores, apontando que para os hauer, deuia eu mandar fazer guerra a ElRey de Congo, á Rainha Ginga, e á Prouincia de Quissama, todos perseguidores dos souas meus vassallos, por terem comerçio com os Portuguezes, e que este çessaria totalmente, se eu naõ defendesse com minhas armas os vassallos e amigos, e castigasse aos inimigos (1).

E hauendo mandado uer e considerar as razoẽs da dita carta, com a atençaõ que requere materia taõ graue, e taõ chea de escrupulos (2), me pareçeo dizeruos, que a estes inimigos tenho perdoado os agrauos e guerra que athé á recuperaçaõ desse Reino tinhaõ feito contra minhas armas, vnindose com os olandezes, e fazendo a a meus vassallos em sua companhia. E que assy, sem darem nouas cauzas, e serem muy justificadas, se naõ deue com razaõ romper com elles, nem catiuallos, attropelando nisso as leis da natureza, couza muy estranhada dos Summos Pontifiçes, e dos Reis destes Reinos. //

---

(1) Cfr. documento de 14-12-1652, n.º 79.

(2) Remorsos, hesitações de consciência.

Mas que no cazo que cometaõ nouas culpas, perseguindo ou damneficando a meus vassallos Portuguezes, ou Gentios, ou impedindo o comerçio que os souas quizerem ter com elles, ou fauoreçendo os inimigos de minha Coroa, ou prohibirem a pregaçaõ do Sagrado Euangelho, sendo estas cauzas verdadeiras, justificadas e naõ affectadas, podereis fazer guerra aos ditos inimigos, sempre com grande consideraçaõ e cautella, medindo vossas forças com as suas, e naõ vos empenhando nunca no çertaõ, de maneira que deixeis enfraqueçida essa praça, e exposta a huã inuazaõ dos inimigos, que tanto a apeteçem. E o comprimento desta rezoluçaõ, vos hey por muy encarregado, como couza de tanto seruiço de Deus, e meu, bem e conseruaçaõ desse Reino. E do que fordes fazendo me hireis dando conta particular, com toda a clareza, e distinçaõ. //

Escrita em Lisboa, a 16 de Setembro de 653. //

Rey.

AHU — Cód. 275, fl. 228v.

107

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(16-9-1653)

SUMÁRIO — *Propostas para o cargo de Administrador da Infantaria e Capelão-mor do Presídio de Angola — Parece ao Conselho se extinga o posto de Administrador da Infantaria, mantendo-se o de Capelão-mor, mais necessário que no Brasil.*

†

Senhor

Por frey Ioaõ da Piedade, Religioso da 3.ª Ordem de saõ Francisco, se hauer auzentado do Reino de Angola, onde se diz que seruia de Admnistrador da Infantaria, e Capellão mor do presidio, fizeraõ petiçoẽs em que pede[m] o mesmo cargo: o Licenciado Ioaõ Soares de Bulhoẽs, sacerdote de missa, e pelos papeis que presentou, consta acharse em Roma, no encontro que o Embaxador de V. Magestade o Bispo de Lamego, teue com o de Castella; e embarcarse no anno de 644, por Capelaõ de huã fragata da armada da Costa, e no de 45, por Capelaõ de hũ nauio que foj de auiso á India, donde voltou por Capellaõ mor das naos do anno de 648, e no de 649 hir por Capelaõ mor da armada da Companhia geral ao Brazil e o mesmo fez no de 651, sempre com bons procedimentos e tambem allega ser pessoa de qualidade.

E o Licenciado Miguel de Araujo, que allega e mostra por papeis, hauer seruido a V. Magestade no mesmo Reino de Angola, oito annos de soldado, sendo secular, achandosse com o Gouernador Pero Cezar, na perda daquelle Reino, resistencias, e offensas que se fizeraõ aos Olandeses, procedendo sempre como bom e velente soldado, e zelozo do seruiço de V. Magestade, e que des-

pois de sacerdote, procedeo com bom exemplo de vida e custumes, como hé muy notorio.

Ao Conselho pareceo dizer a V. Magestade que mais necessario hé conseruarse em Angola Capelaõ mor do presidio que aly serue, do que no Brazil, porquanto sahe muitas uezes á guerra do certaõ, donde lhe hé necessario sacerdote e cura que lhe administre os sacramentos, e que pela boa informaçaõ que se tem da virtude e partes do Licenciado Miguel de Araujo, que seruio naquelle Reino sendo secular, com valor, e despois de Clerigo cõ bom exemplo, a elle deue V. Magestade fazer merçê da Capelania mor da Infantaria de Angola, com o meo soldo somente, que se paga aos Capellaẽs mores dos terços do Brazil, que se tem por bastante, a respeito do que se custuma pagar aos soldados.

Saluador Correa de Saa e Benauides, hé do mesmo parecer, e acrescenta, que o soldo de des mil reis por mez, signalado aos Capellaẽs mores dos terços, se deue pagar por inteiro ao Licenciado Miguel de Araujo, por a terra ser muy cara, e a elle muy necessario ter de que se sustente com authoridade. E tambẽ parece ao Conselho que o titulo de Administrador da Infantaria se deue extinguir, por naõ ser necessario em terra a donde há Misericordia e Hospital.

Em Lisboa a 16 de Setembro de 653.

aa) O Conde de Odemira // Fr.^{oo} de Uascõçellos da Cunha //

Foraõ uotos o Doutor Diogo Lobo Pereira e Saluador Correa de Saa.

[*Despacho à margem*]: Como parece. Lisboa 18 de Setembro de 653./

[*Rubrica régia*]

AHU — *Angola*, cx. 4. — Cód. 15, fls. 68v-69.

108

CARTA RÉGIA AO CABIDO BRACARENSE

(9-10-1653)

SUMÁRIO — *Insta com o Cabido para que este envie com toda a prontidão os dois mil cruzados em que o Arcebispado fora taxado para socorro das missões ultramarinas.*

†

Deaõ, Dignidades, Conegos, Cabbido da Cidade de Braga Primás sé uagante. Eu ElRey uos enuio muito saudar. Hauendo visto o que me escreuestes per carta de 25 do mes passado (1), em re[s]posta de outra minha de 11 do dito mes, acerca dos dous mil ++.os [cruzados] que uos encarreguey fizesseis enuiar logo a esta corte, do procedido das rendas desse Arcebispado, dos dous annos atrazados, pera o apresto dos Religiosos Missionaryos que foraõ ás Conquistas deste Reino, pregar o santo euangelho e propagar nellas a fé. Pareceome dizeruos que esta obra hé taõ pia e tanto do seruiço de Deus nosso Senhor, que deue preceder todas as mais. E assy uos encomendo que do rendimento que for cayndo deste anno, se uaõ separando os ditos dous mil ++.os dos dous annos refferidos, e que seja de maneira que se possaõ com elles mandar os Missionaryos pera conseruaçaõ de nossa santa fé, de que tanto se necessita na Christandade daquellas partes, pella falta que tem de Prelados (2). E em todo o caso uyrá o dinheiro, e assy o espero de uós pello zelo e prompti-

(1) Não se encontra no ADB este documento do Cabido.

(2) Depois da independência de Portugal em 1640 até 1670 não houve confirmação pontifícia de novos Prelados, em todos os territórios portugueses.

daõ com que acodis a tudo o que se uos encarrega de meu seruiço. //

Escripta em Lisboa a 9 de octubro de 653.

a) Rey . . . ~

a) Sebastião Cesar de Meneses.

Para o Cabbido de Braga.

+

[*Endereço*]: Por ElRey.

Ao Deaõ Dignidades Conegos Cabbido da Cidade de Braga Primás sé uagante.

ADB — *Cartas*, tom. 4, documento n.º 147.

109

CARTA DO PADRE JERÓNIMO DE MONTESARCHIO AOS CARDEAIS DA PROPAGANDA FIDE

(13-10-1653)

SUMÁRIO — *Acerca da missão ao Reino de Macoco — Dificuldades específicas daquela projectada expedição apostólica.*

Jesus Maria

Eminentissimi Reuerendissimi Padri

Per la presente la fò consapeuole come trouandomi Missionario nel Regno di Congo e Vice Prefetto della Prouincia de Sundi et altre Prouincie, mentre qui sono contiguo al Regno di Mucoco, Regno molto uasto di gente, però ferocissima, che mangia carne humana. Dal M. R. P. Gianuario di Nola, Prefetto in quel tempo, mi fù imposto che uedesse di poter passare in quel Regno, à seminare il seme euangelico. Ma mentre io staua in procinto di partir per quella uolta, mentre uenne auiso che era gionto in Loanda il M. R. P. Giacinto di Vetralla per Prefetto di questa Missione, dal sopradetto M. R. P. Gianuario di Nola di nuouo mi fù imposto che andasse ne' confini ad esplorar che cosa si poteua fare, e nõ passasse senza altro ordine. //

Fuì per quella uolta, e mentre gionsi uicino al fiume Zaire, tenni nuoua che in una Isola grandissima, che fà quel fiume, habitaua un Rè piccolo detto Concobela, Rè dell'acqua; à questo inuiai alcuni presenti di nostre cose di Europa, acciò lui dasse passaggio à due huomini che io inuiaua al Rè di Mucoco; da lui furno riceuuti cortesissimamente gli huomini; nõ inuiò però gli huomini al Rè di Mucoco, tenendo animo di abboccarsi prima

cõ me; nella sua Città si trouò in quel tempo un figlio del sopradetto Rè di Mucoco, il quale hauendo saputo che io era per passare al suo Regno, disse che si ciò fusse stato il Rè suo padre saria uenuto sino a confini a riceuermi per il gran desiderio che teneua de Sacerdoti. Gli huomini però che inuiai, benche fussero stati riceuuti cortesemente, perche in quella Città, uiddero cucinar la carne humana nel pignato, hauendoli un oltra uolta uoluto inuiar con nuoua imbasciata, per niun modo uolsero andare; et uolendo andar io in persona, nõ mi uolsero accompagnare; e si per questo come anco perche nõ teneuo licenza di passar del tutto, per nõ metter il mondo in rumore, principalmente essendo assai sospetta la gente di questo Regno che si passi, giudicai bene nõ farui altro per all'hora. //

Il Rè Concobela, hauendo saputo il mio ritorno m'inuiò imbasciata che andasse atteso teneua gran desiderio di me; essendo gionto nella Città di Congo il M. R. P. Giacinto da Vetralla, Prefetto, lo feci cõsapeuole de tutto; mi rispose che nõ mi poteua inuiare, atteso essendo stata concessa licenza dalle Signorie loro Eminentissime di poter passar due Missionarij de Congo in Regni conuicini, già li due erano stati destinati per Mazzangano, et oltre di ciò teneua scarsezza di Missionarij.

Faccio di ciò consapeuole le Signorie loro Eminentissime, atteso se mi uenirà da esse licenza di passare al sopradetto Regno di Mucoco, passarò cõ animo prontissimo; se io muoro poco è la perdenza; già più uolte in questo Regno ancora mi sono trouato in procinto di esser ammazzato per la fede; douendosi à passare sono necessarie cose di honore di Europa, come cose di seta, e coralli et altro, atteso andando in altra maniera mal uolentieri si è riceuuto; è necessario ancora andar con gente che sij suddita e nõ aliena; e però è necessario farsi comprar li schiaui da deuoti, applicandosi il dominio alla Sacra Congregatione. Se in questo le Signorie loro Eminentissime possono dar auito di costà buono e caso che nõ si può basta darmi di ciò licenza et ampia facoltà, quanta si conuiene à tanto negotio,

et anco di poter passar ad altri Regni quando si uedesse la porta aperta; delle cose della Missione io nõ scriuo alle Signorie loro Eminentissime, rimettendomi à quello scriue il M. R. P. Prefetto; se pure l'agrada il mio auiso, già inuio un ampio trattato di questo Regno al M. R. P. Prouinciale della Prouincia di Napoli, e le fò consapeuole solo come hò battezzato in questo Regno frà grandi e piccoli e uecchi 41524. //

Se le Signorie loro Eminentissime uonno che uada, ò mi dijno licenza che mi pigli un compagno delli Missionarij che sono qui, ouero inuijno obedienza ad un mio fratello della Prouincia di Napoli, detto frat' Antonio de Montesarchio. Ma il megliore saria che uenisse il sudetto atteso quello che è qui e tiene uolontà può esser che auanti che uenghi la licenza muoia, morendo in questo Regno quantità grande di Missionarij. Per fine humillissimamente riuerisco le Signorie loro Eminentissime, baciandogli i piedi e raccomandandomi alle loro sante orationi. //

Dalla Città de Sundi, li 13 di Ottobre 1653.

Delle Signorie loro Eminentissime e Reuerendissime

Humilissimo seruo

Frà Geronimo da Montesarchio //
Capuccino

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 271-271v e 287.

110

BREVE PONTIFÍCIO A FR. SERAFIM DE CORTONA

(15-11-1653)

SUMÁRIO — *O Padre Serafim de Cortona é constituído Prefeito da missão do Reino da Rainha Jinga, com faculdade de nomear um Vice-Prefeito e de lhe comunicar as suas faculdades e funções.*

A titulo Sanctissimae Trinitatis in Monte Pincio S. R. E. Cardinalis Antonius, S. Congregationis de Propaganda Fide Praefectus.

Dilecto Nobis in Christo Fratri Seraphino Vagnuccio, Concionatori Capuccino a Cortona, Capuccinorum Missionum ad partes Reginae Singhae subiectas Praefecto.

Sanctissimus in Christo Pater, et Dominus Noster Dominus Innocentius, Diuina Prouidentia Papa Decimus, omnium hominum saluti pro suo Apostolico munere prouidere cupiens, te Fratrem Seraphim Vagnuccium a Cortona, Concionatorem Ordinis Capuccionorum Sancti Francisci ad partes Reginae Singhae subiectas mittere decreuit, et mittit, ut cum facultatibus tibi per alias litteras concedendis, Euangelium Domini Nostri Jesu Christi annuncies, et gentes illas doceas seruare quaecumque Sancta Mater Ecclesia Catholica et Apostolica Romana praecipit, et mandat, et praesertim, ut judicium uniuersale eisdem contesteris. //

Tu itaque rei magnitudinem, et Apostolici muneris tibi commissi grauitatem serio perpendens, in primis caue ne ad gentilium conciones, aut ritus quoslibet quouis praetextu accedas, nisi causa confutandi, et quando moraliter eosdem ministros seu pseudosacerdotes conuincere, aut aliquo modo animas lucrari poteris. Deinde omnem adhibe curam, ut ministerium tuum

digne, fideliter, et laudabiliter etiam cum sanguinis effusione ac morte ipsa, si opus fuerit, impleas, ut immarcescibilem coronam a Patre luminum recipere merearis. Impertiendam tibi auctoritatem eligendi unum V. Praefectum, eique proprias communicandi facultates, es vices. //

Datum Romae, die quintadecima Nouembris 1653. Pontificatus eiusdem Sanctissimi Domini Nostri Anno Decimo.

ARQUIVO DE MONTUGHI (Florença) — *Raggvagli del Congo*, p. 160-161.

111

CARTA DO PAPA INOCÊNCIO X AO REI DO CONGO D. GARCIA II

(22-11-1653)

SUMÁRIO — *Recomenda ao Rei do Congo Frei António Romano e seus numerosos companheiros, pedindo-lhe e exortando-o que os auxilie na sua vida apostólica.*

Innocentius Papa X. //

Charissimo in Christo filio nostro Garziae, regi Congi, etc., salutem et apostolicam benedictionem.

Nescit charitas Christi marium fines limitesve terrarum, imo elatus super aquas spiritus Domini, cujus palpebrae interrogant filios hominum, posuit nos speculatores domui suae in lucem gentium, ut sit salus ejus usque ad extremum terrae, atque ideo urget acrius sollicitudinem nostram, ut ad dissitas quantumvis orbis plagas vigilis curae oculos, manusque tendentes, et sanctae fidei propagationi et fidelium quoque omnium indigentiis consulamus.

Cum igitur, quae catholicae religionis semina jecit isthic jampridem dextera Omnipotentis, maximum quoque apostolici operis cultum exigant, quo verbo virtutis Dei foecunde nutriantur ad fructum vitae, novis itidem operariis augendum in regno isto duximus agrum Domini, ne vel teneri adhuc et faciles rami inimici hominis vi ac fraude in obliqua cogantur, vel ad rorem gratiae superabundantis vix dum erumpentes segetum culmi urantur hyeme intempestiva, aut iniqui syderis afflatu corrupti labores et spem villici fallant, ac sterili eventu fraudent messem Dei sanctam. Haec vero, ne hactenus provinciae uti metue-

rimus, opportune fecit summa pietas ac religio tua, quae sacrorum hominum documenta suo exemplo antevertens, regia virtute viam fecit institutioni populorum atque eximio in rem catholicam studio, sic fovit agricolas, bonum semen seminantes, ut manus tuae ope exurgens videamus istic germen Domini in magnificentia et fructum terrae sublimem, ac plane deserta in ubertatem versa advenae comedant.

Quae cum pontificiam mentem provocent ad studia opera alacrioris, mittimus fratrem Antonium Romanum, cum pluribus ordinis capucinorum sociis, probatae integritatis ac famae viris, qui istic apostolici muneris nostri conatibus adlaborent, eos autem a te et humanissime habendos e pro viribus juvandos etiam confidimus, ut, quod eorum custodia septum, ac sacris rigatum sudoribus fuerit, plena Spiritus Sancti virtute crescat in augmentum Dei. Percepimus siquidem cum ingenti apostolicae laetitiae jucunditate, te domus Domini decorem regiae majestatis praeferentem, in eo totum versari, ut sanctae fidei incremento ac securitati prospicias. Quod magnum enim vero sedulitatis nostrae solatium divinae bonitati referimus, cui cum fragrantissimis precibus institerimus, ut providentiae nostrae pennas daret sicut columbae, quo istuc ad rem christianam publicam asserendam tuendamque convolaret, placuit zelum nostrum impleri pietate ac solertia tua.

Hac sane, charissime fili noster, meritorum tuorum accessione tenerrimi erga te sensus excitantur benevolentiae nostrae, ut quidquid ad regni aut domus tuae rationes spectet, vehementi paternae voluntatis amore complectamur. Sed majora te manent supernae munera largitatis a Domino, qui permanentes in spe ac fide evangelii, ereptos de potestate tenebrarum, transfert in regnum filiorum dilectionis suae. Quinimo si pergas eidem obsequi constanter, ac illa qua regem decet probitate, retribuet Altissimus thesauros absconditos, et quam tuo capiti imposuit galeam salutis, in regno omnium saeculorum multiplici gloriae

corona cumulabit. (1) Quod ut fiat, precibus quidem nostris a Domino flagitabimus, imo et futurum tibi in verbo ejus, cujus verba aeternum manent, jam nunc pollicemur.

Interim majestati tuae et conjugi, regiae pietatis consorti, liberisque ad parentum imitationem egregie adolescentibus (1), ac regno isti universo, quod paterne diligimus, apostolicam benedictionem amantissime impertimur.

Datum Romae apud Sanctam Mariam Majorem, sub annulo piscatoris, die XXII novembris MDCLIII, pontificatus nostri anno decimo.

AV — *Epistolae ad Principes*, vol. 59, fls. 38v-40. — MICHAEL A TUGIO — *Bullarium Capucinorum*, Romae, 1752, VII, p. 199.

---

(1) Pelo que se sabe da verdadeira prática cristã de Garcia II, o Papa estava pouco objectivamente informado, decerto pelos embaixadores que a Roma enviara, os Padres Ângelo de Valência e João Francisco Romano. A vida do pai em nada se recomendava para modelo dos filhos.

112

CARTA DA PROPAGANDA FIDE AO NÚNCIO EM MADRID

(1653)

SUMÁRIO — *Pede ao Núncio que use de seus bons ofícios a favor da nova missão de Capuchinhos italianos, a caminho do Congo, Macoco e terras da rainha Jinga — Que intervenha pessoalmente para que os missionários sejam bem recebidos em Espanha.*

Ill.mo e Reu.mo Signore

Facendo gran progresso la Cattolica Religione, per opera de Missionarij Cappuccini nel Congo, e Regni aggiacenti, hà pensato prouidamente la Sacra Congregatione de Propaganda Fide d'inuiare de nuouo altri soggetti della medesima Religione, à quella uolta, per stabilirui almeno due altre missioni. Una nel Regno del Mococho (1), e l'altra in quello della Regina Singha.

Il conduttore e Superiore delli sodetti nuoui Missionarij è il Padre frat' Antonio da Gaeta Romano (2), persona nobilissima, di gran bontà e de molto spirito, prudenza e destrezza, et hà seco altri tredeci compagni del suo Ordine.

Per diuersi giusti titoli, è stato risoluto d'inuiarli per la uia di Spagna, hauendo la Sacra Congregatione sperimentata più uolte in simili occasioni la gran pietà e zelo di S. Maestà Catto-

---

(1) Aparece ora grafado Macoco ora Mococo e Micoco.

(2) Frei António de Gaeta, no século Emílio Laudati, era duque de Marzano e cavaleiro de Malta, tendo professado nos Capuchinhos de Nápoles em 9-1-1632. Por ser súbdito de Espanha e para fugir à vigilância portuguesa, alterou o nome para António Caetano Romano. Chegou a Luanda em 11-11-1654, chefiando a expedição missionária de 15-11-1653.

lica, che religiosamente hà fauorita l'opera della propagatione della uera fede, con far prouedere subito i Missionarij Apostolici d'imbarco e di uiatico.

Con speranza dunque d'hauer à godere gl'istessi fauori e gratie, sono già passati tutti i sodetti buoni Religiosi alla quella uolta, con ordine di fermarsi, quando saranno arriuati là, à alcuno de i porti più commodi alla nauigatione che doueranno fare. Et il Prefetto dourà portarsi à Madrid per ottener iui le sue speditioni da S. Maestà Cattolica, e dalli di lui Ministri Supremi.

Hauerà questo bisogno dell'aiuto e fauore di V. S. Ill.ma, perche sebene la gran bontà del Rè, sperimentata tante altre uolte, come si è detto, darà gl'ordini necessarij per la speditione de Missionarij, nondimeno la larghezza connaturale di quella Corte, potrebbe essere che trattenesse l'essecutione della uolontà regia; il che non può succedere se non con gran danno spirituale di quei popoli, che come nouelli christiani, aspettano con anzietà inesplicabile l'aiuto de Missionarij.

Per il buon seruizio dunque di Dio, in benefizio della Religione Cattolica, uien pregata V. S. Ill.ma à uoler fauorire il sopradetto P. F. Antonio, Superiore di detti Religiosi, affin che ottenga le solite grazie con presta spedizione.

V. S. Ill.ma rappresentarà à S. M. et à suoi più principali Ministri che merita gran reflessione, e molto grata corrispondenza la risolutione presa di inuiare un numero considerabile de nuoui Missionarij per la Spagna; essendosi potuti mandare per altre strade, che forse non sarebero state nè grate nè utili alla Maestà Cattolica, et alli di lei interessi, come per la uia di Portugallo (3).

Ricorrerà per tanto il Padre sodetto al Patrocinio e fauore di V. S. Ill.ma, la quale potrá animarlo, accarezzarlo, fauorirle et

---

(3) Se podia enviar os missionários por Portugal, como confessa expressamente, por que não o fez? Talvez por gentileza para com Portugal...

aiutarlo, anche in tutte le altre occorrenze; e particolarmente in ciò che potesse bisognarli con i Superiori Prouinciali della Religione, li quali non molto uolontieri sogliono riceuere i forastieri; e molto meno comportano che i soli Italiani uadino alle sodette missioni; mà cosí richiede la congiuntura de presenti tempi.//

E douendo in ciò restar capaci; mà quando in alcuna maniera si opponessero, e tentassero di impedire l'essecutione dell'opera, V. S. Ill.ma si uaglia della sua autorità, e li faccia obbedire puntualmente.

E per esseguir meglio l'ordini e la uolontà della Sacra Congregatione, potrà V. S. Ill.ma farsi conferire dal P. F. Antonio sodetto le sue instruttioni, faccoltà e priuilegi, secondo i quali dourà essere regolato sempre il negotio; di resto si rimette alla singolar prudenza di V. S. Ill.ma la dispositione di quel più che potesse occorrere.

[*No verso*]: Propaganda Fide. / Ricordo et auuiso à Monsignor de Massimi, nuouo Nuntio Apostolico di Spagna, per seruitio delle Missioni de i Regni del Congo, di Mococho, e della Regina Singla. 1653.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 279-280v.

113

CARTA DO PADRE BOAVENTURA DE SORRENTO AO PAPA INOCÊNCIO X

(1653)

SUMÁRIO — *Pede instantemente a nomeação de um Bispo para o Congo, em nome de toda aquela Cristandade.*

Beatissimo Padre

Frà Bonauentura de Sorrẽto, Missionario Capuccino, essendo nell'anno santo fù inuiato dal Rè di Congo à Roma, per procurar con lettere e con parole il bene spirituale di quella Christianità; prostrato alli piedi de V. Beatitudine in spirito, con ogni humiltà e reuerenza gl'espone essendole stato negato il passo dal Congo per Portugallo, è andato alli porti di Spagna per trouar imbarco, e passar al Congo cõ la resposta de V. Beatitudine e per dispositione diuina hà trouato non solamente una naue, che partirà frà due mesi, ma si stanno apparechiando altre, per partire frà 4 e frà 6 mesi. //

Onde ricordandosi dell'estrema necessità che tiene la Christianità di Congo, di Vescouo, e dell'affetto et amore ch'hà mõstrato V. Beatitudine et anco l'Eminentissimi della Sacra Congregatione de Propaganda Fide, hauẽdo già nominato un Vescouo, ch'era nõ sò chi Prete, supplica V. Beatitudine, in nome di tutte quell'anime di Congo, che per le uiscere di Christo li uoglia prouedere de un Prelato Apostolico, essendo certo, che si V. Beatitudine nõ prouede, restaranno per sẽpre priui di Capo, e Pastore, La necessità è inesplicabile, anime infinite abandonate, et hominẽ non habent. Proueda, Sãtissimo Padre, acciò cõ l'opere insigne fatte nel suo Pontificato, si scriua questa del Regno di Congo, e Dio la paghi cõ lunga uita, e felicissima salute.

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 275. — (s. d.).

114

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(27-1-1654)

SUMÁRIO — *Sugere se dê ao capelão-mor de Angola a ajuda de custo de cincoenta mil reis — El-Rei despacha quarenta mil réis.*

Senhor

O Licenceado Miguel d'Araujo, fes petiçaõ de replica neste Conselho, em que diz que V. Magestade lhe fes mercê do cargo de cappelaõ mor do exerçito do Reyno de Angola, com sinco mil reis de soldo por mes somente, tendo respeito a seus seruiços, feitos naquelle Reyno, sendo secular, por espaço de oito anos, e porque os gastos daquella terra saõ muito grandes, e naõ será posiuel poderse sustentar com soldo taõ limitado. Pede a V. Magestade lhe faça mercê que se lhe dê por inteiro o soldo de dez (1) mil reis por mes, como sempre uenceraõ os cappellaẽs seus anteçesçores, uisto hauer seruido a V. Magestade com satisfaçaõ e ser mereçedor de se fazer com elle, o que se fes com seus anteçessores.

Ao Conselho pareçeo dizer a V. Magestade, que posto que Miguel de Araujo hé pessoa benemerita e de seruiço, (cauzas porque foi anteposto a outros sogeitos, que pertendiaõ o cargo que se lhe deu de cappelaõ mor do prezidio de Angola, de que tem tirado prouizaõ, com declaraçaõ de meo soldo que pede se lhe acresẽte) comtudo por naõ fazer exemplo, pois o mesmo meo soldo uensem somente e se paga aos cappelaẽs mores dos prezidios do estado do Brazil, naõ há lugar de se lhe defferir ao que

(1) No original: des.

pede, mas que por ser pobre e naõ ter com que se auiar para hir continuar o seruiço, lhe deue V. Magestade fazer mercê de sincoenta mil reis de ajuda de custo por huã ues, para seu apresto e embarcaçaõ. //

Lisboa, 27 de Janeiro de 654.

aa) O Conde de Odemyra / Francisco de Uascõcellos da Cunha / Joseph Pinto Pereira / Diogo Lobo Pereira.

[*Despacho à margem e ao alto*]: Como parece, e a ajuda de custo seja de quarenta mil reis. Saluaterra, 31 de Janeiro de 1654.

(Rubrica de el-Rei)

AHU — *Angola*, cx. 4.

115

CARTA RÉGIA AO GOVERNADOR DE S. TOMÉ

(23-2-1654)

SUMÁRIO — *Sobre o eclesiástico da diocese — Restabelecimento da paz e harmonia entre os Cónegos da Sé — Satisfação do povo da Ilha por haver quem lhe administre os Sacramentos.*

Christouaõ de Barros Rego, &.ª Hauendo uisto o que me escreuestes em carta vossa de 16 de Abril de 1652 (1) dandome conta, que logo que chegastes a essa Ilha (como cousa taõ importante, e por eu volo hauer encarregado) chamareis a vós os Conegos, que andauaõ omisiados, e fisestes soltar os que estauaõ presos; e que hũs e outros se absoluessem das sensuras em que tinhaõ encorrido; e que todos se fisessem amigos (como ficauaõ) para dignamente poderem çelebrar; o que vençestes com dificuldade, pello estado a que tinha chegado o negocio, de que tudo se fizera o assento, que me enuiastes com a dita carta. //

E hauendo tambem uisto o que sobre a materia me escreueo o Cabbido dessa See, açerca do que fizestes neste particular, e que os motins, e inquietaçoẽs passadas, do mesmo Cabbido, ficauaõ sesegadas, e tudo conforme, cousa muy festejada desse pouo, pella desconsolaçaõ que padeçia, por falta de naõ hauer quem administrasse os Sacramentos, me pareçeo agardeçeruos muito hauerdes dado á execuçaõ o que vos encarreguey sobre a vniaõ, e concordia do dito Cabbido, e ordenaruos (como faço) que se guarde muyto pontualmente o dito assento, por conuir ao seruiço de Deus, e meu, que haja nessa Dioçesi toda a pás, e concordia, para quietaçaõ dos moradores dessa Ilha, e por

(1) Este documento não se encontra no AHU.

euitar o mao exemplo que do contrario lhe pode rezultar, e naõ ser justo que entre pessoas ecclesiasticas haja inimisades, e differenças taõ perjudiciaes. //

E ao Cabbido mando tambem encomendar, que asy o façaõ, e que cumpraõ e guardem o dito assento, na forma que nelle se contem, para que naõ haja mais lembrança das differenças passadas, de que me pareçeo auisaruos, para o terdes entendido. //

Escrita em Lisboa, a 23 de feuereiro de 654. //

Rey.

AHU — Cód. 275 *(Livro 1.º de Cartas de todas as Conquistas)*, fl. 235.

NOTA — Acerca desta reconciliação dos Cónegos de São Tomé, fez o Conselho Ultramarino, datada de 7 de Janeiro de 1654, uma longa consulta, que não publicamos, mas pode ver-se no AHU entre os documentos de S. Tomé, documento n.º 302 e no Cód. 15 do mesmo Arquivo, fls. 77v.-80v.

116

CARTA RÉGIA AO CABIDO DE S. TOMÉ

(23-2-1654)

SUMÁRIO — *Agradece que as diferenças existentes entre os membros do Cabido tenham cessado — Deseja que para o futuro se não repitam para bom exemplo do povo da Ilha e para que este tenha a consolação dos socorros espirituais.*

Deão, Dignidades, Conegos e mais Cabbido da See da Ilha de São Thomé, &.ª Hauendo uisto o que me escreueo Christouão de Barros Rego, gouernador dessa Ilha, em carta de 16 de Abril de 652 (1), dando me conta, que logo que chegou a ella (como cousa tão importante, e encomendada por mỹ) tratara de compor os Conegos, que andauaõ omisiados, e soltar os presos, e que hũs, e outros, se absoluessem das sensuras em que tiuessem encorrido, e que se fizessem amigos (como fizerão) para dignamente poderem çelebrar, de que tudo se fizera o assento que me remeteo com a dita carta. //

E hauendo tambem uisto o que sobre a materia me escreuestes, e o que o dito gouernador tinha feito nella, e como as differenças passadas (tomando milhor conselho) ficauão compostas, e quietas, me pareçeo agardeçeruolo muyto (como por esta o faço) e encomendaruos que o dito assento se obserue, e guarde muyto inteiramente e que não haja mais memoria, nem lembrança do passado, por assy conuir ao seruiço de Deus e meu, e que haja nessa Dioçesi toda a pás, e concordia, para quietação

---

(1) Não encontrámos este documento no AHU.

de todos, e por euitar o roim exemplo que do contrario se pode seguir aos moradores dessa Ilha, e faltarlhes com estas discordias, a consolação espiritual. E fio de vosso zello, que assy o cumprireis, para ter razão de volo mandar agradeçer. //

Escrita em Lisboa, a 23 de feuereiro de 654.

Rey.

AHU — Cód. 275, fl. 235v.

117

CARTA DO PADRE FREI ANTÓNIO ROMANO AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA FIDE

(1-3-1654)

SUMÁRIO — *Anuncia a sua chegada a Madrid e as dificuldades que terá na sua expedição, apostólica que espera vencer.*

Sia Lodato Giesu Christo

Il.^{mo} e Rev.^{mo} Sig.^{r} mio Osseruantissimo

Sono gionto in questa Città di Madrid alli 26 di febraro, hò consignato le lettere à Monsignor Nuntio Gaetano (1), atteso che Monsignor Massimo (2) è rimasto in una terricciuola chi si chiama Campiglio, trenta leghe discosta da qui, cõ ordine del Rè, che nõ passi più auanti; per quanto conosco la mia spedittione haurá molte difficoltà, cõ tutto ciò col aiuto della Santissima Vergine spero superarle tutte e ne darò puntualissimamente relatione alla Sacra Congregatione; hò caminato cento e quindeci miglia sopra la nieue senza comparire mai terra, et hò sperimentati miracoli euidentissimi della diuina prouidenza, che ci hà liberati dalla morte, ci fauorirà per l'auenire per sua infinita misericordia, rimando indietro l'inclusa, atteso il Canonico sono quatro mesi

---

(1) D. Francisco Gaetano, Bispo de Rodes de 12-8-1652 — 1670, foi Núncio em Espanha de 28-11-1652 até Dezembro de 1670. Faleceu em 1670.

(2) D. Camilo Massimi, romano, patriarca de Jerusalém de 15-12-1653 — 1670. Foi Núncio em Espanha de 10-1-1654 até 7-12-1656 e nomeado cardeal em 22-12-1670. Faleceu em Roma em 12-9-1677. Cf. Liisi Karttunen, *Les Nonciatures Apostoliques Permanentes de 1650 a 1800*, Genève, 1912, p. 244 e 250.

Salvador Correia de Sá
Governador de Angola

(Tela do Visconde de Asseca)

Salvador Correia de Sá
Governador de Angola

(Uffizi-Florença)

è ritornato in Jtalia. Riuerisco V. S. Ill.ma humilmente e gli prego da Dio ogni felicità.

Madrid, 1 Marzo 1654.

Di V. S. Ill.ma Rev.ma

Deuotissimo et Obligatissimo Seruitore

Fr. Antonio Romano, Capuccino
Prefetto del Congo

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 292.

NOTA — Em carta do Núncio em Espanha ao Prefeito da Propaganda Fide, de 20 de Março de 1654, acusa a recepção da carta de recomendação para assistir o Padre Romano com toda a eficácia, tendo já falado a D. Luis de Haro, que lhe mostrara uma grande pia intenção de proteger o despacho do missionário, tendo o memorial sido entregue ao Conselho das Indias. Quanto às dificuldades que poderia haver com os Prouinciais da Ordem remediaria o Núncio «con ogni rigore».

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 293-93v. — Em carta da mesma data o Núncio apostólico recomenda o mesmo assunto ao Secretário da Propaganda Fide. — *Ibidem*, fls. 294-294v.

118

CARTA RÉGIA AO GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

(17-4-1654)

SUMÁRIO — *Partem para Angola seis recolhidas da Casa Pia de Lisboa, confiadas ao Governador, para ali casarem honradamente.*

Luis Martinz de Souza Chichorro, &.ª O Prouedor & Jrmaõs da Casa Pia das penitentes recolhidas desta Cidade de Lisboa, me reprezentaraõ que (como outras uezes se tem feito) emuiaõ, com ordem minha, para esse Reino de Angolla seis das ditas recolhidas instruidas em muy bons costumes, e modo de uiuer, para nelle se lhes dar estado, cazando as com pessoas benemeritas (1); e porque esta obra hé meritoria, e eu desejo que ás ditas recolhidas se faça todo o fauor, uos encomendo que tanto que ahi chegarem as façais dezembarcar com o resguardo necessario e repartir por cazas de homens cazados de bom exemplo, emquanto lhe procurais maridos, e que na elleiçaõ delles e fauor que lhe haueis de fazer, proçedais com muito cuidado e que da mesma maneira procureis saber se na embarcaçaõ em que uaõ, se lhes fez boa passagem e tratamento, para que hauendo de quem se queixem seja castigado como o mereçer, como muito uolo encarrego e que naõ consintais que das cazas em que as depozitardes, sayaõ, senaõ cazadas e acomodadas, castigando com rigor a quem proceder em contrario, e do que sucçeder e fizerdes, me auizareis. //

Escrita em Lisboa, a 17 de Abril de 654.

Rey.

AHU — Cód. 275, fl. 237v. e 250.

(1) Em carta régia de 16 de Março de 1655, ao governador André Vidal de Negreiros, idêntica na substância ao documento supra, recomendam-se nove recolhidas da mesma Casa Pia de Lisboa e para idêntico fim.

119

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(22-4-1654)

SUMÁRIO — *Petições do Rei do Dongo — Parecer do Conselho.*

Pello decreto posto na carta incluza de ElRey de Dongo, manda V. Magestade que ela se ueja e consulte neste Conselho.

Tres couzas pede o dito Rey a V. Magestade. A primeira, que V. Magestade lhe mande restetuir seus vassallos, que lhe uzurpou Antonio Teixeira de Mendonça, e possuẽ seus herdeiros, sem os quaes afirma, que possue somente o titulo de Rey, e uiue com grande descredito, e risco.

A segunda que se lhe naõ pessa sua gente (como de ordinario se faz) em beneffiçio de particulares, e não do seruiço de V. Magestade, para leuarem cargas ao Pumbo, para o que pede prouizaõ.

A terçeira que V. Magestade ordene aos gouernadores de Angola, o fauoreçaõ contra a Raynha Ginga, que de ordinario o uem inquietar em suas terras; e tudo mais em particular mandará V. Magestade uer da dita carta, e como no seruiço de V. Magestade contra os olandezes lhe mataram seu filho primogenito.

Ao Conselho pareçe (hauendo ouuido a Saluador Correa de Saa pella particular notiçia que tem das couzas daquelle Rey) que V. Magestade deue mandar escreuer ao gouernador de Angola, que em nenhuã forma consinta, que os vassallos de V. Magestade deuirtaõ aos deste Rey, para os ter por seus forros, como nos tempos passados se fez, e se fas alguãs uezes. E que todos os que estiuerem por este modo, os faça restetuir ao dito Rey, encomendando muito ao gouernador a execuçaõ desta ordem.

E da mesma maneira, que as pessoas que passarem para os Pumbos, sendolhes necessarios algũs vassallos do dito Rey, lhe paguem seu trabalho, e seruiço, assy nas cargas, como nos mantimentos, tudo por seus justos preços, e sem violençia.

E que se lhe dê toda a ajuda, e fauor, contra a Raynha Ginga, athé a destruir, sendo possiuel, por [o] mayor dano que se reçebe no Reino de Angola, proçeder da conseruaçaõ daquella Raynha, e seu exerçito não constar mais que de salteadores, e gente fassinorosa, que só se sustenta de roubos, e de carne humana. E ao dito Rey mandará V. Magestade por donde toca, responder como for seruido. //

Em Lisboa, a 22 de Abril de 654. //

Saá / Vasconcellos / Pinto.

[*À margem*]: Como pareçe quanto a restetuirem a ElRey de Dongo os vassallos que disse lhe vzurparaõ, e a se lhe naõ pedir a sua gente. Sobre o ajudarem contra a Raynha Ginga naõ há que deferir. A ElRey mando responder. //

Alcantara, 5 de Mayo de 1654.

Naõ hé justo que os herdeiros de Antonio Teixeira de Mendõça se fiquem com os seruiços destes escrauos, e sem restetuir os que morreraõ. Escreuasse ao gouernador faça restetuir os que estiuerem em ser e o que ualerem os mortos, e o seruiço que todos fizeraõ faça adebritar por tres homens de sam consiençia, e o que diserem faça pagar a ElRey de Dongo pella fazenda de Antonio Teixeira, sem mais dilaçaõ. //

Rey.

AHU — Cód. 15, fl. 103v., e 96v. — *Angola*, cx. 5 — Original.

120

CARTA DE FREI ANTÓNIO GAETANO ROMANO À PROPAGANDA FIDE

(23-4-1654)

SUMÁRIO — *Apesar de todos os esforços do Núncio e dos Capuchinhos, o Conselho das Indias nega a ajuda e licença para embarcarem, como pretendiam, para o reino do Congo.*

Emin.^{mi} e Rev.^{mi} miei Sig.^{i}

Sono due mesi che dimoro in Madrid, negotiando in questa Corte l'imbarco al Regno del Congo, per tutti li miei Compagni Missionarij Capuccini, secondo l'E. V. m'hanno ordinato, nè prima d'adesso hò potuto auuisarli quello hà determinato sua Maestà. Deuo dunque dire all'E. V., facendoli humilissima riuerenza, che gionto qui subito andai all'Ill.^{mo} Monsignore Nuntio, li presentai le lettere, e conferij seco gl'ordini riceuuti dalla Sacra Congregatione. Egli cõ gran zelo et ardore abbracciò il trattato, e subito lo conferì all'Ecc.^{mo} Signore D. Luise d'Aros, et à me ordinò ch'io desse il Memoriale al Rè, ch'egli doppo haurebbe parlato à Sua Maestà, al Presidente del Conseglio dell'Jndie, et altri Ministri reggij, com'in effetto più uolte hà fatto, dimostrando con efficaci raggioni che Sua Maestà douea concedere la gratia. Nella prima vdienza diedi il Memoriale al Rè rapresentandoli in voce il desiderio grande e zelo di Nostro Signore, e di tutta la Sacra Congregatione, supplicandolo humilmente à cooperare col suo cattolico zelo in questa jmpresa in seruitio di Dio benedetto, per la salute dell'anime di quei popoli gentili, hauendo due uolte S. Maestà concessa la medesima gratia à nostri Religiosi Capuccini.

Il Memoriale fù rimesso al Conseglio dell'Jndie, li cui Presidente e Consiglieri furono da me puntualmente informati: il

medesimo hà fatto Monsignore Nuntio più uolte, il Signore Ambasciatore di Firenze, et altri Signori principali. Nulla dimeno hanno fatto à lor modo, atteso il Conseglio con hauer uisto prima per l'essemplari della gratia concessa due uolte, hà dato consulta al Rè, che di nessuna maniera deue permettere che noi passiamo al Congo. Per ilche S. Maestà per la sua innata pietà fece tenere nuoua consulta secreta, se in qualche maniera poteua egli condescendere alla petitione, e fù deciso di nuouo, che nõ la deue concedere per l'inconueniente se siegue. Onde il Rè a decretato secondo il Conseglio gl'hà consultato, et il Segretario mi diede la seguente risposta. Lo que Su Magestad há resuelto es que no le toca el dar auiamento para la Mision del Reyno del Congo, y Micoco, por ser cosa nuoba y que la permision que se pide tiene inconueniente. //

Hò penetrato le raggioni per le quali li Signori Ministri hanno fatto questa consulta al Rè, né posso in questa mia esplicarle, le farò quanto prima per altro camino penetrare all'E. V.

Videndo dunque le mie speranze fallite, hò risoluto partirmi da questa Corte et andare al porto di Cadix, doue dimorano tutti li Missionarij miei Compagni, li quali per l'ordinario passatto m'auuisarono che in quel porto uirono due naue di mercadanti Genouesi, che per la fine del mese di Maggio partiranno à dirittura ad Angola; trattarò cõ li padroni (che sono deuotissimi nostri) se mi uorranno portare cõ quel denaro che la Sacra Congregatione m'hà dato, imbarcarò cõ essi secretamente. Jdio e la Santissima Vergine mi saranno propitij; se nõ uogliono portarmi starò in Cadix attendendo gl'ordini dell'E. V. quello che deuerò fare giàche dalla Corte Cattolica nõ ni è speranza nessuna d'ottenere il passaggio, hauendo detto l'Ecc.^{mo} Signore D. Luise d'Aros al P. Alessandro nostro Capuccino, confessore della Serenissima Jnfante, che li raccomandaua il trattato, queste formale parole: Jl negotio è molto difficile, io farò quanto posso dal canto mio, che Monsignore Nuntio m'hà grandemente pregato, e quello che nõ fò per lui nõ fò per nessuno. Credo bensi che

se nostro Signore et anco la Sacra Congregatione scriuessero al Rè, chiendendo li questa gratia, mi persuado che S. Maestà la farà, atteso li Signori Ministri si sono molto querelati, che in negotio si graue come questo, né Sua Santità, né la Sacra Congregatione habbiano scritto direttamente à S. Maestà colla petitione ma solo imposte la à Monsignor Nuntio, che le negotij in suo nome; io lasciarò in Madrid due frati compagni, acciò accudiscano à Monsignore Nuntio, che nõ cessa di fare nuoue diligenze per ottenere la gratia dal Rè, mentre io uado à Cadix à negotiare l'imbarco cõ quei capitani, che partono per Angola, et anco stiano pronti à riceuere per l'ordini che l'E. V. mi mandaranno, mentre per fine prostrato à piedi dell'E. V. li baccio humilmente la sacra veste.

Madrid, 23 April 1654.

D'E. V. Rev.me

Deuotissimo et humilissimo Seruitore

Fr. Antonio Gaetano Romano //
Capuccino Missionario

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 295-295v.

NOTA — A resposta negativa do Rei de Espanha originou larga correspondência. Assim temos a carta de Frei António Romano ao Secretário da Propaganda, de 25 de Abril do mesmo ano (*Ibidem*, fl. 297); uma carta do Núncio em Madrid ao Prefeito da Propaganda Fide, de 29 do dito mês (*Ibidem*, fls. 298-98v.), comunicando a largada de duas naus genovesas de Cádis para Luanda em começos de Junho e o propósito dos missionários de largarem nelas; outra carta do mesmo Núncio ao mesmo Cardeal, de 28 de Maio, dizendo que tudo estava como dantes, conseguindo, no entanto, licença do Conselho das Indias para os capitães genoveses levarem os Capuchinhos (*Ibidem*, fl. 299) e uma carta do Padre António Romano ao Núncio, escrita em Sevilha em 19 de Maio, dizendo-lhe que o capitão genovês João Baptista Campodonico estava disposto a levar os missionários para Angola desde que tenha especial licença régia, tencionando partir de Cádis o mais tardar em 10 de Junho (*Ibidem*, fl. 300).

121

RESPOSTA DO CONSELHO DE ESTADO DE ESPANHA SOBRE A MISSÃO DOS CAPUCHINHOS AO CONGO

(Abril — 1654)

SUMÁRIO — *As cinco principais razões pelas quais o Conselho das Indias se opunha a que a Propaganda Fide enviasse missionários para as conquistas espanholas.*

Risposta data dal Conseglio al Memoriale presentato al Rè per la licenza di passare li Missionarij Capuccini al Regno del Congo nell'1654.

Lo que su Magestad hà resuelto es que no le toca el dar auiamento para la mission del Reyno del Congo, y Micoco, por ser cosa nuoba, y que la permision que se pide tiene inconueniente.

Raggioni per le quali il Conseglio hà consultato à Sua Maestà, che nõ dia il passo alli Missionarij Capuccini per il Regno del Congo.

Prima. Perche il Regno del Congo è nemico della Corona di Spagna, perciò nõ conuiene ch'il Rè gratifichi à sua costa e soccorra le necessità del Rè nemico, e che li suoi vassalli habiano comercio con esso; tanto più che la naue che porta li Padri Capuccini da Spagna al Congo, è necessario si sottoponga al passaporto del Tiranno di Portugallo (1). Però risponde il Conseglio che nõ tocca al Rè di Spagna mandare Missione in quei paesi suoi nemici e rebelli.

---

(1) Por esta linguagem "diplomática" era designado D. João IV, rei de Portugal.

Seconda raggione. Essendo il Regno del Congo terra sterile, nõ dà altro guadagno à mercadãti che il potere estrarre negri ch'essi comprano à uil prezzo per portarli poi ad altri Regni à uender li schiaui, il che nõ puole il Rè permettere senza graue peccato, essendo quei popoli liberi e Christiani, e ciò auiene indubitatamente ogni uolta che S. Maestà dà il detto passaggio. Questo è l'incoueniente che nella risposta accenna il Conseglio, che poco tempo in quà n'hà tenuta notitia, nè per il passato si sapeua.

Jo hò risposto che tutti li mercanti che uogliono caricare negri nell'Africa e portarli nell'Jndie del Rè gl'è permesso, purché in Seuiglia s'obligano nella Casa della Contrattatione del Rè di pagare li diritti regij, com'in effetto l'anno passato partirno due naue à questo fine, col passaporto firmato dal Rè, et il detto passaporto costa à mercãti 1500 ducati; ben è uero che questo denaro nõ uà al Rè, ma si diuide in quelli che lo trattano, et un mercante mi disse il giorno passato: Padre, s'io uoglio spendere 1500 ducati, frà otto giorni mi confido hauere il passaporto per caricare negri.

Terza raggione, et è la più principale. Non uuole il Conseglio che la Congregatione di Propaganda dispaccia Missione nell' Jndie da se medesima, senza la totale dependenza da questa Corte, perche quelle sono conquiste e iurditioni del Rè, che tocca à lui disporle quando e come li piace, e se per il passato concesse il passo, fù perche il Papa ce lo chiese in gratia, et hora pare che lo uoglia de facto. E frà Francesco di Pamplona, Capuccino, che nel secolo fù Generale de galeoni nell'Jndie, cõ il credito et autorità ch'haueua in questa Corte, superò ogni difficoltà, intanto che di moto proprio il Rè li concesse la gratia, mentre il Conseglio sempre discrepaua. E perquanto nella risposta il Conseglio pone *per esser cosa nuoua*, cioè che la Congregatione da se stessa mandi Missione in quelle parti, et il Rè la faccia passare.

Quarta. Questi Signori Ministri Regij hanno riceuuto per affronto che la Congregatione pretenda mandare Missione in

quelle parti, et habbia bisogno della gratia del Rè à quest'effetto. nè il Papa nè la Sacra Congregatione scriua direttamente al Rè chiedendoli la petitione, come hà fatto per il passato, bastandoli solo hauerlo imposto à Monsignore Nuntio. E di questo più uolte io medesimo n'hò inteso le querele.

Quinta et ultima. Perche la Corte Roma[na] nõ è d'accordo cõ questa di Spagna in questi tempi; onde gl'animi di questi Signori Ministri stanno alterati nõ poco. //

Queste sono le principali raggioni che hò potuto raccorre. Le mando all'Eminenze Vostre.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 296-296v.

NOTA — Embora o documento o não manifeste, foi Frei António Gaetano Romano quem o conseguiu e o enviou. As más disposições entre a Corte de Madrid e a de Roma, a propósito de missões, julgamos serem influenciadas pela evolução da compreensão da política portuguesa pela Santa Sé, donde estarem os ânimos dos ministros de Espanha não pouco alterados, como afirma o documento.

122

CARTA DO PADRE SERAFIM DE CORTONA AO PROVINCIAL DA TOSCANA

(2-5-1654)

SUMÁRIO — *Notícias da missão e dos missionários — Queixa amarga contra a falta de resposta às suas cartas — Envio de presentes vários.*

Molto Reuerendo Padre Osseruandissimo. Salute.

Per il ritorno del P. Giouanni Francesco Romano (1) alla sua Prouincia (questa è la seconda volta che ritornò) vengo à riuerire V. P. M. R., e tutti gli altri Padri e Religiosi della Prouincia. Il P. Bernardo da Cutigliano hauerà un mese, che venne à stare in questa Città e Missione per aiutarmi a portare il peso di tante occupazioni; et hora sono necessitato priuarmene, e restare un altra volta solo; perche per la partenza del P. Giouanni Francesco resta la Missione di Massangano senza Sacerdote e Predicatore; e cosi il P. Bernardo fra pochi giorni si contenta andare a supplire: Nostro Signore ci accompagni lui con sua grazia, e ci dia pazienza in tanti trauagli. //

Il P. Lodouico da Pistoia stà in Pemba, molto tribolato dalle moroide, senza tener rimedio, e senza che il P. Prefetto lo voglia rimandare alla Prouincia, non seruendo quasi d'altro, che d'aggrauio, e contra peso. Il P. Francesco Maria da Volterra stà in Mucato, molto lontano di quà, e sono circa sei mesi, che non ne tengo nuoua, nè lui mi hà scritto altro che una volta.

---

(1) O Padre J. F. de Roma deve ter partido para Roma, via Lisboa, em fins de Abril de 1654, pelo teor deste presente documento e não em princípios de Maio.

Non le dò altra nuoua della Missione, per non l'infastidire, vedendo che poco gusto tengono delle mie lettere; perche hauendone scritte tante, mai si è degnato nessuno, nè Superiore, nè Suddito, rispondere una parola. Io hò fatto quello che doueuo, perciò non me ne pento. //

Con occasione del P. Giouanni Francesco mando una Croce d'auorio fatta al torno; se V. P. M. R. restasse seruita mandarla à Cortona al Conuento, bene; caso che nò, in Lei la rimetto. Le mando ancora una punta d'alicorno, stimerei che fosse vera, come per tale mi è stata data; in questa lingua si chiama abada, ed è un animale ferocissimo, che tiene un corno nella fronte. Viene dal Regno di Benguela, lontano di quà 200 miglia: questa la mando à V. P. M. R. Di più hò dato al P. Giouanni Francesco una fiaschetta fatta di un frutto, che fanno quà di certa sorte di palme, chiamato cocco, colla bocca fatta d'auorio. Se V. P. M. R. mi volesse far grazia mandarla à Cortona alle mie Sorelle, monache nel monastero della Trinità, lo riceuerò per grazia particolare, e le ne resterò obbligato.

Desidererei hauere altra cosa degna di comparirle dauanti: questa sarà solamente un segno del desiderio che tengo di seruirla, et in Lei tutta la Prouincia; nelle orazioni della quale mi raccomando, singolarmente nelle sue. Nostro Signor la conserui. Siamo restati molto sconsolati per la partenza del P. Giouanni Francesco. Iddio prouueda altri operarij per trauagliare in questo deserto. //

Angola 2 Maggio 1654.

MONTUGHI (Florença) — *Raggvagli del Congo*, p. 156-158.

NOTA — Todas as cartas do Padre Serafim de Cortona enviadas de *Angola*, foram escritas em Luanda.

123

CARTA DO PADRE FILIPE DE YJAR AO NÚNCIO APOSTÓLICO EM MADRID

(2-6-1654)

SUMÁRIO — *Sucessos e insucessos da missão do Benim — Abandono da missão — Regresso pelas ilhas do Príncipe, S. Tomé e Cabo Verde a Lisboa — Partida para Sevilha e pedido de nova missão.*

Illustrisimo Senor

No dudo que V. S. I. tendrá notiçia como en los anos de 1650 salimos destos Reynos de España con orden de Su Santidad y del Rey de España, nuestro Señor (que Dios guarde) ocho Religiosos Capuchinos de la Prouinzia de Aragon y Valenzia, para el Reyno de Benin en el Africa; llegamos a aquel Reyno en el mes de Iunio de dicho año, desembarcamos y el primer lugar a que fuymos a parar, que es el terçero en orden desde el puerto, se llama Gottó; aqui estuuimos todos enfermos por ser el clima de la tierra muy malo, y de los ocho Religiosos murieron tres predicadores en seys dias, y los restantes quedamos viuos, aunque muy acauados; procuramos, aunque con pocas fuerças, proseguir el camino hasta la Ciudad de Benin, caueza deste Reyno, y adonde está el Rey; procuramos ablarle a este para notificarle como ibamos a su Reyno para conuertirlos; llebamos carta de Su Santidad para dicho Rey, mas como no saben letras algunas en todo este Reyno, se la explicamos en lengua Portuguesa, que entienden alguna cosa algunos negros de dicho Reyno (1); para

(1) É de reter a afirmação de total analfabetismo dos habitantes de Benim e bem assim o facto significativo de se servirem apenas da língua portuguesa como idioma veicular.

llegar a este punto fuè menester mucho, por estar este Rey todo el año en su casa metido con quatroçientas mugeres, y ser tenido por un Dios, porque diçen que no come (pero a la verdad si no comiera no tuuiera tan grande barriga como tiene) y por ostentar este engaño y costumbre de su tierra no sale de casa, y por otra parte tiene un negro que llaman Beedor mayor, que le asiste con tanto cuydado, que ninguno puede ablar al Rey (ablo de los estranjeros) que no esté el delante siruiendo a dicho Rey de segundo interprete, por cuya causa nos era muy difficultoso ver al Rey; procuramos, para ganar la voluntad, assi del Rey como del Beedor, azerles presentes de cosas, que ni eran santas ni de comer; recauose con esto el ablarlle por dos vezes, mediando interprete; reçiuieron los presentes, offreçieron mucho y cumplieron poco, porque después que le vimos estas dos vezes, nunca jamás lo podimos conseguir, siendo assi que se hiçieron todas las diligenzias possibles, interçediendo para ello su Madre y Cuñado y demás Beedores de aquella Ciudad; si bien a lo que entendimos no tenia el Rey culpa, porque el mostró mucho affecto, y dijo que queria haçer una Casa para Dios, y aun imbió para ello dos fidalgos negros que nos lo dixeron, señalando lugar endonde se hauia de haçer; mas como para esto y para buscar un interprete era necessario ablar al Rey, y el Beedor mayor no queria, uimonos destituydos de poder conseguir cosa alguna de prouecho, por hauer puesto todos los medios posibles, y hauer gastado en esto año y medio, pasando artos trauajos; en este tiempo pudimos ver muy bien sus Ritos y Çerimonias diauolicas, que son muchas y muy grandes, y estan hasta los mas pequeños muy puestos en ellas, con que no haçen cosa alguna que no procuren offreçerla al Demonio, cuya echura tienen todos en su casa, en todos quantos patios tienen, y esta la adornan con dientes de elefante, cauezas de baca, carnero y de quantos animales encuentran, y anssi mismo a mas desto que tienen en sus casas, tienen casas propias dedicadas al Diablo, en donde le offrezen sacrifiçio de vino, frutos y diuersos animales de su tierra. //

Y sin estos, que son generales para todos, haçe el Rey muchas vezes en el año en su casa [sacrifiçio] de hombres, vacas, caballos y otros muchos animales. //

Viendo pués que se iba pasando el tiempo y que por mas que predicaramos a los negros no los podiamos conuertir, dandonos por respuesta que no lo podian haçer por ser todos cautiuos del Rey, y que el no se lo mandaua por impedirlo aquel infernal Ministro del Rey que no le ablaramos, determinamos de ir, aunque no quisiera el Bedor, a ablar al Rey, para lo qual escogimos un dia que era el primero de Quaresma, en que sacrificauan en Palaçio al Demonio delante del Rey cinco hombres, con mucha cantidad de animales (dexo los trajes que toman para semejante acçion, que son muchos, muy varios y ridiculos); ajuntanse para esto mas de dos mill grandes, que ellos llaman, que cada uno bá con mucho acompañamento de criados, que le siruen de muchos offiçios, como es de haçerle sombra, musica, lleuar el cauallo y seruirle de escuderos, en cuyos ombros se firma y asegura para ir por la calle. //

Al fin fuymos a Palaçio con el intento dicho, para impedirles el sacrifiçio (cosa tan inhumana como la de aquellos barbaros); entramos en el primer patio, de tres ó quatro que tiene, y cada uno mas grande dos vezes que .a Plaça de Madrid, que desto consta el Palaçio, metimonos entre la jente, que estaua espesa como los cauellos, y a poco tiempo un negro, en el color mas blanco en la barba, que parezia a un San Pedro en la figura exterior; este asi como nos vio nos hizo una señal con la mano diçiendo lo siguieramos; dimosle credito façilmente, porque no descobrimos otra cosa sino que alguno nos guiara al lugar del sacrifiçio, que era en el ultimo patio; luego que entramos en este, entre tanta confusion de jente nos dijo el que voluntariamente nos guiaba, diçiendo fueramos por tal parte, que era un cobertizo del mismo patio, endonde encontramos con una mesita que tenia dos alfanges para el deguello; pasamos mas adelante de aquel mismo patio açercandonos todo lo que podimos al Rey, para nuestro intento:

en todo el tiempo hasta que salimos al patio estuuimos entre jente, hiçieron sus Çerimonias, acauaron sus pregones y començaron a baylar los grandes, y entre ellos el Rey; al dar buelta nos vieron; inuió el Bedor mayor recado para que salieramos, y no lo quisimos obedeçer; vino el luego en persona enojado terriblemente para intimarnos salieramos, a que dimos la misma respuesta, y luego salimos al medio de la plaza, y comenzamos con voz alta a predicarles quan mall haçian en haçer semejantes sacrifiçios al Demonio; mas a pocas palabras que diximos arremetieron aquellos barbaros para nosotros, que nos lleuauan por aquel patio como una pelota, con arto maltratamiento, y aunque es verdad que no queriamos salir sino instar en nueuos propositos, mas ellos nos sacaron por fuerza de aquel patio y cerraron la puerta; procuramos otra y otra vez entrar, mas no nos lo permitieron, ni pararon hasta que del todo nos sacaron del Palaçio; y luego en saliendo se ajuntaron tanta cantidad de negrillos, que no nos dejaron hasta que llegamos a casa, dando gritos y voçes y burlando de nosotros. //

Aquella misma tarde, ya de noche, uinieron, deçian que de parte del Rey, diez negros, que nos mandauan salir luego de la Ciudad, cosa que nos aflijió algun tanto, por tener nuestro altar puesto donde deçiamos Missa, y estar alli tantos ornamentos, y no tener quien los lleuara, siendo de noche, por un bosque fierissimo; mas quiso Nuestro Señor se les aplacara algun poco de la colera que trayan y nos dejaron aquella noche, aunque con guardias, para que acomodaromos lo que teniamos; hiçose assi, y a la mañana vinieron otros negros con un recado fingido diçiendo el Rey nos llamaua, y que nos queria ver; y que fuera fingido se vio, pués pasando de Palaçio nos sacaron casi fuera de la Ciudad, pensando nosotros nos lleuauan a matar al bosque, como acostumbraban haçer a otros negros delinquentes; y assi uiendo entraua la noche, y que los Compañeros no sauian cosa alguna desta vellaqueria, les dimos notiçia de la manera que estauamos presos con seys hombres, que nosotros eramos el P.e Prefecto

y yo solos; aquella noche estuuimos en una casilla con dicha jente, y a la mañana, sacudiendo el poluo de las sandalias, fuymos donde nos lleuauan aquellos leopardos, dejando los tres Compañeros en casa en la Ciudad; metieron nos por el bosque a dentro en una casilla, 4 leguas de la Ciudad; alli estuuimos padeçiendo ambre, y sed por no tenerlo ni quererlo dar, sino cosa muy limitada; al cabo de otros 4 dias nos lleuaron al lugar de Gottó, endonde estuuimos presos toda la Quaresma, hasta que truxeron los Compañeros la ropa, y pasado el Espiritu Santo (2) salimos de aquel lugar para otro, que se llama Arto *(sic)*, que es del mesmo Reyno; alli estuuimos 5 meses, que nos sustentaron 4 herejes que tienen trato con los negros, que los dos son olandeses y los dos jngleses; y aunque es verdad que nos hiçieron esta caridad, entendimos por otra parte hiçieron mucho mall para que no quedaramos en aquel Reyno, para que de essa suerte pudieran ellos estar en el sin reçelo que los echaramos del, y viuir a su liberdad.

Al cauo destos cinco meses salimos en una embarcazion jnglesa, que nos lleuó a la Isla del Principe, tierra de Portugal, endonde estuuimos hasta que huuo embarcazion, y de alli fuymos con embarcacion portug[u]esa a Santo Thomoe, y de alli a Cauoberde, que tambien es de Portugal, endonde quedó el Padre Fr. Angel de Valenzia conualeciendo de vna enfermedad, que le sobreuino en el viaje, y con intentos de venir a Lisboa con su Compañero Fr. Alonso de Tholossa lego, que le quedaua seruiendo, y nosotros Fray Bartholomé de Viana, y yo, saçerdotes, y Fr. Gaspar de Sos lego, de la Prouinzia de Aragon, todos prosiguimos el viaje con la misma embarcazion que trayamos; y llegamos, a Dios gracias, a Lisboa, de donde sacamos pasaporte del Duque de Berganza para pasar a nuestra Prouinzia por tierra; llegamos

---

(2) Tendo a Páscoa caído, em 1654, no dia 5 de Abril, o Pentecostes foi em 24 de Maio.

a Seuilla, y luego escriui a V. S. I. lo susodicho, y he sauido no hauer V. S. I. reçeuido la carta, cosa de arto sentimiento, por ser tan corto el tiempo para irse los galeones, y segun me ha dicho un juez de la Contratazion, no pasaran 15 dias, y suplicarle nosotros si hauia lugar para ir con el Padre Fr. Lorenzo de Magallon á la Mission de Cuamanagotto, á donde diçe há de ir en estos galeones. Y assi si acaso la otra no há llegado á su mano, suplicamos a V. S. I. como Padre nos fauorezca, si para dicha Mission fueramos a proposito, a donde podamos conseguir lo que no hauemos podido en la de Benin, la qual no tiene remedio mientras Portugal no se reduzga (3).

Hago sauer á V. S. I. que quando fuy á la Mission de Benin fuy rogado de los Padres de la Prouinzia para que fuera á Cumanagotto, y yo por estar primero nombrado para la de Benin no fuy; esto es lo vno, y lo otro que diçiendole al Padre Prouinzial que era entonzes, que a donde queria que fuesse, lo dexó a mi arbitrio y assi fuy á la de Benin. Esto que á V. S. I. suplicamos lo tenemos pedido á la Prouinzia de Aragon ya desde Lisboa. y después, desde aqui, y de ningunas cartas há auido respuesta, si bien destas vltimas no la há podido hauer; en todo lo que V. S. I. dispusiere estaremos, y olgaremos que fuera tambien con beneplazito de nuestra Prouinzia, para que vna acçion como esta, en que tanto se padeze, por lo menos endonde hauemos estado, adonde no ay mas que comer que vna raiz, no quitara algo del mereçimiento por interuenir la propria voluntad. //

---

(3) Naturalmente, como ressalta do próprio relato circunstanciado do Padre Yjar, não foi por culpas atribuíveis a Portugal que a missão do Benim fracassou. Mas o fradinho espanhol parece incriminar Portugal, uma vez que se manifesta esperançado de que «reduzido» Portugal à soberania castelhana poderá então dar resultado a falhada tentativa apostólica, Mas como pensa ir-se para Cumanagoto a missão do Benim parece ter-se desvanecido dos seus ptojectos. Talvez por pensar, e acertadamente, que a «redução» de Portugal era mais fácil de imaginar que de realizar...

Y assi bueluo a deçir que estaremos en todo á la disposizion de V. S. I., que Dios guarde. Y suplico perdone de mi prolijidad, que aun hauia mas que escriuir, si todo se hauia de poner. // Seuilla, y Junio á 2, de 1654.

De V. S. I. indigno sieruo

Fray Phelipe de Yxar //
Capuchino indigno.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 304-304v. e 311-311v.

NOTA — O Núncio de Espanha envia este documento ao Cardeal Prefeito da Propaganda, com carta sua de 17 de Junho de 1654. — *Ibidem*, fl. 303.

O conteúdo da carta do P.e Filipe foi estudado em sessão da Propaganda, em 24 de Agosto de 1654, nos seguintes termos:

Referente Eminentissimo Domino Cardinali Albitio litteras R.P.D. Nuntij Hispaniarum transmittendis epistolam Fratris Philippi di Priax *(sic)* Capucini, scribentis Missionem Regni Benin esse infructuosam, et insuper fratres Ordinis Minorum de Obseruantia hispanos ualde esse molestos missionarijs Capucinis eosdemque egisse apud Ministros Regios ne Capucini praefati ad Missionem praedictam, a qua praesumunt per ipsos expulsi, amplius remittantur. Sacra Congregatio re mature discussa decreuit in dicto Regno bene posse supplere missionarios Ordinis Minorum Obseruantiae, cum multos habeant ibi conuentus. Et ne iurgia et contentiones inter ipsos diuersi ordinis missionarios in scandalum nouae christianitatis caedant, reuocandos omnino inde Capucinos sanciuit.

APF — *Acta*, vol. 23, n.º 7, fl. 86v.

124

CARTA DO PADRE ANTÓNIO DE GAETA ROMANO AO NÚNCIO APOSTÓLICO EM MADRID

(9-6-1654)

SUMÁRIO — *Anuncia a partida para o Congo, uma vez conseguida licenza do Rei de Espanha para a viagem até Luanda.*

Ill.mo e Reu.mo Signor mio Collendissimo

Sia benedetto Iddio e la purissima Vergine sua Madre, che al fine ci hà consolati di conseguir da S. Maestà la licenza della nostra imbarcatione, che V. S. Jllustrissima per questo ordinario mi hà mandato, la quale io con tutti i miei Compagni riconosciamo dal valor e patrocinio di V. S. Jllustrissima, senza del quale già mai haueriamo conseguita detta gratia. Io mi trattenerò qui in Seuilla tutta questa settimana, per finir d'aggiustar alcune cose necessarie da portare al Congo. //

Domenica partirò per Cadix doue si ritroua il Signor Marchese della Lizera, presidente, che stà dispaciando gli galleoni che alla più tardi partiranno li 20 del corrente, con i quali il nostro vascello partirà ancora; consegnarò al detto Signor Marchese la lettera del Rè, acciò appara la licenza che S. M. mi dà dell' imbarcatione, senza la quale il capitano non uoleua imbarcarci; hò concetato già col capitan et alcuni signori interessati in detta naue, che in questo molto mi fauoriscono, che io debba dare mille reali da 8, e egli s'obliga di portarci sin al Porto d'Angola, con farci le spese per il viaggio, e di questo ne hà fatto scritura autenticha; giunto che sarò in Cadice darò parte à V. S. Jllustrissima di tutto il seguito, et anco scriuerò puntualmente alla Sacra Congregatione del tutto e di quanto V. S. Jllustrissima

efficacemente hà operato l'inuiarò in Madrid la lettera aperta, acciò V. S. Jllustrissima la legga, e le dia recapito; non scriuo di proprio pugno per essermi questa matina sangrato; in questo mentre riuerisco humilmente V. S. Jllustrissima, come anco fanno tutti gli miei Compagni, supplicando S. D. M. che le dia il merito delle fatiche sostenute in questa sua opera. //

Seuilla, 9 Giugno 1654.

Di V. S. Ill.ma

Deuotissimo et Obb.mo Seruitore

Fra Antonio da Gaeta Romano
Capuccino Prefetto

Ill.mo Signor Arciuescouo di Rodi, Nuntio Appostolico.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 302-302v.

125

CARTA DE FREI ANTÓNIO GAETANO ROMANO AO PREFEITO DA PROPAGANDA FIDE

(24-6-1654)

SUMÁRIO — *Partida de Cádis directamente para Luanda a bordo de um navio genovês — Contrato feito com o Capitão do navio — Esforços baldados do Núncio para obter o auxílio régio — Obtenção de licença para embarcar.*

Emin.^{mi} Riv.^{mi} Sig.^{ri}

Da Madrid auisai duplicatamente l'Eminentie loro di quanto il Conseglio, per ordine del Rè haueua decretato circa la nostra missione, ciò è che S. M. non voleua concedermi quello che li supplicauo per la nostra imbarcatione, dicendo che se la Sacra Congregatione voleua inuiare questa missione lo facesse ella, che il Rè non voleua dare l'imbarco; onde vedendo chiusa la porta a questo trattato, con hauere fatto l'Ill.^{mo} Signore Nuntio Gaetano tutte le diligenze possibilj, mi risolsi venire a questo porto di Cadix, doue staua vna naue di partenza per Angola fra pochi giornj, hsuendo di già il capitano ottenuto il dispaccio di estrarre negri d'Angola per condurli all'Jndie del Rè. //

Comprouò Monsignor Nuntio la mia risolutione dicendomi che arriuato in Cadix, se si poteua concertare col capitano la nostra jmbarcatione che gli ne dasse auiso perche hauerebbe tentata ogni strada per alcanzarne da S. M. la necessaria licenza. Gionto jn Cadix trattaj col signor capitano e col fauore d'alcuni signori genouesi frapostisi in questo tratto per superare tutte le difficoltà che s'opponeuano, si stabili il concerto in questa forma: che pagandosi al capitano da me mille pezzi da 8 realj

egli douesse portarmi insieme con j miej Compagni jn Angola, e farci esso la spesa per tutto il viaggio, obligandosi jn oltre detti signori genouesi per limosina di farli leuone le spese che di sopra più vi potessero correre, con conditione però che j hauerle le licenze di S. M. espressa acciò ci potesse jmbarcare senza pericolo di contrauenire al mandato espresso che haueua detto capitano di non poter jmbarcare alcuno. //

Diedi del tutto parte al detto Monsignor Ill.mo Signor Nuntio jn Madrid del quale con ogni puntualità m'è stata inuiata la necessaria licenza di S. M., del che inuero sono rimasto attonito, attese le difficoltà che mentre io ero jn Madrid isperimentaj in quej ministri circa questo negotio, ascriuendo il tutto e alla diuina prouidenza che benissimo sà sciogliere j nodi delle difficoltà in ciò che concerne la gloria sua e salute dell'anime, a cui siamo in quest'jmpresa destinati, et al serafico zelo e singolar prudenza con che quell'Jll.mo Prelato hà trattato questo negotio, sia per sempre benedetto il Signore che si soauemente hà vltimato il tutto. //

Noi dunque partiremo da questo porto di Cadix fra 8 giornj al più tardi con vascello di 36 pezzi e canone di cui è capitano il signor Giouanni Battista Pluma genouese, detto Campedonejo, e saremo 12 frati, ciò è diecj sacerdoti e due laici, e perche due sacerdoti restorno infermi in Genoua, jn luogo di questi il nostro M. R. P. Procuratore Generale hà sostituito due altri della Prouincia di Milano, quali se verranno jn tempo di potersi imbarcare con noi, bene quando che no, goderanno altra commodità. //

Qui jn Siuiglia e Madrid si sono trouate alcune limosine di signori genouesi e jtalianj. Con le quali si sono fatte fare alcune cose per la sacristia, e qualche prouisioni di vino, farina e altro per celebrare le messe in quelle missionj del Congo e d'altre oue anderemo, giàche il denaro datosi dalla Sacra Congregatione è conuenuto darlo al capitano per la nostra jmbarcatione e vitto, che è quanto per hora occorre, e con ciò riuerisco

humilmente l'EE. VV. RR., supplicandole a volerci dare la loro benedittione. Gionto al Congo le sugerirò la Relatione del nostro viaggio. //

Di Cadix, li 24 Giugno 1654.

Di VV. EE. RR.me

Deuotissimo e humilissimo Seruitore

Fr. Antonio Gaetano Romano //
Capuccino Missionario

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 306-306v.

NOTA — Em carta da mesma data, ao Núncio em Madrid, diz estar para partir com o capitão Pluma, que deveria já ter largado, o que ainda não fizera com medo dos corsários turcos que rondavam aqueles mares, tendo determinado partir com os galiões até às Canárias, estando estes já aparelhados e que «in tutte le maniere» partiriam até ao fim do mês.

APF — *Ibidem*, fl. 305.

126

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(27-6-1654)

SUMÁRIO — *Regulamentação das patacas do Rosário e da moeda em geral, nas Ilhas de Cabo Verde e de S. Tomé — Determinação quanto ao Brasil sobre o mesmo problema.*

Enuiandose com carta de V. Magestade ás Ilhas de São Thomé, e Cabo Verde, a noua ley das patacas, que V. Magestade mandou passar no anno de 651, respondeo Christouão de Barros Rego, gouernador da dita Ilha de São Thomé, em carca sua de 16 de Abril de 652, que deu á execução a dita ley, sem embargo da repugnançia que fes aquelle pouo, para de todo não serem prohibidas as patacas do Rosario, pello dano que disso lhe resultaua, a respeito da mayor parte do dinheiro que aly hauia ser desta qualidade. E que valendosse da permissão que V. Magestade na mesma ley lhes conçedia, para poderem vsar dellas, como fazenda de ley, e não como moeda corrente, lhe pedirão lhes desse lugar para que entre sy, de comũ consentimento, lhe posessem o valor de hũ crusado, porque se não fosse assy, haueria grande confusaõ entre os negros, e padeçerião grande engano no que comprassem, e vendessem, como tambem por euitarẽ a ocasião de que os nauios que estauaõ no porto, quererem mais leuar o dinheiro por negoçeação, do que suas drogas, com que se hiria aquella terra impossebilitando mais do que estaua, por nenhũ delles lhe leuar outra moeda. E por todas estas razoẽs lhes conçedeo elle gouernador o que pertendião, até V. Magestade mandar vltima rezolução.

Que tambem lhes conçedeo que os tostoẽs e meyos tostoẽs velhos corressem naquella Ilha, hũs por seis vinteis, outros por

tres, como neste Reino, por não correrem nella até então, e faltar dinheiro meudo para os trocos, e vso comum da terra.

Sobre o mesmo particular escreuem tambem a V. Magestade os officiaes da Camara da dita Ilha de Samtiago de Cabo Verde, em carta de 7 de Junho de 653, quem tem representado a V. Magestade, e tornão a representar de nouo, o aperto em que cada dia se vem naquella Ilha por falta de moeda corrente, chegando por isso a mandar ao asougue, e á praça, escritos, e panos, para se lhes enuiar o mantimento cotidiano; e isto mesmo suçede nas mais cousas ordinarias para a vida humana. //

E pedẽ a V. Magestade seja seruido mandar que se leuantem as patacas do Rosario, a 480 reis, como as mexicanas, e seuilhanas, ou lhes faça mercê quererlhes mandar acodir com algũ meo, com que se possão liurar das neçessidades, e apertos em que se vem. Que na Bahia de Todos os Santos (aonde se remeteo a mesma ley) se marcarão as patacas do Rosario, que tinhão justo peso, e as mais se cortarão, com que ficou a terra chea de dinheiro, aproueitandose tambem da prata das que se cortarão, para se laurar. E que quando V. Magestade no anno de 641, mandou leuantar neste Reino os tostoẽs a 120, o gouernador do Brazil Antonio Telles da Silua, ordenou que se marcassem, e corressem naquelle estado a 150; e que inda assy acodindo a Camara sobirão a 160, obrigandose a pagar as perdas, e danos se as ouuesse; e que por este preço correm hoje no Brazil, com que todos aquelles pouos estão cheos de dinheiro, e hé mercançia leuar tostoẽs velhos deste Reino pello auanço que se reçebe, e que mais querem aquelles moradores tres tostoẽs velhos que hũa pataca mexicana de 480, por ser dinheiro meudo para o vso comum.

Que as patacas do Rosario se vão leuando todas daquella Ilha, nos nauios que vem para esta Cidade, e nos que passão para o Brazil, o que se não pode atalhar, e que se tiuerão os nauios da permissão de Jndias, se forão sustentando com entrar, e sair dinheiro.

E vltimamente pedem a V. Magestade seja seruido conçeder lhes licença para se marcarem até çincoenta mil cruzados de patacas

do Rosario, para vso ordinario da terra, remetendoselhes para isso as marcas deste Reino, que aquelle pouo açeitará a dita quantia, e a fará boa, chamando algum meyo para hirem tostoẽs nouos, que tambem farão que valhão 120 reis, e os cruzados 480. E que hauendo patacas, que não sejão do Rosario, que tambem se marquem por 500; tudo isto até a dita quantia de çincoenta mil cruzados, o que será o vnico remedio, e quietação daquelle pouo.

O Prouedor da fazenda, a que se deu uista das cartas referidas, e da rezolução que V. Magestade foi seruido tomar no cunho, e valor das patacas do Brazil, respondeo que será conueniente marcarense as patacas do Perú antigas, em Samthomé, e Cabo Verde, como se fes no Brazil, para que se guarde o mesmo em todas as partes vltramarinas, e que lhe pareçe que não conuem valerem os tostoẽs velhos no Brazil mais que seis vinteis, para se não despeje este Reino de dinheiro, e se leue por mercançia, e mais quando o que se fes (se hé verdadeiro) não foi com ordem de V. Magestade.

Ao Conselho pareçe (pello que aponta o Procurador da fazenda) e na conformidade do que V. Magestade em reposta de consulta deste Conselho de 24 de Mayo de 1652, e com comunicação dos officiaes da Caza da moeda desta Corte, foi seruido mandar rezoluer, de que se auisou ao Brazil por carta de 22 de Nouembro do mesmo anno, de que vay inclusa a copia, deue V. Magestade mandar se proçeda nas Ilhas de Cabo Verde, e Samthomé, remetendoselhes hũ cunho, para com elle serem marcadas, dentro do mais breue termo que se possa fazer, todas as patacas que nas ditas Ilhas ouuer, assy da noua fabrica como das outras, e acabado o tempo que se signalar, se não cunhe mais moeda alguã, e as marcadas valhão como neste Reino 480, e com as mais declaraçoẽs conteudas na carta incluza, e os tostoẽs velhos a 120, e os meyos a 60, por não conuir hauer variedade nos preços da moeda. //

E ao Brazil se auise (se hé çerto o que se dis) que o preço dos tostoẽs, e meyos se abata ao do Reino, por euitar o dano

que se lhe pode seguir. E de mais do referido pareçe tambem que V. Magestade deue mandar que com pena de ser perdida, se não tire das ditas Ilhas moeda alguã, sem vir registada, e obrigado quem a trouxer (sendo para esta Cidade) a leuala á Caza da Moeda para nella se reconheçer, e ficar em ser boa, e de ley, e a outra se fundir de nouo. //

Em Lisboa, a 27 de Junho de 654. //

O Conde / Vasconcellos / Pinto / Pereira.

[*À margem*]: Como parece. Lisboa, 20 de Julho de 654.

Rey.

AHU — Cód. 15, fls. 103v.-104v.

NOTA — Acerca do problema versado neste documento pronunciou-se novamente o Conselho Ultramarino nos termos seguintes:

Rezolueo V. Magestade em reposta de huã consulta deste Conselho, da datta de 27 de Junho passado, que ás Ilhas de Cabo Verde, e saõ Thomé, se inuiassem cunhos com que se marcasem as patacas que nellas há de prezente, e pedindo o Secretário deste Conselho ao Juiz da moeda Mathias Correa de Faria, os taes cunhos, escreuendolhe que V. Magestade o hauia assim rezoluto, e as cartas de V. Magestade estauam já assinadas, respondeo que hera necesario darselhe ordem do Conselho da fazenda, a quem o hauia comunicado, como tudo se reprezenta a V. Magestade pello seu escrito incluzo. Seja V. Magestade seruido de mandar ordenar que os taes cunhos se dem, se o for de que a rezoluçaõ tomada passe adiante.

Em Lisboa, a 19 de Agosto de 654.//

O Conde / Vasconcellos / Pinto / Pereira.

[*À margem*]: Assy o mando ordenar ao Conselho da fazenda, onde se procurem estes cunhos para se enuiarẽ. Lisboa, 25 de Agosto de 654. //

Rey.

AHU — Cód. 15, fl. 117.

127

CARTA DO PADRE ANTÓNIO GAETANO ROMANO AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA FIDE

(28-6-1654)

SUMÁRIO — *Anuncia a partida dos missionários Capuchinhos para Angola — Dará notícias da viagem logo que chegue a salvamento.*

Ill.mo Reu.mo Signor mio Osseruandissimo

Dall'inclusa diretta alla Sacra Congregatione V. S. Illustrissima saperà il modo della nostra imbarcatione, che la misericordia di Dio s'è compiaciuta disporre, perche la mia diligenza già mai haueria potuto conseguire da un capitano il portarmi al Congo cõ tredici frati, tutte le robbe della missione, e farci le spese per il uiaggio, solo cõ pagarli mille pezzi d'otto; certo è stata gratia singolarissima di Dio, che uuole seruirsi di noi in questa santa impresa; sia sempre benedetto Dio. //

Dico dunque à V. S. Illustrissima che la nostra partenza è già stabilita al primo di luglio di fare uela dal porto di questa Città di Cadix, insieme cõ dieci galeoni del Rè, che partono per l'Jndie, cõ li quali ci accompagnaremo sino all'Jsole Canarie, e da li ogn'uno farà la sua strada. Il capitano del nostro vascello si chiama Giouanni Battista Pluma Campodonico, genouese, il nome della naue *La Madonna Nera;* porta 36 pezzi di cañone; il concerto è che porti 14 religiosi; ben è uero che due frati che rimasero malati in Genoua nõ sono gionti, et un'altro che si chiama il P. Crisostomo da Genoua si troua in Granata, doue ui andò para che uenisse in Cadix; io l'hò mandato à chiamare, hor mai è un mese; sin'hora nõ è comparso; se nõ uiene à tempo resterà in terra; mi è molto dispiaciuto se sia allontanato da

Compagni senza aspettare la mia licenza d'inuiarlo à Granata, 40 leghe da qui lontana, doue è un suo fratello, per amor del quale egli hà lasciato li suoi Compagni; dubito che nõ gl'auuerrà quello che prouò S. Tomaso Apostolo, che per essersi allontanato dagli altri Condiscepoli nõ partecipò la gratia della visitatione di Christo. S'egli nõ uerrà à tempo io li lasciarò ordine che uenendo gl'altri due Compagni s'imbarchino cõ la prima commodità che potranno hauer. //

Subito gionto ad Angola darò parte à V. S. Illustrissima del uiaggio. Jo farò tutto il possibile, che il capitano ci sbarchi in Pinna (1), per torre uia ogni difficoltà potessimo incontrare in Angola da portughesi; quando poi il capitano nõ uorrà consentire, sbarcaremo in Angola. Jddio e la Santissima Vergine ci saranno fauoreuoli; riuerisco dunque humilmente V. S. Jllustrissima e li uiuo obligatissimo seruitore. //

Cadix, 28 Giugno 1654.

Di V. S. Jll.ma e Reu.ma

Oblg.mo Aff.o Seruitore

Fr. Antonio Gaetano Romano //
Capuccino Missionario

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 307-307v.

---

(1) Porto de Pinda, na foz do Zaire.

128

INFORMAÇÃO SOBRE O REI DO DONGO

(Junho — 1654)

SUMÁRIO — *Os antigos governadores Salvador Correia de Sá e Francisco de Vasconcelos da Cunha informam el-Rei acerca do Rei do Dongo e da Rainha D. Ana de Sousa Jinga.*

Senhor

O Rey de Dongo hé hũ vassallo que foi dos Auós da Rainha Ginga, o qual hé muy fiel, e sempre nos acompanhou nas guerras que tiuemos, contra os mais Reys, e potentados daquella Ethiopia. Em consideraçaõ de sua lealdade, e da pouca que tinha de dona Ana a Ginga, o ellegeo o Gouernador Luis Mendes de Vasconçelos (1), por Rey de Dongo tirando o Reino a esta dona Ana Ginga, a qual era Thia do herdeiro legitimo, que ficando minino em seu poder, o matou, e se leuantou com o Reino. Ella vendose despossuida, se fes salteadora, juntando gente fugida, e façinorosa, guardando a ley dos Jagas, que hé o comer carne humana, não criarem os filhos, e conseruarse, prefilhando os rapases, que colhem nas guerras, matando-lhe os pais, e maỹs, com assogues publicos. //

A esta Ginga se acolhem todos os escrauos dos Portugueses, e todos os façinorosos, e descontentes, que em todas as partes os há; a prinçipal teima desta negra, hé contra o Rey de Dongo, chamandolhe seus escrauos; e como ella hé dos Reys antigos,

---

(1) Teve carta patente de 6-5-1616 e chegou a Luanda em 26 ou 27 de Agosto de 1617.

e elle vassallo, lhe tem os gentios daquellas partes tanto respeito, que hauendo a por veses desbaratado, as armas de V. Magestade, se vay ella liure, e todos os nossos negros se deitaõ no chaõ, sem se atreuer nenhũ a pegar nella, que tem por tradiçaõ, que o que nella pegar, hade cair logo morto; e como está neste conheçimento, se naõ ocupa mais, que em andar salteando os souas, e pouoações dos negros, vassallos de V. Magestade, distruindo os, e comendo os; estes defende o Rey de Dongo, por ser os de que o fiseraõ Rey; e conuem ao seruiço de V. Magestade que esta negra se distrua, e que se dê todo o fauor a ElRey, contra ella, porque naõ sendo assy, se perderá a Conquista, como V. Magestade se poderá mandar informar de todo o genero de gente, assy ecclesiastica, como secular.

No particular da queixa, que este Rey de Dongo fas dos herdeiros de Antonio Teixeira de Mendonça, que foi dos homẽs que naquelle Reino seruio a V. Magestade com satisfaçaõ, e todos os cargos, até Gouernador, pello que V. Magestade o fes fidalgo, e outras mercês, tambem fasẽ presente a V. Magestade, que os negros, que se queixa o Rey, lhe tem vsurpados, não são cattiuos, porque este Antonio Teixeira em seus prinçipios, foi Alferes de Ambaca, que hé huã fortaleza de V. Magestade, que está quinse legoas, pouco mais, ou menos da Corte del Rey; era mosso e o Rey tinha huã filha, enamorouse della; e andou amançebado com ella perto de quinse annos, sendo muy querido do Rey, que naõ estranhaõ isto, antes o tem por fauor, e como o tinha em conta de genrro, os seus vassallos nas guerras o acompanhauaõ; elle era liberal, com que não só na guerra, senaõ na pás, assistiaõ em sua casa, e fazendas. E como o cabedal daquella gente hé taõ pouco, façilmente se mudão de huã parte para outra, e assy muitos estaõ çituados nas fazendas do dito Antonio Teixeira, mas nem sam escrauos do Rey, nem dos herdeiros de Antonio Teixeira, mas vassallos seus. E assy o que se deue mandar, que todos os vassallos delRey de Dongo, que estiuerem em qualquer parte, o Gouernador mande se recolhaõ para as suas aldeas,

e que ao Rey se lhe dê toda a ajuda, e fauor, para defenderse da Ginga, e inda a ella se distrua por todos os caminhos, como a façinorosa, e tal peste daquelles Reinos. Vossa Magestade mandará o que for seruido. //

Saluador Correa de Saa / Francisco de Vasconcellos da Cunha

AHU — *Angola*, cx. 5. — Cópia.

129

CARTA DO PADRE ANTÓNIO GAETANO ROMANO AOS CARDEAIS DA PROPAGANDA FIDE

(2-7-1654)

SUMÁRIO — *Anuncia a partida da missão para Angola — Padres que ficam e razão da sua desistência.*

Eminentissimi e Reuerendissimi Signori

Questa sarà l'vltima mia lettera che scriuo all'Eminenza VV. Reuerendissime da Europa, atteso che posdomani, 4 del presente mese, in giorno di sabbato, faremo vela, con l'aiuto del Signore e della Vergine Santissima, da questo porto di Cadix verso Angola, sopra della naue di capitano Giouanni Battista Pluma, genouese, detto Campodonego, si come più per estenso mi trouo hauere duplicatamente ragguagliato l'Eminenze VV. Reuerendissime; e se altro non occorre andaremo sin all'Jsole Canarie di conserua con gli galleoni che di questo porto pure partono per andare a prendere nell'Jndie la plata di S. M. //

Hoi non saremo in numero più di vndeci, atteso che il P. Chrisostomo di Diano (1), che compiua il numero di dieci sacerdoti, gionto in Matril col mio vicario, non volse passare più auanti, il che permettendo il detto mio vicario, per non poterne far di meno, iui lo lasciò; di doue poi il detto P. Chrisostomo procurò di ottenere licenza dal P. Prouinciale di questa Prouincia d'Andalusia per girsene a Granada per certi negotij de suoi parenti;

(1) O Padre Crisóstomo de Génova (Passaggi) nasceu em Diano em 1610, e por esse motivo Frei António Romano lhe chama Crisóstomo de Diano.

et jntesosi dal detto mio vicario esserui nauigio pronto per continuare il nostro viaggio, gli ne diede subito auiso, acciò se ne ritornasse speditamente, il che in oltre feci pure io, con due mie scritteli, l'vna da Siuiglia et l'altra di quà; *his non o[b]stantibus* non è venuto, hauendo hauuto tempo di venire, del tempo che fù auisato dal detto mio vicario, sino al presente; ansi che mi scriue da Granada hora che non può venire, si che iui se ne resta, per negotij de suoi parenti: alla dispositione dell'Eminenze VV. Reuerendissime (2) //.

Gl'altri due sacerdoti che compiuano il inumero di 14 assignati dall'Eminenze VV. Reuerendissime rimasero in Genoua per jndispositione, si come il mio vicario ne diede pure auiso al M. R. P. Procuratore. Tosto che occorse il maneamento, è quanto per hora occorre; et humilmente jnchinato all'Eminenze VV. Reuerendissime, le baccio le sacre vesti. //

Jl P. Prouinciale et altri Superiori di questa Prouincia d'Andalusia ci hanno fatta gran carità et aiutato molto ne' bisogni della missione.

Da Cadix, li 2 di Luglio 1654.

Di Vostre Eminenze Reuerendissime

Deuotissimo et humilissimo Seruitore

Fr. Antonio Gaetano Romano //
Capuccino Missionario

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 324.

---

(2) Em carta de 4 de Julho, ao Secretário da Propaganda, o Padre António de Gaeta escreve, a propósito do Padre Crisóstomo de Génova: «il P. Crisostomo da Genoua merita mortificatione, perche nõ doueua allontanarsi da suoi Compagni; io gl'hò mandato ordine che se ne ritorni in Jtalia alla sua prouintia di Genoua». — *Ibidem*, fl. 325.

130

CARTA DO EMBAIXADOR EM ROMA A EL-REI DE ESPANHA

(24-7-1654)

SUMÁRIO — *Conveniência política de que o Conselho de Indias despache e ampare os missionários Capuchinhos enviados ao Congo.*

†

Señor

Por parte de la Congregacion de Propaganda Fide se me ha ynsignuado que ban de aqui a la mision del Reyno de Congo, embiados della, algunos padres Capuchinos, pidiendome que suplique a V. Magestad. //

Esta Congregacion la fondó Urbano Octauo y acuden a ella diferentes Cardenales, Obispos, Monsiñores y otras personas de mucha autoridad, que la gouiernan (1), y entre algunas obras muy buenas de su institucion, la principal es el acudir a la propagacion de la fee, a cuio exercicio encaminam de continuo algunos Capuchinos, para los quales piden se les den los despachos necessarios y se les fauorezca y aiude para su buen viaje y seguridad. //

Y siendo esta obra tan propia de la clemencia de V. Magestad, de muy buena gana me he ofrecido a esta representacion y a suplicar a V. Magestad se sirua de mandar al Conssejo de Indias tenga particular cuidado despache y ampare a estos Religiosos, pues es exercição tan pio el que van a haçer y de merito

---

(1) A Propaganda Fide foi criada por Gregório XV, pela bula «Inscrutabili», de 22 de Junho de 1622. Cf. *Monumenta*, VII, p. 27.

para V. Magestad el enuiarlos, y mas conueniencia de su real seruicio que V. Magestad los mande encaminar, que no se embarquen en Portugal, con la direccion y massimas de aquel Rebelde (2). Guarde Nuestro Señor la Catholica y Real persona de V. Magestad, como la Christandad [h]a menester.

Roma, 24 de Jullio 1654.

a) El Duque de Terranoua

[No verso]: Recebida a 26 de Agosto.

AGS — *Estado*, maço 3026, fl. 17.

(2) Na linguagem política e diplomática dos escritores oficiais espanhóis da época, as expressões «Tirano» e «Rebelde» de Portugal, para designar D. João IV, são correntes e significativas.

131

CARTA DO PADRE FILIPE DE YJAR AO PREFEITO DA PROPAGANDA

(25-7-1654)

SUMÁRIO — *Peripécias da missão enviada ao Benim — Barbaridade e total analfabetismo da população — Sacrifícios humanos oferecidos ao demónio — Expulsão dos missionários — Chegada às ilhas do Príncipe e de S. Tomé — Notícias do reino de Oere (Owerri).*

Eminentissimo Señor

Luego que llegué a Seuilla di notiçia a su Illustrissima el Señor Nuncio de España del estado que tenia la mission de Benin, y en llegando ala corte le fuí a besar la mano y referi mas latamente el sucesso, y así me mandó y diera dos para Vuestra Eminencia, lo qual ago, y asi digo que hauiendo llegado al Reino de Benin 8 missionarios, los 5 de la Prouincia de Aragon, los 2 de la de Valencia y uno de Flandes, desenbarcamos eu un rio del mismo Reyno, por donde fuimos a parar a un lugar que se llama Gottó; en este adolezimos todos grauemente y en seys dias fué nuestro Señor servido llebarse para si tres predicadores; y los que quedamos proseguimos el viaje para la ziudad de Benin do está el Rey; mucha dificultad costó esto, pero mas el poder ablar al Rey; en efeto rompidas estas, en espacio de dos messes se le pudo hablar dos vezes y esto por respecto de presente que a el y sus pribados offrezimos; en la segunda vez ofreció el Rey se queria conbertir y asi que queria azer yglessia, y llegó esto a termino que señalló el puesto do se hauia de azer; mas el Demonio, que tiene a toda aquella barbara jente por suya, pues los manda como a esclabos suyos, viendo se iua disponiendo el despojarlo del solio que alli tiene, habló a los negros que no nos enseñaran

su leng[u]a que los hauia de matar, y a mas desto inzitó al Beedor mayor del Rey para que no nos lo dejara ver, sin lo qual es imposible la tal conbersion; vien vimos esto claramẽte, y lo que satanás hauia obrado en el pecho duro de aquellos, que qual si fueran de bronze quedó la diabolica enseñanza en ellos impressa, sinque, por jamas los pudieramos reduzir siquiera a que vieramos el Rey, o que sin ella, ellos se conbertieran; gastamos en esto mas de un año, sin que un punto los podieramos ablandar, por mas medios que pusimos. //

Affligidos de ver cerrada la puerta por todas partes, intentamos un dia que este Rey azia sacrifizio al Demonio en su cassa, de hombres y animales, metidos entre la jente, que es infinita la que concurre a aquel espectaculo, de irle a hablar en publico, ya que en secreto o pribadamente no podimos, por las causas dichas, y juntamente reprehenderle si no nos queria oir, el sacrifizio que aze al Demonio, y esto al año muchas vezes, que es cosa lastimosa. //

Contentos nosotros de ver se nos ofrezía tan grande ocasion de podernos tambien offrezer al Señor en sacrificio confiando en el, fuimos a palazio y aguardamos a la puerta del, que es grandissimo; fueron entrando los grandes de aquella Ciudad, que dizen sus naturales passan de dos mil, vestidos con diferentes trajes que ocasionasen fiesta; fueron entrãdo hasta que se allenaron 4 patios, de que consta el palazio; y siendo ya ora, por estar todo lleno entramos el primero, y entre otros que nos mirauan fué un benerable viejo, que parezía el la forma exterior un San Pedro; yzo nos este una seña, diciendo que le fueramos siguiendo; quedamos admirados por no hauerlo visto asta entonzes, siendo asi que los negros se guardaban de que no vieramos el sacrifizio; alfin fuímos con el viejo de un patio en otro, asta que llegamos al ultimo, en donde voluntario nos dejò, diziendo fueras! por el cobertizo de aquel, y en medio del qual encontramos una messa en que estauan los alfanjes con que hauian de degollar a 5 hombres y 5 animales de cada espezie de los que en aquella rejion se allan. //

Aguardamos tiempo oportuno, y en siendolo salimos de lo escondido en que estabamos al publico y claro de la plaza, que como las demas de aquel palazio estaba llena de los mas grandes, asistiendo al Rey en el sacrifizio; mas antes de enpezar ellos a estrozar aquellos pobres hombres e ynozentes animales, comenzamos hablar al Rey y grandes lo mal que azian en azer tal sacrifizio y el estado en que estaban de perdizion, y el Demonio a quien azian aquel seruizio los engañaba, etc. Mas apenas ablamos quando arremetieron aquellos barbaros ydolatras para nosotros, llebandonos por aquel patio con maltratamiento y no pararon asta que nos sacaron daquel y zeraron la puerta. Mas queriendo segunda y terzera vez entrar, metidos entre los otros, que todavia iban entrando, nos lo impidieron, asta que del todo nos sacaron de palazio, a cuya puerta se juntaron infinitos negros, que burlaron de nosotros, asta que llegamos a casa; aqui estubimos llorando nuestra poca dicha y perdizion de aquellos jentilles, asta que aquella misma tarde vinieron diez ministros del Rey, diziendo salieramos luego de Benin, que no querian les impedieramos sus sacrifizios que azen al Diablo; aquella noche estubimos con guardas, asta que al otro dia nos sacaron de cassa con traizion al P.e frey Angel de Valenzia y a mi y nos llebaron a un bosque, en donde estubimos en compañia de 5 leopardos que nos guardaban, sin quer nos dar de comer, con que se padezió un poco; al cabo de 4 dias nos llebaron a un lugar que se llama Gottó; alli estubimos presos mes y medio, asta que los compañeros trujeron la ropa de la mission a do estabamos, y de ay pasamos a otro lugar del mismo Reyno que se llama Arbo *(sic)* en donde estubimos 5 messes; y viendo que no se podia azer fruto por entonzes, determinamos salir en na enbarcazion jnglessa, que nos llebó ala ysla del Principe, tierra de Portugueses, en donde luego que llegamos preguntaron si hauiamos estado en el Reyno de Ugueri (1);

(1) O *Oere*, *Oeri* e *Overi* de outros documentos no século XVII, que a anglofonia fixou e estabilizou em *Owerri*, na actual república da Nigéria.

y respondiendo que no, porque no tubimos del noticia alguna; y luego nos fueron refiriendo que cossa era este dicho Reyno, de que quedamos en grande manera lastimados, por ver que este Reyno está al lado de el de Benin y los unos coltibã las tierras de los otros. //

Son cristianos asi el Rey como sus basallos, mas es cosa lastimosa el ver que no va a dicho Reyno uno sazerdote sino al cabo de muchos años, quando va alguna enbarcazion de la isla de Santo Thomoe, que está de vajo la linia, y este está alli por sus interesses dos o tres messes, en cuyo tiempo bautiza los niños y cassa a los grãdes, y acauãdo el negozio los mercaderes, se ban todos y dejan aquella pobre jente en el estado miserable que ymaginarse puede; quando llegamos a dicha ysla del Principe hauia mas de 8 años que no hauia ydo sacerdote; mire V. S.ª Eminentisima que tal estará aquel Reyno, comunicando con los circumbizinos, que todos son ydolatras y ministros del Diablo; en esta ocasion a ysla del Principe vino una enbarcazion para ir a dicho Reyno de Ugueri, a rescatar, y viendo que era aquella la mejor ocasion intentamos ir, lo uno para fecundar aquellas pobres almas, sin pastor, llenos de ydolos y superstiziones por falta de ministros euangelicos, y lo otro por ser este el mayor medio para la combersion de Benin, por estar estos dos Reynos juntos y poderse aprehender la leng[u]a de Benin en el de Vgueri, y en ese medio fundar y trauajar esta biña del Señor, que está deseruida (?) con esta ocasion tan buena; no se puede creer el contento que teniamos; propusimos nuestros deseos al Gobernador de aquella ysla, creyendo no habria dificultad alguna, por ver quanto se lastimaban del desamparo de aquellas almas; mas el dicho respondió que no podia dejarnos ir, porque eramos españoles y asi que si lo azia le quitaria el Rey de Portugal la caueza. Siendo asi que este Reyno de Vgueri es libre y en el no ay algun Portug[u]es. //

Frustradas las esperanzas por esta parte, fuimos a la ysla de Santo Thomoe, y en ocasion tambien que hauia de ir otra

embarcazion para dicho Reyno de Ug[u]eri (cosa que no hauia sucedido en 8 años) adonde pretendia inbiar el Gobernador un sacerdote y buscandolo en la ysla misma de S. Thomoe, de seis o siete que eran ninguno quiso ir, siendo asi que le azia muy grandes combinienzias en orden a interesses; viendo yo tam buena ocasion nos ofrezimos voluntarios y suplicamos con grandes ruegos y suplicas, encargandole la conzienzia la perdicion de tantas almas que morian e viuian como bestias. //

Respondió lo mismo que el otro, con que quedamos desauizados (!) por esta ocasion, por hauer dado en manos de Portug[u]eses, asta que Vuestra Eminenzia disponga otra adonde se puede ir, si bien no se puede conserbar asta que se reduzga Portugal para España, lo qual conseguido se consiguirá fazilmente el remedio, no solo el de el Reino de Ugueri, sino tambien el de Benin (2), que consiste totalmente en la combersion del Rey; para nos izo grande falta el no sauer la lengua en que el Demonio puso sus fuerzas y en ocultarnos este Reyno de Ugueri, adonde pudieramos hauea ido sin llegar a la ysla del Princepe.

El Reyno de Benin es muy grande. La ciudad principal se llma tambien Benin, es mayor que Madrid. Tiene en ella mas de dos mil grandes, de la demás jente no tiene numero. Todos son ydolatras; el Diablo, con quien ablan familiarmente les manda le lebanten altares; estos constan de una figura a quien ellos

---

(2) Dado o estado de guerra entre Portugal e Espanha e que a missão fora patrocinada pelo Rei espanhol, natural seria até que os missionários tivessem sido presos como súbditos de Espanha. O não lhes fornecerem os governadores portugueses embarcação ou o não aceitarem seus serviços, a esta luz, é perfeitamente compreensível, se bem que lamentável no aspecto missionario. Porém a missão de Frei Ângelo de Valência e seus confrades estava longe de perfeita isenção política e a posição de Roma, que teimava em não reconhecer a independência de Portugal em 1640, são factos que não só tornam compreensível mas de legítima defesa a actuação das autoridades portuguesas.

llaman el Diablo, y todo lo restante del altar es de cauezas de baca, cabra, hombres saluajes, monos, dientes de elefantes, y otras superstiziones. Cada uno tiene eu su casa altar endonde ofreze quanto viste y come, asta el agua [con] que se laba las manos, y con la sangre de los animales que matan para comer, aunque sea de tortugas, vañan aquellos ydolos; esto mismo aze el Rey de la sangre humana. Sin estas cosas que cada una tiene en su casa, ay otras en los lugares endonde se juntan a ofrezerle sacrificio y a dar vozes y gritos delante del Demonio; estos son sus musicas. //

Cada uno de los negros tiene todas las mugeres que quiere. Todos van bistidos de medio cuerpo asta media pierna y descalzos. Las donzellas, asta que las toma alguno por su mujer, no lleban cossa delante, y esto aunque sea la [h]ija del Rey. Los hombres se çircunçidan y todo se les ba en pasar el tiempo alegremente al fin todo ordenado, como quien los gobierna que es el Diablo. //

Estos negros no saben ni conozen letra alguna; con todo son de buen talento y se gobiernan muy bien y conozen que el Diablo es malo y Dios bueno; pero sirben al Demonio, por el miedo que le tienen, porque en no aziendo lo que el les pide los castiga mucho. //

La comida es una raiz que llaman ñame (3), carnes son muy pocas y estas para el sacrificio. Al fin todo es miseria y necesidad mas de lo que se puede pensar, pués no ay alibio, sino todo padezer, a que me ofresco de muy buena gana si fuere o se ofreziere Mision para estos Reynos, que a V. S. Eminentisima tengo significala, confiado chel Señor me dará aliento para ello. Muchas otras cossas han pasado en la Mision tocantes a la combersion de que no ago menzion por estar puesto el principal. V. S.ª Eminenzia perdone mi prolijidad, que todo eso trago

---

(3) Planta da familia das dioscóreas, de raíz parecida com a batata.

escrito para azerle sauedor de todo, y guarde Nuestro Señor para amparo de nuestra santa fee Chatolica y conbersion de tanta gentilidad, que está aguardando. //

De Madrid y Julio a 25 de 1654.

Sierbo indigno de V. S.ª Eminentisima

Fr. Felipe de Yjar
indigno Capuchino de la Prouincia de Aragon.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 328-328v e 351-351v.

NOTA — Acerca desta carta escreveu o Núncio em Madrid ao Cardeal Prefeito:

E.mo e Reu.mo Signore mio Padrone Colendissimo.

Sono tornati á questa Corte. dalla missione del Regno di Benin, il Padre Frà Filippo e Compagni Missionarij, de quali inuiai già sotto li 17 di Giugno all'Eminenza Vostra una lettera, che mi mandarono nell'arriuare in Siuigla. Gl'hò fatto istanza che debbano dare à cotesta Sacra Congregatione una relatione distinta di quanto hanno operato, ancorche senz'alcun frutto, in quel Regno, ed assicurandomi il detto Padre Frà Filippo di sodisfar pienamente à questo mio desiderio con la congionta, la trasmetto all' Eminenza Vostra. E con questa occasione ricordando la mia humilissima osserruanza, le bacio con profondo inchino le uesti.

Di Madrid, 29 Luglio 1654.

Di V. Em.ª

[*Autógrafo*]: Humº Seruº ed obligº seuitore

Francesco, Arcº di Rodi.

Emº Sr. Cardinale Antonio, Prefetto della Sacra Congregatione de Propaganda Fide.

APF — *Ibid.*, fl. 327.

132

CARTA DE EL-REI DE PORTUGAL AO GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

(17-8-1654)

SUMÁRIO — *Manda restituir ao Rei de Dongo os vassalos que lhe tinham sido usurpados e ocupados em trabalhos por António Teixeira de Mendonça e que os trabalhos feitos por eles se avaliem para lhe serem restituidos em fazenda dos seus herdeiros.*

Luis Martinz de Souza Chichorro, &.ª ElRey de Dongo me escrueo, dandome conta do estado miserando em que se acha por falta de vassallos, affirmando que por os meus lhos terem vsurpado, e occuparem, como naõ deuem, os que ainda tem, viue com grande discredito, e risco; pedindome remedio para tudo. //

E hauendo mandado uer a dita carta, e tomado as mais informaçoẽs que se julgaraõ por conuenientes, me pareçeo dizeruos, que logo que esta reçeberdes, façaes que a ElRey de Dongo se restituaõ todos os seus vassallos, que se acharem em ser, donde quer que se acharem, e possuhirem os herdeiros de Antonio Teixeira de Mendonça, de quem muito se queixa (1). E da mesma maneira, o valor dos que constar morreraõ em poder do mesmo Antonio Teixeira, e de seus herdeiros. E que os seruiços que hũs e outros lhe fizeraõ, façaes arbitrar ahy por tres pessoas de

---

(1) António Teixeira de Mendonça teve acção preponderante na reconquista de Angola como *Monumenta* a seu tempo referiu largamente. Foi membro do triunvirato que governou Angola de Maio de 1646 até Agosto de 1648, com Bartolomeu Vasconcelos da Cunha e João Jusarte de Andrade.

saã consciençia, e o que acharem que podem valer, façaes tambem pagar ao dito Rey, pella fazenda que ficou do dito Antonio Teixeira, sem mais dilaçaõ, nem duuida algũa. E que em nenhuã maneira consintaes que meus vassallos occupẽ os do dito Rey em cousa alguã, sem lhes pagarem seu trabalho e seruiço, assy nas cargas, como nos mantimentos, tudo por seus justos preços, e sem se lhes fazer violençia. O que tudo vos hey por muy encomendado, e encarregado. E a ElRey de Dongo mandey responder, por me pareçer ser justo. //

Escrita em Lisboa, a 17 de Agosto de 654.

Rey.

AHU — Cód. 275, fl. 242. — *Angola*, cx. 5. — Cópia.

133

DECRETO DA PROPAGANDA FIDE

(24-8-1654)

SUMÁRIO — *Determina que para o futuro os missionários a enviar ao Congo o fossem com passagem por Lisboa, com cartas de recomendação do Cardeal Protector de Portugal em Roma.*

Referente eodem [Cardinale Estensi] litteras R. P. d. Nuntij Apostolici Hispaniarum (1) scribentis haud potuisse obtinere a Concilio Regis Indiarum solitam elaemosynam, aut ut uocant matolotaligium pro Capuccinis Missionarijs ad Regnum Conghi, attamen ueniam tantum obtinuisse ut ijdem Religiosi ad illas partes conducerentur in uno nauigio Angolam proficiscente, Sacra Congregatio decreuit in posterum esse Missionarios Regni Conghi mittendos per uiam Lusitaniae cum litteris commendatitijs Eminentissimi Domni Cardinalis Protectoris Regni Portugalliae.

APF—*Acta*, vol. 23, fl. 89, nº 20.—Congregatio Generalis de 24-8-1654.

---

(1) D. Francisco Gaetano verificou e convenceu a Santa Sé da sua verídica verificação, que o Rei de Espanha se desinteressara politicamente pelo Congo e consequentemente pelo auxílio material que costumava dar aos missionários para ali destinados pela Propaganda Fide. Finalmente, após tantos anos de tentativas frustradas, D. João IV viu satisfeitas as suas legítimas ambições.

134

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(8-9-1654)

SUMÁRIO — *Desejo de terem em Luanda religiosos Capuchinhos, pelo seu desinteresse, doutrina, pobreza, vida exemplar e humildade — — Examinar se são dignos de confiança no aspecto político.*

Por decreto rubricado da Real mão de V. Magestade da data do primeiro de Agosto passado manda V. Magestade que a carta em que uinha posto, dos officiaes da camara de Angolla de 30 de septembro do anno passado, se ueja neste Conselho e parecendo materia de consulta se fizesse. Na carta referem os ditos officiaes que o dezejo de terem na cidade de são Paulo aos religiozos capuchos os obrigaua a duplicar este requerimento que já noutras ocazioẽs tinham feito a V. Magestade, assy pello zelo de sua doutrina e particular dezinteresse, como por sua muita pobreza, uida exemplar, e profunda homildade, e que mesmo não tem chegado á noticia de V. Magestade uerdadeira informação desta uerdade, tornauão a continuar este requerimento e pedir a V. Magestade em nome daquele Pouo, fosse seruido conçeder aos ditos Religiosos que possão assistir naquella Cidade pellos grandes interesses espirituaes que disso resultaua àquelles moradores.

Ao Conselho (confessando que estes Religiosos são os que representa a Camara de Angolla, e ainda muito mais sendo sem sospeita) pareçe que por debaixo do seu habito poderem hir a Angolla pessoas praticas da guerra por serem vassallos dEl Rey de Castella e o D.^{or} Pero Fernandez Monteiro, ter notiçia da confiança que delles se deue fazer, se lhe deue comunicar este requerimento e que não hauendo cousa que o impida será muy

justo que V. Magestade permita que a Angolla uão alguns destes Religiozos, pois se pedem com tanta instancia. //

Em Lisboa a 8 de Septembro de 654.

O Conde / Vasconcellos / Pereira

[*À margem*]: — Não sendo estes Religiozos vassallos de El Rey de Castella, e uindo embarcarse a este Reino, e hindo dar obediençia ao Perlado da parte a que chegarem, e registandose com o gouernador, se lhes dê licença, porque nesta forma o tenho mandado escreuer a Roma. Lisboa, 12 de Outubro de 654.

Rey.

Esta resolução se lançou por hua certidão do Secretario Pero Vieira da Silva, por não aparecer esta Consulta.

AHU — Cód. 15, fl. 119.

135

CARTA DO REI DO CONGO À CÂMARA DE LUANDA

(14-11-1654)

SUMÁRIO — *Revela em pormenores sensacionais as relações políticas dos Padres Capuchinhos com o Rei de Espanha, com os Holandeses e com ele próprio — Insta com o embarque dos seus embaixadores ao Rei de Portugal.*

Fù mia uolontà e determinatione hauisare à VV. Signorie (come fò di presente) delle mille fraudi, ò per dir meglio, delli molti inganni e fintioni, ch'hanno usato cotesti Religiosi, quali la bon'anima di D. Aluaro 2.º mio fratello mandò à domandar à Sua Santità, essendo io Duca di Bamba, acciò uenessero à coltiuar questa christianità, et altre terre remote. //

Concesse Sua Santità quattro Religiosi, conforme diceua una bolla ò breue che mi presentorno, li quali hauendo pigliato porto in Lisbona hebbero informatione, che cotesta piazza di Loanda era stata presa dalli Olandesi, e la Maestà del Rè Don Giouanne li trattendo per mandarli con altra missione. Dopo restaurata la piazza (1) detti religiosi fecero altera resolutione e fù che passorno à Spagna e s'auuiorno al Rè Filippo, el quale li mandò con una naue genuese, e con essi D. Tiburtio (2), il quale

---

(1) Luanda, a que se refere o Rei do Congo, foi restaurada na plena soberania portuguesa em 15 de Agosto de 1648, por Salvador Correia de Sá.

(2) D. Tibúrcio de Redín, cavaleiro de Santiago e distinto marinheiro espanhol, entrou nos Capuchinhos na provincia de Aragão em 1637, com o nome de Fr. Francisco de Pamplona. A Propaganda Fide serviu-se largamente do seu prestígio político em Madrid para abrir caminho para o Congo, devendo-se-lhe vários decretos neste sentido. Morreu em La Guaira em 31-8-1651, tendo sido honrado com exéquias de general.

dopo hauer pigliato porto in Pinna (3), se ritornò in dietro, uenendo accompagnati li quattro Religiosi di Roma con altri di maggior numero, quali il Rè Filippo, per aualersi dell'occasione, haueua mandato, e per principale il P. frà Bonauentura da Sardegna (4) nel quale trouò più capacità per conseguire li suoi fini e pretensioni; e subito disbarcati in Pinna (3), con prestezza uennero in questa mia corte, nella quale furno riceuuti, conforme era douere. Procurorno secretamente di diuertirme dalle cose, e materie di Portugallo, imparando la lingua della terra con molta diligenza, per non hauer bisogno d'interprete, e poter senza pericolo d'esser scouerti, trattare e negotiar con me le materie che pretẽdeuano, è mettendo il tutto in effetto, otennero da me che le desse alcune lettere in bianco, firmate e sigillate con il mio sigillo reale, dicendo che l'haueriano portate in Roma à Sua Santità, per darle informatione del stato in che si ritrouaua questa christianità, et acciò mi mandasse un Vescouo, Reliquie, Medaglie e breui Apostolici, con molti priuilegij. //

Per una parte non lasciai di sospettare in questo, dall'altra non mi potiua persuadere che in gente tanto disinteressata, e di tanta santa uita, stesse nascosto simil inganno. Alla fine, superando tutte le difficoltà, operorno con me che dimandasse all' Olandese che s'imbarcasse, il che tutto complirno malissimamente; perche furno à Spagna al Rè Filippo, e presentandole le lettere che portorno, nelle quali haueano scritto quel che li piacceue. Dopo passati 3 anni, che tanto stessero nella corte sua, per rispondere alli molti inconuenienti che haueua, furno dispacciati dal detto Rè Filippo, con una grossa armata per pigliare questo Regno e cotesta piazza d'Angola, sapendo che già staua in potere

---

(3) Leia-se: Pinda.

(4) Nasceu em Nuoro, na Sardenha, em 1612, professou na provincia de Castela em 1629 e foi ordenado dez anos depois. Serviu de embaixador entre o Rei do Congo e Salvador Correia para firmar as pazes. Faleceu em S. Salvador em 14-5-1649.

de Portughesi. Ma perdendosi l'armata, che ueniua con tanti mal intententi; scappò solamente una naue, nella quale uenne f. Giouanne Francesco Romano, restando là f. Angelo (5), quale in questo inganno fù il principale, allegando per causa del detto Giouanne Francesco, a che era ido al Benin con altri missionarij. È publico à tutti, che frà Giouanne Francesco di Roma, entrò con gran fabrica di cascioni, casse coperte di cuoro, e molti fardelli, che passauano il numero di 80 e tanti; per mandarli à uenire in questa mia corte, senza la fabrica e machina, che lasciorno in Sogno, (conforme all'informatione che mi fù data), tanto d'arme come d'altre petrece e pezzi d'artiglierie, con Religiosi che uennero per tall'effetto (6). Maestri per far mine ò pombardieri, li quali per permissione di Dio sono morti, alcuni in S. Saluatore, altri in Batta, et altri in cotesta Città di Loanda, oppilati. //

È publico, che sotto colore che erano robbe di sacristia, s'incorpororno tutte le cose; dopo li dimandai che mi dessero quanto se conteneua nelle lettere del Rè Filippo, che mi prese[n]torno, quali, come stauano le mando, acciò che le leggano publicamente, presente il Gouernatore, le Signorie Vostre, e li Reuerẽdi Padri della Compagnia; il Reuerendo Padre Ministro di S. Gioseffo, et altri officiali del Rè mio fratello in arme; mando di più alcune lettere di frà Bernardino Vngaro (7), che di presente siste in Bamba, nelle quali le Signorie Vostre uederanno la bona ò mala uoluntà, e l'affettione quale tengono alle cose de Portughesi; il tutto si fà à tempo suo, et acciò le Signorie Vostre se desingannino con quelli che stanno in cotesta Città di Loanda;

---

(5) Frei Ângelo de Valência.

(6) É uma série de calúnias contra os Capuchinhos. Virou-se o feitiço contra o feiticeiro... Quantas vezes, com efeito, não utilizaram os mesmos Religiosos, em Roma, outras calúnias da mesma origem contra Portugal!

(7) Era da província de Roma. Nomeado para o Congo em 1648, chegou ao Pinda em 29-6-1651. Garcia II pensou mandá-lo a Roma com seu filho, D. António, o que não teve efeito.

deueno sapere che il Gouernator Saluator Correa di Sà e Beneuides, li riceuè e li fece un conuento, à pe[ti]tione del Padre Bonauentura di Sardegna, quale (come è noto à tutti) se inserrò con il detto Gouernatore solamente, per discoprire tutto quello che quà si faceua et ordinaua alle loro pretentioni, et acciò sua M[a]està non potesse hauer notitia de cosa alcuna; e per la stessa causa fù impedita l'andata delli miei imbasciatori, che come è noto à tutti, arriuato il Gouernator Rodrigo de Miranda Ennriquez (8), qual morì in cotesta Città di Loanda, furno li miei imbasciatori à dimãdarli licenza per se imbarcare per il Regno di Portugallo; la concesse cõ grã amore, come cosa che importaua al seruitio del Rè, ma subito la tornò riuocare, bottandoli fore di cotesta Loanda, con molta uergonha et ignominia. //

È publico in questa corte, che dopo riceuuta l'imbasciata de P. F. Giouanne Francesco Romano, mandai far una giunta, e presente il Reuerendo Capitolo, e il Reuerendo Padre Rettore, Antonio de Couto, dimandai al detto Padre f. Giouanne Frãcesco, per qual causa nõ era uenuto per la strada di Portugallo per disbarcare nel porto di Loãda ò Angola; rispose che era impossibile poterlo fare, si perche nõ haueua ordine di ciò fare, si anco per trouarsi in quel tempo il Regno di Portugallo molto oppresso da guerre, che li faceua il Rè di Spagna; per questa raggione si fuì à passar per Spagna, et anco perche non sapeua che Loanda staua in poter de portughesi; il che era tutto il contrario, ponendo in ciò mille difficoltà per coprire l'inganno con che era uenuto; tutto quello che hò communicato al Capitan Giouanne di Costa è uero, e molto più di quel che informò il Gouernatore, come si uederà à tempo suo; le Signorie Vostre dimandino al Signor Gouernator che importa al seruitio di sua Maestà, il Rè D. Giouanne mio fratello in arme, che imbar-

---

(8) Governou Angola de Outubro de 1651 até à morte, em Luanda, em 12-2-1653. A patente do governador é de 24-5-1651. — ATT-*Chancelaria de D. João IV*, liv. 24, fl. 101.

chin[o] cotesti miei imbasciatori, e mi protesto di qualquer danno ò perditte che può uenire à questo Regno, ò à cotesta piazza di Loanda, quando sue Signorie non effettuarà l'imbarco, e con ciò io cumplo con l'obligatione mia per quel che può succedere, e qual che in un tempo si nega, si può concedere in un altro; ne mi dicano che all'hora, ch'hauia potuto preuenire in hauisare e scriuere quel che fò di presente. Mi par anco bene, per uerificarse queste cose, nõ ostãte l'inconuenienti che me si metteno per impedire l'imbasciatori, che non uadino al Superiore maggiore, dispongono le Signorie Vostre quel che meglio li parerà. Dio guardi le Signorie Vostre. //

Della mia corte de Congo, à 14 di Nouembre del 1654.

[Rè Don Garcia]

APF — *SRCG*, vol. 250, fls. 184-184v.

NOTA — Antes da transcrição do documento lê-se: «Copia della lettera scritta dal Re di Congo all'officiaili della Camera della Città di Loanda, tradotta dal linguaggio Portughese nell'Italiano». Trata-se do famoso D. Garcia II.

Na sua bela tradução da obra de Cavazzi — *Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo, Matamba e Angola* — editada pela Junta de Investigações do Ultramar em 1965 — o R. P. Graciano de Leguzzano transcreve a tradução espanhola deste documento, que se conserva em Madrid, na Biblioteca Nacional, Ms. 3533, fls. 141-144, na obra incompreensivelmente inédita do Padre António de Teruel, *Descripción Narrativa*, com notas do mesmo Padre Teruel. Vid. vol. II, p. 327-329. Como se vê, não corresponde aos factos a nota que antecede a publicação: «Desta carta temos só a tradução espanhola...». Julgamos mesmo que a tradução italiana, aqui por nós apresentada, corresponderá melhor, porventura, ao original.

136

CARTA DE D. GARCIA II REI DO CONGO A SEU COMPADRE JOÃO DA COSTA

(15-11-1654)

SUMÁRIO — *Manda uma série de cartas — Acusações contra os Capuchinhos — Manda uma procuração para as cartas serem lidas pùblicamente — Cartas de D. Filipe rei de Espanha, Frei Bernardino Ungaro, Frei João Francisco Romano e um papel do Padre Frei Januário de Nola.*

Com a chegada do P.e Reytor a esta Corte, reçebi hũa de Vossa Mercê, e me alegrei muito com as nouas que me dá de sua saude. O dia que chegou o dito P.e, me faleçeo hũa menina minha filha, sem embargo do que, o mandei uizitar por meu Secretario, ao outro dia, e saber de sua saude. Tudo o que Vossa Mercê trata na sua, assy das preguntas, que o Gouernador lhe fez, em particular e toccar nas capitulaçoẽs, e o mais agradeço a boa vontade de Vossa Mercê, e o bom animo que teue, em lhe dar expediçaõ, como amigo, e compadre; com esta confiança uiuo, e para outras mayores couzas de mais empenho espero fazer Vossa Mercê, pois tem hũ Irmaõ na Corte de El Rey que tem lugar. Espero ser largo na outra ocasiaõ, e com mais uagar diferir a Vossa Mercê tudo o que me trata na sua hé força acudir a Vossa Mercê pelo empenho em que fica para não falsificarem a Vossa Mercê e seus Religiozos que com razaõ se podem chamar lobos carniçeyros, elles e os seus sequazes que os sustentaõ, e naõ sabem, que saõ traydores a El Rey Dom Joaõ. //

Vay hũa procuraçaõ para Vossa Mercê, e o Reuerendo frey Antonio Menistro de Saõ Jozeph, para que Vossa Mercê, e elle em meu nome, requeiraõ a Camara dessa Cidade, e os mais offiçiaes de El Rey, e P.es da Companhia, pera que se leaõ estas cartas publicamente, para se dezenganarem, e ueraõ a falçidade,

em que entraraõ esses Religiozos neste Reino, e os embustes, com que athé o prezente uiuem; e naõ hé de espantar, enganarme com elles, pois o haõ feito com os dessa Loanda. Vossa Mercê requeira em meu nome ao Gouernador e á Camara, que importa ao seruiço de El Rey seu senhor, que embarque os meus Embayxadores, e faça disso hũ protesto; despois de feito, me pediraõ huã çertidaõ outra da Camara, para a todo o tempo o saber El Rey. Em outras materias que Vossa Mercê escreue se trataraõ em outras ocazioẽs; encomendo a Vossa Mercê a diligençia desta materia; porque naõ faltaõ nessa Loanda, homens que trazem o Castelhano no coraçaõ. Deos os descubrirá, como tem descuberto a muitos que foraõ traydores a El Rey. Deos disporá tudo por sua bondade. Elle guarde a Vossa Mercê de todo o mal Etc. Rey Dom Garcia. //

Compadre as cartas que mando a Vossa Mercê remetidas, as quais saõ dentro neste maço, saõ as seguintes. Saõ duas de El Rey Dom Phellippe, tres de frey Bernardino Vngaro, hũa de frey Ioaõ Francisco de Roma, e hũ papel do decreto suposto, que naõ está assinado, por o deffuncto frey Joaõ Ario (1) de que hé a letra, conheçida de todos; quando se duuide, lá se justeficará pela asistençia que fez nessa Loanda; despois de lidas as mande Vossa Mercê tresladar por taballiaõ publico e mas torne a mandar a esta Corte por pessoa segura, porque quando haja lugar de se embarcarem os Embaixadores as leuaraõ ao Reino, e com a breuidade dos moços, que estas leuaõ, naõ há lugar para remeter a Vossa Mercê hum mimo para offereçer ao P.e frey Antonio Menistro de Saõ Jozeph, a que faço meu procurador, juntamente com Vossa Mercê, o que detrimino mandar noutra occaziaõ.

Congo quinze de nouembro de mil seis çentos cincoenta e quatro.

AHU — *Angola*, cx. 5. — Cópia.

---

(1) Frei Januário de Nola.

137

CARTA DE FREI ANTÓNIO DE SERRAVEZZA AOS CARDEAIS DA PROPAGANDA FIDE

(27-11-1654)

SUMÁRIO — *Viagem para Angola e chegada a Luanda — Recebido com caridade apesar de não ter passado por Lisboa — Pede novos missionários e que sigam a via ordenada pelo Rei de Portugal.*

Eminentissimi Signori Cardinali
de Propaganda Fide. Salute, e pace

Passate hormai le procellose onde del mare mediterraneo (per la Dio Gratia) e superati li pericoli del uastissimo Oceano, sono sanità insieme con gli altri undeci Compagni Missionarij in questi Regni del Africa presso il Congo adiacenti, peruenuto in questo porto d'Angola, e non senza grandissime difficultà disimbarcati dentro questa Città di S. Paolo di Loanda, alias de Assumpsam, con pericolo di non esser riceuuti noi Religiosi, ne anco di dar prattica alla naue genouese, la quale ci hà quà condotti, per la causa di non esser uenuti per Lisbona di Portugallo, ma per altra parte. //

Hora donque, utcunque sbarcati, ci trattano con singolare humanità e carità, et hanno dato ricetto alla medesima naue, ma però conditionatamente, che si aspetti la risposta di Portogallo, *quid de hac re tandẽ resoluendu sit.* Il Signor Gouernatore, e l'Auditore, et altri signori officiali portughesi, habitanti e dominanti quiui in Angola, ci hanno chiaramente significato, che gli saria stata cosa gratissima, che noi fossimo passati per Portogallo, e che di là non ci sarà impedimento, anzi somministreranno li portughesi ogni possibile aiuto e charità a noi altri

Cappuccini Missionarij per uenir quà in Angola, con conditione però espressa, che li Frati Cappuccini sia[no] naturali Jtaliani, e non naturali degli stati sudditi al Rè di Castilla. //

Onde se le Eminentie loro giudicheranno espediente mandare quà nuoui Missionarij, come ci sarebbe gran necessità di operarij euangelici *(messis quidẽ multa, operarij autẽ pauci)* e sicome questi medesimi signori bianchi e anchora gli istessi negri stanno con desiderio di ueder nuoui Missionarij, essendone morti molti di quei che prima ci erano, potranno prendere il partito e consiglio che *in Domino magis uidebitur expedire.* //

Per fine, con ogni mia possibil soggetione et humiltà, prostrato alli piedi delle Eminentie loro e molto più alli piedi di Sua Beatitudine, con la obedienza e benedittione de quali siamo quà uenuti, humilissimamente li bacio, pregandole dal Sommo Pastore singolarissima assistenza per prouidamente pascere il di lui humano gregge con li dolcissimi pascoli di vita eterna. Amen.

Data in Angola a di 27 di Nouembre, anno Domini 1654.

Le riuerisco similmente per parte del P. Serafino da Cortona qui estante, et accetissimo à tutti questi popoli.

Dalle Eminentissime Signorie Loro Obedientissimo Seruo nel Signore

Frat' Antonio da Serauezza Toscano //
de Valentinis, Capucino Missionario,
Predicator Euangelico, Sacerdote.

Scripsi manu propria, et subsignaui +

APF — *SRCG*, vol. 249, fl. 332.

138

CARTA DE D. GARCIA II REI DO CONGO A SEU COMPADRE JOÃO DA COSTA

(15-1-1655)

SUMÁRIO — *Acusações contra os frades Capuchinhos — Queixa-se do Governador e da Câmara de Luanda — Procura enviar informações ao Reino para esclarecer o rei de Portugal.*

Se com hauer tão boa clareza, tal qual Vossa Mercê e os mais dessa Loanda exprimentaraõ, pois uiraõ por cartas uiuas que o sentido dellas hé huã trayçaõ manifesta a seu Rey delles natural, que seria e fora, se os mandara apurar confuzamente, que chegou tanto o odio e payxaõ que houue homens, que escreueraõ a esta Cidade, antes que lá chegasse o meu moço e correyo, que por uergonha o Pouo naõ tiuera já morto a Vossa Mercê a pedradas; dando nisso a entender quaõ bem quisto estauaõ lá os fradinhos. Vossa Mercê tenha por çerto que estaõ sobornados por Castella a mayor parte, dos que estaõ nessa Loanda; porem naõ me espanto delles, como do Gouernador que anda cá abarbado, que aquy ficou aguardando o conuento; dipendo que o Gouernador, em que se arrisca, que trayçaõ contra seu Rey, naõ tem elle que defender a ninguem. //

Em muita desconfiança me há posto, tomarme a carta assy fechada, como lha mandey, e escreuerme a Camara dessa Loanda, couzas decentes á Real pessoa; pouco importa. Vossa Mercê me auize se há lugar no que me escreueo para auizarmos ao Reino: pois tem Vossa Mercê lá quem falle. e naõ hauerá lugar de nenhũ soborno como há feito, e hũa uez El Rey o sayba dará alcançe a tudo o que se tem refoçado, os que forẽ cumpleçes nestas maldades. Mando o mimo que offereçi a Vossa Mercê,

offereça isso em meu nome ou se estiuer indisposto, como tenho cá por nouas, o mande encaminhar, as horas que lhe pareçer a quem Deos guarde. Etc. //

Corte de Congo, quinze de Janeiro de mil seis centos, çincoenta e cinco. //

Rey Dom Garcia.

AHU — *Angola* — cx. 5 — Cópia.

139

CARTA DE D. GARCIA II REI DO CONGO À CÂMARA MUNICIPAL DE LUANDA

(15-1-1655)

SUMÁRIO — *Responde a uma carta da Câmara de Luanda, de que manifestamente não gostou, lançando da sua responsabilidade o que suceder por esta não ter acolhido as suas informações.*

Supuesto que VV. Mercedes han respondido a la mia en estilo que reí mucho, no embargó esso por lo que importa a materia que con tanto cuidado avisé a VV. Mercedes, por ceder tan en servicio del Rey su Señor. Para que no se me impute a culpa el retardar de responder, digo, que a todo tiempo será essa culpa nula, si no huviera las conveniencias que los Governadores y VV. Mercedes pusieron de por medio de no embarcarse mis embaxadores. De que colijo quan poco VV. Mercedes hazen por servirlo, movidos de sus particulares conveniencias. //

Protesto a VV. Mercedes de parte de Dios y del Rey su Señor, todo el daño que viniere a essa Loanda y a esto Reyno; por quanto me tenga ya anticipado con avisar el Rey, mi hermano, como constará por algunas cartas de su embaxador, el P. Antonio Couto, aquien tengo encomendada esta materia. Porque ya se sospechava se van a vezina enviando frayles a este Reyno. En una que escrebí al P. Rector de la Compañia de Jesus me alargo más; el la comunicará a VV. Mercedes. Espero en Dios se verifique esta verdade; lo que VV. Mercedes quieren paliar, aviendo una justificacion tan manifiesta. Guarde Dios a VV. Mercedes.

Corte de Congo, a 15 de Enero de 1655. //

Rey D. Garcia.

TERUEL, António — *Descripción Narrativa de la Mision Serafica de los Padres Capuchinos*, Ms. 3533 da Biblioteca Nacional de Madrid. Publicada em *Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo, Matamba e Angola*, Trad. Portuguesa, Lisboa, 1965, II, p. 330. O documento encontra-se a págs. 144 do Ms.

140

CARTA DE FREI ANTÓNIO ROMANO À PROPAGANDA FIDE

(25-1-1655)

SUMÁRIO — *Largada de Cádis para Angola — Paragem nas Canárias — Chegada a Luanda — Dificuldades encontradas e resolvidas — Chegada do Prefeito do Congo e nomeação de outros Prefeitos de missão — Adverte que os missionários devem passar por Lisboa — Inimigos dos Capuchinhos em acção e reacção favorável do Governador — O Governador escreve ao Rei de Portugal a favor dos missionários Capuchinhos.*

Jesus Maria

Emin.^{mi} e Reu.^{mi} Sig.^{ri}

Prostrato á piedi dell'E.V. cõ riuerenza profonda li bacio il lembo della sacra veste, et humilmente le supplico á concedermi la loro benedittione, giache per gratia di Dio (mediante l'intercessione della Purissima Vergine) sono gionto felicemente in questo Regno d'Angola, doue l'E.V. m'hanno destinato cõ miei compagni.

Dal porto di Cadix, et anco da Madrid prima di partire scrisse più lettere all'E. Loro dandoli compita relatione di quanto hauemo negotiato in quella Corte, e la negatiua che diedi il Conseglio alla mia petitione, nõ uolendo di nessuna maniera concederci imbarco per questa uolta. Quindi mi risolse tentare altra uia se me riusciua il disegno; fuí auuisato che nel porto di Cadix staua una naue genouese, che in breue doueua far uela

per il porto d'Angola, mi pose in uiaggio à quella uolta, facendo di camino ogni giorno noue leghe à piedi, come la mia Regola comanda; gionsi à Siuiglia, quiui trouai il capitano della detta naue, chiamato Giouanni Battista Pluma Campodonico, genouese; lo pregai più uolte, che del denaro riceuuto dalla Sacra Congregatione io gli haurei dato mille piastre d'argento se uoleua portarmi cõ tutti li miei compagni ad Angola; si mostrò egli sempre ritroso alla mia offerta, ma col mezzo d'alcuni signori genouesi miei amici tant'oprai che al fine ottenni l'intento, et accettò il partito.

Alli dieci dunque di Luglio da porto di Cadix imbarcai nella naue sudetta cõ undeci compagni, li nomi de quali sono li seguenti: P. Rocco da Genoua, P. Chrisostomo da Genoua, P. Antonio de Sarauezza, P. Filippo da Siena, P. Bernardino da Siena, tutti Predicatori; P. Clemente da Maenza, P. Giouanni Francesco della Fabrica, P. Benedetto da Lusignana, P. Giouanni Antonio da Montecúccoli, Sacerdoti; fra Leonardo da Nardò, fr. Jgnatio da Valsasna, Laici. Con questi dodeci Religiosi la mattina seguente giorno di sabato, inuocando tutti l'aiuto della Purissima Vergine, e de' Santi del Cielo, diedero li marinari al uento le uele, et in sette giorni di tempo gionsimo all'Jsole Canarie 350 leghe di camino, doue fù costretto il capitano contro sua uoglia dar fondo nell'Jsola di Tanariffa, per prouedersi d'un albero et una verga, che due giorni prima il uento tramontana spezzatigl'haueua. Nè fù per noi senza gran prouidenza di Dio questo sinistro accidente, poiche esendoci imbarcati all' apostolica senza prouisione abastante per un camino si lungo, haueriamo notabilmente patito di uitto s'Jdio nõ ci prouedeua di si fatta maniera; atteso quei signori dell'Jsola di Tanariffa doue sbarcammo, una delle sette Canarie, la più populata dell'altre, ci prouidero di bastimento per il uiaggio in tanta quantità, che fuí astretto ricusarne gran parte, e riceuer quello che la necessità più c'astringeria, secondo il nostro pouero stato.

Sono queste Jsole assai monstruose, percosse sempre da uenti, e ben spesso irrigate da pioggia, sono abondante di vino, grano, carne, pesce, saluaggina e di gran copia di zuccaro, s'un' jsola hà penuria di qualche cosa, supplisce l'abondanza dell'altre col continuo comercio per la uicinanza tra loro. Quattro sono abitate, il Vescouo fà residenza nella Gran Canaria, la più grande de sito e più delitiosa dell'altre, ma nõ cosi populata come questa di Tanariffa, li cui abitatori ascẽdono al numero di cento mila, et infatti io uiddi in più luoghi arrolare soldati per imbarcarli alla uolta di Spagna, e questa leua di gente è cosa continua in quell'jsola; li popoli sono molto deuoti della mia serafica Religione, onde col predicare e confessare en quel breue spatio di tempo, si fecce gran profitto nell'anime à segno tale, che più uolte mi fecero instanza che quiui facesse dimora, nè passasse più oltre. Doppo sette giorni di dimora in quest'jsola di doue scrisse una lettera all'E.V., si fece uela di nuouo nel giorno di S. Giacomo Apostolo, drizzando la proda uerso la linea a drittura d'Austro, alla quale giongessimo senza incontro nessuno, ma cõ lunghezza di tempo per il uento poco fauoreuole che regnò molti giorni; si passò la linea felicemente cõ ammiratione del piloto e di tutti quei della naue, che altre uolte passata l'haueuano; perche nõ ne furono pioggie, tempeste, e uenti impetuosi, à uero calma cõ estremo calore, che quiui s'espirimenta quasi da tutti, ma tempo piaceuole e quieto.

Passata la linea s'ascese al polo Antartico in 30 gradi d'altura, doue gionti soffiò uento fauoreuole, che ci fè uoltare la proda à leuante uerso dell'Africa, ueleggiando à quella uolta un mese continuo, dopò del quale, si scoprí terra ferma in quindeci gradi uicino la linea, chiamata la spiaggia di Santa Maria, ultimo confine del Regno di Congo uerso il Capo di Buona Speranza. Si fece da tutti commune allegrezza cantando il *Te Deum laudamus* cõ una messa di gratia à Nostra Signora che c'haueua scoperto la terra da noi desiderata, mentre per lo spatio di tre mesi e

mezzo continui, altro nõ uedeuamo che l'ampiezza del Cielo e la uastità dell'Oceano.

Le gratie del Cielo sono sempre perfettamente compite; quindi cõ dupplicata allegrezza ci uisitò in quel giorno il Signore, perche comparuero attorno la naue quantità si grande di pesce di diuerse sorte formati, saltando e scherzzando fra loro, che bolliua il mare cõ grata uista à riguardati, ma molto migliore à marinari che ne presero tanta gran moltitudine, e per nõ hauerli di nuouo à riggettare nell'acque cessarono di più pescare in quel giorno.

Si fermò la naue tutto il dí in quella spiaggia per rallegrare gl'animi de nauiganti già stanchi et afflitti dalli disaggi del lungo camino, la mattina seguente si fece uela costeggiando l'Africa sempre à uista di terra, sino che gionsimo à questo porto de S. Paolo di Olanda, del Regno d'Angola, alli XI di Nouembre, quattro mesi compiti di nauigatione dopo saliti dal porto di Cadix, che fù all' XI di Luglio nell' 1654. Riceue la nuoua del nostro arriuo il Signore Gouernatore, e nè sentí molta allegrezza per la singolar deuotione che alla nostra Religione egli conserua, risolse di farci quanto prima sbarcare; ma nõ tantosto fù da un ministro principale del Rè penetrato, che andò adiuertirlo, dicendo, che nõ ci doueua riceuere, ma rimandarci à dietro, nõ essendo noi uenuti per uia di Lisbona, che questo era ordine del Rè: furono tale e tante le fiscalità di costui, che ferno stare il Signore Gouernatore sei giorni sospeso à risoluere *quid agendum?* //

Fra questo mentre il P. Serafino da Cortona, Religiso de' nostri, che in questa piazza dimora, fece tutte le diligenze possibili, per pregare il Signore Gouernatore a nostro fauore, e tanto operò e disse, che al fine l'ottenne cõ questa conditione, che douessimo impiegarci in questo Regno d'Angola, doue sono le conquiste de Portughesi: promessimo di farlo, essendo questo il Regno della Singa, doue l'E.V. c'hanno destinati. Sogiunse di più, che un frate de' nostri andasse à Lisbona à dare sodis-

fatione al Rè, e farlo capace, perche nõ habbiamo fatto il camino di Portugallo; risposimo ancora, ch'eramo pronti ad obedirlo, se nõ partoriua inconueniente nessuno.

Setti giorni dopò gionti nel porto ci diero licenza di sbarcare à terra, e la mattina à buon ora ci menarono tutti à drittura alla casa del Signore Auditore Generale per essaminare ciascheduno di noi, il che fece rigorosissimamente, queste furono le interrogationi principali. Chi ci mandaua. Di doue ueniuamo. Di che patria eramo. Che strada haueuamo fatta. Che cosa ueniuamo à fare &ª. La risposta nostra fù in questa maniera.

Sua Santità e la Sacra Congregatione di Propaganda Fide ci mandano. Da Roma ueniamo; le patrie nostre ciascuno disse la sua; siamo partiti da Genoua; habbiamo toccato l'Jsole Canarie, senza dire che stiamo stati à Cadix, perche qui nõ bisogna nominare Spagna in conto nessuno, per la gran gelosia che tengono; dalle Canarie siamo gionti qui per predicare il Santo Euangelio, e conuertire li gentili di questo Regno alla fede di Christo nostro Signore; il tutto scrissero per mano di notaro.

Doppo quest'esame ci licenziarono dicendo, che uenissimo al nostro Ospitio, doue al presente noi siamo. Subito spedy un corriero al P. Prefetto nel Congo, dodeci giornate di camino discosto da qui, cõ le lettere della Sacra Congregatione per prosseguire gl'ordini dati per il buon gouerno della missione; uenne prestamente il Prefetto, si fece il Capitolo di cinque Religiosi nõ più; perche diss'egli, che l'altri, per la lontananza e difficoltà che ui sono, nõ gli poteua congregare à suo modo; noi condiscessimo al suo parere *nè daretur processus in infinitũ* all'elettione futura. Jn questa Congregatione fù eletto per Prefetto del Regno della Singa il P. Serafino da Cortona, Predicatore, che in questa Città dimora, Religioso molto meriteuole. Jl secõdo Prefetto per il Regno del Micoco nõ è fatto sin'hora, atteso il Prefetto di Congo ci a detto che quiui nõ si può penetrare senza il con-

senzo del Rè di Congo, dal quale egli chiese il passo prima di porse in uiaggio a questa uolta, nè il Rè li uolse dare risposta nessuna. Onde giudicò bene nõ fare l'elettione di questo Prefetto sino à tanto ch'il passo nõ sia libero e sicuro. //

Jo fra pochi giorni partirò uerso la Singa, doue m'hanno destinato col nuouo Prefetto per fondare nuoue missioni dentro del Regno, il quale è molto grande e populoso di gente tutti gentili soggiogatti e sottoposti al dominio de' Portughesi; onde senza intoppo nessuno si può andare per ogni parte battezzando e predicando la fede.

Et è miseria da piangere cõ lagrime di sangue che in uno Regno doue ui sono ducento Soua (cioè Baroni) e più di quatrocento terre tutte habitate sopposte al dominio portughese (secondo le relationi hauute) nõ ui sono più di due preti, che amministrano li Sacramenti; nè meno questi uanno à torno ne' conuicini, come facciamo noi altri, ma fermi dimorano nella residenza loro; onde questa pouera gente, benche habbia buona uolontà di riceuere la fede, resta sepolta nell'jdolatria per mancamento di chi gl'insegni il camino del Cielo. Siamo sei Religiosi destinati a questo Regno si grande, ma *quid inter tantos?* Qui fà mestiere che l'E.V. col santo zelo che hanno cominciato proseguischino l'jmpresa, et inuiare nuoui missionarij à coltiuare questa messe del Signore che perisce solo per nõ hauere operarij, che la coltiuano. Ma siano auertiti, che nõ faccino altra strada che quella di Lisbona; perche per l'auuenire nõ sarà riceuuto nessuno senza licenza di Portugallo, e se al presente questo Signore Gouernatore nõ fosse cosi gran deuoto della nostra Religione (hauendo sperimentato il frutto grande che nostri missionarij fanno) noi dodeci, che adesso siamo uenuti ci haurebbe rimandati in Jtalia; perche oltre ai punti politici, che li mi[ni]stri regij si pongono innanzi per regolarsi cõ essi, nõ ui mancano emoli, che di continuo tramano contro di noi per torci da qui e restar essi più accreditati e liberi ne loro

maneggi, assai disdiceuoli allo stato che professano, essendo la vita nostra per essi una continua riprensione.

Jl Vicario e Capitolo di Congo, che nõ eccede il numero di tre, hanno scritto à questo Signore Gouernatore che nõ ci riceua essendo noi uenuti per altra uia che di Lisbona, protestandosi di nõ uolere permettere che noi essercisiamo officio alcuno de missionarij, se prima no uiene da Portugallo il consenso. Hanno peruertito il Rè di Congo contro di noi, il queale hà scritto una lettera al Signore Gouernatore et un'altra al Conseglio di questa Città, dicendoli, che noi siamo traditori di lui, perche gl'habbiamo occupato un grosso donatiuo ch'il Rè di Spagna gl'inuiaua a donare; et anche siamo traditori di Portugallo, parche haueuamo operato che il Rè di Spagna mandasse un'armata (quale per una tempesta tutta si perdè) acciò douesse cacciare li portughesi da questi Regni, e conquiste; et a quest'effetto hà eletto per suo procuratone qui ad aggitare questa causa in Conseglio contro di noi, un Religioso del Terzo Ordine del nostro Serafico Padre S. Francesco, per maggiormente irritare li portughesi contro di noi. //

Di più che habbiamo sbarcato quattro canoni di batteria cõ molta munitione di guerra, e menati Religiosi de nostri esperti nell'arte militare per effettuare il nostro male intento contro de portughesi. Buggie tanto chiare e manifeste, che hanno sdegnato sopra modo il Signore Gouernatore contro del Rè, nè hà uoluto riceuere la lettera à lui diretta, ma quella inuiata alla Camera Regia l'hà fatta leggere in Conseglio: la procura fatta al Frate gliela stracciò in faccia, e lo cacciò dalla sua presenza cõ sdegno, dicendole in presenza de molti: ben conosco che queste sono uostre orditure e de' Padri della Compagnia e de preti di Congo, che nõ cessate di perseguitare i Capuccini, ma il Rè di Congo la pagarà à suo tempo, perche le sue lettere lo scuoprano traditore al mio Rè; li preti di Congo hanno da uenire qui à render raggione ai clamori che ui sono contro di loro; e se uoi altri padri cõ

quelli della Compagnia nõ cessate di fare male offitio a' Padri Caupuccini certo che u'imbarcarò tutti per il Brasile. Con questa licenza si partí dall'udienza il nuouo procuratore del Rè di Congo.

Jn queste turbolenze noi ci trouiamo cõ manifesto pericolo di rouinare a fatto tutta la missione in pregiuditio d'infinita gente, che uiue nell'jdolatria per nõ hauere ministri che gl'insegnino la santa fede. Per rimediar questo danno è necessario che l'E.V. stabilischino la missione col Rè di Portugallo, altrimente in breue saranno costretti tutti li missionarij ritornare in Jtalia, atteso questi Religiosi, cõ alcuni preti lor partiali, et altri emoli fomentati da loro, uedendo ch'il Rè di Portugallo ci fauorisce, e uuole che noi siamo qui, si quietaranno, et haueranno patienza; ma sapendo il contrario e che noi ueniamo qui contro il uolere di Portugallo, pigliono ardire, e crudelmente ci perseguitano, e tanto faranno che al fine consegnaranno l'intento di cacciarci da qui. Questo è quanto deuo dire all'E.V. e cõ tal fine le riuerisco humilmente baciandoli il lembo della sacra veste. //

Angola, 25 Gennaro 1655.

Dell'E.V. Reu.me

Doppo di ser uenuto qui il Prefetto di Congo, il Signore Gouernatore chiese al detto Padre che facesse uenire il P. Bonauentura da Sorrento, perche in ogni conto uoleua che ritornasse à Lisbona, essendo uenuto qui contra il uolere de Rè, e per uia di Spagna, et oltra a questo un frate di più par capacitare il Rè della nostra uenuta; ben è uero ch'egli scrisse una lettera al Rè di Portugallo in nostro fauore di gran efficacia, dimostrando à S. Maestà la necessità grande che questo Regno tiene della nostra assistenza. Hà dimandato la copia autentica della mia Patente

che l'Eminentissimo Cardinale Prefetto mi hà fatta, per mandar la parimente à Lisbona, e se gl'è data. //

Deuotissimo et Humilissimo Seruitore

Fr. Antonio Romano //
Capuccino Missionario Indegno

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 357-358v. e 385-385v.

NOTA — Em carta pessoal ao Cardeal Prefeito da Propaganda, de 2 de Fevereiro, Frei António refere-se à relação enviada à Congregação — o nosso documento — e recomenda-lhe as necessidades da Missão, dizendo: si el Rè di Portugallo nõ ci fauorisce, saremo astretti quanto prima disfarla, e ritornare in Jtalia cõ pregiuditio grande d'una infinità de negri, che uiuono nell' Jdolatria, per nõ hauer ministri che gl'insegnino la santa fede. — *Ibidem*, vol. 249, fl. 360.

Em carta de 2 de Fevereiro também e ao mesmo Cardeal Prefeito, Frei António repete o conteúdo do documento de 25 de Janeiro, o que nos dispensa da sua publicação. — *Ibidem*, fls. 364-365v. e 379.

141

CARTA DE FREI JOÃO FRANCISCO DE ROMA À PROPAGANDA FIDE

(1-2-1655)

SUMÁRIO — *Relação da acção missionária dos Capuchinhos no Congo — Missões e obras de piedade — Escolas e capacidade intelectual dos alunos — O Rei de Portugal confirma o decreto de auxílio aos missionários capuchinhos.*

†

Eminentissimi Signori

Douendo dar parte all'Eminenze Loro, nel ritorno che hò fatto dal Regno del Congo de' felici progressi, che per la Dio gratia si fanno in quella Missione, humilmente prostrato à Loro piedi le notiffico, come, essendo arriuato con il fauore diuino con dieci otto Religiosi à saluamento nel porto di Pinda, nell' anno del 51 e nel giorno de' gloriosissimi Apostoli S. Pietro e S. Pauolo, il P. Prefetto, che all'hora era il P. Gianuario da Nola, sostituto dal P. Buonauentura de Alessano, che poco auanti era morto (1), per tale rinfresco de' Religiosi Missionarij trattò di diuerse Missioni per il Regno; nonde tra quelle che erano fondate, e quelle che si fondarono uennero ad esser al numero de' dieci con sua chiesa, casa, orto, conforme al nostro uso, et à quello del paese, cioè fabricandole oue di terra et oue di paglia, però con arte, e polizia. Le case che si sono fondate sono primeramente quella di S. Saluatore, che è la Città Regia, et iui sempre ui stanno quattro o cinque frati Missionarij eser-

(1) Faleceu em S. Salvador, em 2 de Abril de 1651.

citandosi continuamente in predicationi, confessioni, scuole, congregationi, et altri esercicij spirituali. //

L'altra è quella del Contado di Sogno, che stà uicino al mare, et iui furono collocati altri cinque Missionarij. Nel Ducato di Bamba, che pure stà uicino al mare, nella Città oue stà il Duca, ui è altra casa con quattro Religiosi. Altra nel Ducato di Batta con quattro Missionarij. Nel Marchesato di Pemba altri quattro Religiosi. Nello stato di Matári, uicino alla Città di S. Saluatore, due Religiosi. In quello di Chioua tre Missionarij, et in quello di Mucatu altri tre. Nella Città di S. Pauolo di Loanda, doue stanno i Portoghesi et è il porto principale di Angola, ui stanno per instanza grande fatta da medesimi Portoghesi, tre Religiosi, et in Massangano, presidio molto grande de' essi Portoghesi, et assai dentro terra, altri tre Missionarij. Ma essendo morti in poco tempo dodici Padri, tutti predicatori, fù constretto il P. Prefetto à lasciare la missione di Matári, di Chioua e di Mucatu, come meno principali; siche nel partir, che feci di là, che fù questo Maggio passato, si ritrouauano uiui per gratia di Dio, tra predicatori, sacerdoti e laici 22 Religiosi; onde se gl'altri, che furono despediti dall'Eminenze Loro l'anno passato saranno arriuati à saluamento, si come possiamo sperare con l'aiuto diuino, saranno in tutti 35.

Con l'occasione di tale distributione li Religiosi incominciarono con gran feruore ad esercitare il loro ministerio apostolico, predicando, confessando, battizzando, e singolarmente abrugiando quanti jdoli trouauano nelle case, perche se bene quei popoli sono christiani, molti di loro però, e singolarmente quei che stanno più dentro terra, nõ lasciano di ricorrere al Demonio nelle loro necessità per mezzo degl'incantatori, e questi tengono diuersi idoli, l'uno lo chiamano il Dio dell'abondanza, l'altro delle pioggie, l'uno della sanità, l'altro di riuelare le cose secrete, e simili; andando dunque i Religiosi in questo modo, distrugendo gl'idoli, acusarono non poco timore cosi à terrazzani come à loro falsi sacerdoti, in tanto che nõ si arrischiauano di far più

publicamente le loro funtioni diaboliche, ma si nascondeuano ne' boschi e ne' deserti.

Successe che andando in Missione un Religioso nostro, predicatore, chiamato Giorgio de Iela (1), fiamengo, quale haueua apreso molto bene la lingua del Congo, casualmente capitò in un certo luogo del Ducato di Batta, molto dentro terra, oue si staua offerendo sacrificio ad un idolo di legno. Il Padre, uedendo una cosa si esecranda in terra de' christiani, si pose con molto spirito e feruore à riprender quella misera gente di cosi graue peccato; e per maggiormente fargli conoscere le loro cecità, disse, che facessero un gran fuoco, e che haueriano uisto come posto quell'idolo nel fuoco subito si seria abrugiato, e conseguentemente, che essi adorauano un legno per Dio. Quei idolatri, pensando che mai il loro idolo si saria abrugiato, anzi che se il Religioso hauesse uoluto nõ solo porlo nel foco ma anco toccarlo, subito saria morto; fecero il fuoco, e gettandovi il Padre l'idolo dentro, si auampò non meno che se fosse staco di paglia. Pigliando da ciò il Religioso maggiormente motiuo di reprender la cecità di quelle genti, fù tanto il furore diabolico che si eccitò negl'animi de' quei idolatri, e singolarmente dell' incantatori in uedere abrugiar quel loro idolo, che pigliando bastoni, pietre, e quanto ueniua loro alle mani, di tal maniera lo maltrattarono che lo lasciarono come morto. E temendo essi nõ succedesse loro alcun danno, se iui morisse, lo fecero portare dentro d'una rete ad un sacerdote prete, che poco distante dimoraua. Procurò esso padre sacerdote di curar il Religioso come poteua, però essendo posto per tutta la uita, fù il sangue pudrefacendosi, onde al capo di 12 giorni resò l'anima sua al Creatore, armato con tutti i Sacramenti di S. Chiesa, e con ottima dispositione. //

---

(1) Georges de Geel. Vid. P. Hildebrand [van Hooglede], *Le Martyr Georges de Geel, et les Débuts de la Mission du Congo (1645-1652)*, Anvers, 1940.

Questo caso in tal modo mi fù racontato dal Padre Religioso nostro che stà nella Città di Loanda, quando io mi partij, e mi disse hauerlo saputo da uno di quei medesimi che conuennero à dar la morte al Padre, che per esser assoluto da cosi graue peccato era ricorso a suoi piedi.

Alla destruttione dell'idolatria si è seguita quella d'ogn'altro uitio, e peccato; onde se prima uiueuano in stato di concubinato, et à pena la prima uolta che arriuammo in quelle parti si ritrouaua persona accasata, adesso a pena si troua persona che non sia congionta in matrimonio, secondo l'uso di S. Chiesa, singolarmente ne' luoghi doue residono i Padri Missionarj.

Le confessioni e Comunioni fra anno sono grandemente frequentate. L'indulgenze plenarie che i Sommi Pontefici hanno concesso à Santi del nostro Ordine è si grande il numero del popolo che uiene à pigliarle, che con difficultà si può sentire le confessioni di tutti.

Si sono fondate congregationi di persone più spirituali, le quali ogn'otto giorno nel venerdí à notte uengono alle nostre chiese, oue si fà un sermone di una mezza hora sopre la Passione di Nostro Signore, o altra materia, doppo il quale si fà la disciplina cõ altre penitenze.

Il Santissimo Rosario si canta da huomini e da donne alternatiuamente ne' tre giorni della settimana, cioè il Lunedí, Mercordi *(sic)*, e Sabato et ogni Domenica, et altre feste solenni si predica et ad hora di Vespero *(sic)* si fà la Dottrina Christiana.

Alle Messe assistono cõ molta deuotione, gl'huomini dal lato destro, e le done dal lato sinistro della chiesa, e benche si dichino due o tre Messe seguitamente l'ascoltano tutti senza partirsi ueruno; ne solamente ne' giorni festiui, ma anco ne' giorni di lauoro, cosa che ci edificaua grandemente.

Si sono institute anco diuerse confraternità, come del Santissimo Sacramento, del Rosario, di S. Antonio et altre, et à suoi tempi fanno le loro processioni con moltissimo concorso e solennità.

Le scuole di leggere, scriuere e di gramatica si esercita con particolar profitto di quella giouentù, hauendo habilità per apprendere qualsiuoglia scienza, poiche uniuersalmente hanno ingegno assai aleuato, e memoria fecondissima; onde gl'interpreti che serano per ripetere i sermoni et udir le confessioni, quando per anco nõ si sa la lingua della terra, ripetono le confessioni intiere, senza lasciar cosa ueruna, discorrendo per le commandamenti di Dio con dire nel primo commandamento si accusa questo penitente che ha offeso Iddio in questo e questo tante uolte; nel secondo, che hà peccato tante uolte, &ª. Ne solamente le confessioni, ma anco i sermoni di una mezz' hora ripetono fedelissimamente si come quei che sanno la lingua hanno molto ben aduertito, con sentirli solamente predicare, il che causa marauiglia grande.

A tutto questo si aggiunge il frutto mirabile che si fà in quest'anime per mezzo del santo Battesimo; onde da che i Religiosi nostri intrarono in quel Regno, che fù nell'anno del 45, sin hora si é battezzato un numero infinito d'anime; e quanti se ne siano saluati con tal mezzo si puorra congetturare da quello che à me è successo. Ritrouandomi in Massangano andai per un mese scorrendo per quelle terre, confessando, accasando, e battezzando cosi grandi come piccioli, onde uenni à battezzare otto mila, quattrocento e tanti e quasi tutti fanciullini; da lì à pochi giorni successe un infermità grauissima generalmente ne' figliolini, che in quelle parti chiamai sarampo; onde fù Iddio seruito che per mezzo di essa quasi tutti se ne morissero, e se ne uolassero al Cielo. Hor se per lo spatio di un mese cosi copiosa messe si compiacque la Maestà Diuina riporre n' granari del Cielo, quale pensiamo hauerà riposto per lo spatio di dieci anni continui e per mezzo de' santi Operarij euangelici?

Il desiderio che quella gente tiene del santo Battesimo è si grande, che non sò se maggiore si può uedere in altra natione. Quando sanno che passa alcun Religioso nostro facendo uiaggio, si auisano l'un l'altro, alzando le uoci con dire. Passa il Sacer-

dote di Dio; e le madri con i loro figli in braccio si pongono à correre dietro al Padre Missionario con tal affetto et allegrezza, che intenerisce il cuore à uederli; onde è forza che il Religioso ben spesso interrompa il suo uiaggio e si ponga à battezzare per nõ far stracare quella pouera gente, ancorche per parte loro lo seguitariano tutto in giorno; e doppo che uedono battezzati i loro figli è tanta l'allegrezza che fanno, alzandolo in alto, abracciandolo, bagiandolo *(sic)* che più nõ si può dire. E questo è quanto posso per hora significare all'Eminenze Loro dello stato e felici progressi della Missione del Regno del Congo.

Il Rè di Portogallo, nel disbarcar che ho fatto à Lisbona, hà riconfermato il Decreto che fecci l'anno 1651 di dar imbarcatione à Religiosi Capuccini, che non saranno ne Castigliani ne sudditi di Spagna, e saranno mandati dall' Eminenze Loro; alle quali per fine facendo humilissima riuerenza, bagio affettuosamente le sacre uesti.

Dal nostro Conuento dell'Immaculata Concessione, primo di febraio 1655.

D. Eminenze VV.

Humilissimo Deuotissimo Seruo nel Signore

Fra Gio. Francesco di Roma/
Capuccino e Missionario del Congo

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 359-359v. e 384-384v.

142

MEMORIAL DE FREI JOÃO FRANCISCO ROMANO À PROPAGANDA FIDE

(1-2-1655)

SUMÁRIO — *Resumo do memorial do missionário feito pela Propaganda — Estado das missões do Congo e do pessoal missionário.*

Scriuè, che à 29 di Giugno 1651 arriuò nel porto di Pinda con 18 religiosi. Prefetto era allhora Fra Gianuario da Nola, sostituto da Fra Bonauentura d'Alessano, morto poco prima. Si fondarono nel regno di Congo dieci missioni, ciascuna colla sua chiesa, compreseui le missioni, che v'eran prima, sono le seguenti:

S. Saluatore, che è la città regia: vi stan sempre quattro ò cinque frati missionarij.

Nel contado di Sogno, uicino al mare, cinque missionarij.

Ducato di Bamba, uicino al mare, nella città doue risiede il Duca, quattro missionarij.

Ducato di Batta, quatro missionarij.

Marchesato di Pemba, altri quattro.

Stato di Matári, uicino alla città di S. Saluatore, due religiosi.

Stato di Chioua, tre.

Stato di Mucatu, tre altri.

S. Paolo di Loanda, doue stanno i Portughesi, porto principale d'Angola, tre religiosi.

In Massangano, presidio de' Portughesi, assai dentro terra, tre altri.

Di queste missioni, per esser morto in poco tempo dodeci Padri, tutti predicatori, fu il Prefetto necessitato a lasciarne tre, che sono Matári, Chiova e Mucatu.

Al partire di Fra Giouanni Francesco, che fu il Maggio del 1654, si ritrouauano viui in tutto ventedue frati predicatori, sacerdoti e laici.

Molti christiani del Congo, e particolarmente quei dentro terra, ritengono ancora delle antiche superstitioni, ricorrendo al demonio, por mezzo degl' incantatori, i quali incantatori tengono diuersi idoli, come dell'abondanza, delle piogge, della sanità, e simili; e nell'estirpatione di quest' idoli s'affaticano grandemente i missionarij.

Per la distruttione d'uno di questi idoli in un luogo del Ducato di Bamba, Fra Giorgio de Jela (1), Framengo, predicator Capuccino, fu da questi idolatri maltrattato con bastoni e sassi talmente, che in capo a dodeci giorni se morì.

La destruttione degl' idoli cagiona in questa gente gran mutatione di vita. Onde cessano i concubinati, si frequentano le confessioni e comunioni.

In molti luoghi si son fondate Congregationi, nelle quali ogni venerdi la notte si sermoneggia e si fà la disciplina.

Tre giorni la settimana si canta il Rosario a chori: et ad hora di vespro si fà la dottrina chistiana. Si sono erette due Conpagnie, del Sagramento, del Rosario et altre.

Si tengono scuole di leggere, scriuere e di Gramatica, con molto profitto di quella giouentù.

Dal 1645 in quà, che i Capuccini entrarono in questo regno, s' è battezzato un numero infinito di persone; essendo quella gente desiderosa al pari, e forze più, d'ogni altra natione, del battesimo.

Nel fine del Memoriale, scriue, che all'arriuo suo, di ritorno in Lisbona, il Re di Portugallo haueua confermato il decreto del 1651, di due imbarco ai religiosi Capuccini, che non siano

---

(1) No texto: Tela. Georges de Geel.

nè Castigliani nè sudditi di Spagna, e siano mandati dalla Congregatione.

Segue a pag. 26 sino a 87 una relatione del Congo, col titolo, come diciamo noi altri, alla moda, il *Mondo alla riuersa*, e l' *Infelicità felice*.

APF — *SRCG*, vol. 250, fls. 231-231v.

143

CARTA DE FREI ANTÓNIO ROMANO AO SECRETÁRIO DA PROPAGANDA

(2-2-1655)

SUMÁRIO — *Diligências infrutuosas em Madrid para conseguir embarcação — Esmolas recebidas, sobretudo em Tenerife — Presta contas ao Prefeito — Eleições de Prefeitos — Partida do P.e Boaventura de Sorrento — Que para o futuro as levas missionárias não sejam de mais de três — Fundação do Dongo.*

Jesus Maria

Ill.mo e Reu.mo Signore mio Osseruandissimo

Benche io nõ sia S. Paulo, nè meno habbia lo spirito, feruore e zelo di S. Paulo, anzi all'opposto religioso assai imperfetto, e peccatore grauissimo, indegno d'essercitare l'officio di Missionario apostolico, con tutto ciò fidato nella pietà di Dio, e protensione, *(sic)* della Purissima Vergine, mia speranza, dico à V.S.Ill.ma quelle parole ch'il medesimo Apostolo scrisse al suo carissimo amico Timoteo, Vescouo d'Efeso. *Bonum certamen certaui, cursũ consumaui, fidem seruaui. Jn reliquo reposita est mihi corona Justitiae, quam reddet mihi Dominus in illa die justus Judex.*

Dalla lettera ch'io scriuo alla Sacra Congregatione V.S.Ill.ma saperà la relatione del nostro uiaggio; però nõ m'estendo più oltre, ma replicando le parole dell'Apostolo, dico: *Bonũ certamen certaui.* Tre mesi hò combattuto in Madrid ne' Tribunali e Consegli cõ quei ministri per hauere il dispaccio, la spedittione dal Rè, nè mai potei conseguire la licenza, sempre mi fù negata da tutti; nõ però mi perdei d'animo per queste repulse, ma spirato dalla Purissima Vergine tentai altro camino, applicai altri mezzi,

e mi riusci il disegno; perche in Siuiglia cõ mille scudi, che diedi al capitano della naue, ottenne l'imbarco in meno d'un mese, e se perdeuo questa occasione nõ mi era più commodità per due anni. //

Del denaro sourano che mi diede la Congregatione, cõ altre limosine de benefattori che riceuei in Siuiglia, et in Cadix, (oltre di quelle che poi mi furono date nell'Jsola di Tanariffa nelle Canarie) hò prouisto tutti li Compagni per il uiaggio et anche hò sbarcato qui quantità di uino e farina per le messe, due balle grande di panno, per uestire tutti li frati, ferri per fare ostie, tre campane grande, sei quatri (1) grandi, un bel crocifesso grande di rilieuo, una cascia di candele di cera, cinquanta scudi di tela per sacrestia, cinque calici, dieci pianete, et altre cose di sacrestia et anche bisogni de religiosi, mediante le mie diligenze e fatiche e però *bonum certamen certaui.*

Già sono gionto in Angola et hò finito il uiaggio per gratia di Dio, cõ edificatione grandissima e profitto dell'anime di tutti della naue; perche in quattro mesi di camino ogni domenica si è predicato, hauemo detto una et più messe il giorno, si sono fatte quattro uolte communioni generali da tutti; in soma nella naue sono uissuti tutti cõ tanta pace e quiete, come fosse stato un conuento de Religiosi; per il che noi in Angola siamo sbarcati sani e contenti. *Cursum consumaui.*

Fidem seruaui. Fedelissimamente hò osseruato l'ordini à me dati dalla Sacra Congregatione senza preterirne nessuno, secondo l'Jnstruttione che V.S.Ill.ma mi diede. Jn Madrid sempre accudij à Monsignore Nuntio Gaetano, uedendo poi d caso desperato mi risolve d'andare a Cadix, communicandolo prima al detto Signore, il quale mi promise d'accapare dal Rè la semplice licenza di potere imbarcare, se fosse stata necessaria, com' in effetto sortí. Da Valenza, Madrid, Cadix, e da Tana-

---

(1) Leia-se: quadri.

riffa hò scritto alla Sacra Congregatione, dandoli minuta relatione di quanto passaua. Del baullo pieno di diuotioni, pochissime nè hò dispensate per il camino, l'hò ripartite tutte nelli Compagni, serbando per me secondo hà toccato à ciascheduno di loro. Gionto qui in Angola subito cõ tutti li miei Compagni mi sottopose al obedienza del Padre Serafino di Cortona, Vice Prefetto, li consignai il denaro rimasto e stiede aspettando la uenuta del Prefetto di Congo, al quale gionto che fù, li diedi la lettera del Papa diretta al Rè di Congo, il quadretto e lettera di V.S.Ill.ma col quadro ancora, che si comprò per il Rè, cõ una corona grande de reliquie (l'altra corona ne fece un regalo al Signore Gouernatore di questa Piazza) li diedi alcuni reliquiarij grandi e piccoli, midaglie e corone; et oltre di queste, ottanta midaglie assai belle, che in Roma mi diede mio fratello. //

Fatta l'elettione consignai li sigilli cõ le due patenti, una delle quali è rimasta in potere del Prefetto di Congo: hò consignato tutte l'altre cose del commune al P. Prefetto, oltre à molte altre che cõ le mie mani l'hò dispensata à compagni, il tutto fedelissimamente; et hora sono rimasto suddito, rassegnato nel uolere del mio Superiore che disponga di me come li piace, e rimango cõ questo assai consolato e contento, perche *fidem seruaui*, puntualmente hò obedito, et osseruata la fede. Jn *reliquo reposita est mihi corona Justitiae quam reddet mihi Dominus in illa die justus Judex.* Spero in quel giorno da me tanto desiderato, di esser posto in un patibolo e dar la vita per Christo; Jdio mi darà la corona del martirio, nõ per il merito di queste mie opere, perche *seruus inutilis sum, quod debui facere feci*, ma per li meriti della Purissima Vergine mia speranza, nella quale sommamente confido, et hò colocate le mie speranze, e mi concederà la gratia, et assicuro V.S.Ill.ma che la uenuta nostra qui et l'esser stati riceuuti da questo Signore Gouernatore è stata opera miracolosa di Dio; perche di nessuna maniera per l'impedimento e contradittioni che haueuo hauute, era impossibile che noi uenessimo qui; la Vergine dunque, che m'hà guidato sin hora,

condurrà à fine il mio desiderio, ch'ella m' a dato di morire per il suo Figlio nostro Jdio. *Non nobis Domine, nõ nobis, sed Nomini tuo et Virgini Mariae da gloriam.*

Tu uero uigila, in omnibus labora, opus fac Euangelistae, ministerium tuũ imple. Queste parole sogionge l'Apostolo scriuendo al suo amato Timoteo et io replico ancora à V.S.Ill.ma cioè sia uigilante in mantenere la Missione, rapresentando à cotesta Sacra Congregatione li bisogni di quella, e procurando di souenirla de' nuoui missionarij, che siano approuati e meriteuoli, degni d'esseguire un tanto alto ministerio, che così uerrà a complire al suo ministerio et obligatione, per l'officio che degnamente tiene si Segretario di cotesto Sacro Collegio.

Per mia sodisfatione e pontualità (benche à questo nõ fosse obligato) doppo d'hauer consignate tutte la robbe alli Padri Prefetti, gl'hò dato minutissimo conto del denaro che hò speso, et in che l'hò speso, cosa per cosa, et ascende la somma à mille ottocento scudi, oltre 25 piastre d'argento di moneta, che m'haueuo serbati per bisogni dello sabarco, senza computarui in questo numero tutta la prouisione del uiaggio fatta nell'Jsola di Tanariffa, che passò il ualore di cento scudi; in tanto che oltre al denaro dato dalla Sacra Congregatione hò speso più di 400 scudi in benefitio della Missione, senza porci parimente molte galanterie e robbe del culto diuino, che alli miei compagni sono state date.

Consignai al P. Vetralla il Breue del Papa diretto al Rè di Congo, il quadretto d'argento del commune, e l'altro quadretto di V.S.Ill.ma al Rè, tutte queste cose il P. Vetralla l'hà consignate al Signore Gouernatore che lui le mandi al Rè di Congo; se questa è stata buona politica e prudenza la giudichi V.S.Ill.ma, basta à me che *functus sum officio meo.*

La Congregatione c'hà fatta il P. Prefetto è stata di quattro religiosi, et io cinque, fra quali ui è stato un laico; l'ordine era, che al meno fossero sei, et io sette; egli uoleua differire l'elettione cõ diuersi pretesti, nõ sosistenti, e Dio sa quando l'haurebbe

fatta; poteua parimente fare conuenire altri religiosi de vecchi, nè meno l'hà fatto. Se uogliamo fare l'elettione (diceua egli) più di questi cinque nõ possono conuenire; risposimo noi, giàche V.P. dice che nõ si può fare puntualmente come la Congregatione ordina, facciasi l'elettione in questa maniera, che meno inconueniente sarà che differirla per nõ hauerla à fare. Jl Prefetto eletto è il P. Serafino da Cortona, predicatore, molto meriteuole, ma il Padre Prefetto di Congo nõ doueua farlo concorrere, perche questo Padre è spediente che nõ si parti di qui per il gran credito che hà acquistato in questa Città, che si è reso padrone degl'animi di tutti et alle turbolenze e persecutioni che si son mosse contro di noi, se nõ fosse stato egli al certo che la missione nõ staria in piedi sin'hora; la sua assenza di questa Città è per caggionare gran danno, ciascheduno sente la sua assenza, in modo che molti hanno fatto ricorso al Signore Gouernatore che nõ lo lasci partire, il che sarebbe sortito se il Padre risolutamente nõ hauesse ostato.

Jl P. Bonauentura da Sorrento hà fatto quanto hà potuto per restare, il Signore Gouernatore nõ hà uoluto in conto nessuno, l'hà forzato à partire; V.S.Ill.ma potrà da lui informarsi di molte cose circa lo stato della missione; però nõ lo faccia partire da Roma se prima nõ s'abbocca cõ lui.

La facoltà che l'Emitentissimo Cardinale Antonio, Prefetto, m' hà fatta di poterme eleggere un compagno sarcerdote, o laico, di mia sodisfatione, m'hà dato occasione d'essercitare la uirtù della patienza; nõ dico altro; il P. Vetralla hà uoluto ch'io faccia à suo modo, et io hò ceduto per hora; se per l'auuenire mi sortirà il medesimo cõ questo nuouo Padre Prefetto, sarà occasione l'inquietarmi; una facoltà tanto chiara, glosarla à lor modo senza raggione, se fosse oscura et ambigua crede V.S.Ill.ma che sarei consolato? Però V.S.Ill.ma s'adopri che l'Eminentissimo Prefetto mi mandi nuouo ordine, che la concessione ch'egli mi hà fatta l'obedischino senza glosa nessuna, e questo ordine lo mandi diretto à me. Il P. Vetralla si gouerna di proprio capo,

e nõ fà bene, meglio è errare cõ la moltitudine e communità, che indouinarla solo.

Vuole parimente il Signore Gouernatore che uada un altro frate à Lisbona capacitare il Rè perche habiamo fatta altra strada che di Portugallo e porti la mia patente, acciò il Rè la uegghi; io l'hò data al Padre Prefetto, facci lui, perche fra tre giorni partirò per la mia missione.

Gli Religiosi che per l'auenire uerranno mandare qui, nõ siano più di tre per uolta e questi se fossero d'una medesima prouincia, ottimo saria, perche più quietamente si farà il uiaggio, cõ poca spesa, e cõ maggior facilità ritrouamo imbarco; dodeci e quindeci religiosi per uolta nõ riesce, Monsignore mio, l'espirienza me l'hà insegnato; se fossero predicatori meglio saria per più rispetti.

Di dodeci religiosi che adesso siamo uenuti li due Prefetti se gl'hanno diuisi sei per ciascheduno; io uado suddito del P. Serafino, la quale missione contienerà tre Ospitij, Massangano 40 leghe da qui discosto (questo già staua preso). Embaca (1) e Dongo si fonderanno di nuouo. Dongo sarà cento leghe discosto da qui, iui fà residenza il Rè, e si chiama il Rè di Dongo, et è il medesimo che dire il Regno della Singa, o Regno Angola, che tocca *de jure* à questa regina, ma per essere tiranna gli portoghesi l'hanno priuata del Regno, et in suo luogo hanno fatto eleggere questo Rè suo parente più propinquo, e si chiama Rè di Dongo: é christiano, e molto confederato col Rè di Portugallo; hà fatto instanza più uolte per hauere sacerdoti da instruire li suoi popoli, nõ ui essendo nessuno nel suo Regno, e per questo tutti sono gentili. Per mantenere questa missione e prouederla di quello fà bisogno per il culto diuino e bisogni di missionarij, è necessario che li religiosi di essa tenghino Massangano, doue ui sono molti portughesi che li possono prouedere. //

---

(1) No original: Embasa. É Ambaca.

Questo porto d'Olanda (2), o Città d'Angola, stà parimente incluso nel Regno della Singa, e per questo toccaria *de jure* al Prefetto nuouo, e nõ à quello di Congo; ma perche la missione di Congo patirebbe senza l'aiuto e soccorso da qui, che è la principale Piazza de portughesi; però si sono diuisi questi due luoghi, il principale che è questo è rimasto al Prefetto di Congo, e Massangano al P. Serafino, Prefetto della Singa.

Qui stà presa la Sorella della Regina Singa, la quale ci farà una lettera diretta alla Sorella, essortandola à uiuere christianamente, mentre fà uita come vcello di rapina nella campagna; noi ce la uogliamo portare e uedere se la possiamo ridurre à uiuere da christiana, o almeno cessi di fare tante barbarie che *abborrent aures* ad udirle.

Questo sia per ultimo auuiso à V.S.Ill.ma che la Sacra Congregatione mandi ordine alli Prefetti, che un Vicario (come dice il Breue) che il Prefetto deue nominare in suo luogo, de facto lo nomini e lo dichiari, e nõ tacerlo, come sin'hora hanno fatto, acciò ne' casi difficoltosi si possa regolare col conseglio e parere di lui, e nõ disporre di proprio capo. E particolarmente quando alcuno missionario fará instanza di uolere ritornare in Italia per sue infermità che realmente si è reso inabile à seruire la missione, lo consultino fra loro due, e giudicando bene se li dia l'obedienza; possa essere consolato; perche sono morti due frati accorati, per nõ dire disperati per hauerli il Prefetto chiusa questa porta senza raggione. Però potrà dire il Prefetto col scusarsi che la Sacra Congregatione uuole che nõ si leui missionario nessuno senza grauissimo scandolo, o per causa orgentissima, e nõ è causa orgentissima un infermità abituale ni un religioso che nõ può più seruire la missione? e nõ è scandolo che un religioso uedendosi afflitto di infermità et il Prefetto nõ lo uuole consolare, si parta senza licenza et obedienza? Dunque

---

(2) Leia-se: di Loanda.

l'ordini s'intendono cõ discrittione e quando la Congregatione fà l'offitio di Superiore, nõ dà la prudenza, perche la suppone; ergo è bene che in questo et altri casi simili il Prefetto si regoli col conseglio e parere del suo Vicario, e giudicando bene mandarlo. se li dia l'obedienza; meglio pochi missionarij, buoni e contenti, che molti dissuteli e stiano di mala uoglia. //

Del resto poi, io uiuo humilissimo le [lettere?] di V.S.Ill.ma sempre ricordeuole dell'obligatione che li deuo, che per suo mezzo Jdio hà condotto à fine li miei desiderij, nõ cesso continuamente reccomandarlo al Signore et alla purissima Vergine che li dia gratia, spirito e salute acciò secondo la diuina volontà disponga le cose del suo offitio à maggior gloria di Dio e si renda meriteuole che Dio l'essalti à gradi maggiori. Mi dispiace nõ hauere trouato fiori galanti da mandarceli, mi dicono che in Massangano ue ne sia uno belissimo. Subito che sarò li le mandarò il seme; necessarò per l'auuenire di fare diligenza per seruila, e cõ tal fine li bacio cordialmente le mani e mi dia la sua beneditione, adesso che m'inoltro dentro terra, in paesi de gentili. //

Angola 2 febraro 1655.

Di V. S. Ill.ma Reu.ma

Obl.mo et Aff.mo Seruitore

Fr. Antonio Romano Gaetano //
Capuccino Missionario

Il P. Vetralla m'hà dato il compagno ma nõ quello che io hò dimandato.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 361-362v. e 381.

144

CARTA DO PADRE JACINTO DE VETRALLA AO PREFEITO DA PROPAGANDA FIDE

(8-2-1655)

SUMÁRIO — *Eleições que se fizeram segundo as possibilidades locais — Eleição do Padre Serafim de Cortona — Congregações criadas entre os cristãos e sua fidelidade.*

Di quanta consolatione mi sia stato riceuere la carta di V.E. in si remote parti non posso con poche parole dichiararlo. Ma quali afanni, contraditioni et angoscie m'habbia alla ricettion di questa causato il nouo rinfresco de Religiosi, per esser uenuti per altra uia che per quella di Portugallo, l'hò esperimentati, ma non l'hauerei mai creduti, ne imaginati. Li doi Religiosi che per ordine di questo Signor Gouernatore, che fra tumulti è stato nostro Protettore, deuono tornare in Europa e saranno latori di questa, gli potranno ciò più diffusamente narrare.

L'ordine di V.E. tassato in quella circa il numero di 8, o almen sei Religiosi da conuocarsi in Congregatione, non si poté perfettamente compire, nõ per defetto di uolontà, ma per rispetto d'impotenza, perche erano tali e tante le difficoltà, che mi s'opponeuano per arriuar à questo, que me lo rendeuano al mio giudicio impossible. Che però uedendomi di già per li tanti disaggi patiti esternamente nel corpo per il lungo uiaggio intrapreso, e molto più per le replicate afflittioni d'animo, che mi penetrauano di dẽtro, caduto infermo, e sentendomi aggrauar di giorno in giorno il male, dalla necessità costretto, mi deliberai di cõuocar tutti i Religiosi cosi uecchi come noui, che al numero di 10 quiui si trouauano, et auãti à tutti proponendo le circõstate difficoltà,

et accidẽti, con darli tutto un giorno di tempo da discutere e pensare, tornando a richiamarli il giorno seguente, di commun cõsenso mi risoluerno, che *stantibus terminis*, non potendosi adequetamente arriuare à quello, si douea adẽpire quello che poteua. //

E cosi prima di uedermi più aggrauato dal male, tãto più che si temeua douesse dare in letargo, mi deliberai con 5 uoti di quei, che si trouauano e poteuano concorrere cõforme l'ordini dati, posi a scrutinio secreto l'elettione del Prefetto di Singa, e riusci al primo scrutinio il P. Serafino da Cortona, Missionario de vecchi, che era stato in questa Città cinque anni. Qual sia poi il mio concetto circa di questa erettione di nuoua Prefettura, e qual pronostico ne formi, per non attediarla tãto cõ questa ne apũto à parte alcune circostanze in un'altra carta diretta à tutto il corpo di cotesta Sacra Congregatione, quale se fosse stata ben informata stimo che non l'hauerebbe ordinata.

Circa il frutto poi della Missione era tale, che il demonio inuidioso, non potendolo soffrire hà tramate et ordinate mille insidie per disturbarlo, e impedirlo; che se ben sin hora è stato impossibile, perche pareua che consistesse solo in batezzar fanciulli nelle missioni di fuora, et in quella di Congo in predicar senza frutto. Nondimeno il tempo hà mostrato, che la parola del Signore mai resta uota. Perche hauendo appresa alcuni de' nostri la lingua, si che no haueuano più bisogno delli lor interpreti infedeli nel dire e dichiarare ciò che diceua il Padre, onde poseano da se stessi explorare l'abusi e reprenderli efficacemente nelli loro discorsi, l'esperienza hà poi manifestamente mostrato il grã frutto che si faceua, e si fà, et il molto più che se ne spera di farci. Perche essendosi fondate due congregationi una d'huomini e l'altra di donne delli più nobili di Congo, non solo questi mostrano il frutto ne proprij costumi, ma anco in procurare la riforma ne costumi dell'altri. Di modo che essendone di queste congregationi eleti alcuni principali, uno

in Duca di Sundi, l'altro in Marchese di Pemba, e un'altro in Marchese d'Esseuo principalij prouincie di questo Regno, et altri in Gouernatori d'altre inferiori, particolarmente li suoi suditi, hauendo seco cõdotti altri congregati seco, nõ solamente seguitare essendo fuori a far le lor congregationi, ma concordi d'un' animo fanno a gara di opporsi alli riti gentili, à ributtar li erronei ministri del demonio cõ le lor fattocchiacie, idoli et ingani.

E quelli che nella Città son rimasti cõ tutto, che per false gelosie impresse nella mẽte del Rè per suggestione di alcuni a somigliãza de scribi e farisei in ueder l'applausi di Christo, siano stati non sol persuasi, ma minacciati sino à farli perder la uita, s'astenessero dal uenire e frequentar la nostra chiesa e congregationi, nõ solo nõ è stato possibile da farli astenere da questo, anzi che più frequenti sẽpre si son mostrati, protestandosi in particolare e generale di cõtentarsi più tosto perder la uita, che priuarsi del cibo della parola diuina, e intepidirsi nella cõceputa deuotione e cognition della uera e cattolica fede, e di Dio; ne era bastante il persuaderli che cedessero alla persecutione, e che andassero altroue à udir le lor Messe, affine d'appagar l'inuidia de' suggettori e mitigare il furore; anzi che quanto più cresceuano le minaccie, tanto più essi s'auanzauano nel frequentar i sagramenti, acciò oue fossero colti all'improuiso (come è costume di farsi) li potessero toglier la uita del corpo, ma nõ quella dell' anima; et si mostrauano tãto forti e costanti, che io nõ solamente haueuo occasione d'edificarmi, ma di cõfondermi e pigliar maggior lena d'impiegarmi nel proprio ministerio, dispiacendomi solo che si disposti membra per riceuer l'influenze del cielo tenessero un simil capo infetto di tali gelosie, e perciò per ragion di stato, auerso al ben fare di suoi sudditi, operando copertamente al cõtrario di quello s'è mostrato e mostra esternamente. //

Cosi il Signore come lo prego l'illumini per commune profitto di suo Regno. Non uoglio più stancare la patienza di V.E. Ma quiui facendo fine con pregarli dal Signore ogni uera

cõsolatione, e la pienezza di gratia, li bacio reuerente le sacre purpure e vesti. //

Di Loanda Città d'Angola, li 8 di febraio 1655.

Di V. Em.za

Deuotissimo Seruo in Christo

F. Giacinto da Vetralla //
Prefetto dell'Apostolica Missione //
de Capuccini nel Regno di Congo

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 366-366v. e 378.

145

CARTA DO PADRE SERAFIM DE CORTONA À PROPAGANDA FIDE

(10-2-1655)

SUMÁRIO — *Sua eleição como Prefeito — Manda uma breve relação do reino de Dongo — A situação no Congo — Catilinárias contra os Jesuitas — Perseguições do Rei do Congo — Que os missionários a enviar passem por Lisboa.*

Eminentissimi Signori

Essendo arriuato qua in questo porto e Città di Angola il P. Antonio Caietano *(sic)* Romano con gl'altri undeci compagni per soccorso della missione di Congo, e per fondare le dui missioni di Singa e Mococo, ne detti subito auiso à Congo al P. Jacinto da Vetralla, Prefetto, il quale essendo uenuto qua in termine di un mese, con immenso trauaglio, essendoli costato una infirmità mortale; raddunati cinque Religiosi non hauendo permesso il tempo poterne chiamare altri, si per la distanza et impossibilità de camini, come per altri rispetti molto graui, e non potendosi unire in altra parte senza molti pericoli, per le raggioni che le Signorie loro Eminentissime qui sentiranno.

Il giorno dunque di S. Giouanni, alli 27 dicembre 1654, si fecce l'elettione, nella quale si compiacquero eleggermi per Prefetto della Missione del Regno della Regina Singa, che si chiama il Regno di Dongo; e perche nel decreto ordinano le Signorie loro Eminentissime che fatta tale elettione se gne dia parte, e se gl'auisi il nome di chi sarà eletto, per mandare le facoltà del Santo Offitio, et altri ordini opportuni, per esseguire quanto ordinano. Il mio nome è Fra Serafino da Cortona, predicatore, humilissimo seruo delle Signorie loro Eminentissime, à piedi delle quali prostrato li domando la benedittione.

E già che nostro Signore hà inspirato l'Eminenze Loro a prouedere di ministri à questo Regno et eleggermi per dar principio ad una impresa cosi difficoltosa, mi è parso bene mandarli una breue relatione di quanto si comprende sotto questo nome del Regno della Singa, la qual relatione rimetto qui in un foglio à parte. E perche questo Regno contiene in se anche questa Città d'Angola, il Prefetto di Congo non solo non hà uoluto lasciarla, ma pretendeua anche dilatarsi fino à Massangano: se bene conuinto poi dalla uerità, uedendo che di nessuna altra parte si poteua prouedere questa Missione, hà lasciato Massangano. Hora in questo le Signorie loro Eminentissime determineranno quello sarà più espediente, essendo il Regno di Congo tanto dilatato, che non há necessità il Prefetto di esso allargarsi per altra parte.

Lo stato e reuolutione in che si troua la Missione di Congo l'Eminenze Loro intenderonno in uoce dal P. Bonauentura da Sorrento e da un altro Religioso, i quali per la necessità in che stiamo et anche obligado dal gouernatore e capitan generale di questo Regno, se ne uiene ad Europa, et anche potranno considerarlo da una copia di una lettera che il Rè di Congo hà scritto al gouerno di questa Città, o per dir meglio, fatta da altri e poi fatta sotto scriuere dal Rè, che non sà leggere (1). Questa mutatione cosi grande nel rè di Congo è proceduta dal inuidia de Padri Gesuiti, i quali, non senza grande ammiratione, e scandalo del secolo, hanno tentato tutti i modi per farci partire di qua: et anco è proceduta dalla passione di quattro sacerdoti che stanno in Congo. Come il fine dell'assistenza di questi Religiosi è l'interesse grande che ui hanno, perche solo i schiaui che tengono si dice che passino il numero di dui mila, il che

---

(1) É natural que assim seja, mas a verdade provada é que muitíssimas vezes os Capuchinhos fizeram a mesma coisa. Se o processo, agora, era mau, não justifica nem absolve o que tantas vezes usaram...

richiede poi un continuo negotiare: non possono sopportare che ui siano altri, che non trattino altro che fare schiaui per il cielo; gl' istessi gentili uedendo loro tutti intenti al interesse e cattiuarli, e noi tutti applicati al profitto del anime loro, non gli stimano ne fanno conto di loro.

É cosa da fare inhorridire le pietre, Eminentissimi Signori, considerare che uedino questi Religiosi la miseria e calamità di queste pouere anime, e che tante si perdono miserabilmente per mancamento di ministri, e la carità di Christo non li muoua à procurare la loro salute; e ne anche possino sopportare che altri lo faccino: intanto che ne anche i loro proprij schiaui insegnano: di maniera se si fanno idolatrie, superstitioni e riti gentilici; tra loro schiaui si esercitano come gente sicura di non essere molestata (2).

E per accenarli in parte i mezzi che hanno tentato per farci rimouere di qua, quando uennero li diciotto Religiosi col P. Giouanni Francesco Romano, un di questi Padri Gesuiti scrisse una lettera à questa Città, stando in Bamba; nella quale auisaua come detti Religiosi portauano quattro pezzi d'artiglieria, tante cariche di moschetti e munitioni, come portauano donatiui per subornare tutti i principali uassalli di Congo per affettionarli à Spagna, et altre cose indegne di esser riferite: sopra detta lettera si formò un processo, contro di noi si fecero molte diligenze, e si mandò ogni cosa à Lisbona. Non uolse Iddio che conseguissero l'effetto. Tentorno per uia del Inquisitione, facendo esaminar testimonij, dare giuramenti screditandoci in

---

(2) Não temos missão de defender os Jesuitas, mas a história. Os Capuchinhos, intempestivamente e sem a prudência em que nunca foram brilhantes, iniciaiaram o seu apostolado em S. Salvador em tom de guerra contra quem já lá estava estabelecido de há muito. Há um zelo indiscreto e uma pobreza ostensivamente orgulhosa que não são, indiscutìvelmente, evangélicos nem seráficos. A literatura dos Menores Capuchinhos apresenta-nos com frequência trechos escolhidos no género deste...

publico et in priuato, senza mai hauer cessato di esercitarci nella patientia. Hora di nuouo hanno fatto publicare la bolla del Inquisitione in Congo, doue mai più è stata publicata, senza mostrare ampliatione di facoltà, ne autorità di poterlo fare; e dicendoli il P. Prefetto che noi altri teneuamo le facoltà del supremo Santo Offitio di Roma, rispose uno di essi che dette facoltà non ualeuano, perche non erano confermate per Portogallo. //

Adesso hanno dato tale spinta alla Missione che è stata per andare à terra, peruertendo il Rè di Congo, e irritandolo contro di noi e piaccia al Signore che non lo conseguischino: perche quando non uenghi ordine di Lisbona che noi siamo mandati uia tutti di qua, che è quello che essi pretendono: i missionarij stanno tanto disgustati che non sò se molti uorranno persistere fra queste miserie. Vengono qua i poueri Religiosi per trauagliare nel seruitio di Dio fino alla morte, soggettandosi à infiniti trauagli, et à una uita più da bestie che da huomini, uedendosi poi impedí per mille maniere dal loro fine, screditati, infamati come traditori e gente sospettosa, manca l'animo per proseguire l'impresa.

I punti principali che hanno messo in testa al Rè di Congo per irritarlo contro di noi, sono i seguenti. Primo, che mai hauerà pace con il Rè di Portogallo se non manda uia del suo Regno noi altri. Secondo, che sotto cappa di Religiosi noi li machiniamo tradimento por farlo morire. Terzo, che non siamo mandati qua altrimente da cotesta Sacra Congregatione ma dal Rè di Spagna, per diuertirlo dalla deuotione di Portogallo. Quarto, che noi discorriamo per le prouincie del suo Regno per scoprir le mine del oro e del argento. In oltre, come cotesta Sacra Congregatione assegnò tre mila scudi per quei Religiosi che uennero col P. Giouanni Francesco, et i missionarij non uolsero far spendere detti denari in cose spettanti allóro uitto, ma impiegorno il tutto in cose della chiesa, i Padri Gesuiti hanno messo in testa al Rè di Congo che tutte le sudette cose appar-

tengono à lui; acciò mandandoci uia ui possino metter le mani. e questa loro intentione non l'hanno saputa dissimulare, anzi l'hanno manifestata; e cosi hanno fatto serrare tutti i passi, di maniera che non possiamo tirare cosa ueruna per soccorso di questa nuoua Missione.

L'occasione donde si è acceso tutto questo fuoco è stata l'hauer ripreso il Rè: *Non licet tibi habere sororem confessoris tui:* hauer scoperto moltissime idolatrie e superstitioni che lui fà segretamente, permette e consente si faccino potendo impedire, et hauerli fatto segretamente la correttione: et ultimamente per hauer difeso l'immunità ecclesiastica: perche hauendo il Rè di Congo fatto assaltare nel camino un sacerdote chiamato il P. Vicente Aluaro, e fatolli robbare circa quindici milia scudi di robba, nel qual delitto si dice che il confessore del Rè fosse uno de principali agenti: il P. Prefetto di Congo interrogato dal medesimo Rè, e dal confessore che cosa si doueua far in tal caso, rispose liberamente che essendo il delitto tanto publico e scandaloso doueua publicarsi scomunicato, il Rè et i complici e fautori, ne poteuano essere assoluti se non sodisfatta la parte, con che il Rè et i Preti restorno talmente irritati, perche tre di loro sono fratelli carnali, che non poteuano più sentirci nominare. //

Il Padre Gesuita uedendo si bella occasione si è ualsuto della, et hà ordito la trama che l'Eminenze Loro intenderanno, hauendo unitamente con i quattro Preti fatto scriue[re] al Rè di Congo una lettera tanto infame contro di noi, una copia della quale li rimetto qui congiunta, doue uedranno falsità horrende (3).

---

(3) Não podemos dar o mínimo crédito à afirmação de que os Jesuitas tenham feito corpo contra os Capuchinos com o Rei e com os Padres seculares mencionados, pois os mesmos Jesuítas sempre condenaram o procedimento irregular do Rei do Congo, mesmo antes e muito antes de os Capuchinhos irem para o Congo. O que prova de mais, nada prova. Ficamos sem saber quais serão «falsità» mais «horrende» se as que foram bolsadas contra os Capuchinhos, se as que estes, pela pena do Padre Serafim de

Quattro anni sono auisai à co testa Sacra Congregatione l'intento di questi Religiosi in uolerci buttar fuora di qua, acciò restasse seruita darui opportuno remedio, hora le cose paiono arriuate à termine irremediabile se Iddio non ui pone la sua poderosa mano.

In mezzo di queste turbolenze sono arriuati qua questi dodici missionarij; io non posso rappresentare alle Signorie loro Eminentissime i trauagli e disgusti che hò passato in farli sbarcare in terra: perche i Padri Gesuiti andorno à far parte al Gouernatore che non li riceuesse: l'istesso fecero i frati Tertiarij; un Gesuita che stà in Congo, inteso il loro arriuo scrisse una lettera al Gouernatore che non li ammettesse, per non uenire per uia di Lisbona: et i quattro Sacerdoti che stanno in Congo fecero l'istesso con dar lettere, la copia di una delle quali li mando qui congiunta con la relatione del Regno della Singa (4).

Da detta relatione le Signorie loro Eminentissime potranno uedere quanti missionarij sarebbono necessrij per coltiuare cosi uasta messe, e giuntamente potranno uedere come tutto questo Regno stà conquistato da signori portughesi, in tanto che il Rè che hoggi regna è loro tributario, hauendo scacciato la Regina Singa: il che per la propagatione della santa fede è di grandissimo aiuto; perche fauoriti i missionarij dal braccio seculare possono più liberamente esercitare il loro offitio, senza esser impediti, sono più rispettati, et hanno le cose necesarie per il culto diuino; il mancamento delle quali cose rende tanto

---

Cortona atribui aos Padres da Companhia, acusando-os à Propaganda Fide. Os dois procedimentos, para nós, são igualmente condenáveis.

(4) De vários documentos aqui mencionados como enviados à Propaganda Fide não encontrámos rasto nos Arquivos desta Congregação, do que temos pena. O motivo das dificuldades de desembarque em Luanda, sabia o Padre Serafim de Cortona quais eram, sem ser necessário meter no caso o seu fantasma dos Jesuitas. Os seus confrades não só não tinham passado por Lisboa, mas vinham da Espanha, o que era infinitamente mais grave. Mas esta gravidade não a vê, ou tenta iludi-la...

difficultoso e quasi impossibile la conuersione delle anime nel Regno di Congo. //

Per altra parte potranno uedere come è necessario che i missionarij uenghino per uia di Portogallo, perche altrimente non saranno riceuuti ne potranno penetrare à questo Regno nuoui essendo altro camino ne porto di mare. Le Signorie loro Eminentissime faranno in questo quello che giudecheranno più espediente. Io di presente non teno altro che sei compagni e questi la terra gli hà da prouare come costuma con grauissime infirmità. Starò aspettando il soccorso che le Signorie loro Eminentissime si degnaranno mandarmi. E non si offerendo altro li faccio profondissima reuerenza e li domando la loro beneditione: pregandoli dal Signore l'accrescimento di ogni felicità. Iddio le conserui. //

Angola li 10 Febbraio 1655.

Delle Signorie loro Eminentissime e Reuerendissime

Humilissimo Seruo

Fra Serafino da Cortona //
Predicatore Capuccino Prefetto

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 367-367v. e 377-377v.

NOTA — Em longa carta a Mons. Salutei, também datada de Luanda a 2 de Fevereiro de 1665, o Padre Cortona reedita ou repete os mesmos dizeres nas suas linhas essenciais. O leitor pode ler este documento em: APF—*SRCG*, vol. 249, fls. 368-368v. e 376-376v.

146

CARTA DO PADRE SERAFIM DE CORTONA A UM SEU IRMÃO SACERDOTE

(10-2-1655)

SUMÁRIO — *Envio e recepção de correspondência — Notícias da sua vida apostólica em Luanda — Nomeação de fundador da missão do Dongo e de Prefeito Apostólico, por eleição dos missionários.*

Molto Illustre Signore. Salute.

La pace del Nostro Signor Giesù Cristo sia con V. S., e con gli altri di casa. La lettera di V. S. delli 12 Ottobre 1653, mi fù recapitata li 14 di Nouembre 1654, un anno e un mese dopo, con occasione d'essere arriuati quà 12 Missionarij nostri Cappuccini, che è stata la prima, che dopo otto anni da che sono partito d'Italia, io habbia riceuuta. Sento gusto particolare, si della buona salute, come della pace, in che state. Piaccia al Signore conseruarui in essa, che è quello che di continuo gli domando nelle mie orazioni; perche la Carità di Giesù Cristo, che mi hà fatto venire fino nell'ultime parti del mondo a procurare la salute di questi barbari, non mi hà permesso lasciar passare giorno senza ricordarmi di quelli, à quali si per legge di natura, come per carità, sono astretto. //

Le lettere, che fin'adesso hò scritto, e che sono arriuate costà, sono state incamminate al P. Prouinciale della Prouincia, et altre sono state in risposte di quelle che mi hanno scritto le nostre Sorelle; e sà il Signore, che il tempo che hò posto in iscreuere alcuna lettera, è stato tirato a gli occhi al sono, per trouarmi di maniera occupato in seruizio di Dio e del prossimo per benefizio di queste anime, che non bastandomi il giorno, quattro giorni della settimana sono occupato sino alle due hore

di notte; di sorte che nessuna occasione hauete di lamentarui se non vi hò scritto, mentre V.S., nè Francesco per ispazio di otto anni non si è ricordato di farlo: ma lasciamo andar questo, che poco importa. //

In quanto alle nuoue che di me vi posso dare, in quanto al corpo, non sono molto allegre, ma quanto allo spirito, sono di molto profitto, per trouarmi in un mare di trauagli e di persecuzioni, particolarmente da quattro mesi in quà; perche il Ré di Congo, indotto da tre Preti et un Padre che là stanno, si è voltato contro di noi terribilmente, facendo infinite tirannie, ritenendoci le lettere, facendo pigliare i morieri i portatori, minaciare tutti queli che ci fanno limosina, mandare in bando alcuni nostri amoreuoli, et altre infinite tirannie; e ciò per hauergli messo in testa, che mai porrà hauer pace con i Signori Portoghesi, se non ci manda via del suo Regno. //

Gli hanno persuaso ancora, che noi procuriamo scoprire le miniere dell'oro e dell'argento nel suo Regno, e che vi è pericolo, che noi gli macchiniamo alcun tradimento: onde l'hanno indotto a fare scriuere una lettera al gouerno de' Signori di questa Città d'Angola (1) contro di noi; con che ci hanno mosso una crudelissima persecuzione, procurando screditarci appresso il popolo, acciò ci tengano por gente sospetta. Sono tutte inuenzioni del demonio, il quale sperimentando la guerra continua, che noi gli facciamo, tirandogli dalle mani tante anime, procura anco lui farci crudelissima guerra, e disturbare et impedire tanto bene che si fà; ma alla fine il Signore gli farà restar confusi, come sono restati fin' adesso; perche in sei anni, che stò in questa Città, non mi hanno lasciato hauer mai un hora di quiete, e mi hanno fatto mangiare il pane delle lagrime; ma Nostro Signore non hà lasciato d'aiutarmi sempre, e di difendermi da tante calunnie, ed hà fatto restar confusi gli auuersarij. //

---

(1) Cidade de Luanda, donde é escrito o documento.

Non resta però, ch'io non habbia portato una continua e pesante Croce di trauaglio sopra le spalle, oltre le tante et immense occupazioni di predicare, insegnare, e confessare, sostentare tre Congregazioni, due di huomini et una di donne; sostentare due Compagnie del Rosario, una de' Neri, e l'altra de' Portoghesi, recitandosi tre volte la settimana, con altre continue occupazioni. Se bene tutte queste cose, come sono incamminate al seruizio di Dio, et alla salute dell'anima, si vede giornalmente il profitto, che si và facendo, ancorche il corpo trauagli, si sente però gran consolazione interiore: piaccia al Signore incamminarle tutte al fine che si pretende della sua maggior gloria e dilatazione del suo Santo Nome, e profitto dell'anime. //

Gli dò parte ancora, come questi Padri Missionarij, che sono venuti adesso, hanno portato un Decreto della Sagra Congregazione nel quale ordina, che il Prefetto della Missione del Regno del Congo, raduni una congregazione di sei ò otto Religiosi de' più vecchi, et in essa si faccia elezione di un Prefetto per fondare una nuoua Missione nel Regno della Regina Zinga, che è il Regno di Dongo. Il giorno di S. Giouanni Euangelista (2) si fece la congregazione, nella quale m'elessero per Prefetto di questa nuoua Missione, e mi consegnarono il Breue che mandaua la S. Congregazione, et il Sigillo; di maniera che, Fratel mio, bisogna apparecchiarsi a cominciare a trauagliare di nuouo, come si fosse il primo giorno. Del tutto sia lodato Iddio, al quale piaccia incamminarmi in una impresa cosi grande et ardua, e di tanta considerazione. Io gli rendo infinite grazie, che si sia degnato seruirsi di me, che sono istromento cosi vile, per un opra tanto grande, e di tanto suo seruizio. Io mi tratterrò quà alcuni giorni, e di poi penso mettermi in viaggio per andare a Dongo, doue stà il Rè, che sarà lontano di quà 400 miglia, per fondare là una Missione; se però questa gente non m'impedisce

---

(2) Dia 27 de Dezembro.

il partire; perche è tanto l'affetto di tutti, che solamente in motiuare di voler partire di quà, si solleua tutto il popolo. //

Si bene sia di qualsiuoglia maniera, o andare, o mandare, voglio penetrare fino alla Regina Zinga. Questa è una donna barbara, la quale era Regina di questo Regno d'Angola, e fù scacciata da' Signori Portoghesi a forza d'arme, e costituito in suo luogo il Rè di Dongo; et hora viue come uccello di rapina: non tiene luogo determinato; hà un grandissimo seguito di gente barbara, e stà sempre in guerra: mangia carne umana; e tutti i figliuoli doue ella stà, tutti li fanno mangiare à cani; bisogna che le donne vadano a partorire almeno cinque o sei miglia lontano: offerisce sagrificij, ne' quali fà ammazzare 200 e 300 huomini, et altre infinite barbarità. //

Con occasione che mandò quà un suo Ambasciatore, io le scrissi una lettera, nella quale l'esortauo a lasciare quelle barbarità, e ricordarsi che era cristiana; perche essendo piccola fù battezzata da' Signori Portoghesi (3). Mi rispose con molta cortesia; e di poi mi hà scritto due altre lettere. Hora spero d'andare a trouarla, o almeno mandare alcuno de' miei sudditi: onde non sò, Fratel mio, se noi ci riuedremo più in questo mondo; piaccia al Signore, che almeno ci riuediamo nell'altro, che è quello che io desidero, e procuro quanto è dalla mia parte. Resta che V.S. procuri fare dal canto suo quello che deue, viuendo da buon cristiano e Sacerdote; in particolare caricando sopra le vostre spalle la cura dell'anime. E si è tanto difficoltoso hauere a dar conto dell'anima propria, che metteua terrore a gli stessi huomini Santi, quanto più sarà hauere a dar conto dell'anime altrui? *Si quis domui suae praeese nescit, quomodo Ecclesiae Dei diligentiam habebit?* disse S. Paolo (4). //

---

(3) Tendo nascido em 1582 e baptizada em 1622, tinha 40 anos quando entrou no grémio da Igreja. Não era, portanto, criança irresponsável quando abraçou o Cristianismo.

(4) *I Tim.*, III, 5.

Io non posso dar altro, che metterui dauanti a gli occhi l'obbligo vostro, il conto stretto che hauete a dare a Dio, la breuità et incertezza di questa nostra vita miserabile, che hoggi siamo viui, e domani morti, et il pericolo della nostra dannazione, e guai a quello, che sarà trouato sprouuisto alla morte: e pregare Iddio continuamente per voi. Del resto Nostro Signore vi conceda tutti i beni che voi desiderate. I portatori di questa lettera sono due Padri nostri Cappuccini, quali ritornano a Roma, e mi hanno fatta grande istanza, acciò io volessi essere uno di essi per tornare; ma io mi sono scusato al meglio che hò potuto; perche tenendo sopra di me il carico di fondare questa nuoua Missione, bisogna essere il primo, a mostrare coll'esempio quello che hanno a fare gli altri sudditi: oltre che l'animo mio è di finir la vita in questa impresa; se però Iddio non mi chiama un' altra volta per Italia (5). Per fine salutandoui caramente con Francesco, vi prego dal Signore ogni felicità.

Angola li 10 Febbraio 1655.

Di V. S. M. Illustre

Affettuosissimo Fratello

F. Serafino da Cortona, I. C.

MONTUGHI (Florença) — *Raggvagli del Congo*, p. 161-165.

---

(5) Regressou de facto à Itália em Julho de 1658, arribando a Liorne (Livorno) em Agosto de 1659. Nomeado guardião do convento de Montughi (Florença), aqui faleceu em 1-9-1660, deixando-lhe uma notável colecção de cartas.

147

CARTA DO PADRE MANUEL DE MATOS AO PADRE DIOGO DE ALFAIA

(15-2-1655)

SUMÁRIO — *Acidentes da viagem até Luanda — A missão do Congo é mantida — Pessoal do Colégio de Luanda — Acção dos Capuchinhos — Reformas introduzidas — Missões ao interior da terra — Descrição da Igreja e do Colégio — Escravos e propriedades da Companhia em Angola.*

†

Pax Christi

Já tenho informado por outra carta a V.R. de nossa chegada a este porto d'Angola, e fim de tam comprida nauegaçam, que foi aos 6 d'outubro do anno de 654, tendo sahido da Madeira aos 10 de iunho do mesmo anno. E ainda que agora pertendia relatar mais por extenso os particulares da viagem, e estado do Collegio, pera com esta satisfazer a todos que o dezejaraõ saber, e já a algũs tenho prometido, quasi que me uejo impossibilitado com occupações, e desobrigado da empreza, porque a tenho encommendado a hũ dos meus companheiros, mas por nam ficar em falta a esta promessa, e nam ter certeza que o Padre enuiará sua relaçam em este nauio, o farei sumariamente de alguãs couzas.

A jornada foi bem assombrada em resam do tempo, que polla maior parte correo fauorauel, e liure de inimigos que nos inquietassem, porem nam nos faltaram outros trabalhos, em que teue largo emprego a paciencia. Porque depois que sahimos d'esse porto até que neste anchoramos, nam çessaram perturbaçoẽs, desconfianças e brigas entre a gente do mar, e de guerra, em que nós, posto que nam tinhamos parte, tinhamos a maior

na molestia: porque sam difficultosas as pazes contra o interesse que todos queriam, e a jurisdiçam, em que nenhũs aos outros vinham subordinados, e quando as imaginauamos feitas, as achauamos violadas. Donde naceo huã grande desordem na despeza dos mantimentos e agoa, com cuja diminuiçam crecia a miseria dos degradados (que quasi o eram todos) e deu cauza alem de outras, a huã pestilencial doença, que arrebatou 32 pessoas, sendo perto de outros tantos os ungidos que escaparam, pollo cuidado com que se acodio a sua necessidade: auendo ordinariamente actuais 10 e 80 enfermos, ou para melhor dizer o estiueram sempre todos, por serem em cada hũ as recahidas multiplicadas, e chegamos á occasiam em que simul estiueram doentes o Almirante, Capitam, Alferes que morreo, Sargento, Mestre, Piloto, Contramestre e Gardiam que morreo, e quasi todos os marinheiros, e assim parece que os Anjos nos guiauam; e hé certo que de 220 pessoas que trazia o nauio, nam ficaram 15 liures da enfermidade, e destes ainda os mais (1) a tiueram em terra, e morreram ainda outros, e o mesmo Almirante em Benguella, para onde ueyo por Capitam mor. //

Contudo foi Deos seruido conseruarme até agora a saude, que todos os nossos perderam, de que ainda se nam deixa de fallar em esta cidade, sendo que nam era dos mais valentes, nem andaua tam afastado que nam ungisse a quasi todos, e assistisse a muitos, chegando a ficar só de 6 sacerdotes que eramos, tendo sobre my o espiritual, e corporal de todo o nauio, com que poruentura quiz Deos desenganar a algũs, que recearam esta missam por nam fiarem muito de suas forças; que muitas uezes os mais fracos sam os que melhor resistem aos males, ou a quem os males menos acommetem.

Sendo pois tam geral, e graue a contagiam, e de quasi todos a pobreza tam estremada, como de gente que uinha dos carceres

---

(1) A maior parte, os restantes, os outros.

e gallez, que para aqui concorreo toda por respeito de hir na capitania o Gouernador, que faltandolhe a cama, e escassamente tinha o uestido com que se cubrir, e huã botija para agoa, que era muy ordinario ser já quebrada: uerdadeiramente se nós alli nam uieramos (como elles diziam, e dizem) que nenhũ ficaria com uida, e os mais morreriam sem sacramentos, porque dos primeiros que adoeceram foi o Capellam, que polla maior parte ueyo doente, e nós tomamos este officio, administrandolhes a confessam, communham, e vnçam, assistindolhes em as dores, agonias e enterros, applicandolhes as curas, mandandolhes allimpar e defumar os ranchos, elegendo, e exhortando os enfermeiros, indo algũ Padre ordinariamente com elles, e com o Surgiam, ao almoço, jantar, e a distribuirlhes o comer, e chegando muitas uezes a lho meter na boca, em tempo que os proprios irmaõs e camaradas fugiaõ d'elles: e era necessario obrigarem os officiais que lhe assistissem. E em todas estas acções mostrou notaueis feruores o P.e Aleixo Coelho, que tambem foi o ultimo dos Padres que adoeceo. E os que em tal cazo lhe nam faltaram com a pessoa, de crer hé lhe nam faltariam com a matelotagem. Só por huã uez lhe demos 12 galinhas, em occasiam que se pedia por huã 1500; e posso affirmar, que nenhuã se matou de que os estranhos tambem nam comessem, e que da ultima ficou ametade para dous doentes nossos que entam auia, e a outra ametade se repartio com dous estranhos. Na mesma conformidade os doces, legumes, farinha, assuchar, azeite, agoa, louça, e tudo o mais que traziamos que lhe podia approueitar, era de quem a titulo de necessidade o pedia, ou ainda que o nam pedisse o necessitaua; e ueyo a montar grande parte da esmola, que ElRey N. Senhor nos mandou dar pera esta viagem, que eu tenho por bem empregado em seruiço de Deos, e de S. Magestade e chegou a dizer hũ soldado que já ofora em o Brazil, que sempre diria que os Padres trouxeram hũa companhia de S. Magestade á sua custa.

E nam foi o que mais custou socorrer com o que auia, senam que faltando isto, fui por uezes á capitaina pedir socorro, donde concorreo o Gouernador e a nao com boas esmolas, e ueyo huã ordem ao Mestre do nauio para que desse tudo que eu julgasse ser necessario pera remedio dos enfermos, ou dos que elRey alli para elles metera, de que se lhe nam tinha dado tudo, ou do das partes. Mas como o dar hé penoso a quem lhe falta a vontade, e eu conuencia claramente que nam faltaua que dar do nauio, leuou o Mestre tam mal este requerimento, que era força se lhe fizesse, que uindo até entam muito afeiçoado nosso, pollo ter defendido muitas uezes, esquecido de tudo se poz contra nós, e assim ficou contra todos os do nauio: porem uista a cauza tam justificada, e a pessoa inclinada a pendencias, nam me cauzou com isto molestia alguã. Antes entre tanto trabalho nam sentia trabalho, nem perdi hora do officio diuino, que hé a consolaçam que tenho, por nam ter perdido até agora nenhuã por nenhũ titulo, depois que recebi as ordens sacras; e só na uista senti alguã falta com a uizinhança do mar, porque de todo me nam jactasse; porem creame V.R. que no meyo de tantas doenças nunca tiue temores de adoecer. //

Antes cheguei tam animoso a esta cidade, que dentro de 15 dias fui ao Bengo, que dista 6 legoas a dentro, por julgar ser necessario vizitar pessoalmente aquella fazenda, a que chamaõ aqui arimos, lugar posto que no aruoredo muy bem assombrado no aruoredo *(sic)*, e no torram muy fertil, contudo tam doentio, que o Gouernador quando o soube, e outras pessoas, me fizeram requirimentos que tal nam intentasse, e me uinham depois uizitar de nouo, como se tornara do reino. E na uerdade san tantas as mercês que Deos me tem feito em tudo, que o nam sei encarecer a V. R., ou me nam atreuo por a cauza ser propria: e com isto uay supprindo meu pouco talento, e experiencia, e sendo tam arriscada nesta occasiam a uniam entre os nossos, mais unidos estamos com elles, do que elles entre sy estauam, posto que fossem da mesma Prouincia.

Tambem nam foi pequeno acerto encontrar aqui ao P.e Antonio do Couto, que tinha uindo de Congo a fazer sua profissam, e auia ordem do P.e Francisco de Tauora, Prouincial, que uiesse o dito Padre com este titulo, e depois se chamasse tambam o irmam Manoel da Costa que lá ficaua, e se desfizesse aquelle Collegio, que só constaua destes dous sugeitos. Esta ordem me communicaram os Padres e as cauzas que a moueram, e eram as seguintes: //

1.º a difficuldade de achar sugeitos pera se prouer; 2.º a de mantimento pera se sustentarem, o qual corre polla maior parte por conta deste Collegio, e parecia ser penso sobre suas forças, suppostas as perdas que teue com o Olandez, de que ainda nam está reparado; 3.º que nam era tam necessaria nossa assistencia em Congo, supposto auer alli frades Capuchinhos; 4.º a aspereza do caminho, em que morreraõ algũs.

Porem como eu nam tinha tal ordem do nosso P.e Prouincial senam só pera enformar acerca de Congo, e por achar ao prezente circunstancias muy pezadas em contrario, com que se desfaziam as resoẽs sobreditas, nam puz em questam o tornar o Padre, antes o mandei logo prouer de tudo que trouxemos, e na terra auia, ainda auantejadamente do que elle pedio por rol, e dizem que nunca fora tam bom prouimento, com o que foi contente, e já tiue por uezes nouas de sua chegada, e estancia com boa saude.

Quanto ás rezoẽs contra Congo, eu lhe respondi: à primeira, que por hora cessaua aquella difficuldade, porque o P.e Antonio do Couto se offerecia com larga uontade, e ainda requeria tornar para o seu Collegio, pera uiuer sempre nelle se o deixassem. À 2.ª em ordem á sustentaçam, que nam reparaua eu acodirlhe com toda a necessaria estes tres annos; porque ainda que era penso grande do Collegio, este cahe principalmente sobre os reitores, e eu o tomaua com muito gosto, esperando em Deos que nam auia de faltar, como nam faltou até agora, aos que aqui estam, sendo mais em numero que o costumado. Á vltima,

que nam seria o caminho aspero a quem o empreendia por vontade, a quem era filho da terra, e o tinha passado alguãs uezes sem adoecer. À 3.ª (que reseruei para o ultimo lugar, por ter a reposta mais copiosa) disse, que polla mesma cauza que lá estauam Capuchinhos, nam conuinha (cessando as mais) que nós largassemos o posto: pois com a noua uinda destes a terras que nam conhecem, fica sendo de menos credito nossa retirada daquellas que já conhecemos; nem conuem que imagine a gente, que aonde os tem a elles nos escuza a nós; porque logo fariam d'ahi argumento, que lhe nam eramos necessarios em esta cidade, aonde chegaram de nouo 12 Capuchos, e já auia alem de outros, Carmelitas, e Franciscanos. E muito menos conuinha isto em tempo que se fallaua variamente dos Capuchos, como direi, e em occasiam que lhe traziamos nouas da noua Prouincia, para que nam uissem que com esta mudança se lhe diminuiam as Missoẽs, quando hé justo que imaginem que lhas há de acrescentar, como polla bondade de Deos logo succedeo, como abaixo referirei. E estas mesmas resoẽs escreuo ao P.e Prouincial, e por ellas dei esperanças aos moradores de Massangano, lugar de 300 vizinhos, aonde se retiraram os Portuguezes na tomada de Loanda, os quais procuram ter e pedem com cartas naquelle pouo huã rezidencia dos nossos, posto que nam seja meu parecer que se lhe conceda, saluo se ouuer sugeitos apostados, e que liuremente se offereçam, e ainda entam nam se lhe deue dar titulo de rezidencia, senam de missam, porque se nam ueja falta em a prouer com outros, quando estes faltarem. Isto hé o que julguei acerca de Congo.

Tornando á nossa chegada, os Padres nos receberam com muita beneuolencia, trazendonos do nauio com dous ternos de charamellas das que o Collegio tem, e á força me puzeram em lugar do Reitor e pediram a patente (2), que se leo aos 7 d'outubro,

---

(2) Título oficial de concessão ou privilégio.

permittindo eu esta pressa (posto que com dispencio de meu descanço) afim de resoluer nesta forma a missam de Congo, e outros negocios de que logo tiue noticia, e nam sofriam tardança, e para conseguirem o effeito que eu julgaua ser conueniente, era necessario assistirlhe como superior.

Os sugeitos que achamos neste Collegio, alem do P.e Antonio do Couto, que era hospede, sam 6 Padres e 4 Jrmaõs, a saber: o P.e Manoel Cordeiro, que seruia de Reitor, o P.e Manoel de Mariz, que o tinha sido, o P.e Francisco Cabral, todos professos. O P.e Jeronymo d'Oliueira, mestre da primeira, o P.e Antonio Cardozo, mestre da 2.ª e o P.e Joaõ Marques, coadjutor espiritual. Os Irmaõs Antonio Ferreira, Antonio Martinz, Manoel Ribeiro e Manoel Fernandez, afora o P.e Manoel Ribeiro, que estaua no Bengo com o Irmaõ Gonçalo João, que com os dous que estam em Congo, e com tres que se tinham partido para o Brazil, faziam numero de 17 e hé o menos que se requere. E agora estamos actualmente em Angola 20 com os que uiemos. Dos que achamos só dous pertensem legitimamente á nossa Prouincia, que hé o P.e Manoel Ribeiro, natural d'Alcacere, e o Irmaõ Antonio Martinz, natural de Portalegre, que aqui entrou há 17 annos. Os mais todos se desejaram hir, e estaõ os Padres esperando nauio até Abril, tirando o P.e Manoel de Mariz, que como pedio a missam, replica que o deixem ficar, em que eu nam reparo porque hé bom sugeito, mas até elle nam duuida que o ham de mandar logo hir, e os outros o affirmam. Dos Irmaõs tambem imagino que pertendem leuar o melhor, o que eu nam hei de consentir, pois se nam bollio com elles em Portugal, e hé contra a ordem que trago dos Padres Vizitador, e nosso Prouincial, posto que elles digam que a tem do seu.

Tanto que os Padres se partirem embora, ficaremos com trabalho multiplicado, se entre tanto nam uierem outros, que o P.e Prouincial prometteo mandar e hũ Irmaõ coadjutor que saiba bem escreuer para a escola: e conuem que todos estes sejaõ de bons talentos, e de muita uirtude, porque de outra

maneira nam seruem cá; porque os que nam tem esta uirtude, cuidam que basta estar em Angola para uiuerem como quizerem, sendo que pollo mesmo cazo que hé Angola aonde há gente que corre o mundo, e aonde somos poucos, e nos obseruam todos, importa que sejam muy reformados. E em rezam do talento que se requere, hé certo que se enganam lá com Angola. Hé muitas uezes maior, e melhor terra do que cuidaua, tem muitos e bons edificios, a gente mais lustroza que ui, excepto Lisboa, 4 religioẽs, .s. Capuchinhos barbados, Franciscanos, Carmelitas calçados (3) e nossos. Conegos, e dignidades da Sé de Congo, muitos clerigos, letrados, e outros degradados que cursaram escolas, muitos capitaĩs reformados, dez companhias actuais de infantaria paga, muitos habitos das ordens militares, muitos mercadores portuguezes e estrangeiros. E ainda em resam dos mantimentos hé a mais bem prouida que há, tirando alguãs fruitas do reino, que outras se dam cá muito bem, e de tudo chega cá o melhor. Quanto mais que conuem acreditar agora esta missam, por que o prouimento della seja mais facil ao diante, porque ouui dizer a algũs, que maior repugnancia lhe fazia uir a Angola por nam serem bem aualiados os que mandauam a ella, que polla passagem do mar, aonde tam grande parte da gente anda: e lembro que ainda achei aqui 4 professos que nam estranham serem gouernados por Reitor que o nam hé: e que dos 12 Capuchos que agora uieram sam muitos de muitas cans, e authoridade e por isso se atreuem a nos fazer competencia em todas as couzas, pertendendo aduocar a sy todos os nossos ministerios, e já em Congo puzeram escola de meninos que encina hũ sacerdote, e tomaram a cana da doutrina; e aqui encinam latim a algũs estudantes, e tem hũ frade com titulo de Maestro de los estudios, com que perturbaõ assás os nossos, e suspeitase que intentam nomear outro Mestre de cazos, já que os nossos Padres até agora os nam tem exercitado, cuidando

(3) Equívoco: Carmelitas descalços.

no reino que se encinauam. E eu desejaua anteciparme em os ler, mas as occupaçoẽs do Collegio, em que há tanta e mais fabrica como no d'Euora, o nam permittẽ de nenhuã maneira, principalmente faltando Ministro e Procurador de propriedade, sobre que me dizem tem auido grandes ordens, sem que as achasse executadas; e como os outros Padres estam de caminho, nenhũ pode exercitar esta occupaçam, que para se principiar sempre conuem que seja com Mestre que a aja de fazer com toda a applicaçam, especialmente nestas circunstancias, que deixo ainda ao tempo, o quall nos encinará o que seja mais conueniente.

Hé uerdade que tiue eu pensamento de dizer a estes bons Padres que a terra nam era capaz de escolas dobradas, pois ainda em cidades grandes nam as auia; e alem d'este ser nosso instituto, e nam dos Capuchos, estauam á nossa conta há tantos annos (como em todas as partes) auendo para este fim hũ pateo tam accommodado com 4 fermosas salas, e outras resões que há, porem resoluime a dissimular (como os Padres fizeram) até procurar o remedio de outra parte, porque nam há quem se entenda com estes estrangeiros, os quais por huã parte se occupam na conuersam das almas, por outra tem mil abuzos, e perturbado todo este estado, aonde uieram com cartas d'elrey de Castella, das quais tiue eu hũ original, que me mandou o Gouernador, e se deuẽ escreuer muitas couzas soreb elles a S. Magestade, polo que ainda tem fautores que os defendam. E o mais que aqui hé publico chegará a esse reino por outras uias, que eu só quero dar resam do nosso Collegio, e do estado em que o achei, e fica ao presente.

Em os officios dos Padres nam ouue nenhuã mudança, por me parecer assim mais suaue, e pera que entendessem elles, que ainda eramos todos os mesmos, aonde o lugar (em que só deue ser a diuisam) nos nam diuide; hé uerdade que chamei tambem ás consultas aos que de nouo uieram nomeados, para que nem estes carecessem de seu direito, e todos fossemos cobrando noticias das couzas do Collegio; mas nem por isso deixei de mudar outras sem que os Padres se aggrauassem de os emendar,

GENTIO DE ANGOLA

SVFFICIENTEMENTE
instruido nos mysterios de noſſa
ſancta Fé.

OBRA POSTHVMA, COMPOSTA
pello Padre Franciſco Paccanio da Com-
panhia de IESV

REDVSIDA A METHODO MAIS BREVE
& accomodado á capacidade dos ſogeitos, que ſe in-
ſtruem pello Padre Antonio de Couto da
meſma Companhia.

Coram illo pròcident Æthiopes pſal. 71.

EM LISBOA. Por Domingos Lopes Roſa. Anno 1642

O Gentio de Angola

LUANDA — Igreja e Colégio dos Jesuítas

a saber: entreguei a portaria a hũ Irmam, de que tinha cuidado hũ negro; introduzi as corenta horas que se nam faziam, com excellente successo e continuaçam de toda a cidade, que muito festejou este jubileo, em que se gastaram 300V [300.000] afora armaçam, e muzica, porque estas duas foram de graça e se pagaram, e uam pagando só com prezentes, e tudo se fez com notauel apparato, e se ouuera Serafim ficariam a perder de uista as que se celebram no reino. A ladainha que se resaua antes da cea, que aqui hé ordinariamente ao sol posto, se transferio para depois do repouzo do jantar, que hé só o tempo em que estam todos em caza, e desoccupados; porque á tarde ou anda alguem por fora com algũ negocio, ou polla maior parte está no Collegio gente de fora que se deua acompanhar até á portaria, com perda da maior parte daquelle santo exercicio. //

Ordenei que nenhũ nosso jugasse com pessoas seculares costellas, ou contas de pexe molher, nem uaronicas, nem outro qualquer premio em o truque de mam, porque se hiam gabar do que ganhauam ettc. O que se obserua, e já os mesmos se uam retirando.

Notaua alguã gente, que os nossos já nam sahiam ás missoẽs pella terra dentro, como antigamente, e por isso qualquer couza que faziam os Capuchos ficaua mais abonada. Eu o insinuei a algũs Padres e outros se offereceram, com que se fizeram as missoẽs seguintes, de que hirá mais larga relaçam a esse reino. //

O P.e Manoel Ribeiro, que hé de grande virtude, e zelo da saluaçam das almas, com o Irmaõ Antonio Ferreira, pollo rio Dande asima passante de 20 legoas, de que o Irmaõ ueyo doente, mas já está bem. Os Padres Jeronymo d'Oliueira e Aleyxo Coelho pollo rio Coansa até Massangano, aonde estará há mais de hũ mes, e deuem chegar á guerra que alli se ajunta contra os negros da Quissama, mas nam me pareceo hirem a titulo de acompanhar o exercito, porque nem fomos pedidos, nem sabemos que fim, ou detença fará. Os Padres Vicente Ribeiro e Francisco Martinz polla ilha de Loanda, a qual posto que era mais facil, e durou breues dias, nam era de menos nota

faltarlhe com a doutrina, por estar perto de nós, com o que ficou toda a gente edificada, por hirem a pé, ou em canoa pollo rio; e agora há de tornar o P. Manoel Ribeiro pollo rio Bengo. Tambem fomos ao Hospital com algũs mais feruorosos varrer, e fazer as camas aos doentes, que entam passauam de 30 e os uam confessar muitas uezes, dizer-lhes missa, e fazerlhes praticas, e aos prezos o mesmo. E se isto assim durar, ninguem poderá dizer que leua geito de perder a Companhia depois da diuisam, em nossas maõs: a Deos seja toda a gloria.

E tratando do edificio, hé muy grandioso; nam tem enueja ao da Madeira e na traça, e alegria muita uentagem. A Igreja, que dizem ser a melhor que há da parte do sul, hé tirada polla d'Euora (4), algũ tanto menos comprida e mais larga, com o que ficam mais desassombradas as duas capellas colleterais, que assim mesmo estam dedicadas ao Crucifixo, e nossa Senhora. As grades são todas de excellente pao, e feitio; das da communham para o cruzeiro se desce hũ degrao, e das do cruzeiro para o corpo da igreja, outro, continuado com o das capellas, com que fica muito ayrosa aquella area, que toda com o mais hé de tijolo bem assentado, com suas diuizoẽs de pedra de cantaria. O corpo da Igreja contem tres capellas de cada ilharga, e em lugar da 4.ª antes do choro, duas grandes portas em correspondencia, com outras duas que tem no cruzeiro, em lugar do que nessa igreja sam altar das reliquias, e S. Jeronymo, alem das tres ordinarias, que estam fronteiras a hũ espaçoso terreiro, as quais todas 7 se abrem em tempo de pregaçam, com o que fica o templo muito fresco, claro, e desabafado (5). Porem pollo mesmo cazo que

---

(4) Igreja do Colégio do Espírito Santo, fundado pelo cardeal infante D. Henrique em 1551, ao lado da qual em 1559 foi estabelecida a Universidade eborense, suprimida pelo Marquês de Pombal em 1759. É actualmente o edifício do Liceu.

(5) Reconstruída, mais que restaurada em 1958, a actual Igreja de Jesus, ao serviço das forças armadas, é muito diferente da primitiva igreja

hé tam largo, e a terra em sy solta se temeo ser incapaz de aboueda, e tem de madeira o tecto, que nam só lhe serue d'algũ deslustre, mas tambem de muito gasto e repetido trabalho, porque aqui a madeira tem hũ bicho contrario que a roe, e em breues annos arruina, se nam está á maõ para se uigiar; e assim com nam auer mais de 16 [annos] que esta serue, já necessita de outra que lhe succeda: a que deu outrosim muita cauza o estar destelhada e exposta ás chuuas e calmas em o tempo de Olandes, posto que nam bullio nas paredes. //

Nos ornamentos, armaçoẽs e peças de prata, que nam appareceo (como lá soou) ouue grande perda com a entrada do inimigo, de que ainda há muito que reparar. Porem a maior falta hé de retabolos que lá mando encomendar a Lisboa, para os tres altares principais, com um Ecce homo para as disciplinas, e hũ Serafim para as Corenta horas. O sanctuario, que era rico no custo das peças, e calidade de reliquias, tambem desappareceo, e se restituio pouco delle, e nenhuã reliquia, e se ouuesse algũ Collegio do reino, ou algũ deuoto que nos socorresse com alguã reliquia das Onze mil Virgens que fosse considerauel, este Collegio lhe agradeceria muito, porque eu no mar fiz promessa a estas Santas de lhe fazer huã festa que já está cumprida, e de lhe procurar huã reliquia, se a nam ouuesse, e como em effeito nam há, e agora a procuro por alguãs uias, e se alguem se quizer leuar desta deuaçam o pode fazer assaber ao P.e Procurador geral, ou ao Irmaõ Manoel Figueira.

O Collegio hé excellente no sitio, cobicolos, e tudo o mais; consta de ous pateos (tirando o do estudo, que está á parte) hum de huã quadra perfeita, quasi tam grande como o da Vniuersidade d'Euora, com gallaria todo em roda, com 20 janellas

---

do Colégio dos Jesuitas, mas é, depois da igreja da Sagrada Família, a melhor igreja de Luanda. Cfr. *A Igreja dos Jesuitas de Luanda*, por D. Manuel Nunes Gabriel, in *O Apostolado*, Luanda, 25-10-1958.

resgadas e grandes, com suas barras de ferro, e cobicolos da outra parte; no meyo tem huã palmeira, 12 laranjeiras, 4 romeiras, e outras aruores da terra, e agora lhe mandei plantar aos cantos parreiras, que prenderam, e se gasta com regar tudo huã pippa d'agoa. O outro, que hé maior que o da Botica consta de officinas em roda e da parte de dentro varanda, que remata com a Igreja, tem no meyo hum tamarinho, aruore de vistoso aspecto, e saudoso fruito, que na folha se assemelha a freixo e na grandeza iguala aos maiores que fazem sombra ao jogo do recolhimento, e hé tambem o maior que há na cidade. //

Achei ametade de hũ corredor que tinha seruido de igreja uelha, com as paredes engalgadas para cubicolos, a que se deu fim com grande calor estes mezes, e ficou obra em tudo perfeita, e eram 7 cobicolos, e 2 retretes; com o que fica o Collegio tendo actuais 30 cubicolos, tam grandes, e algũs maiores que os da gallaria, afora muitas e liberais officinas. Agora tenho arcado a *primis fundamentis*, com huã sacristia, que hei de procurar fique como as boas, de aboueda, caxoẽs ettc., para que se uam ajuntando os materiais.

A fabrica desta caza hé maior que a de Euora. Tem passante de mil ouelhas, e de 400 vaccas, e de cem porcos, e 50 cabras, todo gado maior que o de Portugal, tirando as cabras que sam mais pequenas; a carne de vacca e de porco hé mais gostosa que a do reino, e nam tem differença alguã; as ouellas nam tem lã, senam cabello como de cam, e nam hé a carne tam boa. Temos o arimo chamado do Bengo por estar junto a este rio, que sempre se nauega; e hé huã legoa de terra para todas as partes, e a legoa contem aqui 3V [3.000] braças (6). Rezidem nelle ordinariamente dous nossos, e o habitam 60 cazais de nossos escrauos, que tem 200 pessoas. O torram hé mais fertil que quanto ui em Portugal, e dizem que mais que o Brazil, e boa proua será,

---

(6) Tendo a braça 2^m, 2 tinha a légua 6.600 metros.

que a mandioca que no Brazil se semea sempre em terra noua, e folgada de annos, aqui se semea na mesma duas uezes no anno. Tem grandes aruoredes da terra, e produz todos os do reino, porque até castanheiros me affirmam que ouue antigamente e há ao prezente romeiras, limões, e laranjas que competem com as da China, e nos seruiram de refresco até agora; e lhe mandei plantar parreiras, que já teue em abundancia; porem o mais que d'alli nos aproueita, hé a hortaliça, principalmente couues, que sam perfeitissimas, e duram todo o anno, e legumes de eruilhas, graõs, feijoẽs de ambas as castas, e fauas, que tem alguã differença das do reino. Contudo dizem me que nam hé já hoje a terça parte do que foi; porque o Irmaõ Gonçalo Joaõ, que o ajudou a fabricar d'antes, o nam pode reparar depois da tomada da terra, porque está entreuado, e enfastiado do trabalho, e nam podendo sahir de caza para applicar os negros, occupa muitos que lhe assistem e da cama o poem na rede que para este fim tem armada. E porque os negros folgam de que quem os manda os nam uigiem, para que nam tenham trabalho, e sejam senhores de tudo, emquanto lá tem o Irmaõ, nam querem diffirir a outrem; e esta foi a primeira aduertencia que todos me fizeram, e me obrigou hir ao Bengo, donde mandei uir o Padre e Irmaõ para descançarem hũ pouco em o Collegio; e entretanto tem a superintendencia sobre os negros Gaspar Aluares, que nelle nos serue há dous annos, feitor que foi em a herdade de Castello Ventoso, e ueyo degradado por huã resistencia, até assentar o que mais conuenha.

Pello rio Bengo assima tem o Collegio outros 2 arimos que cultiua com muitos escrauos: o primeiro se chama Quilunda, o 2.º Golungo; aquelle nos deu este anno muito bons meloĩs, que pode auer sempre auendo industria, e hé fertil de farinha da terra, e outra que dizem massa grossa, e hé o proprio milho zaburro, e massa miuda, que hé muito semelhante, porem maior que o milho ordinario; e este 2.º hé abundante de azeite, e uinho de palma. Cultiua mais outros tres arimos á beira de outro rio

chamado Coanza, .s. Calle, Quiangonga, e Quizequelle, em que há os mesmos mantimentos e muita gente nossa, afora a que está em caza, que sam mais de 200 escrauos, e tem huã pouoaçam junto á cerca, a que chamam Sanzalla, mas os solteiros dormem na cerca fechados em cazas, applicados todos, e repartidos por seus officios, para que tenham em que se occupar, e euitem a ociozidade, que hé a mais perigosa mina (7) de semelhante gente; há entre elles tres ternos de charamellas que acompanham as doutrinas, e assistem a alguãs missas todos os domingos e santos, em que também há quem toque baxam, fagote (8), e frautas, e disto tem liçam no Collegio todos os dias. Assim soube a piedade de nossos passados formar suaues amphions (9) de toscos etyopes. Outros seruem de pedreiros, carpinteiros, a cujo trabalho se deue a maior parte do edificio; assim mesmo há alfaiates, sapateiros, oleiros, tenueiros, e todo o genero de artifices, que se uem em huã republica (10). //

Porem ainda que nós interessamos nelles este seruiço, elles interessam em nós além do mantimento que tem certo em suas necessidades, o encino das artes, e a doutrina do que importa a suas almas, que hé a todos o que mais importa. E destes nossos negros sam algũs tam graues que amdam uestidos como os escudeiros, e tem seus escrauos que os siruem, ou ajudam em seus officios; e temos negro polla terra dentro que tem cem escrauos; mas como sejam crioulos, nem se podem embarcar, tirando algũ criminoso. E nam hé pequeno o encargo de os sustentar, porque ainda que gastam pouco em comparaçam

---

(7) Riqueza, preciosidade.

(8) O *baixão* era instrumento de som grave, semelhante ao fagote. O *fagote* era uma espécie de clarinete.

(9) Orphions.

(10) A ideia de escravatura clássica (greco-romana) tem de ser muito diluída para se aplicar com verdade a *escravos* que exercem artes e ofícios e cultivama música.

dos brancos, contudo quanto dam as fazendas de mantimentos, e azeite da terra, se gasta com elles, sem se uender hũ alqueire, antes ainda se compra, ou dos fretes dos pataxos se lhes applica; e dos arimos nam fica para os Padres mais que o refresco da fruita, e hortalica, e alguã pouca de farinha, que alem de hũ pam pequeno de trigo do reino, se poem na meza ordinariamente, de que só se aproueitam para o caldo, com o que muitos gostam.

Tem mais o Collegio dous pataxos, e agora se principia outro, que seruem para trazer madeira e farinha dos arimos, e o mais que hé necessario, e hũ d'elles chamado Santo Inacio hé tam capaz, que carrega 2V [2.000] saccos, posto que mais pequenos que os do reino, e o gouerna hũ piloto branco, e 20 negros. Há mais 8 ou 9 canoas para buscar cal, lenha, e agoa do Bengo pera beber, que a de seruiço carregam os carros, e as mais seruem pera pescar, porque há muitos pescadores, e redes, e só huã nos custou agora 70V [70.000] e tambem mando fazer huã lancha pera hirẽ á quinta (11), porque ainda que o mar polla maior parte hé leite, ás uezes se leuanta alguã mareta em que tem auido sobresaltos, porque as canoas nam sam muy seguras.

Está pois a quinta á vista do Collegio, em a ilha que chamam Loanda, que distará do mesmo hũ coarto de legoa, que hé a largura de hũ braço de mar, que parte com a nossa cerca. A esta quinta dam o nome dos Coqueiros os muitos e unicos que a pouoam, entresachados (12) com palmeiras, em que tambem o Olandes fez destrago, posto que lhe seruia de quinta, mas já se uay reparando. A caza hé peregrina (13), com seu jogo de truque de mam, cercada á roda de hũa alegre varanda, que alem de uer o Collegio, e muito da cidade, deuassa o mar de ambas as partes,

---

(11) Quinta é a palavra portuguesa que corresponde a arimo.
(12) Entremeados, misturados.
(13) Excelente.

pois só dista d'alli o largo, pouco mais de hũ tiro de mosquete, e se a terra nam constara de muita area, seria a melhor couza de recreaçam que podia auer neste genero; mas alem de outras aruores da terra, e os coqueiros, de que é caroauel (14), tem suas romeiras, que estam ao presente carregadas, e dá melancias; e eu lhe mandei plantar parreiras, e hei de fazer aruoredo, e refresco das fruitas do reino, ainda que me custe trazer terra de outra parte, como pertendo. E com isto nem o tempo nem o papel sofre mais. E nos santos sacrificios de V. R. ettc. //

S. Paulo d'Assumpçam de Loanda, 15 de Feuereiro de 655.

De V. R. seruo ettc.

Manoel de Mattos

NOTA — O Padre Diogo de Alfaia, a quem é endereçada a carta, era ao tempo lente de Teologia na Universidade de Évora. Agradecemos a revisão ao R. P. Joseph Wicki, S. J.

ARSI — *Lus.*, cód. 85, fls. 416-419.

(14) Criadora, propícia.

148

CARTA DO PADRE JACINTO DE VETRALLA À PROPAGANDA FIDE

(19-2-1655)

SUMÁRIO — *Fundação das missões de Macoco e da Rainha Jinga — Acusações do Rei do Congo enviadas à Câmara de Luanda contra os Capuchinhos — O problema das Prefeituras.*

Em.mi e Reu.mi Sig.ri

Il nouo sussidio di 12 Religiosi inuiati à questa Costa per rinfresco delle Missioni di Congo, e fondatione dell'altre due di Mucoco e della Regina Cinga è riuscito tale che tutti i Missionarij uecchi si sarebbero contentati, che nõ fosse più tosto sopragiũto un tal ayuto, che uederlo uenuto per altra uia che per quella di Portugallo, poscia che nõ si tosto s'hebbe notitia per uia di lettere da Lisbona, che erano stati spediti noui Religiosi, et haueuano pigliato differẽte camino di quello si pretendeua dall'interessati, che subito cominciorno à risuegliarsi tumulti e bisbigli; in tanto che peruenuto il grido per segreti susurri de alcuni poco ben affetti al Rè di Congo risuegliandoseli in un subito l'antiche già sopite gelosie, che i Religiosi uenuti per altro camino che per quello di Portugallo nõ erano realmente inuiati da cotesta Sacra Congregatione, ma immediatamente dal Rè di Spagna, con disegni d'occupare e impossessarsi del suo Regno, si deliberò di formar un manifesto da leggersi publicamente in questa Città di Loanda dalla Camera, o conseglio, talmente alterate per screditare i Religiosi uenuti per tal uia, che questo solo sarebbe stato bastãte, senza tanti altri bisbigli e tumulti di questi habitatori, buona parte de quali dauano credito alle false gelosie, e si cõfermauano nelli cõcetti altre uolte

formati, se nõ fosse stata la deuotione di questo Signor Gouernatore, che si compiacque pigliar la protettione della Missione, a nõ far metter i piedi in terra alla noua Missione, e a dissipar ancora la piãtata .//

Per sedar li tãti tumulti e per proueder alli noui Missionarij cõ la fondatione della noua per la Regina Singa, mi cõuenni passar da Congo à Loanda, oue à pena giunto, cascai subito infermo, nõ tãto per la mutatione del clima, e patimẽti del fatigoso uiaggio, ma molto più per l'afflittioni interne e doppo esserne rihauuto al quãto son tornato a ricadere nõ sẽza grã pericolo della propria salute.

La Missione di Mucoco per commune parere di dieci Religiosi à tal effetto cõgregati da me fù risoluto per le circõstãze che s'opponeuano cõtra fra li prudẽti accidenti di nõ fondarla per hora, ma differirla ad altro tẽpo più opportuno. La Missione della Regina Singa fù fondata al meglior modo che si poté, et fù eletto in Prefetto il P. Serafino da Cortona. Ma perche, come preuedo, e fortemente uado dubitando, la fondatione di questa noua Missione sin dal bel principio hà mostrati poco buon augurij, ãzi hà dati euidẽti segni della caduta, e destruttion dell'altra, se nõ ui si pone fra tãto alcun oportuno remedio. Per tanto nõ obstante che per moderar le cose di presẽte io mi sia mostrato per un certo modo ceco, e sordo, e mi sia sforzato far ogni possibile per cõdescẽdere alli gusti, pretensioni e sodisfattioni cosi del nouo Prefetto come di questi Signori, che se ne mostrano nõ poco interessati, perche nõ uenghino à restar sotto il nome e titolo della Missione di Congo. //

Nondimeno premeditando che ciòche s'è procurato di sopir di presẽte, nõ si potrà cosi facilmente ricoprire nel futuro. Per obuiare ad alcun pericolo futuro, mi parrebbe se nõ necessario, almeno molto opportuno, che alle due Missioni di Congo e di Singa si douesse aggiũgere un nouo Prefetto Generale, che risidesse in Loanda, à cui fossero e douessero esser subordinate l'altri doi, et anco il 3.º di Mucoco quãdo s'eleggesse, e cosi si

uerrebbe nõ solo a obuiare all'incõueniẽti, ma questi Signori ne restarebbono molto cõsolati et honorati. O pure che l'una e l'altra Missione fosse gouernata da un sol Prefetto che pur facesse la sua residẽza in Loanda, e potrebbe meglio sup[... ...]lo, che cosi distinto à tal officio. E quando ciò fosse accettato per meglior dall'Eminenze Vostre, nõ desiderando io altra cosa che il bene e la prosperità della mia Missione, cõ ogni sommissione e rassegnatione, uolentierissimo cedo ogni mio ius e possesso all'altro Prefetto della Singa, ãzi supplico l'Eminenze Vostre in riguardo delle mie infermità e debolezza à uoler restar seruite di sgrauarmi da tal peso.

Non si tosto fù acclamata l'elettione, e publicata, che si incominciorno à pigliar informationi de confini del Regno della Regina Singa, nõ cõformi per che sia intentione di cotesta Sacra Congregatione, che predica nelle mie patẽti e dispaccio terre sogette alla Regina Singa e conuersion del gentilesimo, ma di quelle che una uolta o per giurisditione, o per guerra possedero e occupono l'antenati e antichi Regi abundi, che hora sono in poter de Signori Portughesi, habitate ne luoghi principali da gẽte biãca. E perche si ueda quanto sia differẽte il giudicio da un occasione all'altra, perche insino uogliono distendersi à includere ancora questa Città e Missione di Loanda, hò giudicato bene includer quiui annessa una piccola lettera del medesimo P. Serafino, Prefetto, in cui pochi mesi auãti d'esser eletto testifica et asserisce accertata e indubitatamente che Loanda è del Regno di Cõgo e fu data à Signori Portughesi dalli Rè di Congo. Et il Rè di Congo sẽpre hà tenuto il suo Gouernatore nell'Jsola (1) che li stà incontro, e fà porto, e solo 5 anni sono ne fù discacciato da Saluator Correa.

Io ero per fare à parte una lettera, ma per trouarmi tãto debilitato che à pena son possuto arriuar à questo termine,

---

(1) A Ilha e a Cidade de Luanda são entidades distintas. Julgamos que Luanda em tempo nenhum pertenceu ao Congo.

douendo per istãza di questo Signor Gouernatore remettere il P. Sorrento in Europa cõ un altro cõpagno delli uenuti di nouo (2); hò giudicato meglio commetter alcune [lettere] da communicarsi all'Eminenze Vostre à detto P. Bonauentura da Sorrento, quale molto meglio à bocca gli le potrà communicare, che io per carta dichiarare.

E qui prostrato alli piedi dell'Eminenze Vostre cõ profondissima humiltà li bacio le sacre uesti, e augurãdoli ogni uera felicità gli ne prego la cõfermatione in cielo. //

Di Loanda, li 19 di febraio 1655.

Dell'Em.ee VV. Reu.me

Deuotissimo Seruo et Obed.mo In Christo

F. Giacinto da Vetralla //
Prefetto delle Missioni del Regno di Congo, et adiacẽti

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 370-370v. e 374-374v.

NOTA — O Padre Vetralla escreve uma carta ao Secretário da Propaganda Fide, de Luanda, em 10 de Fevereiro de 1655, que pode ler-se em: APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 369-369v. e 375-375v. Trata dos problemas versados no presente documento, se bem que com pormenores próprios. Esta carta começa: «Con la mano tremante per star tuttauia conualescente d'una lunga infermità precedente di 34 giorni di febre, oltre altre adiacẽti, scriuo la presente».

(2) O Padre Bernardino de Sena.

149

DECRETO SOBRE A ESCRAVATURA NO BRASIL

(3-4-1655)

SUMÁRIO — *Que os escravos que se navegam de Angola para o Brasil não paguem ali novos direitos à fazenda pública.*

Ev El Rey faço saber aos que esta minha prouizaõ virem, que por ser informado que os gouernadores do Brazil fazem pagar no mesmo estado segunda uês os direitos dos escrauos que de Angola se nauegaõ a elle, hauendosse já pago no mesmo Rejno, como sempre foj costume e isto com pretexto de serem neçesarios para o sustento da jnfantaria que no mesmo estado me está servindo. E considerando os grandes inconvenientes que de assy se fazer podẽ rezultar a meu seruiço, por naõ hauer no Rejno de Angola outra couza de que se sustentam seus prezidios, sendo taõ neçessario hauelos de prezente, mais que os ditos direitos digo que os direitos dos ditos escrauos que se nauegaõ para o Brazil, os quais se lhes faltarem naõ será posiuel sustentarense, e que no mesmo estado sem esta noua introduçaõ se sustentou a guerra até o prezente //.

Hej por bem e mando ao gouernador do estado do Brazil, prouedor mor da fazenda e mais ministros e capitaẽs das outras capitanias delle a que tocar, que por nenhum cazo façaõ tomar, nem tomem, os direitos dos ditos escrauos, antes os deixem liures ás pessoas por cuja uia e risco o forem, o que cumpriraõ e faraõ comprir taõ inteiramente como nesta se contem, sem duuida nem contradiçaõ alguã; a qual valerá como carta, posto que seu effeito aja de durar mais de hum anno, sem embargo da ordenaçaõ do liuº 2.º, tittulo 40 em contrario

e de naõ passar pella chancellaria; e esta se passou por mais tres uias.

Antonio Serraõ a fes em Lisboa a tres de Abril de seis çentos e sincoenta e sinco. O secretario, Marcos Roiz Tinoco a fis escreuer //.

Rey //

ATT — *Chancelaria de D. João IV*, liv. 26, fl. 293v.

150

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(19-4-1655)

SUMÁRIO — *Do estado das coisas da Mina — Nações que ali comerceiam em detrimento da Coroa de Portugal.*

Christouão de Barros Rego, gouernador da Ilha de Saõ Thomé, escreue a V. Magestade em carta de 29 de Outubro do anno passado, que pella nao da Sueçia, que foi áquella Ilha, e pello Comissario della, alcansou o fim que teue a alteração entre os negros da Mina e os Olandeses, com as mais çircunstançias, que constão do auiso que fes a V. Magestade em 20 de Setembro de 653; e que chegarão os Olandeses a tanto aperto, que se renderão na força do outeiro, chamada Santiago, aonde forão degolados pellos negros; e que passara o negocio adiante, se a grande oferta que lhe fizerão, não pusera freo á sua furia, com que se recolherão então a hũ sitio, em que dizem se fortificarão com hũ[a] estacada, e que o Rey de Cumane e Fatri não quiserão lansar mão da dita offerta, antes encontrão (1) outras, que os Olandeses offereçião a outros Reis de mais longe; e que todos lhe çertefícão a memoria e lembrança que aquelle gentio tem dos Portugueses. //

E que no Castello de São Jorge, não hauerá hoje çem soldados, e no de Boure trinta, que os Ingreses soliçitão serem senhores daquelle comerçio, para o que passou o General Jorge Melitão a Inglaterra com este intento; e os Sueçios, que tem pouca gente e pouca força, mas que comtudo saõ que mais ouro tirão, porque de çinco feitorias que tem naquella Costa, lhe

---

(1) Contrariam.

affirmauão que tirauão cada anno mais de tres mil liuras de ouro; e que era grande lastima gozar outra nação de tanta riqueza, e não se aproueitar este Reino della.

Ao Conselho pareçeo dar conta a V. Magestade (como outras vezes o tem feito) do que o gouernador de São Thomé auisa, do estado em que se achão as couzas da Mina, e naçoẽs que nella comerção, para V. Magestade, pella importançia da materia, a mandar ver, e rezoluer em Conselho de Estado, como entender será mais seruiço seu.

Em Lisboa, a 19 de Abril de 655. //

Vasconcellos / Pinto / Pereira

[*À margem*]: Fico muito lembrado desta materia. Em Lisboa, a 7 de Julho de 655. //

Rey.

AHU — Cód. 15, fl. 163.

151

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(19-4-1655)

SUMÁRIO — *Morte dos Cónegos e Sacerdotes do Bispado e faltas que se experimentam na sua cristandade, pedindo que sejam providas as conesias vagas e se enviem sacerdotes a S. Tomé.*

Christouão de Barros Rego, gouernador da Ilha de São Thomé, em carta de 30 de Outubro do anno passado, escreue a V. Magestade, que dos poucos Conegos que hauia na See da mesma Ilha, e dos que de nouo forão prouidos deste Reino, são falleçidos çinco e outros Saçerdotes, com o que fica aquelle Bispado experimentando as mesmas faltas que atégora teue, em grande dano de sua christandade, ao que V. Magestade deuia ser seruido mandar acodir, como o pede negocio de tanta importançia.

Ao Conselho pareçe, que pello Tribunal da Meza da Consçiencçia e Ordẽs, a que tocca, deue V. Magestade mandar, que logo se prouejão as Conesias vagas em Saõ Thomé e tambem se imuiem algũs Sacerdotes á mesma jlha, pois sem estes menistros da Jgreia se pode mal acodir áquella christandade, sendo tanto da obrigaçaõ de V. Magestade o cuidado de a cultiuar. //

Em Lisboa, a 19 de Abril de 655. //

Vasconcellos / Pinto / Pereira

[*À margem*]: Assi o mando ordenar logo á Meza da Consçiencia e Ordens. Alcantara, 29 de Abril de 655. //

Rey.

AHU — Cód. 15, fl. 163v.

152

ALVARÁ A FREI MATEUS DE S. FRANCISCO

(16-5-1655)

SUMÁRIO — *Em recompensa de seus serviços no Brasil na luta contra a invasão holandesa, el-Rei concede a Frei Mateus de S. Francisco, apresentado bispo de S. Tomé, a mercê de 6$000 mensais, enquanto não embarcasse.*

Ev El Rei faço saber aos que este aluará uirem, que hauendo respeito aos bons [e] continuados seruiços que o P.e frei Matheus de Saõ Francisco tem feito nas armadas e Pernambuco, aonde se achou nas ultimas batalhas campais que se deraõ aos olandezes, e ser perzioneiro, hei por bem de lhe fazer mercê de seis mil reaes cada mez, pagos na Alfandega desta cidade, athé ir pera o seu bispado de Saõ Thomé, onde o tenho nomeado per Bispo, uisto ter sessado o soldo que tinha com o cargo de administrador geral da gente de guerra do estado do Brazil, os quais seis mil reaes comessará a uençer de onze de majo deste prezente anno de seisçentos sincoenta e sinco em diante, em que lhe fiz a dita mercê. //

Pelo que mando aos veedores de minha fazenda lhe façaõ assentar nos liuros della da dita Alfandega, os ditos seis mil reaes e leuar cada anno do dito tempo assima declarado em diante, nas folhas de apontamento della, pera lhe serem pagos pela maneira assima referida; e esta se comprirá inteiramente e ualerá como Carta, posto que seu effeito haia de durar mais de hũ anno, sem embargo das ordenaçoẽs em contrario.

Antonio Pereira o fez em Lisboa, a dezasseis de mayo de seiscentos sincoenta e sinco annos. Fernaõ Gomez da Gama o fez escreuer. //

Rey.

ATT — *Chancelaria de D. João IV*, liv. 23, fl. 98v.

NOTA — A Chancelaria régia traz a seguinte apostila ao documento anterior, com a data de 3 de Julho do mesmo ano:

Hauendo respeito ao que de nouo se me reprezentou per parte do P.e fr. Matheus de saõ Francisco, Bispo eleito de S. Tomé, contheudo no aluará assima, hey por bem de lhe fazer mercê de dose mil reaes cada mez, pagos na Alfandega desta çidade, athé ir pera o seu bispado, que os hauerá na forma e tenpo assima declarado, uisto naõ lhe ser bastante para seu sustento e estado os seis mil reaes que lhe mandaua dar cada mez na Alfandega desta çidade pelo aluará [a]trás escritto, e somente hauerá os doze mil reaes cada mez pela maneira e forma que se declara no dito aluará, do qual esta postilla se comprirá inteiramente.

Antonio Pereira a fez, a trez de Julho de seiscentos sincoenta e sinco annos e os ditos doze mil reaes lhe seraõ pagos na dita Alfandega. Fernaõ Gomes da Gama o fez escreuer. Rei. — *Ibidem*, fl. 98v.

153

CARTA DO PADRE JOÃO FRANCISCO DE ROMA À PROPAGANDA FIDE

(1-6-1655)

SUMÁRIO — *Propõe a fundação de uma missão de Capuchinhos no reino de Oere, dizendo estarem disponíveis treze missionários para embarcarem, via Lisboa.*

Em.^{mi} e Reu.^{mi} Sig.^{ri}

Il Rè di Oueiro, di Religione Christiano, che stà per la costa dell'Africa contiguo al Regno del Benin, otto gradi incirca di qua della Linea Equinottiale, scrisse l'anno passato alla felice memoria di Papa Innocentio X.º, supplicandolo con ogni istanza à mandargli Ministri Euangelici per beneficio suo spirituale, e di tutto il suo Regno, essendo che non ui haueua ne pure un Sacerdote. E se bene soleua andarui un Clerico dell'Isola di S. Tomaso ogn'anno à battezzar i figliuoli nuouamente nati, subito però si partiua, lasciando inculta quella tenera uigna del Signore, et erano passati più dé sette anni che ne anco questo aiuto spirituale haueua riceuuto (1).

I Religiosi Capuccini, che andarono al Regno del Benin nell'anno del 1651, non hauendoui possuto far frutto, trattarono d'andar al detto Regno, ma per esser castigliani, i portoghesi non ue li lasciarono andare. Li naturali dé questi due Regni sono di conditione molto docile. Quei di Oueiro già sono

(1) Vid. documento de 20-11-1652. Desconhecemos o documento de 1654, a que se refere aqui o Padre J. F. de Roma. Talvez haja equívoco da sua parte e que seja realmente o de 1652, que corresponde ao conteúdo por ele afirmado.

Christiani, ma non hanno chi gl'aiuti; quei del Benin sono gentili, ma procurando la loro salute con i debiti modi, con dolcezza e non con asprezza, sono facilissimi à ridurre alla nostra santa fede. E tanto più si piò facilitar la loro conuersione, quanto che tra il Rè di Oueiro e quello del Benin passa corrispondenza particolare; onde andando i Religiosi ad Oueiro potranno con molta facilità, per mezzo di quel Rè hauer ingresso nel Regno del Benin, et insiemi ridurlo alla santa Fede Cattolica.

Quando l'Eminenze Loro giudichino bene mandarui Missionarij Apostolici, si esibiscono tredeci Religiosi Capuccini, parte predicatori, parte sacerdoti, e parte laici, sogetti tutti qualificati ad abbracciar tal'impresa con prontezza d'animo, e feruor di spirito, humilmente prostrandosi à loro piedi. Fra di essi non ui è ueruno ne castigliano, ne suddito di Spagna,si come ricerca tal Missione; poiche non si può andare ne ad Oueiro ne al Benin senza passar per Portugallo, et hauer' il passaporto da quella Corona; essendo che conuiene andar' à Lisbona ad imbarcarsi per l'Isola di S. Tomaso, che è dé Portoghesi; e di là poi si trouano imbarcationi per quelle parti, oue stanno parimente Portoghesi.

Il clima dé quei Regni è assai buono. Il uiuere uiene ad esser come quello del Congo, Non ui è ne pane, ne uino; però hanno una sorte di radice che si chiama in quella lingua ngname, che serue in luogo di pane, et un liquor di palma che serue per uino. Vi sono delle galline, pecore, capre, et altri animali domestici e seluatici. Il loro habitare è alcuna cosa più ciuile che quello del Congo. In due mesi da Lisbona ue si uà commodamente. Sono i popoli tutti di color negro, però non deformi di faccette(?); e tutti finalmente raccommandati alla molta pietà e santo zelo dell'Eminenze Loro. Quas Deus.

[Fra. Giouuani Francesco de Roma]

NOTA—O documento não está assinado, mas a letra é de Frei João Francisco Romano. Do documento pudemos colher a data de 1 de Junho de 1655.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 392-392v.

154

FUNDAÇÃO DAS MISSÕES DE OERE E BENIM

(15-6-1655)

SUMÁRIO — *Decreto da Propaganda Fide criando a missão dos reinos de Oere e do Benim, nomeando o Prefeito e os Missionários.*

Sacra Congregatio decreuit esse fundandam nouam Missionem Fratrum Capuccinorum in Regnis Ouerij et Benin in Africa, prope Insulam Sancti Thomae. Vnde Praefectum eiusdem Missionis declarauit Fratrem Joannem Franciscum a Roma, de eadem Sacra Congregatione virum optime meritum, qui officium Missionarij Apostolici in Regno Conghi bene functus, ad illud pluries peragrauit eidemque Praefecto duodecim socios designauit cum solito viatico.

F. Angelum a Roncigliono, sacerdote (Prouinciae Romaniae).

F. Antonium de Aspra, sacerdote (Prouinciae Romaniae).

F. Antonium a Lugagnano, sacerdote (Prouinciae Romaniae).

F. Gabrielem Velitrinensem, laycum (Prouinciae Romaniae).

F. Antonium Mariam a Monte Prandono, sacerdote (Prouinciae Romaniae).

F. Franciscum a Castignano, sacerdote (Prouinciae Etruriae).

F. Bonauenturam a Florentia, sacerdote (Prouinciae Etruriae).

F. Raphaelem a Florentia, sacerdote (Prouinciae Etruriae).

F. Dominicum Lucensem, sacerdote (Prouinciae Etruriae).

F. Angelum Mariam de Aiacio, sacerdote (Prouinciae Corsicae).

F. Alfonsum a Tolosa, laycum (Prouinciae Aquitaniae).

F. Joannem Baptistam de Bultro, sacerdote (Prouinciae Januensis).

APF — *Acta*, vol. 24, fl. 21v. — Sessão de 15 de Junho de 1655.

NOTA — Em 3 de Agosto nova referência às mesmas missões de Oere e Benim, nestes termos;

Proponente eodem libellum supplicem Fratris Joannis Francisci a Roma, Praefecti Missionum Ouerij et Benin, petentis ultra scuta septingenta ei et Socijs duodecim assignata, alia scuta centum pro instrumentis et paramentis sacerdotalibus, Sacra Congregatio annuit.

APF — *Acta*, vol. 24, fl. 44v., n.º 23. Congregação de 3 de Agosto 1655.

Em 12 de Junho de 1656, a Propaganda manda que Frei João F. Romano não siga para as missões de Oere e Benim:

Referente Eminentissimo Domino Cardinali Vrsino litteras Fratris Joannis Francisci a Roma, Capuccini, scribentis ministros Regni Portugalliae noluisse expeditionis necessarias et subsidia solita ipsi et socijs impendere pro Missionibus Regnorum Ouerij et Benin, ideo petentis quid sit agendum. Sacra Congregatio certiorata ab Eminentissimo Ponente per litteras regias, quod aliqui ex Missionarijs non suspecti fuerunt, benigne et gratiose expediti, reiectis solum ijs qui Coronae fuerunt aduersi, decreuit esse reuocandum eundem Fratrem Joannem Franciscum Romanum, aliumque praeficiendum pro Missionarijs, qui remanserunt.

APF — *Acta*, vol. 25, fl. 55, n.º 17. — Congregação de 12 de Junho de 1656.

155

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(21-6-1655)

SUMÁRIO — *Sobre o parecer acerca dos que vão às feiras sertanejas contra as ordens régias — Venda de pólvora e armas no sertão.*

†

Senhor

Luiz Martinz de Souza Chichorro, gouernador do Reyno de Angola, escreue a V. Magestade em carta de 17 de feuereiro passado, que sobre os homẽs, que uaõ ás feiras que V. Magestade manda prohibir, mandou lançar bando (1) rigurozo e que sendo acabado o termo que lhe deu para se recolherem, naõ chegados, os que disseraõ andauaõ pella terra dentro, os quaes ficaua esperando para os castigar, se a descarga (2) naõ desfizer a culpa.

Que sobre outras que aly se praticaõ de se mãdar uender poluora e armas pella terra dentro, tem elle gouernador mandado fazer grandes deligencias, de que esperaua reposta para fazer exemplo nos que achar culpados, mas que naõ se espantara que os haja neste particular, pois hauendo culpados por deuaça que tem em seu poder, se naõ proçedeo contra elles, respeitandose mais seus cabedaes, que os preceitos das leis diuinas, e humanas, e que prou[u]era a Deos que os taẽs culpados o naõ fossem em culpas mayores, contra o seruiço de V. Magestade, e que comtudo foraõ perdoados, e as deuaças sumidas, entregandoselhes de nouo a sustancia dos rendimentos da fazenda de V. Mages-

(1) Edital, aviso público.
(2) Defesa, justificação.

tade, mas que lhe espera hora para lhe pedir conta de tudo em que tem delinquido contra o seruiço de V. Magestade.

Ao Conselho pareçeo dar logo conta a V. Magestade do que o gouernador de Angola escreue para lhe ser prezente quanto procura a guarda e obseruançia de suas ordens, e que como elle auizar cõ mais certeza (o que promete fazer) dirá este Conselho a V. Magestade o que se lhe offereçer.

Em Lisboa, a 21 de Junho de 655.

+

aa) P. Josseph Pinto Perejra — F.ºº De Uascõcellos da Cunha — Diogo Lobo Pereira

[*À margem*]: Está bem. A 13. de Julho de 1655.

[*Rubrica de el-Rei*]

AHU — *Angola*, cx. 4. — Original.

156

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(21-6-1655)

SUMÁRIO — *Sobre o que escreveu o governador de Angola e oficiais da Câmara de Luanda acerca da causa por que naquele reino se não pode cultivar açúcar nem beneficiar algodão.*

†

Senhor

Luis Martins de Souza Chichorro, Gouernador do Reino de Angolla, escreve a V. Magestade em carta de 17 de Feuereiro passado, que aos oficiais da Camara da Cidade de Saõ Paulo da Assumpçaõ propos o hauerem de laurar, e cultiuar canaueães de açucar, e beneficiar algodaõ no Rio do Bengo, a que deraõ por razaõ que naquelle Reino naõ hauia lenha, para os hauerem de fabricar, e conseruar engenhos, nem a qualidade das canas hera como a do Brazil. E que isto junto com sua pouca coriosidade (1), faz entender a elle Gouernador que nunca se poderá conseguir a fabrica de nenhũ destes dous generos de fazendas.

E os officiaẽs da Camara da dita Cidade, escreuẽ taõbẽ a V. Magestade em carta de 3 do mesmo Feuereiro passado, sobre a dita proposta do Gouernador, representando a V. Magestade, que as terras de Angolla, naõ daõ a cana do açucar com o xugo e sustancia que hé necessaria, porque toda se conuerte em agua, por cuja cauza hé mayor a despeza que o lucro, como se vio por experiencia que se fez antes da entrada dos Olandeses (2)

(1) Desejo de saber, de desvendar.
(2) Em 25/26 de Agosto de 1641.

naquelle Reino, ao que se acresenta, que nelle naõ há lenha em quantidade bastante para engenhos, nẽ seus moradores se achaõ com cabedal (3) para tamanhos empenhos (4), sem lucro algum que delles possaõ esperar. E que muito algodaõ se pudera beneficiar naquelle Reino, mas que a falta grande de embarcaçoẽs para se remetter a este Reino, hé o impedimento que se lhe opoem, porque nauegandose ao Brazil paga grandes fretes, e daquelle Estado para este Reino outros tantos, cõ que uem a custar mais de fretes, do que nelle se intereça (5).

Ao Conselho pareçe que pello que a Camara de Angolla respondeo ao Gouernador, e escreue a V. Magestade como fica referido, naõ há por hora que trattar de lauoura de canas de açucar nem de algodaõ, e que andando o tempo e hauẽdo mais embarcaçoẽs de naturaẽs, entenderaõ os mesmos moradores que lhe conuem vsarem dos fructos da terra que lhe daõ proueito, como deue dar o algodaõ, uindo os nauios em direitura a este Reino. //

Em Lisboa a 21 de Junho de 655.

+

aa) P. Josseph Pinto Perejra — F.ºº De Uascõcellos da Cunha — Diogo Lobo Pereira

[*À margem*]: Está bem. A 13, de Julho de 1655.

[*Rubrica de el-Rei*]

AHU — *Angola*, cx. 4 — Original.

---

(3) Fundos, capital.
(4) Hipotecas.
(5) Lucra, ganha.

157

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(21-6-1655)

SUMÁRIO — *Os oficiais da Câmara de Luanda pedem a mudança do Cabido de S. Salvador do Congo para Luanda.*

O Gouernador de Angolla Luis Martinz de Sousa Chichorro, escreue a V. Magestade em carta de 17. de Feuereiro passado, que [a] assistençia do Cabbido daquelle Reino, em Congo, hé de grande prejuiso ao seruiço de Deus, e de V. Magestade, tanto pela indecençia do lugar (que hé muy metido pelo certaõ, de clima muy doentio, e pestilençial contra nossa natureza) como por na Cidade de Sam Paulo da Asumpção hauer Jgreja da See, com a mayor parte das dignidades, e ser ella a cabeça do gouerno, e aonde assistem os prinçipaes presidios do mesmo Reino, pelo que lhe pareçeo representar a V. Magestade que deuia mandar procurar meyos para se poder mudar para ella o Cabbido, assy pelas razões referidas, como para mais authoridade do clero, de mais de com a çeparação prezente, se achar muy fraco em ambas as partes, e quasi perdido.

E os officiaes da Camara da dita Cidade, escreuem tambem a V. Magestade, em carta de 3. de Feuereiro passado, que já por algũas vezes os officiaes seus antesçessores pedirão a V. Magestade (como elles tambem o fazem) fosse seruido de lhes mandar passar a See, que está em Congo (e hé aly de pouco effeito) para a Cidade de São Paulo, em que será de grande beneficio, e consolação daqueles uassallos.

Ao Conselho pareçeo representar a V. Magestade, que o Gouernador e Camara de Angolla, deuem ter causas, e razões bastantes, para o que pretendem, que V. Magestade lhes con-

çeda; mas que como a See de Congo se deuia criar com breue Apostolico, que deue estar no Tribunal da Meza da Consçiençia, e Ordẽs, a elle deue V. Magestade (pois lhe tocca) remeter este negocio, e rezoluer nelle o que for mais conueniente a seu Real Seruiço. E a pretenção fica mais jnstificada com a assistençia do Bispo ser sempre em Angolla, e não em Congo. //

Em Lisboa a 21. de Junho de 655.

Pinto / Vasconcellos / Pereira

AHU — Cód. 15, fl. 182v.

158

CARTA DO PREFEITO DA PROPAGANDA FIDE AO REI DE OERE (OVERRE)

(26-6-1655)

SUMÁRIO — *Anuncia a missão a enviar ao reino de Oere sob a direcção de Frei João Francisco Romano, pedindo a régia protecção*

26 Giugno 1655

Serenissimo Signore

Hauendo questa Sacra Congregatione de Propaganda Fide hauuta notizia della bontà singolare della Maestà Vostra, confidata anche nella generosità, e grandezza della medesima, e nel pietatissimo zelo e premura che hà della salute de suoi Popoli, si è risoluta d'inuiare à cotesto Regno alcuni buoni Religiosi Capucini sotto la direttione di f. Giouanni Francesco da Roma loro capo, e Superiore, persona de rarissime qualità, e pratica nel gran ministero delle Missioni Apostoliche, affinche assecondando gl'ottimi sensi della Maestà Vostra per il bene spirituale de suoi sudditi, la serua con tutto lo spirito nelle cose spettanti al uero culto di Dio, et alla Cattolica Religione.

Prego la Maestà Vostra in nome della medesima Sacra Congregatione, della quale hora sostengo la Prefettura, à uoler con i soliti segni della sua generosa benignità gradire questa dimostratione, e compartire le sue gratie a detti Religiosi; quali con la loro bontà, con le opere, e con le orationi, procuraranno sempre di auanzarla appresso S.D.M. [Sua Diuina Maestà], e di accessere le prosperità, e grandezze della Maestà Vostra, come le desidero ancor io, et humilmente la riuerisco. Di Roma.

APF — *Lettere*, vol. 30, fls. 82-83.

NOTA — Era Cardeal Prefeito António Barberini Júnior (1632-1671).

159

CARTA DA PROPAGANDA FIDE AO REI DO BENIM

SUMÁRIO — *Comunica ao Rei o envio de uma missão de Capuchinhos, pedindo para ela a sua eficaz protecção.*

Serenissimo Signore

Questa Sacra Congregatione de Propaganda Fide, tutta intenta all'augmento della Cattolica Religione, non lascia diligenza alcuna per conseguire il suo fine, hauendo anche per proprio istituto di promouerla, maggiormente nei Regni e Prouincie ne' quali dalla pietà de medesimi Principi è stata una uolta accettata. //

Essendosi dunque hauuto notitia del pio desiderio della Maestà Vostra, di hauere in cotesto suo Regno alcuni buoni operarij per il seruitio spirituale di suoi sudditi, si è risoluta, per corrispondere al generoso pensiero e pietosissimo zelo della Maestà Vostra, d'inuiarle un numero di Religiosi Capuccini, sotto la direttione e prefettura di frà Giouanni Francesco da Roma, persona di rare qualità e di bontà singolare, prattica nel ministerio apostolico, e molto bene inclinata alla salute dell'anime, alla quale altre uolte si è utilmente applicata. //

Prego la Maestà Vostra in nome della medesima Sacra Congregatione, della quale hora sostengo la Prefettura, che uoglia per atto della sua generosità e grandezza, gradire questa dimostratione e compartire le sue gratie à i sopradetti Religiosi, affinche sperimentino con i fauori et aiuti della Maestà Vostra, gl'effetti della sua gran bontà, sperando che in risguardo de i generosi e pijssimi pensieri della Maestà Vostra uerso il bene spirituale e salute de suoi popoli, sia Sua Diuina Maestà per accrescere notabilmente le sue prosperità e grandezze, e qui humilmente la riuerisco. //

Di Roma, [26 Giugno 1655].

APF — *Lettere della S. Congregazione*, vol. 30, fls. 83-83v.

160

CARTA RÉGIA AO GOVERNADOR DE ANGOLA

(6-7-1655)

SUMÁRIO — *Continuação das obras da Sé de Luanda e do forte principiado para defesa e guarda da água da cidade.*

Luis Martinz de Souza Chichorro &.ª Reçebeose a vossa carta de 17 de Feuereiro passado, em que (entre outras couzas) me auisaes do estado em que se achaõ as obras da See dessa Cidade, que com vossa assistençia, vos pareçe hiraõ mais por diante do que atégora. E da necessidade que tambem há, de se acabar o forte principiado, para defensa, e guarda da agua, que está fora do pouoado, de que dizeis haueis de tratar com particular cuidado. //

E hauendo mandado ver a dita vossa carta, me pareçeo agradeçeruos (como por esta o faço) o zello de meu seruiço, com que vos dispondes a huã, e outra couza, e dizeruos, que fico esperando auiso vosso, do que se vay fazendo nas ditas obras, que espero se concluaõ em vosso tempo, para ter mais que vos agradeçer, e folgar de vos fazer a mercê que ouuer lugar. //

Escrita em Lisboa, a 6 de Julho de 655. //

Rey.

AHU — Cód. 275, fl. 257v.

NOTA — Chichorro fora nomeado em 13 de Agosto de 1653 e teve carta patente em 29 de Agosto. Chegou a Luanda em 5 de Outubro de 1654, tomando posse do governo no dia 7. Saiu de Luanda em Julho de 1658, morrendo em combate com um pirata holandês, nas costas do Brasil, com uma bala no peito. Sepultado na praia, na Baía, em menos de 24 horas os caranguejos lhe consumiram a carne.

161

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(13-7-1655)

SUMÁRIO — *Exame das cartas do Governador de Angola acerca do estado da Província, guerra da Quiçama e do Congo.*

Luis Martinz de Sousa Chichorro, gouernador de Angolla, em cartas de 17 de feuereiro passado (que são as primeiras que se reçeberão suas) escreue a V. Magestade que achou as cousas daquelle Reino muito atrazadas, e os negros muy adiantados em atreuimentos, com perda do respeito, que hé o de que depende[m] as forças das armas de V. Magestade; e que como o Capitão mor Bartolomeu de Vasconcellos, que seruia de gouernador, o estaua esperando, por auisos que teue, não quis alterar nada no das armas, que hé o vnico remedio de tão grande mal, e de que os negros se aproueitão para seus desaforos, chegando a impedir o trato, com dano dos pumbeiros, e finalmente o comerçio parado, em que consiste o remedio, ou ruina de Angolla, com o que lhe foi necessario e forçado tratar logo do que conuinha fazerse, em huã junta que fes com os cidadoẽs de mais experiençia, e os prelados, e theologos da terra, para o que podia toccar á consçiençia, tudo conforme ao Regimento de V. Magestade, na qual junta se assentou, que a guerra se podia fazer, e era justa, como constaua tudo do assento que se tomou, e enuiaua.

Que desta alteração dos negros, fora muito causa a contenda de dous Jagas poderosos, que estauão á obediençia de V. Magestade, chamados Calanda e Cabuco, com acuzaçoẽs de infedelidade, e que se não çertifica, se as ordẽs que sobre isto se derão, se a execução dellas, forão causa de V. Magestade perder estes dous vassallos, por o mais poderoso, que hé o Calanda, se hauer

metido com a Rainha Ginga, e o outro ser preso, e sentençeado toda a vida para o Brazil, o que deuia ser com bastante causa, pois o foi por sentença juridica.

Que antes que se rezolueo a fazer, e publicar a dita guerra como se assentou, tomou a informação dos inimigos daquellas conquistas, com as quaes achou bastantes causas para formar exerçito, porque depois de conheçerem os negros que as armas dos flamengos forão em algũ tempo superiores ás de V. Magestade, logo lhe ficou em sua opinião diminuta a reputação que dellas tinhão, e se atreuerão a impedir o comerçio, confederandose com os inimigos desta Coroa, e recolhendo os escrauos daquelles moradores, que hé o mayor crime seu e a mayor ruina delles. E os que mais se atreuerão a estas dissoluçoẽs são os negros da Quiçama, que de mais de não quererem aceitar a Fee Catholica, roubaõ aos Portugueses seus escrauos; e que na mesma Prouinçia estaõ de prezente recolhidos mais de dez/mil escrauos, por cuja causa se achauão pobrissimos os moradores dos Prezidios de Mazangano, Cambambe e Muchima. Que estes vendem os caminhos para o resgate dos Portugueses, assaltaõ os pumbeiros, e lhes tomão o que trazem, e publicão pellas naçoẽs visinhas que os não conquistarão as armas de V. Magestade, por serem as suas mais fortes.

Que o Rey de Congo hé conheçido, e declarado inimigo nosso, o que bem se experimentou á custa de muito sangue dos vassallos de V. Magestade nos annos da retenção da praça de Loanda, cujos delictos naquelle tempo por elle cometidos, lhe perd[o]ou o gouernador Saluador Correa de Saa, em nome de V. Magestade, assentando com elle conserto de pazes, as quaes nunca guardou, antes machinou sempre varias traiçoẽs, e alianças com os olandeses e castelhanos, em dano daquellas Conquistas; e que vltimamente tinha enuiado por via de Prenambuco dous

---

(1) No original: des.

Embaixadores á Olanda, a pedir armas contra os vassallos de V. Magestade, por cujas acçoẽs hé mereçedor de grande, e exemplar castigo.

Que a Rainha Ginga há muitos annos que hé apostata da Religião Christaã, viue contra todas as leis da natureza, guardando, não somente os ritos, e serimonias gentilicas, mas ainda os crueis institutos dos Jagas, comendo carne humana, e fazendo outras barbaridades impias; e que sobretudo fas rebelar os Souas vassallos de V. Magestade, e castigar os confidentes com grande rigor, impedindo tambem o comerçio daquelles moradores; e que se se não tratar de extinguir aquella peste, se hirá dilatando por todo aquelle Reino, seu perniçioso contagio, até que de todo fiquem dissipadas aquellas Conquistas, e sem christandade no gentio, que hé o que mais se pode sentir, e chorar.

Que este hé o estado daquelle Reino, e as cauzas justificadas da guerra, pellas quaes lhe pareçeo seruiço de Deus, e de V. Magestade, pôr suas armas em campo, e mandálas dirigidas á Prouinçia da Quiçama, por não deixar á porta o inimigo, por serem muitas as conueniençias de o guerrear, e conquistar. E que os moradores daquelle Reino vão a esta guerra muito voluntarios, por estarem á porta, para se sustentarem, e á jnfantaria. E se espera que á vista desta preparação de guerra, sem chegar ao effeito, se reduzão á obediençia os escrauos fugitiuos; e que ficarão abertos, e abundantes os resgates, de muito numero de marfim, e peças, senhorearseão as minas do sal da Demba, que podem dar effeitos para pagar a jnfantaria, e gastos das Conquistas, franquearse a communicação do Reino de Benguella; e ficarão as estradas liures para os portos de mar da Costa; e que vençida a gente desta Prouinçia (com o saco della, e restauração da grande copia de escrauos, que seus donos cobrarão) se poderá continuar a guerra a Congo, ou Ginga, e a outra qualquer parte, que conuier ao seruiço de V. Magestade; e que então poderão estar aquelles vassallos seguros, em suas cazas, destes inimigos, que tanto os inquietão, com mortes, e roubos continuos.

Que tem ordenado, e posto em campo hũ trosso de quatroçentos jnfantes e moradores (com pouca diminuição dos da praça) com os cauallos que há naquelle Reino, e que com boa ordem passe á Quiçama, e que andẽ pello Rio Coanza quatro lanchas, e alguãs canoas, com mosqueteiros, para inquietar o inimigo pellas fronteiras do Rio, e lhe impedir as lauouras. Que a guerra se hauia de começar no mes de feuereiro passado, para lhe não dar lugar a semear mantimentos, cuja consideração, e haueremlhe de faltar, podia ser grande parte para se darem por conquistados.

E que considerando elle Gouernador a infusão de sangue que pode hauer, para a escuzar, lhes manda apresentar a guerra, e com ella offereçer açeitação de vassallagem áquelles Souas, com condição de viuerem na Ley Catholica Romana, guardando inteiramente os diuinos preçeitos, e com as mais condiçoẽs, que pareçeraõ conuenientes ao seruiço de Deus, e de V. Magestade, porque só com o açoute nas maõs se obriga aquella gente a ajustarse com a razão. E que pareçendo a V. Magestade que depois de entabolada esta conquista, se moua guerra a Congo, se poderão voltar as armas para aquelle Reino, mas que não hé de pareçer que se talem suas terras, porquanto as guerras as fazem desertas, e inuteis, como hoje o estauão por esta cauza os dilatados Reinos de Dongo, Ganguila e Matamba, mas que se ocupem com o nosso exerçito as minas do sal de Congo, e que se segurem com huã fortaleza, por ser toda a renda daquelle Reino, do qual se prouê toda a Ethiopia até os confins do Preste Joam, e que tirandoselhe este rendimento, logo abaterá as azas de sua soberta e humilhará sua arrogançia. Que os rendimentos deste sal, serão tantos para a fazenda de V. Magestade, que bastarão para sustentar a jnfantaria daquella praça, mandando V. Magestade liurar nesta Corte, para sua real fazenda muita parte do contrato das peças daquelle Reino, e se pode acreçentar mais hũ posto de importançia naquellas minas, que V. Magestade poderá dar a seus vassallos benemeritos. E que por este meo

se atalhaõ os effeitos crueis da guerra, e se domina a soberba daquelle Rey.

E que conquistada a Quiçama, para terror dos mais inimigos, e sujugado o Rey de Congo, se poderia logo extinguir a Ginga, capital inimiga do nome portugues, que rezide nos confins no Reino de Matamba; e que sendo azo, que se passe para a outra parte do Rio Coango, como costuma fazer, se mandaria então inuernar lá o exerçito para se lhe euitar a tornada, e destruida esta inimiga, se abrirão copiosos resgates de peças, e panaria, e ficará o comerçio dilatado por muitos annos, e com esta guerra se libertarão tambem çincoenta Souas, que ficão entre o Reino de Matamba e o Duque de Bata, e Rio Coango, que dezejão ser vassallos de V. Magestade, a troco de se liurarem da oppressão desta inimiga, os quaes ficarão sendo de grande vtilidade, para pouoar aquelles caminhos, e acodir com mantimentos aos pumbeiros daquelles moradores, e se poderá então escuzar o comerçio com o Jaga Casanga, que alem de estar muy remontado, quando se lhe offereçe ocazião obriga a outros Jagas a hirem fazer guerras injustas, aonde fazem muitos latroçinios, e comem corpos humanos.

Que para esta jornada foi elleito por mais votos, para gouernar a guerra, Viçente Pegado da Ponte, com o Cabo de companhias Diogo Gomes Moralles, por serem pessoas de valor, e experiençia, e temidos dos negros. E consta o exerçito dos ditos quatroçentos jnfantes, afora os empaçeiros (2), quatorse cauallos, e quatro peças de campanha, tudo bem prouido de muniçoẽs, e que hé hũ dos mayores poderes que aly se pôs em campanha, sem tirar daquelle prezidio mais que çento e trinta soldados, ficando com setteçentos com a primeira plana; e que hauerá de frausteiros outra tanta quantia, alem dos moradores.

Que as razoẽs que elle Gouernador teue para não ocupar

---

(2) Leia-se: empacaceiros. Caçadores de pacassas. Tropa de frecheiros dos régulos.

naquella guerra ao Capitão mor daquelle Reino Bartolameu de Vasconcellos da Cunha, a que toccaua, são não o querer apartar de sy, por lhe poder faltar a vida, ou a saude, e ter junto a sua pessoa, a quem poder encarregar as obrigaçoẽs daquelle gouerno.

Ao Conselho pareçe que esta materia, hé de grandissima importançia, porque inclue (de mais dos escrupulos da consçiençia) a conseruação, ou risco de Angolla. A conseruação, com V. Magestade fazer timidas suas armas, e o risco, com faltar o poder no porto, succedendo ser cometida Angolla em tempo que o poder esteja repartido, e metido pella terra dentro, causa porque os Olandezes a perderão; e o que se julga por mais seguro, e conueniente (como por muitas vezes se tem dito a V. Magestade) hé mandar V. Magestade socorrer com tudo o que for possiuel a Angolla, para que haja guarnição no porto e guerra no çertão (se o estado das cousas o pedir). //

E no que tocca ás cauzas da guerra, pareçe que V. Magestade deue mandar ver o assento incluso (que o Gouernador fes com os prelados, e moradores) por theologos de toda a satisfação, como V. Magestade mandou fazer sobre o cattiueiro do gentio do Maranhão. V. Magestade mandará o que for seruido. //

Lisboa, a 13 de Julho de 655. //

O Conde / Pinto / Vasconcellos / Pereira

AHU — Cód. 15, fls. 187-188v.

162

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(17-7-1655)

SUMÁRIO — *Vêm Capuchinhos prestar obediência a el-Rei — É remetido para Lisboa Frei Boaventura de Sorrento.*

†

Senhor

Luis Martins de Sousa Chichorro, Gouernador do Reino de Angolla, escreue a V. Magestade em carta de 17 de feuereiro passado, que como os Capuchinhos merçenarios, que foraõ ao mesmo Reino, em hũa nao genouesa, que naõ pode tomar esta Corte, para darem obediençia a V. Magestade, em que os emulos de sua santa vida tomaraõ fundamento, e capa para suas paixoẽs; lhe pareçeo a elle Gouernador, que viesse hũ, ou dous delles, em nome dos mais, dar a obediençia deuida a V. Magestade, e que o seu Perlado se offereçia a ser, o que viesse a esta Corte, se o naõ impedira hũa grande enfermidade, de que ainda ficaua pouco conualeçente; e que do que vinha, e dos despachos que trasia, constará a V. Magestade, o pretexto de sua hida a Angolla, quando naõ baste o que a elle Gouernador, e áquelle Pouo consta por experiençia de sua virtude, e santa vida, com tanto fruto das almas daquellas nouas Christandades, que agora comessaõ a ser, com a doctrina, e exerçiçio destes Religiosos, que só tratað do Ceo, e de nada da terra.

E porque lhe disseraõ a elle Gouernador, que hauia hum dos ditos Religiosos, por nome frey Boaventura de Sorrento, que foi contra vontade de V. Magestade áquellas partes, fes com o seu Prelado que o mandasse vir de Pinda, donde estaua no mesmo exerçiçio, o qual remetia a V. Magestade, como o

fará no mais que se encõtrar com o seruiço, e vontade de V. Magestade.

Ao Conçelho pareçeo dizer a V. Magestade, que por o nauio, em que estes Religiosos vieraõ de Angolla, hir ter ao Porto, se aguardou até gora, que chegassẽ a esta Corte, e fizessem algum requerimento, pera entaõ se consultar a V. Magestade o que pareçesse, com todas as notiçias neçessarias. E que visto naõ hauerem chegado até o presente, e quando cheguem, poderem faser requerimentos a V. Magestade, julgou o Conçelho por conueniente dar a V. Magestade conta do que escreue o Gouernador de Angolla; e representarlhe que conuem muito a seu real seruiço, fazerse diligençia com estes Religiosos, e mais apertada com frey Boaventura de Sorrento, que já esteue nesta Corte, ou neste Conçelho (para com o que disserem, e cartas que de Angolla se escreuem em seu fauor, se fazer consulta a V. Magestade) ou pello ministro que V. Magestade nomear, a quem se dará notiçia das mesmas cartas, sendo neçessario.

Em Lisboa a 17 de Julho de 655.

aa) O Conde de Odemjra // Josseph Pintto Pereira // Fran.co de Uascõcellos da Cunha // Diogo Lobo Pereira //

[*À margem*]: Asi se fará como parece ao Conselho. Lisboa, 9 de Agosto de 655. //

Rej.

AHU — *Angola*, cx. 5. — Cód. 15, fl. 189v.

163

OS TERCEIROS FRANCISCANOS E A ESCRAVATURA

(20-7-1655)

SUMÁRIO — *O escrivão da Câmara de Luanda passa certidão dos escravos despachados pelos Religiosos do Convento de S. José da mesma cidade, no triénio de 1652 a 1655.*

Bento Baptista de Parada, escriuaõ da Camara, Almotaçaria e Ouuidoria geral nesta Cidade de Sam Paulo dAsumpçaõ de Angola &.ª Cirtifico aos que a prezente Certidaõ virem que por parte do gouernador e Capitaõ geral deste dito Reino, Luis Martinz de Sousa Chichorro, me foi aprezentado hũ rol de letra e sinal dos contratadores pasados, Balthezar Uandum e Dioguo Sanches Xaroso, cujoz sinais eu escriuaõ dou fee reconheser, do qual rol o treslado hé o siguinte. //

Achamos terem despachados os Religiozos de saõ Jozeph no treaneo do nosso Contracto, de junho de seis sentos e sincoenta e dous athé junho todo de seis sentos e sincoenta e sinco, semto e oitenta e oito cabessas de escrauos, que foraõ as siguintes: o P.e Ministro frei Luis do Espirito Santo sasenta cabessas; o padre frei Jasinto sincoenta cabessaz; o Padre frei Antonio, pregador, catorze cabessas; o padre frey Antonio de Saõ Pedro, des Cabessas; o padre frej Jacome vinte e duas cabessas; o padre frei Esteuaõ, quatro cabessas; o padre frej Manuel, quatro cabessas; o padre frei Lucas, tres cabessas; o padre frei Sebastiaõ, tres cabessas; o padre frei Gregorio, leigo, tres cabessas. //

Isto consta pellos borradores, despachoz e se correrem os liuros antes haõ de ser mais que menoz, porque talues susede uir hum moleque ser de hum Religiozo que se naõ asente, nem

se fas cazo delle; passa na uerdade, em fee de que nos asinamos. //

Asumpcaõ, vinte de Iulho de mil seis sentos e sinquenta sinco.

Balthezar Uandum // Diogo Sanches Xaroso //.

E por do sobredito me ser pidida a prezente a pasey, por mim sob escrita e asinada, a que me reporto etc.

Dada nesta Cidade de Sam Paulo dAsumpcaõ, Reino de Angola, aos tres diaz do mes de feuereiro de mil e seis sentos e sincoenta e seis annos. Eu sobredito Bento Baptista de Parada o fis escreuer e o asinej.

a) Bento Baptista de Parada /

AHU — *Angola*, cx. 4.

164

CARTA DO CAPITÃO DE CAMBAMBE AO GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

(23-8-1655)

SUMÁRIO — *Pede que seja enviado um capelão para a fortaleza de Cambambe, visto o capelão a ter abandonado.*

†

Certidaõ

Bento Baptista de Parada, escriuaõ da Camera, almotaçaria, auditoria, e ouuidoria geral nesta Cidade de Saõ Paulo dAsumpçaõ, Reino de Angola &.ª Certefico aos que a prezente Certidaõ virem que em maõ do senhor gouernador e capitaõ geral destes Reinos, Luis Martinz de Souza Chichorro, vi huã carta de letra e sinal de Luis Mendes de Vazconçellos, Capitam da fortaleza de Cambambe (cujo sinal eu escriuaõ dou fee reconheçer) escripta ao dito senhor e em a dita carta está hũ capitulo que diz o seguinte. //

Estamos uai em quinze dias sem missa neste prezidio porque o P.e frei Antonio (1) nolo deixou uespora da precincula (2), e naõ bastaraõ petiçoens de todo este pouo, a quẽ deuia tantas obrigaçoens pera o mouerem a esperar que V. S.ª mandasse outro Cappellaõ; naõ digo mais porque alem de naõ ser meu natural, naõ quero pareçer suspeito; só afirmarei a V. S.ª que me naõ atreui a pedirlhe se naõ fosse, nem a impedirlhe a sahida

(1) Talvez frei António de Gaeta.
(2) A indulgência da Porciúncula ganha-se em 2 de Agosto.

do prezidio, porque me diçeraõ que dizia elle, que se en tal lhe falaua, que me auia de dar ocaziaõ em que me perdesse; eu senhor inda que pera com V. S.ª esteia mal quisto, conthudo esta petiçaõ hé pia, e pode ser admetida; pesso prostrado aos pees de V. S.ª queira lembrarçe da desconsolaçaõ deste pouo, mandandolhe com a mais possiuel breuidade Capellaõ, e todos me pedem que reprezente a V. S.ª que na falta de clerigo lhes faça V. S.ª mercê mandar o P.e frei Jacinto (3), que já aqui esteue o anno passado. V. S.ª como senhor obrará neste particular como milhor lhe pareçer. //

E por do sobredito me ser pedida a prezente a passei com o theor do capitulo da dita carta, a que me reporto &.ª //

Dada nesta Cidade de Saõ Paulo dAsumpçaõ, Reino de Angola, aos uinte e tres dias do mes de Agosto de mil e seis centos e sincoenta e sinco annos. Eu sobredito Bento Baptista de Parada a fis escreuer e asenej.

AHU — *Angola*, cx. 5.

---

(3) Frei Jacinto de Vetralla.

165

CONSULTA DO CONSELHO ULTRAMARINO

(4-9-1655)

SUMÁRIO — *Do êxito que teve o exército enviado pelo governador de Angola à Quiçama, e certos particulares tocantes ao Rei do Congo, a Benguela e aos Terceiros Franciscanos — Amostras de cobre de Benguela e sua exploração.*

†

Senhor

Luis Martinz de Souza Chichorro, gouernador do Reyno d'Angola, escreue a V. Magestade em carta de 30 de Abril passado, que per hũ nauio de auizo que sahio daquelle porto em direitura para este Reyno, imformou a V. Magestade de todas as materias de que deuia dar conta a V. Magestade, e que agora o fas do mais se lhe offereçeo dizer, com as mesmas uias que trazem os galeoẽs, com que passou aquelle gouerno, que partem para a Bahia, donde deuem seguir as ordens que tiuerem de V. Magestade, os quaes naõ foi posiuel partirem mais sedo pella falta de fretes, e ainda para os lançar daly lhe foi neçessario entrar com alguã força, para se lhe passarem, as armaçoẽs das peças que estauaõ contratadas com nauios de particulares, que ou seia por este resgate se hir atinuando, ou pellos nauios que aly acodem serem muitos, uem a cauzar huã dilaçaõ geral a todos.

Que tem dado conta a V. Magestade de como logo tratou de dar guerra ao gentio da Prouinçia da Quiçama, e das cauzas que para isso teue, e sendo a prinçipal cauza desta resoluçaõ o grande seruiço que desta empreza espera que rezulte a V. Magestade, foi a neçessidade o primeiro mouimento que a cauzou, pello dezaforo dos negros, e pello prejuizo que delle hia rezultando ao credito das armas de V. Magestade. Que entrou o

nosso exercito na Quiçama, em 20 de feuereiro passado, florente de gente asy branca, como preta, e pello terror que hauia cauzado nos enemigos, sem fazerem rosto a nossa jnffantaria, dezempararaõ as suas pouoaçoẽs que lhe foraõ queimadas, e os palmares cortados, que elles sentem mais que a falta dos mesmos filhos; e que podendo naquelles poucos dias obrar muito mais o nosso poder, faltou a rezoluçaõ a Viçente Pegado, que o gouernaua, por falta de disposiçaõ, que naõ tem, com que perdeo os primeiros lanços em que se hauia de ganhar, para o effeito da conquista, por cuia cauza o mandou recolher, para sua caza, e ficou em seu lugar, o cabo de companhias Diogo Gomes Morales, por ter ualor, e disposiçaõ para esta guerra, de mais de ser homem uigilantissimo e incansauel, e no seu lugar nomeou a Hieronimo da Costa filho daquellas partes, mas cõ muitas para ocupar aquelle posto, por ser criado naquellas conquistas, de ualor, e muito respeitado dos negros, e que foi esta mudança bem reçebida de todos naquelle Reyno e no mesmo arrayal, pella desconsolaçaõ com que estauaõ das faltas de Viçente Pegado.

Que ainda que sobre El Rey de Congo tem elle gouernador dado larga conta a V. Magestade, o fazia de nouo, de como naõ há remedio defferir ao comprimento do capitulado, e como elle lhe naõ mandou dar satisfaçaõ do dezemcaminho da sua carta, que a este respeito lhe naõ quiz açeitar, e mais uindo acompanhada das del Rey de Castella, cuias copias já remeteo a V. Magestade (1), estauaõ nesta desconfiança, elle, de elle gouernador lhe naõ aceitar a sua carta, e elle Luis Martinz de lha mandar tão dezemcaminhada, que tudo saõ motiuos para este Rey tomar ocaziaõ de suspender o pagamento da fazenda que deue a V. Magestade pello capitulado, e que a este respeito lhe escreueo o Pruedor da Fazenda que quizesse dar satisfaçaõ do que deuia como materia que lhe tocaua (2), a que naõ tinha respondido

(1) Estes Documentos não se encontram no AHU.
(2) Documento desconhecido.

tegora, mas que se as armas de V. Magestade naõ estiuerаõ empenhadas na Quiçama, adonde todos estaõ á mira, para comforme o suçesso abaterem as azas, sobre El Rey de Congo, ouuera elle gouernador de mandar a guerra, pois as cauzas que tem dado a V. Magestade naõ saõ para esperar ordens para o castigar.

Que estando as couzas nestes termos com este Rey e elle reconhecido por treydor a V. Magestade e ynimigo da naçaõ portugueza, e sem ter de christaõ mais que o nome, não deixa o Menistro da Ordem Terceira, que agora hé, da caza que aly tem, de correr com as couzas que o dito Rey lhe emcomenda, por nenhũ outro querer açeitar tal comissaõ, e como este frade hé de muy pouco talento, e taõ amigo de posuir como todos, e muito mais, naõ soomente fas o officio de procurador, do mesmo Rey, mas de noueleiro de tudo quanto aly se passa, e que queira Deos (comforme a copia da carta que imuiaua) (3) que lhe naõ escreua muito mais do que uê, e do que sabe, em ordem a adular a este Rey, e grangear o que elle lhe manda por estes aluitres; que V. Magestade deue ser seruido mandar aduertir ao Prelado destes Relegiosos, que uiuaõ como comuem, e já que passaõ áquellas conquistas, e naõ tratаõ do fructo espiritual das almas, não dem aos gentios, e ainda aos christaõs tão mao exemplo de andarem todos comprando e uendendo, e adquirindo peças que nauegaõ para o Brazil, e com outras mercançias indignas de seu habito e proffissão.

Que teue auizo do capitaõ Antonio Gomes de Gouuea, que foi gouernar o prizidio de Benguella, como na Caza Branca, de que V. Magestade lhe fazia mençaõ, hauia agoa, e hera o sitio muy lauado do uento, distante do mar hũ tiro de canhaõ, e que o Rio que passa pello prizidio uelho, se podia leuar junto ao que se pertende obrar na Caza Branca (4) e que já ficaua

---

(3) Documento desconhecido.

(4) Tratava-se da mudança de Benguela-a-Velha para o local da cidade actual, o que só se efectuou em 1678.

tratando disto; que elle gouernador se achaua ainda com alento para pôr em effeito todas estas obras se os cabedaẽs o aiudarað posto que os lugares seiað tað distantes, mas que comtudo se fará o que poder ser.

Que mandaua a V. Magestade a amostra do cobre daquella parte de Benguella, que naõ falta naquella costa, e que dizem hauer muito no distrito de Congo, que elle gouernador espera em Deos, que asy estas minas, como as do sal, haõ de ser de V. Magestade, que saõ de grandissima importançia.

Ao Conselho pareçeo dar conta a V. Magestade (logo que a carta do gouernador de Angola se reçebeo) do que elle auiza, no tocante ao suçesso que teue, o exercito que elle mandou a Quiçama, e de como o melhorou de cabo, no que não uê o Conselho que haja que prouer; nem no que diz d'El Rey de Congo, emquanto não consta da reposta que mandar ao Prouedor da Fazenda que lhe escreueo, sobre a paga do que deue; nem do que diz da conquista de Benguella e mudança de sitio, e isto por agora, emquanto V. Magestade não manda uer a qualidade do cobre de que mandou a amostra, que uay com esta consulta; mas julga o Conselho por muy conueniente, e de grande seruiço de Nosso Senhor e de V. Magestade, mandar V. Magestade pello Bispo cappellað mor fazer ao Prouincial da Relegiað 3.ª as aduertençias e lembranças que aponta o gouernador, em ordem á emmenda da uida dos seus Relegiozos, que aly rezidem; e para que os que emuiar de nouo, seiað mais reformados em uertude, ambiçað, e procedimentos.

Lisboa, a 4 de Setembro de 655.

aa) P. Josseph Pinto Perejra — Fr.co De Uascõcellos da Cunha — Diogo Lobo Pereira

[*À margem*]: Escreuase ao gouernador enuie a este Reyno mayor quantidade deste cobre que for possiuel nos nauios que dali partirem para elle, pello muito que se necessita deste metal

pera as fundiçoẽs de artilharia, auisando o que for de custo de cada arratel, que quantidade se poderá tirar cada anno e o que poderá ser necessario pera isso. E ao Bispo Capellaõ Mor se faz o auiso na forma que parece.

Lisboa, 30 d'outubro de 655.

[*Rubrica de el-Rei*]

AHU — *Angola*, cx. 4 — Original. — Cód. 15, fls. 199-200.

166

CARTA DO GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA A EL-REI D. JOÃO IV

(17-9-1655)

SUMÁRIO — *Sobre a guerra da Quiçama, que vai em bons pontos — Concertos com que fica com a rainha Jinga e esperanças de bons fins — Forte que mandou fazer no sertão e de que envia a planta — Fortificações que fez, reprovando as criticas que se lhe fizeram — Fabrico de pólvora — Falta de dinheiro — As obras da igreja Matriz de Luanda — Observação sobre os moradores do reino de Angola.*

Senhor

Tenho dado conta a V. Magestade de todas as materias de que o deuia faser, asỹ do que se me ordena por Regimento como das mais tocantes a este gouerno. Premitiria Deos leuar o nauio a saluamento, que mandey em dereitura a esse Reyno, que leuou a primeira via, e pella do Brazil a 2.ª e a 3.ª, e depois algumas por mayor para V. Magestade estar informado de tudo o de Angolla. E porque V. Magestade me ordena que em todas as embarcaçoĩz continue, o vou fazendo nos maiz nauios que vaõ deste porto para os do Brasil.

A guerra que botey fora pellos respeitos que tenho dado conta a V. Magestade, como dos parecerez com que o fis, vayse continuando na Prouincia indomita da [Quiçama com] muy bons successos, e grandissimo dano dos [inimigos] destruindo a ferro, e a fogo suas viuendas, e cortandolhe os palmares, que hé não só a sua mayor grandesa, mas o principal do seu sustento, e posto que muitos destes Souas mostraõ desejo de vir á obediencia de V. Magestade, que hé o pretexto da minha demanda, como

saõ muitos encontraõ se (1) nas openiois; porem á sua custa, porque a guerra e o dano vay correndo, e este hade ser o vnico remedio para os obrigarmos, porque demais de ser gente ferôs, gosavaõ da posse, e do respeito que se lhe teve de tantos annos a esta parte, e se não fora a asparesa dos matos, que sam as suas muralhas, já estiveraõ conquistados e V. Magestade Senhor desta Prouincia, em que consiste as grandes conveniencias, que dellas se hade seguir ao seruiço, e credito das armas de V. Magestade, não ficando de fora as da fazenda, que se prometẽ iguaiz (2).

Com a Raynha Ginga fico em concertos, e se ella pello que me escreue, e os seus mayores conceder nas condiçoiz com que agora lhe mando responder, naõ ficará V. Magestade mal seruido; pedeme a Irmã que aqui está em casa de hum dos moradorez (posto que em sua liberdade) que como a Ginga hé velha, e se acha quebrantada, e naõ tem cousa do seu sangue, deseja lhe vá esta irmã (que tambem hé já mayor) para a deixar no seu Senhorio, de que eu me aproueito para as condiçoiz, que lhe mando, em ordem ao seruiço de V. Magestade, por ser esta negra Infanta, boa christam e estar muy bem instruida nas cousas da Fee. Será de grande vtellidade para se reconciliar a mesma Rainha com a Igreija, que hé a primeira condiçaõ que lhe preponho, com sua reposta, e certesa do que me tẽ offereçido por suas cartas, lhe mandarey remeter a Irmã (3).

O Jaga Caçange que hé o compitidor da Ginga, e mais poderoso que ella, porem nomeasse vaçallo e com titullo de General de V. Magestade. Com este Caçange e a Ginga vsey de alguma pollitica para de todo os inimistar, como o ficaõ

---

(1) Contradizem-se.

(2) *À margem:* Visto.

(3) *À margem:* Responderlhe que em nenhuã maneira uenha nesta entrega e guarde e execute os assentos que sobre esta materia se tẽ tomado em tempo de seus antecessores e que procure por todos os meios destruir e desfazer o exrcito da Ginga, por isto ser o que conuẽ.

refinados inimigos sem esperança de reconciliaçaõ, que sempre seria em nosso prejuiso se asỹ fosse. Este mandou pedir padres para baptisar os nouos nascidos, e que logo elle depois com seus Macotas faria o mesmo, o que ajudou muito hum sonho, que teue depois desta minha perçuadiçaõ do baptismo, de que se redusia á ley do nosso Deos, pello que lhe tenho mandado Embaxador authorisado com bom presente ou o que eu pude, e hum Religioso Capuchinho, e com sua reposta lhe hey de mandar Clerigo pratico na lingoa da terra, homẽ muito authorisado, e por seu pay muito conhecido, e respeitado dos negros. Vindo á obediencia os da Quiçama, como espero em Deos nosso Senhor, o ficará V. Magestade do mais desta Ethiopia sem opusiçaõ, que tudo será sempre pouco para o que desejo ver de Senhorios á Coroa de V. Magestade.

O Rey de Congo ainda está nos seus trese (4), naõ há remedio pagar, nem dar satisfaçaõ ao que suas culpas o obrigaraõ, mas tambem sey que está dependente dos successos da nossa guerra, como eu o estou para lhe fazer esta lembrança, que por hora discimulo. Já escreuy a V. Magestade o mao animo que este Rey tinha contra a nossa nasçaõ, e que se o naõ declara de todo hé porque mais naõ pode, e de christaõ tem taõ pouco como algũs dos mais que tem só o nome,

Todos os mais que saõ souas, e tem nomes de vaçallos de V. Magestade estaõ obedientes, e andaõ com a sua gente na guerra da Quiçama, a que veyo tambem o Rey de Dongo com seu filho mayor, por nome D. Ignacio, & emportou muito para este seruiço as diligencias que fiz, para este Rey vir, tanto pello respeito que os nossos, e os inimigos lhe tem, como pello vallor de sua pessoa, e concelho para a dispusiçaõ da mesma guerra, que constando de 10 V [10.000] arcos, e 450 infantes e 17 cavallos com 4 peças de campanha, e 4 lanchas, que andam armadas pello Rio, para diuirçaõ dos inimigos, que se naõ emcorporem

(4) Persiste na teima, está teimoso.

todos: naõ se [tem] feito de despesa mais que 5 V [5.000] cruzados [... ...] em seis mezes, que começou a guerra, que naõ hé o [menos] seruiço que faço a V. Magestade nos meyos, e industria cõ que se obra, dentro nesta Prouincia em que anda a guerra. Mandey fazer huma força sobre huma grande alagoa, de que mando a planta, que naõ sendo de pedra, hé bastantemente forte, o que hauiamos mister, com paço liure pello Rio Coansa, para os socorros de mantimentos, e de tudo o mais que lhe vay de Maçangano, que fica de fronte. Mandey fazer esta obra asy pella conveniencia do nosso Arrayal, e ter depozito seguro para o mantimento, e muniçoiz como para terror dos negros, e vissem que se lhe naõ fazia a guerra de paçagem.

O forte de Muchima, que está da parte da mesma Quiçama, mandey fazer tambem de nouo, que me disem fica huma perfeita obra, e com o de Benguella se anda dispondo as materias para a Casa Branca, como V. Magestade m'ordena, que como fica taõ longe deste porto, e os cabedais aqui saõ tão limitados, e não hauer quem me ajude, não obro como quero, senão como posso, e conforme as forças dos meus annos e trabalhos em que os gastey seruindo a V. Magestade.

As fortificaçoiz que lá aluitraraõ a V. Magestade se saõ façeis de propor, sam muy defecultosas, e no tempo presente impocioueis de empreender, e se contudo forão vteis não houuera tanto que estranhar, a quem o aluitrou, mas não me espanto pello mais de que trata da caualleria que enculcou do Cabo Verde, para a condusam da agoa dos exercitos, e outras patranhas semelhantes, que constaõ desta informaçaõ que se fes a V. Magestade sobre as preperaçois de Angolla.

Das que aqui achey para preuenir tenho dado conta a V. Magestade que sam os dous fortes da entrada deste porto, tanto para impedir a do inimigo que a intentar como para guarda das frotas, que naõ tem nenhuma defença, estando expostas a qualquer atreuimento que pode ser de noute, & de dia com capa de amigos, sem de terra lhe poderem valler, e do mar menos

por naõ assistirem nos nauios a gente delles, nẽ seus donos os podẽ obrigar por se lhe naõ dar proçaõ (5) da hora que dam fundo nesta bahia.

O outro remedio e defença que aqui cinto hé o forte de S. Amaro, que fica fora da Cidade, em rasaõ da agoa, do que fico tratando, abrindo poços debaixo deste morro, que se houuer agoa como se espera, fica debaixo das nossas armas, acrecẽtando ao pé do forte, que já tem principios, huma plataforma, & reducto com 4 peças pequenas, para milhor goarda da agoa, e hauendo necessidade mandar secar todas as cacimbas (6) que ficaõ mais afastadas, de que agora se bebe, que com a forteficação que se fizer no mesmo morro para recolhimento das familias, e os dous fortes de S. Miguel que fiserão os flamengos, com o de Nossa Senhora da Guia que está ao pé deste junto ao mar, que todos se podem dar a maõ por terra, e agoa, me parece que hé só a defença e amparo que se pode fazer aos moradores desta Cidade, ficando a infantaria liure para campiar com o inimigo, & impedir seus decenhos, de dia, & de noute.

Neste morro de Sancto Amaro em que em que *(sic)* achey começadas huas paredes, estaõ já acabadas as offiçinas para o trabalho, e concerto da poluora que já vay continuando a muita, que aqui achey denada (7), & está pellos presidios com que corre o Capitam Manuel de Touar Frois, que prouy em lugar do Francez Tenente General da artelharia, que acabou seus dias, e o fadario do vinho que o matou, mas ficaõ neste concerto da poluora, outros estrangeiros que precurey, grandes officiais deste menester, com que fica correndo o prouido na tenencia do Francez defunto, com grande cuidado do que lhe toca e com despesa de sua fazenda.

Para estas obras se necessita da fazenda de V. Magestade, não a tem em Angolla, porque o rendimento do contrato com

---

(5) Leia-se porção: ração.
(6) Poços para as águas phuviais.
(7) Leia-se danada, isto é, estragada.

o mais dos disimos, & direitos nouos, apenas chega ao que hé neccessario para as despesas ordinarias, e havendo mil soldados nesta praça que se naõ escusaõ para sua defença, e as mais despesas extraordinarias que se offerecem, asy da guerra como do concerto das embarcaçois da India, que ás veses arribaõ [... ...] porto, que tudo sam despesas, sem haver [... ...] para ellas, antes o atrasamento do contrato que se fes nesse Reyno em 22 contos e meyo, hauendo o crecimento com a restauraçaõ de Pernambuco, andando em 25 contos os dous arrendamentos paçados, e cuido que em outra carta digo a V. Magestade que se naõ foraõ os direitos que aqui se fizeraõ dos nauios Castelhanos antes da minha vinda, e dos que eu receby Genoues, e Castelhano, e outro que mandey socrestar, teria isto dado em seco, e sobretudo para mais claresa deste negocio será com esta a certesa dos rendimentos e despesa, que V. Magestade sendo seruido pode mandar ver para se saber o que se há de remedear.

As obras da Matriz deste lugar se vaõ continuando com mais callor, ainda que se encontraõ com as mais, de que tenho dado conta a V. Magestade, e com a peroza destes moradores de que os mais (8) viuem como na ley da naturesa, as da rasam montão com elles tão pouco que aquillo que hé para sua propria defença, e conceruação de suas familias, naõ há cabar nada sem rigor, e grande trabalho meu.

Guarde Deos a catholica pessoa de V. Magestade, como todos seus vaçallos hauemos mister. //

Loanda & Setembro 17 de 655.

a) Luis Martins
de Sousa

AHU — *Angola*, cx. 4. — Original.

---

(8) A maior parte.

167

CARTA DO GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA A EL-REI D. JOÃO IV

(17-9-1655)

SUMÁRIO — *Queixas contra os religiosos e o estado eclesiástico. — Os Padres Jesuitas e bens que possuem. — O que se passou no estado da Índia com os Jesuitas e os Agostinhos.*

Senhor

Sendo muitas as couzas, que se offerecem do seruiço de V. Magestade neste Gouerno, para me cançarem, e molestarem, sam as que mais me cançaõ as do Estado Ecleziastico que fazendo pouco, ou nenhum fructo nestas Christandades de V. Magestade, e tratando só de conueniencias temporaiz, querem, que os seus escrauos, (que sam muitos) roubem, firam, e matem, e contudo sejam preuelegiados para os naõ castigarmos; e como este exemplo toca a todos, nenhum fica de fora desta paixaõ, mostrandolhe o Ouuidor Geral por razoiz, leis diuinas, e humanas ao que se estende os seus preuilegios, nos seus seruentez que por viuerem fora das cazas, e conuentos lhe naõ compete o preuilegio, para se exemirem da justiça secular; e para que V. Magestade seja mais bem informado nesta materia, e eu fique menos sospeitoso do que escreuo, remetto os papeis que seraõ com esta, para que V. Magestade se sirua de os mandar ver, e detreminar o que for seruido, com que çeçaraõ os escandallos, que disto pode[m] resultar, e naõ fique sem castigo, quem naõ guardar as leiz de V. Magestade, e haja exemplo, e respeito, que hé o cõ que nos sustentamos em terras tam remottas, e tam numerozas de enemigos.

Entendo, que fora grande seruiço de Deus, e dezemgano para V. Magestade ordenar, que viesse hum Vizitador Geral,

dezentereçado, para conhecer destas materias e das ambiçois com que o Estado Eclesiastico viue neste Reyno de Angolla, ainda aquelles, que por habito e profiçaõ as naõ deuiaõ ter, por mar, e por terra.

Os P.es da Companhia cobram da fazenda de V. Magestade 2$ [2.000] cruzados cada anno pella folha, que se faz das mais ordinarias, e porque o Prouedor della, me diz que esta proçaõ se lhe concignou emquanto naõ tiuessem benz para se sustentarem, me pareceo obrigaçaõ dar nesta conta a V. Magestade e que os ditos Padres possuem as mais, e as milhores fazendas, de todo este destricto, com grande cantidade de escrauos, em todas ellas, que hé a fazenda mais corrente em Angolla, e aqui pegado ao seu Colegio tem huma pouoaçaõ dos mesmos escravos, que algumas villas há nesse Reyno, muito menores, e coazi todos estes sam officiaes de varios officios, que lhe gainham jornais conciderabeis; tem demaiz muitas moradas de casas, que lhe rendem muito, e muita quantidade de gado vacuum, que lhe aplicou o Gouernador Saluador Correa de Sá, que possuhiaõ os Holandeses, quando aqui estiueraõ, com muitos carros, que tambem ajudam com os carrettos, e pello mar dous patachos, que andaõ a frettes, e canoaz com redes de pescar, que nesta terra naõ hé de pouco rendimento, em razaõ dos homez de mar em fora, e no demais de negoceo, porque isto hé custume da terra quando o naõ seja dos Padres.

Eu naõ digo Senhor que os Padres da Companhia vsam mal destes benz, mas escandalizome, que tendo muito mais do que ham mister, para sua concervaçaõ, não perdoem 2$ cruzados da fazenda de V. Magestade, sendo taõ pouca a que aqui há, e tantas as obrigaçois que necessitam della, e porque no Estado da India, se tolerou as muitas fazendas, e grandes rendimentos, que estez Relegiosos pessuem na India, em que entraõ Ilhaz que heraõ suas inçolidum, de que huma dellas hé a de Bandorá, na Costa do Norte, de grande rendimento, e de naõ menos prejuizo ao respeito da Iustiça de V. Magestade, porque de mais

de nenhum Ministro de V. Magestade de guerra, ou Iustiça, poder dezembarcar na dita Ilha, saluo os Padres o concentirem, e entrarem e sahirem embarcaçoïs proprias, e alheaz sem pagarem direitos na feitoria de V. Magestade na fortaleza de Baçaim, que lhe fica vezinha, e ser couil de delinquentes e deuedores com os quaiz os Ministros naõ podem proceder, em respeito dos Padres seus valedores, com que viuem izentos de toda a pena que merecem por seus dellittos; e porque das cartas, que escreueo a V. Magestade o Conde de Linhares, sendo V. Rey da India, achará V. Magestade mais particulares informaçoïs desta materia, sendo seruido de a mandar uer, não digo mais do que sey dellas. Lembrame que sendo V. Rey tambem daquelle Estado Dom Fellippe de Mascarenhaz, se demandou em virtude das ordez de V. Magestade muita quantidade de fazenda que pertencia á de V. Magestade, que por sentenças da Relação de Goa se julgou serem benz da Coroa, e pertencer a V. Magestade o rendimento delles, e contudo foi V. Magestade seruido, segundo houuy, de lhe fazer noua mercê, de tudo o que se hauia tirado, e que se confirmou por noua doação.

Pellas mesmas cartas, que escreueo o Conde de Linhares o tempo que gouernou a India, se verá outra queixa, que fazia a V. Magestade dos grandes cabedais que tinham emcluido em sy o Mosteyro das Freyras de Sancta Monica de 45 annos a esta parte, porque sendo a tenção do Arcebispo Dom Frey Aleixo de Menezes, que foi o Autor desta obra, fosse para as filhaz dos homez fidalgos, ou os de tais merecimentos que por elles lhe igualaçem, que por falta de dottes não podessem casar conforme suas quallidades, facelitaraõ logo os Padres Agostinhos de maneira as entradas das Freyras, que acabou de leuar a sustancia daquelle Estado, atalhando com isto os casamentos e matrimonios, tam necessarios, nos Estados Vltramarinos, rasam porque a Cidade de Goa, que eu alcancey pouoada de moradores Portuguezes, estam hoje bairros inteiros daquella Cidade sem hauer hum morador Portuguez senaõ naturais da terra, Gentios, e Christaõs.

E porque estas cousas se foraõ tolerando leuando as Religiois a sustancia daquelle Estado, e por outra parte, a que lhe tem tirado os V. Reys, foi a cauza da ruina da India ainda mayor da que cauzaraõ os Holandezes, porque pella falta de fazenda se ueyo a impoceblitar o remedio, e aos homẽs os brios para os rezistir, acontecendo isto em tempo que por não hauer fazenda de V. Magestade se faltou com os socorros ás praças, que se perderão de pouco tempo a esta parte, como foi Malaca, e Mascatte, e ametade da Ilha de Seylam, que os Holandezes pessuem, como tambem por esta falta se naõ podem sustentar os soldados na India, e se paçam a seruir os Principes enfieis, adonde anda muita quantidade de Portuguezes, sem hauer quem diga estas uerdades a V. Magestade, que sam tanto em prejuizo de V. Magestade e do credito da nação Portugueza.

Guarde Deus a Catholica pessoa de V. Magestade como todos seus vaçallos dezejamos.

S. Paulo de Asuumpçam e setembro 17 de 1655.

a) Luiz Martins de Sousa.

AHU — *Angola*, cx. 4.

168

CARTA DA RAINHA D. ANA JINGA AO GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

(13-12-1655)

SUMÁRIO — *Trata do problema da restituição de sua irmã D. Bárbara e da conclusão da paz com o Governador.*

Senhor

Receby a carta de V. S.ª, a qual me entregou o Capitão Manuel Frois Peixoto, embaixador de V. S.ª, e por ela vejo gosar V. Sr.ª saude, a qual nosso Senhor aumente por largos anos, com muita paz e quietação, como para mim desejo. Eu tenho saude para servir a V. S.ª em nome de Sua Magestade, que Deus guarde, com tanta autoridade, e propoz com tanto valor, que logo vy me fala verdade em tudo o que diz, porque estou tão queixosa dos governadores passados, que sempre me prometerão entregarem minha Irmãa, pela qual tenho dado enfinitas peças e feito milhares de banzos, e nunca ma entregaram mas antes movião logo guerras, com que me inquietarão e fizerão sempre andar feita jaga, usando tiranias, como hé não deixar criar creanças, por ser estilo de quilombo (1), e outras cerimonias e todas deixarei; e dou a V. S.ª minha real palavra, tanto que tiver religiosos, que me deem bom exemplo a meus grandes, pera que os ensinem a viver na Santa Fé Catholica, assim que espero que V. S.ª me faça mercê mandar o padre Frei Serafim (2) e o padre Frei João da ordem do Carmo,

(1) Acampamento militar.
(2) Frei Serafim de Cortona.

por ser habito, que desejo ver e tambem me dizem ser bom pregador, e saber a lingua de Dongo //.

Com estes dois religiosos pode V. S.ª fazer-me mercê mandar-me minha Irmãa que com eles vem bem acompanhada, e autorizada e quando V. S.ª for servido que venha mais algũa pessoa, seja hũ soldado, que faz foguetes para com eles festejar minha Irmãa, querendo Deus; tambem pode vir um soldado pera que sirva de são cristão aos Reverendos padres; e tanto que tiver noticia que está minha Irmãa na Embaca (3), partirá desta minha Corte o Capitão Manuel Frois Peixoto a buscala, que a elle compete, pois teve o trabalho de reduzir meus grandes, que tão desconfiados estão de enganos passados, e não pareça a V. S.ª que merece o capitão Manuel Frois Peixoto pouco louvor, pois chegou a acabar (4) com eles e comigo, ser esta embaixada verdadeira e não como as passadas, que tenho dito; e de quem estou mais queixosa hé do Governador Salvador Correia, a quem dey as peças que V. S.ª lá saberá e fiz duzentos banzos, por ver me mandava pessoa, como foi o Capitão Mór Ruy Pegado por embaixador em nome de Sua Magestade que Deus guarde, que me entregarião minha irmãa e haveria muita paz, entendy que não podia faltar á palavra Real; e por estes enganos e outros ando pelos matos, fora de minhas terras, sem ter quem informe a Sua Magestade, que Deos guarde, de meu pouco sossego, tendo eu tantos desejos de estar em paz com o dito senhor e seus governadores; mas todos os passados vierão tratar do seu proveito, e não do serviço real, de que estão (5) informada, que tanto lhes encomenda Sua Magestade, pois tanto lhe importa este reino a seus reais direitos e mais importava estando eu sossegada em paz, fazendo feiras mais perto para [aos] pumbeiros

---

(3) Ambaca.
(4) A convencer.
(5) Leia-se: estou.

lhes não custar tanto trabalho trazer as fazendas tão longe e eu gosa-las mais baratas; alfim, espero em Deus que só V. S.ª há-de ter louvor com Sua Magestade, que Deos guarde, de me deixar em paz e sossegada, e a Quiçama conquistada, cousa que nenhũ Governador fez nem mereceu tal gloria.

Eu me ofereço para ajudar a V. S.ª na Conquista dela, quando não queira dar obediencia, mandarei hũ dos meus grandes com o mór poder que ser possa, quando V. S.ª levar gosto. Isto farey em sinal de obediencia que dou a Sua Magestade, que Deos guarde, e tambem dou a minha palavra que tanto que chegarem os reverendos padres com minha Irmãa, tratarey logo de deixar parir e criar as mulheres seus filhos, cousa que até agora não consenty por ser estilo de quilombo, que anda em campo, o que não haverá havendo paz firme e perpetua, e em poucos anos se tornarão minhas terras a povoar como dantes, por que até agora me não sirvo senão com gente de outras provincias e nações que tenho conquistado, e me obedecem como sua senhora natural com muito amor e outros por temor. //

Não podia V. S.ª mandarme embaixador que mais me alegrasse, que o Capitão Manuel Frois Peixoto, por saber bem declarar-me tudo pela lingua deste meu Reyno. Todos meus grandes estão tão contentes, que dizem que só ele me traz paz verdadeira, e fala verdade e tudo o que V. S.ª lhe ordena por seu Regimento e já me considero com a prenda que desejo e com muita paz e quietação esses dias que viver que já sou velha e não quero deixar minhas terras, senão a minha Irmãa, e não a meus escravos, que haverá muita ruina e não saberão obedecer a S. Magestade, que Deos guarde, e como minha Irmãa o saberá fazer, pois há tantos anos que assiste com os brancos e hé tão boa christã como me dizem. E não se leve V. S.ª de ditos de moradores que sempre tratarão de me enemistarem com os governadores passados. E V. S.ª como parente do senhor governador João Correia de Souza, meu Padrinho que Deos tem em gloria, me há-de fazer mercê alcançar esta pás, por carta firmada da

mão de Sua Magestade, para mais firmeza minha e de meus grandes, para que sosseguem e tratem de cultivar as terras, como dantes. //

O Capitão Manuel Frois Peixoto me pediu da parte de Sua Magestade o jaga Cabuco, por tão bom estilo, que lho não pude negar, posto que tenha tido de Cabuco muita queixa, por me haver destruido minhas terras, razão fora que andasse em meu serviço alguns anos para me satisfazer parte de tanta perda, como me deu. Contudo são tão grandes os desejos que tenho de ver minha irmã, que tanto que ela chegar a esta minha Corte, darei logo licença ao dito jaga para que ele se vá com o Capitão Manuel Frois Peixoto quando partir e que logo esteja ás suas ordens. Isto pode V. S.ª ter por certo, como o socorro que digo darey para a Quissama, se a V. S.ª lhe for necessario e tudo o mais que me for mandado, amigos d'amigos, enemigos d'enemigos. //

No que toca ás duzentas peças que V. S.ª me pede pelo resgate de minha irmã D. Barbora, hé um preço muito rigoroso, havendo eu dado as peças que V. S.ª já deve saber aos governadores passados e embaixadores, fóra mimos a secretarios e creados de sua casa, e a muitos moradores, que ainda hoje sinto enganos. O que me atrevo a dar a V. S.ª, serão cento e trinta peças, o cento mandarey tanto que estiver minha Irmã em Embaca e para isso há-de ficar em refens o embaixador até que a dita minha Irmã entre nesta minha corte, que veja eu a verdade, porque me não suceda o que me tem sucedido e usarão comigo os Governadores passados, e não estranhe V. S.ª querer-me segurar, he escusar desgostos, suposto que entendo ser esta embaixada muito verdadeira, mas os meus grandes estão duvidosos por lhes lembrar o passado. //

V. S.ª perdoe ser esta carta tão larga (6), porque emporta assim. O embaixador me entregou o mimo (7) que V. S.ª me enviou pelo

---

(6) Extensa.
(7) Presente, oferta.

qual lhe rendo as graças; estimey muito o copo de madre perola; V. S.ª se não canse comigo, porque tudo me sobra nesta minha corte, só de minha irmã a careço, e com a sua vinda hei-de servir a V. S.ª muito a seu gosto, como V. S.ª verá. Este portador vay pela posta dar a V. S.ª aviso do que assentey com o embaixador, e por hir depreça leva doze peças, não mais, que são para doces de V. S.ª //.

Matamba minha Corte, treze de Dezembro de mil seiscentos e cincoenta e cinco annos.

R. D. Anna de Sousa.

AHU — Angola, cx. 4.

169

CARTA DO PADRE JOÃO FRANCISCO DE ROMA À PROPAGANDA FIDE

(20-12-1655)

SUMÁRIO — *Chegada a Lisboa — Recepção fria da parte do Governo — Instalação no hospício dos Capuchinhos Franceses — Partida incerta para a missão do reino do Benim.*

Em.mi e Reu.mi Sig.ri

Con il fauor di Dio essendo arriuato à saluamento con i Compagni qui in Lisbona à due del mese passato, con esser stato 35 giorni per il uiaggio et hauer corso molti pericoli cosi di mare, come dé nemici; et essendoci tutti presentati conforme all'ordine che qui passa, quando si uiene da parti remote, ad un Ministro Regio per nome Pietro Fernando Montero, fummo riceuuti non con cortesia, ma con molta discortesia, dicendoci con aspra maniera, che pretendeuamo qui in Lisbona tanti Religiosi Capuccini, d'onde ueniuamo, che ci mandaua, e simili. Risposi, che ueniuamo d'Italia, mandati dalla Sacra Congregatione di Propaganda Fide per passar' al Regno di Oueiro e del Benin à procurar la salute di quelle pouere anime. //

Replicò egli, che qui non mancauano Religiosi molto esemplari per tal effetto. Gli sogiunsi, che era uero, ma che hauendo S. Maestà l'anno passato scritto all'Eminentissimo Cardinal Orsino, che ogni uolta, che la Sacra Congregatione de Propaganda Fide hauesse inuiato Religiosi, che non haussero dependenza ueruna da Castiglia, haueria dato loro imbarcatione per le sue Conquiste, e conforme a tal'offerta di S. Maestà l'Eminenze Loro ci haueuano mandato qui in Lisbona. Me disse se portauo lettera per il Rè di cotesta Sacra Congregatione di Propaganda

Fide; risposi che no, ma che portauo lettera dell'Eminentissimo Signor Cardinal Orzino, e del Serenissimo Signor Duca di Bracciano per S. Maestà. //

Incominciò quiui à lamentarsi che non hauessero l'Eminenze Loro honorare il Rè di una lettera, e che le di lui dimande si giuste intorno à Vescoui fossero cosi poco sentite in Roma e meno prouista questa pouera Christianità, come se essi non fossero figli di S. Chiesa (1).

Doppo questo ordinò, che me ritirasse con i Compagni nell'hospitio dé frati Capuccini Franzesi, che qui stanno, e che ueruno di noi hauesse ardire di uscir di casa senza sua licenza, cosa che non si è usato giamai, e concedendosi liberamente l'andar per la Città a Olandesi, a Inglesi, et ad altri heretici subito che arriuano, solo à noi frati Capuccini è stato prohibito (2).

Passati alcuni giorni doppo il nostro arriuo mi mandò esso Pietro Fernando à chiamare, e mi disse, che gli consegnassi le lettere che portauo per S. Maestà, che cosi era ordine del Rè. Feci quanto mi ordinò; et hauetele in sue mani scrisse al Superiore di quello hospitio, che uolendo io uscir di casa, o altro mio Compagno, fossi sempre accompagnato da un frate Capuccino Franzese; il che si è eseguito, e si eseguisce sin hora con molto rigore.

---

(1) É verdadeiramente para fazer pensar que houvesse tanto zelo em Roma para mandar missionários para toda a parte e por todos os meios, e que as dioceses de Portugal europeu e ultramrino se conservassem sistemàticamente sem Bispos, por mais instâncias que fossem feitas para as prover de Pastores. Um capítulo negro na história missionária da Igreja.

(2) Não era certamente por ódio contra os Capuchinhos esta lei de excepção, mas para fazer sentir à Santa Sé, nos missionários por ela enviados, o profundo ressentimento nacional pela sua intransigente posição política à respeito de Portugal. Os Capuchinhos, uma vez mais, vítimas inocentes...

E perche S. Maestà se ne usci de lì à poco à recreatione à Saluaterra, distante 30 miglia da Lisbona, e sin hora non è tornata, non è stato possibile potergli parlare, oltre che esso Pietro Fernando me lo hà impedito, non ostante, che più uolte habbia fatto istanza di andar à ritrouarlo. Si è proposto questo nostro negotio in uarij consegli, ma per quello che hò sentito non credo che hauerà il suo effetto. Trattano questi Ministri di mandarci in altre loro conquiste, sospettando che al Benin andiamo mandati dal Rè di Spagna per fondarui alcuna fortezza, come che il Rè di Spagna per ciò far hauesse di bisogno mandarci quattro poueri Capuccini, e non potesse mandarui quattro galeoni ben'armati. //

Tutte queste chimere sono nate, e nascono da una lettera che hà scritto il Rè del Congo ultimamente à questo Rè contro dé Capuccini, imputando loro molte falsità; e fra l'altre, che essi procurano allontanarlo con l'affetto da Portoghesi, et affettionarlo à Spagna. E per maggiormente far credere tutto ciò hà prodotto una lettera di esso Rè di Spagna, qual' è in risposta di una sua, che gli scrisse sino dal 46, nel tempo che in Angola stauano gl'Olandesi, inuiandola per il P. Angelo da Valenza, quando uenimmo ambi due à prestar' obedienza alla felice memoria di Papa Innocentio X.º in suo nome; e benche in essa non ui sia cosa particolare contro dé Portoghesi, con tutto ciò, hauendo saputo dal medesimo Rè del Congo, che io gli la porrai, per esser andato il P. Angelo al Benin, me tengono già per sospetto, e non si fidono di me. Ma la uerità è, che non hauendo essi uoglia di mandarci per non uedersi conceder da Roma quello che pretendono, pigliano questi pretesti per colorir questa loro negatiua. //

Sopposto dunque che il Rè ci uoglia destinar per altre parti come al Maragnone, che stà nell'America, o à Capo Verde, che stà nell'Africa, sicome si è lasciato intendere esser più di suo gusto, supplico humilmente l'Eminenze Loro à degnarsi di darci auuiso di quello dobbiamo fare. E qui finisco di più tediarle

con farle humilissima riuerenza, et augurarle dal Cielo l'adempimento de loro santi desiderij.

Lisbona 20 di Dicembre 1655.

Dell'Eminenze Loro /

Humilissimo e Deuotissimo Seruo nel Signore

Fra Gio. Francesco de Roma /
Capuccino e Prefetto del Benin

Eminentissimi Signori Cardinali della Sacra Congregatione de Propaganda Fide.

APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 429-429v. e 438.

NOTA — No mesmo dia o Padre João Francisco de Roma escrevia ao Secretário da Propaganda Fide, Mons. Dionísio Massari, relatando-lhe os mesmos acontecimentos quase nos mesmos termos. Vid. APF — *SRCG*, vol. 249, fls. 430-430v. e 437.

170

JUSTIFICAÇÃO DE FR. JOÃO FRANCISCO ROMANO ENVIADA À PROPAGANDA FIDE

(1655)

SUMÁRIO — *Justifica-se de ter embarcado via Espanha para o Congo, apesar das ordens em contrário — Defende-se da acusação de pretender ir ao Benim por via de Espanha — Acusação de tentar afeiçoar os povos do Congo ao rei de Espanha.*

Giustificatione di Fra Gio. Francesco da Roma Capuccino circa il suo ritornar' al Congo et andar' al Benin.

Nell'anno 1640 la felice memoria di Papa Vrbano Ottauo mandò il P. Buonauentura de Alessano, Capuccino, con cinque Compagni à Lisbona per passare al Regno del Congo. Non fu possibile da quella Corte ottener' il passo, benche ui stesse dieci mesi continui procurandolo. Ritornati à Roma, dal medesimo Papa Vrbano con la Sacra Congregatione de Propaganda Fide fu determinato, che si procurasse il passo per mezzo della Maestà Cattolica. Ottenuto quanto si desideraua, si partì da Spagna per il Congo nel principio dell'anno del 44, quando la Piazza di Angola, Regno contiguo al Congo, staua per gl'Olandesi. //

Passati quasi due anni del nostro arriuo, il Re del Congo fece istanza al P. Prefetto, che gli uolesse assegurare due Religiosi nostri, perche desideraua mandarli à Roma à prestar obedienza in suo nome al Sommo Pontefice, all'hora Innocenzo X.º di felice memoria, et à procurar l'imbarcatione per altri Missionarij. Il P. Prefetto segnalò il Padre Angelo da Valenza e Fra Giouanni Francesco de Roma. Al P. Angelo il Re del Congo consegnò le lettere, come à più anziano, e fra esse ui era una per il Re di Spagna, nella quale gli daua le gratie dell'imbar-

catione data a' Frati nostri, supplicandolo à far' il medesimo, supposto che il Sommo Pontefice mandasse al suo Regno altri Missionarij, et à dargli aiuto in discacciar gl'Olandesi dalla Piazza di Loanda.

Prestato obedienza al Sommo Pontefice, furono dalla Sacra Congregatione dispacciati 30 Religiosi Capuccini con il solito uiatico, de' quali fu costituito V. Prefetto esso Fr. Giouanni Francesco de Roma, et il P. Angelo da Valenza fu destinato Prefetto della Missione del Benin. Partì da Roma il P. Angelo da Valenza nel 648 per la Corte di Spagna per negotiare l'imbarcatione, si per la sua Missione, come anco per quella del Congo, e Fra Giouanni Francesco nel medesimo anno andò à Cadix con li sopradetti Religiosi, quando tuttauia la Piazza di Angola staua per gl'Olandesi, che è punto molto da osseruarsi.

Passati due anni doppo il nostro arriuo in Spagna, che tanto tempo e più fu necessario aspettar' l'imbarcatione per causa dell'horribile contagio, che successe nell'Andaluzia, che in Seuiglia solamente morirono duecento mila persone, et essendosi ottenuto il dispaccio dalla Maestà Cattolica, preparato il nauilio di tutto punto, con hauer' i mercanti speso più di cinquanta mila scudi in prepararlo con le sue mercantie, si seppe come i Portoghesi haueuano ricuperato la Piazza di Angola. Riceuè nel medesimo tempo esso Fra Giouanni Francesco, stando in Cadix una lettera del P. Buonauentura da Sorrento, Missionario del Congo, nella quale gli diceua, che hauendo saputo in Lisbona, che si preparaua in Cadix una naue per portar Religiosi nostri in Congo, uolesse soprasedere à partire sin tanto che desse parte à Roma di quello occorreua, poi che non conueniua che si andasse al Congo per parte di Spagna.

Arriuato esso Padre Buonauentura à Roma rapresentò, si come si conobbe dalle sue lettere, si difficoltoso et inconueniente l'andar' al Congo per quella parte, che la Sacra Congregatione giudicando il tutto esser uero, ordinò al nostro P. Generale, all'hora il P. Fortunato da Cadoro, che facesse per parte

sua ritornar' in dietro tutti i Missionarij. Quest'ordine riciuè esso Fra Giouanni Francesco, e lo stimò, e riuerì come conueniua. Non lo pose però in esecutione, non per non uoler' obedire à quanto se gli ordinaua, che troppo gran colpa saria stata, ma per le ragioni che hora dirò.

Nel tempo che si staua aspettando l'ordine da Roma, uenne un certo mercante da Angola, oue stà Gouernatore del Re di Portogallo, e diede auuiso ad esso Fra Giouanni Francesco come esso Gouernatore, per nome signor Saluatore Correa de Sà era affettionatissimo alla nostra Religione, e che haueua à sue spese fatto fabricare un Conuento a' Frati nostri nella medesima Città di Loanda, e che era si deuoto dell'habito del P. S. Francesco che sempre staua con i Frati, et altre cose simili. Notificò Fra Giouanni Francesco à questo tale, come si staua per andar' al Congo, ma si dubitaua douer succedere alcun disturbo, andandosi per parte di Spagna; gli replicò il mercante che non temesse cosa ueruna, perche era tanto l'affetto di esso sr. Gouernatore, che benche si andasse per parte di Spagna, nondimeno haueria riceuuto i Religiosi con le braccia aperte, e resosi capace del fatto, essendosi saputo tardi la presa di Angola da' Portoghesi. Questo auuiso confirmò Fra Giouanni Francesco molto più dell'opinione che haueua non esser impossibile l'ingresso de' Missionarij in quel Regno, si come esso P. Buonauentura haueua rapresentato, oltre che l'esperienza che di quelle parti haueua gli faceua costar che poteua facilmente disbarcar in molti luoghi senza disturbo ueruno, si come in effetto successe.

L'altra ragione è che già si staua impegnato con i mercanti, hauendo essi speso si gran somma de denari, si come si è detto di sopra, e non andando i Missionarij ne anco essi poteueno fare il loro negotio, onde ueniuano à perdere il tutto. In oltre, hauendo la Maestà Cattolica già per tre uolte concesso l'imbarcatione con tutto il necessario si benignamente, tutti diceuano che haueria notabilmente sentito, che si rifiutasse il suo fauore, e si trattasse di andar' per parte di Portogallo.

La 3.ª ragione, e che più forza faceua ad esso Fra Giouanni Francesco di proseguir auanti il uiaggio fu il considerare che la Sacra Congregatione non haueua dispacciato si gran numero dé Religiosi e fatta si gran spesa, perche ritornassero indietro potendo andare; ma che potendosi proseguir auanti senza uerun pericolo, si andasse; e che se ella hauesse saputo quello che in Spagna si sapeua, non haueria hauuto per male che si proseguisse il uiaggio, secondo quella massima che dice: *et pro disposito habetur quod uerisimiliter fuisset dispositum, si disponens fuisset de hoc interrogatus.* E quell'altra: *Mens legislatoris est magis attendenda quam eius uerba.* //

Scrisse à Roma Fra Giouanni Francesco alla Sacra Congregatione, notificando il tutto; e perche la risposta tardaua, et i mercanti non uoleuano più star sopra le spese, consultato il tutto con persone dottissime, non solo della nostra Religione, ma anco della Catedrale di Siuiglia, tutti conuennero che l'andare auanti non era far contro l'obedienza che si deue ad essa Sacra Congregatione, ma più tosto secondare la sua pia e santa intentione; e che se esso Fra Giouanni Francesco ritornaua e notificaua ad essa che si poteua andar senza uerun pericolo, e che haueua lasciato di andar' per l'ordine mandatogli, saria stato degno di reprehensione, e se gli poteua dire: se tu sapeui che si poteua andare, e che la intentione della Sacra Congregatione è che potendosi andar si uada, perche nõ hai proseguito auanti il uiaggio?

Dice per fine in giustificatione di quanto fece, che è chiaro, e manifesto, che mai la Maestà Diuína prospera e felicita un opera che è fatta contro l'obedienza santa, hor' essendo che un tal uiaggio fu da Iddio sommamente felicitato, protetto, e liberato da grandissimi pericoli, con far' arriuare e disbarcar felicemente tutti, e con salute uniuersale, conuien dire, che se materialmente parue disobedienza l'andar auanti, formalmente non la fu, perche si pretese in questo seruire essa Sacra Congregatione. Con tutto ciò esso Fra Giouanni Francesco, rimet-

tendosi in tutto e per tutto ad ogni meglior giuditio, si sottopone parimente ad ogni penitenza, e castigo, che essa Sacra Congregatione gli uorrà imporre.

Quanto all'accuse, che gli sono state date da' Ministri Regij di Portogallo intorno all'andar' al Benin. Dice, che circa all' hauer passato due uolte per Spagna, et hauer portato la risposta che esso Re di Spagna mandò al Re del Congo esser uerissimo ma non però contener tutto ciò causa per la quale l'habbino da giudicare inconfidente della Corona di Portogallo. Prima perche quando passò per Spagna, e quando fù scritta essa lettera, la Piazza di Angola staua per gl'Olandesi, e non per li Portoghesi. Secondariamente ui passò mandato non solo da superiori della Religione, ma dalla Sacra Congregatione, e dal medesimo Sommo Pontefice, onde conueniua obedire. E finalmente essa lettera il P. Angelo la procurò nella Corte di Spagna, in essa della sua persona si tratta, e non di Fra Giouanni Francesco; e se egli la portò fu perche il P. Angelo non tornò più al Congo, ma andò al Benin, et esso Fra Giouanni Francesco come Ambasciatore del Re del Congo non poteua, ne doueua senza taccia d'infedeltà lasciar di portargli la risposta della lettera, che egli haueua scritto al Re di Spagna.

Dicono, che in arriuando al Congo scrisse ad esso Re, che era arriuato, e disbarcato senza oppositione, e contrarietà, nè dé Olandesi, nè dé Portoghesi, con le quale parole dimostrò hauer i Portoghesi per inemici, connumerandoli con gl'Olandesi. À questo risponde esso Fra Giouanni Francesco, che la Piazza di Angola, essendo stata occupata dagl'Olandesi, fu poi ricuperata dá Portoghesi; et andando egli per parte di Spagna, e con nauilio castigliano non hà dubio che pareua riceuer' alcun' incontro in disbarcare, si dagl'uni, come dagl'altri; hora dicendo egli che haueua disbarcato senza oppositione dé Portughesi più tosto uiene in ciò à lodarli, mentre dimostra che non si sono opposti ad un opera si pia, e santa, e di tanto seruitio di Dio, come era essa Missione.

Finalmente lo accusano, che hà procurato di affettionar' i popoli al Re di Spagna, et alienarli dal Re di Portogallo. À questo risponde, che non si marauiglia che somiglianti calunnie siano imposte ad un peccatore miserabile, come egli è, mentre agl'Apostoli et à Christo Signor nostro, santo dé santi, furono imposte. Ma dice si bene, che somiglianti calunnie sono imposte ad esso, et ad altri Missionarij Capuccini in Congo per uederli alcuni emuli, che hanno in quelle parti troppo amati dá popoli; e che doue essi ad altro non attendono che à cumular robba, per ilche sono piu tosto giudicati mercanti, che Religiosi, i Capuccini ad altro non attendono, che alla saluatione dell'anime, senza uerun' interesse humano; e doue essi per un sermone o prediche si fanno pagare il ualore dé uenticinque e trenta scudi, i Capuccini li fanno gratis, et *amore Dei;* d'onde ne siegue che ogn'uno ricorre à Capuccini nelle feste, e solennità per i sermoni, e quello che si dice dé sermoni parimente conuien dire delle confessioni, poiche per udire i penitenti questi tali pretendono douer'esser regalati da essi. //

Hor per non hauer auanti agl'occhi persone si opposte alli loro interessi uanno inuentando somiglianti calunnie per porre i Capuccini in disgratia del Re di Portogallo e de suoi Ministri, affinche un giorno siano balzati da quel Regno. Si uedino le lettere, che in più occasioni hà scritto la Camera di Angola al Re di Portogallo, esaltando, e magnificando i Capuccini per ueri huomini apostolici, e per angeli del Cielo. Si uedino quelle che egli medesimo portò nel ritorno che fece, scritte dá quei di Massangano, doue stette due anni, e di Angola l'anno del 54, di Maggio, e si uedrà in esse scolpito un affetto e deuotione più che ordinaria dé tutti uerso la nostra Religione. Ma tali lettere gl'emoli per il braccio che hanno nella Corte di Portogallo procurano che siano opposte se, e solamente le loro manifestate. //

Conclude dicendo, che chiama Iddio in testimonio, e Gesù Christo Signor nostro, che l'hà da giudicare, come non solamente mai hà procurato, nè con fatti nè con parole, d'indurre i popoli

all'affetto di Spagna, ma che nè anco mai gl'è passato per il pensiero cosa tanto aliena da un Missionario Apostolico.

APF — *SRCG*-vol. 249, fls. 419-421v.

NOTA — O autor desta justificação é o próprio Frei João Francisco de Roma ou Romano, embora o não diga. Está escrita pela sua própria mão, na sua caligrafia clara e inconfundível e supomo-la dos primeiros meses de 1655, dado que em 15 de Junho deste ano era dado como rehabilitado pela Propaganda. Cf. APF — *Acta*, vol. 24, fl. 21v., n.º 25.

ÍNDICES ONOMÁSTICO IDEOGRÁFICO E GEOGRÁFICO

A

Abreu (Francisco Pinheiro de) — Deão de S. Tomé — 75.
Aguiar (Dr. João Leitão de) — Deão da Sé do Congo — 51, 317, 319.
Ajacio (P.e Angelo Maria de) — Capuchinho — 486.
Albernaz (João Teixeira) — Cosmógrafo — 145.
Alessano (P.e Boaventura de) — Capuchinho italiano — 30, 41, 50, 111, 136, 179, 199, 200, 206, 236, 423, 429, 533.
Alfaia (P.e Diogo) — Jesuita — 456, 472.
Álvares (Vicente) — Cónego — 99.
Álvaro (P.e Vicente) — 448.
Álvaro I — Rei do Congo — 237(2).
Ancaiano (P.e André de) — Capuchinho italiano — 114, 294.
Ancenis (Fr. Cirilo de) — Capuchinho francês — 68.
Andrada (João Suzarte de) — Capitão-mor de Angola — 275, 276.
António (Frei) — Franciscano — 505.
Araújo (Miguel de) — Sacerdote — 330, 346.
Aspra (P.e António de) — Capuchinho — 486.

B

Bárbara (Dona) — Irmã da Jinga — 255 (32), 527.
Benim (Rei do) — 495.
Benim (Reino do) — 3, 13, 16, 45, 242, 365, 390, 484, 486, 531.
Biscainho (Pêro de Aguiar) — Cónego — 74, 150.
Boa Esperança — Cabo — 144, 293.
Bolastona (P.e Angelo Maria de) — Capuchinho italiano — 294.
Botado (Fr. António) — Agostinho — 231.
Boure — Castelo — 479.
Brito (Domingos de Abreu de) — 237.

Bulhões (João Soares) — Sacerdote — 330.
Bultro (P.e João Baptista de) — Capuchinho — 486.

C

Cabral (P.e Francisco) — Jesuíta — 462.
Cabuco — Jaga — 497, 527.
Cádis — Porto de Espanha — 8, 13, 16, 170.
Cadore (P.e Fortunato de) — Geral dos Capuchinhos — 118 (6).
Calanda — Jaga — 497.
Caltagirone (P.e Inocêncio de) — Geral dos Capuchinhos — 118
Cardoso (P.e António) — Jesuita — 462.
Cardoso (P.e Mateus) — Jesuita — 28 (5).
Carhaix (Fr. Filipe de) — Capuchinho francês — 73.
Carpenedolo (P.e Marco Antonio de) — Procurador dos Capuchinhos — 28 (6).
Casa Branca — 511, 517.
Cassanje — Jaga — 515.
Castanho (Estêvão) — Cónego — 99.
Castellón (P.e Francisco de) — Capuchinho espanhol — 133.
Castignano (P.e Francisco de) — Capuchinho — 486.
Castro (Miguel de) — Cónego — 99, 104.
Ceuta (Jerónimo Vaqueiro de) — Cónego — 150.
Coelho (P.e Aleixo) — Jesuita — 458, 465.
Congo (Bispo do) — 139, 148, 160, 163, 171, 185, 213.
Congo (Rei do Congo — 53, 64, 65, 77, 81, 82, 83, 84, 88, 90, 92, 96, 102, 107, 113, 118, 122, 127, 128, 131, 133, 136, 154, 160, 172, 183, 185, 186, 198, 209, 211, 236, 245, 277, 328, 345, 418, 445, 452, 473, 475, 498, 510, 516, 529.
Congo (Reino do) — 3, 8, 13, 25, 30, 37, 41, 45, 47, 51, 59, 61, 78, 94, 147, 163, 170, 181, 190, 206, 239, 305, 309, 315, 322, 342, 357, 360, 533.
Conigliano (P.e Bernardo de) — Capuchinho italiano — 190.
Cordeiro (P.e Manuel) — Jesuita — 462.
Correia de Sá (Salvador) — Governador de Angola — 59, 81, 82, 84, 110, 145, 177, 303, 304, 316, 331, 355, 405, 475, 498, 525.
Correglia (P.e Boaventura de) — Capuchinho italiano — 192.
Cortona (P.e José Maria de) — Capuchinho italiano — 192, 193, 312.
Cortona (P.e Serafim de) — Capuchinho italiano — 30, 41, 111, 159, 189, 199, 206, 303, 309, 318, 335, 363, 410, 417, 437, 441, 444, 451, 474, 524.
Costa (P.e Anastácio Vaz da) — 23.
Costa (António Vaz da) — Capitão — 22, 23.
Costa (Jerónimo Nunes da) — 144.
Costa (João da) — Compadre do Rei do Congo — 407, 411.
Costa (Manuel da) — Irmão Jesuita — 460.

Couto (P.e António do) — Jesuita — 100, 102, 405, 413, 460.
Cumane (Rei de) — 479.
Cunha (Bartolomeu de Vasconcelos da) — Governador de Angola — 282, 284, 290, 298, 314, 497, 502.
Cunha (P.e Nuno da) — Agente de Portugal em Roma — 54.
Cutigliano (P.e Bernardo de) — Capuchinho italiano — 312, 321, 363.

D

Dias (Gaspar) — Negreiro — 66.
Dias (Baltasar) — Capitão — 22, 23.
Dias (Baltasar) — Capitão—22, 23,
Dinis (António) — 237 (1).
Dongo (Rei do) — 286, 355, 383, 384, 397, 454.
Dongo (Reino do) — 500.
Douai (P.e Felicissimo de) — Capuchinho — 26, 31.

E

Encarnação (Fr. Jerónimo da) — — Franciscano — 232.
Espírito Santo (Frei Luis do) — Franciscano — 505.
Estêvão (Frei) — Franciscano — 505.

F

Fábrica (P.e João Francisco da) — Capuchinho — 415.
Falcón (Juan Bernardo) — 236, 237.
Fernandes (Manuel) — Irmão Jesuita — 462.
Ferreira (António) — Irmão Jesuita — 462, 465.
Figueira (Manuel) — Irmão Jesuita — 467.
Florença (P.e Boaventura de) — Capuchinho — 486.
Florença (P.e Tomás de) — Capuchinho italiano — 312.
Franco (P.e Filipe) — Jesuita — 280, 282, 284.

G

Gabriel (D. Manuel Nunes) — Arcebispo de Luanda — 467.
Gaetano (D. Francisco) — Núncio em Madrid — 352 (1), 399 (1).
Gand (P.e Cassiano de) — Capuchinho — 26, 31.
Garcia Afonso II — Rei do Congo — 6, 78, 98, 138, 227, 251 (19), 264, 337, 407, 408, 406, 407, 411, 413.
Geel (P.e Jorge de) — Capuchinho belga — 264, 265, 294, 305, 310, 425, 430.
Génova (P.e António de) — Capuchinho italiano — 268.
Génova (P.e Crisóstomo de) — Capuchinho italiano — 381, 415.
Génova (P.e Rocco de) — Capuchinho — 415.
Goa — 522.
Gotó — Porto do Benim — 390.
Gouveia (António Gomes de) — Capitão — 511.
Gregório (Frei) — Franciscano — 505.
Guérande (Fr. Felisberto de) — Capuchinho francês — 73.

H

Henrique (D.) — Bispo de Útica — 140 (4).
Henrique Henriques — 300, 301.
Henriques (Rodrigo de Miranda) — Governador de Angola — 39, 57 (1), 66, 82, 83, 274, 277, 279, 290, 298, 300, 302, 303, 314, 318.

I

Inocêncio X — Papa — 6, 227, 339. 484.

J

Jacinto (Frei) — Franciscano — 505.
Jácome (Frei) — Franciscano — 505.
Jinga (D. Ana) — Rainha de Matamba — 43, 70, 113, 181, 191, 195, 245, 251, 253, 328, 355, 383, 418, 441, 444, 454, 473, 475, 499, 515, 524.
João (Frei) — Carmelita — 524.
João (Gonçalo) — Irmão Jesuita — 469.

L

Lanúvio (Mons. Jerónimo) — Agente do Rei do Congo — 7, 133, 160, 182.
Lencastre (D. Veríssimo de) — Arcebispo de Braga — 326.
Licodia (Francisco de) — Capuchinho italiano leigo — 118.
Lisboa (P.e António de) — Capuchino — 305.
Lisboa (Fr. Cristóvão de) — Bispo eleito do Congo — 148, 186 (1), 303.
Lopes (Rodrigo) — Cónego — 75, 75, 150.
Luanda (S. Paulo de) — Capital de Angola — 8, 18, 20, 82, 92, 103, 161, 166, 167 (4), 176, 184, 189, 204, 212, 216, 233, 249, 268, 273, 285, 295, 307, 404, 473, 474, 496.
Lucca (P.e Domingos de) — Capuchinho — 486.
Lucca (P.e Jerónimo de) — Capuchinho italiano — 190, 294, 305.
Lucas (Frei) — Franciscano — 505.
Lugagnano (P.e António de) — Capuchinho — 486.
Lusignana (P.e Bento de) — Capuchinho — 415.

M

Machado (João) — Chantre do Congo — 99.
Macoco (Reino de) — 136, 199, 252, 334, 342, 360.
Maenza (P.e Clemente de) — Capuchinho — 415.
Magalhães Lima (Domingos) — Marinheiro — 144, 145 (2), 145.
Magallón (P.e Lourenço de) — Capuchinho espanhol — 370.
Manuel (Frei) — Franciscano — 505.
Mariz (P.e Manuel de) — Jesuita — 159, 203, 204, 207, 280, 462.
Marques (P.e João) — Jesuita — 462.
Martins (António) — Irmão Jesuita — 462.
Martins (P.e Francisco) — Jesuita — 465.
Massangano — Presídio de Angola — 59, 183, 250, 295, 298, 363.

Massimi (D. Camilo) — Núncio em Madrid — 352 (2).
Matos (P.e Manuel de) — Jesuita — 456, 472.
Matos (Pêro de) — Cónego — 150, 152.
Mayenne (Fr. Benardo de) — Capuchinho francês — 68.
Mayenne (P.e Cirilo de) — Capuchinho francês — 25.
Medeiros (Simão de) — Cónego — 99, 104.
Melitão (Jorge) — General — 479
Mendonça (António Teixeira de) — 355, 356, 384, 397.
Meneses (Pedro César de) — Governador de Angola — 303.
Micoco (Reino de) — Vid. *Macoco.*
Mina (S. Jorge da) — 479.
Missionários Capuchinhos — 270--272,
Mococo (Reino de) — Vid. *Macoco.*
Montecúccoli (P.e António de) — Capuchinho — 415.
Monteiro (Pedro Fernandes) — Ministro régio — 529, 530.
Monteprandone (P.e António Maria de) — Capuchinho — 114, 192, 486.
Montesarchio (P.e Jerónimo de) — Capuchinho italiano — 30, 115, 308, 332, 334.
Moralles (Diogo Gomes) — Capitão — 501.

N

Nantes (Fr. Angélico de) — Capuchinho francês — 68.
Nantes (Fr. Angélico de) — Capuchinho francês — 68.
Nantes (Fr. Colombino de) — Capuchinho francês — 68.
Nantes (Fr. Fabião de) — Capuchinho francês — 240 (3).
Nardò (Fr. Leonardo de) — Capuchinho italiano leigo — 239, 415.
Negreiros (André Vidal de) — Governador de Angola — 354 (1).
Nforbech (P.e José de) — Capuchinho espanhol — 294.
Nogueira (Fr. Gaspar) — Trinitário — 231.
Nola (P.e Januário de) — Capuchinho italiano — 41, 111, 125, 200, 319, 332, 403, 423, 429.
Noronha (D. Sebastião de Matos) — Arcebispo de Braga — 326 (1).

O

Oere (Rei de) — 485, 486, 494.
Oere (Reino de) — 242, 392, 393.
Oliveira (P.e Jerónimo de) — Jesuita — 462, 465.
Oristano (P.e Gregório de) — Capuchinho sardo — 114, 294, 305.
Orta (Simão Lopes de) — 159.

P

Pacconio (P.e Francisco) — Jesuita — 100 (1).
Paiva (P.e João de) — Jesuita — — 102.
Paliano (P.e Marcelo de) — Capuchinho — 25, 295.
Pegado (Rui) — Capitão-mor — 525.
Peixoto (Manuel de Tovar Frois) — Capitão — 518, 524, 525.

Pereira (Manuel Cerveira) — Governador de Angola — 18.
Pereira dos Reis (André) — Piloto — 145.
Pereira dos Reis (Gaspar) — Piloto — 145.
Pernambuco (P.e José de) — Capuchinho — 305.
Piedade (Fr. João da) — Franciscano — 330.
Pimentel (Domingos) — Arcebispo de Sevilha — 214.
Pinhalosa (Marcos) — Cónego — 75, 150, 145.
Pistoia (P.e Luis de) — Capuchinho italiano — 190, 311, 321.
Ponte (Vicente Pegado da) — Capitão — 276, 501, 510.
Pluma (João Baptista) — Capitão genovês — 375, 381,

R

Raposo (P.e André Pimenta) — 24.
Raposo (António) — 144, 145.
Raposo (P.e Sebastião Pimenta) — 24.
Redin (D. Tibúrcio de) — 402 (2).
Resende (Francisco Vaz de) — Vigário Geral de Angola — 284, 304.
Ribeiro (Manuel) — Irmão Jesuita — 462.
Ribeiro (P.e Manuel) — Jesuita — 462, 466.
Ribeiro (P.e Vicente) — Jesuita — 465.
Rodrigues (Jerónimo) — Cónego — 150.
Roma (P.e João Francisco de) — Vid. *Romano*.
Romano (António Gaetano) — Capuchinho italiano — 340, 350, 355, 372, 374, 381, 386, 414, 432, 444, 507.
Romano (P.e João Francisco) — Capuchinho italiano — 3, 8, 12, 16, 26, 37, 45, 46, 70, 98, 100, 110, 120, 125, 176, 190, 222, 294, 340, 363, 404, 408, 423, 429, 446, 484, 487, 495, 529, 533, 536, 537.
Ronciglione (P.e Angelo de) — Capuchinho italiano — 31, 486.

S

Sá (Tomé de Aguiar de) — Medidor do Concelho de Luanda — 22, 23.
Saint-Malo (Fr. Miguel Angelo de) — Capuchinho francês — 73.
Saldanha (Bento Teixeira de) — Ouvidor Geral de Angola — 245, 288, 300.
Santo Prisco (Jerónimo) — Capuchinho italiano leigo — 134.
S. Francisco (Fr. Mateus de) — Franciscano — 231, 482, 483.
São José (Frei Pedro de) — Religioso da Ordem Terceira — 22, 23.
São Pedro (Frei António de) — Franciscano — 505.
Sardenha (P.e Boaventura de) — Capuchinho italiano — 211, 403.
Sardinha (Estêvão Neto) — Ouvidor geral de Angola — 22, 23.
Scio (P.e Francisco Maria de) — Capuchinho italiano — 25, 268, 294.
Sebastião (Frei) — Franciscano — 505.

Serravezza (P.e António de) — Capuchinho italiano — 409, 415.
Siena (P.e Bernardino de) — Capuchinho — 415.
Siena (P.e Filipe de) — Capuchinho — 415.
Soarez (José) — Capitão — 159.
Sorrento (P.e Boaventura de) — Capuchinho italiano — 6, 9, 25, 29, 30, 32, 45, 53, 61, 64, 77, 81, 87, 88, 89, 90, 107, 127, 133, 147, 160, 163, 170, 179, 181, 185, 197, 208, 211, 233, 236, 306, 345, 436, 445, 476, 503, 534.
Sos (Fr. Gaspar de) — Capuchinho espanhol leigo — 369.
Sotomaior (Francisco de) — Governador de Angola — 286.
Sousa (João Correia de) — Governador Geral de Angola — 526.
Soveral (D. Francisco do) — Bispo do Congo — 139 (1).

T

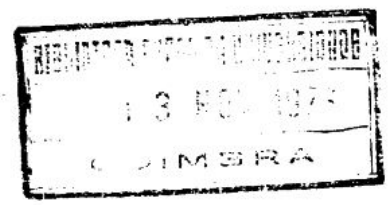
Taggia (P.e Boaventura de) — Capuchinho italiano — 268, 269.
Tavares (P.e António) — Mestre Escola — 150.
Távora (P.e Francisco de) — Jesuita — 460.
Teruel (P.e António de) — Capuchinho espanhol — 154, 158, 297, 406.
Tolosa (Afonso de) — Irmão Capuchinho — 486.
Tolosa (P.e Alonso de) — Capuchinho espanhol — 369.
Tovar (D. Joseph Pellicer de) — Cronista espanhol — 187 (2).

V

Valência (P.e Angelo de) — Capuchinho espanhol — 3, 4 (1), 5, 13, 14, 16, 26, 140 (5), 369, 531, 534, 537.
Valência (P.e Gabriel de) — Capuchinho — 30, 154.
Valsasna (Fr. Inácio de) — Capuchinho — 415.
Vasconcelos (Luís Mendes de) — Governador de Angola — 383.
Veas (P.e Francisco de) — Capuchinho espanhol — 192, 321.
Vetralla (P.e Jacinto de) — Capuchinho italiano — 6, 27, 31, 37, 53, 56, 80, 90, 106, 128, 130 (2). 131, 133, 134 (1), 176, 178, 195, 209, 212, 216, 233, 268, 334, 435, 440, 444, 473, 508.
Viana (P.e Bartolomeu de) — Capuchinho espanhol — 369.
Volterra (P.e Francisco Maria) — Capuchinho italiano — 190, 193, 312, 321, 363.
Voltri (João Baptista de) — Capuchinho italiano leigo — 269, 486.

Y

Yjar (P.e Filipe de) — Capuchinho espanhol — 363, 390.



Composto e impresso na «Imprensa de Coimbra, L.da»
Largo de S. Salvador 1-3 — Coimbra.

60984 81800

MONUMENTA MISSIONARIA AFRICANA

ÁFRICA OCIDENTAL (1651-1655)

COLIGIDA E ANOTADA PELO

PADRE ANTÓNIO BRÁSIO

C. S. Sp.

VOL. XI

L I S B O A

M C M L X X I